

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Adelaide Maria Gonçalves Pereira

A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará,
de 1862 aos anos 1920

Tese apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de doutora em
História à comissão julgadora da
Universidade Federal de Santa Catarina,
sob a orientação da Prof^a Dr^a Joana Maria
Pedro.

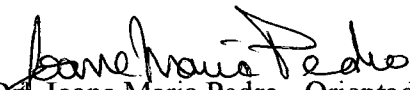
Florianópolis
janeiro de 2001

A IMPRENSA DOS TRABALHADORES NO CEARÁ, DE 1862 AOS ANOS 1920

ADELAIDE MARIA GONÇALVES PEREIRA

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
Doutora em História Cultural

BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª Dr.^ª Joana Maria Pedro - Orientadora - UFSC


Prof. Dr. Euripedes Funes - UFCE


Prof. Dr. Manoel Luiz Salgado Lima Guimarães - UFRJ


Prof.^ª Dr.^ª Maria Bernardete Ramos Flores - UFSC


Prof.^ª Dr.^ª Maria Teresa Santos Cunha - UDESC

Prof.^ª Dr.^ª Cristina Scheibe Wolff - Suplente - UFSC

Florianópolis, 15 de janeiro de 2001.

Adelaide Maria Gonçalves Pereira

**A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará,
de 1862 aos anos 1920**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, pela comissão examinadora formada pelos seguintes professores(as)

Banca Examinadora

Profª Drª Joana-Maria Pedro (Orientadora)

Profª Drª Maria Bernardete Ramos Flores

Prof. Dr. Eurípedes Antônio Funes

Prof. Dr. Manoel Luis Salgado Lima Guimarães

Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha

Profª Drª Cristina Scheibe Wolff (Suplente)

Aprovada em _____ de _____ de _____

Resumo

A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920

O estudo aborda a Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920, como fenômeno social, cultural e urbano e em sua dimensão de fonte/documento/memória. Na primeira parte, analisa seus projetos político-pedagógicos, evidenciando as distintas matrizes doutrinárias. Na segunda parte, o tema da Educação é enfatizado, posto que permeia os enunciados dessa modalidade de imprensa e fornece substrato à visão de mundo de seus protagonistas, constituindo experiências e práticas sócio-culturais heterogêneas. O estudo apresenta ainda um extenso inventário dos periódicos, bem como localiza evidências que confirmam o intercâmbio com outros estados do Brasil e com Portugal, além de identificar marcas de mobilidade dos militantes fazedores dessa imprensa e a difusão de suas idéias.

Palavras-chave: imprensa dos trabalhadores; educação; socialismo libertário

Abstract

The Worker's press in the Brazilian State of Ceará, between the year 1862 and the twenties

The present study treats the Worker's Press in the Brazilian State of Ceará between the year 1862 and the twenties either as a social, cultural and urban phenomenon and in its dimension of source, document and memory. The first part of the study analyses the politic-pedagogic projects as different doctrinary matrixes. The theme of Education is emphasized, in the second part. It permeates the enunciations of this kind of press and provides the substratum for the world view of its protagonists, forming heterogenic socio-cultural experiences and practices. The study presents an extensive inventory of the periodicals as well as it shows determinate evidences that ratify the interchange with other States in Brazil and with Portugal. It also identifies both the marks of mobility of the militants who are the actors of this press and the diffusion of their ideas.

Key-words: Worker's press; Education; libertarian socialism

*Para nós, / a rima / é um barril. / Barril de dinamite. / O verso, /
um estopim / A linha se incendeia / e quando chega ao fim /
explode / e a cidade em estrofe / voa em mil. / (...) A classe
fala / pelas nossas palavras. / Nós somos proletários / e motores
da pena.
(Maiakóvski)*

Comigo se passou o que decerto outros pesquisadores já experimentaram. Quando inclinei-me à pesquisa sobre a História Operária no Ceará, recuando ao século XIX, não poucas vezes deparei-me com a observação consensual sobre a dificuldade de fontes. Ao definir o estudo sobre a Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, as observações eram muitas vezes desanimadoras: são fontes escassas, descontínuas, publicações intermitentes, muitas não passaram da primeira edição, quase tudo foi perdido, são pouquíssimos exemplares, pouco representativas.

Certa feita em um arquivo de São Paulo, consultando exemplares da imprensa periódica de Fortaleza do começo do século XX, uma pesquisadora com ar de franca surpresa argüiu: *"Mas, há mesmo um movimento operário no Ceará nesse período?"* A pergunta não me surpreendia, porque reproduzia o entendimento de vários estudos, alguns tomados como clássicos, cujo núcleo de argumentação e base empírica fixaram-se nos centros definidores de sentidos, Rio de Janeiro e São Paulo por excelência.

Comento aqui os dois fatos para dizer das dificuldades enfrentadas no itinerário da pesquisa. Passado o período inicial de consultas aos arquivos, leitura de trabalhos sobre a história da imprensa, do jornalismo, das associações literárias, do movimento operário cearense na Primeira República, após inúmeros contatos com dedicados "guardadores de memórias", consegui reunir informações substantivas sobre a imprensa dos trabalhadores no Ceará. Teci uma rede de contatos que me valeu aprendizado tão relevante quanto aquele obtido na leitura dos vários estudos sobre a História Operária no Brasil, e nesta a história de sua imprensa.

Entre os vários "guardadores de memória", destaco João Batista Marçal, que, em Porto Alegre, vem realizando, nas últimas décadas, um dedicado esforço de coleta, sistematização e divulgação da memória operária do Rio Grande do Sul, com destaque para sua imprensa e a construção de perfis militantes.

Fui, pouco a pouco, reunindo um acervo que inclui exemplares de jornais, textos inéditos de militantes socialistas das primeiras décadas do século XX (poemas, livros, brochuras, escritos esparsos, manuscritos, correspondência ativa e passiva e material iconográfico). Se é certo que muita coisa se perdeu (a ação da polícia e o descaso das instituições, explicam em parte as perdas) muito ainda pode ser recuperado. Creio ter contribuído neste trabalho de formação de acervo que desejo prosseguir, agora como esforço coletivo.

Além disso, na procura de vestígios e fragmentos de memórias militantes tive a ventura de localizar filhos e parentes de algumas das personagens que, generosamente se dispuseram a contar histórias, remexer papéis velhos, fotografias amareladas e livros gastos pelo tempo. Alguns deles chegaram a escrever sobre certas passagens de suas vidas. Foi o caso dos comoventes depoimentos sobre Gastão Justa e Moacir Caminha, rememorados por seus filhos numa valiosa atitude de colaboração com esta pesquisa.

Na leitura dos jornais, fui tentando decifrar seu léxico político. E aí, as chaves de leitura incluíram os estudos de corte socialista libertário, quando tive a ventura de conhecer alguns dedicados pesquisadores anarquistas. Edgar Rodrigues é um deles. Seus trabalhos constituem, sem dúvida, o mais completo inventário das publicações operárias no Brasil. Através de seus livros e das conversas pessoais, localizei importantes informações acerca da presença anarquista no Ceará, o que se constituiu em

apoio fundamental para construir procedimentos de investigação acerca de questões que aparecerão formuladas ao longo deste trabalho.

Além das dificuldades encontradas, parcialmente superadas, convém falar de sentimentos e esperanças que devem por certo impregnar toda a pesquisa. A cada "descoberta" de um novo título, de um periódico antes desconhecido, ao folhear páginas amareladas pela ação corrosiva do tempo aflorava de imediato uma multiplicidade de perguntas, de indagações, na tentativa de compreender até as interdições dos textos. O mais significativo, porém, é a alegria incontida desses momentos, o que impulsiona o trabalho do pesquisador, para que não se pense que esta atividade está circunscrita apenas às formalidades e rituais acadêmicos.

Quero também registrar que o teor deste trabalho transcendeu o puro e simples interesse histórico. Este estudo é exigência do ofício, é exigência intelectual, mas se permite impregnado de uma forte dose de utopia, de desejo, de paixão, como tem sido minha trajetória de vida e de militância, mesmo nos momentos vividos como fracasso pessoal.



Quanto aos agradecimentos, aprendi na vida que não se deve misturar sentimento e protocolo, água e óleo. Mas aprendi também com um mestre inglês da poesia que *"a felicidade nasceu alma gêmea"*. Assim, quero dizer que é possível pensar o trabalho acadêmico não como experiência solitária, esta sim, filha diletta da competição e da perda de solidariedade. Não teria realizado este trabalho sem a dimensão coletiva inscrita em cada página. As leituras deixaram de ser uma imposição, travestida de diálogo com a historiografia, e constituíram um campo de raro prazer. Os

arquivos, as bibliotecas, as livrarias e os sebos, de espaços de garimpo obrigatório, tornaram-se lugares de descoberta e de revigoração da sensibilidade. Os alfarrabistas e os guardadores de memória não foram fontes de consulta providenciais e sim generosos interlocutores. A orientadora, os professores, os colegas de ofício e seus escritos não se transformaram em exigências de citações e notas; foram estímulo quando o espírito vergava. Os amigos e camaradas, encontrei-os muitas vezes lá no novecentos e na virada do século e me emocionei. Os jornais, em sua vária escrita, foram tantas vezes lidos com estrelas nos olhos. A família, a princípio estranhando a esquisitice de tanto livro e papel velho, tornou-se quase reverente e já gosta da história dos historiadores. As personagens, suas histórias e memórias, é indisfarçável, fazem parte de minha vida. Mesmo os afetos esgarçados e as esperanças perdidas, a meio do caminho entre a ilha de Santa Catarina e o Ceará, foram sinal de vida. Todos se reconhecerão nesta página e entenderão o risco de afetos tão grandes diminuírem quando nomeados. Com alguns deles, desejo estar junto quando o mundo outra vez "dobrar uma esquina".

Sumário

Introdução.....	10
Memória iconográfica.....	30
Primeira Parte – A Imprensa dos trabalhadores e os projetos político-pedagógicos.....	40
1 – Os Precursores da "palavra operária".....	50
2 – Os Tipógrafos se fazendo "jornalistas da classe".....	65
3 – O <i>Combate</i> : imprensa e política.....	84
4 – O <i>Operário</i> : divergências e cisões na virada do século.....	120
5 – A Imprensa dos caixeiros.....	143
6 – A Imprensa do Centro Artístico Cearense.....	169
7 – A Imprensa libertária: regenerar, combatendo.....	184
8 – <i>Ceará Socialista</i> : imprensa e militância.....	257
Segunda Parte – Educar e instruir para redimir.....	291
1 – A Socialização das leituras operárias.....	306
2 – Educação e trabalho: o lema dos caixeiros.....	329
3 – Instrução e Educação: construindo múltiplas estratégias.....	354
4 – Imprensa e educação nos Congressos operários.....	395
5 – Educação da solidariedade e educação da revolta.....	406
6 – Memórias, ritos e símbolos: mecanismos de auto-educação.....	435
7 – A Educação libertária.....	461
8 – Educação e controle social.....	480
Considerações finais.....	512
Fontes.....	519
Arquivos.....	519
Jornais.....	520
Revistas.....	527
Catálogos e Guias.....	528
Documentos.....	529
Livros, artigos, dissertações e teses – geral.....	530
Livros, artigos, dissertações e teses – específico.....	550

Introdução

"Deste jornal escrevo e falo para os humildes, os párias, os modestos, os obscuros, os miseráveis, os que vivem ao deus-dará, expostos às dietas do ganha-pouco".

(Lima Barreto, n'A Voz do Trabalhador)

Francisco Foot Hardman e Victor Leonardi, ao estudarem de forma mais minuciosa os processos que se concentraram historicamente no sudeste do Brasil, manifestam sua preocupação em captar o sentido nacional mais abrangente desses processos, seus descompassos e variadas articulações, suas expressões regionais heterogêneas, com respeito à atividade industrial ou ao movimento operário.¹

Como observam ainda esses historiadores, no Brasil tal heterogeneidade guarda relação com um processo de imigração desigual, restrito a certos Estados, expressando-se ainda de forma regional, consideradas as dimensões do território, as dificuldades de mobilidade e os diferentes níveis de desenvolvimento industrial.

Um conhecimento mais exaustivo do proletariado brasileiro e uma percepção mais acurada das variadas formas sócio-econômicas, políticas e culturais de sua expressão e organização exigem a investigação direta dessas expressões locais. Ou ainda na adequada apreciação de Sílvia Petersen:

"há uma preocupação correta em buscar referências nas regiões política e economicamente hegemônicas, mas estes trabalhos tiveram, via de regra, o viés de fazer aproximações na ausência de investigações mais precisas, de transferir explicações para suprir lacunas na investigação local. (...) Tal perspectiva foi particularmente empobrecedora da história local; os trabalhos regionais ficaram muito condicionados por modelos externos. (...) Esses trabalhos assumiram assim, uma visão estereotipada do nacional, ignoraram a identidade

¹ LEONARDI, Victor & HARDMAN, Francisco Foot. **História da indústria e do trabalho no Brasil – das origens aos anos 20.** São Paulo: Ática, 1981.

local e realizaram análises genéricas com escasso valor para entender matizes regionais."²

Como justificativa de possibilidades de pesquisas que aprofundem de forma qualitativa a história operária no Brasil, a partir de estudos regionais, é ainda de Sílvia Petersen a afirmação de que a conformação regional desigual do desenvolvimento industrial e de sua relação com o setor agro-exportador e com as oligarquias políticas de base rural "*abrem diferentes possibilidades para a análise do movimento operário no Brasil*".³

O estudo do movimento operário no Brasil, nos últimos vinte anos, se processa dentro de um quadro de deslocamento teórico e renovação analítica, fruto da intensificação do debate acadêmico, da cooperação interdisciplinar e da inspiração em estudos que revigoraram este campo de estudos: Georges Haupt, Edward Thompson, Eric Hobsbawn, Michelle Perrot, Richard Hoggart, para citar alguns de reconhecida influência. Ainda que óbvio, é preciso destacar que essa renovação teórico-metodológica foi acompanhada da alteração de perspectiva em relação às fontes, compondo, sistematizando e ampliando um novo repertório ou oferecendo novas indagações àquelas fontes já incorporadas. A imprensa operária é certamente um dos exemplos.⁴

² PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. São Paulo: Scritta, 1997, p. 88. Neste ponto destaco o entendimento de E. P. Thompson, situando a "*História como disciplina do contexto*".

³ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. Op. cit., p. 89.

⁴ Por inadequado reproduzir aqui síntese sumária dos vários balanços elaborados, ver a reflexão sobre estas questões em ARAÚJO, Ângela M. C. (org.) **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997; BATALHA, Cláudio H. *A Historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências*. In FREITAS, Marcos César de. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, pp. 145-182; BATALHA, Cláudio H. & ARAÚJO, Ângela M. C. *Preservação da memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgard Leuenroth*. In SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999, pp. 65-77; BELLUCCO, Hugo I. & GONTIJO, (continua)

Este trabalho, atento aos debates contemporâneos no campo da História, observa as transformações operadas na produção do conhecimento histórico, quanto à concepção, possibilidades e perspectivas; quanto à natureza mesma do seu estatuto, dos fins de sua produção e quanto ao ofício do historiador. Ampliadas as noções de fonte e documento, são vários os estudos que abordam o tema da História e Imprensa, observando o jornal enquanto fonte/documento/memória, como recomenda Maria Helena Capelato, ao abordar a imprensa como objeto do conhecimento.⁵

No trabalho de reconstituição histórica, tendo o jornal como suporte de memória, Carlos Vesentini propõe interessante reflexão sobre a função do jornal em sua dimensão de documento/memória, alertando o pesquisador para o fato de que:

Rebeca. *Sobre a historiografia do movimento operário*. In **Tempos históricos**, v. 2, nº 1, março, pp. 159-193. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000; COSTA, Emília Viotti da. *Estruturas versus experiência. Novas tendências na história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha*. In **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, nº 29, pp. 3-16. Rio de Janeiro: ANPOCS/Vértice, 1990; DUTRA, Eliana Regina F. & CROSSI, Yonne de Sousa. *Historiografia e movimento operário. O Novo em questão*. In **Revista do Departamento de História**, pp. 122-139, nº 3. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1986; FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e história social: historiografia e pesquisa*. In **Projeto História**, nº 10, dez., pp. 73-90. São Paulo: Departamento de História da PUC, 1993; FICO, Carlos. *Alguns impasses da produção historiográfica recente no Brasil*. In **Anos 90, Revista do Curso de Pós-Graduação em História**, nº 2, maio, pp. 111-126. Porto Alegre: UFRGS, 1994; HARDMAN, Francisco Foot. *História do trabalho e cultura operária no Brasil pré-1930. Um Campo de estudos em construção*. In **Política e Trabalho**, nº 5, abr., pp. 7-16. João Pessoa: UFPB, 1987; MARTINS, Ismênia de Lima (coord.). *Bibliografia do operariado*. In **Condições de vida: Rio de Janeiro e Buenos Aires**. Niterói: UFF/ICHF, 1987, pp. 51-54; MUNHOZ, Fábio Antônio & RODRIGUES, Leôncio Martins. *Bibliografia sobre trabalhadores e sindicatos no Brasil*. In **Estudos CEBRAP**, nº 7, fev.-mar., pp. 151-171. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1974; PAOLI, Maria Célia; SADER, Eder & TELLES, Vera da Silva. *Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico*. In **Revista Brasileira de História**, nº 6, pp. 129-149. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1984; PARIS, Robert. *Biografias e "perfil" do movimento operário – algumas reflexões em torno de um dicionário*. In **Revista Brasileira de História**, v. 17, nº 33, pp. 9-31. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUI, 1997; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Ainda o movimento operário como objeto historiográfico*. In **Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 8, dez., p. 62-78. Porto Alegre: UFRGS, 1997; _____. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C (org.). **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997 pp. 85-103; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Trabalho industrial no Brasil: uma revisão*. In **Estudos CEBRAP**, nº 14, out.-dez., pp. 119-131. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1975; e VIANNA, Luiz Werneck. *Estudos sobre sindicalismo e movimento operário: resenha de algumas tendências*. In **O Que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil – BIB**. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1986, pp. 69-93.

⁵ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994, p. 21.

*"Eles podem ser bem mais, muito mais que folhas mortas, de um tempo igualmente morto, à espera do meu labor, por exemplo. Eles são dotados de ação. Quero dizer que muitas dessas páginas amadas por nós e prediletas na ação para exame, não são textos nada neutros (...) eles expressam práticas políticas, luta política, sendo, naquele momento, consubstanciação dessa mesma prática, práxis, de sujeitos concretos."*⁶

Nesse particular, os jornais operários constituem hoje uma rica possibilidade de leituras, posto que significam uma produção simbólica de homens e mulheres no seu tempo, a partir de suas lutas, derrotas, disputa de projetos políticos, construção de suas histórias.⁷ Nesse sentido, é possível identificar os fazedores dessa imprensa afirmando diferenças, construindo identidades como *"mensageiros de relações"*, para usar a expressão da historiadora Nathalie Zemon Davis.⁸

Através desse registro de comunicação, desde o século XIX no Ceará, o leitor pode perceber a construção de um novo léxico político (pugna, luta, união, solidariedade, combate), criando e recriando (e atualizando) alegorias e símbolos caros à tradição do movimento operário - queda da Bastilha, Revolução Francesa, Comuna de Paris, Mártires de Chicago, Primeiro de Maio, Revolução Bolchevique - e universalizando consignas - *"liberdade, igualdade, fraternidade"*, *"trabalhadores de todo o mundo, uni-vos"*.

⁶ VESENTINI, Carlos Alberto. *Imprensa e Política*. In *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: Museu Paulista, 1984, p. 37.

⁷ Cumpre destacar os estudos pioneiros de Nelson Werneck Sodré, Aziz Simão e Maria Nazareth Ferreira. O primeiro, em seu *História da Imprensa no Brasil* (1965), situa o aparecimento da imprensa de classe no início deste século, e seu desenvolvimento e fixação de características contrapostas à ordem burguesa e aos jornais dessa classe, nos anos 20. Estabelece inclusive uma diferenciação interna em termos de pequena imprensa, para situar com maior precisão a posição de combate à ordem vigente por parte dos jornais proletários.⁷ Aziz Simão, em seu estudo *Sindicato e Estado* (1966), adota como fonte vários jornais operários de São Paulo, editados a partir dos fins do século passado, designando que entende de modo geral como sendo imprensa operária, não apenas os periódicos editados por sindicatos, como ainda aquela das associações políticas relacionadas com o movimento operário. Maria Nazareth Ferreira, em seu estudo *A Imprensa operária no Brasil* (1978), estrutura sua abordagem na relação desta imprensa com a organização do movimento operário no Brasil, dimensionando seu alcance histórico.

⁸ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Coleção Oficinas da História. Trad. Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 159.

Para além da proliferação de um novo léxico político, multiplicam-se também os mecanismos de propaganda e debate: os jornais, panfletos, folhetos, cartazes, manifestos, poemas, hinos, teatro social, escolas, bandas de música, vão ampliando o campo da luta social e o discurso impresso vai, pouco a pouco, delineando contornos do que em certos momentos expressam como sendo a opinião do porta-voz e, em outros, como a "opinião da classe."

O leitor pode acompanhar no tempo a ação de homens e mulheres simples, alguns de pouca ou nenhuma instrução, que se devotam a cultivar a palavra impressa, como arma da crítica, luta social e expressão de autoconsciência. Com E. P. Thompson, devemos lembrar que a cultura autodidata, do auto-aprendizado dos trabalhadores carece de análise adequada visto que *"de forma nenhuma o analfabetismo excluía os indivíduos do discurso político"*. São esses personagens que se dedicam a tarefa de decifração do mundo: tipógrafos, gráficos, operários de fábrica, caixeiros, barbeiros, tanoeiros, marmoristas, tecelões, condutores de bondes, alfaiates, trabalhadores do mar, padeiros, poetas, pintores, artistas de teatro, estudantes, professores, militantes, fazedores de partidos e de greves. Juntando os tipos no prelo vão arrumando frases e imprimindo inteligibilidade acerca do seu tempo e de um mundo em cujas margens estão confinados.

Se é certo que são de poucas letras, descobrem-se leitores do mundo e da vida, querem partilhar a descoberta com outros, através da palavra impressa por eles mesmos. O desejo da leitura do mundo é evidente até como forma de enxergar onde outros enxergam, *olhar para além da roda de si*.

Essa vontade de auto-esclarecimento, buscada por tantos trabalhadores, encontrou na imprensa operária, associada aos múltiplos mecanismos de difusão das "novas idéias", uma de suas mais significativas formas de expressão. Enfrentando

dificuldades materiais para a sustentação de suas folhas, formação de pequenas bibliotecas, manutenção de escolas e círculos de cultura, enfrentavam também a repressão. A apreensão de jornais e as variadas formas de impedir sua distribuição se repetem. São incontáveis as notícias sobre a repressão à imprensa operária e seus militantes, querendo impedir a disseminação das idéias e práticas sociais desde a perspectiva dos trabalhadores.

A palavra impressa no jornal, no panfleto, no manifesto, no cartaz; fazer jornais no meio operário é uma tradição e se espalha por muitos países. Pouco a pouco, o mosaico das pesquisas vai compondo um largo inventário dessas publicações. Revelam-se seus conteúdos, seus temas, suas leituras na época, as influências, as tendências. Revela-se também a qualidade de alguns que desejam firmar-se enquanto "*intelectuais-operários e ideólogos*", para usar a expressão de Eric Hobsbawn.

Além das práticas de leitura, ressalta-se a construção de espaços de sociabilidade dos trabalhadores. Fora do ambiente de trabalho, possível de ser visto em sua dimensão de lugar social de convívio e troca de idéias, apesar da vigilância dos patrões e dos chefes, outros espaços vão se fazendo. Em Fortaleza, encontramos sinais de sua presença nas livrarias e tertúlias literárias, na aula noturna, na conversa nos cafés, nas discussões em volta da mesa do botequim, nos balcões das bodegas e mercearias, na ida ao mercado e às feiras, na conversa trocada, atrás do balcão, com um ou outro caixeiro mais letrado, nas quermesses. São lugares/momentos, em que a camaradagem vai sendo forjada nos bancos de praça, em volta do coreto, no passeio público, na ida dominical à missa e na visita aos parentes, quando se atualizam as conversas. Na procissão no dia do santo da devoção, nos comícios, nos *meetings*, nas demonstrações do primeiro de maio, nos festivais operários, na ida ao cinema, nas representações dos grupos amadores de teatro, na escolha da "rainha dos caixeiros", da "rainha dos operários", na formação dos

times de futebol. Enfim, são lugares/momentos, repito, de socialização, conagração, construção de identidades, afirmação de diferenças e, eventualmente, de (in)formação sobre o mundo que existe além do que a vista alcança.

Em meados do século XIX, no Ceará, no contexto de uma industrialização incipiente, com a predominância do setor têxtil como atividade fabril, vão surgindo as tipografias e com elas os jornais das facções partidárias. Seguem-se os periódicos, folhetos, opúsculos, panfletos, livros, revistas e as folhas literárias dos jovens intelectuais. Aparece também a palavra impressa representando as artes, os ofícios, as primeiras experiências associativas em Fortaleza, a formação de um partido operário no Ceará e as primeiras greves.

As condições de produção dessa imprensa, desde a segunda metade do século XIX, são situadas como parte nas modificações urbanas e sócio-econômicas que se vão operando no Ceará. É preciso também assinalar que o desenvolvimento da atividade jornalística no Ceará, no período, é parte do contexto de produção e circulação das idéias, conforme observado nas três últimas décadas do século passado.

O estudo dessa imprensa e de seus núcleos militantes revela a existência de diferentes tendências no movimento operário cearense e a disputa de projetos no interior de suas entidades, notadamente com o crescimento da influência católica e dos círculos operários. Da leitura dos jornais, do título aos anúncios, o leitor encontra um vasto repertório de temas indicando que o inventário das folhas operárias no Ceará pode iluminar muitas dimensões da história da classe como relação histórica.

Tantos títulos, aqui estudados, demonstram como os trabalhadores combinaram imprensa e militância e revelam como muitas vezes o jornal foi "a escola" do trabalhador, parte importante dessa cultura do auto-aprendizado. Neles, os estudos sobre História Operária do Ceará podem alargar seu campo de reflexão, observando, no

processo de autoconsciência da classe, "sua estrutura de sensibilidade", suas tradições intelectuais e a ação de suas instituições – sociedades beneficentes, de auxílio mútuo, sindicatos de resistência, escolas, círculos de leitura, partidos, na tradição dos estudos de História Social.



Apresento, nesta parte do trabalho, um inventário da imprensa dos trabalhadores no Ceará, no período que recobre os anos 1862 a 1940, para que se dê conhecimento ao leitor dos títulos localizados, esclarecendo que para alguns jornais foram localizadas várias edições, enquanto para outros, algumas vezes conseguiu-se apenas o número inaugural ou uma edição comemorativa, ou ainda edições com largos intervalos, dada a intermitência das publicações; e, em alguns, não foi possível identificar editores e data de circulação.⁹

Jornais	Período	Local
O Artista	1862	Fortaleza
União Artística	1863	Fortaleza
Dístico: " <i>A União faz a força. A Perseverança tudo alcança</i> ".	1864	
O Typographo Jornal crítico, noticioso e recreativo, destinado a sustentar os interesses de sua arte.	1866	Fortaleza
O Colossal Órgão de uma Associação Tipográfica. Jornal de tudo e de todos.	1878	Fortaleza

⁹ Cumpre informar que o inventário analítico e descritivo elaborado no curso da pesquisa se encontra em fase de publicação, tendo aqui apresentado de forma sumaríssima e como demonstração, apenas uma listagem. Destaco que o inventário, fruto da pesquisa empírica, além de ampliar o rol de periódicos até aqui conhecidos, corrige equívocos de data e local de publicação e restabelece a fidelidade quanto aos grupos editores e demais informações constantes de seus expedientes. O trabalho de localização de alguns títulos e informações sobre os jornais se iniciou com a leitura dos estudos antecedentes que recobrem o campo da história da imprensa no Ceará, referidos na bibliografia específica que acompanha este trabalho. Outros títulos foram referenciados em Maria Nazareth Ferreira, Victor Leonardi, Foot Hardman e Edgar Rodrigues. A maioria dos títulos foi localizada a partir da pesquisa empírica empreendida em arquivos públicos e coleções privadas, conforme o item Fontes, deste trabalho. Há, nesta lista, cinco títulos sem informações acerca do grupo editor e data de publicação, visto que não foram localizados em arquivos. São aqui nominados porque citados nas publicações do período ou em estudos sobre a história do jornalismo no Ceará.

Jornais	Período	Local
A Greve Órgão Pessoal da greve dos tipógrafos.	1882	Fortaleza
O Combate Órgão do Partido Operário do Ceará. Dístico: " <i>Perseverança e Coragem</i> ".	1891	Fortaleza
O Athleta Órgão da classe caixeiral	1891	Fortaleza
O Artista Órgão do Partido Operário, seção do Crato.	1891	Crato
Voz do Operário	1891	Baturité
O Operário Órgão da Classe Operária	1892	Fortaleza
Voz do Povo Impresso na tipografia d'O Operário. Dístico: " <i>Justiça, Verdade</i> ".	1893	Fortaleza
Phenix Caixeiral Órgão da Sociedade Phenix Caixeiral.	1893, 1894, 1905	Fortaleza
O Trabalho	1896	Granja
A Opinião Dos empregados do comércio de Fortaleza. Órgão de interesse geral e propaganda contra o jogo.	1897	Fortaleza
Pedro Moniz Edição única, da Phenix Caixeiral	1898	Fortaleza
Primeiro de Maio Órgão do Centro Artístico Cearense. Dísticos: " <i>Perseverança e Porvir</i> " e " <i>Proletários de todo o mundo, uni-vos</i> ".	1904	Fortaleza
Eco Artístico	1905	Fortaleza
A União Dedicado aos interesses gerais e dos empregados do comércio.	1906	Fortaleza
O Demolidor Órgão da Liga Contra os Frades, constituída pela Mocidade Independente.	1907	Fortaleza
O Resguardo	1908	Fortaleza
O Regenerador Publicação do Clube Socialista Maximo Gorki.	1908	Fortaleza
Ceará Telegráfico Órgão da classe dos telegrafistas.	1909	Fortaleza
O Centro Órgão do Centro Artístico e Literário.	1909	Barbalha
A Centelha Órgão dos interesses da Classe Caixeiral.	1909	Fortaleza
O Postal Cearense Órgão representativo da classe dos empregados do Correio.	1910	Fortaleza
A Evolução Órgão da União Tipográfica Cearense. Dístico: " <i>L'Union fait la force</i> ".	1911	Fortaleza

Jornais	Período	Local
Phenix Órgão dos alunos da Escola de Comércio Phenix Caixeiral.	1912	Fortaleza
O Movimento Órgão defensor dos oprimidos.	1912	Fortaleza
O Trabalho Órgão operário. Dístico: " <i>Labor Omnia Vincit</i> ".	1913	Fortaleza
Ceará Operário	1913	Fortaleza
Liberdade Órgão dos funcionários públicos.	1913	Fortaleza
O Aprendiz Artífice Órgão mensal dos alunos da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará. Dístico: " <i>Astes nutrix honoris et libertatis sunt</i> ".	1915	Fortaleza
O Lutador Edição comemorativa do aniversário da Sociedade Artística Beneficente, em homenagem ao seu presidente, Job Rodrigues.	1916	Fortaleza
Ceará Socialista Órgão do Partido Socialista Cearense.	1919	Fortaleza
O Regional Órgão do Grêmio Literário Paula Ney	1919	Fortaleza
O Caixeiro Órgão de Propaganda do Comitê Caixeiral. Porta-Voz do Partido Caixeiral Estudantal.	1919 e 1924	Fortaleza
O Caixeiro Órgão do Partido Caixeiral Estudantal.	1920	Fortaleza
Liberdade Periódico a serviço da causa do funcionalismo público.	1920	Fortaleza
A Imprensa	1920	Sobral
O Maximalista Jornal independente, crítico.	1920	Camocim
Voz do Graphico Órgão da Associação Gráfica do Ceará.	1920	Fortaleza
O Combate Órgão da Federação dos Trabalhadores do Ceará.	1921	Fortaleza
Brazila – Vivo Órgão da Sociedade de esperantistas de Fortaleza.	1922	Fortaleza
Nova Mondo Órgão dos esperantistas.	1923	Fortaleza
Voz do Porto Órgão do Sindicato dos Trabalhadores do Porto. Epigrafe: " <i>Os mexericos, as intrigas, as tramas denotam corrupção de caráter. Não as façam, nem ouçam</i> ".	1923	Fortaleza
A Classe Órgão da Associação dos Empregados do Comércio do Crato.	1923	Crato
A Evolução Órgão de educação cívica dos caixeiros.	1924	Fortaleza
A Razão Órgão de defesa dos funcionários públicos.	1924	Fortaleza

Jornais	Período	Local
O Caixeiral Órgão da Associação dos Auxiliares do Comércio e da Escola de Auxiliares do Comércio de Iguatu.	1925	Iguatu
O Trabalho Órgão da Associação dos Empregados no Comércio.	1927	Sobral
O Operário Órgão quinzenal e de defesa do proletariado e do povo em geral.	1927	Camocim
O Fenixta Órgão do Partido Fenixta Independente.	1928	Fortaleza
Voz Proletária Órgão Oficial dos Trabalhadores Cearenses.	1929	Fortaleza
O Jovem Proletário	1930	Fortaleza
Trabalhador Graphico Órgão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos.	1930	Fortaleza
O Têxtil Órgão do Sindicato dos Operários Têxteis.	1930	Fortaleza
Voz do Alfaiate Órgão do Sindicato dos Alfaiates.	1930	Fortaleza
O Edificador Órgão da União dos Pedreiros.	1930	Fortaleza
A Ordem Órgão Independente.	1930	Juazeiro
A Defesa Órgão de Defesa do povo.	1930	Crateús
O Escudo Órgão do Grêmio Literário Caixeiral Domingos Olímpio e defensor da classe caixeiral sobralense.	1930	Sobral
Voz do Marítimo	1930	Fortaleza
Viação Cearense	1930	Fortaleza
O Legionário Semanaário Nacional Sindicalista. Órgão da Legião Cearense do Trabalho.	1933	Fortaleza
O Operário Órgão Independente. Defensor da Classe Operária.	1934	Juazeiro
O Reduto Órgão Socialista.	1934	Fortaleza
Boletim Semanal Jornal da Associação dos Empregados no Comércio de Juazeiro.	1934	Juazeiro do Norte
O Ferroviário Órgão da Liga de Assistência Social aos Empregados da RVC.	1936	Fortaleza
Voz do Graphico Órgão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Fortaleza.	1937	Fortaleza
Voz do Operário Órgão da Legião Cearense do Trabalho, seção do Crato. Defensor das classes operárias.	1937	Crato

Jornais	Período	Local
A Reação Órgão integralista dirigido aos operários.	1937	Crato
Labor Órgão do Círculo de Operários Católicos.	1940	Quixadá
A Comuna		Acaraú
O Libertador		Camocim
Voz da Rua		Fortaleza
A Voz do Operário		Crato
A Vanguarda		Fortaleza

Do inventário acima apresentado, participam deste estudo exemplares da imprensa dos trabalhadores dos anos 1860 aos anos 1920: **O Artista** e **União Artística**, **O Colossal**, **O Typographo** e **A Greve**, do século XIX. Do mesmo século é **O Combate**, órgão do Partido Operário no Ceará, e **O Operário**, órgão da Confederação Operária do Ceará. Vindo do século XIX e firmando-se no novo século, com o maior número de títulos e presença em Fortaleza e no interior do Ceará, está a imprensa dos caixeiros: **O Athleta**, **Phenix Caixeiral**, **A Opinião**, **Pedro Moniz**, **A União**, **A Centelha**, **O Movimento**, **O Caixeiro**, **A Evolução**, **O Fenixta**, **O Caixeiral**, de Iguatu, **O Trabalho**, **O Escudo**, de Sobral, e **A Classe**, do Crato. De 1905 é o **Primeiro de Maio**, órgão do Centro Artístico Cearense. Seguem-se a estes, os exemplares da imprensa libertária: **O Regenerador**, do Clube Socialista Maximo Gorki, **O Combate**, da Federação dos Trabalhadores do Ceará, e **Voz do Graphico**, da Associação dos Gráficos do Ceará. Do mesmo período vem o **Ceará Socialista**, porta-voz do Partido Socialista Cearense.

Para a seleção dos jornais, obviamente feita somente após sua leitura, combinei critérios (cronológicos, campo doutrinário, categorias profissionais, diferença de enunciados) que resultaram pertinentes e deram sustentação à proposta de trabalho. Selecionei aqueles que, embora falando de um lugar social comum, apresentam, em

alguns casos, projetos distintos. A seleção não partiu da homogeneidade na construção da visão de mundo, mas das diferenças qualitativas emersas de sua construção histórica.

O início do período, ao redor de 1862, pode não indicar com precisão, igual início de uma forma de comunicação impressa dos trabalhadores no Ceará, mas é indicativo do surgimento, por essa época, das condições de possibilidades materiais e sócio-culturais de difusão da "palavra impressa" em defesa "dos interesses das artes e ofícios". Faço esse esclarecimento para que não se pense que o período foi arbitrado exclusivamente em função da data do primeiro jornal localizado. O final do período, anos 1920, foi arbitrado, por razões metodológicas, já no início da pesquisa, em razão do volume e abrangência de novas e diferenciadas questões que emergem das conjunturas seguintes, demandando um outro estudo.

Devo ainda esclarecer que o estudo, em sua Primeira Parte, mais minucioso em relação à análise dos jornais selecionados, como não foi feito à maneira de inventário analítico-descritivo, apresenta relativa assimetria entre as várias unidades. O tratamento, um pouco mais demorado de um título em relação a outro, não decorreu, como é mais freqüente, da existência de um maior número de edições. Em alguns casos, é alentado o número de páginas por edição dedicado à divulgação de balancetes, relação nominal de sócios, listas de alunos, matérias e notas de sabatinas. Noutros casos, foi possível desenvolver um argumento mais ampliado, a partir de uma única edição, como é o caso d'**O Regenerador** (1908), porque o exame de sua matéria me levou a descobrir nexos com experiências anteriores e subseqüentes, relevantes para o estudo.

Além dos exemplares da imprensa dos trabalhadores no Ceará, estudei exemplares dessa imprensa produzida em outros lugares (no Brasil e em Portugal). Procurei me aproximar do seu texto e formas de apresentação na tentativa de encontrar em suas colunas dedicadas ao "Movimento Operário", uma noticiuzinha que fosse sobre o Ceará.

E encontrei. Não apenas pequenas e perdidas notas, mas seguros indícios do intercâmbio, da tessitura de uma rede de relações que as longas distâncias e as dificuldades materiais não impediram. Pouco a pouco fui estabelecendo nexos, formando uma visão geral, preliminar, encontrando os fios para tecer a malha de inteligibilidade e agregando documentos esparsos que adquiriam, no curso da pesquisa, possibilidades explicativas, como propõe Sílvia Petersen.¹⁰

Importante destacar que agregando aos títulos que compõem o repertório da imprensa dos trabalhadores no Ceará, exemplares de outros Estados e de Portugal, localizei evidências que confirmam o esforço de intercâmbio entre as folhas, bem como as marcas de mobilidade dos militantes; resultem do seu deslocamento ou da irradiação das idéias. Da pesquisa realizada em diversos jornais, destaco dois que contribuíram para configurar diferentes níveis de relações entre a história operária local e os contextos nacional e internacional: **A Voz do Trabalhador**, órgão da Confederação Operária Brasileira, publicado no Rio de Janeiro, e **A Plebe**, diário anarquista de São Paulo.

O exame da coleção do jornal **A Voz do Trabalhador** foi importante para o trabalho pela influência que exerceu entre alguns núcleos militantes cearenses, no que diz respeito à formação doutrinária, como ainda pelo fato de se constituir uma forma de articulação do movimento operário de diferentes regiões do Brasil. Nesse aspecto, destaco a função d'**A Voz do Trabalhador**, que situa a importância do jornal com características nacionais, procurando, na prática, romper com o isolamento verificado em certas regiões quanto à difusão das idéias produzidas no interior de sua imprensa:

"(...) há muito fazia-se sentir de forma evidente, a falta de um órgão da classe oprimida que fosse o porta voz das suas reivindicações, órgão combatente,

¹⁰ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para...**, p. 9.

donde se agitassem questões de suma importância para nós, donde se fizesse, enfim, continua propaganda dos métodos de luta dos revolucionários. A obra que um jornal nestas condições realizaria, seria de grandes benefícios para o movimento operário. Retiraria da indiferença alguns camaradas, fortaleceria convicções, interessaria os tímidos e simpatizantes assim como daria impulso ao movimento associativo. A sua publicação impunha-se como uma necessidade inadiável e nós nesse sentido trabalhamos certos que auxílios e encorajamentos receberíamos dos companheiros que se interessam pelo movimento operário. Da nossa parte não mediremos esforços, nem pouparemos sacrifícios para manter este jornal. É demasiado intensa a fé na justiça da nossa causa para que nos arredemos, quaisquer que sejam os obstáculos que se nos antepõem".¹¹

Tais afirmações, por certo, são consoantes com aquelas discussões havidas por ocasião do Congresso Operário de 1906, no Rio de Janeiro, e de suas resoluções. Passados dois anos, a publicação d'**A Voz do Trabalhador** é saudada como tendo surgido para

"preencher uma grande lacuna no meio operário a Voz do Trabalhador, órgão e porta voz do operariado militante. (...) é o paladino da organização: é o propagador da organização sindical, dentro da qual se podem mover as mais dignas e nobres aspirações. E quem negará a nobreza que há na luta para a conquista do bem estar e da liberdade? Quem ousará conscientemente, humanamente, negar o direito a rebeldia contra o roubo, a violência e a exploração? Quem não sentirá a necessidade, mormente o trabalhador, de transformar por completo a sua vida moral, econômica e intelectualmente? (...)".¹²

Dizendo de sua necessidade, afirma também desde o início que a sustentação do jornal, a definição de sua tiragem, periodicidade e eficácia na distribuição é tarefa coletiva e de muitos, a quem dirigem o apelo:

"(...) E é baseado nesta lógica irrefutável que nós antevemos um futuro próspero ao jornal, cuja vida depende incontestavelmente da cooperação, do esforço, que a ele possam dar os roubados do regime capitalista, os escravos da opressão burguesa, os espoliados em tudo, os sem direitos e com deveres, todos quantos formam o exército dos combatentes da desigualdade iníqua de hoje, para a igualdade de amanhã. (...)

Dirigimos o nosso apelo a todos os operários, a todas as associações que lutam pelo bem estar da classe, para que auxiliem na altura de suas posses a Voz do Trabalhador.

¹¹ **A Voz do Trabalhador**, ano I, nº 1, 01/07/1908. Rio de Janeiro.

¹² **A Voz do Trabalhador**, ano I, nº 1, 01/07/1908. Rio de Janeiro.

Ai esta ela. Não é um modelo de perfeição, porém é o que nos foi dado fazer, é o produto do nosso trabalho, e se tiver o apoio de vós todos que a lêem ela será ainda um dia perfeita. Aqui estamos."¹³

Tendo iniciado sua circulação em 1908, com interrupções, o sentido original de ser um jornal que estabeleça elos entre os vários pontos do país é preocupação constante d'**A Voz do Trabalhador** que deseja ser *"no campo da imprensa o mais legitimo porta voz dessa colossal e sofredora falange de escravos do trabalho que vive a mourejar brutalmente neste grande eito que se estende desde as coxias gaúchas até os cálidos seringais da Amazônia."* Identificando nas distâncias a vencer em matéria de comunicação um dos caminhos mais fecundos para a implementação do federalismo sindicalista e de combate ao fracionamento da classe, visto que, *"desconhece a si mesma, ignorando em absoluto os de um Estado o que a respeito da sua questão se passa nos demais"*.

Sabem, os editores d'**A Voz do Trabalhador**, da urgência em ampliar a circulação do jornal, acolhendo contribuições das distintas regiões e espraiando os efeitos de propaganda de certas lutas localizadas que bem poderiam ser amplificadas através da palavra impressa e de sua propagação. Sabem ademais que algumas jornadas de lutas e campanhas, se bem sucedidas como "nacionais", têm na imprensa operária seu estro. Para eles

*"(...) A Voz do Trabalhador é, (...) o veículo das relações entre os operários por aí além espalhados, ou traço de união entre os diferentes núcleos existentes algures. (...) pelas suas colunas que transmitimos de um extremo a outro desta região da América as vibrações da rebeldia dessas massas sofredoras (...)"*¹⁴

Do jornal como forma de estreitar relações, diminuir distâncias, tribuna comum, aparece como preocupação constante sua sustentação material, como no enfático apelo de João Leuenroth:

¹³ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 22, 01/01/1913. Rio de Janeiro.

"(...) Nós não nos podemos resignar vendo a Voz do Trabalhador esvair-se. Seria um desastre. Ela, mais que as correspondências, é o laço de união entre todas as organizações sindicalistas do Brasil. Ela é a tribuna comum de todos os trabalhadores do país. Por ela os operários de cada localidade põe-se ao par do que se passa nas localidades mais longínquas. Do Rio Grande do Sul ao Amazonas, do Rio de Janeiro a Mato Grosso, a Voz do Trabalhador se espalha, levando, de rincão em rincão, o seu protesto e a sua solidariedade, o seu conselho e a sua experiência, todos os que, de leste a oeste e de norte a sul, se sentem vítimas do capitalismo voraz e se esforçam por da tutela deste emancipar-se."¹⁵

A leitura d'**A Voz do Trabalhador**, além de possibilitar o estabelecimento de nexos entre sua matéria e aquela difundida em algumas folhas do Ceará, tornou possível localizar a influência de seus escritos relativos à educação no meio operário como índice de leitura dos militantes que no Ceará intentaram reproduzir as experiências de ensino nos moldes da Escola Moderna de Ferrer. Nesse sentido, os artigos da lavra de Florentino de Carvalho (como de João Penteado, no periódico anarquista **A Vida**) forneceram o lastro teórico às experiências pedagógicas de alguns militantes em Fortaleza, como é o caso de Moacir Caminha. Importa também registrar que na citada folha encontram-se várias informações sobre o associativismo em Fortaleza do começo do século XX, nominando entidades, dirigentes, endereços, recebimento de jornais do Ceará, constituindo uma valiosa memória no mais das vezes desaparecida das fontes locais, como este telegrama recebido durante o Segundo Congresso, realizado pela COB em 1914, em que a União dos Pedreiros de Fortaleza comunica ter sido *"assassinado em praça pública um forte esteio da agremiação, o companheiro Luiz Birro. O assassino é o guarda civil Heraldo."*¹⁶

¹⁴ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 24, 01/02/1913. Rio de Janeiro.

¹⁵ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 56, 01/06/1914. Rio de Janeiro.

¹⁶ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 48, 01/02/1914. Rio de Janeiro. Ainda como exemplos, as edições de janeiro e fevereiro de 1914, na coluna *Associações Operárias*, veiculam a composição das diretorias da União dos Sapateiros, da Sociedade Artística Beneficente Amor e Caridade, da União dos Pedreiros, União dos Carpinteiros, Centro Tipográfico Cearense, entre outras entidades existentes em Fortaleza.

A pesquisa n'**A Voz do Trabalhador**, devo registrar, deveu-se em parte à recomendação de Sílvia Petersen para buscar nessa folha as evidências de intercâmbio entre as lideranças operárias nos vários locais do país. Recomendação que confirmou neste estudo a hipótese levantada pela autora: "*Seguir a trajetória dessas personagens pelo Brasil certamente traria à luz conexões ainda não examinadas entre diferentes núcleos do movimento operário*". Ao estender a sugestão original pesquisando várias folhas do Brasil e de Portugal encontrei os elos entre os militantes cearenses de distinta orientação (Pedro Augusto Motta, Moacir Caminha, Francisco Falcão, Joaquim Pimenta, Ernesto Brazil, Theophilo Cordeiro e Aderson Ferro) e os grupos editores dos jornais aqui referidos, sem esquecer que vem do século XIX este esforço de intercâmbio, como é o caso dos dirigentes do Partido Operário do Ceará e França e Silva, do Rio de Janeiro.

A pesquisa no periódico anarquista **A Plebe**, de São Paulo, alargou o conhecimento sobre a trajetória militante de Pedro Augusto Motta, uma vez que, desde sua saída involuntária do Ceará rumo a São Paulo, participa do grupo redatorial da folha, a princípio escrevendo a coluna *Ceará Proletário*, registro de seus apontamentos para a história do movimento operário no Brasil e em seguida, sob vários pseudônimos, localizei textos doutrinários e poemas do militante cearense. Muitas evidências de intercâmbio com o Ceará foram encontradas n'**A Plebe**, em sua coluna *Norte Rebelde*, ajudando a compor a trajetória militante de Moacir Caminha. Parte da matéria recolhida junto a este periódico informará meus estudos posteriores relativos aos anos 1930-1940, tratando da disputa de projetos entre os socialistas-libertários e os integralistas no Ceará.

Além de jornais operários de outros estados e de Portugal o estudo focalizou jornais do Ceará que se auto-identificam como independentes ou de oposição. É o caso d'**O Cearense**, em 1890, que abre espaço para manifestação do Partido Operário do

Ceará. Nele localizei farto material (atas, estatuto do Partido, convocações, convites e artigos assinados) que possibilitou acompanhar o surgimento da primeira experiência de partido operário no Ceará em meio as disputas intra-oligárquicas. E, para os anos vinte, o jornal **O Ceará** (1928) teve exemplares pesquisados, pelo fato de abrigar em seu interior, por espaço de tempo considerável, colunas relativas ao movimento operário cearense. No caso d'**O Ceará**, o estudo recolheu de suas edições de 1928 na coluna do movimento operário, manifestos e artigos assinados por militantes operários e, em várias edições, informações sobre períodos recuados ao século XIX, na coluna *Pelo Passado*. Destaco também os artigos assinados pela escritora anarquista Maria Lacerda de Moura e sua correspondência com a jovem escritora Raquel de Queiroz. Aqui e ali aparecem também fontes e documentos que escapam à baliza de periodização compreendida entre 1862 e os anos 1920, como argumento ou referência esclarecedora de determinados temas.

O estudo é apresentado em duas partes, com seus recortes internos como unidades de sentido do argumento central. Na Primeira Parte, apresento, situando e analisando, os jornais selecionados em unidades temáticas que possibilitam a compreensão das permanências e mudanças, no tempo e no espaço, do fenômeno comunicativo *imprensa dos trabalhadores*, em sua dimensão de *fonte/documento/memória*, e em sua definição de fenômeno social, cultural e urbano. Analiso, ainda, seus projetos político-pedagógicos, evidenciando as distintas matrizes doutrinárias.

Na Segunda Parte, um recorte temático adquiriu relevo por unificador de sentidos do objeto do estudo. O tema da *educação* permeia os enunciados dessa modalidade de imprensa e fornece substrato para expressar a visão de mundo dos protagonistas dessa experiência singular de comunicação, constituindo experiências e

práticas sócio-culturais heterogêneas e até conflitantes. Se é possível identificar a educação como unificadora de sentidos, é impróprio pensá-la como campo de discursos e práticas homogêneas. É o heterogêneo, o diverso, o multifacetado, o embate que unem as duas partes do trabalho.

Memória iconográfica

ANNO I. O **TYPOGRAPHO.** N.º 3.

JORNAL CRÍTICO, NOTICIOSO, E RECREATIVO.

Destinado a sustentar os interesses de sua arte.

Publica-se às quintas-feiras, na Typographia Constitucional, sob a redacção dos compositores da mesma, a 500 réis annuaes por assinatura.

Recorre-se gratuitamente todo o qualquér artigo, sendo em termos reparações.

CEARA. — DOMINGO, 25 DE DEZEMBRO. — 1866.

Advertencia.

Em consequência de se ter publicado a Constituição na quinta-feira, deixamos de saber a nossa filha, que só hoje podemos desfazer esse embarço.

A. Romarço.

COLLABORAÇÃO.

Antes a morte, do que a escravidão.

Não pôde apresentar as ideias de liberdade, que sempre se apresentaram ao coração do cidadão.

(Extracto)

Servindo-nos d'uma epitaphia do Dr. Ceará, vamos fazer algumas reflexões sobre o assumpto, que elle indica.

Não hesitamos para a questão de philosophias do Sparta, nem as virtudes da Roma, por serem materias raras, e vadas aos grandes vultos da sciencia, uns sim algumas scenas burlescas, representadas em nossos dias, como adaptaveis da intelligencia fraca, que se limita ás cousas contemporaneas.

O escravo de hoje, já não é apellidado raça de Mallos, que apenas serve para o sustento das gorras na terra

que pade oler da lingua do escravo da guerra; porém ainda é um objecto precioso, do qual depende o recobro da patria, que lhe emprega. Plaque se alguma parentia lhe necessitaria, o legislador, não passa isso de uma letra morta, que figura no cadafalso das leis!

Esclamamos, que devesse fazer um estudo da antiguidade, de modo a não se que de flandem a escravidão por uma formalidade, se occorriam uma milhar de oppresões!

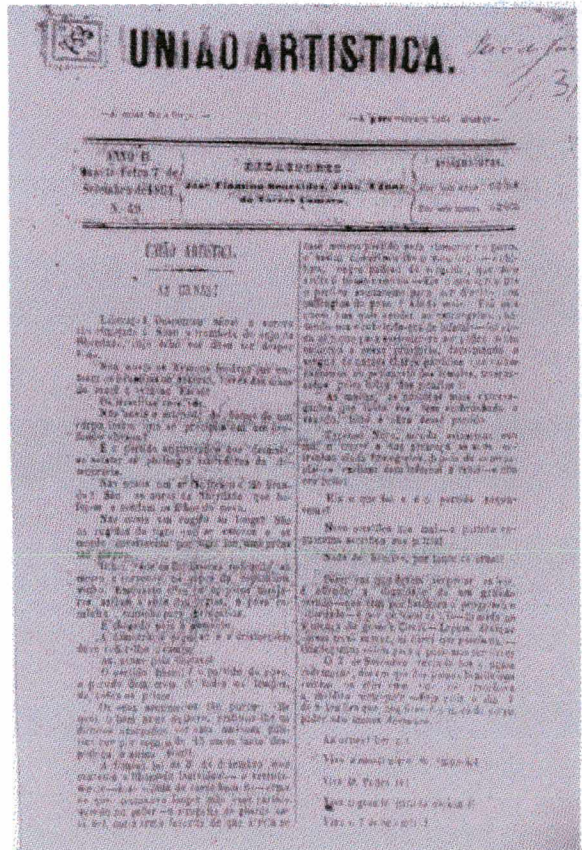
Portugal, por exemplo, que foi a cradilha do curso humanitario, e que se lhe considerado como patria da liberdade, já disse ao dação de que os seus adaltes, fazendo baixar a lei de 10 de Janeiro de 1773, que desobrigava aquella terra em diante de qualquer mais nascer escravo dentro do seu territorio.

Porém, o Brazil herda esta herança, e o conserto oscillado ao peio, como um filho dilecto da sua patria.

Si voltarmos os olhos para o passado, enxergamos os punhos das mãos viciadas da pena devida pelo voto ar, que respirava, em submissivo, a angos do escravo, mantida por mão impia e carniceira, quanto

Fac-simile de primeira página do jornal O Typographo, Crítico Noticioso e Recreativo Destinado a Sustentar os Interesses de sua Arte (Fortaleza, 1866). Acervo Jorge Brito, Brasília.

Fac-simile da primeira página do jornal União Artística (Fortaleza, 1862). Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

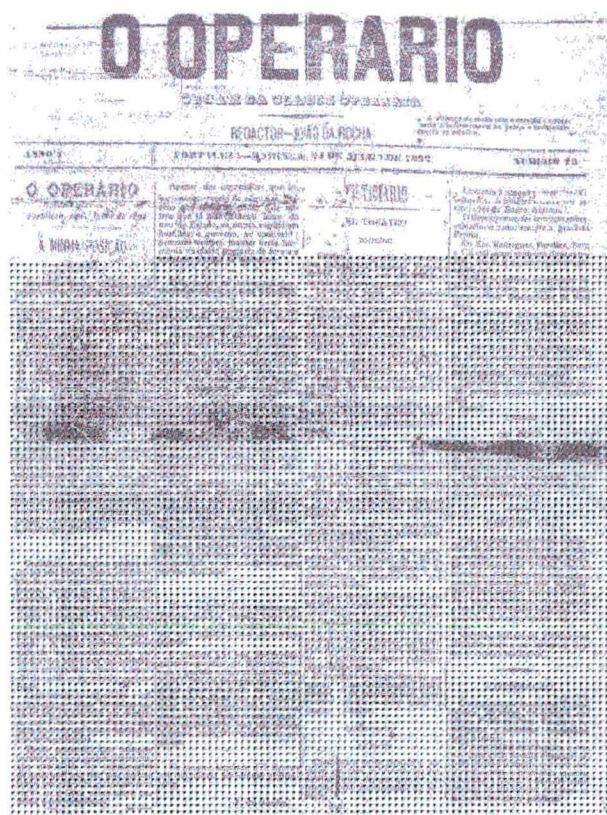




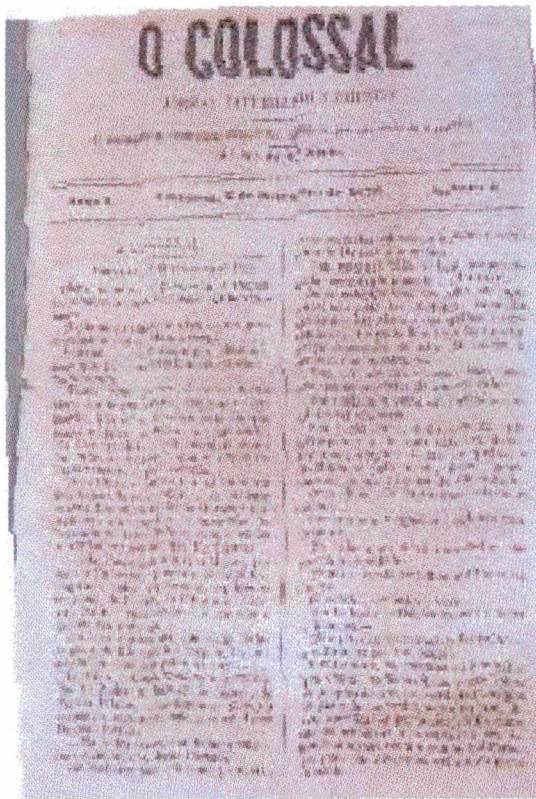
Fac-simile de página de anúncios do jornal O Combate (Fortaleza, 1891). Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



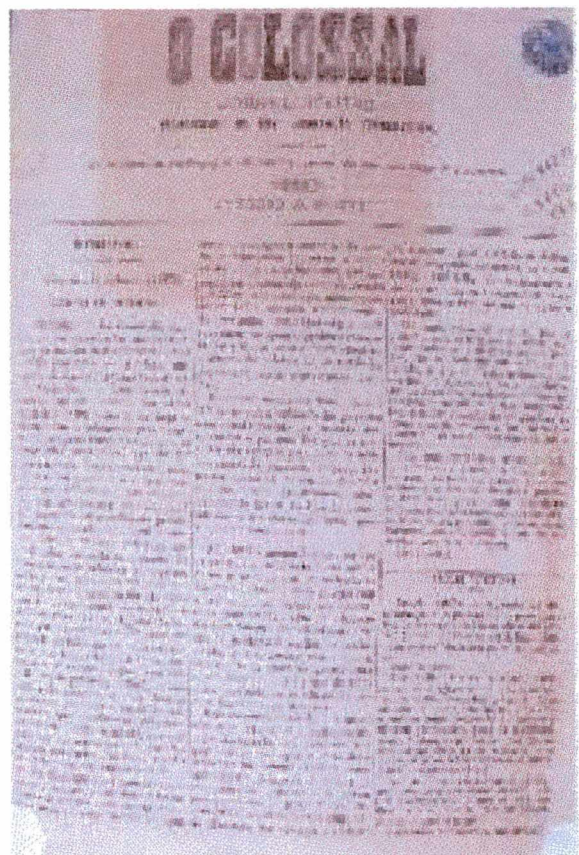
Fac-simile de primeira página do Jornal O Combate (Fortaleza, 1891). Órgão do Partido Operário do Ceará. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



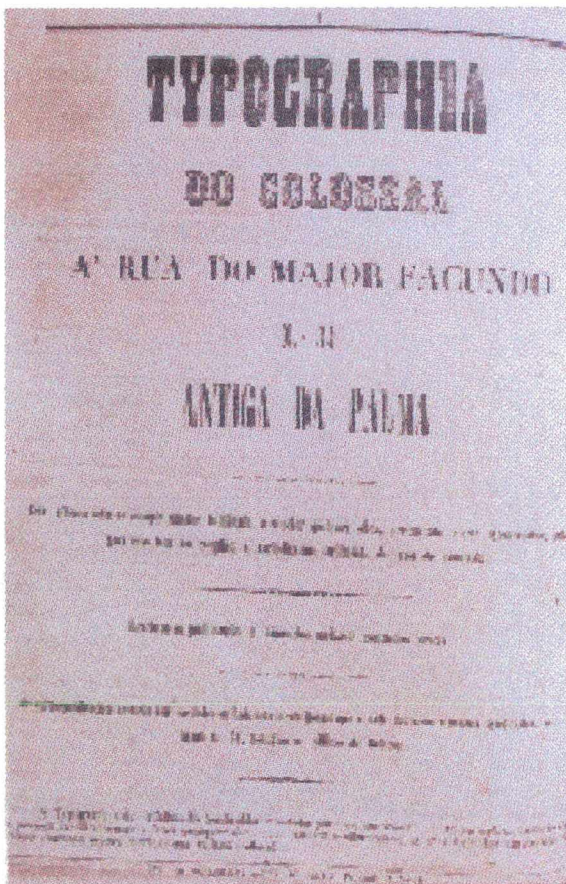
Fac-simile de primeira página do jornal O Operário (Fortaleza, 1892), Órgão da Classe Operária. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



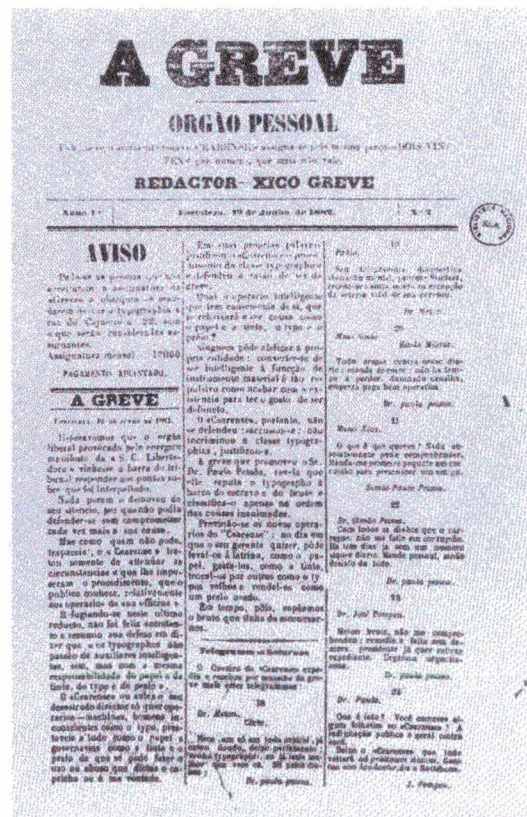
Fac-simile d'O Colossal (Fortaleza, 1878), órgão de uma Associação Tipografica, em sua primeira fase, como jornal literário e crítico. Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile d'O Colossal (Fortaleza, 1879), em sua segunda fase, como jornal neutro. Acervo da Academia Cearense de Letras.



Fac-simile do anúncio da Typographia d'O Colossal, veiculado na edição de 15/06/1879. Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile de primeira página do jornal A Greve (Fortaleza, 1882), órgão da greve dos tipógrafos. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile da primeira página d'A Fortaleza (Fortaleza, 1907), Revista Litteraria, Philosophica, Scientifica e Commercial. Na foto, o grupo editorial da revista: Joaquim Pimenta, Raul Uchôa, Genuino de Castro, Mário Linhares e Jayme Alencar. Acervo da Academia Cearense de Letras.



Fac-simile do jornal O Demolidor (Fortaleza, 1908), com gravura alusiva a sua campanha contra os frades estrangeiros. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile de primeira página do jornal O Demolidor (Fortaleza, 1908), órgão da Liga Contra os Frades, constituída pela Mocidade Independente. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

AVANÇO DESTE PROGRESSO
 A cultura profunda
 Não é privilégio de alguns
 Mas de todos os brasileiros
 Não devemos ao velho mundo
 A nossa educação
 Quem do futuro tem visão
 Não se deixa enganar

TERRA DA LUZ

REVISTA DE INTELLECTUAES DO CEARÁ
 DIRECTOR Joaquim Pimenta

Assinaturas

Trimestre	3000
Semestre	5000
Anno	8000

— Direcção —
 Boulevard Viscondessa do Rio
 Branco — 25
 Fortaleza

Antiquidade selecta e
 laboração: esta revista tem
 conquistado grande simpa-
 thia.
 Os numeroes publicados
 até hoje esplendidos têm
 de José Lima, Romão
 Thomaz, Pedro de Que-
 roz, José de Brito, e
 de Heitor de, Nazário d'A-
 lmeida, Joaquim Pimenta
 e Silva Valdez e mag-
 nifica recepção poética col-
 lectada por Antonio Pass,
 Antonio de Castro, Rodri-
 gues de Andrade, Cruz Pi-
 do, João Maciel, Padre
 Antonio de Souza.

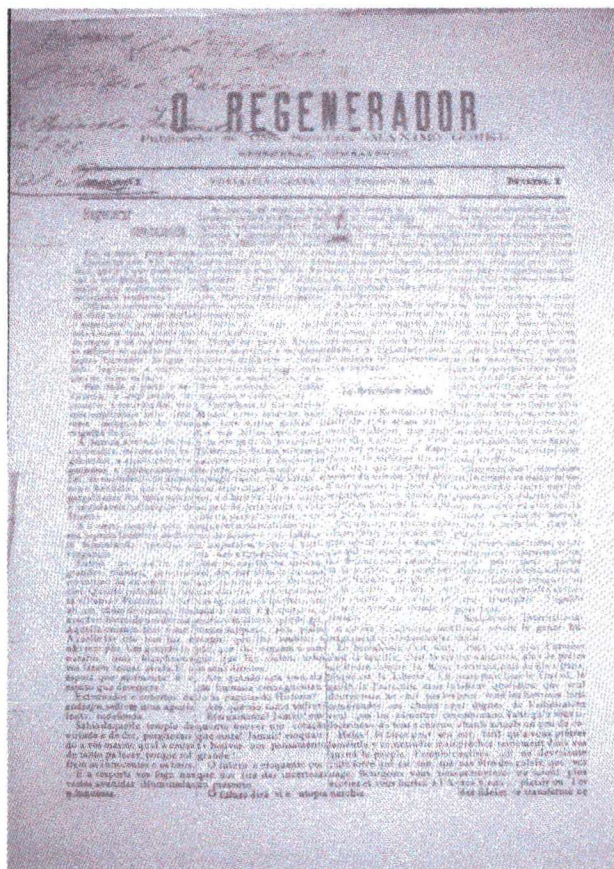
Fac-simile de detalhe de página d'O Demolidor (Fortaleza, 1908), com anúncio da revista Terra da Luz (Fortaleza, 1908), dirigida por Joaquim Pimenta. Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



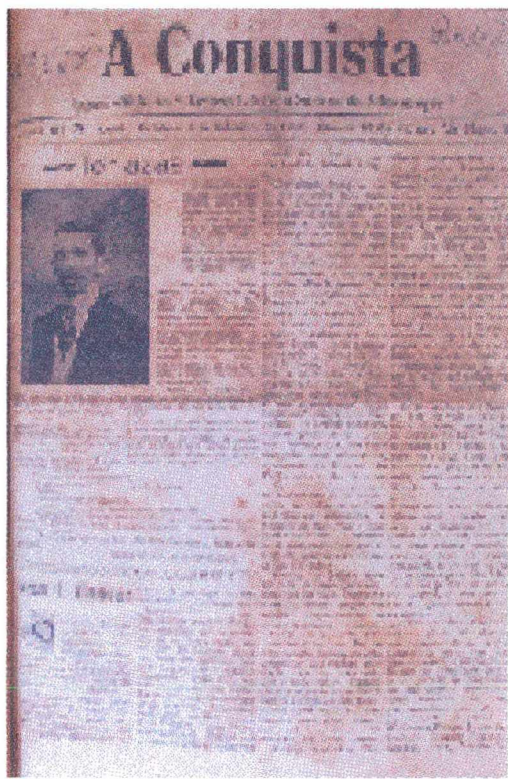
Fac-simile de primeira página do jornal Voz do Graphico (Fortaleza, 1920). Órgão da Associação Gráfica do Ceará. Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP.



Fac-simile de primeira página do jornal O Combate (Fortaleza, 1921). Órgão da Federação dos Trabalhadores do Ceará. Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP.



Fac-simile de primeira página do jornal O Regenerador (Fortaleza, 1908). Órgão do Clube Socialista Maximo Gorki. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico, São Paulo.



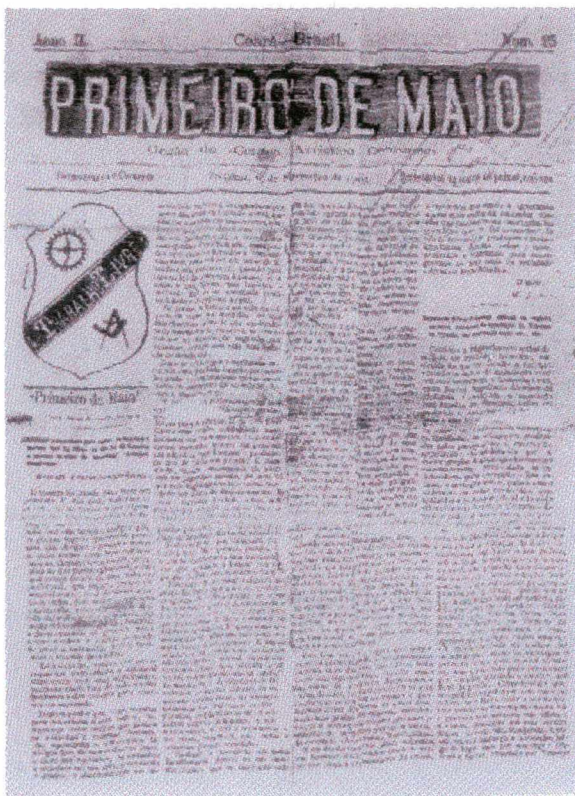
Fac-simile da primeira página do jornal A Conquista (Fortaleza, 1918), órgão do Recreio Literário Soriano de Albuquerque, com foto de Soriano. Acervo da Academia Cearense de Letras.



Fac-simile de primeira página do jornal Remodelações, de Moacir Caminha (Rio de Janeiro, 1945). Acervo Edgar Rodrigues, Rio de Janeiro.

Fac-simile da seção O Ceará Proletário, redigida por Pedro Augusto Motta no jornal A Plebe (São Paulo, 1921), periódico anarquista. Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP.





Fac-simile de primeira página do jornal Primeiro de Maio (Fortaleza, 1905), órgão do Centro Artístico Cearense. Núcleo de Microfilmagem da Secretaria de Cultura do Ceará.

Fac-simile de primeira página do jornal Primeiro de Maio, com foto de Tehophico Cordeiro (Fortaleza, 1918). Centro de Documentação e Memória – CEDEM/UNESP.

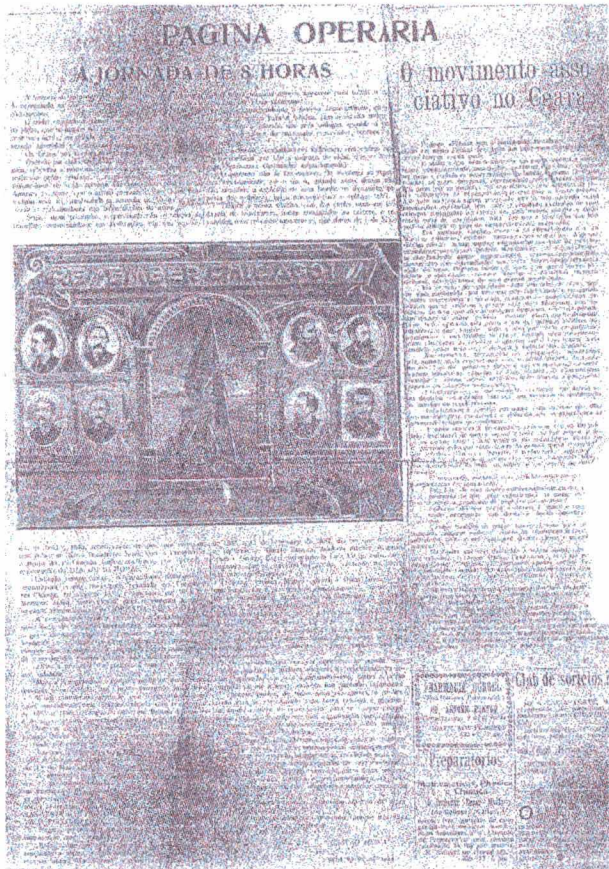




Fac-simile da primeira edição do jornal Ceará Socialista (Fortaleza, 1919), órgão do Partido Socialista Cearense. Arquivo Edgar Leuenroth, UJICAMP.



Fac-simile de primeira página do jornal O Reduto, Órgão Socialista (Fortaleza, 1934). Acervo da autora.



Fac-simile da Página Operária, de Gastão Justa, seção do jornal O Ceará (Fortaleza, 1928). Acervo da autora.



Fac-simile da primeira edição do jornal O Operário (Camocim, 1927), órgão Quinzenal e de Defesa do Proletariado e do Povo em Geral. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

PHENIX CAIXEIRAL

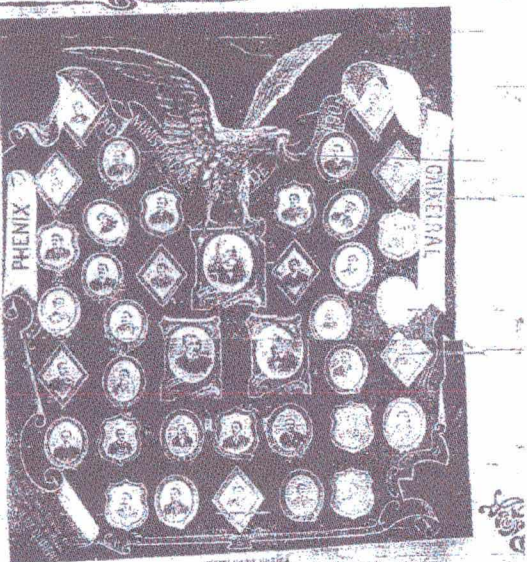
EDIÇÃO ESPECIAL

COMISSÃO EDITORIAL: DR. JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA, DR. JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA, DR. JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA

ESPECIALIZAÇÃO DO "PHENIX" CAIXEIRAL

REDAÇÃO: Avenida Marquês de São Carlos, 111 - Rio de Janeiro

Fortaleza, 23 de Junho de 1905



Fac-simile de primeira página do jornal Phenix Caixeiral. Órgão da Sociedade Phenix Caixeiral (Fortaleza, 1905). Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Bemdito seja o Caixeiro Brasileiro!

SALVE 30 DE OUTUBRO!

O ESCUDO

"Para fazer crescer o merito, e assim a nossa pensão!"

Órgão do Grande Iluminado Caixeiro - PROPRIEDADE DO SENHOR D. JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA

DIREÇÃO: DR. JOSÉ AUGUSTO DE ALMEIDA

REDAÇÃO: Avenida Marquês de São Carlos, 111 - Rio de Janeiro

Fortaleza, 30 de Outubro de 1930

30 de Outubro

D. José Juppomba do Frota



30 de Outubro de 1930

Mais uma Guerra!

PERCEBEMOS

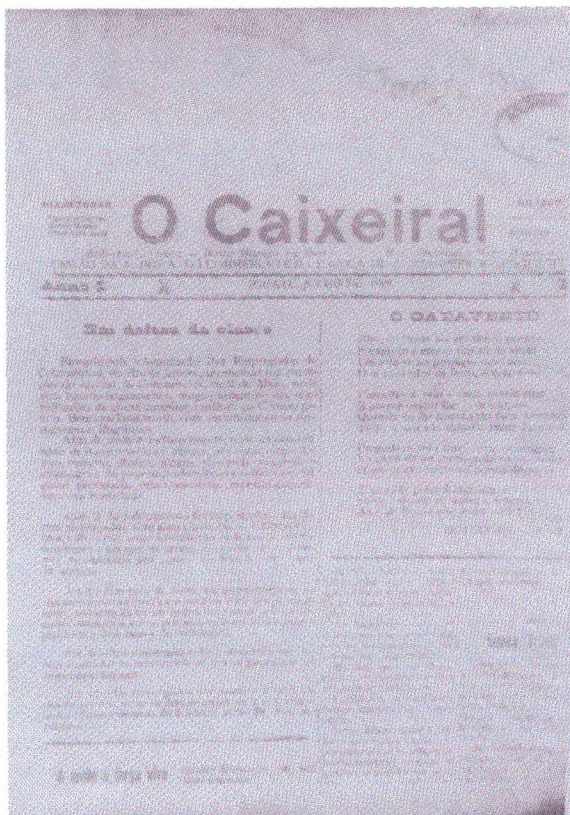
Para fazer crescer o merito, e assim a nossa pensão!

Este é o dia da nossa vitória, o dia da nossa glória, o dia da nossa honra. O Brasil é grande, o Brasil é forte, o Brasil é belo. O Brasil é o país do futuro, o Brasil é o país da esperança, o Brasil é o país da liberdade. O Brasil é o país da justiça, o Brasil é o país da verdade, o Brasil é o país da paz. O Brasil é o país da fraternidade, o Brasil é o país da solidariedade, o Brasil é o país da unidade. O Brasil é o país da harmonia, o Brasil é o país da concordância, o Brasil é o país da cooperação. O Brasil é o país da amizade, o Brasil é o país da simpatia, o Brasil é o país da compreensão. O Brasil é o país da tolerância, o Brasil é o país da paciência, o Brasil é o país da humildade. O Brasil é o país da mansidão, o Brasil é o país da bondade, o Brasil é o país da gentileza. O Brasil é o país da cortesia, o Brasil é o país da educação, o Brasil é o país da cultura. O Brasil é o país da ciência, o Brasil é o país da arte, o Brasil é o país da literatura. O Brasil é o país da música, o Brasil é o país da dança, o Brasil é o país do esporte. O Brasil é o país da recreação, o Brasil é o país do lazer, o Brasil é o país do descanso. O Brasil é o país da saúde, o Brasil é o país da higiene, o Brasil é o país da limpeza. O Brasil é o país da ordem, o Brasil é o país da disciplina, o Brasil é o país da responsabilidade. O Brasil é o país da honestidade, o Brasil é o país da integridade, o Brasil é o país da moralidade. O Brasil é o país da dignidade, o Brasil é o país do respeito, o Brasil é o país da consideração. O Brasil é o país da estima, o Brasil é o país da honra, o Brasil é o país da honra.



Fac-simile de primeira página do jornal Centelha, Órgão dos Interesses da Classe Caixeiral (Fortaleza, 1909). Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Fac-simile de primeira página do jornal O Escudo (Sobral, 1930). Órgão do Grêmio Literário Caixeiral Domingos Olímpio e Defensor da Classe Caixeiral Sobralense. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile da primeira página do jornal O Caixeiral (Iguatu, 1925), órgão da Associação dos Auxiliares do Comércio de Iguatu. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile da primeira página do jornal O Trabalho (Sobral, 1927), órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Sobral. Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

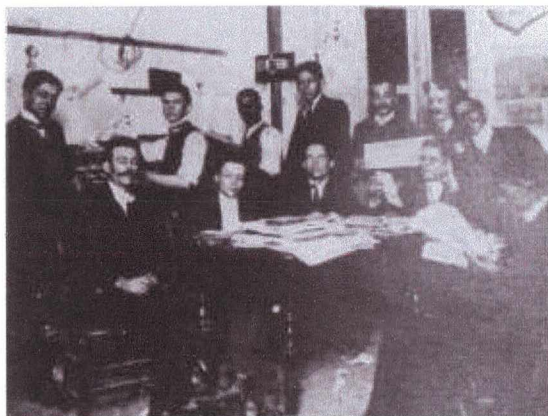


Fac-simile de primeira página do jornal O Trabalho (Sobral, 1928). Acervo Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Fac-simile de capa do número 1 da revista Phenix (Fortaleza, 1912), órgão dos alunos da Escola de Comércio Phenix Caixeiral. Acervo Jorge Brito, Brasília.

Primeira Parte – A Imprensa dos trabalhadores e os projetos político-pedagógicos



Nesta Primeira Parte passo a apresentar em grandes linhas os principais jornais selecionados no interior do *corpus documental* que dá sustentação empírica a este estudo. Os trabalhos anteriores que realizaram o valioso arrolamento dos títulos, datas e editores, estabeleceram sua classificação geral sob a rubrica de Imprensa Operária. Indiscutível ser esse arrolamento o ponto de partida deste trabalho que, no entanto, amplia o rol das publicações inventariadas até aqui, sendo esta a primeira contribuição, neste trabalho, ao campo dos estudos históricos, que elege o movimento operário no Ceará, e em particular sua imprensa, como núcleo de investigação.

Já no trabalho de localização das folhas operárias produzidas no Ceará e na leitura de estudos anteriores, firmou-se o que vem a ser a segunda contribuição: é insuficiente (e mesmo equivocado) contentar-se com a adoção da classificação genérica de Imprensa Operária como evidência de uma produção unívoca de sentidos. Nesse ponto imprescindível foi a paciente tarefa de reconstituição do contexto histórico e das condições materiais de surgimento e permanência no tempo dessa imprensa no Ceará.

Procurei me aproximar dos estudos que dirigem o foco para a imprensa como objeto do conhecimento, embora tenha encontrado valiosas colaborações em estudos

que adotam a imprensa como fonte; notadamente aqueles que buscam a reconstituição histórica da formação do movimento operário no Brasil.

Para as dificuldades divisadas no início do estudo, várias leituras indicaram caminhos (e deram alento). Seria maçante e impróprio enumerá-las aqui, mas faço questão de destacar algumas delas para que se tenha uma idéia, ainda que tênue, de como vão se encaixando as peças no quebra-cabeças da pesquisa.¹⁷

O contato com a historiografia portuguesa foi de fundamental importância para a realização deste trabalho, uma vez aberta a trilha inicial de consulta a determinados exemplares da imprensa operária daquele país na tentativa de localizar o grau de intercâmbio e recíprocas influências. O estudo de César Oliveira contribuiu sobremaneira para firmar uma baliza clara sobre o que se deve considerar como imprensa operária: *"a imprensa produzida no âmbito diverso e multifacetado da globalidade do movimento operário"*. Para o autor esta imprensa compreende *"os órgãos de comunicação social escrita, seja qual for a sua forma e natureza, produzidos no quadro global do movimento operário, independentemente da origem social da entidade ou das personalidades que os produziram ou escreveram"*, devendo o historiador atentar para a diversidade de expressões do movimento operário

"para além da expressão política e sindical, tais como as que concernem ao movimento associativo das classes trabalhadoras não-sindical e não-político e que envolve sociedades de socorros mútuos, sociedades recreativas, de instrução, filarmônicas, cooperativas de produção e consumo".¹⁸

¹⁷ Quanto aos estudos sobre a imprensa dos trabalhadores, remeto para o item *Livros, artigos, dissertações e teses – específico*, no final deste trabalho.

¹⁸ OLIVEIRA, César. *Antologia. Imprensa operária portuguesa (1837-1936)*. Lisboa: UGT/Perspectivas & Realidade, 1984, p. 5. Do mesmo autor *Imprensa operária no Portugal oitocentista (1852-1905)*. *Análise Social*, nº 39. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1983; e *A Revolução Russa na imprensa portuguesa da época*. Lisboa: DiAbril, 1976. Ver também BARREIRA, Cecília. *Sindicalismo e integralismo: o jornal A Revolução (1922-1923)*. In *Análise Social (O Movimento operário em Portugal)*, nº 67-69, pp. 827-838. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981; FREIRE, João. *"A Sementeira" do arsenalista Hilário Marques*. In *Análise Social*, v. 17, nº 3, pp. 767-826. Lisboa: s/e, 1981; MEDINA, João. *Um Semanário anarquista durante o primeiro governo Afonso* (continua)

O ensaio de Sílvia Petersen sobre as pesquisas regionais e a história operária brasileira constituiu um dos pontos de partida desta investigação. Suas observações acerca da não incorporação das expressões regionais do movimento operário em diversos estudos "nacionais" e da prática da história regional como possibilidade de aprofundar qualitativamente a investigação da história operária no Brasil forneceram elementos de suporte ao estudo. Como ainda as observações acerca da mobilidade da militância e sua trajetória mas sobretudo sua constatação de que algumas dimensões da cultura operária, como sua imprensa, poderiam ser redimensionadas e adquirir maior densidade explicativa na medida em que os estudos regionais pudessem recompor a sua rede de circulação pelo país.

Da reflexão de Petersen sobre a imprensa operária observei também pontos que se constituíram fundamentais como procedimentos de leitura e abordagem dos jornais pesquisados: a rede de colaboradores, as matérias publicadas, seu peso relativo junto aos leitores, a construção e a propagação de alguns discursos hegemônicos e as nuances regionais de processos nacionais.¹⁹

Costa: "Terra Livre". In **Análise Social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 735-766. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981; MÓNICA, Maria Filomena & MATOS, Luis Salgado de. *Inventário da imprensa operária portuguesa (1834-1934)*. In **Análise social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 1013-1078. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981; PEREIRA, Ana Paula de Brito. *As Greves rurais de 1911-1912: uma leitura através da imprensa*. In **Análise Social**, v. 19, pp. 477-511. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1983; SÁ, Vitor de. *Problemas e perspectivas num inventário da imprensa operária portuguesa*. In **Análise Social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 839-862. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981; _____. *Achegas sobre a primeira imprensa socialista*. In *Seara Nova*. Lisboa: Afrontamento, 1962; SANTOS, Fernando Piteira. *A Fundação de 'A Voz do Operário' - do absentismo político à participação no congresso possibilista de 1889*. In **Análise Social**, nº 67-69, pp. 681-694. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981; TORRAL, Luís Reis & HOMEM, Amadeu de Carvalho. *Ideologia salazarista e cultura popular: análise da biblioteca de uma casa do povo*. In **Análise Social (O Movimento Operário em Portugal)**, v. 18, nº 72-74, pp. 1437-1463. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981; e TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Portugália, 1965.

¹⁹ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. Op. cit., p. 91.

O estudo de Sílvia Araújo fez-me atenta às armadilhas de leitura da imprensa dos trabalhadores (como de qualquer outro registro formal) e indicou trilhas e atalhos, onde os caminhos não fossem tão aparentes. Embora seu estudo trate da imprensa sindical, no período de 1976 a 1990, algumas reflexões (afastadas as incursões à análise de discurso) de caráter teórico-metodológico (chegando à formulação e demonstração de paradigmas explicativos para essa imprensa) ajustam-se ao tipo de imprensa e ao período abordado neste trabalho.

Estas reflexões enfatizam as particularidades desse processo de comunicação social escrita, a natureza social de seus protagonistas e sua ação em distintos momentos da conjuntura sócio-política.²⁰

Essas características, em particular sua especificidade e dimensão histórica no movimento de organização dos trabalhadores, possibilitam tomar a imprensa dos trabalhadores como objeto de conhecimento, como é o caso deste estudo.

Dos paradigmas explicativos conforme formulação do estudo de Sílvia Araújo, alguns contribuíram para o trabalho e outros foram construídos como exercício da investigação histórica, configurando a imprensa dos trabalhadores como objeto de conhecimento, levando em conta que ela:

- é um meio específico de comunicação; sua matéria-prima, a fonte de onde emanam seus conteúdos é o meio para onde retorna;
- é veículo doutrinário e de ação organizativa. É imperativo, propõe ações, indica caminhos, conclama, interpela, convoca, exorta à ação, incita, instiga, pretende modelar condutas; o que não equivale dizer que possa ser autonomizado;

²⁰ ARAÚJO, Sílvia M. P. de. **Quando ler jornais é mais que informação – exercício de pesquisa: a constituição do objeto nas páginas sindicais**. Curitiba: PET/Curso de Ciências Sociais/UFPR, 1997.

- é fenômeno comunicativo que atua a partir dos sujeitos ou grupos que lhes fornecem o substrato doutrinário, conferindo-lhe o caráter de sujeito coletivo;
- é espaço de representação do real, sendo um registro valioso da situação e da visão de mundo dos trabalhadores em cada conjuntura, atento às suas vicissitudes, mudanças e permanências;
- configura modalidade de comunicação de classe. Seu surgimento está ligado à definição de objetivos distintos ou contrapostos aos interesses das classes dominantes;
- constrói um discurso específico. Uma vez caracterizada sua natureza de classe, se esforça para construir um léxico político próprio, ainda que matizado por influências da comunicação social escrita do seu tempo. Um discurso que opera modificações internas quando vão se diversificando e até conflitando os interesses e as agendas de reivindicação formuladas pelas diversas correntes;
- cria e recria (atualizando) termos: combate, solidariedade, união, pugna; consignas: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade, Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos*; alegorias e símbolos: 14 de julho, queda da Bastilha, Revolução Francesa, Abolição da Escravidão, Primeiro de Maio, Revolução Bolchevique, caros à tradição do movimento operário, no plano nacional e internacional.²¹

²¹ ARAÚJO, Sílvia M. P. de. **Quando ler jornais...** Op. cit. Refiro ainda como contribuição para firmar procedimentos metodológicos de abordagem dos jornais operários a leitura de PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS/FAPERGS, 1989; PETERSEN, Sílvia R. F. & LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tchê!, 1992; ARAÚJO, Sílvia. & CARDOSO, Alcina. *Jornais operários – metodologia para análise histórica do discurso operário na Primeira República.* In **História: Questões e Debates.** Curitiba: UFPR, 1983; ESPIG, Maria Janete. *O Uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado.* In **Estudos Ibero-americanos**, v. 24, nº 2, pp. 269-289, dez. Porto Alegre: PUC/RS, 1998; ELMIR, Cláudio Pereira. *As Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica.* In **Cadernos de Estudos do PPGH/UFRGS**, nº 13. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995; BORGES, Vavy Pacheco. *A Imprensa como fonte de pesquisa histórica: a experiência de uma década na PUC/SP.* In **Cadernos Intercom**, v. 2, nº 6, pp. 42-47, out./1986. São Paulo; RIBEIRO JR., José Cláudio N. *Os*
(continua)

Nos estudos de Maria Helena Capelato, apreendi a distinção entre a função da grande imprensa como porta-voz das elites e a de outro tipo de imprensa cujo objetivo era dar voz aos projetos e agendas de reivindicação das classes trabalhadoras e grupos minoritários. Como registro dos setores subalternos da sociedade, a maioria desses jornais adita ao papel de porta-voz a função de instrumentos de luta e organização, oferecendo possibilidades de reconstituição da história do movimento operário. Dos títulos aos eventuais anúncios, tudo é matéria a ser trabalhada como objeto do conhecimento.

Em relação ao conhecimento do passado, Capelato, pensando na clássica definição de Marc Bloch, afirma que o estudo da imprensa possibilita ao historiador "*acompanhar o percurso dos homens através dos tempos*", levando em conta que "*acompanhar a trajetória sinuosa dos sujeitos da produção jornalística é tarefa complexa*", destacando as qualidades intrínsecas à imprensa: "*registra, comenta e participa da história*".²²

Acolhendo e adaptando tais orientações metodológicas, formulei algumas indagações que contribuíram para apreender os sentidos inscritos na imprensa dos trabalhadores:

- quem é o editor ou o grupo editor do jornal;
- quem são os colaboradores;
- que assuntos e temas constituem sua matéria ;
- em nome de quem, fala;

Jornais operários como fonte histórica: a festa do povo. In **Cadernos Intercom**, v. 2, nº 6, out., pp. 38-41. São Paulo: Cortez, 1983; SIZANOSKI, Raquel. **Imprensa sindical: o trabalhador leitor** (mimeo.). Curitiba: UFPR, 1992; e ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa – algumas considerações metodológicas.* In **Projeto História**, nº 4, jun., pp. 89-102. São Paulo: PUC, 1985.

²² CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história...** Op. cit.

- qual seu público;
- quais suas formas de sustentação;
- que relações estabelece com seus congêneres;
- que argumentos retóricos utiliza junto a seu público e com quais objetivos;
- de seus objetivos, quais são apenas imediatos e quais se projetam no futuro;
- como discute seu diferencial em relação à imprensa burguesa;
- que ações busca desencadear junto aos sujeitos coletivos a quem se dirige e dos quais se alimenta; e
- como se manifesta ante as formas de interdição.

Com o objetivo de perceber e acompanhar, no tempo e no espaço, as diferenças que se vão delineando na trajetória de cada periódico e as diferenças e similitudes entre eles, outras indagações se apresentaram:

- como se situam frente às conjunturas político-econômicas;
- quais mudanças e permanências se operam na tonalidade de seu discurso frente às vicissitudes da conjuntura local;
- que relações (orgânicas ou não) estabelecem com seu público;
- como expressam sua característica essencial de porta-voz;
- quais projetos e agendas expressam;
- que influências doutrinárias fornecem substrato a seus enunciados;
- quais os níveis de relações estabelecidos com as idéias que circulam nos movimentos operários em escala nacional e internacional; e
- de quais matrizes se nutrem (de denúncia, contestação, crítica social, doutrinária, pedagógica, instrutiva, moralizadora, literária).

Tais procedimentos metodológicos objetivaram tratar o objeto Imprensa dos Trabalhadores não como uma categoria abstrata, muito menos unívoca. Partindo do

pressuposto de que ela é, ao mesmo tempo, uma produção demandada por um público com vistas à remodelação da vida social, recorri ainda uma vez a Capelato, captando sua função de sujeito que propõe práticas sociais individuais e coletivas, através do *"movimento vivo das idéias e personagens que circulam nas páginas dos jornais"*. Esse o caminho de desconstrução da *"categoria abstrata imprensa"*, porque faz *"emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social"*.²³

Esta formulação, capaz de apreender a imprensa dos trabalhadores como objeto do conhecimento, foi construída ao longo deste século a partir de significativas revisões a que foram submetidas as noções de documento, fonte, memória, história vivida, história construída, o que implicou alterações não menos significativas nas operações que dão substância ao ofício do historiador, em particular seus procedimentos de investigação donde resulta a *"história dos historiadores"*.

No que concerne ao jornal-documento, modificou-se a forma de abordá-lo; de *"documento-verdade"* cumpre agora tratá-lo à luz da problemática histórica: questionando-o. Nesse ponto, Capelato (como Michel Foucault) intensifica a reflexão sobre a concepção de documento: resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da sociedade que o produziu e também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver esquecido ou manipulado. Esse produto resulta de relações de força conflitantes, e do empenho de seus produtores para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de sociedade.

²³ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história...** Op. cit. Ver também CAPELATO, Maria Helena R. **Os Arautos do liberalismo. Imprensa paulista, 1920-1945.** São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 12.

Ao mesmo tempo em que modificações operadas nos níveis conceituais alteraram o procedimento do historiador diante do documento-jornal, a reflexão sobre a imprensa dos trabalhadores como objeto do conhecimento também se intensificou no último período. Onde antes se concebia a imprensa

"como espelho da realidade, passou a ser concebida como espaço de representação do real, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. (...) age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que são reproduzidas em outras épocas".²⁴

Sabedora de que existem diferentes formas de abordar a imprensa dos trabalhadores, defini aqui seu estudo como objeto do conhecimento, portanto, ela não é neste trabalho uma fonte complementar a ser cotejada com outros registros, e seu estudo está voltado para a compreensão das matrizes que geraram esta produção no Ceará, de 1862 aos anos 1920.

Dito de outro modo, escolher esta via de abordagem tornou possível:

- acompanhar, no tempo, o movimento e a circulação das idéias;
- analisar as doutrinas que informaram as práticas sociais, políticas e culturais dos fazedores desses jornais, revelando nuances e complexidades dessas práticas;
- perceber as ações dos indivíduos ou sujeitos coletivos, construindo seus projetos e os níveis conflituais presentes nos projetos díspares;
- visualizar os confrontos advindos das disputas de projetos, a expressão de idéias e práticas diferenciadas, permitindo apreender os referentes da atuação de diferentes grupos e a especificidade de seus interesses.

A análise dos periódicos nesta Primeira Parte do trabalho não privilegiou este ou aquele recorte temático. Como disse há pouco, do título aos anúncios, todo o material

²⁴ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história...**, Op. cit., p. 24.

constituiu chaves-de-leitura para firmar uma compreensão global e situar o grau de diferenças e similitudes de seus enunciados e projetos. Os artigos de apresentação – *Porque surgimos, Nosso programa* – e os artigos de fundo, essencialmente pedagógicos e doutrinários, revelam os pressupostos de seus projetos. Os artigos assinados, transcrições, excertos, textos epistolares revelam o intercâmbio e a mobilidade da militância e as influências presentes em suas formulações. Os *A pedidos, seção do povo, queixas*, acolhem as colaborações anônimas, ampliando a participação dos leitores e funcionam como estratégia de adesão. Os sonetos e as crônicas trazem os literatos e os jovens estudantes. Os anúncios, pagos ou não – fonte importante para perceber as mudanças que se vão operando no comércio, nas artes e nas indústrias – revelam ainda novos hábitos e atitudes no espaço da cidade e dão a conhecer os novos ofícios requeridos pela remodelação urbana e crescimento das atividades econômicas; os convites, extratos, traduções, listas de livros definem seu programa pedagógico: conferências, palestras, festivais, bandas de música, teatro, *meetings*, demonstrações de Primeiro de Maio; as seções do Movimento Operário fornecem dados sobre a organização de associações, sociedades de auxílio mútuo, de socorro, sindicatos de resistência, grupos de solidariedade, greves, prisões, deportações e o noticiário sobre outras regiões, alargando sua função pedagógica.

Assim, nesta Primeira Parte desejo que o leitor, ao tomar contato com a imprensa dos trabalhadores produzida no Ceará, desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, tenha uma visão geral dessa imprensa, de sua singularidade como instrumento de comunicação, organização, doutrina, opinião e educação, bem como das diferenças e das especificidades de cada título que, embora guardando características gerais similares, trazem enunciados distintos e apontam, a partir de sua mundividência, caminhos também diferenciados.

Na unidade seguinte, trato o surgimento, no Ceará do século XIX, dessa modalidade de comunicação social escrita, como fenômeno social, cultural e urbano, observando o tempo e o espaço social de sua construção, em relação ao contexto ao contexto histórico, e suas realidades materiais e sócio-culturais. Assim, a trama material e sócio-cultural do Ceará, na segunda metade do século XIX, adquire relevo e nela os precursores de práticas sociais, com acento no registro e na difusão da "palavra impressa".

1 – Os Precursores da "palavra operária"

Do longo período que recobre o século XVII, estendendo-se até a fase posterior a 1822, tem-se na economia do Ceará a predominância da pecuária extensiva e do investimento imobiliário nas fazendas de criar. É a região da pecuária, espécie de retaguarda da sociedade dos plantadores da cana-de-açúcar. Comparando a igual atividade na região do pampa gaúcho, Maria Isaura P. de Queiróz conclui que *"o que torna original o desenvolvimento da criação nesta zona é seu caráter complementar, em relação a uma outra atividade econômica reputada mais importante e localizada em sua vizinhança"*.²⁵

É a *"civilização do couro"*, na observação do historiador Capistrano de Abreu, com o largo aproveitamento dessa matéria-prima na confecção das roupas de vaqueiro, sacolas, mobiliário e seu beneficiamento para exportação de variados itens: solas, queijos, carne de charque, calçados, entre outros:

"pode-se apanhar muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito

²⁵ QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *Pecuária e vida pastoril. Sua evolução em duas regiões brasileiras*. In *Revista do IEB*, nº 19. São Paulo: IEB, 1977, p. 56.

*aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para cortume ou para apurar sal; para os açudes o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de boi que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz."*²⁶

Nas fazendas espalhadas pelo interior do Ceará, a prevalência da atividade pastoril associa-se à agricultura, combinando-se com a introdução da cultura algodoeira e desenvolvendo atividades artesanais variadas. Atividades que abarcam desde o fabrico de louças e potes de barro, telhas para as habitações, até um sem-número de objetos de uso doméstico, ou seja, a provisão material da utensilagem necessária à vida-de-todo-dia.

Com a cultura do algodão desenvolve-se a atividade manufatureira, com a confecção de panos grossos e a instalação dos teares nas casas de fazenda do sertão. Capistrano de Abreu, em seus estudos, faz menção à existência de casas sólidas no sertão com teares empregados no fabrico de redes e panos caseiros. Observação idêntica é feita por Charles Rybeyrolles que informa em seu **Brasil Pitoresco** sobre a vida em fazendas no Ceará, com oficinas de fiação organizadas para o fabrico do algodão da terra, do madapolão, do pano riscado, do brim. Em fins do século XIX, os registros informam sobre a existência de um grande número de teares, de propriedade de um mesmo indivíduo, formando assim um pequeno estabelecimento fabril especializado na produção de tecidos popularmente conhecidos como "cacondé".²⁷

É nesse quadro que se dão as primeiras tentativas de industrialização no Ceará, com alguns experimentos que tentam romper com a predominância da atividade agro-

²⁶ ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. Rio de Janeiro: Briguet, 1969, p. 161.

²⁷ NOBRE, Geraldo. **O Processo histórico de industrialização do Ceará**. Fortaleza: SENAI/DR-CE, Coordenadoria de Divulgação, 1989, p. 36.

pastoril. Na primeira metade do século XIX, em decorrência do esboço da política industrial do Príncipe Regente D. João incentivando a criação de fábricas nacionais, idéia gestada sob a égide do pensamento liberal, mas de conteúdo marcadamente mercantilista, ocorre o temporário funcionamento de um laboratório sob a orientação do naturalista João da Silva Feijó, com o fim de realizar o aproveitamento das minas de salitre. Instala-se uma fábrica de louça vidrada, também de vida efêmera, que figura nos registros documentais como tendo sido *"o principal empreendimento de caráter industrial desde o início da colonização"*.²⁸

Ao lado desses experimentos de vida curta, os documentos indicam as tentativas, sem sucesso, de montagem de estabelecimentos industriais no Ceará antes dos anos 1880. Vinícius Barros Leal descreve que:

*"Em 1872, os Albano e os Justa, ensaiaram a industrialização do algodão montando uma fábrica de tecidos que teria sido a primeira do Ceará, mas infelizmente o próprio Ministério da Agricultura, que deveria ser o mais interessado na iniciativa, barra o êxito da empresa, negando os privilégios solicitados pelo Coronel Joaquim da Cunha Freire, futuro barão da Ibiapaba, e os seus sócios."*²⁹

O citado Joaquim da Cunha Freire já tivera a iniciativa infrutífera de instalar estabelecimento para a exploração industrial dos recursos naturais, através da extração de óleo de oiticica, para o aproveitamento em fábrica de sabão. Elias Malmann informa que: *"Em 1877, o farmacêutico Cândido Franklin Amaral (Barão de Canindé) e o negociante João Reydner contratam a fundação de uma ou mais fábricas de tecidos de algodão nos termos da Lei N. 1473 de 22 de novembro de 1877"* e que *"Em 1880, o farmacêutico João Moreira Rocha e o negociante João Cordeiro contrataram com o governo da Província o estabelecimento de fábrica de tecidos de algodão com o*

²⁸ NOBRE, Geraldo. *O Processo histórico...* Op. cit., p. 38.

*privilégio de 20 anos nos termos do artigo 18 da Lei Provincial de 11 de novembro de 1879.*²⁹

Adotando a análise do quadro de dificuldades por que passa o processo de industrialização no Brasil, nos meados do século XIX, traçado por Nícia Vilela Luz, observa-se que as condições de industrialização no Ceará guardam relação com as alterações conjunturais na vida nacional:

*"O processo de industrialização revelava-se, contudo, penoso. Atribuíam-se as dificuldades à falta de capitais, os existentes aplicando-se preferencialmente a outros tipos de atividade econômica; à ausência de mão de obra capacitada, de máquinas; e ao esmorecimento que de imediato sucedia aos entusiasmos iniciais."*³¹

Para a autora, há um conjunto de variáveis que explica o descenso do incipiente impulso industrial de curta duração, em meados do século XIX, dentre outras, a ausência de capitais, as dificuldades de mão-de-obra qualificada, a concorrência de empreendimentos mais lucrativos e a proteção inadequada por parte do Governo.

O que se encontra em funcionamento no Ceará, no período mencionado, é um elevado número de oficinas com teares, engenhos movidos a tração animal para o aproveitamento da cana, fabrico de açúcar e rapadura, casas para aviamento da farinha de mandioca, oficinas para o preparo da carne seca e curtimento dos couros, entre outras atividades manufatureiras. Segundo os registros da época, a única atividade a empregar maquinaria e desenvolver uma produção regular é a de composição e impressão, nas tipografias. Já nos anos 1830 e 1840, alguns pequenos prelos encontram-se instalados na

²⁹ LEAL, Vinícius Barros. **Sociedade Beneficente Dous de Fevereiro**. Apud Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem (1880-1950)**. Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989, p. 47.

³⁰ MALMANN, Elias. **Fortaleza histórica**. In BEZERRA, Paulo (org.). **Álbum de Fortaleza**. Fortaleza: Oficinas Gráficas Meton Gadelha, 1931 (original sem numeração de página).

³¹ LUZ, Nícia Vilela. **A Luta pela industrialização do Brasil**. Pref. de João Cruz Costa. São Paulo: Alfa Ômega, 1978, p. 36.

província para a impressão de panfletos e pequenos jornais. Data de 1822 a instalação da primeira tipografia no Ceará.³²

O chamado "primeiro surto industrial" no Ceará ou "primeiro surto de investimentos", datado dos fins do século XIX (1881-1895) guarda estreita relação com fatos da conjuntura internacional e nacional, com a intensificação da produção algodoeira no plano local. Por isso, é o empreendimento fabril no setor têxtil que vai iniciar o processo de industrialização no Ceará, com a instalação da Fábrica de Tecidos Progresso, considerada a primeira unidade fabril de grande porte no Ceará, de propriedade de Antônio Pompeu, Tomás Pompeu Filho e Antônio Pinto Nogueira Acioli. Ao primeiro coube a iniciativa de deslocar-se à Europa para a aquisição de máquinas e equipamentos industriais, além de proceder a observação quanto ao funcionamento das grandes unidades fabris européias no setor de fiação e tecelagem.

No entendimento de Geraldo Nobre, mesmo esse empreendimento, apesar do grande porte para as condições da época, deve ser entendido como experimento isolado, devido ao fato de não se inscrever em uma política de industrialização para o Ceará. Entende Nobre que a instalação da Fábrica Progresso "*decorreu, exclusivamente, do arrojo de seus fundadores*".³³ Tal afirmação, encontrada em outros estudos sobre o

³² Em levantamento feito a partir da leitura da *Revista do Instituto do Ceará* e do *Almanach do Ceará*, para o século XIX, encontro referência a um número alentado de tipografias, de porte variado, várias de duração efêmera e mudando de proprietário. São elas: Tip. Estado, Tip. Ceará Libertador, Tip. Apollo, Atelier Louis, Tip. Nacional do Ceará, Tip. Patriótica, Tip. Constitucional, Tip. Cearense, Tip. Fidelíssima, Tip. Social, Tip. Brasileira, Tip. União, Tip. Independente, Tip. Popular, Tip. Econômica, Tip. Universal, Tip. Moderna a vapor, Oficina Studart, Tip. Minerva, entre outras. Convém assinalar que o aparecimento de uma quantidade expressiva de estabelecimentos tipográficos não significa que sejam bem aparelhados. Convive o setor com as dificuldades próprias do meio, sendo exemplar a declaração do jornal *Gazeta Cearense* (1829) justificando sua publicação apenas duas vezes ao mês, em razão da falta de tipos.

³³ NOBRE, Geraldo. *O Processo histórico...* Op. cit., p. 119. Para o estudo da industrialização no Ceará, ver entre outros: BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *A Cultura do algodão especialmente no Ceará*. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1925; VIANA, Carlos Negreiros. *A Indústria têxtil de algodão no Ceará (1881-1973). Uma Experiência de industrialização fora do Centro-Sul*. Fortaleza: SENAI/FIEC, s/d; GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1947; LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As Razões de uma cidade: conflito de hegemonias*. Fortaleza: Stylus, 1991; (continua)

início da industrialização no Ceará é questionável, parece um excesso cometido por um certo tipo de análise, ao creditar às iniciativas industrializantes a exclusividade do arrojo dos empreendedores, retirando a devida historicidade das condições objetivas que estão a propiciar o advento da industrialização no Ceará.

Associada ao crescimento da cultura do algodão, instalam-se as fábricas de redes de dormir e a indústria de fios e tecidos no interior do Ceará, em Sobral e Aracati, usinas de beneficiamento daquela matéria-prima e de fábricas de sabão em Senador Pompeu, Iguatu, Acopiara, Quixadá, entre outros locais. Além da ampliação dos ramos tradicionais, cotonicultura e pecuária, há uma diversificação da agricultura e dos produtos de subsistência.

A intensificação da exportação de algodão, no período de 1864-1875, promove o alargamento das relações comerciais com a Inglaterra, estabelecendo em 1866 linhas de navegação entre Fortaleza e Liverpool. Desse período é também o estabelecimento dos novos agente comerciais através das casas exportadoras inglesas, mas principalmente francesas.

É no quadro da industrialização incipiente, com a predominância do setor têxtil como atividade fabril, que vão surgindo as tipografias e com elas os jornais das facções partidárias começam a ser impressos e circular no Ceará Provincial. Àqueles primeiros jornais do século XIX seguem-se os periódicos, folhetos, opúsculos, folhetins, panfletos, discursos, poemas, relatórios, livros, revistas, as folhas literárias dos jovens intelectuais. É a difusão da palavra impressa representando as artes, os ofícios, a

GUABIRABA, Maria Célia de Araújo (coord.). **Ceará – A Crise permanente do modelo exportador**. Fortaleza: IMOPEC, 1989; SAMPAIO FILHO, Dórian. **A Industrialização do Ceará. Empresários e entidades**. Fortaleza: SENAI/DR-CE/Coordenadoria de Divulgação e Documentação, 1987; ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem (1880-1950)**. Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989; ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, capital e** (continua)

primeira experiência de formação de partido operário, as primeiras greves. É a circulação das idéias entre abolicionistas, republicanos, socialdemocratas, socialistas, anarquistas, acompanhando as mudanças finisseculares e chegando às primeiras décadas do século XX.

As condições de produção dessa imprensa no adiantado do século XIX são entendidas no interior das mudanças que se vão estabelecendo na provinciana Fortaleza.

Em Raimundo Girão o quadro do período é apresentado de modo esclarecedor:

"De rigor, a Capital do Ceará só depois do meado do século [XIX] experimenta mais positivos alentos na sua vida social, econômica e cultural. Aos poucos, recebe os integrativos de uma infra-estrutura mais adequada, capazes de emparelhá-la às capitais mais adiantadas do país. Vêm os calçamentos, a iluminação a gás carbônico, o serviço de abastecimento d'água, o transporte coletivo, o telégrafo, o telefone, a via férrea ligando-a ao sertão, trazendo passageiros e cargas, o que engorda o seu comércio, já bem favorecido com o melhor movimento das exportações marítimas, com os navios a vapor, nela tocando regularmente. Primeiro, os das companhias Maranhense, e, depois, os da Booth Steam Co. Ltd e da Red Cross Line of Mail Steamers, estas duas últimas fazendo o intercâmbio com as praças da Europa. (...)"³⁴

Apreciado o quadro do ponto de vista da expansão do capitalismo, é certo que os navios a vapor, os caminhos de ferro, o telégrafo, o telefone facilitam a integração ao mercado nacional e criam condições de regularidade de comércio no plano internacional, mas não se pode reduzir todo esse volume de modificações como o trânsito de "passageiros e cargas", uma vez que se operam significativas transformações na vida cultural e sócio-política, incidindo também no crescimento da imprensa. Encurtadas as distâncias e superado o relativo isolamento, mais que passageiros e

industrialização do Nordeste. Rio de Janeiro: Zahar, 1981; LEITE, Ana Cristina. **O Algodão no Ceará. Estrutura fundiária e capital comercial, 1850-1880.** Fortaleza: SECULT, 1994.

³⁴ GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica.** 2ª ed. Coleção Alagadiço Novo. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1997, p. 27. Veja-se também para o estudo do período o trabalho de BEZERRA, Antonio. *Descrição da cidade de Fortaleza.* In **Revista do Instituto do Ceará**, v. 9, 1895, pp. 147-290.

cargas, observa-se a "*circulação de pessoas e idéias*"³⁵, algumas da última subversão em voga nos círculos europeus.

Se nas primeiras décadas do século XIX, no Nordeste do Brasil a experiência cosmopolita era diminuta e o ambiente intelectual estava marcado por uma pobreza provinciana, a desigual e descontínua circulação de idéias vai sendo alargada. Pouco a pouco encontra eco junto a um público reduzido e dispar: comerciantes das casas exportadoras, estudantes de liceus, preparatorianos e dos cursos jurídicos, professores, empregados da função pública, militares, livreiros, tipógrafos, literatos, livres-pensadores, membros de irmandades secretas, padres, entre outros.

Dito de outro modo, até onde e de que modo o iluminismo, via Ilustração Européia, alcança e se desenvolve na América portuguesa? Lentamente, com variantes, mas "*é o fermento iluminista que se prolonga por quase todo o século XIX*", como registra Gláucio Veiga, para quem "*aqueles nascidos em Pernambuco e no Nordeste, (...) sentiram que não se tratava apenas de uma revisão antes uma "revolução mental", prenunciadora de algo misterioso, porém inovador*". No dizer da época era uma "premunição" de que "*o mundo está dobrando uma esquina*".³⁶

Aqui é pertinente recorrer à cautela metodológica sugerida por Wilson Martins para o estudo deste período: "*chamado com enorme latitude terminológica de Iluminismo Brasileiro tenha sido um período contraditoriamente caracterizado pela repressão contra as idéias ilustradas*".³⁷

³⁵ A esse respeito, ver OLIVEIRA, César. *Antologia. Imprensa operária portuguesa (1837-1936)*. Lisboa: UGT/Perspectivas & Realidade, 1984.

³⁶ VEIGA, Gláucio. *História das idéias da Faculdade de Direito do Recife*. 2 vols. Recife: Ed. Universitária, 1981, p. 87.

³⁷ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. V. 1, São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978, p. 454.

Não obstante as dificuldades quanto à circulação de idéias, a formação de uma opinião pública, liberdade de expressão e condições de funcionamento livre e regular da imprensa, os movimentos de contestação, de protesto e de revolta, são demonstrações do inconformismo e expressam elementos de coesão, conformando um arcabouço ideológico de novo tipo e construindo um novo léxico político.

As gazetas e as revistas cumpriram destacado papel na difusão das idéias nas últimas décadas do século XIX. Não se pode subestimar sua função, pois, de múltiplo alcance: ampliaram o número de leitores, tornaram possível o acesso às recensões e extratos de obras e a divulgação de listas de livros editados na Europa; fonte permanente dos jornais editados na Província, alimentando suas colunas de filosofia, literatura e política. Cumpre assinalar o caráter de permanência do jornal à época: fonte de informação, suas coleções encadernadas são encontradas nas bibliotecas e gabinetes de leitura. Fontes da época indicam a presença de jornais franceses e revistas nas bibliotecas ou gabinetes particulares de leitura, além das revistas.³⁸

É preciso, pois, situar o desenvolvimento da atividade jornalística no Ceará desde o século XIX, como parte do contexto de produção e circulação das idéias conforme observado nas últimas décadas do século passado. Para Pedro Paulo Montenegro, naquele período o Ceará "*rasgou um panorama de verdadeira efervescência filosófica e literária*". Afirmação feita com base em Tristão de Athaide, que em seus **Estudos**, referindo-se ao Ceará, aponta três movimentos diversos:

"O Movimento Filosófico de 1870, com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, João Lopes, Tomás Pompeu; o Movimento Político de 1880, em torno do qual se faz todo o jornal O Libertador e a Revista A Quinzena, e, finalmente, o Movimento Literário de 1890, com a fundação da Padaria

³⁸ A esse respeito, consultar VAUTHIER, Louis Léger. **Diário íntimo do engenheiro Vauthier, 1840-1846**. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940 e HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil (sua história)**. Trad. Maria da Penha Villalobos & Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.

Espiritual e do seu órgão, O Pão, pela geração de Farias Brito, Antônio Sales, Adolfo Caminha, Oliveira Paiva e outros".³⁹

Tais "movimentos" participam, repito, do capítulo da história do pensamento brasileiro conforme se esboçava nas três últimas décadas do século XIX. Sílvio Romero localiza 1870 como um período em que

"novos matizes de idéias, originados na filosofia dos séculos XVII e XVIII, começam a impregnar a vida intelectual brasileira. O positivismo, o naturalismo, o evolucionismo, enfim, todas as modalidades do pensamento europeu do século XIX, vão-se exprimir agora no pensamento nacional e determinar um notável progresso de espírito crítico".⁴⁰

Observação idêntica é feita por Soriano de Albuquerque em seu estudo sobre as **Fases da desenvolvimento mental cearense**: o Ceará não foi estranho ao influxo da renovação intelectual e da intuição científica do mundo. Para Soriano, pode-se afirmar que,

"sob a influência das novas idéias, provindas das filosofias comtista, spenceriana e haeckeliana que faziam prosélitos no Brasil – dois centros nortistas de cultura muito se salientaram – o de Pernambuco, devido à mentalidade poderosa de Tobias Barreto e o do Ceará, sob as sugestões do fulgurante espírito de Rocha Lima".⁴¹

³⁹ ATHAIDE, Tristão. **Estudos**. Apud MONTENEGRO, Pedro Paulo. **Discurso de posse na Academia Cearense de Letras**. In GIRÃO, Raimundo (org.). **Falas Acadêmicas**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. Como exemplos do panorama filosófico-literário do período, são a Fênix Estudantil (1870), da Academia Francesa e sua Escola Popular (1874), com Rocha Lima, Xilderico de Faria, João Brígido, João Ferreira Lopes, Tomás Pompeu, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, grupo ao qual se agregou, em 1874, Nicolau França Leite, positivista, engenheiro, transferido de São Paulo para trabalhar como fiscal de obras da Estrada de Ferro de Baturité; o Gabinete Cearense de Leitura (1875), o Clube Literário (1886), o Instituto do Ceará (1887), a Escola Militar (1889), o Centro Literário (1892), a Padaria Espiritual (1892), a Academia Cearense de Letras (1894); e, como precursor, os "Outeiros", reuniões literárias presididas por Manuel Inácio de Sampaio, um dos últimos governadores do período colonial, com as presenças, entre outros, de José Pacheco Spinosa, Antônio de Castro e Silva, Pedro José da Costa Barros, Lino José Gonçalves de Oliveira e Manuel Correia Leal.

⁴⁰ ROMERO, Sílvio. **Provocações e Debates**. Porto: Livraria Chardon, 1910, p. 359.

⁴¹ MONTENEGRO, Abelardo F. Soriano de Albuquerque. **Um Pioneiro da Sociologia no Brasil**. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977, p. 60. Sobre a recepção do pensamento de Spencer no Brasil, ver COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956; LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil**. 2ª ed. Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967; e GRAHAN, Richard. *Spencer e o progresso*. In **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1850-1914**. Trad. Roberto Machado de Almeida. São Paulo: Brasiliense: 1973, pp. 241-260.

Do já citado Pedro Paulo Montenegro é a afirmação que se pretende certa: "*Fortaleza não fugira à regra geral e, ao lado do Recife, era outra janela aberta por onde penetrava o influxo filosófico-literário europeu.*"⁴² Em João Alfredo Montenegro, os partidários das novas ideologias, em sintonia com o surto da mentalidade modernizante, lançam-se em campo divulgando as suas convicções, defendendo-as acerbamente em livros, em polêmicas e até no jornalismo.⁴³

Também na memorialística do período, é aguda a percepção de que se experimentava nas últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do século XX, o contato com as "novas idéias", buscando construir novas práticas sociais, que adquirem nervura ideológica com a militância dos difusores de idéias.

Ainda que se aceite a visão desses estudiosos apresentando o painel do movimento das idéias no Ceará do século XIX, parece ser um pequeno e pouco lido estudo de José Ramos Tinhorão a ampliar o panorama da história do período, situando o cadinho das idéias num quadro de adensamento das populações urbanas (é o caso de Fortaleza), da liberação da economia cearense (em relação aos interesses de Pernambuco), da diferenciação econômica gestando uma classe média (amanuenses, caixeiros, estudantes, empregados da função pública, profissionais liberais e pequenos comerciantes). Em Tinhorão o argumento tem força esclarecedora quanto ao crescimento das camadas médias das cidades e os movimentos intelectuais:

⁴² MONTENEGRO, Pedro Paulo. **Discurso de posse...** Op. cit., p. 54.

⁴³ MONTENEGRO, João Alfredo de S. **História da idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará.** Fortaleza: Ed. UFC, 1996, p. 12. Para maiores informações sobre a história das idéias no Ceará, ver GIRÃO, Raimundo. **A Academia de 1894.** Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975; _____. **História da Faculdade de Direito do Ceará.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960; RODRIGUES, José Honório. *O Ceará e sua historiografia.* In **Notícia de Vária História.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951; ALBUQUERQUE, Soriano de. **Memória Histórica da Faculdade de Direito do Ceará.** Fortaleza: Typo-lithographia a Vapor, 1906; MONTENEGRO, João Alfredo de S. **O Trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978).** Fortaleza: BNB, 1992.

*"O aparecimento dos numerosos movimentos intelectuais no Ceará, surgidos à sombra de academias, gabinetes de leitura e sociedades literárias – desde a Academia Francesa, de 1872, até a Padaria Espiritual, de 1892 – prende-se, fundamentalmente, ao advento de uma classe média nas principais cidades da província e, acima de tudo, em Fortaleza."*⁴⁴

É nesse contexto que a imprensa participa ativamente, ao lado das associações e dos grêmios literários. O estudo de José Aurélio Saraiva Câmara situa de modo apropriado a nascente atividade intelectual na Fortaleza de 1870: *"A capital cearense, ao iniciar a década de 70 já reunia, malgrado sua pequenez urbana e demográfica, condições propícias à atividade intelectual"*. Como esforço de mediação entre a "pequenez urbana" e a "atividade intelectual", enfatiza a existência de bens culturais, para ele, os signos da mentalidade modernizante: *"Que cidade de vinte mil habitantes editava então seis jornais, dos quais quatro diários, e dispunha de seis colégios, sete tipografias, vários comerciantes de livros e uma Biblioteca Pública onde se enfileiravam perto de seis mil volumes?"*⁴⁵

Essa visão otimista não é compartilhada no estudo de Alcântara Nogueira, para quem na Fortaleza desse tempo, eram *"reduzidos os que, realmente, estavam em condições de participar dos embates intelectuais"*. Sustenta seu argumento na caracterização do meio "acanhado e subdesenvolvido", produto da organização sócio-política vigente. Embora seu juízo seja esclarecedor quanto ao provincianismo e conservadorismo dominantes, cresce de importância a investigação sobre as iniciativas que tentam alargar o campo intelectual, via embate de idéias.⁴⁶

⁴⁴ TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 21.

⁴⁵ CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1960, p. 54.

⁴⁶ NOGUEIRA, Alcântara. **O Pensamento cearense na segunda metade do século XIX (em torno do centenário da morte de R. A. da Rocha Lima)**. Pref. de Pinto Ferreira. Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia, Secção do Ceará/Sociedade Cearense de Geografia e História/Casa de Juvenal Galeno, 1978.

Ainda que não sejam numerosos os que falavam a "linguagem do século e do progresso", como quer Alcântara Nogueira, ainda que os dedos das mãos sejam suficientes para contar o número de jornais, escolas e tipografias, é possível perceber mudanças no desenho da vida cultural de Fortaleza no meado do século XIX, porque em processo de mudança estavam os lugares sociais e os sujeitos. Ressalte-se que esse quadro de relativa efervescência filosófico-literária é observável em outras cidades do Ceará e não apenas na capital. Do Crato vem o exemplo de Soriano de Albuquerque como redator-chefe do **Correio do Cariri** em 1904. No dizer de Abelardo Montenegro, embora sendo órgão do Partido Republicano Conservador, Soriano, ao definir suas aspirações em torno do jornal, *"fazia mais literatura do que política partidária. É que o fiel discípulo de Paulo de Arruda [de Recife] compreendia o jornal como força propulsora do progresso intelectual e que, portanto devia pairar acima de todo e qualquer facciosismo."*⁴⁷

Os dados constantes do **Almanach do Ceará** indicam os anos 1870 como sendo o período de aparecimento de um maior número de jornais, em sua maioria de pequeno formato e pequena circulação, mas vários deles dispondendo de oficinas próprias com capacidade de impressão de um conjunto diversificado de publicações. Segundo Vinicius Barros Leal, dessa década data a instalação em Fortaleza, de várias tipografias. De duração efêmera, algumas sendo vendidas para o interior ou trocando de proprietário, poucas sobreviviam um tempo maior e *"muitas delas de mínimos recursos, improvisadas, com material feito pelos próprios artistas, nos fundos dos quintais."*⁴⁸

⁴⁷ MONTENEGRO, Abelardo F. **Soriano de Albuquerque...** Op. cit., p. 33.

⁴⁸ LEAL, Vinicius Barros. **Os 90 anos da Tipografia Minerva** (discurso proferido no Instituto do Ceará). Fortaleza: Instituto do Ceará, 1983, p. 10.

Se a característica de vários empreendimentos tipográficos era a vida curta, mínimos recursos e a improvisação, é do mesmo pesquisador a informação que outras tipografias,

*"até mesmo geridas por pequenas corporações, como a dos tipógrafos, conseguiram atravessar alguns anos, com muita luta. Na rua da Palma, 51, trabalhavam muitos profissionais em regime de mútua colaboração, na defesa de uma classe que progredia e precisava do apoio do povo".*⁴⁹

Tal é o caso dos jornais em seguida apresentados, frutos da atividade associativa dos tipógrafos no Ceará do século XIX, como precursores da "palavra operária".⁵⁰ Os anos 1860 marcam o aparecimento da imprensa dos trabalhadores no Ceará. Apresentando o dístico *A União faz a força* e *A Perseverança tudo alcança*, o jornal **União Artística** é publicado em Fortaleza, em 1863, tendo como redatores José Flaminio Benevides e João Eduardo Torres Câmara, sendo impresso por José da Cunha Bezerra, na Tipografia Industrial. João Câmara, considerado um dos pioneiros do jornalismo literário no Ceará, tendo participado do **Echo Juvenil** (1859), *d'A Lua* (1860), *d'A Beata* (1861) e do **Philolitera** (1862); é no **União Artística** que exercita uma escrita de "defesa dos interesses de sua arte". Ao que parece, o possível veio literário de João Câmara ou seu engajamento associativo é substituído pelo trabalho de muitos anos (ocupando funções administrativas) n'**O Cearense**, na **Gazeta do Norte**, n'**O Libertador** e n'**A República**. De sua lida com a palavra impressa são também o **Almanach da Cidade de Fortaleza** (1895) e o **Almanach administrativo, estatístico, mercantil e industrial do Ceará** (1896), ambos impressos na tipografia *d'A República*.⁵¹

⁴⁹ LEAL, Vinicius Barros. **Os 90 anos...** Op. cit., p. 10.

⁵⁰ Trago a expressão "palavra operária" de GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

⁵¹ Para maiores informações sobre João Câmara, consultar NOBRE, Geraldo. **As Sete vidas de Gilberto Câmara**. Fortaleza: ABC, 1999.

O Artista, dos anos 1862, teve seu primeiro número publicado em 7 de março, na Tipografia Brasileira, em Fortaleza. Jornal semanal, impresso por João Evangelista, traz como epígrafe, os versos:

*"O trabalho como as águas do batismo,
Os homens purifica e os enobrece,
Estampa-lhes tal graça e brilhantismo,
Que a própria mão da Parca não fenece.
Mais vale na tripeça o sapateiro
Que o neto de barões sedicioso
Pois um é patriota verdadeiro,
O outro, um fardo inútil, vergonhoso."*

Em números subsequentes, aparece como dístico esta assertiva: *"A democracia é a alma em sua pureza. A pureza d'alma é a ilustração do espírito. Os poetas são democratas. A democracia é co-irmã da liberdade. Quem ama a liberdade é democrata. Ela só conhece por nobreza, a dos sentimentos."*⁵²

Nesses primeiros jornais, se anuncia o propósito de marcar a diferença com a linguagem corrente no jornalismo praticado pelas facções políticas. Sem entrar no mérito (para eles não havia) das disputas entre conservadores e liberais – visto que o dito popular lhes parecia mais sábio: *eram vinho da mesma pipa*, ou à maneira cearense do tempo, *fubá do mesmo moinho* –, os tipógrafos, se apropriando da *linguagem do século e do progresso*, imprimem seus primeiros jornais e, de modo quase sincrônico, esboçam seus projetos associativos. Afinal, o jornal em si era, para eles, um veículo aglutinador. Na unidade que se segue, **O Typographo** (1866), **O Colossal** (1878) e **A Greve** (1882) participam do enredo como dimensão importante da experiência coletiva dos tipógrafos, considerados, à época, o grupo mais coeso em *defesa dos interesses de sua arte*.

⁵² Studart, em seu **Para a história do jornalismo cearense** (Fortaleza: Typ. Moderna, 1924), afirma, com base na leitura do artigo de apresentação d'**A Liberdade** (29 de junho de 1863), que o jornal nasce da
(continua)

2 – Os Tipógrafos se fazendo "jornalistas da classe"

Quem eram os primeiros tipógrafos no Ceará, como aprenderam seu ofício, que habilidades técnicas deveriam ter, que truques do ofício desenvolviam na prática? Em 1831, o português Cantafino exercia o ofício em Aracati no jornal **Clarim da Liberdade**. Como ele, em Fortaleza e no interior alguns portugueses terão sido os mestres na arte tipográfica. Tendo as próprias oficinas como escolas, os primeiros e mais notáveis mestres vêm de Pernambuco, como Francisco José de Sales (1824)⁵³, outros chegam do Maranhão, como Galdino Marques de Carvalho e Odorico Colás. Alguns tornaram-se aprendizes do ofício até de modo inusitado. Relatam os cronistas que em 1835, quando o governo provincial ordenou o recrutamento dos operários do **Correio da Assembléia Provincial**, seu editor, o açoriano Jorge Accursio, em apuros para manter a publicação, fez ensinar a arte da composição tipográfica às duas filhas mais velhas. Fato assemelhado se repete em 1853, quando do recrutamento dos tipógrafos d'**O Commercial**, seu proprietário, Francisco Luiz de Vasconcelos, transforma em tipógrafas sua mulher e uma cunhada.

Alguns prelos eram montados a partir do engenho e arte de certos pioneiros, driblando a rusticidade do meio. Tal é o exemplo do caixeiro Zacarias de Souza, que fabricou um tosco prelo de madeira e da casca do jacarandá. Talhou a canivete os tipos para a composição do primeiro jornal de Quixadá – **O Matuto** (1896).⁵⁴ Para as oficinas

vontade de Cerbelon Verdeixa. Sobre Verdeixa, ver o estudo de Waldy Sombra (SOMBRA, Waldy. **Padre Verdeixa. O Canoa Doida**. Fortaleza: UNIFOR, 1996).

⁵³ Segundo a ata da sessão do estabelecimento da Tip. Nacional do Ceará, de 29/03/1824, acompanharam Francisco José de Sales, como seus coadjuvantes e para instruir a mocidade, os compositores Felipe José Fernandes Lana e Urbano do Espírito Santo.

⁵⁴ Além de Zacarias de Souza, a empreitada se completava com a adesão de Liberato Nogueira, como redator, e Luiz Carvalho, como administrador do jornal. Veja-se o relato de SOUSA, José Bonifácio de.

(continua)

das folhas de maiores posses, os prelos vinham do Rio de Janeiro, enquanto outros faziam travessia mais longa. Vinham de Londres e eram saudados com júbilo. Em 27 de agosto de 1882, a Sociedade Cearense Libertadora noticia a chegada do novo prelo através de um boletim, finalizado com os versos:

*"Na torpe selvageria
Da treva na escuridão
De raiva contorcem-se os vis
Negreiros desta nação.*

*Deste povo cearense
Chegou no Amazonense
A voz da opinião
Os ecos digam na serra.*

*De Alencar sobre a terra
Ressurge a luta em ação.*

*Os tipos e o PRELO NOVO
Areias pisam de cá
Viva o povo cearense
Viva o livre Ceará!*

*Salve, pois, libertadores,
Punhado altivo de bravos!
Nesta terra das palmeiras
Não pode haver mais escravos.¹⁵⁵*

Afinal, adquirir uma tipografia⁵⁶ é aspiração ou necessidade de vários e até uma forma de resolver contendas que se travam entre as folhas. Os redatores d'O

Quixadá de fazenda a cidade, 1755-1955. Fortaleza: IBGE/Conselho Nacional de Estatística, 1960. Sobre Zacarias de Souza: *"Com muito engenho e arte, sobretudo com muita paciência e tenacidade, Zacarias lavrou a canivete, em casca de cajazeira, os tipos necessários à composição do jornal e conseguiu imprimi-lo em um tosco prelo de madeira., também por ele fabricado nas poucas horas que poderiam sobrar aos afazeres de um caixeiro, naqueles tempos"* (p. 107). Apesar da precariedade de condições em que surge, o certo é que **O Matuto** é experiência inaugural e bem sucedida na imprensa de Quixadá, tendo inclusive estimulado o aparecimento de outra folha, **O Açude**, que no mesmo período surge da iniciativa dos funcionários da Comissão Federal das obras do açude do Cedro, em Quixadá.

⁵⁵ SOUSA, Eusébio de. *A Imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais.* In **Revista do Instituto do Ceará**, ano XLVII, tomo XLVII. Fortaleza, 1933, p. 20.

⁵⁶ Registre-se aqui a força de atração pela palavra impressa, mesmo quando não se possui tipografia. Há casos de jornais que circulam em caracteres manuscritos, imitando a letra de forma. No Ceará, entre outros, há o caso do jornal **O Palmense** (1892), descrito por Eusébio de Sousa: *"Em Palma [Coreaú], remoto vilarejo encravado no norte do Estado, (...) Manuel Batista Fontenele, publicou O Palmense, em*
(continua)

Relâmpago demonstram bem esse estado de ânimo quando informam ao público que *"os redatores dos pasquins Charuto e do Bond são, segundo se diz e é certo, gente do governo, mandaram fazer pelo Libertador, publicações assinadas por tipógrafos do mesmo jornal, insultando a quem não os enxerga"*, acrescentando que *"se agora estão simulando tipografia em outra parte, todo mundo sabe que isto não passa de farsa"*, para então ir ao ponto: *"a redação d'O Relâmpago está negociando uma tipografia e sem demora sairá o nosso jornal, e saberá com toda coragem condenar os hipócritas e defender os direitos do povo"*.⁵⁷

A repressão e o rigor do recrutamento militar, processos contra redatores e tipógrafos, prisões, perseguições do governo aos impressores e empastelamentos de jornais se sucedem. O jornal **Pedro II**, na administração Alencar (1847), teve sua tipografia empastelada a golpes de machado, os tipos levados em sacos e atirados ao mar.⁵⁸ Em 1869, foi apreendida e destruída, no Aracati, a edição carbonária (antimonarquista) do **Barrete Phrigo**, com a perseguição de seu redator Júlio César da Fonseca, de quem o Barão de Studart anota que *"sobressaía-se como republicano vermelho, à Proudhon, fundando jornais ostensiva e atrevidamente antimonarquistas"*.⁵⁹

caracteres manuscritos, imitando fielmente as letras de forma, paciente trabalho que demonstra a rara habilidade e pendor artístico de seu 'inventor' dobrado em compositor e redator de originalíssimo periódico." (SOUSA, Eusébio de. *A Imprensa do Ceará...* Op. cit., p. 20). Do Crato, são vários os exemplos: **O Grêmio** (1890), **A Liça** (1895), **O Peitica** (1907) e até minúsculos jornais redigidos por crianças (NASCIMENTO, F.S. Crato: **Lampejos Políticos e Culturais**. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1998.)

⁵⁷ **O Cearense**, 08/08/1890. Fortaleza.

⁵⁸ Prática corrente ao longo do século XIX, o recrutamento forçado para o serviço militar foi um mecanismo de controle social, punição e instrumento de perseguição e vingança dos grupos políticos. As "varreduras e buscas" concentravam seu alvo nos "vagabundos", "sujeitos desordeiros", "escravos desobedientes", "desafetos" do poder local, negros libertos e nos pobres e desprotegidos de modo geral. São vários os indícios de resistência popular à prática do recrutamento e do sorteio militar. A esse respeito, ver HAHNER, June E. **Pobreza e política. Os Pobres urbanos no Brasil – 1870-1920**. Trad. Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

⁵⁹ STUDART, Barão, apud AZEVEDO, Rubens de. **Os 40 da Casa do Barão**. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1993, p. 14.

Em novembro de 1889, a polícia confiscou o jornal **O Relâmpago** (24/11/1889).⁶⁰ Ou ainda, em episódio ocorrido no Crato em 1914, envolvendo o **Correio do Cariri**, que teve seu prelo carregado nos ombros dos jagunços para Juazeiro, onde Padre Cícero haveria de explicar-lhes que "bicho era aquele."⁶¹

Variados ardis são pensados para burlar o poder de polícia e distribuir ao público o produto de seu trabalho. Conta a crônica de época que em 1864, em Fortaleza, o tipógrafo Suitberto Padilha publica em edição única **A Sterlina**, zurzindo a colônia portuguesa. Para distribuir seu jornal o faz à noite e com o rosto pintado de preto!

A adesão à campanha abolicionista aponta um dos primeiros momentos de coesão e expressão coletiva dos tipógrafos. Quarenta e seis tipógrafos dos jornais **O Cearense**, **A Constituição**, **Gazeta do Norte**, **Pedro II**, **Jornal do Commercio**, **O Equador** apresentam memorial de adesão à Sociedade Cearense Libertadora, lido em sessão solene por Joaquim Lopes Verçosa, em 18 de setembro de 1881.⁶² Incorporados às hostes da Cearense Libertadora, assinam um boletim onde figura espécie de anúncio, sob o título *Jornais velhos: "Compra-se a dez réis o quilo dos jornais escravocratas*

⁶⁰ Os casos de perseguição e violência não são isolados ou esporádicos. O jornal **O Popular** (1840) teve seu prelo destruído. Elias Martins de Sá sofreu dura retaliação, perdeu seu emprego de funcionário público e tem o filho preso porque havia sido o fabricante do prelo d'**O Juiz do Povo** (1850). José Henrique, um dos redatores d'**O Tagarella** (1865), é preso e recrutado. **O Baturiteense** (1883) foi empastelado porque em suas oficinas havia sido impresso **A Tarrafa**, considerado crítico pelo Governo Provincial. **A Reacção** (1905) parou de circular em virtude de perseguições contra seu redator João Batista de Melo Rabelo. **O Instructor** (1906) de Barbalha foi empastelado. Vê-se que é uma longa lista que só aumenta ao longo do século XX. Empastelamentos, agressões físicas em praça pública, prisões, incêndios, processos, até assassinato fazem a crônica policial na história da imprensa no Ceará. O jornal, por expressão escrita das contendas políticas, é alvo preferencial das facções na disputa de poder político. Isso sem falar na censura, no confisco e na perseguição policial aos jornais cuja linguagem fosse considerada "*torpe, imoral, pouco edificante, pornográfica*". Para maiores informações ver NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974; _____, **Tibúrcio Rodrigues, a imprensa e a República**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

⁶¹ MONTENEGRO, Abelardo F. Soriano de Albuquerque... Op. cit., p. 34.

⁶² **O Libertador**, ano I, nº 19, 28/09/1881. Fortaleza (Edição Especial em honra ao dia). Nesta edição, se encontra a transcrição integral do Memorial, acompanhado dos nomes dos quarenta e seis tipógrafos.

(desta terra) para depósito nas latrinas. É o único local limpo onde se pode botar as gazetas que se emporcalham com os infamantes anúncios de escravos fugidos."⁶³

Participam das reviravoltas na política local, debatendo principalmente o tema da liberdade de imprensa.⁶⁴ Em 29 de setembro de 1893, **O Norte** (fruto de uma cisão do Centro Republicano) sofre um atentado, com o arrombamento de sua redação e a destruição de seu material tipográfico. No dia seguinte, os tipógrafos se manifestam divulgando um boletim tratando dos ataques à liberdade de imprensa, tentando abrir os ouvidos moucos de alguns:

"o nosso estabelecimento tipográfico, foi às horas mortas da noite, duas da madrugada de hoje, vandalicamente assaltado por um grupo desconhecido, e completamente destruído, sendo atirados à rua em verdadeiros estilhaços, mesas, cadeiras, estantes, livros e papéis (...) depois de danificado o prelo e empastelados os tipos, que foram espalhados pelo chão.

Em relação à nascente República, se pronunciavam repetidas vezes. Em 2 de dezembro de 1891 os tipógrafos do **Libertador** imprimem uma poliantéia **A Legalidade**, em homenagem aos adversários do golpe de estado de Deodoro da Fonseca, com artigos dos tipógrafos João da Rocha, Lourenço Cruz, Francisco Alves, José Afonso, José Matias, Antônio Varonil e Raymundo Alves.

Na acirrada luta política contra a oligarquia aciolina, os tipógrafos e sua entidade, o Centro Tipográfico Cearense, se pronunciavam repetidas vezes: boletins, volantes e convites passam de mão em mão, nas oficinas, "contra a ave de rapina do

⁶³ Conforme boletins, convites e demais impressos volantes, pesquisados no Núcleo de Microfilmagem da Secretaria de Cultura (Fortaleza). Ver também, **O Libertador**, ano I, nº 11, 16/06/1881. Fortaleza.

⁶⁴ Sobre o tema da liberdade de imprensa é interessante o estudo de Daniel Roche (*A Censura e a indústria editorial*. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução impressa. A Imprensa na França (1775-1800)**. Trad. Marcos Maffei Jordan. São Paulo: Editora da USP, 1996, p. 21-48), onde, ao afirmar que a Revolução Francesa não pôs fim à censura, conclui com a apresentação do artigo segundo da Declaração dos Direitos do Homem: "*A liberdade de expressão do pensamento e da opinião é um dos direitos mais preciosos do homem: portanto todo cidadão poderá falar, escrever e imprimir livremente*", e abre uma possibilidade de intolerância: "*Exceto que ele é responsável pelo mau uso dessa liberdade em circunstâncias que a lei definirá*". Na mesma coletânea, ver ainda o estudo de Philippe (continua)

Accioly". Num deles, de dezembro de 1911, num tom bem humorado, os tipógrafos da Minerva pedem "festas" e ano bom aos leitores e em troca prometem "bom governo": *"Vimos pedir o Natal, Ano Bom e também Reis/ em recompensa, vos damos/ Não precisamos o dia/ Um governo bem honesto/ E a queda da oligarquia"*. Doutra feita, se negam a imprimir material de propaganda da candidatura situacionista declarando, via boletim: *"Depomos as nossas armas, componedor e linha, e protestamos não compor uma só frase sobre tal candidatura [Bizerril Fontenelle]"*.⁶⁵

Como saber algo sobre o funcionamento das oficinas, sobre suas condições de trabalho e sobre os usos do seu local de trabalho?⁶⁶ Os jornais informam o endereço de suas oficinas, com freqüência citam orgulhosamente a aquisição de novos equipamentos tipográficos e de novos arranjos técnicos que vão se agregando às caixas de tipos. Chegam os gravadores, caricaturistas, litógrafos e compositores melhor treinados. Sabe-se que as primeiras oficinas tipográficas acabavam também cumprindo a função de escola para o ofício de tipógrafo e sobre o seu ambiente de trabalho, da relação entre os mais velhos e os que se estão iniciando, entre estes e os patrões, os jornais das primeiras associações tipográficas dão conta.

Sobre sua atividade associativa, iniciada com as sociedades de auxílio mútuo, as atas, os registros de assembléias, convites, boletins, chapas eleitorais são o testemunho contemporâneo da participação dos tipógrafos em sociedades exclusivas de seu ofício,

Minard, em que discute a liberdade de imprensa como o meio e a expressão da nova democracia na França revolucionária.

⁶⁵ Conforme boletins, convites e demais impressos volantes, pesquisados no Núcleo de Microfilmagem da Secretaria de Cultura (Fortaleza).

⁶⁶ Dias da Silva Júnior, em artigo de 1876, discorrendo sobre as condições insalubres que pesam, em geral, sobre o trabalho manual, refere-se à atividade dos tipógrafos nestes termos: *"Nas tipografias, os indivíduos encarregados de apresentar a folha ao cilindro de impressão, adstritos ao movimento rítmico da máquina durante muitas horas consecutivas por dia, apresentam – em regra – palidez anêmica, certa languidez e, um estado de cansaço, que trabalho que exige mais esforços musculares mas também* (continua)

como o Centro Tipográfico Cearense e em várias outras sociedades beneficentes, como o Centro Artístico Cearense, a Beneficente União Operária, entre outras. As primeiras sociedades beneficentes ou de auxílio mútuo surgem no meado do século XIX, guardando algumas características das sociedades voluntárias do período, sa fraternidades ou irmandades religiosas. A prática secular do benefício mútuo, no adiantado do século XIX, vai adquirindo novas características. Seus estatutos e outros registros impressos constituem um dos primeiros índices dos problemas que afligem os trabalhadores e pobres urbanos (doença, desemprego, carestia, fome, acidentes de trabalho, invalidez, analfabetismo, falta de moradia, miséria). No Ceará, a Beneficente União Operária, como outras, representa uma forma de coesão contra o que denominava "calamidades da vida".⁶⁷

O que pensam os jornais operários sobre os tipógrafos? Das várias considerações e muitos adjetivos, recolhi este artigo que apresenta o tipógrafo como profissão singular na tarefa da civilização:

"(...) Um nobre ofício! Faz com que o pensamento se perpetue no jornal, no livro, para que mais tarde sirva de nobre ensinamento e de excelso exemplo às gerações futuras.

(...) O jornal é um produto do pensamento e do trabalho pessoal. Por um lado, o escritor. Por outro, o tipógrafo.

(...) A tipografia não é uma profissão meramente mecânica. Não! Elevamo-a a categoria de arte (...) os tipógrafos entrincheirados nas colunas do jornal são esgrimistas de armas contra a tirania ou batem palmas para o progresso. O tipógrafo põe seu contingente na obra magna da civilização."⁶⁸

mais variado, certo não produziria. (...)" (Martirologio das classes operárias. In Imprensa Industrial, v. 1, 10/10/1876, p. 414. Rio de Janeiro: Typographo-Editor.

⁶⁷ Com respeito ao tema, ver SIMÃO, Azis. **Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Dominus Editora, 1966; HAHNER, June E. **Pobreza e política. Os Pobres urbanos no Brasil – 1870-1920.** Trad. Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993; e LUCA, Tânia R. D. **O Sonho do futuro assegurado (o mutualismo em São Paulo).** Série República. São Paulo: Contexto; Brasília: CNPq, 1990.

⁶⁸ **O Operário**, ano I, nº 1, 28/02/1892. Fortaleza.

Os tipógrafos mereceriam um estudo a parte no campo da imprensa dos trabalhadores. O estudo de Geraldo Nobre, **Introdução ao Jornalismo Cearense**, traz uma pertinente indicação nesse sentido. Ainda que em estudo posterior afirme que "*o espírito associativo [no século XIX], mesmo por parte do pessoal das oficinas tenha se manifestado em raras ocasiões*", o registro formal de sua imprensa testemunha suas ações. Nesta parte apresento uma faceta dos tipógrafos fazendo seus jornais – das associações do ofício, das greves e realizando sua militância, através d'**O Colossal** e d'**A Greve**. Outros jornais aparecem como fruto da organização dos tipógrafos. É o caso d'**O Typographo**, de Fortaleza, publicado em 1866, impresso nas oficinas do **Constituição** e **A Evolução**, Órgão da União Tipográfica Cearense, publicado em Fortaleza, em 1º de janeiro de 1911, com o dístico *L'Union fait la force*, impresso na Tipografia Escolar.

Produzidos muitas vezes em tipografia manual, títulos e textos com as palavras montadas letra a letra, têm apresentação sóbria e modesta. A venda antecipada, as assinaturas e as listas de subscrição circulando entre os mais chegados garantem a sustentação das folhas (efêmeras) e a venda avulsa, quando os leitores dirigiam-se à redação ou às oficinas tipográficas para adquirir seu exemplar, que passaria de mão em mão.

O jornal **O Typographo** (1866), semanal, impresso por M. P. Amora, tem como redatores os tipógrafos do jornal **Constituição**, entre os quais João Dias da Silva, J. Henrique, F. Queiroz. Seu conteúdo, apresentado em artigos de fundo, da responsabilidade dos redatores, está distribuído em várias colunas, a saber: *Colaboração* (necrológicos, artigos assinados), *Comunicado* (espécie de extensão do editorial), *Gazetilha* (anúncios de missa fúnebre, informações críticas sobre novos periódicos, tópicos de denúncia à carestia de vida, partidas e chegadas de pacotes e viajantes, notícias sobre nomeação de professores, cantigas populares, festividades religiosas,

notícias sobre epidemias), *Crônica* (datas e fatos do passado), *A Pedidos* (críticas ao poder público, sátira a determinados desafetos, tributos de honra e saudade), *Variedade* (historietas recolhidas do imaginário popular versando sobre temas locais e curtas comédias em dois atos).

Com seu primeiro número impresso em Fortaleza em 1º de março de 1866, **O Typographo** apresenta-se como um *"jornal crítico, noticioso e recreativo e diz-se destinado a sustentar os interesses de sua arte"*. Define a possibilidade de colaboração no jornal como sendo aberta, porquanto *"recebe-se gratuitamente todo e qualquer artigo, sendo em termos moralizados"*. Em seu primeiro número apresenta as razões de sua existência de forma laudatória à imprensa:

"É sublime e sagrada a missão que a imprensa tem a cumprir. Sublimes, por certo, também são seus apóstolos. Queremos, e seguiremos a senda de uma imprensa, que afastando-se da política, seja o elemento civilizador de nossa classe, e concorra com suas luzes para seu progresso e melhoramento.

Não serviremos de pelourinho das reputações alheias, e menos nos chafurdarem no lodaçal impuro e infecto da vida privada.

Não seremos jamais os tartufos da imprensa. É mais nobre nosso fim, porque tende ao progresso. (...)

Que Deus nos fade, pois, uma existência perdurável, e nos dê perseverança a seguirmos nosso trilho, não sentindo as rajadas da procela a nos fustigarem o rosto, porque devemos desprezar as raivas dos truões que, por infelicidade tanto abundam em nossa sociedade.

Queremos, afinal, um raio da luz do céu, que nos ilumine, aquecendo nossa classe, para que saia do desprezo em que é tida.

*Auxiliem-nos nossos colegas, que cedo ou tarde faremos progressos e, para isso basta PERSEVERANÇA E TRABALHO.*⁶⁹

Conhecedores que são, por dever do ofício, da linguagem corrosiva dos jornais das facções políticas, informam que de seus tipos sairá a "boa linguagem" com o fim de alcançar "benignos leitores". Mais que um recurso retórico, é uma forma de estabelecer um diferencial em relação àquela imprensa, revelando ainda a aspiração de educar pela

⁶⁹ **O Typographo**, ano I, nº 1, 01/03/1866. Fortaleza.

palavra. Voltando-se preferencialmente aos "caros irmãos d'arte", pauta seu discurso segundo os manuais das corporações dos tipógrafos, aludindo à "nobreza do ofício como missão". **O Typographo** é exemplar típico dessa fase de transição do "orgulho do ofício", começando a pontuar o discurso com o reconhecimento das "provanças, contrariedades e embaraços" em sua profissão, e apresentando o jornal como lenitivo. Veja-se aqui o jornal funcionando como veículo agregador e cumprindo uma função associativa:

"(...) Deve porém encontrar embaraços em sua espinhosa carreira, porque é pouco progresso que se afigura em sua bela arte, nesta linda capital, (...)

Confrange-se-lhe o coração ao dizer que sua classe aliás tão sublime (em outras províncias e não no Ceará), ainda atinja bem mal ao verdadeiro preenchimento de sua nobre missão.

(...) Em subido grau detestador da maledicência e do sofisma, o TYPOGRAPHO se conservará sempre em posição franca e inofensiva, para o fim de olhar à magnitude de sua arte e prosperidade dos filhos de Gutemberg.

Coragem colegas: não esmoreçais. Quando sofrerdes algum revés no exercício de vossa nobre profissão, dizei-nos, que achareis um irmão desvelado em oferecer um lenitivo às vossas provanças e contrariedades. (...)"⁷⁰

Nas páginas d'**O Typographo** algumas informações são fornecidas sobre a arte tipográfica, com um acento crítico acerca da atitude pouco reverente dos jovens aprendizes em relação ao "nobre ofício", bem ao estilo dos mestres formados nos velhos manuais vindos do século XVIII, com o propósito de realizar a glorificação do ofício, afirmando o orgulho corporativo. Faço uso da longa citação para que se observe a permanência, no tempo, das condutas prescritivas advindas dos referidos manuais:

"Façamos uma justa e sucinta apreciação sobre os meninos que se dedicam à arte tipográfica. (...)

Queremos (...) apontar os desvios, desrespeito e pouca importância que um aprendiz liga a sua profissão no interior da oficina.

O que vem a ser hoje um aprendiz em relação à moralidade e habilitações que a tipografia exige?

⁷⁰ **O Typographo**, ano I, nº 1, 01/03/1866. Fortaleza.

Nada menos que um corruptor das regras e asseio que o respectivo Manual prescreve.

Vemos a forma repreensível como ele se porta no estabelecimento; a insolência com que trata os compositores; o não cumprimento dos seus deveres, a grande confusão dos tipos, a acumulação de pastéis, e outros muitos abusos e inconvenientes, (...)

Não exageramos. A maior parte dos meninos que atualmente se propõe a esta arte, além de ignorarem absolutamente o que se chama ler, porque não frequentaram a escola, nem ao menos enquanto estudassem gramática e colhessem os conhecimentos precisos a um caixeiro de taberna de estiva, não procuram angariar o desenvolvimento que lhes é necessário à perfeição da arte e capacidade de si próprio como perfeito compositor.

De ordinário, dando pouco apreço a esta imortal invenção, o aprendiz que se transvia de sua modesta ocupação, é assaz prejudicial, quer ao dono da oficina, quer a boa ordem do trabalho e quer ao regime de suas obrigações.

E poder-se-á comparar o aprendiz de hoje com os dos anos passados, nos bons tempos dos Oliveiras e Vasconcellos? (...)

Ninguém se envergonharia de entrar em uma tipografia: o asseio, a ordem e o assíduo trabalho era o que se divisava em toda a briosa rapaziada daquele tempo.

Hoje porém o que vemos ao entrar em uma destas oficinas? O aprendiz inteiramente distraído de seus misteres, está ora conversando, ora assobiando e fumando, e às vezes até abstraído em brinquedos, que não invejariam a qualquer pedreiro em seu andaime. E não é isto rebaixar a arte que ele mesmo devia engrandecer? (...)⁷¹

Em sua segunda edição expõe o entendimento acerca da liberdade de manifestação do pensamento e diz do seu comportamento frente às questões que requeiram resposta aos adversários ou revide no plano das idéias difundidas:

"(...) De todas as garantias, que nos concede a lei do país, nenhuma mais sagrada e mais nobre, do que a liberdade de manifestarmos o nosso pensamento; porém o seu abuso, não só é contra todos os preceitos divinos e sociais, como revolta a todo homem bem intencionado, que sabe guardar as necessárias conveniências. Hoje mesmo, se lançarmos um vover d'olhos para as folhas do dia, talvez tenhamos de lamentar, ver os mais nobres caracteres sacrificados á viperinagem de seus desafetos, por não se sujeitarem ao quero e mando de alguma parcialidade política ou potentado da terra.

Nós (...) não pretendemos ser os tartufos da imprensa e, antes adotamos o programa crítico, porém temos confiança em nós mesmos, que jamais usaremos de uma linguagem que desagrade ao público.

⁷¹ O Typographo, ano I, nº 4, 25/03/1866. Fortaleza.

*É verdade que no caso de represália todos têm o direito de repelir a injúria recebida, e nesses momentos de cólera, o homem, por mais fleumático que seja, usa a sátira ou o vitupério, porém estamos na firme resolução de que se, na vagarosa marcha em que vamos, for preciso tocarmos a meta da discórdia, usaremos de um profundo silêncio como resposta cabal a injustas agressões. (...)*⁷²

Continuando o seu discurso sobre a virtualidade da palavra impressa e mantido o tom laudatório – *"A imprensa ainda não encontrou nem encontrará outra arte, que lhe roube a glória, que tem de ser a primeira invenção do mundo"* –, o jornal começa a inserir críticas aos praticantes do jornalismo no Ceará, em particular ao enxovalhamento do ofício de tipógrafo. Tais críticas não se formulam em abstrato. Seu móvel é a linguagem viperina usada pelo **Correio do Lyceu** contra **O Typographo**, em 1866:

*"(...) A imprensa no Ceará, não obstante já contar onze lustros de existência, parece ter sido pouco escrupulosa na escolha de seus apóstolos. Até pouco tempo conhecíamos alguns chefes de tipografia, que além de serem analfabetos e charlatães, não possuíam a mínima força moral para manter a ordem na oficina, porque as suas posições eram galgadas por meios indecorosos. (...)*⁷³

Através da coluna *Gazetilha* pode-se acompanhar os comentários críticos acerca de um dos principais problemas que estão afligindo o povo pobre do Ceará, no ano de 1866 – a carestia. Para **O Typographo**, o problema decorre da ganância e esperteza dos negociantes e persiste em razão da falta de providências do poder público. Tal é seu comentário:

*"Se o governo ou a Câmara não tomar alguma providência no sentido de acabar com a esperteza que aparece na venda do peixe e da carne, breve veremos todos quanto forem traficantes destes gêneros, dando dinheiro a prêmio e a pobre classe mendigando o pão da caridade! ..."*⁷⁴

O tema da carestia (quase sempre associado às secas periódicas) é constante e vai adquirindo um tom mais firme de denúncia. Para o pesquisador constitui matéria valiosa acerca dos preços, hábitos alimentares, situação dos mercados públicos, posturas

⁷² **O Typographo**, ano I, nº 2, 08/03/1866. Fortaleza.

⁷³ **O Typographo**, ano I, nº 6, 05/04/1866. Fortaleza.

⁷⁴ **O Typographo**, ano I, nº 6, 05/04/1866. Fortaleza.

municipais, entre outros. Este artigo que finaliza rogando até aos céus com um aflito "*Que Deus nos acuda!*", menos que um recurso retórico, é demonstrativo das agruras vividas pela "classe pobre":

"Hoje a maior preocupação da pobreza é lamentar a carestia dos víveres. O mercado público desta cidade, parece uma espelunca de sequazes, onde de emboscada procuram assaltar a propriedade do incauto viandante. (...)

Na história da província não se encontra notícia de que em tempo algum se vendesse uma libra de carne com osso por 320, 400 e 500 réis!!! Ainda há poucos dias causou geral admiração ver os quatro quartos de um carneiro chegar a cinquenta e tantos mil réis.

O peixe, além de ser completamente podre, é vendido por um preço fabuloso. De sorte que se não fosse a abundância de bacalhau e carne do sul, o povo decididamente já tinha morrido à fome.

*Dizem que a causa de uma tal calamidade é a falta de chuvas de que temos tido absoluta necessidade. Segundo consta, pelo sertão o aspecto lúgubre da seca se apresenta em alguns lugares com um caráter assustador.*⁷⁵

Rogando ora ao Rei – "*Felizmente o ministro do Império já vai remetendo alguma farinha para o Ceará*" –, ora a Deus – "*Deus se amerceie de nós, minorando esta sorte de gemer com o peso de tanta gatunice!*", – embora acredite mais na Providência desse último. Os temas da penúria, da falta de víveres, da ganância pelo lucro fácil são constantemente tratados e pela matéria seguinte percebe-se que o grau de miserabilidade não é desprezível no Ceará de 1866, cujos pobres sofrem os danosos efeitos da peste, da fome e da guerra:

"(...) Jamais se viu em tempo algum no Ceará um tal estado de desespero para com a população, a não ser o da peste, com que a Providência soe castigar as iniquidades da frágil humanidade.

O povo que é a força e a conservação do governo, não deve ser esquecido por aqueles que diariamente precisam de seu valioso apoio para o triunfo de qualquer batalha.

Os encargos que ele paga, quer de sangue, como na atual guerra, quer de suor para com as leis do país, como cidadão, podiam eximi-lo de lutar com tantos embaraços quais os que ora sofre de peste, fome e guerra

⁷⁵ O Typographo, ano I, nº 3, 18/03/1866. Fortaleza.

(...) Toda esta cidade vê a marcha a que as dificuldades e os pesados impostos vão acarretando a pobre classe indigente que agoniza em um soçobro de miséria. (...)

Os nossos fornecedores de víveres estão bem longe de atenuar sentimentos mais elevados com relação ao melhoramento do povo em um tempo tão crítico, como o presente; porque o fim é especular, fazer mal e jogar indignamente com cartas que só ganham para si.

(...) Pobre povo, que se vê oprimido vilmente até no simples alimento, fortaleza do corpo!!!⁷⁶

A alusão mais forte, aqui, é à Guerra do Paraguai (1865-1870) e à expansão da violenta prática do recrutamento, tratada pelo jornal como *encargo de sangue* que o povo pobre é compelido a *pagar*. Como em outros lugares do país, enquanto as autoridades faziam o discurso do "encorajamento cívico" e aludiam aos batalhões da Guarda Nacional como "Voluntários da Nação", a quem o povo pobre alcunhou "Voluntários do Porrete e da Corda", o recrutamento se configurava cada vez mais como instrumento de controle social e perseguição. Veja-se no jornal o indício contra o alistamento forçado como parte das manifestações de protesto popular e suas táticas de resistência.

O jornal **O Typographo**, sendo um dos primeiros a anunciar-se como destinado a defender os interesses de sua arte, cumpre de fato a promessa, inclusive ampliando-a ao abordar de modo constante temas que julga do interesse da classe pobre e dos desvalidos, apresentando ainda um quadro da vida dos pobres sem "*direito à cidade*" expostos à caridade: os pedintes, os mendigos e os trapeiros. Embora assumia posição de comedimento em relação às críticas que desfere à administração pública, tenta compensar a parcimônia no tom da crítica com a vigilância da matéria.

Ainda no campo da imprensa dos tipógrafos está o jornal **O Colossal**, que começa a circular em Fortaleza em 1878. Órgão de uma associação tipográfica, com

⁷⁶ **O Typographo**, ano I, nº 7, 12/04/1866. Fortaleza.

redação à rua Major Facundo, antiga rua da Palma, contíguo ao edifício da Relação. Traz como subtítulo "*jornal literário e crítico*", substituído em 1879 para "*jornal neutro*".

Trata em suas páginas de temas relacionados à literatura, apresentando sonetos, poemas, historietas, transcrições, traduções, glosas, motes, charadas, anedotas. Os assuntos estão distribuídos em colunas fixas, como *Literatura*, *Secção Noticiosa*, *Secção Crítica*, *Variiedades* e *Pitadas*, e artigos de opinião que aparecem na primeira página com destaque. Traz poucas ilustrações e veicula um único anúncio de página inteira da Tipografia do Colossal, onde informa que sua oficina "*acha-se completamente habilitada a receber qualquer obra, pertencente a arte tipográfica, pois para isso tem um completo e variadissimo sortimento de tipos de fantasia. Recebem-se publicações e anúncios mediante cômodos preços*" e que sua tipografia, "*tendo sido montada por uma associação de tipógrafos, dispondo de um pessoal habilitadissimo a fazer qualquer obra com nitidez e oferecendo os seus trabalhos ao respeitável público cearense espera merecer sua valiosa proteção*".⁷⁷

Os temas tratados n'**O Colossal** são os mais variados. De feitio rústico, em quatro páginas de pequeno formato, seu modelo combina o satírico com pitadas de humor cáustico; o literário, com os versos, poemets, trovas; e o crítico, quando tece comentários acerca do que julga assuntos de interesse geral (carestia, preços, fome, moradia, seca). Na edição de cinco de setembro de 1878, retoma o tema *Clero, Nobreza e Povo* a que havia aludido na edição anterior com o objetivo "*de mostrar ao vivo o que presentemente era o clero cearense*". Ainda que não componha um discurso anticlerical, chama a atenção para o comportamento do clero nestes termos: "*Temos bons padres, é*

⁷⁷ **O Colossal**, ano I, nº 25, 15/06/1879. Fortaleza.

certo; mas o clero, em larga escala, faz como o hipócrita, que obra diversamente do que pensa, e aparentando o que não sente, não desempenha o seu mandato como lhe ordena o dever (...)"

E de modo mais incisivo diz que os padres *"são os primeiros a prostituir o seu sagrado ministério com a maior indiferença, para não dizermos criminoso procedimento"*.⁷⁸

Um dos temas referidos n'**O Colossal** é o da seca, amplamente repercutido na imprensa do período. Os anos de 1877-1878 foram marcados pela grande seca, cujos registros espalharam-se pela imprensa do país.⁷⁹ Os registros mais contundentes dessa seca devem-se a uma série de reportagens feitas por José do Patrocínio no Ceará, em 1878, para o **Gazeta de Notícias**, do Rio de Janeiro, acompanhada de um dramático registro fotográfico publicado n'**O Bezouro**, também do Rio.⁸⁰ O drama da seca, repercutido na imprensa, tem na obra de Rodolpho Theophilo um retrato contundente. Em seu **A Fome**, o drama do personagem Manuel, na cidade povoada pela fome, a peste e a morte:

"(...) Vi tanta miséria, que me espantei. Imagina o que de horrível vi, que pode me eriçar os cabelos, a mim, testemunha ocular das mais pungentes e medonhas cenas! (...) A Fortaleza, que acreditava a nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, (...) regurgita de infelizes, que mendigam

⁷⁸ **O Colossal**, ano I, nº 6, 05/09/1878. Fortaleza.

⁷⁹ Do vasto noticiário, anotei esse trecho, recolhido em Delso Renault: *"No meado do ano, crescem as notícias angustiantes que vêm das caatingas do Norte. O estio prolongado tudo devasta. Na sua permanência escaldante tudo corrompe. Homens e animais são ceifados sob a luz crepitante do sol. José de Alencar, por incumbência da Câmara Municipal de Fortaleza, representa junto à Câmara dos Deputados solicitando medidas urgentes. Do trapiche Mauá sai uma barca alemã – Donelday – conduzindo roupas, alimentos, gêneros para os famintos do Norte. Em vários pontos da cidade recebem-se essas encomendas."* **Jornal do Commercio**, 20/06/1877. Rio de Janeiro. Apud RENAULT, Delso. **O Dia-a-dia no Rio de Janeiro segundo os jornais (1870-1889)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1982, p. 109.

⁸⁰ A série de 14 fotos publicada n'**O Bezouro**, com ilustração litográfica de Bordalo, sob o título *Páginas Tristes – Cenas e Aspectos do Ceará*, é considerada *"uma das primeiras tentativas de utilização de fotografia pela imprensa brasileira"*. Cf. ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de & LOGATTO, Rosângela. **Imagens da Seca de 1877-78 no Ceará**. In **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 114. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1996, pp. 71-83.

*cambaleando de fome. Nos passeios das casas, nos adros das igrejas, nas praças públicas dormem ao relento, e raro é o dia que destes dormitórios não conduzam, ao amanhecer, cadáveres para o cemitério. Vi mortos, no meio da rua (...). A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia!*⁸¹

O tema da seca, abordado pelo jornal, fartamente narrado na imprensa do período, é matéria de estudo de Castro Neves que, abordando a seca como um fenômeno de caráter social, apresenta os retirantes na Fortaleza de 1877-1880, perambulando nas ruas, famintos e a pedir esmolas, repetindo com Raimundo Girão a transformação da cidade em "*capital dum pavoroso reino*". São estes homens, mulheres, velhos e crianças andrajosas tangidas do meio rural pelo flagelo da seca de que trata **O Colossal**, aludindo aos sofrimentos sem fim "*da seca, da peste e da guerra*". A esse respeito veja-se o quadro do período fixado por Castro Neves:

*"tanto o calçamento das ruas centrais de Fortaleza (...) quanto os trilhos da extensão da estrada de ferro de Baturité (...) seriam obras implantadas nestas condições de trabalho, resultados do esforço sobre-humano de retirantes fracos e indigentes. A beleza da cidade foi construída pelas 'múmias famintas' e cada pedra de calçamento pode guardar um sofrimento inenarrável. São produtos do trabalho dos retirantes de 1877, apresentados nos relatórios, como simples 'melhoramentos públicos, resultante da seca' (...).*⁸²

Vê-se que **O Colossal** combina os temas da crítica social, dos assuntos do poder local e das querelas político-partidárias com os temas concernentes às letras em geral. Tal combinação de temas, com acento nas letras, não deve torná-lo "menor" ao olhar do pesquisador da história operária, uma vez que as primeiras associações de artes e ofícios guardam estreita relação com as associações ou grêmios literários. Tal é o escopo de **O Colossal**.

⁸¹ THEOPHILO, Rodolpho. **A Fome: violação**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: ACL, 1979, p. 100. Para o estudo dessa obra, ver OLIVEIRA, Caterina de Saboya. **Fortaleza: seis romances, seis visões**. Fortaleza: EUFC, 2000.

⁸² NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História. Saques e outras ações de massas no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 31.

O jornal **A Greve** (1882) apresenta dimensões do engajamento dos tipógrafos nas lutas de seu tempo. Aqui eles se vêem não mais através da imagem que outros lhes atribuem, de frequente glorificação do ofício, mas realizam na prática da luta reivindicatória a transição do orgulho do ofício para a dignidade da profissão, conformando um sentido de identidade.⁸³ Fazem uma greve contra os abusos do gerente, os baixos salários e as condições inadequadas de trabalho. Registre-se que desde a fundação da Associação Tipográfica Cearense se constituíra um espaço de organização e mobilização dos associados, com visibilidade na campanha abolicionista, como já referi, e deflagrando em 1876 a greve dos gráficos do jornal **Pedro II**, órgão do Partido Conservador.

Em 1882, os tipógrafos do jornal **O Cearense** fazem uma greve em resposta ao que consideram como abusos do gerente, Paula Pessoa, contra os "*ganhos mesquinhos*" e as "*condições insalubres de trabalho*". Composto na "*tipografia da greve*", o redator é *Chico Greve* e o impressor, *O Corrupção Democrata*, formas de satirizar os patrões e redatores d'**O Cearense**. O jornal diz-se viril e quer recuperar para a "classe dos tipógrafos" a dignidade enxovalhada. Inspira-se nos pasquins, e deles extrai uma linha satírica, quase de deboche. Mas, "*sem perder a classe!*"

Adotando uma linguagem desabrida, desanca o gerente com ares de patrão, aquele que "*quis a greve*", desmoralizando-o pelo achincalhe. Com verve quase humorística e com veia certamente bem-humorada, justifica a greve, proclama a

⁸³ MINARD, Philippe. *A Agitação na Força de Trabalho*. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa...* Op. cit., pp. 155-175. O autor analisando os Manuais profissionais e Tratados sobre impressão na França do século XVIII observa que foram escritos com o objetivo de glorificar os mistérios de seu ofício e de distinguir a impressão como criada do saber, afirmando um notável orgulho corporativo. No entanto, quando aparece a disputa por salários, melhor remuneração, a velha mentalidade do orgulho cede espaço à convicção da dignidade do ofício. Cumpre, porém, ressaltar que nem sempre a construção de identidades foi definida pelo orgulho do trabalho. A esse respeito, ver RANCIÈRE, Jacques. *A Noite dos proletários. Arquivos do sonho operário*. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

necessidade de sua continuação. Vai mais além. Defende com tintas vermelhas de indignação "*a classe dos tipógrafos*", retirando-os do nível de coisificação, como deseja e procede o patrão-gerente, reivindicando de modo vigoroso sua qualidade de sujeito.

Os desentendimentos com a direção d'**O Cearense** agravam-se quando Paula Pessoa afirma em seu jornal que "*os tipógrafos não passam de auxiliares inteligentes, mas com a mesma responsabilidade do papel e da tinta, do tipo e do prelo*". Os tipógrafos em greve rebatem o que consideram uma afronta, nesses termos:

"O Cearense, ou antes, o seu desastrado diretor só quer operários-máquina, homens inconscientes como o tipo, prestáveis a tudo como o papel e governáveis como a tinta e o prelo, de que se pode fazer o uso ou o abuso que ditar o capricho ou a má vontade."

– Qual o operário inteligente, que tem consciência de si, que se rebaixará a ser coisa como o papel e a tinta, o tipo e o prelo?

Ninguém pode abdicar de sua própria identidade: converter-se de ser inteligente à função de instrumento material é tão repulsivo como acabar com a existência para ter o gosto de ser defunto. (...) A greve que promoveu o sr. Paula Pessoa, revela que ele reputa o tipógrafo abaixo do escravo e do bruto e, classifica-o apenas na ordem das coisas inanimadas."

Como resposta à tática patronal de não negociar com os grevistas e contratar substitutos, o jornal **A Greve** lança uma advertência aos colegas: "*Previnam-se os novos operários do 'Cearense': no dia em que seu gerente quiser, pode levá-los à latrina, como o papel, gastá-los como a tinta, trocá-los por outros como os tipos velhos e vendê-los como um prelo usado.*"⁸⁴

Os jornais apresentados – **União Artística** (1860), **O Artista** (1862), **O Colossal** (1866), **O Typographo** (1879) e **A Greve** (1882) – resultam da ação dos tipógrafos, que se percebem "homens de letras" e desejam difundir a palavra impressa em folhas cujo conteúdo seja por eles definido. Desse modo, o que resulta significativo para o estudo, ao lado da localização de um importante acervo, é, a partir de sua leitura e análise, a

⁸⁴ **A Greve**, ano I, nº 2, 19/06/1882. Fortaleza.

confirmação de hipótese anteriormente levantada: seus enunciados têm características diferenciadas, sendo fundamental perscrutar sua especificidade.

Veja-se em seguida, a imprensa do Partido Operário do Ceará cumprindo função que se pretende pedagógica e de exortação. São registros agora incorporados à pesquisa histórica no Ceará, como parte dos estudos que se dispõem a superar os efeitos da longa empreitada de ocultação, e mesmo, eliminação de qualquer participação ou de papel político das classes subalternas.⁸⁵

3 – O Combate: imprensa e política

Uma história de um ferreiro, trabalhador nos caminhos de ferro em Baturité: pobreza, tuberculose, acidentes de trabalho, família numerosa deixada na miséria. É a história dos pobres na cidade de Fortaleza em fins do século XIX:

"José Paulino, era um irmão nosso empregado da Estrada de Ferro de Baturité, onde trabalhava de ferreiro. As suas notas, como empregado, sempre foram boas, não só porque entendia do ofício, como mesmo, porque nunca faltava às suas obrigações. Embora muitas vezes doente, pois tinha família a sustentar e sabia que por uma única exceção, só ao operário não era lícito perceber um real do governo nos dias em que, por qualquer circunstância, lhe faltasse ao serviço!

Foi neste laborioso viver que, em um dia do mês de junho do ano passado [de 1890], Paulino recebeu uma contusão sobre o pulmão esquerdo, (...). Pobre e sem recursos para tratar-se, continuou mesmo assim os serviços do governo e, como era de prever, desta falta de repouso, do calor ardente da forja, resultou que as hemoptises passaram a se suceder. O organismo, já muito gasto pelo trabalho, a se enfraquecer, até que manifestou-se a tísica que o atirou a um dos leitos da Santa Casa, de onde sentindo-se pior, dias depois tornou à casa da família.

Ali, a penúria era extrema e foi ter Paulino com o engenheiro da Estrada a quem contou as suas misérias e os seus sofrimentos de saúde, concluindo por lhe pedir com uma lágrima na voz, que dos noventa mil réis que ganhava, na

⁸⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil (1889-1930): documentos*, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 15.

razão de três mil réis por dia, lhe fizesse a esmola de adiantar a metade para tratar-se, que ele dispensaria a outra metade em favor do governo.

Respondeu-lhe (...) o engenheiro que, o operário só tinha direito ao dinheiro do governo quando lhe prestava o serviço e, que, da sua bolsa nada lhe podia dar!

Nestas condições, José Paulino, um homem honesto e trabalhador, que nunca foi pesado a ninguém, viu-se em um momento coagido a implorar a caridade, até que (...) rendeu a alma ao Criador e desabrigou-se da injustiça dos homens." ⁸⁶

A história do ferreiro José Paulino foi contada por Aderson Ferro na Sessão do Partido Operário do Ceará, em 5 de abril de 1891. Era o dia do lançamento do primeiro número do jornal do Partido, **O Combate**.⁸⁷

Já se esfumara a euforia que cercara o primeiro ano da República no Brasil. A primeira década republicana, "*cruenta e plena de violências*", no dizer de Evaristo de Moraes Filho, é marcada por sucessivas crises. A cena política é arena onde crescem os desmandos oligárquicos, a truculência e a fraude são a norma nos pleitos eleitorais. Nas cidades, os pobres experimentam a carestia de vida, a falta de víveres e enfrentam o problema da falta de moradia. No mundo do trabalho, a situação é de intensa exploração, mas também de protestos, de agitação e da realização das primeiras greves.

É nesse quadro, quando circulam mais intensamente as idéias e práticas de reforma social, que surgem os primeiros partidos operários e socialistas no Brasil. No Ceará, o modelo adotado segue orientação idêntica àquela proposta em 1890, no Rio de Janeiro, pelo tipógrafo Luís França e Silva, editor do **Echo Popular**, combinando os enunciados clássicos de liberdade política, igualdade e fraternidade da tradição francesa á experiência em curso do Partido Socialista na Alemanha. Eleger a via partidária como forma de organização dos trabalhadores

⁸⁶ **O Combate**, ano I, nº 2, 07/04/1891. Fortaleza.

⁸⁷ Sua redação e oficinas funcionavam à rua Senador Pompeu, mudando em seguida para a rua Formosa, em Fortaleza.

*"(...) Estava ligado à crença na sua pertinência e oportunidade imediatas e também na sua adequação em termos de uma estratégia de luta a mais longo prazo. Os operários queriam ser vistos como parte integrante daquela sociedade que se rearranjava, seu partido tão legítimo e patriótico como qualquer outro."*⁸⁸

O núcleo que organiza o Partido Operário no Ceará, à frente Aderson Ferro e Antônio Duarte Bezerra, pode ser entendido através de múltiplas variáveis que convergem em algum momento da conjuntura de 1890. A primeira delas, que parece fornecer a tônica do empreendimento político-partidário, é o senso de oportunidade, de participação nas pugnas eleitorais motivados pela compreensão da imperiosidade de *"eleger verdadeiros representantes dos artistas, operários e trabalhadores"* para o poder legislativo como preconizavam nos vários artigos de fundo de **O Combate**. A segunda deriva da participação no movimento republicano e da "passagem" desse para o socialismo, *"fazendo com que este último parecesse um desdobramento natural do primeiro"*, concomitante à *"passagem da confiança à desilusão com o novo regime"* em busca de uma nova utopia, como anota Cláudio Batalha, para quem a significação desses primeiros partidos operários (e ambigüidade da noção), no final do século XIX, deve ser buscada no fato de que por partidos operários compreendiam

"tanto as múltiplas organizações socialistas que surgem e desaparecem durante toda a Primeira República, quase sempre em função de alguma disputa eleitoral, como o conjunto dos socialistas que se situam no terreno da luta política. É até plausível que a própria instabilidade e vida curta das organizações criadas contribuam para que a designação de 'partido operário' seja empregada freqüentemente para um campo político ao invés de remeter a uma organização específica (...). Inicialmente a argumentação para justificar a

⁸⁸ GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988, p. 49. Da mesma autora, ver também **Burguesia e trabalho. Política e legislação social no Brasil, 1917-1937**. Pref. de Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1979; e *A República não-oligárquica e o liberalismo dos empresários*. In SILVA, Sérgio S. & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.). **História econômica da Primeira República**. São Paulo: HUCITEC/FAPEESP, 1996, pp. 91-101.

*necessidade do partido operário revela um certo oportunismo eleitoral. Não se trata ainda da idéia de um 'partido de classe' (...).*⁸⁹

Outra variável diz respeito à circulação das idéias socialistas e suas formas de recepção e adaptação no Ceará. Parece lícito supor que Aderson Ferro e Antônio Duarte Bezerra têm acesso à literatura corrente que fornece substrato à "ideologia socialista eclética", no Brasil, como na Europa, em que "*Carlos Marx, esse gênio do pensamento*", como afirmam n'**O Combate**, aparece num "*eclétismo capaz de integrá-lo aos mais variados pensadores, como Ferdinand Lassalle, Benoît Malon, Charles Darwin, Herbert Spencer, Ernst Haeckel, Max Nordau, Auguste Comte*".⁹⁰ No Ceará, a introdução de algumas dessas leituras, no pequeno círculo de Aderson Ferro, resulta, em parte, da correspondência com Luis França e Silva, ponto chave para compreender a circulação das idéias socialistas e o projeto de uma imprensa "socialista e moralizadora" para sua difusão. A reprodução dos vários artigos e cartas de França e Silva n'**O Combate** é evidência farta da presença das idéias socialistas no Ceará do fim do século XIX.

Em Fortaleza, o dentista-prático Ignácio de Loyola é aclamado presidente de honra do Partido Operário e Aderson Ferro, o presidente-chefe.⁹¹ Em seu primeiro ano

⁸⁹ BATALHA, Cláudio H. *A Difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*. In MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil II. Os Influxos teóricos**. Campinas: UNICAMP, 1995, p. 17. Com respeito a França e Silva, ver também MORAES FILHO, Evaristo de. *A Proto-história do marxismo no Brasil*. In REIS FILHO, Daniel Aarão e outros. **História do marxismo no Brasil. O Impacto das revoluções**, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Para o estudo das experiências partidárias no período, ver PANSARDI, Marcos Vinicius. *O Socialismo dos modernos e o socialismo dos antigos: a incorporação do vocabulário ideológico da Segunda Internacional pelo movimento socialista brasileiro*. In **História Social**, nº 1, pp. 65-94. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994; MORAES FILHO, Evaristo de. (org.). **O Socialismo brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981; e HAHNER, June E. **Pobreza e política. Os Pobres urbanos no Brasil – 1870-1920**. Trad. Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

⁹⁰ BATALHA, Cláudio H. *A Difusão do marxismo...* Op. cit., p. 14.

⁹¹ Além destes, compõem a direção do Partido, Joaquim Lino da Silveira, Miguel Augusto Ferreira Leite, Olegário Antônio dos Santos (alfaiate), Theodomiro Theodorico de Castro (mecânico), José Façanha de Sá (marceneiro), Olavo Pinto de Andrade (mecânico), Joaquim Pinto do Carmo (mecânico), Bento Manuel Correia (pedreiro), Cândido Brazil (pedreiro), Raymundo Soares Freire (mecânico), Joaquim Rodrigues de Lima (sapateiro), Gonçalo José do Nascimento (ourives), Francisco Antônio de Moraes
(continua)

de atividades, a propaganda partidária é realizada n'**O Cearense**⁹², jornal da facção política liderada por Rodrigues Júnior, de oposição ao governador Ferraz. N'**O Cearense** os dirigentes do Partido Operário do Ceará, fundado em 15 de junho de 1890, conclamam *"artistas, operários e toda a falange de oprimidos"* à realização de práticas políticas visando destruir *"todas as instituições da monarquia com suas velharias"*, visto que *"a República, para que constitua o progresso e a verdade, deve envolver necessariamente toda uma série de instituições sociais, econômicas e políticas absolutamente diferentes das que estavam em vigor"*.⁹³

Fazem também o largo elogio a Rodrigues Junior e a **O Cearense**, evidenciando a aliança firmada entre os dirigentes do Partido Operário e a fração oligárquica, então na oposição. É de Aderson Ferro a palavra:

*"(...) resta-me agradecer, em nome da nossa classe, a atitude que há tomado em seu jornal – assumindo a responsabilidade da nossa defesa perante aqueles que só antevendo a nossa pobreza e o desprestígio em que nos deixaram, homens desfibrados e corruptos (...) que não nos permitem o direito de agremiações, persuadidos talvez, de que, como eles, sejamos atraídos pela febre das posições, pelo brilho do ouro, e, não pelo desejo de nos tornarmos dignos de uma pátria livre, reivindicando assim um direito que nos é comum."*⁹⁴

O jornal **O Cearense**, em sua propaganda oposicionista – *"Fora os Governantes. Queremos um governador"*, e *"O nosso governo, no que toca aos promotores da regeneração quixotesca que tanto há de fazer a sátira de futuros historiadores, é simplesmente um governo de pigmeus insensatos"*⁹⁵ – ou através de

(gráfico), Raymundo Pinto de Vasconcellos (gráfico), José Augusto Xavier e Zeferino Belleza (seleiro), João Rocha (tipógrafo).

⁹² **O Cearense** veicula, do início de 1890 a fevereiro de 1891, farto material do Partido Operário: artigos assinados, Estatuto, atas de assembleias, chapas eleitorais, comunicados do Conselho de Instrução, Escolas Noturnas e Euterpe Operária, entre outros testemunhos reveladores inclusive da violência e repressão na política cearense da Primeira República.

⁹³ **O Cearense**, 31/01/1891. Fortaleza.

⁹⁴ **O Cearense**, 09/08/1890. Fortaleza.

⁹⁵ **O Cearense**, 01/08/1890. Fortaleza.

vários artigos permeados das formulações caras à tradição liberal, afirma: "*O jornalismo é a mais democrática das instituições, (...) é a mais legítima personificação do espírito público, (...) é o espelho através do qual se reflete a alma do povo.*", debatendo o tema da liberdade de imprensa. Como neste editorial:

"O jornalismo, esta grande força social que tem inexcedível valor como órgão de publicidade, exerce também importante papel como intérprete da opinião popular. É esta talvez sua missão principal, pelo menos aquela de que resulta seu enorme poder, sobretudo nas épocas de reconstrução social. O jornalismo é a mais democrática das instituições, (...) é a mais legítima personificação do espírito público, (...) é o espelho através do qual se reflete a alma do povo.

Por isso nenhum abuso é mais revoltante do que os abusos cometidos contra a Liberdade de Imprensa. (...) ela é a objetivação do direito de livre exame, é uma das alavancas mais poderosas da civilização.

No dia em que qualquer governo comete o primeiro atentado contra a liberdade de imprensa, nesse dia esse governo deve morrer, porque feriu os direitos do povo no que há de mais elevado. A sociedade deve se levantar contra ele e esmagá-lo. (...)"⁹⁶

Com este discurso de matriz liberal, a disputa intra-oligárquica aproxima-se do núcleo de "artistas, operários e trabalhadores", estabelecendo alianças tópicas, notadamente na política eleitoral.

Fundado em 1891, o jornal **O Combate**, órgão do Partido Operário, é o mecanismo não apenas de difusão do programa e doutrina partidárias mas lugar de luta política pela construção e afirmação de identidade para "*os artistas, operários e trabalhadores*", em busca de espaços de representação na cena política do Ceará, tendo a via eleitoral como estratégia de participação:

"Levados pela necessidade de agirmos pela posse de um direito que nos deve ser comum, a nós que, se bem que tidos como um elemento anônimo da sociedade brasileira, constituímos todavia a sua maior porção, vimos concitar o ânimo dos nossos confrades afim de que, ela força da união, possamos ter o triunfo das urnas e reabilitar assim o nosso nome – propugnando na tribuna oficial pelos nossos interesses que são os da própria pátria."⁹⁷

⁹⁶ **O Cearense**, 11/04/1890. Fortaleza.

⁹⁷ **O Cearense**, 09/07/1890. Fortaleza.

Apresentando o dístico *Perseverança e Coragem*, informa ao público que se propõe a ser *"um constante e dedicado paladino da causa dos oprimidos, dos enteados da sociedade, dos párias que a fatalidade enterrou em vida no olvido social"*. Tem como redatores Aderson Ferro e Antônio Duarte Bezerra, dirigentes do Partido. **O Combate** circula de 1891 a 1892, quando sai de cena, voltando em janeiro de 1896, anunciando que:

"A redação do Combate, para corresponder à confiança da classe operária tem resolvido abrir as suas colunas a todos os homens do trabalho que andem em dificuldades com seus patrões e poderosos burgueses.

Assim, todo aquele de nossos companheiros ou todo e qualquer homem trabalhador que se veja oprimido, perseguido, preterido, pode procurar a defesa de seus direitos nestas colunas, que estão francas para receber as queixas dos que sofrem."⁹⁸

A redação do jornal declara sua linha política e indica aos eventuais colaboradores: *"Avisamos que nenhum artigo em desacordo ao ideal socialista será publicado. E, quando qualquer artigo de interesse social que nos for enviado só será publicado sujeitando-se o autor à correção da Redação."*⁹⁹

Sua periodicidade sofre alterações; aparece como folha diária, depois circula três vezes por semana, passando, em seguida, a circular todas as tardes, exceção feita aos domingos e dias santificados. Tem como colaboradores Thiago Ribas¹⁰⁰, Tibúrcio de Oliveira, Antonio Lafayette, Gomes de Matos, S. da Paz, entre outros. O jornal (como o Partido), embora não tenha a presença de mulheres em seu grupo de editores, recebe a colaboração de Francisca Clotilde¹⁰¹, e em seus artigos doutrinários dirige-se à mulher:

⁹⁸ **O Combate**, ano VI, nº 5, 08/03/1896. Fortaleza.

⁹⁹ **O Combate**, ano VI, nº 5, 08/03/1896. Fortaleza.

¹⁰⁰ Thiago Ribas (1869-1895) foi redator d'**A Epocha** e d'**O Soldado**. Publicou artigos n'**A Pátria**, **Tribuna Comercial** e n'**O Combate**.

¹⁰¹ Francisca Clotilde (1862-1932), cearense dos Inhamuns, professora, jornalista, escritora, fez parte da redação d'**A Evolução** (jornal científico e literário). Colaborou n'**A Quinzena**, escrevendo sobre o tema *A Educação moral das crianças na escola* (1877). Autora de **Collecção de contos** (1897), **Noções de arithmetica** (1889), **A Divorciada** (romance, 1902), **Fabiola** (drama sacro).

"(...) as vitórias parciais alcançadas pelos oprimidos mostram de modo irrefutável que o dia da batalha decisiva está prestes a soar. Seria, pois, uma probabilidade certa de vitória colocar a nosso lado a mulher (...) É mister, portanto, arrancar a mulher ao sono da indiferença em que jaz, quebrar os preconceitos estultos a que está jungida, associá-la a nossas empresas,, dar-lhe direitos, levá-la conosco à campanha, faze-la tomar parte na luta (...)"¹⁰²

Além dos redatores e colaboradores já referidos, o jornal conta com o Encarregado de Correspondência – Theodorico de Castro, Encarregado de expedição de malas e reclamações – José dos Santos, Encarregado dos negócios tipográficos – Theodomiro de Brito e o Encarregado dos negócios monetários – Antônio Pinto Maia. Embora do seu expediente não conste a tiragem, pode-se inferir que é feita sua distribuição para outros estados, conforme indica a correspondência mantida com seus congêneres no Piauí, Manaus, Belém e Rio de Janeiro. Para o interior do estado as excursões de propaganda, feitas por Aderson Ferro e José Augusto Xavier, funcionam como estratégia de divulgação do jornal (e do Partido).

O Combate circula entre as mais de 20 seções do Partido, em Fortaleza e no interior. As excursões de propaganda ao interior têm no jornal uma eficiente estratégia de divulgação da doutrina partidária e os encarregados da venda no interior funcionam como aglutinadores de sócios para as lides partidárias. Em Fortaleza, a venda é feita por Bandeira Simões, à rua Floriano Peixoto; Theophilo Cordeiro, na Praça do Ferreira; Miguel Matos, no Café Java; Alcides Montano, no Café Brazil; Américo de Mattos, na Fábrica de Tecidos Pompeu; João Napoleão, no Café Central; Marques Porto, na Barbearia 25 de Março; Joaquim Pinto do Carmo, na Fundação Cearense e, no Salão Izidro, à rua da Assembléia. Além desses pontos de venda, o anúncio *"Precisa-se de meninos para vender este jornal. Paga-se vantajosamente"* é indicativo de sua venda na rua. Ademais, essa prática já estava dada desde 1879, quando o jornal **O Município**

¹⁰² **O Combate**, ano I, nº 14, 21/04/1891. Fortaleza.

marcava o início da venda de jornais nas ruas de Fortaleza pelos meninos gazeteiros, fazendo pregão dos títulos ou de matérias mais "chamativas".¹⁰³

A indicação de pontos de venda é mais uma inovação que se segue à venda na rua pelos meninos gazeteiros. Os pontos de venda são localizados de preferência em áreas bem movimentadas, de concentração natural dos prováveis leitores e algumas vezes em estabelecimentos que anunciam seus produtos ou serviços, o que já era uma garantia de distribuição. Quantos liam o jornal? Impossível precisar; o que se sabe é que uma assinatura servia a várias pessoas. Cada exemplar passava de mão-em-mão, até porque era hábito arraigado pedir o jornal emprestado.

A partir de abril de 1891, vende a assinatura mensal de 1\$000 réis e o número avulso a 40\$ réis. A sustentação do jornal e sua divulgação têm nas sessões do Partido Operário um lugar destacado (embora não seja desprezível o número de anúncios), como na festa realizada em benefício do jornal:

*"Imponente e muito imponente mesmo foi nossa festinha de anteontem. Um verdadeiro triunfo para O Combate. Todos queriam-no, todos desejavam-no com a maior sofreguidão! E assim, em poucos momentos estava esgotada uma edição de mais de mil exemplares que havíamos tirado, pelo que vamos repeti-la para as remessas do interior e dos Estados. É que a nossa causa é a do povo e daí o grande acolhimento que teve a nossa folha"*¹⁰⁴

Acerca de sua repercussão no Ceará e, em particular, junto aos demais órgãos da imprensa local, variadas manifestações dizem do lugar do novo jornal. **O Meirinho**¹⁰⁵, por exemplo, deseja longa vida a **O Combate**, por entender que através dele "*o Partido Operário pretende defender suas idéias políticas e seus direitos tantas vezes usurpados*

¹⁰³ STUDART, Barão de. **Para a história do jornalismo cearense, 1824-1924**. Fortaleza: Typ. Moderna, 1924. Ainda sobre a venda de jornais na rua, há um registro insólito como demonstração de violência da política situacionista contra a imprensa: **O Rebate** (1898), de Tibúrcio Rodrigues, não contando mais com os garotos que fazem o pregão de sua folha, alvos policiais que são, sai ele mesmo vendendo seu jornal pelas ruas de Fortaleza.

¹⁰⁴ **O Combate**, ano I, nº 2, 07/04/1891. Fortaleza.

por aqueles que fazem da máquina governamental um instrumento de vingança".¹⁰⁶ **O Cearense**, que antes da existência d'**O Combate**, cedia espaço aos dirigentes do Partido Operário, saúda seu aparecimento, porque avalia **O Combate** "*como paladino das idéias democráticas, pugnando pelos direitos civis e políticos da laboriosa e honrada classe dos operários*". Na mesma linha se expressa **O Cruzeiro**¹⁰⁷, além de várias cartas apontando o imperativo político inscrito no papel da imprensa do Partido Operário.

Destaco uma delas:

"Surge há quatro semanas na arena das letras mais um batalhador da imprensa cearense. 'O Combate', órgão do valoroso artista que empunhando a pena, em lugar dos símbolos das artes, vem dizer aos seus irmãos: acordem do sono que os embriaga, para marchar o caminho traçado para as grandes evoluções sociais. (...)

A imprensa moralizadora de todos os tempos, hoje espalhada por todas as partes, também veio fazer a comunhão social no seio dos operários cearenses. (...) É o farol preceptor do operário, que encontrará nele o advogado incansável dos seus irmãos. (...)

Na época que atravessamos, ele veio guiar a classe no progresso de suas idéias, e demonstrar ao público que o operário também deve ser tido como homem capaz para o sustentáculo e engrandecimento de nossa feliz terra."¹⁰⁸

Não se deve inferir que tantas saudações expressem adesão ao lugar social do Partido ou o "consentimento" das oligarquias à participação do operariado na cena política. Elas são, por um lado, a manifestação de setores de oposição ao quadro oligárquico dominante e, por outro, mero exercício retórico usual no campo da imprensa do período. Como observa um estudo sobre o movimento operário na Primeira República, "*os diversos setores da classe dominante cearense, através da imprensa,*

¹⁰⁵ **O Meirinho**, é um jornal de 1872, de Fortaleza, que figura no rol dos literários, com perspectiva crítica à ordem vigente.

¹⁰⁶ **O Combate**, ano I, nº 4, 09/04/1891. Fortaleza.

¹⁰⁷ **O Cruzeiro** é dos anos 1884, de Baturité, Ceará.

¹⁰⁸ **O Combate**, ano I, nº 9, 15/04/1891. Fortaleza.

criticavam o Partido Operário por se constituir mera 'imitação' dos partidos europeus, pela influência socialista nos moldes da social-democracia alemã".¹⁰⁹

A primeira incursão do partido operário nas disputas eleitorais ocorre em setembro de 1890, na eleição para o Congresso Constituinte, participando da chapa de oposição ao governador Ferraz, encabeçada por Rodrigues Júnior. O **Manifesto**, de 24 de agosto de 1890, esclarece os motivos de sua iniciativa pioneira:

"É esta a primeira vez que nós, os artistas, constituídos em partido, e de nossa conta própria, pleiteamos uma eleição no intuito de, como as demais classes sociais, também tomarmos parte nos altos problemas da Pátria. Diremos que, como eles, somos os homens do trabalho, legítimos filhos do povo, e portanto, os mais bem identificados com as suas aspirações. Seja esta a nossa única recomendação. Seja este o nosso único merecimento."¹¹⁰

Tumultos, prisões, espancamentos foram constantes naquele processo eleitoral. O que seria sua primeira participação político-eleitoral é frustrada em razão da violência policial com que se defrontam. Com a prisão de Aderson Ferro e do crescente quadro de repressão, deliberam pela retirada da chapa. Alquebrados politicamente e abalada sua "crença", começam a revelar o desencanto com a República, em ilustrativo comunicado de Theodomiro de Castro na celebração do ano um da República: "(...) não via motivo para isso, desde quando, em vez de riso e flores, só via desolação e terror".

Percebe-se que o jornal **O Combate** em sua forma já não tão tosca de apresentação gráfica, como a de seus antecedentes, não parece estar preocupado com a carpintaria técnica com o fim de equiparar-se, neste ponto, ao jornalismo então praticado. Não há preocupação com recursos gráficos. A "ousadia" gráfica mais visível em tantas edições manuseadas é a publicação em página inteira, de clichê reproduzindo o retrato do presidente de honra do Partido, emoldurado por folhas de hera e laços de

¹⁰⁹ SOUSA, Simone & OLIVEIRA, Francisco de Assis S. **O Movimento operário cearense na Primeira República**. Série História, nº 3. Fortaleza: NUDOC/UFC, s/d, p. 4.

¹¹⁰ **O Cearense**, 05/08/1890. Fortaleza.

fita, misto de herói e santo, tal um ícone religioso. Apenas nos anúncios, aqui e ali, aparece uma certa "experimentação" gráfica, o que é natural porque a imagem reforça o apelo de sedução e consumo, além de atingir os que não sabem ler.

Parece ser outro seu modelo e padrão, na tentativa de afirmar um campo específico. Nele não existe como projeto um padrão de equivalência com a imprensa "oficial" que circula no mesmo período, ainda que guarde dela alguma semelhança e receba sua influência em alguns aspectos de forma e conteúdo. Dos jornais abolicionistas e/ou republicanos adota o modo de expressar opinião e defender causas e o desejo de recrutar para suas páginas a colaboração dos bacharéis, médicos, estudantes, literatos, profissionais liberais.

Construindo uma função distinta da imprensa da "situação", é crítico e doutrinário por excelência. Nos artigos de fundo faz longos arrazoados opinativos e críticos. Quando a matéria é essencialmente extraída da conjuntura política local, o texto é ainda marcado pela virulência, a intriga, descambando, não raro, para as rinhas pessoais, resquícios da linguagem adotada pelos pasquins e pelos jornais das facções políticas.

Sua função vai se delineando junto ao público que pretende alcançar. Aponta para um estado de permanente vigília e constante inquietação frente às dificuldades várias da vida dos operários. Seu campo é autodefinido, como o da *"imprensa socialista, que doutrina e moraliza"*, declaração ostensiva e auto-requerida como principista. Estão seus redatores empenhados em discutir a importância da imprensa, desferindo críticas ao comportamento dos jornalistas e julgando apropriado discutir o papel da imprensa. Em março de 1896 estão às voltas com esta questão, assim se pronunciando:

"(...) a imprensa hoje, não ouve o grito desesperado e lancinante da vítima que tomba sob o alfanje despótico, cruel e terrível dos poderosos (...) não vê a

exploração dos pequenos (...) é surda ao gemido da vítima, mas diligente em defender interesses particulares.

Limitando-se em publicar repetidamente: 'Chegou o nosso ilustre amigo, seguiu o nosso digno amigo, etc., etc., não dá ao leitor um único trabalho de utilidade, e os fatos mais graves dormem no fundo do tinteiro para não ferir susceptibilidades. (...)

A espada a suplantou ou o interesse a subornou; o certo é que a imprensa (...) é hoje uma lástima, uma vergonha (...)

A imprensa se aniquila e morre na pessoa do jornalista mercenário – e como na atualidade pululam os famintos de empregos públicos, os apóstolos da vadiagem, a pena do escritor entra no jogo indecoroso das pretensões.¹¹¹

Em sua construção, o jornal **O Combate** combina a experiência adquirida nos embates políticos e a doutrina haurida das leituras em voga. Sua matéria é também a vida vivida, são os rigores a que estão submetidos os operários, é o descaso da pública administração com os espaços e serviços da cidade, que fazem parte da paisagem operária. Os discursos nascem muito mais da experiência que da compreensão teórica. Sua matéria é a realidade, mas também a crença. Visiona a esfera do político como instância da esperança. Uma esperança que se fundara no pressuposto da *"Abolição como prenúncio e da nascente República como anúncio"*. Embora o festejado novo tempo da República não perdesse por muito tempo – já em começos de 1891 – o tom do jornal começa a ser matizado por reticências do pensamento e da sensibilidade frente às tendências autoritárias, não raro truculentas, do novo regime. De acordo com estudo já citado:

"A República oligárquica, excludente e autoritária, há muito vinha recebendo críticas dos trabalhadores que se queixavam da situação de marginalidade em que eram colocados. O espaço formal da política, com o controle das oligarquias sobre os partidos, o processo eleitoral e aparatos de repressão, as fraudes e eleições a bico de pena, impediam o voto das oposições e dos trabalhadores, favorecendo os grupos situacionistas. As eleições apenas legitimavam o poder dos dominantes.¹¹²

¹¹¹ **O Combate**, ano I, nº 5, 08/03/1896. Fortaleza.

¹¹² SOUSA, Simone & OLIVEIRA, Francisco de Assis S. **O Movimento operário...** Op. cit., p. 5.

A crença nos postulados republicanos, firmada a partir do influxo de um variado leque de leituras científicas e da inspiração na Revolução Francesa, fortalece a confiança na perspectiva redentora das revoluções políticas, como etapa histórica linear da evolução da humanidade. Aqui se nota uma clara influência do conteúdo dos periódicos que fizeram a "campanha" de 1888 e 1889 veiculando os discursos homogeneizadores, nos momentos de comemoração da Abolição e advento da República, cujos enunciados se caracterizam pelo acento no novo, pela afirmação da índole pacífica do povo e pela ênfase nas noções de Ordem e Progresso, cujo símbolo era o argumento metafórico de luz e trevas. Influenciados pelo ideário iluminista, são elementos reforçadores da idéia do advento da República como vitória das forças que representavam a modernidade, em oposição ao antigo regime.¹¹³

Como afirma Afonso Arinos de Melo Franco, para o estudo desse período há que ser feita a distinção *"entre anseios ou ideais republicanos e uma orientação doutrinária e política consciente, no sentido da implantação da República"*.¹¹⁴

As críticas aos desvios da política republicana, as veementes conclamações à "republicanização da república", os descontentamentos vão se radicalizando, à medida que são vítimas das fraudes e manipulações eleitorais, da repressão e dos desmandos das oligarquias. É a desilusão com a República, como bem anotara Euclides da Cunha: *"A República poderia ser a regeneração, não o foi (...) a velha sociedade não teve energia para transformar a revolta feliz numa revolução fecunda"*.¹¹⁵

¹¹³ CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história...* Op. cit.

¹¹⁴ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1974, p. 45.

¹¹⁵ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República*. In *Revista de Estudos Avançados*, vol. 10, nº 26, jan.-abr., p. 285. São Paulo: USP, 1996.

Abro um parêntese para apresentar a crônica afiada de João Nogueira, recolhendo (ou criando?) uma mordaz definição da "grande obra de quinze de novembro":

"Não tardou muito que certos fiotas entrassem a dizer: não era esta a República que eu sonhei. (...) as definições que lhe davam eram cada vez mais pungentes e desanimadoras, justificando assim o negrume daquele agouro.

Contou-me honrado amigo que dois meninos, filhos seus, brincavam uma noite à calçada, quando passaram os cadetes da Escola Militar, música à frente, empunhando balões venezianos e dando vivas à Republica.

Que República? Perguntou um deles. República... É cadetes com lanterna, respondeu o outro. Já ouvimos dizer que esta é a melhor definição de quinze de novembro."¹¹⁶

A ação d'**O Combate** como imprensa funda-se na compreensão de que a falta de organização e a apatia funcionam como mecanismos que pouco a pouco vão minando os conteúdos de solidariedade e a possibilidade de coesão em torno da defesa de direitos elementares, constantemente usurpados, nas oficinas da Estrada de Ferro, na construção das obras públicas, nas fábricas de tecidos, no lugar de moradia, na rua. Assim, a formação do Partido, para eles, é também uma forma de combater a assimetria política no ajuste das questões de interesse do mundo do trabalho.

A necessidade de criação de um jornal como órgão do Partido é liminarmente fixada no estatuto partidário, reconhecendo na imprensa um dos mais poderosos meios de afirmação e desenvolvimento pela representação pública e constante de suas doutrinas e reclamações. Após fundar o jornal, o Estatuto fixa a necessidade de fazer circular publicações complementares e associadas, visando fazer a exposição das doutrinas sociais para a luta do partido nas reclamações econômicas e políticas e para a educação revolucionária do espírito público.

¹¹⁶ NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Fortaleza: Ed. UFC/PMF, 1988, p. 22.

É possível conhecer, através das páginas d'**O Combate**, as idéias elaboradas e difundidas frente ao nascente proletariado no Ceará, em sua matriz socialdemocrata. Idéias que expõem, embora de forma difusa e contraditória, os direitos, a justiça, a universalidade de acesso à democracia, enquanto componentes do paradigma capitalista. Dito de outro modo, denuncia em suas páginas que os operários não experimentam tais valores de forma representativa e percebem que os mesmos são impossíveis de protagonização por todos no mundo capitalista. Pela voz do poeta, o jornal utiliza as "novas palavras" que chegavam com "a força de uma revolução". É a retórica de exortação e combate do fim do século:

*"Perdão, minha senhora, eu sou socialista!
Postergo, calco, a lei de fera protestando
Tenho a mente acesa à luz da liberdade
Meus lábios cospem fogo à cara do fascista!*

*Maltrata-me a dor que fere o ser humano
Movido ao interesse, a ímpia vileza
Lastimo a dor dos filhos da pobreza
Entregues à voragem do burguês tirano*

*E quando eu vejo o povo inconsciente
Erguer triste elogio a essa vil serpente
Estremeço de horror, e no meu peito passa*

*Uma angústia cruel, fatal e mui sombria
E é de não poder do centro de uma praça
Gritar com toda força: Abaixo a burguesia!"¹¹⁷*

Tomando seu aspecto doutrinário, e voltando as vistas para o conjunto de artigos, notas e artigos de fundo tratando da formação do partido, estão aí expressas sua posição política, sua doutrina, as relações conflituais com a esfera do poder local, as alianças, a composição social dos seus quadros dirigentes, as formas de capilaridade que

¹¹⁷ **O Combate**, ano VI, nº 1, 01/01/1896. Fortaleza.

busca instituir (forma núcleos partidários em pelo menos vinte localidades do Ceará, além de Fortaleza, a Capital).¹¹⁸

A pauta política expressa pelo jornal tentava combinar os limites e possibilidades organizativas da classe de que se autoproclama representante com as alterações que se operam na conjuntura política local. Aqui reside a matriz de várias de suas ambigüidades; muitas vezes nos artigos denunciando os desmandos que se operam na política local, notadamente nas disputas eleitorais, concluem que é inepta a invocação ao direito de representação política pelo operariado. Mas, seguidas vezes, os dirigentes partidários compõem um programa tutelado pelos grupos ou facções em disputa no jogo político das oligarquias, como se observa na formação de chapas e participação nos processos eleitorais.

Afinal, o que ressalta como característica da maioria dos partidos operários e socialistas (de duração efêmera), no Brasil do final do século XIX, é a perspectiva "conjuntural" da eleição de representantes próprios para o legislativo. Cláudio Batalha refere com pertinência o fato de que

"durante muito tempo o principal argumento para a existência de um partido operário e para tentar convencer os operários a participarem das eleições, continuará sendo a necessidade dos trabalhadores elegerem seus próprios representantes; argumento que será empregado até nos momentos em que o partido operário ganha uma certa realidade institucional".¹¹⁹

Traduzindo a confiança nas promessas republicanas de participação e se pautando pela imperiosidade da representação política do operariado, **O Combate** buscava espaços de representação política e participação, modeladas pela idéia de

¹¹⁸ O Partido tem seções nas seguintes cidades: Messejana, Viçosa, Quixeramobim, Crato, Acarape, Icó, São Bernardo das Russas, Aquiraz e Jaguaribe. E com seus respectivos chefes: Acaraú, Alexandre da Cunha Araújo; Baturité, João Vicente dos Reis; Maranguape, Antônio Ribeiro do Nascimento e Silva; Sobral, Ignácio Pereira e Silva; Granja, Francisco Elesbão de Andrade Pessoa; Camocim, Lourenço Fernando de Almeida; Quixadá; Idelbrando Gomes do Rego; Canoa, Victor Ribeiro Campos; Conceição, Manuel Nogueira de Miranda; Pacatuba, José do Monte Pereira Lima.

¹¹⁹ BATALHA, Cláudio H. *A Difusão do marxismo...* Op. cit., p. 18.

direitos e justiça. A ênfase dos artigos de fundo recai nos princípios e aspirações da tradição republicana à brasileira: federação, unidade nacional, descentralização política, autonomia das províncias, legalidade, moralização administrativa, instrução pública, critérios de seleção e nomeação para a função pública, entre outros.

Com base nessas concepções, os redatores do jornal expressam a oposição sistemática ao Centro Republicano e a João Cordeiro. Para eles, *"poucos estados da União brasileira tiveram a infelicidade de ver à testa dos negócios públicos homens tão funestos como os que surgiram para o Ceará, a 16 de novembro de 1889"*. Os artigos diários lançam invectivas ao Centro e seus dirigentes são alcunhados de *"republicanos mercenários"*, *"bastardos da república"*, *"republicanos improvisados"*, *"inimigos da república"*, *"republicanos mascarados"*. Se a República *"é o levantamento do regime que representa a opinião pública"*, não é isso que eles vêem no Ceará: *"A república sonhada pelos que estremeciam a pátria de coração está certamente distanciada da que se almejava com tanto ardor."* Para eles, *"aquilo não era República, nem Federação"*.¹²⁰

Cresce de importância, no jornal, o espaço doutrinário, o que se confirma com a intensificação do intercâmbio com o Partido Operário do Rio de Janeiro e com a imprensa de igual matriz, além da correspondência com França e Silva. As cartas e artigos de França e Silva sobre *O Partido operário no Brasil, Operários e socialistas, A Jornada de oito horas, O Movimento operário no Rio de Janeiro, O Socialismo na Alemanha, A Greve dos cocheiros no Rio de Janeiro*, entre outros, fornecem o substrato das conferências realizadas nas seções do Partido, em Fortaleza e no interior, configurando esse intercâmbio de idéias e influências. Como exemplo doutrinário aparecem as seções *Perfis de Socialistas Brasileiros, Questão Social* e as edições

¹²⁰ **O Combate**, ano I, nº 20, 28/04/1891. Fortaleza.

especiais dedicadas ao Primeiro de Maio. Realizando a tarefa doutrinária, mais voltada aos que formam o partido, nota-se o empenho em fixar junto ao público leitor as idéias-chave em torno das quais o jornal recolhe sua matéria. O jornal noticia também a existência, na capital da República, do Centro Operário Radical, divulga os principais pontos de seu programa, destacando o papel de Gustavo de Lacerda em sua formação e um dos principais animadores.¹²¹ Uma, dentre as várias cartas de França e Silva a **O Combate**, exemplifica o esforço doutrinário:

"Como todas as idéias grandes e generosas, surgiram das baixas camadas sociais (e não podem deixar de assim o ser), assim foi a idéia da criação do Partido Operário nesta parte do Continente Americano. A burguesia, que de ordinário se deleita no fausto e no luxo é absolutamente incompatível com o pensamento liberal e generoso, de igualar perante o direito o plebeu que não tenha herdado ainda no berço as qualidades e atributos de grandeza e de nobreza.

O Partido Operário, puro, genuíno como deve ser, não tem pretensões de excluir da gestão dos negócios públicos nenhuma outra classe social, o que ele quer, o que ele aspira é o direito de representação em todos os corpos eletivos do país e tomar parte nos banquetes da nação, dos quais tem sido eliminado pelos corifeus de todos os partidos governamentais."¹²²

Seus conteúdos dão visibilidade, como aludi há pouco, a uma pauta que abrangia um conjunto de questões de interesse do nascente operariado: a pobreza, a carestia de vida, os termos da relação capital/trabalho, a questão social, o quadro de desigualdade social e as propostas para mitigação de tal quadro, o papel do Estado nas relações de trabalho e na economia; entre várias outras questões por eles consideradas relevantes, em particular as de fundo sócio-político e econômico.

Entre essas ressaltam-se as condições de trabalho na Estrada de Ferro de Baturité e nas demais obras públicas no interior do Ceará. **O Combate** acompanha em várias

¹²¹ Gustavo de Lacerda, jornalista e militante socialista, publicou em 1901 o opúsculo **O Problema operário no Brasil**. Em 1902, fundou com Vicente Silva o Partido Socialista Coletivista. Em 1908, com outros, fundou a Associação Brasileira de Imprensa, tendo sido seu presidente.

¹²² **O Combate**, ano I, nº 22, 30/04/1891. Fortaleza.

edições, o desenrolar da greve dos operários da Estrada de Ferro de Baturité, em junho de 1891. Os trabalhadores da Estrada de Ferro, como se viu antes na história de José Paulino, enfrentam um duro cotidiano de trabalho. Uma de suas primeiras lutas era pela jornada de oito horas: *"Entre nós, porém, ao pobre operário, impõe-se ainda o trabalho como se fosse ele uma máquina, sendo que, nas Estradas de Ferro deste Estado, trabalham de seis às seis."*¹²³ É a luta sobre o tempo, como observa Thompson. No espaço das oficinas, como das primeiras indústrias têxteis do Ceará, quando é imposta a nova disciplina do trabalho, e os *"trabalhadores começam a lutar, não contra o tempo, mas sobre ele"*; quando se altera a tonalidade dos discursos contra as jornadas extenuantes e o depauperamento físico causado pelos horários de trabalho "antinaturais", no dizer d'**O Combate**.¹²⁴

São muitas as denúncias das extenuantes jornadas de trabalho, alertando os engenheiros-chefe da Estrada, para o que consideram *"um regime escravo em plena República"*, como se vê nesse artigo:

*"Não podemos compreender o intuito destes Srs. Engenheiros e demais chefes de obras públicas, obrigando ou melhor estatuindo o trabalho de dez a onze horas diário. (...) No lugar que estamos, centro de dois mil e tantos operários é horrível contemplar-se por algumas horas o serviço desenvolvido por aqueles pobres homens. Ali não se contenta com o trabalho acorde com as forças de cada um; quer seja bom ou doente, magro ou gordo, musculoso ou de constituição fraca, obriga-se ao trabalho forçado, ao peso descomunal (...) sob pena de ser imediatamente dispensado e conseqüentemente roubado nos oitocentos réis. É um verdadeiro trabalho do escravo em plena república. (...)"*¹²⁵

A greve, deflagrada em junho de 1891, era reclamada desde algum tempo. O grande contingente de trabalhadores "alistados" na construção da estrada de ferro, em

¹²³ **O Combate**, ano I, nº 35, 21/05/1891. Fortaleza.

¹²⁴ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 293.

¹²⁵ **O Combate**, ano I, nº 13, 19/04/1891. Fortaleza.

razão da grande seca de 1877, é tratado pelo engenheiro-chefe Lassance Cunha como beneficiário de uma ação do governo. Revestindo o discurso de um viés paternalista, não acolhe as reivindicações concernentes à melhoria de salários, às condições de trabalho e aos alojamentos. Veja-se seu ponto-de-vista:

*"O fim primordial dessa estrada era manter as populações ao longo da linha projetada e proporcionar-lhes serviço proveitoso e remunerado. Na construção desse trecho foram empregados dez mil operários, que com as suas respectivas famílias atingiram a uma média de 50 mil pessoas. Daí a falta de uma organização regular de serviço e conseqüente exagero do custo de mão-de-obra, (...) tinha-se mais em vista alimentar e salvar o povo do que exigir dele serviço equivalente ao salário pago."*¹²⁶

Bem ao estilo dos administradores das obras públicas do período, Lassance Cunha combina os métodos de coerção (multas, punições, demissões) à ação benemerente, via Associação Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité, criada sob sua inspiração em 1891. Em sua ata de fundação expressa seus objetivos:

*"De comum acordo com os chefes de serviços, considerando as dificuldades financeiras por que passa a maior parte do pessoal da Estrada nos períodos de doença, quando, não podendo comparecer ao trabalho, perde sua gratificação ou salário, resolveu instituir uma associação protetora, com o fim de minorar o quanto possível as dificuldades."*¹²⁷

Aos baixos ganhos e jornadas extenuantes, como já se viu, soma-se o problema da reforma do Regulamento para os trabalhadores da Estrada de Ferro, instituindo novas funções para os mestres e contramestres das oficinas, centralizando cada vez mais o controle, o poder de mando e fiscalização dos trabalhadores. Como no estudo de E. P. Thompson, *"estamos entrando na paisagem familiar do capitalismo industrial disciplinado, com a folha de controle do tempo, o controlador do tempo, os delatores e*

¹²⁶ Sinopse histórica da estrada de ferro de Baturité. Apud FERREIRA, Benedito Genésio. *A Estrada de ferro de Baturité: 1870-1930*. Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989, p. 35.

¹²⁷ Associação Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité – Ata de Fundação. Apud FERREIRA, Benedito Genésio. *A Estrada de ferro...* Op. cit., p. 93. A Ata contém 353 assinaturas, com a observação que apenas 191 foram de próprio punho. A Associação deixa de funcionar em 1894, retomando suas atividades em 1916, sob a direção do engenheiro-chefe Couto Fernandes.

as multas".¹²⁸ Aqui, o controle se materializava na obrigatoriedade da Caderneta de Apontamento e no fornecimento no barracão, instrumentos que sabiam os trabalhadores desencadeadores de multas e punições, infernizando ainda mais o já precário ambiente de trabalho. Eis a pauta da greve:

*"(...) Os motivos que levaram os dignos operários da Estrada de Ferro a declararem-se em greve foram os mais justos e muito honram os brios daquela classe. O objeto da greve é demissão do mestre das oficinas com quem todos se julgam incompatibilizados, o aumento de salário e a não adoção da caderneta que o doutor engenheiro chefe pretende admitir."*¹²⁹

O que torna, a meu juízo, essa greve mais singular é sua reivindicação central: a demissão do mestre de oficinas, José da Rocha. Veja-se a *Nota ao Público* assinada pelos trabalhadores em greve:

*"Já nos oferecemos ao Sr. Dr. Lassance a provar todas as ladroeiras praticadas pelo mestre das oficinas, José da Rocha e Silva (...). Para provar ainda a 'capacidade' do mesmo mestre que o Sr. Dr. Lassance persiste em querer para nosso chefe, amanhã publicaremos mais algumas rapinagens deste 'honradíssimo' empregado. Ainda uma vez pedimos ao Sr. Diretor que nos chame à prova de tudo quanto em desabono da conduta do mestre das oficinas tem sido publicado. O público que nos julgue!"*¹³⁰

Embora o jornal trate majoritariamente de política e doutrina, há uma variedade de seções: literatura, avisos, serviço postal, movimento do porto, entre outras.¹³¹ Algumas delas se destacam: *Dizia-se Ontem*, *Diz o Zé Povinho*, *Alfinetadas* e *Na Viola*, onde são tratados os fatos da política, da imprensa local e dos costumes, em tom de mordacidade, zombaria, galhofa e até de provocação. *Na Viola*, seção na forma de

¹²⁸ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In *Costumes em comum...* Op. cit., p. 291.

¹²⁹ *O Combate*, ano I, nº 44, 02/06/1891. Fortaleza.

¹³⁰ *O Combate*, ano I, nº 46, 04/06/1891. Fortaleza.

¹³¹ São exemplos de outras seções: *Garatujas* – rápidos quadros da conjuntura política local e nacional; *Letras* – apreciação acerca do lançamento de livros no Ceará, com especial destaque para a obra de Rodolpho Theophilo; *Congresso Cearense* – espécie de cobertura das sessões na casa legislativa cearense, informando a ordem do dia e outros assuntos; *Folhetim* – traduções publicadas em capítulos, que se distribuem em várias edições; *Colunas Livres* – artigos diversos, aniversários, charadas, anedotas, felicitações, congratulações, pensamentos, (aqui, até pelo leque variado de supostas colaborações, o jornal avisa que não serão aceitos anônimos, para publicação).

versos, às vezes obedecendo a um mote, em geral depreciativos dos opositores na política local, informando as idas e vindas na cena política, o sobe e desce dos cargos e as tricas e futricas dos bastidores. Depreciando (às vezes em tom de achincalhe) os adversários (João Cordeiro e o Centro Republicano, entre outros) e louvando os aliados, a coluna atira suas farpas em tom zombeteiro e traduz o noticiário político num estilo de pura galhofa:

*"Parabéns rapaziada
Não é preciso salseiro,
Caiu mesmo esbandalhado
O famoso João Cordeiro!
Soltar foguetes se deve
(...)
E o congresso desta terra
Já não relincha, nem berra...
Muito bem! Foi adiado!*

*Caiu como jenipapo
Caiu mesmo de maduro
Hoje é chato como sapo
O centro republicano
(...)
Foi uma vez um Cordeiro
Um cofralhão de dinheiro
Que vai descer ao olvido!"¹³²*

Da leitura d'**O Combate** merece destaque o fato de quase a metade da edição de quatro páginas ser ocupada por anúncios. Como resultado financeiro dos anúncios, Aderson Ferro noticiava a aquisição *"de um prelo próprio, bem montado e apto para o bom desempenho de todo e qualquer trabalho tipográfico. (...) A aquisição desta poderosíssima alavanca do progresso devemos em grande parte a triunfos que temos obtido nas propagandas"*.¹³³

¹³² **O Combate**, ano I, nº 4, 09/04/1891. Fortaleza.

¹³³ **O Combate**, ano II, nº 19, 22/06/1892. Fortaleza.

Ainda que o diretor do jornal se refira aos "triunfos nas propagandas", a sustentação do jornal, ao que parece, é tarefa maior dos sócios do Partido, na capital e no interior, comprando suas assinaturas. Ainda que a renda auferida com os anúncios seja um suporte, sabe-se que, não raro, a imprensa do período em busca de anunciantes faz alguns acertos: anúncios de tamanho grande e anúncios de espetáculos, por exemplo, recebem maior quantidade de exemplares do jornal para distribuição; anúncios de profissionais liberais e de aluguel são insertos de modo gratuito, sob a forma de notas. Sabe-se também que as fórmulas de subscrições, listas de apoio, festivais, livros de ouro são usuais para garantir a sustentação do periódico (e as atividades do Partido).

Ainda assim, se depreende que o esforço de sustentação do jornal não é dirigido exclusivamente à colaboração dos sócios do Partido. O número de anunciantes e o espaço destes no jornal é também um indicativo do aumento da tiragem e circulação do jornal. Já do ponto de vista do público leitor, pode-se supor que não está circunscrito ao meio operário, uma vez que grande parte dos artigos anunciados não se dirige ao consumo de quem ganha uma diária de 40\$ réis. Embora deva ressaltar que constam em todas as edições os anúncios/convocações de interesse do Partido.

Para o estudo importa também reter, via anúncios, as soluções de vida urbana que se vão impondo em Fortaleza, seja do ponto de vista material, seja do ponto de vista cultural: a feição que vão tomando os passeios para pedestres, abertura de novas vias, cafés, companhias de teatro de passagem pela cidade, pontos de venda de jornais, pensões, hospedarias. Uma nova forma de habitar, novos hábitos urbanos podem ser visualizados através dos anúncios; evidências também do surgimento de profissões urbanas requeridas pelo processo de industrialização e do "estiramento do comércio" na cidade de Fortaleza.

Através deles é possível visualizar as artes e os ofícios que vão se afirmando no mundo do trabalho; a vida, os costumes, os hábitos de certos setores da cidade, a quem está dirigido o consumo de importados, vinhos finos, *delikatessen*, sedas... Anunciam os barbeiros, alfaiates, carroceiros, ourives, chapeleiros, bombeiros hidráulicos, marceneiros, farmacêuticos, pianistas. Estão ali as casas de secos e molhados, de estivas e cereais, armarinhos e hospedarias. Como a Hospedaria Ponciano, na praça da Estação, fornecendo comida a preços cômodos e garantindo bom cozinheiro. E das casas para alugar, como uma no bulevar da Conceição, com três portas de frente e água potável, para família pequena.

Quando os anúncios chegam a ocupar duas páginas do periódico, sinaliza-se uma relativa ampliação do mercado de anunciantes, em decorrência da diversificação das atividades comerciais, embora tal fato não implique, necessariamente, que constituíssem a principal fonte de sustentação do jornal, repito. Registre-se que, em todas as edições uma parte da sessão de anúncios é reservada à Euterpe Operária (banda de música do Partido), à Escola Noturna, aos comunicados do Conselho de Instrução do Partido, às convocações de assembléias e reuniões de algumas sociedades beneficentes. Alguns anunciantes ligados às nascentes profissões urbanas são sócios ou simpatizantes do Partido e têm em suas oficinas e pequenos estabelecimentos um "ponto" informal de divulgação da folha, que passa de mão em mão; o que indica uma relação entre anunciantes (leitores) e a redação do jornal (dirigentes do Partido). Outros, sem adesão ao conteúdo do jornal, querem apenas anunciar "*seus miraculosos xaropes*", suas "*maravilhosas máquinas e geringonças mecânicas*" e seus artigos "*de boa procedência européia*", não importando a tendência do jornal. Sem esquecer dos anúncios de certas "especialidades": os tônicos e depurativos, tão comuns à época. No caso, é anunciado o

Vinho Puro de Caju, contra a anemia e impureza do sangue, fabricado por Antero da Costa Theophilo.

Anunciam as últimas novidades em máquinas: de costura, hidráulicas, engenhocas que vindas de Liverpool são a garantia (e a prova) que o progresso se instala na *Terra da Luz*. Conrado Cabral & Cia, à rua Formosa, com sua Cento e Quinze, é o anúncio que ocupa maior espaço no jornal, com artigos variados: material de construção, ferragens, tintas e máquinas de costura Singer, Caio Prado e New Homme para pé, a melhor do mundo. As fábricas também são anunciantes. A de cigarros é a mais constante. Fazem o pregão de seus produtos e, não raro, "*procura-se operários*" é o anúncio de algumas unidades fabris, como esse da Fundação Cearense: "*Precisa-se contratar um serralheiro ou limador, um caldeireiro e um ferreiro. Paga-se bem, sendo operários habilitados e que não sejam preguiçosos.*"¹³⁴

Há uma diversidade de anúncios. Alguns voltados "*à atenção do belo sexo*": espartilhos, sedas, chapéus finos da última moda, casemiras, panos finos, grinaldas, gazes, *voiles*, *foullards* de seda, sapatinhos para noivas, meias finas e leques, nas lojas O Marçal e Manaos, na rua do Major Facundo e n'A Esmeralda e O Barbosa, na rua da Boa Vista. Outros voltados ao lazer e "*à ilustração do espírito*", como os anúncios do Teatro São Luiz, convidando o "distinto público" para assistir "*Mulheres Guerreiras e o Dr. Purgante*", no domingo, dezessete de maio de 1891. Artigos de luxo da última moda revelam também um mimetismo das atitudes consideradas cosmopolitas e os novos hábitos que se vão instalando na província, com ênfase nos "artigos estrangeiros", como no anúncio de J. Bruno, Filho & Cia., que anuncia "para o inverno", chapéus de chuva, autômatos de seda portuguesa e cabos chiques e até... "*polainas do afamado couro da*

¹³⁴ *O Combate*, ano II, n° 18, 21/06/1892. Fortaleza.

Rússia, o que há de mais esplêndido". É certo que nem todos os anúncios destacam os tais artigos estrangeiros, das batatas aos leques de seda. Aparecem também os morins nacionais, as chitas, o madapolão, como em Albano & Irmão.

Outros voltados às artes e ofícios. Do chapeleiro Antonio Pinto Maia, do alfaiate Luiz de Sousa Leite, com sua Tesoura Cearense, na rua Formosa, garantindo prontidão, bom desempenho e elegância a seus "numerosos fregueses", com uma condição: *"não vender e nem trabalhar fiado"*. Do ourives Gonçalo José do Nascimento, que *"prepara a tempo e a hora, qualquer obra de ouro e prata, tudo a gosto do freguês"*. Do capataz Joaquim José de Sousa, oferecendo seus serviços de mudanças de móveis, dispondo para isso de *"vinte homens habilitados"*. E o anúncio de João Carlos da Silva Jatahy, buscando os serviços de oficiais de carpina e marceneiros, para seu estabelecimento na rua da Assembléia, na antiga oficina de Raimundo Balaio. De um bombeiro hidráulico, com a oficina à rua Santa Isabel, que se anuncia como pessoa habilitada na montagem de depósitos para água, encanamentos de ferro e chumbo, torneiras e tudo o mais que pertença a este ofício. Também do médico, Dr. Montezuma, que dá consultas durante as manhãs e às tardes anuncia aulas particulares de inglês, francês e italiano, e do oculista Henrique Leite Barbosa, consultando em sua residência, à rua 24 de Maio.

Anúncios de produtos importados (arroz indiano, charque do rio da Prata, chá inglês, vinho de Bordeaux, champanhe do melhor fabricante, conhaque, azeite, peixes e doces portugueses, sardinhas de Nantes. Minervino Abreu, à rua das Trincheiras, anuncia batatas francesas e portuguesas chegadas pelo último vapor, além de um completo sortimento de vinhos franceses e portugueses dos mais acreditados fabricantes. São esses anúncios indicativos da presença das casas importadoras em Fortaleza e da relativa pujança do comércio local, embora um anunciante, a loja Ville do Ceará anuncie uma baixa de preços *"somente com o fim de apurar dinheiro"*, motivada

*"pelas condições pouco lisonjeiras de nosso estado, a grande baixa do câmbio e o pagamento integral em ouro, que muito tem sobrecarregado as mercadorias estrangeiras".*¹³⁵

Anúncios do melhor café de Baturité, do milho para semente, do feijão, da banha e da farinha de mandioca indicam os produtos de produção local que são comerciados com o interior da província, assim como o anúncio da compra de postes de pau d'arco, aroeira e sabiá, são o indício da instalação da Empresa Telefônica do Ceará.

Também na denominação dos estabelecimentos comerciais entra o "novo" tempo da política. É o caso da Loja Republicana, de Oliveira & Cia, que dispõe de *"um variado sortimento de artigos da moda, ultimamente chegado de Paris"* e da loja Novo Mundo, com objetos variados de luxo e da última moda.

Ao pesquisador compete esquadrihar todas as colunas distribuídas nas sucessivas edições, com olhar arguto. Gilberto Freyre, num estudo sobre a influência francesa sobre a vida brasileira no século XIX, observa que a obscuridade de certos temas decorre do fato de que resta quase nenhum registro ou louvor de serviços dos homens simples ou comuns em documentos oficiais ou em papéis ilustres. Para Freyre, na tarefa de reconstituição é necessário o pesquisador

*"extremar-se em bisbilhoteiro de papéis menos ilustres que os acadêmicos ou os diplomáticos: (...) em anúncios de jornais; e, ainda, nas seções ineditoriais ou pagas dos velhos jornais brasileiros conhecidas como 'Apedidos', 'Solicitadas', 'Por conta alheia': seções tão cheias de informações valiosas e às vezes indiscretas e mesmo escandalosas sobre a vida mais íntima da gente mais obscura e aparentemente sem história (...)"*¹³⁶

Importa acrescentar que as seções *Apedidos*, *Solicitadas*, *Por conta Alheia*, também presentes n'**O Combate**, funcionam como colaborações livres que demonstram

¹³⁵ Anúncio veiculado em quase todas as edições d'**O Combate**, ao longo do ano 1891, p. 3.

¹³⁶ FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro francês no Brasil**. Tomo I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 40.

um certo apreço do jornal pela liberdade de opinião. A criação de novas seções é, às vezes, demandada pela participação direta do público leitor. Exemplo disso é a inserção d'*A Coluna do Povo*. Para ela são encaminhadas as várias reclamações: ao Comandante do Corpo de Segurança Pública, ao delegado de polícia, à Intendência, ao Legislativo Estadual. É escoadouro das denúncias das perseguições e prisões arbitrárias dos membros do Partido no interior do estado. Mas é também espaço de confraternização: notas de felicitações, aniversários, despedidas. A criação da *Coluna do Povo*, é assim anunciada:

"O crescido número de artigos que cotidianamente recebemos de pessoas do povo, obriga-nos, com muito prazer a abrir, a seção 'Coluna do Povo'.

Escritos estes artigos sem os atavios necessários de ortografia e sintaxe, nem por isso devem merecer menos a atenção de todos; porque traduzem perfeitamente o pensamento popular em toda sua nudez, e, assim devem ter eco no nosso jornal que é, antes de tudo, a imprensa do povo."¹³⁷

Se é certo que o jornal acata de bom grado e até estimula a participação de seu público, declarando-se "*imprensa do povo*", também é certo que almeja um certo conteúdo cosmopolita, mantendo em suas páginas notícias regulares do Rio de Janeiro, emblema da política nacional e do debate de idéias. Com esse propósito, tem a colaboração de Tibúrcio de Oliveira¹³⁸, jornalista cearense, que escreve regularmente para o jornal as *Cartas do Rio*, visando por os leitores "*ao corrente das evoluções e acidentes que se forem manifestando na política, nas artes, no comércio, nas letras, e em todos os demais ramos da atividade nacional, cuja cabeça pensa, agita-se na capital da República*".¹³⁹

¹³⁷ **O Combate**, ano I, nº 23, 01/05/1891. Fortaleza.

¹³⁸ Tibúrcio de Oliveira, cearense, participou da luta abolicionista dizendo-se discípulo de José do Patrocínio. Autor de **O Jangadeiro**, romance de propaganda abolicionista. Prefaciou **Coleção de Contos**, de Francisca Clotilde. Durante sua permanência no Rio de Janeiro, foi redator do **Correio da Tarde** e da **Cidade do Rio**. No Ceará, fez parte das redações do **Diário do Ceará**, do **Jornal da Tarde** e do **Ceará**. No **O Combate**, além das *Cartas do Rio*, publica versos de seu *Novas Crenças*.

¹³⁹ **O Combate**, ano I, nº 21, 29/04/1891. Fortaleza.

Num esforço de conectar o público com os grandes centros, Tibúrcio de Oliveira faz o relato dos fatos políticos de destaque na capital da República, entremeado com notícias das intrigas palacianas. Algumas de suas *Cartas* têm conteúdo francamente doutrinário, quando tecem considerações sobre as escolas filosóficas que da Europa espraíam seus "ensinamentos". Baseado na premissa da *"soberania do Direito e da supremacia da Razão como fundamentos da fraternidade universal"*, elabora a crítica ao que qualifica de "doutrinas heterogêneas" para concluir que *"a razão científica de Karl Marx e Lassalle lançou os alicerces da escola socialista na Alemanha, cujos dogmas concretizam os modernos ideais dos povos e que virá fatalmente, dentro de meio século, a ser a escala da política universal"*.¹⁴⁰

O que se acrescenta como relevante, do ponto de vista da busca de aperfeiçoamento do jornal como campo de formação e doutrina, é que não se contenta apenas em realizar transcrições de outros jornais, o que era comum, mas mantém um canal próprio com uma espécie de "correspondente". Além disso, divulga os *"renomados sociólogos"* em longos textos seccionados em várias edições, uma vertente que os folhetins já haviam consagrado (sem esquecer que muitos escritores tiveram seus livros publicados em capítulos, original e experimentalmente, nos jornais).

Nota-se que o jornal amplia seu rol de assuntos, introduzindo notícias que possam conferir-lhe um certo ar cosmopolita ou uma forma de mostrar-se *"em dia com o que vai pelo mundo"*, em matéria do que consideram signos identificadores da civilização e do progresso. Outra não é a intenção, quando divulga longo artigo sobre a inauguração de nova e imponente casa de teatro em Londres, ressaltando a *mise-en-scène* da ópera *Ivanhoé*, prometendo aos leitores *"a melhor crítica que se publicar sobre*

¹⁴⁰ **O Combate**, ano I, nº 34, 20/05/1891. Fortaleza.

a nova ópera". Uma estratégia que visa ampliar seu público leitor, aproximando-se do modelo literário.

No conjunto do jornal, o espaço de maior destaque é dado à seção *Movimento Operário*, espécie de expediente do Partido Operário, dando a conhecer as localidades em que o Partido encontra-se instalado no Ceará e nominando os respectivos chefes. São apresentadas aí, com destaque, as matérias diretamente relacionadas à vida partidária, como realização de congressos, visitas aos núcleos do interior, estatuto, artigos doutrinários, greves, polêmicas, repressão ao partido e seus dirigentes. É um campo de debate que se alarga à medida que o jornal parece crescer de importância e marcar uma certa influência em Fortaleza. O alargamento da influência é, sem dúvida, parte da estratégia do jornal, conforme está explicitado nesse editorial de 1896:

"A redação do Combate, para corresponder a confiança da classe operária tem resolvido abrir as suas colunas a todos os homens do trabalho que andem em dificuldades com seus patrões e poderosos burgueses.

Assim, todo aquele de nossos companheiros ou todo e qualquer homem trabalhador que se veja oprimido, perseguido, preterido, pode procurar a defesa de seus direitos nestas colunas, que estão francas para receber as queixas dos que sofrem."¹⁴¹

O noticiário sobre a movimentação operária no Brasil é bastante reduzido. Notícias sobre greves aparecem com pouca regularidade, referindo-se quase sempre a outros países: França, Inglaterra, Alemanha. Veicula notícias de situações de aberto conflito em países tomados como paradigmáticos, positiva ou negativamente, de acordo com o que pretende reforçar como linha de intervenção do jornal, observadas as vicissitudes da política, como aludi anteriormente. Em algumas edições passam a noticiar fatos que indicam conquistas operárias, como esse sob o título *Dia Normal na América do Norte*:

¹⁴¹ **O Combate**, ano VI, nº 5, 08/03/1896. Fortaleza.

*"A Câmara dos deputados dos Estados Unidos votou uma lei, estabelecendo o dia normal de trabalho de oito horas para todos os operários que se empregam nas oficinas do Estado ou trabalho público. Entre nós, porém, ao pobre operário, impõe-se ainda o trabalho como se fosse ele uma máquina, sendo que, até bem pouco tempo, nas Estradas de Ferro deste Estado, trabalham de seis às seis".*¹⁴²

Aqui e ali noticiam ações do operariado no Rio de Janeiro e Pernambuco (greve dos sapateiros, dos cocheiros, dos ferroviários). Sobre a ação dos operários da Estrada de ferro de Pernambuco reivindicando jornada de oito horas, dizem ser justa *"porque em um clima ardente como o é o nosso, exigir-se de um pobre homem mais de oito horas de trabalho, é matá-lo"*.¹⁴³

Outro tema de destaque no jornal é a vida na cidade. Acolhendo reclamações dos leitores, dirige suas críticas à "incúria" da Intendência. Para o jornal, *"o bem estar público é descuidado sempre"* e que não se justifique como falta de meios, porque a Intendência *"prosegue no seu afanoso trabalho de levantar impostos, uns sobre os outros"*. Por essa via, trata do espaço urbano, do disciplinamento do espaço público, da abertura de travessas, do arruamento, reclama melhoria para os equipamentos públicos, praças e logradouros, pede pelo *"aformoseamento da cidade e comodidade dos seus habitantes"* e reclama *"medidas salvadoras da saúde pública"*. É a sujeira e são os detritos acumulados nos córregos; é o descaso com o Passeio Público, *"um cartão-postal da cidade"*, são as condições de higiene do Mercado a exigir providências. Os moradores da rua das Flores e da Misericórdia reclamam *"da imensidade de cães que diariamente atacam os transeuntes que por ali passam"*.

À sua tarefa de porta-voz de um partido acresce outra de igual centralidade: a defesa da República e a crítica dos descaminhos que vai observando. Embora reconheça

¹⁴² **O Combate**, ano I, nº 35, 21/05/1891. Fortaleza.

¹⁴³ **O Combate**, ano I, nº 7, 12/04/1891. Fortaleza.

"a extrema facilidade com que se operou a mudança da forma de governo" e sobre a instauração do regime, o articulista revela que "bateu-me à porta, inesperadamente o advento da República", trata de fazer-lhe a defesa, porque regime compatível com as aspirações do século que findava. Para isso, reclama a participação do povo que "ficou cá na planície, talvez bestializado", como nessa declaração:

"Não erguemos um grito de guerra contra a burguesia que assentada nas cumeadas do poder dirige os destinos deste imenso país, queremos sim, que ela que fez uma revolução não lance um olhar de desdém e desprezo cá para a planície onde ficou o povo, talvez bestializado, (...)"¹⁴⁴

A expressão "talvez bestializado" é eco óbvio na imprensa do Ceará do termo celebrizado da fala de Aristides Lobo, que atravessou décadas ocultando tensões e conflitos que permearam a queda do antigo regime. Interponho aqui, um fragmento do discurso de um intelectual do Ceará, Antônio Sales, como exemplo da recepção do termo de Aristides Lobo, ampliado como reforço de representação sobre os "pobres inarticulados":

"[Oliveira Paiva] compenetrava-se da situação do povo na República, desse povo que, segundo Aristides Lobo, ficara 'bestificado' diante dela. Para desbestificá-lo era preciso instruí-lo, identificá-lo com o novo regime, e com esse fim, Paiva, criou um jornalzinho intitulado Zé Povinho, escrito em linguagem chã e às vezes mesmo deturpada, como é a fala da plebe. Mas compreende-se a inutilidade dessa tentativa, pois que toda a propaganda escrita é inútil para um povo que não sabe ler."¹⁴⁵

Retomando o discurso d'**O Combate**; dos novos tempos republicanos espera a consolidação do "perímetro democrático", atribuindo sentido às noções e práticas de solidariedade, sufrágio universal, princípio federativo, justiça, direito, ampla liberdade do pensamento e da palavra. Difunde a tese do fortalecimento da "opinião pública,

¹⁴⁴ **O Combate**, ano VI, nº 1, 01/01/1896. Fortaleza.

¹⁴⁵ SALES, Antônio. **Novos retratos e lembranças**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1995, p. 112. Para a discussão do período em questão, ver o estudo inovador de Murilo de Carvalho (CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1987).

porque base de todos os governos livres". Trata os bons e sinceros republicanos como reformadores das instituições decaídas, regeneradores da pátria cearense, cuja missão histórica seria fazer da República "a expressão perfeita da igualdade e fraternidade de todos os cidadãos". A reforma política instaurada pelo novo regime deveria consagrar o princípio da igualdade social e política. Como uma decorrência do progresso e da evolução das sociedades a reforma política teria "como consequência, cedo ou tarde, mas necessariamente, a reforma social", do já citado Manifesto.

Voltando a circular em 1896, apresenta as razões de sua longa ausência, como decorrentes das dificuldades vivenciadas no período 1890-1892 e informa que a decisão baseou-se *"na prudência e no bom-senso que recomendaram a hora de recolher armas, de enrolar a bandeira"* e se justifica dizendo que *"muitas vezes o silêncio é resistência superior a uma reação tenaz e calculada"*. Sem entrar nos reais motivos da ausência, de ordem política, apela ao esquecimento: *"Mas... para que recordarmos estas páginas tristíssimas da história de nossa República nascente?"*, ainda que use uma linguagem cifrada – recolher armas, enrolar a bandeira – a memória do período registra que o silêncio é imposto pela repressão que atinge o Partido Operário. Seu jornal tem as oficinas invadidas e destruídas pela força policial, em 1893. O depoimento de Theophilo Cordeiro sobre o período revela a desilusão dos dirigentes do partido com os processos político-eleitorais e as formas de atuação dos "partidos da ordem": *"A repressão foi de tal forma violenta, que a agremiação proletária que agrupava em torno de 1500 pessoas desapareceu da ordem do dia. Deixou de existir. Só dez anos mais tarde é que o operariado retornou a sua posição como elemento de classe."*¹⁴⁶

¹⁴⁶ Theophilo Cordeiro – Entrevista. Apud RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947)**. Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989, p. 23.

Voltando a circular em 1896, os redatores d'**O Combate** anunciam o programa do jornal para o novo período, expressando o quadro de descontentamento com os métodos da oligarquia:

"O nosso programa é o mesmo dos primeiros dias de luta, com uma diferença que queremos fique bem patente. O grupo operário de que somos representante na imprensa do Estado não está ligado a nenhum dos partidos políticos que presentemente disputam ou gozam as delícias do poder, ou as propinas das posições oficiais.

Completamente livre, independente e sem compromisso estará entretanto do lado daqueles que quiserem auxiliar o seu ideal, que é: tudo pela Liberdade, tudo pelo Trabalho, tudo pela Igualdade humana."¹⁴⁷

Construindo um discurso que, em alguns momentos, se projeta para o futuro e para as "novas" relações sociais que, pensavam, inauguradas com o tempo republicano, o que estava em pauta (o conteúdo de sua pauta) era o próprio reordenamento jurídico-formal das instituições, o redimensionamento da função pública, a configuração do sistema político, entre outras questões que vão aflorando a partir, também, da relação estabelecida com o Partido Operário do Rio de Janeiro (via França e Silva) e da repercussão do noticiário nacional e internacional, relativo às demandas e conquistas do movimento operário.

A pauta é, portanto, o núcleo do jornal a partir do qual se pode reter seu conteúdo ideológico. A estrutura e construção do pensamento, os recursos retóricos e doutrinadores, a argumentação principista, a utilização matizada de certos conceitos e noções perfilhadas a determinadas tradições político-ideológicas podem ser apreendidas, definindo os contornos de seu projeto político. O trabalho com a imprensa periódica no escopo deste trabalho, no caso d'**O Combate**, possibilitou o acompanhamento de um *continuum* das vicissitudes das conjunturas políticas no Ceará.

¹⁴⁷ **O Combate**, ano VI, nº 1, 01/01/1896. Fortaleza.

Pude observar, em seu projeto, as mudanças e permanências, as tomadas de posição e justificativas acerca de fatos da política local.

Da leitura d'**O Combate**, repito, é possível perceber e deslindar as alianças que se processam no âmbito do poder local, a participação/exclusão no jogo político e eventuais indícios de desfiguração ou compatibilização do ideário original do Partido Operário para adequar-se ao campo da disputa político-eleitoral.

Atenta às armadilhas de leitura do jornal, procuro outras chaves de entendimento das idéias que circulam no período, não tomando a história do Partido como argumento central, embora o jornal anuncie-se como seu porta-voz. Digo isto para esclarecer que na decifração de sentidos considere em igual medida os demais temas que aparecem no jornal, buscando apreender os mecanismos variados de autoconstrução da classe, identificando aí as manifestações que transcendem a esfera das idéias políticas.

Neste sentido, para a apropriação do jornal como fonte/documento/memória, não fixei apenas os artigos de fundo como espaço estruturante do enunciado de seus pressupostos e emissão de juízos de valor. Busquei no conjunto do jornal, das pequenas notas, dos "apedidos" aos anúncios, porque cada parte é chave de leitura para a compreensão global de seu projeto.

Adotando essa metodologia, busquei também no jornal localizar as representações sobre a vida vivida pelos operários e as idéias que sobre ela elaboram no mundo do trabalho ou fora dele. Sua labuta diária, suas atitudes de velado ou aberto confronto, sua luta contra a carestia de vida, pela jornada de oito horas, pela moradia, suas denúncias contra os desmandos patronais, suas reclamações dirigidas à pública administração, sua inserção larvar nas frestas do espaço urbano.

Da leitura e análise d'**O Combate**, do título aos anúncios, o leitor encontra um vasto repertório de temas indicando que o inventário analítico das folhas operárias no

Ceará, pode iluminar muitas dimensões da história da classe, como relação histórica, na formulação de E. P. Thompson.

Do mesmo período, **O Operário** (1892), materialidade das disputas internas do Partido Operário do Ceará, é expressão de embates, divergências e cisões na virada do século, como se pode vislumbrar na unidade seguinte.

4 – O Operário: divergências e cisões na virada do século

O surgimento do jornal **O Operário** está ligado às disputas internas do Partido Operário. O proselitismo em busca de adesões, realizado por Aderson Ferro, desde 1890, colide com os propósitos da Sociedade Beneficente União Operária¹⁴⁸, então dirigida por João Benevides e João Rocha, os futuros redatores d'**O Operário**. Da seção *Publicações Solicitadas*, d'**O Cearense**, ilustrativo de um certo grau de disputa envolvendo a União Operária e o Partido Operário, é esse comunicado:

*"Posto que houvesse assinado a ata de instalação dessa sociedade declaro a meus consórcios que não desejo mais continuar nessa agremiação, pelo que peço minha eliminação. Já me achando aliado ao Partido Operário e ali continuarei a prestar minhas dedicações".*¹⁴⁹

Os dirigentes da União Operária, no entanto, participam do Partido Operário, sendo João Benevides um de seus oradores. Seu discurso é de exaltação ao Partido *"em sua tarefa de pugnar pelo bem comum"*, além de fazer *"judiciosas censuras aos capitalistas do Ceará"* por não empregarem seu capital *"em associações que trouxessem*

¹⁴⁸ As Sociedades Beneficentes e Mutualistas começam a se constituir a partir da década de 1870, em Fortaleza e em algumas cidades do interior, como a União Artística Maranguapense, a Sociedade Fraternidade e Trabalho, a Artística Beneficente Consevadora, a Sociedade Perseverança e União, a União e Fraternidade, a Associação Tipográfica Cearense, entre outras. A União Operária, criada em 22/06/1890, proclama suas finalidades de auxílio, beneficência e dos socorros em geral, direitos, deveres e penas dos associados. Entre as penalidades, da advertência à exclusão, destaca-se a motivação política: *"O sócio que aventar no seio da sociedade questões políticas será eliminado e perderá todo o capital com que houvera entrado para os seus cofres e nunca mais poderá fazer parte da Sociedade."* (cf. Estatuto da Sociedade Beneficente União Operária, transcrito n'**O Libertador**, 01/08/1890. Fortaleza.)

*a terra e ao proletariado algum proveito" e tecer críticas ao governo que "há se descurado do bem público, ocupando-se somente na destruição de um passado que feria as aspirações da República".*¹⁵⁰

Se em 1890, esse era o tom do discurso de João Benevides, a conjuntura seguinte vai aprofundando o grau de divergências entre eles e em 1892 os dissensos são explicitados. Ao rompimento com o Partido segue-se a fundação d'**O Operário**. Este, desferindo críticas à atuação partidária e exaltando a função do jornal como "organizador da classe", vai, pouco a pouco, expondo seu modo de intervenção. Já na segunda edição aparece o convite à "*classe operária de todos os ramos das artes e indústrias*" para uma reunião em que se vai "*tratar de assuntos concernentes ao melhoramento da classe*". O convite se revela vago. Um sinal de indefinição quanto à forma organizativa que convém propor aos trabalhadores, aliada à incerteza quanto à adesão à proposta de criação de uma Confederação Operária: "*Encontramos com certeza poucos adeptos de nossas idéias, porém como é nossa missão desvendar os olhos dos que vivem em caminho errado, prosseguiremos nesta missão com calma e prudência de quem se constitui apóstolo de uma idéia.*"¹⁵¹

N'**O Operário** são publicados longos artigos contrários às greves e, ao mesmo tempo, defendendo a agitação operária na Europa, para concluir que "*felizmente no Brasil a classe operária goza da mais ampla liberdade, faltando-lhe apenas uma boa orientação*". Este é um artigo exemplar de sua posição contrária às greves e defendendo o "*direito da razão*":

¹⁴⁹ Comunicado de José Jayme à S. B. União Operária (**O Cearense**, 25/06/1890. Fortaleza).

¹⁵⁰ **O Combate**, ano I, nº 2, 07/04/1891. Fortaleza.

¹⁵¹ **O Operário**, ano I, nº 2, 06/03/1892. Fortaleza.

"Se todos os nossos irmãos de trabalho soubessem pesar devidamente as conseqüências que trazem as greves, certamente as desprezariam para entrarem diretamente no caminho da razão.

Uma greve é uma ruína de uma classe – é o caminho das misérias dos que vivem do trabalho.

Poucas e bem poucas tem sido as greves em que o resultado tenha sido satisfatório e em que os gemidos da orfandade não repercutiram em nossos ouvidos, partidos da mansarda do operário.

O direito da força só tem glórias efêmeras. O direito da razão percorre os séculos sem ter quem o macule olhando altivo como a justiça no cumprimento de um dever sagrado.

Depois que o Brasil mudou sua forma de governo temos presenciado espetáculos contristadores em lutas estéreis que nos confrange o coração.

Temos visto os nossos irmãos enveredarem numa estrada tortuosa que apenas lhes tem trazido o desespero e a descrença.

Com a calma necessária, com os fatos demonstrados à luz da razão, nós alcançaremos aquilo que até hoje não podemos alcançar pela força. É a falta de uma certa educação artística, de uma orientação prática que cometemos atos que na calma do espírito taxamos de violentos.

O efeito que resulta das resoluções deliberadas sem estudo e apenas produzidas pela explosão da raiva do momento, prejudicam não a uma individualidade, mas a uma família que torna-se solidária perante o mundo com os desastres de seus filhos.

Sabemos perfeitamente que os salários não compensam as fadigas que diariamente sofremos nas oficinas, mas também devemos compreender que jamais se deve ceder pela imposição, e quando cedemos pela força é para mais tarde vingarmo-nos por meios opressivos que desde logo vamos cogitando para pô-los em prática na primeira ocasião que se nos ofereça.¹⁵²

O discurso antigreve evidencia o grau de acirramento entre os redatores d'O

Operário e os dirigentes do Partido Operário. Rememora a greve dos trabalhadores na

Estrada de Ferro de Baturité, ocorrida em 1891, para criticar o aconselhamento

"indevido" de elementos estranhos à classe, numa clara alusão àqueles dirigentes:

"Outra greve, a que se deu nas oficinas da Estrada de Ferro de Baturité, é a prova mais exuberante das conseqüências funestas que sempre nos trazem este meio de resistência que os nossos irmãos tem lançado mão, aconselhados por indivíduos que se intrometem na classe como emissários que tem interesse em especular com os filhos do trabalho. O que resultou desta luta?"

¹⁵² O Operário, ano I, nº 2, 06/03/1892. Fortaleza.

*A emigração de muitos pais de família e o acabrunhamento de outros que encontravam diante de si as portas das oficinas fechadas e a indiferença e promessas quiméricas dos que os precipitaram no abismo.*¹⁵³

Em sua tentativa de firmar-se enquanto órgão de imprensa voltado aos interesses operários, anuncia que pretende firmar-se tomando distância das contendas partidárias e disputas políticas:

"Em diversos artigos deste jornal temos dado conhecimento ao público qual o motivo da sua criação e o fim que visamos. Hoje vamos acentuar o que havíamos conservado em projeto.

*(...) Se bem que assoalhem que o nosso jornal é de inspiração de alguém e em favor de um grupo ou partido político, nós temos mostrado à saciedade que não fazemos caso dessas infâmias, próprias de espíritos pequeninos, incapazes de agir em benefício de uma causa, que além do alevantamento da classe, procura solidificar a pátria, por quem devemos tudo sacrificar.*¹⁵⁴

Revelando uma tendência comum à época, estabelece nos números iniciais uma discussão acerca do papel da imprensa como construção e difusão do debate de idéias:

"A imprensa é a tribuna de onde se vergasta o erro e o sol que ilumina a humanidade.

A verdade deve ser o farol do jornalismo, como a justiça é a encarnação da verdade.

De certo tempo a esta parte, a imprensa, não em sua totalidade, não tem sabido colocar-se com a calma que lhe dá a sua educação, terçando armas dignas da nossa civilização nas contendas agitadas no campo da política ou do interesse puramente literário.

(...) É principalmente para este ponto que faremos convergir as nossas forças, arredando de nossas colunas todas as questões pessoais e passando em silêncio as verrinas dos que porventura se julgarem prejudicados com a posição que hoje assumimos na imprensa em defesa de uma classe.

(...) Radiante como o sol, firme como a justiça não entraremos na análise das personalidades, escolheremos apenas os atos para neles assestarmos nossa bateria que se constituirá em metralhadora da injustiça, da fraqueza e do erro.

*São estas as nossas armas que hoje ensarilhamos para entrarmos em combate.*¹⁵⁵

¹⁵³ **O Operário**, ano I, nº 2, 06/03/1892. Fortaleza.

¹⁵⁴ **O Operário**, ano I, nº 9, 01/05/1892. Fortaleza.

¹⁵⁵ **O Operário**, ano I, nº 1, 28/02/1892. Fortaleza.

O **Jornal O Operário**, órgão da classe operária, publicação semanal, com assinatura trimestral de 2\$000 réis e número avulso a 40 réis, circula em sua primeira edição em 28 de fevereiro de 1892, tendo como redatores João da Rocha¹⁵⁶ e João Benevides e adotando o dístico *"A aliança da razão com o coração é necessária e indispensável na peleja, e resistência contra as paixões"*.¹⁵⁷ Em maio é adquirido *"um prelo rotativo e grande quantidade de tipos"*, montado por João Bonfim e José Teixeira de Miranda. A inauguração é um dia de festa: as oficinas *"galhardamente embandeiradas"*, a banda de música dos aprendizes marinheiros e os discursos dos "ilustrados colegas" d'A **República**, d'A **Verdade** e do **Silva Jardim**. Com a aquisição do prelo e montagem de oficinas próprias, o anúncio que passa a ocupar maior espaço é o de sua tipografia *"pronta para desempenhar qualquer trabalho tendente à arte tipográfica (faturas, recibos, circulares, brochuras, cartões de visita, convites para casamento e muito mais)"*.

No expediente os redatores informam que o jornal *"oferece as suas colunas a todos aqueles que quiserem colaborar no engrandecimento das artes e engrandecimento da classe operária"*, alertando os possíveis colaboradores quanto a não aceitação de artigos que encerrem questões pessoais. A venda do jornal é feita à base de assinaturas, números avulsos na rua e pontos de venda em Fortaleza: no Armazinho Caramuru, de Floro Osório Pinto, na Praça José de Alencar e no estabelecimento de Cândido Nogueira Pontes, à rua da Lagoinha. E em Baturité seu "agente" é Benedicto Barbosa dos Santos.

¹⁵⁶ João da Rocha foi tipógrafo do **Libertador**, um dos fundadores da Sociedade Beneficente União Operária, funcionário público, exercendo a função de porteiro da Biblioteca Pública, em Fortaleza.

¹⁵⁷ Para a impressão dos sete primeiros números agradecem os préstimos de Abel Garcia, Waldemiro Cavalcanti e Antonio Sales, na Tipografia do Libertador. Para os números 8 e 9 agradecem a João Eduardo Torres Câmara, na Tipografia da República. Em maio, o jornal adquire um prelo e instala sua tipografia e escritórios à rua da Misericórdia, 45.

A preocupação que salta de seus primeiros números é com a "missão do jornal", capturando os termos e expressões da tradição liberal. Certas passagens coincidem, por exemplo, com alguns excertos do pensamento de Rui Barbosa discorrendo sobre a função da imprensa:

*"dirigir a vontade, a resolução e os atos; refletir a impressão, o sentimento, as emoções; dirigir o protesto, a reclamação, a queixa; refletir a agressão, a injustiça, o sofrimento; dirigir a iniciativa, o movimento, a liberdade; refletir a ameaça, a opressão e a tirania".*¹⁵⁸

No artigo de apresentação, **O Operário** se autoproclama *"jornal dos operários, defensor dos seus direitos, que os instruirá na prática do bem, aconselhando o trabalho honesto, que é o caminho certo da felicidade"*, justificando seu aparecimento em razão da

"indiferença em que jaz a imprensa cearense pela sacrossanta causa da classe operaria justifica o aparecimento deste periódico na arena jornalística. O seu título é 'O Operário'; ele é desprezioso como a pobreza, tão modesto como a verdade e como ela, livre e independente."

Nessa linha, o jornal define que sua principal missão é

"pugnar pela fiel execução das artes, reagir contra a postergação dos direitos dos operários e restabelecer a verdade, quando empanada pela mentira."

'O Operário' promete ser enérgico no cumprimento de sua missão, proclamando as ações nobres e generosas, sem lhe importar os indivíduos.

Jornal das artes e noticioso, usará sempre de uma linguagem acomodada a boa educação, porque abominará os doestos e apodos, próprios somente dos espíritos escravos da ignorância ou obcecada por paixões desordenadas."

"Atleta esforçado do progresso, pugrador incansável do trabalho, 'O Operário' será inexorável em profligar os erros e os vícios, como solícito em endeusar o heroísmo e as virtudes.

*Eis o seu programa, simples mas salutar, do qual jamais se desviará enquanto fizer parte da imprensa."*¹⁵⁹

A argumentação do jornal, apoiada na utilização de categorias valorativas universais, é reforçadora das noções de ordem, hierarquia, autoridade e respeito à

¹⁵⁸ VIANA, Hélio. **Contribuição à história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945, p. 47.

propriedade. Igualmente sua ênfase recai em valores como moral, pátria, civismo e nas concepções de evolução e progresso. A concepção de progresso parece informada tanto pelos pressupostos da tradição liberal quanto da positivista, valorizadoras do progresso e desenvolvimento das artes e indústrias, conquanto balizadas pela convivência harmônica entre proprietários e produtores, estes mantidos dentro da ordem. Se afloram diferenças no jornal em relação ao modo de atuação no meio operário e nas alianças com os grupos políticos locais, existem similaridades quanto a algumas noções correntes, sendo exemplar este tipo de formulação em que a exaltação do trabalho é laudatória das noções de Progresso e Civilização:

*"O que queremos?
Sair das trevas
O que procuramos?
Luz
O nosso fim?
O progresso
A nossa ambição?
O trabalho*

Eis o que podemos responder aos que põem em dúvida a sinceridade da missão a que nos devotamos na defesa de uma classe que até hoje poucos defensores tem contado que não especulam com sua ingenuidade e fraqueza.

(...) O conagraçamento do proletariado no Brasil é uma necessidade palpitante reconhecida por todos. Para isso alcançarmos é preciso expelir os corpos estranhos que nos envenenam e purificar a atmosfera.

De todos os cantos surge conselheiros, mas do mal. Como mafárricos surgindo das trevas, eles procuram desviar do cumprimento de seus deveres os que tem certeza e consciência do que praticam.

(...) Não especulamos, propagamos (...) Não queremos ostentar grandeza (...) Queremos a evolução, mas a evolução do trabalho, que engrandece, que satisfaz, que constrói.

Em cada um de nós encontrarão um soldado (...) tendo por única senha – O Trabalho!¹⁵⁹

¹⁵⁹ *O Operário*, ano I, nº 1, 28/02/1892. Fortaleza.

¹⁶⁰ *O Operário*, ano I, nº 4, 20/03/1892. Fortaleza.

Se a sua senha é o Trabalho, sua tese é a da harmonia do corpo social, do respeito à propriedade, às instituições, enfatizando que *"é dever nosso expor ao público as mazelas que corroem o organismo da nossa sociedade"*. Afirma ser a Evolução sua grande meta, a *"evolução do trabalho que tudo engrandece, satisfaz e constrói"*, como nestes versos:

*"Trabalhai meus irmãos,
Que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor,
Dentre a orquestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades e amor."¹⁶¹*

Os artigos de fundo do jornal são informados pelo uso recorrente de noções típicas do ideário positivista, como ordem, autoridade, equilíbrio, prudência, moderação, espalhando-as a diversos setores da vida social. Apresenta um conjunto de virtudes que devem constituir o ser operário: disciplina, respeito à hierarquia, adoção de normas de conduta moralizadoras, modeladas por uma concepção reforçadora da divisão social do trabalho e da hierarquização do poder. Sua linha de intervenção é pautada numa estratégia de não-confrontação com os valores do *status quo* e de contemporização cada vez mais explicitada com os quadros institucionais/oficiais.

Ao adotar como estratégia de argumentação certas noções universais como Pátria, Povo, indiferencia e encobre interesses contrastantes e projetos díspares. Tais noções, o povo (como um todo abstrato), a nação, o bem público, o interesse público, são erigidas como centrais em sua argumentação, afastando a idéia de particularidade de interesses e de divisão social. O uso de conceitos abstratos e genéricos e a utilização de categorias valorativas universais são realizados com frequência pelo jornal. Exalta retoricamente a harmonia, como meio de atingir o progresso das artes, ainda que, em

¹⁶¹ O Operário, ano I, nº 4, 20/03/1892. Fortaleza.

alguns momentos, ao admitir como fulcro de seus princípios a luta por igualdade, reconheça os níveis de desigualdade e os antagonismos de classe, desvanecendo sua retórica universalizante.

A linguagem que adota é, muitas vezes, de clara reverência ao poder instituído. Algumas edições são exemplares dessa estratégia; numa delas, dedica toda a primeira página aos votos de boas vindas ao novo governo do Estado; noutra, ocupa todo o espaço de primeira página a rememoração do 14 de julho e a queda da Bastilha (retirando-lhe qualquer referência revolucionária). Oferece a memória do fato à "colônia francesa" no Ceará, em particular a Isaie Boris, da casa comercial Boris Frères. Como se sabe, nesse período é cada vez mais forte a presença da Casa Boris Frères na economia do Ceará e o *"aprofundamento de seus interesses com a elite política"*. Conhecido é o dito popular cunhado na Primeira República: *"o mar do Ceará é o açude dos Boris e a Justiça, a sua mãe"*, revelador do vigor econômico e sua extensão na esfera política e nas disputas oligárquicas, quando a Boris Frères teve *"evidentemente o cuidado de alinhar-se sempre do lado daqueles que favoreciam seus interesses no Estado"*.¹⁶²

A matéria da memória histórica é também trabalhada no jornal. Artigos comemorativos de homenagem aos "vultos históricos", como é o caso do artigo enfocando a figura de Tiradentes, bem ao estilo dos jornais republicanos da década anterior, espécie de reabilitação das figuras que ficaram obscurecidas sob o regime monárquico.

¹⁶² TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará. Origens do capital estrangeiro no Brasil.** São Paulo: HUCITEC; Natal: UFRN, 1995, p. 168. Conforme a autora, o fortalecimento da casa exportadora se deveu *"à complementaridade de seus interesses com as oligarquias rurais (...) em decorrência foi-lhe possível exercer a influência política, participando daquelas decisões de poder que iriam, em última instância, solidificar sua forte presença no contexto da economia cearense"* (p. 177). Para informações suplementares sobre a Casa Boris Frères ver MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Boris e a importância de seu arquivo.** Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1982.

Em grande parte de seus artigos de fundo e na maior parte das seções e colunas, o conteúdo parece estar fazendo um esforço, ainda que precário e rudimentar, de propor as bases para uma espécie de "pensamento industrialista" no Ceará. Seu discurso, nesse ponto, poderia servir inclusive como *leitmotiv* para as bases seguintes de construção da "mitologia dos industriais pioneiros" que impregnou uma linha de estudos da história da industrialização no Ceará. Nessa linha, constrói uma argumentação em que o alvo é a permanente crítica ao absentismo dos "homens do capital". Ao proceder a crítica, identifica ramos de atividade industrial rentável no Ceará e elabora uma defesa permanente do "gênio industrioso" do cearense:

"(...) Em todos os vapores que tocam nos portos deste Estado exporta-se grande quantidade de chapéus de palha de carnaúba, fabricados especialmente no Aracati.

Pelo vapor Olinda saído para o sul no dia 10 do corrente, exportou-se vinte e nove mil chapéus de palha!

É uma indústria privativa dos aracatienses e é a prova mais cabal de seu gênio industrioso (...) sem aparelhos, sem métodos (...).

Já que os Cresos de nossa terra não querem explorar com os seus capitais as indústrias que brotam à flor da terra, sigam os nossos patrícios na sua maneira simples, mas honesta, da fabricação de seus chapéus, que terão prestado mais serviços ao país do que eles aferrolhando o ouro."¹⁶³

Neste passo, identifica possíveis ramos de atividade industrial rentável no Ceará, desde que os "homens do capital" abandonem sua atitude absentista:

"O Acaraú é um dos pontos deste Estado que muito podia contribuir para o aumento das rendas públicas (...) por ser muito piscoso (...)

Quem assiste a uma estação de pescaria no Acaraú, fica abismado com a abundância e variedade de peixes que diariamente os pescadores recolhem, (...)

Sente-se ali a falta de uma fábrica para preparar peixe em conserva, assim como de viveiros e navios apropriados para transportá-los (...)

Uma fábrica montada com todos os aparelhos necessários para a pesca, é uma fortuna garantida a quem disso se lembrar por em execução (...)

Não teríamos necessidade de recorrermos ao estrangeiro para nos abastecermos de peixes em conservas (...)

¹⁶³ O Operário, ano I, nº 4, 20/03/1892. Fortaleza.

*Haja iniciativa, desferrolhem-se dos mealheiros as azinhavradas moedas que há tantos anos não vêem luz do sol, e empreguem-se-nas no que é útil em proveito particular e em proveito público, que de tudo teremos mais barato, mais sólido e com maior comodidade.*¹⁶⁴

Partindo de um enunciado simples e que julga irrefutável, "*Os que querem não podem, e os que podem não querem; é a verdade que ninguém nos poderá contestar*", encaminha uma crítica pontual aos "homens endinheirados", acusando-os de falta de patriotismo, porque não instalam indústrias, não diversificam a produção, não investem em setores aparentemente lucrativos e fadados ao sucesso. Denuncia a política de importações e apresenta a necessidade de inversões de capital na indústria local. Ao realizar tal combate, afirma que não é apenas a falta de inverno que prejudica o Ceará, não são somente as secas que impedem o florescimento da indústria, mas é uma equivocada política de importações que revela a "*falta de patriotismo como sendo a pior seca que assola o espírito industrial cearense*". Apresenta supostas virtualidades de industrialização no Ceará e o descaso dos potentados:

"O estado de atraso do Ceará não é só devido aos terríveis flagelos da seca – é também a falta de patriotismo dos potentados que não desejam o engrandecimento de seu berço, e isto prova-se com as considerações que vamos expender.

O Ceará, possuidor de grande abundância de matérias primas e pessoal bastante habilitado para o trabalho, não pode expandir-se por falta de Capitais, não só para as explorações, como também para estabelecer oficinas onde possam ser aproveitados os materiais explorados.

Por ora, tem o Ceará duas fábricas de fiação e tecidos, e estas não podem fazer senão a fazenda de algodão, em razão dos muitos pedidos que tem a satisfazer, o que fazem com grande dificuldade.

Há projetos para se estabelecer uma fábrica de curtumes, uma de meias e mais uma de tecidos porém só quando o câmbio subir a 27.

Temos uma litografia a vapor. O trabalho desta oficina é muito perfeito, e não obstante estar bem montada não pode vencer a multidão de encomendas que lhe são diariamente feitas.

¹⁶⁴ **O Operário**, ano I, nº 4, 20/03/1892. Fortaleza.

Temos uma serraria a vapor e grande número de pequenas oficinas de marcenaria, mas muito acanhadas. As oficinas deste Estado podem competir com as estrangeiras e com vantagem, não só por haver muita pericia na execução dos trabalhos, como também pela qualidade da matéria-prima.

Existe uma pequena fábrica de selas onde se fazem obras que podem ser consideradas verdadeiros primor d'arte.

Temos muitas oficinas de calçados, mas em pequena escala. Neste gênero o estrangeiro, de fato e de direito, não pode competir com o fabricado aqui.

Há diversas oficinas de ferreiro cujo trabalho não pode ser melhor pela falta absoluta de maquinismos aperfeiçoados. (...)

O Sobral, que exporta para o vizinho estado do Piauí, calçados, roupas feitas, etc.

O Crato, que tem dado prendas para diversas exposições não só nacionais como estrangeiras.

Tem o Ceará apenas três fundições; duas pertencem às Estradas de Ferro de Sobral e de Baturité, e uma apenas é particular, e esta, mesmo com grande acanhamento e com maquinismos já estragados e imperfeitos, porém, nem por isso deixam de executar muitos trabalhos, se não com a perfeição necessária por não possuir e nem poder pagar artistas de primeira classe, mas com uma habilidade que bem demonstra o gênio do artista que a executa.

Não queremos dizer com isso que o Ceará não os tenha: ele possui operários que estão na altura de desempenhar qualquer mister de sua profissão, mas o retraimento dos capitais faz com que esta indústria tão lucrativa redunde em prejuízo do operário e abarrote de lucros os que lançam mão deste meio para viverem sossegadamente.

Se o Ceará tivesse filhos que se interessassem pelas artes e pelas indústrias, procurando ajudar os homens do trabalho, por certo que com os elementos que possuímos estaríamos colocados na vanguarda dos Estados que formam a grande República Brasileira."¹⁶⁵

No plano da intervenção social marca a diferença com o núcleo dirigente do Partido Operário, difundindo a idéia de criação de uma Confederação Operária que teria, curiosamente, como uma das tarefas centrais recolher junto aos Clubes filiados

"relatórios circunstanciados, qualquer invenção ou descoberta que possa interessar às artes, indústria e lavoura, e este deverá logo tomar medidas de forma a levar ao conhecimento do governo para que esse faça alguma coisa em favor do artista, que de ordinário, baldo de recursos, deixa morrer em embrião, maravilhas dignas de serem aproveitadas".¹⁶⁶

¹⁶⁵ O Operário, ano I, nº 2, 06/03/1892. Fortaleza.

¹⁶⁶ O Operário, ano I, nº 6, 08/05/1892. Fortaleza.

É nesse emaranhado dos conceitos correntes no seu tempo que o jornal se esforça para alcançar um público sensível à criação de uma Confederação Operária em Fortaleza, justificando-a como parte do que julga como o sentido de missão dos operários e explicitando sua dissidência com o Partido Operário:

"(...) Quando tomamos a tarefa de doutrinar a classe operária, sabemos o peso enorme do compromisso. Sabíamos os desgostos que havíamos de ter e até das intrigas surdinas manejadas inconscientemente por aqueles que não sabem ou não lhes convém compreender a grandeza da nossa missão; por isso estamos preparados, tendo como armas a força de vontade e como pólvora o nosso trabalho.

*Reunir a família operária em uma grande Confederação, arredá-la da política que atrofia e estraga os organismos e trabalha para o engrandecimento da pátria, elevando as artes, as indústrias e todos os ramos de riquezas necessárias a uma nação nova, é o pensamento que esperamos levar avante arrastando os intrujões que porventura se atravessarem em nosso caminho.*¹⁶⁷

Situando a necessidade de criação da Confederação Operária, passa a detalhar seu esboço de programa, sua diretriz política, estrutura e formas de intervenção política:

"A idéia de uma Confederação Operária é a mais aceita por aqueles que se interessam pela sorte do proletariado no Brasil, que em breve tomará proporções iguais ao que atualmente atravessam na Europa (...) é necessário preparar o terreno para quando nos chegar o mal podermos arcar com suas conseqüências.

Constituída a Confederação Operária, o seu Centro será nesta Capital, com clubes filiais em todas as localidades do Estado, e estes enviarão ao Congresso Ordinário, que se reunirá anualmente em um dia determinado do ano, nesta capital, delegados revestidos de poderes para deliberarem nas questões que o Congresso tenha de resolver e proporem medidas gerais ou parciais em benefício da classe operária.

Os clubes funcionarão nas localidades, (...) em sessões, conforme determinar a sua lei orgânica, aprovada pelo Centro, e de acordo com a lei fundamental da Confederação Operária.

A confederação não exige do operário que professe este ou aquele credo político, todos são livres, cada um abraça as idéias que bem lhe convier. Uma coisa ela exige: trabalho e devoção pela classe que advoga. Nada de contribuição porque pensamos que muitos dos nossos irmãos não podem, sem sacrifício, sustentar o pagamento de uma mensalidade, embora diminuta. Quando haja necessidade de socorrer um irmão, a bolsa seja o meio da ocasião, e as festas populares seu complemento.

¹⁶⁷ O Operário, ano I, nº 8, 24/04/1892. Fortaleza.

O Centro terá uma diretoria, e cada um dos diretores será obrigado a tratar do assunto que for encarregado, apresentando o seu relatório ao Centro e este ao Congresso anual, historiando os fatos ocorridos durante o ano, no Estado e fora dele.

*Eis em resumo, o programa da Confederação Operária que pretendemos fundar nesta Capital, cujo órgão é o nosso modesto jornal.*¹⁶⁸

Embora o jornal divulgue muitos avisos de reunião e até anuncie a seção de fundação da Confederação, dirigida pelos citados redatores d'**O Operário**, a tentativa é frustrada. O projeto definha, até em razão dos desentendimentos públicos entre João Benevides e João da Rocha.

O jornal atua ora no sentido de dizer de sua crença na revolução, ora no sentido de constringer as potencialidades revolucionárias dos "novos tempos". Não é do seu programa o sentido de transfigurar o mundo de forma profunda. Ao tratar da realização do Congresso Operário no Rio de Janeiro, diz bem qual a sua linha de intervenção, fazendo a defesa das idéias de revolução pela razão e de respeito à propriedade:

"As nossas idéias, largamente expostas destas colunas, são de há muito conhecidas, e o nosso modo de agir ninguém ignora – não somos carbonários e a dinamite para nós é o trabuco do assassino que se esconde nas sombras para ferir quem, á peito descoberto, jamais ousaria afrontar.

De coração abraçamos as idéias socialistas porém, com toda a sinceridade abominamos os meios criminosos em seu nome postos em prática. O socialismo é a nossa estrada e a anarquia o caminho do crime. Não negamos a necessidade da revolução porque ela há de vir fatalmente por o selo que fechará a série de atrocidades que está sofrendo o proletariado.

*(...) As nossas aspirações são que o Congresso Operário mantenha-se dignamente no terreno em que a classe operária deve colocar todas as questões tendentes ao seu engrandecimento. Revolucionários, mas revolucionários da razão contra a injustiça. Respeitemos a propriedade e trabalhemos para o nosso direito*¹⁶⁹

Quanto ao conjunto de seu conteúdo, **O Operário** veicula seções, no mínimo curiosas quando comparado com outras publicações estudadas neste trabalho. Numa

¹⁶⁸ **O Operário**, ano I, nº 6, 08/05/1892. Fortaleza.

delas, *Receitas*, trata de temas inusuais nesse tipo de imprensa, e alguns insólitos.¹⁷⁰ A seção veicula as receitas como espécie de "ensinamentos" aos operários, estimulando-os ao fabrico caseiro de um sem número de artefatos de seu cotidiano. A seção *Ciências e Artes* dirige o foco para o "*progresso das artes e das indústrias*" (artigos sobre o calor, a pimenta da Índia, a têmpera do aço, o cultivo das uvas de raposa, a construção de poços artesianos, o uso da lixívia, o cultivo da carnaúba, a cera mineral). Não é descabido supor que muitas dessas "receitas" e longos artigos sobre o tema da mineralogia e aproveitamento de certos recursos naturais no Ceará são inspirados (alguns, quase transcritos) em almanaques e outras publicações que circulam no período. A forma de alguns artigos e os assuntos selecionados guardam muita semelhança, por exemplo, com o conteúdo e a forma da publicação **Imprensa Industrial**, do Rio de Janeiro, de 1876.¹⁷¹

Ademais, como informa Geraldo Nobre, a imprensa do período, no Ceará, "*foi importante instrumento na difusão da mentalidade científica e técnica*". **O Comercial** é exemplo dessa prática, "*divulgando as invenções*" e despertando a "*atenção dos leitores para o progresso e introdução de melhoramentos na produção*".¹⁷² Posso inferir que **O**

¹⁶⁹ **O Operário**, ano I, nº 13, 24/05/1892. Fortaleza. O jornal esta referindo à realização do Congresso Socialista, realizado em 1892, no Rio de Janeiro, como iniciativa do Partido Operário do Brasil, de Luis da França e Silva, e pelo Centro Operário, de Gustavo de Lacerda.

¹⁷⁰ Receitas de conservação das flores, como fabricar uma lamparina econômica, fabrico de couro, preparo econômico do café, tabela para solubilidade dos sais, cortume de tecidos de linho e algodão, linimento para curar feridas, preparo de pós dentífricos, pomada de pepinos e cosméticos, preparo de queijos gelados, conservação de carnes, fabrico artificial do salitre, como utilizar industrialmente a carnaúba, fabrico do vinho de beterraba.

¹⁷¹ A esse respeito, localizei na revista **Imprensa Industrial**, em sua coluna *Opinião da Imprensa*, a seguinte notícia: "*Com o título de Imprensa Industrial saiu à luz da publicidade na Corte, uma importante revista dedicada à literatura, ciências, artes e indústria, e que promete pugnar pela indústria em todos os seus ramos, como se vê da parte final do seu artigo-programa, (...)*". A notícia vem de Fortaleza, através de carta do redator do jornal **Pedro II**. Uma evidência, portanto, de que esse tipo de publicação circula em Fortaleza e pode ter servido de "inspiração" e até mesmo de material para a composição d'**O Operário**. Ver **Imprensa Industrial**. Rio de Janeiro: Dias da Silva Júnior Typographo-Editor, volume I, 10/10/1876, p. 426

¹⁷² NOBRE, Geraldo. **O Processo histórico...** Op. cit., p. 69.

Operário busca nessas publicações a matéria-prima para esses artigos cuja tônica é o progresso das artes e das indústrias.

Ao lado dos tais "ensinamentos práticos", divulga artigos em que trata dos "ensinamentos morais". É o caso da sociedade da temperança, o combate ao vício do alcoolismo, as virtudes do talento e da aptidão e o longo extrato "*O Poder da Vontade ou Caráter, Comportamento e Perseverança*" precedido das epígrafes de John Stuart Mill, "*Se bem refletirmos, reconheceremos que a valia de um Estado provém da valia dos indivíduos que o compõem*", e de Alexis de Tocqueville, "*A vida não é um prazer, nem uma dor, mas um negócio grave de que estamos encarregados e que devemos tratar e terminar de modo honroso para nós*".

Assumindo proposta francamente intervencionista na economia, exige da administração pública o exercício de sua função gestora, principalmente quanto à fiscalização dos desmandos do setor privado, em especial quando esse colide com o interesse público. Com relação ao conteúdo de caráter reivindicatório, especializa-se em oferecer reclamações à Intendência e à Inspetoria de Higiene Pública, chamando a atenção para o aformoseamento de certas áreas da cidade. Veja-se este trecho em que compara o Mercado Público de Fortaleza ao do Rio de Janeiro, afirmando seu acento renovador ou reformador:

"É agradável observar-se o vaivém do povo, o pregão do matuto anunciando rapaduras, farinha e outros gêneros arrancados das unhas dos atravessadores (...) porém, todo esse espetáculo tem um quadro lúgubre onde aparece a imundície e o desleixo com risos sarcásticos passeando de braços com aqueles a quem o povo encarregou de velar pela salubridade pública. (...) Quanto à higiene é coisa ali completamente desconhecida (...)"¹⁷³

Tantos apelos e críticas à Intendência são ao mesmo tempo indicativos da assimilação de determinados "*tópicos do discurso burguês*" – higienização,

¹⁷³ **O Operário**, ano I, nº 2, 06/03/1892. Fortaleza.

aformoseamento, disciplinarização espacial – e a construção de *"uma visão operária da cidade"*, como observa Michelle Perrot sobre as reivindicações operárias do direito à cidade.¹⁷⁴

São constantes também os artigos onde queixas e reclamações têm como alvo a venda de alimentos deteriorados e produtos adulterados, que trazem riscos à saúde dos usuários. Mas o que cresce de volume no jornal é o combate às várias formas de carestia de vida (preços exorbitantes, ação dos especuladores). Apresenta listas comparativas de preços dos gêneros alimentícios com as *"irrisórias diárias de 100 réis"*, indicando que a maioria dos itens *"só está ao alcance dos mais abastados"*. O teor das queixas é recolhido nos temas da crescente carestia, do monopólio dos atravessadores, do *"açambarcamento do comércio por inescrupulosos"*, *"da incúria administrativa"*. Dirigem suas reclamações à Intendência. O tom de clamor, querendo ecoar o que presumem como sentimento das "classes turbulentas", das "classes perigosas", era já o clamor por justiça social, como aqui:

"O Ceará atualmente está vendendo em seu mercado gêneros de primeira necessidade a preços tão elevados, que faz esmorecer a quem luta pela vida.

(...) Diante desta tabela ainda temos de acrescentar o preço dos aluguéis das casas, que da noite para o dia foram aumentados sem ter uma razão plausível para isso.

As casas, nos pontos mais longínquos que nos bons tempos o operário pagava 2\$, 4\$ e 6\$, hoje por grande força do empenho paga 8\$, 10\$ e 12\$000!

*A única coisa que se tem deixado para as calendas gregas é o aumento do salário dos operários de acordo com a carestia dos gêneros a que forçosamente ele tem de recorrer".*¹⁷⁵

A carestia dos gêneros alimentícios avoluma-se (...). A vida aqui é quase impossível para aqueles que só tem o minguado salário para todas as necessidades da vida doméstica. (...)

¹⁷⁴ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história. Operários, mulheres e prisioneiros.** 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 115.

¹⁷⁵ **O Operário**, ano I, nº 28, 02/10/1892. Fortaleza.

A voz que ecoa em nossos ouvidos e que os negociantes trazem pendentes aos lábios é-o câmbio!

O câmbio tudo devora, tudo consome, tudo confunde; (...) é o melhor meio de esfolar quem acha-se a braços com as calamidades de uma seca. (...) é a gazua com que nos abrem a gaveta. (...)

Querem ganhar em um só objeto o lucro que deveriam ter em cem e, desculpam-se com o câmbio.

Sejam francos. Digam ao menos a verdade, que bem merece quem trabalha para empanturrar-lhe as burras.

*(...) Não podemos permanecer neste estado de coisas. Se o governo não vier em auxílio do povo, não responderemos pelas conseqüências que possam resultar da permanência de um monopólio (...), de meia dúzia de indivíduos que se aproveitam das ocasiões mais críticas do país para encherem suas burras de ouro.*¹⁷⁶

Além da carestia de vida, dos altos preços dos aluguéis, da presença constante de produtos falsificados, da alta do câmbio, da exploração patronal são tratadas com regularidade nas páginas d'**O Operário** as primeiras denúncias quanto ao trabalho nas fábricas de tecidos, com o tema constante da jornada de trabalho e dos baixos salários:

*"Nas fábricas de tecidos que tem este Estado é 'exemplar' a forma de direção. As cinco e meia horas da manhã ouve-se o apito das caldeiras das máquinas dar sinal para começar os trabalhos. Às dez horas do dia param os trabalhos para almoçar; o que? Muitas vezes uma e meia onça de pão de trigo e uma chávena de chá ou café; às onze são de novo chamados para continuar os trabalhos, que vão largar às cinco e meia horas da tarde. Trabalham nove horas e meia por dia, quando é regra geral ser oito horas de trabalho por dia. Não está nisto o melhor: é que nos dias de domingo trabalham da mesma forma sem perder um só.*¹⁷⁷

Como ainda neste trecho:

*"(...) O operário cearense não conta com recursos senão os próprios, e sabem quais são estes? É logo pelas cinco horas da manhã pegar umas ferramentas de que fazem uso e soltá-las às seis horas da tarde, e muitas vezes às dez e onze horas da noite, para ganhar a minguada diária, que raras vezes chega para matar a fome dos que lhe são caros.*¹⁷⁸

¹⁷⁶ **O Operário**, ano I, nº 28, 02/10/1892. Fortaleza.

¹⁷⁷ **O Operário**, ano I, nº 3, 13/03/1892. Fortaleza. Em 1886, a Fábrica de Tecidos Pompeu e Irmãos, para dar um exemplo, empregava 102 operários (48 mulheres, 30 homens e 24 meninos; nenhum estrangeiro). Esse número cresce para 215, em 1892, com salários variando de 6\$500 a 400 réis diários. Cf. VIANA, Carlos Negreiros. **A Indústria têxtil de algodão no Ceará (1881-1973). Uma Experiência de industrialização fora do Centro-Sul**. Fortaleza: SENAI/FIEC, s/d., p. 56.

¹⁷⁸ **O Operário**, ano I, nº 4, 20/04/1892. Fortaleza.

Aqui, a notação do tempo, referido ao espaço fabril, introduz as novas formas de controle e disciplina industriais: o apito das caldeiras às cinco e meia horas da manhã, o curto intervalo para o almoço, o trabalho aos domingos e a duração das jornadas de trabalho. Como se vê, são as mudanças no "uso do tempo" das fases iniciais da industrialização, acarretando *"uma reestruturação rigorosa dos hábitos de trabalho – novas disciplinas, novos estímulos, e uma nova natureza humana em que esses estímulos atuassem efetivamente"*, como observa Edward Thompson.¹⁷⁹

Na seção *Noticiário*, os temas prendem-se quase exclusivamente a "curiosidades" extraídas da **Gazeta de Turim**, da **Gazeta de Medicina de Londres**, do **Diário de Notícias**, de Lisboa, entre outros. Veicula extratos do noticiário político nacional do **Jornal do Commercio** e do **Jornal do Brasil**, do Rio de Janeiro e mantém correspondência com as folhas de outros estados (**Gazeta de Piracicaba**, **Jornal do Recife**, **O Independente**, da Bahia). O noticiário internacional é escasso, com algumas notas da França, de Portugal e da Espanha. Na seção *Recreio*, as colaborações de Sabino Baptista, Arthur Villaça, Ulisses Bezerra. Ao lado dos sonetos e contos, anedotas, chistes de gosto duvidoso ocupam um razoável espaço do jornal (com regularidade parecem anedotas depreciativas da mulher, até uma *"receita para fabricar sogras"*).

Na seção *Anúncios* aparecem os costumeiros: hospedarias, relojoeiros, marmoristas, cafés, armarinhos, alfaiatarias; anúncios do pequeno comércio, das pequenas oficinas. É o Restaurante do Tristão, a oficina de marcenaria de Raimundo Balaio, a oficina do marmorista Frederico Skinner, que *"faz qualquer trabalho em sua arte e encarrega-se de encomendar da Europa, ladrilhos e mosaicos"*. São as transferências de pontos comerciais e casas para alugar na rua Formosa. São as lojas: As

¹⁷⁹ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In **Costumes em comum...** Op. cit., p. 269.

Novidades, com *"variadíssimo sortimento em modas e objetos para presente"* e o Centro do Mundo Elegante, *"onde se trabalha a última moda de Paris, com fineza e elegância de ternos para qualquer toalete e uniformes militares para qualquer forma e corpo"*.

Há um interesse em recolher anúncios das profissões liberais (médicos, oculistas, professores) e o jornal chega a propor que estes enviem seus dados para compor uma lista de especialidades, horários de atendimento e endereços, um serviço de utilidade pública, no modelo dos almanaques, aqui usado como estratégia, visando garantir a sustentação do jornal.

Alguns anúncios dirigem-se explicitamente aos operários, como o da Loja Confúcio, informando *"que este estabelecimento lembra à classe operária que tem em depósito telhas de vidro para casas, molduras, verniz e lâminas de espelhos"* e o da oficina de consertos:

*"Quando se tem um bom operário, é dever agradá-lo, zelá-lo com esmero, para contar com seus serviços. É por esta razão que João Benevides mandou vir da Inglaterra, Alemanha e América todas as peças de que se compõem as máquinas de costura de todos os sistemas conhecidos até esta data, garantindo os consertos com brevidade e comodidade nos preços."*¹⁸⁰

Os cafés e as bodegas também anunciam: o Café Pery, na Praça do Ferreira, *"oferece bons petiscos e aos domingos a succulenta mão de vaca"*, sempre com a divisa: *"Asseio e guerra contra o fiado"* e o Café Cascata, de Manoel Pereira dos Santos, o Mané Côco, com sua distinta freguesia. A mercearia Democrata, "sem rival" e a mercearia de Paulino José de Mendonça anunciam queijos frescos, camurupim e curimatãs do Maranhão e *"tudo o mais quanto um bom paladar possa apetecer"*.

Alguns anúncios invocam a tradição católica, observando as datas e preceitos religiosos com apelo comercial. A mercearia do Batista, na Sena Madureira, anuncia

"uma infinidade de cousas que só o Batista tem paciência e gosto para estes negócios de comilança para os dias que devemos guardar todo o preceito recomendado pela nossa religião". A mercearia de Paula Pereira anuncia um grande sortimento de vinhos finos do Porto, Verde, Colares, Bordeaux e peixes em lata, salmão e lagosta para os dias da Semana Santa.

Em alguns casos, o que poderia ser anúncio transforma-se em noticiário, ocupando um grande espaço. Como nas notícias do programa de corridas, volume de apostas, vencedores dos páreos do recém inaugurado Prado Cearense, sugerindo afinidade entre os donos do negócio e a redação do jornal, correspondendo também à fase de escassez dos artigos doutrinários e disputas internas na redação da folha, quando esta começa a definhar.

A recorrente referência negativa à atuação partidária é uma forma de extravasamento dos conflitos e tensões entre as correntes que atuam no meio operário do Ceará. Os projetos políticos que saltam dos periódicos **O Combate** e **O Operário** se defrontam e apresentam posições contrastantes, decorrentes não apenas das fricções da política local, mas das concepções distintas da relação capital/trabalho. Ainda que ambos se autoproclamem socialistas, são interesses e projetos díspares em disputa no movimento operário. A posição d'**O Operário**, contrária às greves e defendendo o "direito da razão", é exemplar nesse sentido.

A via explicativa d'**O Operário** abre um veio possível de observação e acompanhamento no tempo, das formas de constituição e participação política das camadas médias urbanas, assim como a problemática das particularidades do liberalismo político e econômico como ideologia, conforme sugerido no estudo do

¹⁸⁰ É um dos primeiros anúncios em que aparece o número do telefone do estabelecimento.

contradiscurso pequeno-burguês na imprensa do Paraná, nas décadas finais do século XIX e inícios do século XX.¹⁸¹

Para entender a linha adotada pelo grupo editor d'**O Operário** é de se observar que estava ele no século XIX, "no século dos fatos" e das "obras de proveito", no dizer de Gilberto Freyre, para quem o XIX *"é um século em que o progresso moral tornara-se complementar do técnico, do científico, do material; e não se compreendia progresso moral independente do científico"*.¹⁸²

O Operário é exemplo de militância dos grupos que no Ceará tiveram contato com as idéias que impregnavam o pensamento e influenciavam os movimentos políticos e culturais nas décadas findantes do século XIX: o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer, o cientificismo, o monismo materialista, o socialismo reformista, o republicanismo: *"Correlata dessa tendência, encontra-se a crença na missão civilizadora da ciência e da técnica, sob os auspícios do Estado."*¹⁸³

O discurso veiculado pelos redatores d'**O Operário** está assentado no "espírito" do final do século XIX, devotado à crença na ciência, nos inventos, na glorificação do trabalho, no progresso das artes e da indústria como elementos capazes de subtrair os homens da ignorância, geradora de misérias múltiplas. O acento na idéia da indústria como "deusa do progresso" é afirmado em Sandra Pesavento, para quem *"o homem das cidades via, no seu cotidiano, as condições concretas de sua existência serem transformadas pelos novos inventos, pelo surgimento renovado das máquinas (...)"*, porquanto *"o século XIX foi o século das máquinas, das inovações, das descobertas, da*

¹⁸¹ ARAÚJO, Sílvia. & CARDOSO, Alcina. **Ideologia e imprensa operária: o contra discurso pequeno-burguês**. Encontro da ANPOCS, 1986.

¹⁸² FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro francês...** Op. cit., p. 100.

¹⁸³ FOOT HARDMAN, Francisco. *Brutalidade antiga: sobre História e ruína em Euclides*. In **Revista de Estudos Avançados**, vol. 10, nº 26, jan.-abr. São Paulo: USP, 1996, p. 293.

celebração do espírito científico que fora capaz de domar as forças da natureza e pô-las a serviço da civilização".¹⁸⁴

Chegando quase ao final do século XIX, quando certos "espíritos inquietos", antes de seu meado, haviam enxergado o "mundo dobrando uma esquina", **O Operário** (como **O Combate**) é criação possível de um meio onde o artista vai se tornando operário. Embora permaneçam atividades econômicas de pequena dimensão, sob forma familiar e artesanal, surgem novas atividades econômicas e novas profissões. Embora permaneça a "cidade das areias" e da vela de estearina, os marcos do desenvolvimento urbano vão surgindo na "outra cidade", a dos calçamentos, da iluminação a gás, do telefone, do telégrafo e do vapor que traz a última novidade (também em gazetas e livros) da Europa e do Rio de Janeiro. É neste quadro multifacetado, onde "a política tinha descido a rua" de quando em vez, que se pode apreender o advento dessa imprensa, em sua dimensão de fenômeno cultural e social e fenômeno urbano, como já aludi anteriormente.

Na virada do século, em curso o processo de industrialização e urbanização, definidos os signos da modernidade e suas matrizes, se processa também a emergência das camadas médias urbanas, tentando se distinguir pela expressão dos "bens culturais", a imprensa com destaque. Na unidade seguinte, através da imprensa dos caixeiros se pode apreender as iniciativas dos "laboriosos moços do comércio" fazendo do *Trabalho e Educação* seu lema na vida associativa, como nas suas folhas.

¹⁸⁴ PESAVENTO, Sandra J. *Trabalhadores e máquinas: representações do progresso*. In *Anos 90*, nº 2, maio, pp. 165-166. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

5 – A Imprensa dos caixeiros

Os jornais dos empregados no comércio analisados nesta parte do trabalho são publicados em várias cidades do Ceará. São de Fortaleza: **O Athleta** (1891), **Phenix Caixeiral** (1893), **A Opinião** (1897), **Pedro Moniz** (1898), **A União** (1906), **A Centelha** (1909), **O Movimento** (1912), **O Caixeiro** (1919 e 1924), **A Evolução** (1924), **O Fenixta** (1928). Incluem-se ainda, **A Classe** (1923), do Crato, **O Caixeiral** (1925), de Iguatu, **O Trabalho** (1927) e **O Escudo** (1930), de Sobral.¹⁸⁵

Tantos títulos dizem da significativa incursão dos caixeiros no mundo da palavra impressa. Deve-se apreendê-los como resultado daquele painel já apresentado no meado do século XIX, em que a inauguração dos caminhos de ferro, ligando a capital ao sertão, das linhas dos navios a vapor alentando o movimento das exportações, vão "engordando o comércio", para usar a expressão de Raimundo Girão, o historiador que retrata os primeiros anos do século XX na Fortaleza, com pouco mais de quarenta e oito mil habitantes, como período de remodelação dos equipamentos urbanos: vias públicas "estiradas", calçamentos em busca das "areias", melhoria das casas de residências. É nesse quadro que *"o seu comércio ampliava-se e a sua gente cada dia mais se instrua nas apuradas normas de civilidade"*. É evidente que o historiador, tomado de otimismo com "as delirantes festas" que saúdam o novo século não refere os casebres das "areias", os números do analfabetismo e outras tantas mazelas que "enfeiam" e são a contraface da remodelação feita pelo Intendente Guilherme Rocha.¹⁸⁶

¹⁸⁵ Faço aqui o registro do jornal **O Matuto** (1896), de Quixadá, citado em nota anterior, resultado da iniciativa de três caixeiros: Liberato Nogueira, Luiz Carvalho e Zacarias de Souza. É lícito inclusive perguntar: em que medida não teriam sido os três caixeiros de Quixadá, influenciados ou estimulados pela imprensa dos caixeiros que se fazia em Fortaleza, no mesmo período?

¹⁸⁶ GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica Histórica**. Fortaleza: Casa de José de Alencar Programa Editorial, 2ª ed., 1997, p. 33.

Ainda assim, se retenha a informação acerca da ampliação do comércio para voltar a falar dos caixeiros. Sem dúvida, eles tentam fazer parte do rol da *"gente que cada vez mais se instruía nas apuradas normas de civilidade"*. Uma evidência que chega à contemporaneidade é a dos seus jornais, revistas, poliantéias e do lema que atravessa décadas: *"Trabalho e Educação"*.

Ecoando o verbo do século XIX, *"poder mais forte não há decerto que o do jornal..."*, numa coreografia cintilante, onde as folhas do jornal rodopiam e entoam em coro a força da imprensa, esse é um ato da peça *O Carioca*, de Arthur Azevedo, encenada em 1886, no Rio de Janeiro. Esse vivo registro é captado por Mônica Veloso, que acrescenta sobre o período:

"Na virada do século, a imprensa assume papel marcante como um dos veículos identificadores da modernidade. O país estava atravessando uma fase de mudanças decisivas. A urbanização, a emergência de uma classe média com interesses culturais mais definidos, o anseio generalizado de informações, enfim, o que estava em questão era a formação da opinião pública".¹⁸⁷

Ainda que o processo de industrialização e urbanização se apresente de modo desigual, o Ceará também é palco dessas mudanças, sendo a imprensa de igual modo *"um dos veículos identificadores da modernidade"*. Dessa fase de formação da opinião pública, participa a imprensa dos caixeiros, com seus vários jornais. A esses acrescenta-se a função desempenhada por sua revista **Phenix** e sua escola, estudadas na Segunda Parte deste trabalho.

Nesse momento de formação da opinião pública e de identificação dos signos da modernidade, os caixeiros combinam no jornal, na palavra impressa, a crítica social e o modelo literário. Com Machado de Assis, repetem que

"o jornal é a verdadeira forma de república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum,

¹⁸⁷ VELOSO, Mônica. *Toda a verdade a sorrir*. In **Jornal da ABI**, ano 3, nº 3, p. 9. Rio de Janeiro: ABI, 1997.

universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das idéias e o jogo das convicções."¹⁸⁸

Os jovens caixeiros, mais vai entrando o século, tentam se distanciar da imagem de criado, de "caixeiro-vassoura". É o que se depreende desse espirituoso depoimento do jovem e acanhado Joaquim Pimenta, que chega dos sertões de Tauá, sobre a primeira impressão da "*vida elegante da cidade*", com os caixeiros "ditando moda":

*"Era a classe caixeiral que ditava a moda, e de onde saía, depois que se foram os cadetes, la jeunesse dorée disputada pela meninas casadoiras. Em um grupo de jovens bem vestido, cada qual com a sua bengalinha domingueira, avistou meu tio [Benigno] o Aristides, seu parente afim, também do Tauá, empregado do comércio. Aproximamo-nos. Notei que me olhavam com certa surpresa e um risinho petulante. Observei a cara de constrangimento mal dissimulado do Aristides, quando meu tio lhe pediu que me aceitasse em sua companhia (...)"*¹⁸⁹

Com isso não se infira que eram todos uns petulantes e dissimulados. A impressão do jovem e acanhado Pimenta é bem distinta, por exemplo, da auto-imagem fixada por Rodolpho Theophilo para os caixeiros que se iniciam na labuta do comércio no meado do século XIX. O que é certo é que os caixeiros cuidam de sua instrução como meio de distinção social e vão tomando parte nas lutas sociais de seu tempo. Já em 1883 isso é demonstrado, quando os sócios da Beneficente Caixeiral e do Grêmio Caixeiral constituem uma diretoria provisória do Clube Abolicionista Caixeiral, indicando como diretriz: "*Ficou assentado que o novo Clube trataria de promover em primeiro lugar a liberdade dos escravos da rua Formosa, nesta capital do Ceará*".¹⁹⁰

É lícito pensar que os caixeiros, especialmente aqueles empregados no chamado "alto comércio", compõem em alguma medida as camadas médias urbanas que vão se configurando em Fortaleza a partir de 1872, quando, ao lado de estudantes e quadros da burocracia administrativa, "*adotaram o aperfeiçoamento cultural como critério de*

¹⁸⁸ **Phenix Caixeiral**, Edição Especial, 24/06/1894. Fortaleza.

¹⁸⁹ PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado**. Rio de Janeiro: Dep. de Imprensa Nacional, 1949, p. 60.

¹⁹⁰ **O Cearense**, 10/01/1883. Fortaleza.

ascensão social, passando a interessar-se pelos três temas que apaixonavam igualmente as camadas urbanas da Corte: a literatura, a libertação dos escravos e a República." Para perceber quão nuançado já se mostrava o meio sócio-econômico de Fortaleza nos últimos anos do século XIX é preciso observar o alargamento da vida intelectual, os movimentos abolicionista e republicano, o surgimento de clubes e "*outros bens de relevo social*", no acertado dizer de Liberal de Castro como evidências que possibilitam ainda entrever a composição social de seus membros. A criação, pelos caixeiros, do Reform Clube, em 1876, é adequadamente apresentada em Ramos Tinhorão:

*"Os 'rapazes do comércio', por exemplo, que eram assim chamados, na época, e representavam uma parcela atuante da classe média (pois constituíam a massa dos leitores e entusiastas das idéias da minoria intelectual), iam fundar, o Reform Clube, que representava o máximo de organização, em matéria de atividade social. Pois em 1884 – oito anos depois – esses comerciantes já se veriam na contingência de vender seu clube a elementos de novas camadas da alta classe média: e o Reform Clube passaria a Clube Iracema, onde comerciante não entrava."*¹⁹¹

O surgimento de clubes, jornais, expressando o ponto de vista dos caixeiros, de suas associações, escolas, campanhas, encontra explicação na diversificação das atividades comerciais ou derivadas dessas no Ceará, com o estabelecimento das linhas de navegação entre Fortaleza e a Inglaterra, e das casas exportadoras, firmas comerciais estrangeiras e nacionais, incrementando o comércio externo e interno. Para o ano de 1862, já se recolhe o registro de 277 estabelecimentos comerciais em Fortaleza; são escritórios de comércio, armazéns, lojas de fazenda, empório de roupas e calçados, quitandas, mercearias, boticas, açougues.¹⁹² Pode-se inferir a ampliação desses números mais vai entrando o século, seja com as linhas regulares de navegação, com a ampliação

¹⁹¹ TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo...** Op. cit., p. 43.

¹⁹² BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Ensaio estatístico da Província do Ceará.** Tomo II. Fortaleza: Typ. B. de Mattos, 1864, p. 414.

do capital dos comerciantes exportadores, cumprindo função suplementar de provimento de empréstimos e compra de safras agrícolas.

Nos anos 1870, ampliam-se as relações comerciais entre Fortaleza e os mercados do sul do País, expande-se o pequeno comércio e os serviços públicos, aumenta o número de edificações privadas e públicas com o adensamento das populações urbanas. Acrescem-se a essas modificações no perfil sócio-econômico e urbano (calçamento de ruas, reconstrução do Passeio Público, abastecimento d'água, iluminação a hidrogênio, construção das estradas de ferro de Baturité e Sobral-Camocim) a expansão da faixa de consumidores e o surgimento de novos ofícios, estimulando a atividade comercial externa e interna. Junto às casas importadoras e exportadoras existentes, Singlehurst (inglesa), Kalkmann & Sand (alemã), Boris Frères, Gradvohl, Levy Frères (francesas), estão as de Joaquim da Cunha Freire, Albano, Seixas, Thomé A. Motta, entre outras.¹⁹³ Pode-se inferir que o crescimento de capital, a instalação de equipamentos urbanos e a ampliação dos serviços públicos propicia *"a criação de oportunidades de trabalho para a classe dos indivíduos mais alfabetizados"*, como observa Ramos Tinhorão.¹⁹⁴

As razões de expansão e hegemonia da cidade de Fortaleza no último quartel do século XIX, centro de coleta e exportação do algodão, com sua função comercial ampliada pela construção dos caminhos de ferro, têm em Liberal de Castro a arguta caracterização:

"Aquele período é de suma importância. Inauguram-se os serviços de bondes de burro, iluminação pública, calçamento nas ruas centrais, telégrafo, telefone, cabos submarinos; fundam-se as primeiras associações culturais e sociais;

¹⁹³ VIANA, Carlos Negreiros. **A Indústria têxtil de algodão no Ceará (1881-1973). Uma Experiência de industrialização fora do Centro-Sul.** Fortaleza: SENAI/FIEC, s/d., p. 34. A expansão comercial seguida da expansão da representação consular de comerciantes franceses toma o caso do Ceará como exemplo. De um único agente consular em 1876, no Aracati, em 1889 conta com agentes consulares de vinte países. A esse respeito ver TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará. Origens do capital estrangeiro no Brasil.** São Paulo: HUCITEC; Natal: UFRN, 1995.

¹⁹⁴ TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo...** Op. cit., p. 24.

*tentam-se os primeiros projetos de se dotar a cidade de um porto organizado. As atividades culturais entram num período de grande efervescência (...).*¹⁹⁵

Período de crescimento econômico e remodelação urbana em que a estrutura social se modifica; emergem novos grupos dominantes e se constituem "camadas médias afluentes compostas em razão da proliferação de profissionais liberais, além do surgimento de um crescente contingente de trabalhadores pobres – ativos ou em disponibilidade –, configurando-se, assim, a formação de um mercado de trabalho urbano em Fortaleza".¹⁹⁶

É nesse contexto que os empregados dos estabelecimentos comerciais tornam-se protagonistas de sua imprensa e potenciais sócios da Phenix Caixeiral: caixeiros de balcão, armazém ou escritórios dos estabelecimentos comerciais, guarda-livros, agentes e representantes das casas de importação e exportação, e demais empregados de atendimento das casas bancárias, despachantes e pessoal de escritório das alfândegas, agentes e pessoal de escritório das estradas de ferro, leiloeiros, corretores, cobradores de sociedades de direito privado, empregados de escritórios dos estabelecimentos industriais, entre outros.¹⁹⁷ Esclareça-se que, a par da listagem de tantas ocupações na atividade comercial (resultante do reduzido peso da atividade industrial), essas ocupações têm oportunidades reduzidas.

¹⁹⁵ CASTRO, José Liberal de. **Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Faculdade de Artes e Arquitetura/UFC, 1973, p. 29. Sobre as razões de expansão e hegemonia da cidade de Fortaleza, ver também GUABIRABA, Maria Célia de Araújo (coord.). **Ceará – A Crise permanente do modelo exportador**. Fortaleza: IMOPEC, 1989; LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As Razões de uma cidade: conflito de hegemonias**. Fortaleza: Stylus, 1991; e SOUSA, Simone (org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/UFC, 1989.

¹⁹⁶ PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993, p. 28.

¹⁹⁷ Ver uma extensa lista de casas comerciais, localização, proprietários e lista de preços dos principais produtos em MENEZES, Raimundo de. *O Comércio de outros tempos*. In **Coisas que o tempo levou**. Fortaleza: Edésio Editor, 1938, pp. 110-116. Ver também uma listagem de ocupações na atividade comercial ou próxima desta (potenciais sócios da Phenix Caixeiral) em ARARIPE, J. C. Alencar. **No País das utopias**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1993, p. 42.

O que se quer fixar é que a tessitura da vida urbana, o "estiramento do comércio", a remodelação dos espaços, a distinção entre os espaços público e privado, possibilitaram que os caixeiros (como outras ocupações) se agremiassem e estimulassem as criações e exigências do espírito, promovendo um leque de atividades socioculturais. Já no meado de 1870, é criada em Fortaleza, por Rocha Lima, a associação literária Fênix Estudantal que embora não constitua um fato de repercussão e continuidade na vida intelectual da cidade, demonstra o desabrochar de uma consciência de pertencimento a um novo lugar na sociedade de então. Ramos Tinhorão situa bem o fato afirmando que:

"Na verdade, a criação da primeira associação literária, no âmbito da classe média, constituía uma prova de que a sociedade de Fortaleza começava a transcender do rígido dualismo representado pela existência de uma dezena de famílias ricas, de um lado, e uma população quase miserável, do outro. (...)

De qualquer forma, a década que se abre com o ano de 1870, já ia indicar a presença de três grupos na formação da estrutura social do Ceará: o pequeno número de fazendeiros e criadores, mediocrementemente educados, e considerados ricos (...) o grupo bem maior e mais heterogêneo dos funcionários públicos, profissionais liberais e empregados do alto comércio (que se reuniam, primeiro, no Reform Clube e, depois, na Phenix Caixeiral) e, finalmente, a massa quase miserável dos artífices, trabalhadores braçais, biscateiros e escravos."¹⁹⁸

Duas décadas depois, em 1891, é formada a Sociedade Phenix Caixeiral. Seu primeiro jornal, **O Athleta** (1891), feito em cooperação com alunos do Colégio Militar do Ceará, tem vida efêmera e é substituído pelo jornal **Phenix Caixeiral**. Publicado quinzenalmente, é impresso na Tipografia Studart, na rua Formosa, em Fortaleza, com tiragem de mil exemplares, tendo como redatores, em 1893: Pedro Moniz, Castro Ramos, H. Domingues, César Silva, Leonardo Parente, J. Moreira, Antonio Brazil e Carlos Alcantarino. Em 1905, o corpo redatorial é formado por Alcides Montano, João de Alencar Araripe e A. A. Nunes Valente. São seus colaboradores Arthur Ramos,

¹⁹⁸ TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo...** Op. cit., p. 25-27.

Roberto de Alencar, Farias Brito, Alfredo Carlos de Castro e Silva, H. Castriciano, Sabino Baptista, Álvaro Martins, entre outros. A sustentação do jornal, com tiragem de mil exemplares, vem das assinaturas, contribuições dos sócios e venda avulsa. Diferenciando-se de outras folhas do período, não mantém a página de anúncios.¹⁹⁹

Os empregados no comércio de Fortaleza, em sua maioria, enfrentam uma situação bastante adversa: locais de trabalho insalubres, extensas jornadas de seis da manhã às dez da noite, baixa remuneração, variedade de tarefas, inclusive as de *criado* na casa do patrão, onde habitava no quartinho dos fundos. Nesse jogo de sobrevivência, vão pouco-a-pouco incorporando aspirações de distinção social e compondo uma auto-imagem diferenciada dos empregados pobres e subalternos (vendedores ambulantes, cocheiros e outros mais), acalentando o sonho de chegarem a "futuros comerciantes honrados". A criação da Phenix Caixeiral, nos moldes do benefício mútuo incluía o socorro na doença e no desemprego, auxílio funeral e acentuava a necessidade de criar uma escola própria. Sua ata de fundação e sua lista de sócios e diretores, admitindo proprietários de estabelecimentos comerciais e figuras de relevo na burocracia do Estado, denotam a aspiração de mobilidade social. De caixeiro-vassoura a primeiro-caixeiro, de balconista a empregado do escritório, de caixa a guarda-livros, de assistente a gerente, é a escala de mobilidade, como desejo de muitos, para o *salto* a proprietário de seu próprio estabelecimento. Tomada essa esfera da subjetividade, se pode compreender a internalização da disciplina do trabalho e os códigos de deferência diante dos patrões ou seus representantes.

¹⁹⁹ Faço aqui um reparo à informação de Liana Amaral (*Imprensa operária no Ceará (1920-1935)*). In *Revista de Comunicação Social*, v. 1-2, nº 17, jan.-dez., p. 83. Fortaleza: UFC, 1987) quanto a sua "caracterização" do jornal *O Athleta*. Esse título, aparecido no Ceará em 1891, pode inclusive ter se inspirado em um congênere, visto que em 1883, o Clube Caixeiral de Porto Alegre tem como porta-voz *O Athleta*, editado por Ernesto Silva, com distico assemelhado ao do Ceará: *Instrução e Beneficência*. Na mesma linha, corrija-se o título do *Phenix Caixeiral*, em vários estudos, grafado como *Flexi Caixeiral*.

A matéria do **Phenix Caixeiral** é constituída de poemas, sonetos, crônicas, cartas, artigos sobre Instrução e Educação, notícias sobre o funcionamento das casas comerciais, notas de falecimento e pesar, charadas e anedotas, movimento da alfândega e do porto, notícias de bailes e viagens. Largo espaço do jornal é dedicado à própria entidade, divulgando a relação de sócios efetivos e beneméritos e o funcionamento de sua Escola (matrículas, boletins das aulas e notas das sabatinas).²⁰⁰

Além da periodicidade definida no expediente, publica sempre, em 24 de junho, uma edição especial comemorativa da fundação da Sociedade Phenix Caixeiral. São edições abertas com o clichê do Presidente ou da Diretoria e o conjunto dos artigos, num tom laudatório, dedica-se a fazer a memória de sua agremiação, pondo em relevo o papel dos iniciadores e a continuidade de sua "missão civilizadora".

Desses artigos ressaltam a exaltação aos dirigentes da Sociedade e a saudação aos "esperançosos obreiros" da Phenix. Escritos por professores, literatos e pelos diretores, fazem parte da construção de uma memória cuja tônica é o destaque de suas virtudes:

"24 de junho nos faz lembrar o dia em que seis verdadeiros bravos, sem medir os sacrifícios, sem cogitar as dificuldades, tentaram reunir a classe caixeiral em um só corpo por meio de uma sociedade para (...). A classe caixeiral antigamente dispersa e composta de rapazes completamente incultos, é hoje substituída pela maior união de seus membros, e pelo grande progresso e desenvolvimento intelectual. (...)"²⁰¹

²⁰⁰ A Sociedade Phenix Caixeiral tem como comissão iniciadora Heraclito Domingues, Raymundo Cabral, Miguel Teixeira da Costa Sobrinho, Cezar da Silva, Benvindo A. Pereira e Januario Fernandes. Em 1893, a diretoria, presidida por Pedro Moniz, é constituída por Heraclito Domingues, Demetrio Menezes, Francisco de B. Telles, Abel Henriques, Miguel Teixeira, João Ramos, José Moreira, Januario Fernandes, Pedro Gurgel, Silvio Uchôa, Antonio Porto, Elyseo Becco, Cezar Silva e Raymundo de C. Ramos. A Phenix Caixeiral tem o quadro de sócios divididos em efetivos, beneméritos, contribuintes, beneficiados, honorários e correspondentes. Em 1905, figuram na lista de beneméritos Papi Junior, Barão de Ibiapaba, Carlos Studart, Eduardo Salgado, Georgina Telles, Isabel R. Silva, Joaquim Magalhães, entre outros. A lista de contribuintes é formada por Augusto Cabral, Francisco Philomeno F. Gomes, Roberto Rocha, Antônio Martins, entre outros.

²⁰¹ **Phenix Caixeiral. Edição Especial, 24/06/1894. Fortaleza.**

A construção de uma auto-imagem do caixeiro baseada em normas de conduta "elevadas" e procedimento exemplar é parte da estratégia de buscar para a profissão alguns símbolos de distinção social. Nesta sua "cruzada" em favor da imagem de "bons moços" e até de "famílias bem colocadas", a "classe caixeiral" edita o jornal **A Opinião**, em 1897, como apoio à campanha específica contra os jogos de azar, em particular contra a contravenção e o jogo do bicho, revelando tendência corrente à época e para eles uma forma de combater aspectos considerados danosos ao "alevramento moral da classe".

Em depoimento ao jornal, Pedro Moniz, um dos "sócios iniciadores", referindo-se aos pesados trabalhos dos caixeiros, e em particular, à extensa jornada de trabalho, diz que a "*nobreza*" da ação da Sociedade consiste na tarefa de instrução dos caixeiros: "*A principal nobreza da Phenix Caixeiral é esta: – os caixeiros, depois de um dia inteiro de pesado e contínuo trabalho, desde a manhã até um pedaço da noite, correm pressurosos com o seu livro debaixo do braço em busca de um pouco de instrução (...).*"²⁰²

Pedro Moniz, um dos presidentes da Phenix Caixeiral, foi um dos fundadores do Centro Literário e teve destaque como poeta, contista e crítico.²⁰³ Como jornalista, além do jornal da Phenix, colaborou na imprensa do Ceará e do Amazonas, no **Diário do Ceará**, **A Pátria**, **Jornal do Comércio**, e nas revistas **Iracema** e **Ceará Ilustrado**. A seu respeito diz a crítica: "*Era um rapaz talentoso e com muita vocação para conteur*

²⁰² **Phenix Caixeiral**, ano II, nº 1, 24/06/1893. Fortaleza.

²⁰³ São obras de Pedro Moniz: **Bíblia do amor** (1895), **Versos de ontem** (1896), **Estupro** (novela realista), publicada na revista **Iracema**.

realista. Guarda-livros, instruíra-se como pudera, exercendo cargo tão absorvente das energias mentais."²⁰⁴

Ainda que a instrução seja a tarefa central da Phenix, a atividade associativa requer atenção às condições de vida e trabalho dos caixeiros, em especial sua jornada de trabalho. Desde a década de 1870, os caixeiros adotam como reivindicação central o fechamento das portas aos domingos e dias santos. Os caixeiros do Rio de Janeiro, já em 1866, deflagraram sua primeira greve pelo descanso semanal; em 1871, os da rua São José divulgam uma singela quadrinha rogando aos patrões: "*Fechai, fechai e fechai/ Que Deus vos há de ajudar/ No caminho do progresso/ Todos hão de marchar.*" No Rio Grande do Sul, vários jornais da categoria são editados desde 1874 e, em 1883, a Câmara Municipal aprova a *Lei do Fechamento de Portas*, referendada no ano seguinte, pela Assembléia Provincial. A conquista é ressaltada na imprensa dos caixeiros gaúchos como a *lei áurea do Balcão*.²⁰⁵ Impulsionados pelas conquistas da categoria no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, os do Ceará exercem pressão junto aos patrões e à Intendência que, finalmente, regulamenta, em 1893, o descanso aos domingos. Tal medida é saudada pela Phenix e o jornal assim se expressa:

"Posta em execução a lei do fechamento de portas aos domingos, veio o caixeiro cearense ter finalmente a liberdade que tanto desejava e o que tanto era necessário. Com isto, muito teve a ganhar o patrão, pois tendo o caixeiro de seu um domingo inteiro, para descansar e divertir-se, segunda-feira sente-se disposto e forte para o labor da semana, o que não acontecia quando passava no estabelecimento até duas horas da tarde dos domingos. Agora resta que os nossos colegas de classe saibam aproveitar o dia que lhes é concedido para o descanso em coisas úteis, uma vez que é prejudicial tudo que não for útil.

²⁰⁴ VICTOR, Hugo. **Sonetos Cearenses. Poetas do Ceará** (1ª Série), 2ª edição, UFC, Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1997, p. 172.

²⁰⁵ MARÇAL, João Batista. **Comerciários, fechem as portas para descansar**. Porto Alegre: Fotoletras, 1997, p. 28.

*À ilustre intendência municipal (...) vimos trazer nossa homenagem e gratidão (...).*²⁰⁶

O texto é exemplar do modo de atuação da Sociedade dos caixeiros. Traduz a conquista de um direito como *"um ganho para os patrões"*, ressalta o espírito benemerente de Guilherme Rocha (o Intendente) e acentua a observância de normas de conduta e procedimento exemplar dos *"dignos moços do comércio"* em sua folga semanal. Registre-se que a maioria dos artigos assinados pelos dirigentes da Phenix, ao lado das idéias-força de Progresso, Civilização e Engrandecimento Intelectual, encontram-se as de Liberdade, Justiça, Direitos Sociais, balizadas pelas noções de Hierarquia, Respeito, Ordem e Deveres Sociais, como nessa exortação:

*"Colegas! Nós que jamais nos afastamos do combate travado contra os retrógrados e egoístas; nós que sempre lutamos pela reivindicação da liberdade de nossos irmãos de classe; nós que sempre nos empenhamos contra os inimigos dos direitos sociais do caixeiro devemos (...) continuar no campo da defesa de nossa completa liberdade, sem esquecer rigorosamente o cumprimento de nossos deveres sociais e comerciais, e sem faltar o respeito aos poderes constituídos. (...)"*²⁰⁷

A perspectiva de atuação dos caixeiros pode ser melhor situada se observada a notação sobre identidade social, à maneira de Thompson. Para ele, *"a identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambigüidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde"*. No caso dos caixeiros, o discurso pendular demonstra essas alternâncias advindas da mesma realidade: *"De um lado, a conformidade com o status quo, necessária para a sobrevivência, a necessidade de seguir a ordenação do mundo e de jogar de acordo com as regras impostas pelos empregadores."* De outro lado, os conteúdos da crítica, da

²⁰⁶ Phenix Caixeiral, ano III, nº 8, 24/12/1893. Fortaleza.

²⁰⁷ Phenix Caixeiral. Edição Especial, 24/06/1894. Fortaleza.

reivindicação *"derivados da experiência de exploração, dificuldades e repressão compartilhada com os companheiros de trabalho"*.²⁰⁸

No artigo de fundo, que define de modo breve o programa do jornal, fica claro que o **Phenix Caixeiral** adota como perspectiva, desde seu aparecimento, um híbrido que tenta combinar a defesa da classe e a proximidade com o modelo de *"jornal literário"*, como forma de representação dos caixeiros. Veja-se sua autodefinição:

"Apresenta-se hoje na arena jornalística este nosso modesto periódico, pedindo um lugarzinho entre seus ilustres e distintos colegas d'A República, d'O Norte e d'O Comercio.

Aparece hoje de nome mudado por entendermos que esse que hoje traz se nos adapta melhor.

Motivos imperiosos deram lugar a ser suspensa a publicação do ATHLETA que reaparece hoje com o nome de PHENIX CAIXEIRAL, conservando os mesmos princípios que adotara e a mesma profissão de fé fixada.

Festejando hoje o segundo aniversário de nossa sociedade (...), nenhuma para nós a soleniza mais que o aparecimento do nosso periódico, porque ele é uma escola onde vamos aprender, guiados pelas boas lições que nos derem os nossos ilustres mestres acima.

Na primeira página de nosso jornal vem o símbolo de nossa sociedade, os nomes dos seis moços que fundaram-na e os nomes dos que compõem a diretoria atual.

Nossa palavra é pequena e fraca para dizermos o que sentimos e para agradecermos num reconhecimento sincero e justo a todo o Ceará, a estima e simpatia que nos dispensa.

*Só podemos dizer mais é que nossos corações transbordam de alegria, de desejos e de uma vontade grande e unificada: queríamos por isso que não nos fosse permitido somente trabalharmos para a educação e elevação de nosso espírito, e, se for muito, seja-nos permitido ao menos aprendermos a ler e compreender os grandes mestres.*¹²⁰⁹

Essa definição da linha do jornal como uma combinação das lutas, da valorização do trabalho dos caixeiros, com uma perspectiva literária é claramente formulada por outros órgãos de imprensa que circulam no período, no Ceará. É preciso

²⁰⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum...* Op. cit., p. 20. Ver também THOMPSON, E. P. *História social y antropología*. México: Instituto Mora, 1994. Para a discussão sobre identidade social, ver os estudos referidos em Thompson e que constituem, neste ponto, sua base para situar a questão.

salientar que, do movimento literário crescente no Ceará desde 1890, alguns caixeiros tornam-se nomes destacados nas letras. Tomada a Padaria Espiritual como exemplo, basta folhear seu jornal, **O Pão**, para encontrar ali outros nomes de destaque nas letras e ao mesmo tempo colaborando nas folhas dos caixeiros, como em outras aqui estudadas. É o caso, de Jovino Guedes, Tiburcio de Freitas, Sabino Baptista, entre tantos. É o caso, ainda, de Lívio Barreto (considerado pelos críticos como representante da melhor obra simbolista no Ceará), de quem diz autorizado estudioso: *"Se seu mundo social, de humilde caixeiro e guarda-livros no interior do Ceará, é um mundo estreito, é inegavelmente rica a sua cosmovisão simbolista, pois não se pode impor limites ao invisível."*²¹⁰

Acerca da atividade literária *"dos incansáveis rapazes da Phenix"*, o citado jornal, **O Pão**, se manifesta em sua seção *Imprensa Literária*, destacando a qualidade de seus escritos compostos *"nas poucas horas que lhes sobram dos labores do comércio"*:

*"reapareceu na imprensa a Phenix que se publicará doravante mensalmente trazendo as lucubrações que os inteligentes fenixtas compõem nas poucas horas que lhes sobram dos labores do comércio. Os dois números que temos presentemente estão repletos de boa prosa e versos, destacando-se entre a colaboração poética o magnífico soneto de Antonio Ivo (...)"*²¹¹

Com ligeiras alterações de forma, as saudações ao **Phenix Caixeiral** reproduzem o mesmo elogio. O jornal **A República** destaca o periódico como uma tentativa de elevação do nível intelectual dos caixeiros, com o objetivo de formar uma consciência acerca dos direitos perante a Sociedade e, dos deveres, perante a Pátria. **O Norte** destaca o jornal como resultado do esforço coletivo de congregar os caixeiros em torno das lides do trabalho e da inteligência. **O Comércio**, reconhecendo no espírito de

²⁰⁹ **Phenix Caixeiral**, ano III, nº 8, 24/12/1893. Fortaleza.

²¹⁰ MONTENEGRO, Pedro Paulo. **Discurso de posse...** Op. cit., p. 569.

²¹¹ **O Pão**, ano II, nº 27, 01/11/1895. Fortaleza.

agremiação a mais possante das alavancas sociais, vislumbra na criação do jornal da Phenix um novo campo aberto às investigações literárias de seus associados. Nessa mesma linha inscreve-se a saudação formulada pela **Padaria Espiritual**, para quem:

"Amor e Trabalho – nesta fórmula sagrada que inscrevemos em nosso estandarte sintetizamos todos os nossos sentimentos e, sem nos afastarmos uma linha sequer do programa traçado temos nos empenhado pela extensão dos elementos contrários desenvolvendo nossa atividade em favor do progresso das letras pátrias, superando todos os obstáculos que nos antolham a marcha na senda larga do bem.

*Pensando deste modo, julgamos justo render hoje um preito de simpatia e homenagem a Phenix Caixeiral que consagra amor às letras e trabalha pela elevação dessa mocidade que pode ser num futuro próximo a diretora dos destinos do nosso comércio."*²¹²

Se das saudações feitas ao jornal dos caixeiros salta como caracterização a tarefa de dignificar o trabalho e elevar o nível intelectual da classe, não parece ser outro o entendimento dos dirigentes da Sociedade Phenix Caixeiral, desvinculando o jornal de programas políticos ou diretrizes partidárias. Estabelecem a crítica à ação da imprensa que, desviando-se de um suposto campo neutro de atuação, dirige sua ação ao doutrinário. Essa é a compreensão de Abel Henriques: *"Mais um campeão que surge na arena jornalística. Felizmente será ele almejado e abençoado, porque limita-se a defender os interesses de uma classe laboriosa, que pouco cogita de programas políticos."*²¹³

Nesta linha de argumentação sucedem-se outros artigos publicados, estabelecendo o papel da imprensa dos caixeiros como disseminadora das idéias de Liberdade, Civilização e Progresso, tendo como bússola a instrução da classe. Dizem ainda ser o distanciamento da política e da idéia de revolução condição de possibilidade de atingir seus reais objetivos, conforme se observa neste enunciado:

²¹² Phenix Caixeiral, ano II, nº 1, 24/06/1893. Fortaleza.

²¹³ Phenix Caixeiral, ano II, nº 1, 24/06/1893. Fortaleza.

"(...) Não somos políticos, não temos diretamente interesse na luta dos partidos: as desordens devem correr exclusivamente por conta da política que levou o país à revolução.

Nós, não, temos um fim diferente e nossa missão é toda de paz. (...)

Temos também necessidade de fazer uma revolução, mas no seio de nossa classe sem tumulto nem desordens, propagando a instrução, civilizando o comércio, levantando nosso caráter.

É uma revolução exclusivamente de paz, porém também fecunda e difícil, sendo aliás uma revolução que nunca termina, porque abrange o curso inteiro da vida. (...)

E enquanto a revolução for por um lado a conquista do direito, tendo muitas vezes a necessidade de recorrer ao combate de sangue, vamos nós de nossa parte, fazendo o que pudermos, melhorando as nossas condições, civilizando a nossa classe, esclarecendo as nossas consciências e concorreremos para o estabelecimento da Liberdade"²¹⁴

Exemplar da sua exaltação da grandeza da Pátria, da crença no futuro é seu hino

publicado na edição especial em comemoração ao segundo aniversário da Phenix:

*"Eia, avante guerreiros, que a sorte
Os destinos humanos conduz,
E sejamos nas terras do norte
Os luzeiros da crença e da luz*

*E por entre os clarins das vitórias,
A bandeira que a Pátria traduz
Elevai-a, e que a terra das glórias
Seja o berço do amor e da luz*

*Seja o berço dos livres escravos,
O primeiro torrão do país,
Uma terra de nobres, de bravos,
Que não curvam-se aos jugos servis*

*A grandeza da Pátria e dos povos
No caminho da glória a trilhar,
Só depende dos livres, dos novos
Porque aos moços compete lutar!
(...)"²¹⁵*

²¹⁴ Phenix Caixeiral, ano III, nº 8, 24/12/1893. Fortaleza.

²¹⁵ O Hino Ave Phenix Caixeiral tem letra de Alvaro Martins e música de Sergio Pio de Pontes Pereira (Phenix Caixeiral, ano II, nº 1, 24/06/1893. Fortaleza).

Retiro do hino dos caixeiros seu último verso – *"aos moços compete lutar"* – para dizer de sua participação nas manifestações populares das primeiras décadas do século XX. Na greve dos catraieiros, em janeiro de 1904, os moços do comércio imprimiram seu protesto nos boletins distribuídos pela rua das Trincheiras, se misturando "à canalha das ruas" e disseram de sua solidariedade, patrocinando subscrição pública de amparo às famílias dos grevistas e populares atingidos pela repressão policial. No movimento popular pela deposição de Accioly, em boletins, convites e volantes imprimem seu repúdio à oligarquia e, segundo Valdy Sombra, se pode afirmar que os rapazes do comércio *"envolveram-se sem medo em forte campanha anti-aciolista, batalhando ao lado dos estudantes da Faculdade de Direito e do Liceu, dos artífices, dos ferroviários e das Ligas, promovendo comícios e passeatas. Dezenas e dezenas de caixeiros pegaram em armas, arriscando a vida no motim de 1912"*.²¹⁶

É por dentro dessa conjuntura que no dia vinte e quatro de junho de 1909 passa a circular em Fortaleza um novo jornal, apresentando-se como órgão dos interesses da classe caixeiral. É a publicação mensal **A Centelha**, com redação à rua Floriano Peixoto. As assinaturas podem ser trimestrais (\$500), semestrais (1\$000) e anuais (2\$000). O expediente informa que é da responsabilidade de redatores diversos, acrescentando que não assumirá nenhuma responsabilidade pelos ineditoriais. Aceita artigos de colaboradores conquanto estejam firmados pelos responsáveis. Não aceita pseudônimos. Escrevem no jornal Arnaldo Damasceno Vieira, Castrino, Angelo Rangel, Climério Freire, Euclides Ayres, Gustavo Frota, Luiz de Castro, Patrício de Moraes, Renaud d'Avila, G. Catunda Gondim. E um Danton, óbvio pseudônimo (contrariando aquela recomendação expressa em seu expediente). Além dos editoriais e artigos

²¹⁶ SOMBRA, Waldy. **A Guerra dos panfletos. Maloqueiros versus cafinfins**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998, p. 78.

assinados, há as colunas *Flores Poéticas*, *Follhetim*, *Notícias*, *Sociais*, *Necrologia* e *Amúncios*.

A compreensão d'A **Centelha** acerca da função do jornal não difere das anteriores. Talvez seja ainda mais enfático em destacar a força educativa da palavra impressa. Compara o jornal ao sol: é "*benfazejo, reanima, alenta, fortifica e retempera*". Expressões como "*porta-voz*" das justas aspirações, "*nau salvadora*" a serviço dos naufragos do direito e da liberdade, "*fonte cristalina*" para os sequiosos de justiça, "*bálsamo*" contra as iniquidades e perseguições, "*termômetro*" na febre das discussões apaixonadas, "*pêndulo reto*" corrigindo as irregularidades, "*baluarte*" em defesa dos desprotegidos, "*ariete de guerra*", "*paladino*" invencível são recorrentes nos artigos que fazem o elogio do jornal em sua peleja no campo da Justiça, do Direito e da Razão. Esse é o argumento que justifica **A Centelha**, ainda mais porque

"(...) Há muito que a classe estudantil da Phenix precisava de um desses veículos para o transporte de sua colheita no terreno do estudo; há muito que ela se sentia necessitada de um órgão – desse poderoso elemento – para a reabilitação de seus préstimos, para a defesa de sua causa. (...)"²¹⁷

As razões do aparecimento do periódico estão expostas no editorial *O Nosso Programa*. Embora tenha fixado junto ao título, no alto da página de rosto, a condição de órgão da Classe Caixeiral, seu programa faz a devida redução. Dito de outro modo, "*a classe*" para o grupo editor d'A **Centelha** tem um contorno, é ao caixeiro-estudante que o jornal pretende dirigir seu esforço editorial. Ao caixeiro que almeja a escola como lugar de ilustração e de distinção social, quiçá também, caminho de ascensão profissional, com melhores salários, garantia no emprego, jornadas menos extenuantes, dignidade do ofício. Veja-se uma síntese de seu programa:

"(...) A Centelha não vem preencher uma lacuna palpitante, vem apenas prestar à classe de que, (...) se fez órgão livre e independente, o apoio forte e inabalável

²¹⁷ **A Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza.

(...) vem colocar-se ao lado do caixeiro-estudante, defender-lhe todos os direitos, ampará-lo nessa jornada longa, penosa, martirizante, que tem duas estações: uma, o dever, o trabalho austero, o metro, o balcão, o escritório onde ele se transforma em mercenário, em ganha-pão, em escravo, em mártir dos labores diários, (...) nos estreitos limites desse antro sem luz e sem conforto que é o balcão. Outra, (...) o balcão ainda, mas o balcão da inteligência, o metro do saber."

Definidos seu público e o alcance de sua ação sob o lema *Verdade, Direito e Mocidade* o jornal esboça sua linha de atuação nesses termos: *"(...) Agiremos em todas as emergências com a máxima imparcialidade e altivez, de acordo com a maioria da classe; analisaremos os fatos com todo rigor, partam eles de onde partirem; não tememos a nenhum potentado (...)."*

Enfatizando seu apreço à Ordem e ao Direito como elementos de conquista da Evolução tranqüiliza alguns espíritos que possam enxergá-los questionadores do estabelecido. Mesmo dizendo-se intrépido frente à intransigência dos patrões, o comedimento é sua estratégia. Trata de esclarecer possíveis mal-entendidos que a palavra mais combativa possa gerar:

"Não nos tomem, porém, por desordeiros, nem tão pouco se diga que vamos promover motins e insubordinações no seio da classe que representamos; seremos os primeiros a censurar qualquer quaisquer desregramentos sem justificação. Queremos a Ordem, mas antes da Ordem queremos o Direito (...)"²¹⁸

O artigo de Euclides Ayres, sob o título *Apelo*, conclama os leitores para a tarefa de sustentação do jornal, enviando seus escritos e angariando assinaturas. Revela que a dificuldade maior do jornal reside na descrença e indiferença observadas entre os caixeiros. Para ele, o lema que orienta os que fazem **A Centelha** deve ser retirado dos ensinamentos de Augusto Comte: *"O amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim."* Com base nesses ensinamentos, acredita na possibilidade de aspirar

²¹⁸ **A Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza.

*"a felicidade de um dia ver a nossa classe constituindo uma grande irmandade, bela, poderosa e humanitária".*²¹⁹

Alguns periódicos aplaudem **A Centelha** como iniciativa de *"um núcleo de esperançosos moços empregados no comércio"* de Fortaleza e **O Acarahu** ressaltava sua *"independência de todos os credos políticos"*. A revista **A Jangada** saúda o aparecimento do jornal, destacando sua tarefa de defesa da classe, resultando do *"critério, destemor e altivez"* dos redatores, num tempo em que *"quase todos os espíritos se deixam vergar sob o império da mais triste subserviência"*. Haveria alguma insatisfação em relação à linha adotada pelo **Phenix Caixeiral**? É curiosa, inclusive, a afirmação da revista acerca da ausência de porta-voz dos caixeiros no âmbito da imprensa, dada a existência do **Phenix Caixeiral** há quase duas décadas. Para **A Jangada**, o novo jornal viria *"preencher uma lacuna no seio da classe caixeiral, que não possuía uma voz que se erguesse na angústia de suas opressões"*.²²⁰

O aparecimento d'**A Centelha** decorre em parte do descontentamento com as ações de representação e defesa da classe pela Sociedade Phenix Caixeiral e seu jornal. Basta observar o tom crítico de vários artigos, onde aparece uma palavra mais contundente em defesa dos direitos e do que consideram justas aspirações. Os leitores vêem esse jornal como necessidade de afirmação das demandas específicas dos caixeiros, como nesse depoimento de G. Catunda Gondim:

*"(...) Há muito vemos, no nosso meio, um certo menosprezo pela classe caixeiral. Um caixeiro é mais ou menos considerado um homem sem idéias, sem aspirações. Um jornal que propõe defender seus interesses, advogar suas causas, surge portanto, como uma necessidade indeclinável para que sua atividade tome também parte no grande e imenso prélio do saber, que não pode ser monopólio de classe alguma, e onde há lugar para todos."*²²¹

²¹⁹ **A Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza.

²²⁰ **A Centelha**, ano I, nº 2, 21/08/1909. Fortaleza.

²²¹ **A Centelha**, ano I, nº 3, 11/09/1909. Fortaleza.

São anunciantes n'A **Centelha**, o *Salão Cyrino*, barbearia de *primeira ordem*, e as alfaiatarias Andrade, Amâncio e de Job Rodrigues, fazendo *ternos sob medida* e recebendo por todos os vapores *figurinos representando o rigor da moda*. A *Casa Singer*, na rua Major Facundo, recebe direto de New York um *completo sortimento de máquinas de costura para o uso de famílias, alfaiates e sapateiros*. As vendas podem ser em prestações semanais.

A *Loja Rodolpho*, a *Casa Louvre* e *A Paraizo* anunciam "*colossal e surpreendente sortimento*" de fazendas e "*tudo que há de mais moderno*" em perfumarias, presentes, casemiras, diagonais, cretones, leques, meias, chapéus, gravatas, punhos, colarinhos, "*fazendas de lei*" e objetos para senhoras. Tudo a "*preços módicos*". As lojas de Zuca Accioly, João Nery e Joaquim Accioly anunciam um "*deslumbrante estoque*" de camisas, perfumarias, galões de seda, bordados, rendas, colarinhos e punhos de puro linho, chapéus de massa e de palha. A *Casa Canindé*, a *Mercearia Hollanda* e a *Casa Collares* têm estivas, calçados, redes, malas para viagem, louças, vidros e miudezas. Tudo a "*preços razoáveis*". O Dr. João Studart oferece o *Vinho Tônico*, febrífugo sem rival, à venda nas farmácias *Studart* e *Central*.

A *Casa R. Guedes*, distribuidor local do *excelente vinho tinto Naná*, de Lisboa e dos vinhos do Rio Grande do Sul, da manteiga mineira e uma novidade: "*ameixas novas em vidros*". Na *Mercearia Hildebrando* os vinhos também são "*especiais*": "*os finos*" Porto, Bordeaux e Collares. Oferece também o "*mais encantador sortimento*" de postais avulsos e em coleções. O *Café Iracema* oferece fiambres, doces de frutas variadas, sorvetes, refrescos e bebidas geladas. A *Refinaria Portinho* tem torrefação de café a vapor e oferece açúcar de todas as qualidades. Quanto aos cigarros, "*peçam de preferência os Apollo, Cruz Vermelha e Hermes da Fonseca, da Fábrica Esperança*".

Tantos anúncios indicam que os redatores da folha têm boa relação com as casas comerciais em que são empregados seus potenciais leitores, explicando em parte o tom comedido do jornal quando se expressa sobre a situação dos caixeiros de Fortaleza em seu ambiente de trabalho.

Neste trabalho o maior número de títulos localizados é aquele vinculado a atividade dos caixeiros. De seus órgãos de representação, de suas escolas, dos grêmios literários, das atividades partidárias surge sua imprensa em Fortaleza e em outras cidades do Ceará. Na cidade de Iguatu, a Associação dos Auxiliares do Comércio e sua Escola editam **O Caixeiral** em 1925, tendo como diretores Expedito Collares, Vicente Teixeira e Ismael Lima Verde e redatores Péricles Gomes Araújo e Octávio Feijó.

O Caixeiral reúne um mosaico de artigos e temas variados. Sob o título grandiloqüente de *O César Vindouro*, um longo artigo proclama "a chegada dos novos tempos", "a nova era", de "uma nova civilização, livre dos erros e injustiças com que a democracia burguesa torturou o mundo desde 1789", apresentando a vitória do bolchevismo como:

"Um arado gigantesco que está lavrando o campo, onde o César do século XX desenvolverá as suas capacidades construtivas. (...) O bolchevismo é uma força mundial. Será a futura sinfonia a cujo compasso todas as Nações terão de dançar, quer queiram quer não queiram!"²²²

Se há espaço para difundir "a crença no bolchevismo, como a Idéia que já se tornou realidade", há também para o artigo de elogio às figuras de destaque no meio local, "os pioneiros do progresso":

"Estes homens, que são nobres e cuja elevada posição social ou política serve como incentivo e prática do bem, do progresso, da paz e da justiça (...) As figuras másculas dos doutores (...) e a dos capitalistas e industriais (...)."²²³

²²² **O Caixeiral**, ano I, nº 8, jul./1925. Iguatu.

²²³ **O Caixeiral**, ano I, nº 8, jul./1925. Iguatu.

Ao lado destes artigos, outros fazem o elogio póstumo a Lopes Trovão, "o último dos grandes republicanos históricos", criticam a "politicalha que tudo invade" e apelam à memória e "ao coração da mocidade" para que não esqueçam o "alvorecer da República" quando se viu "surgir na praça pública, na imprensa, nos clubes, uma plêiade de ardorosos batalhadores, animados pelo mesmo espírito liberal que invadiu a nação de norte a sul".

Se assuntos tão diversos são tratados pelo **O Caixeiral**, sem a preocupação de firmar junto ao público uma linha de intervenção, ressalta o fato de dirigir-se aos empregados no comércio através de editoriais *Em defesa da classe, A União é força viva*, onde aparecem os assuntos "concernentes às reivindicações da classe caixeiral", com a divulgação de anteprojetos de legislação específica (férias e demissões).

No Crato, os caixeiros organizados na Associação dos Empregados no Comércio também lançam sua folha. Em 18 de agosto de 1923, comemorando o quinto aniversário de fundação de sua entidade, circula a primeira edição d'**A Classe**²²⁴, com o costumeiro artigo de fundo do grupo redator apresentando o programa do jornal, seguido de artigos, poemas, sonetos, notas sociais, entre outros assuntos. Assemelhado aos jornais ditos literários, seus colaboradores exercitam os conhecimentos adquiridos na Escola Noturna e querem dar a conhecer os "progressos literários" hauridos das leituras recomendadas pelo professor José Bezerra de Brito: os romances de Eça, Machado de Assis, Aloísio de

²²⁴ Órgão da Associação dos Empregados do Comércio do Crato. A primeira edição é de 18/08/1923. Redator-chefe: José Bezerra de Brito. Redator-secretário: Paulo Abreu. Redator-gerente: João Alves Rocha. Diretores: Kacildo Dantas, Achiles Arraes, Pedro Felício e Antônio Martins Filho. Sua segunda fase é de 1932, dirigido por Álvaro Madeira. A terceira fase é de 1938, tendo como Diretor Pedro de Carvalho Maia. A quarta fase inicia em 01/05/1949. Redator-chefe: Florival Matos. Redator-secretário: F.S.Nascimento, Gerente: José Alberto Barbosa. Diretores: José Justino de Oliveira, Francisco Siébra de Oliveira, Carlos Sucupira e Juvêncio Mariano dos Santos. Em edições posteriores foram também seus diretores: Rui Carlos Alencar, Cléa Ancilon Pereira e Nayléé Gonçalves Felício. Cf. NASCIMENTO, F.S. Crato: Lampejos Políticos e Culturais, Fortaleza, UFC, Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1998.

Azevedo e a poética de Castro Alves, Casimiro de Abreu, com quem aprendem a exercitar sua veia literária, como nestas **Memórias**:

*"Não tive razões, nos meus bons tempos de caixeiro, para malsinar a poesia, pois o seu cultivo proporcionou-me a maior parcela da pequena porção de felicidade que então me foi dado gozar. Quando circulava um jornal e trazia, num cantinho qualquer, a minha produção versificada, o meu primeiro desejo era sempre o de adquirir toda a edição."*²²⁵

Em Sobral, em meados dos anos 1920, é fundado o **Grêmio Literário Caixeiral Domingos Olympio**, cujo porta-voz é o jornal **A Cultura**, tendo como redator Paiva Netto. De vida efêmera, em razão dos desentendimentos de seu redator com a direção do Grêmio, será substituído pela nova folha caixeiral **O Escudo**, que se anuncia como órgão do Grêmio e defensor da classe caixeiral. Seu aparecimento é anunciado no início dos anos 30, tendo o primeiro número circulado em sete de setembro de 1930, dizendo que *"se aos caixeiros exigem um trabalho intenso e produtivo é preciso que este veja o seu salário aumentar na proporção do seu esforço"*.

O jornal **O Escudo** é a um só tempo um experimento da dita atividade literária dos trabalhadores do comércio, tanto que representa o pensamento de um grêmio literário, como também reivindica ser o *"defensor de sua classe"*. Insisto quanto à atenção do pesquisador para este tipo de fonte, que não pode descartar liminarmente um testemunho que, à primeira vista, parece não se encaixar em seu universo de investigação. Digo isso porque os caixeiros adotaram quase sempre como móvel de sua proposta organizativa a educação, a instrução, o "esclarecimento" e, não raro, as escolas e os grêmios literários exercem função similar à das associações, pelo menos quanto à agregação dos seus membros e à fixação de objetivos comuns para o "engrandecimento" dos associados.

²²⁵ MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias. Menoridade**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1992, p. 246.

N'O Escudo a combinação de jornal literário com a defesa dos interesses dos caixeiros é evidente e demonstra a presença no tempo da irradiação da experiência do **Phenix Caixeiral**. A maioria de seus artigos está voltada para dois campos. O primeiro é o combate ao analfabetismo, que considera *"a pior das calamidades, o atrofiamento moral, mal temível e destruidor, cancro social"*. O segundo é a proteção dos interesses dos empregados do comércio, notadamente quanto a extensa jornada de trabalho e o trabalho noturno:

"CAIXEIRO! Opõe-te a trabalhar à noite.

Trabalha o dia inteiro, sem perda de um minuto, fazes tudo para que os teus afazeres sejam realizados durante o decorrer de cada dia, mas não te submetas ao trabalho noturno!

De dia de dependente, mas de noite, de liberto!

Desde que se encerram as portas do estabelecimento onde trabalhas, à hora do ocaso do sol, tu és forro e o teu patrão não pode e nem deve exigir que continues a trabalhar! (...)"

Outro tema recorrente nas páginas d'**O Escudo** é a tentativa de afirmar as diferenças que cercam o trabalho do caixeiro em relação ao início da atividade comercial no Ceará, em que os empregados tinham uma relação de trabalho em que não vigorava qualquer tipo de proteção. Assim pensa o jornal:

"Antigamente a palavra caixeiro tinha a significação de vassalo, subalterno ou 'criado de servir', na expressão do Barão de Cotegipe. Hoje, porém, a sua significação é completamente diferente. Caixeiro é sinônimo exato de auxiliar ou colega de trabalho. De fato o caixeiro de ontem era verdadeiramente 'um criado de servir'. Vivia imerso na apatia mórbida do servilismo e no sono letárgico dos seus legítimos direitos; permanecia alheio e indiferente aos estudos e aos livros; votava o desprezo e o desdém à instrução. Só um único objetivo lhe preocupava – era 'servir' ao patrão, brutal e inconsciente. Porém com a evolução dos tempos e a transmutação dos destinos dos povos e dos homens, tudo se modificou e se aperfeiçoou.

O Caixeiro de hoje é um cidadão cômico dos seus deveres cívicos e morais, perante o país e a sociedade. Não é mais aquele mísero caixeiro de ontem, que trabalhava como uma 'velha besta de carga', quase de sol a sol, derramando o seu suor por sobre o ladrilho imundo dos estabelecimentos primitivos, e ainda sujeito aos caprichos mesquinhos dos patrões, suportando desaforos e empurrões, sem ter para quem apelar (...)."

Para o grupo editor d'**O Escudo** parece que as alterações se operavam apenas no campo semântico. Teria mudado apenas o "sinônimo" de caixeiro, de "criado de servir", para "*auxiliar ou colega de trabalho*"? Parece que não têm claro um sentido de conformação de identidade. Falam em "*direito sagrado, honra e dignidade*", mas confiam à potência transformadora do tempo "*o destino dos povos*". Mas nem tudo se "modificou e se aperfeiçoou", pelo menos não em relação a seus patrões, pois segundo eles,

"ainda existem patrões no seio do nosso comércio que, por ignorância ou inconsciência não respeitam os direitos sagrados dos seus auxiliares.

Queremos nos referir aos últimos casos ocorridos em uma certas casas comerciais daqui, cujos chefes vêm praticando as mais revoltantes injustiças com seus auxiliares, chegando até ao ponto de dispensá-los sem um motivo que possa justificar tão grosseira e pequenina atitude!

Mas fiquem sabendo esses senhores que não passarão em branco essas injustiças praticadas com os nossos colegas, pois estamos de baterias assestadas e prontos a metralhar em qualquer terreno, os seus atos injustos e irrefletivos e os seus erros!"

Parafraseando Michelle Perrot, como viam os caixeiros os seus patrões? Brutais, inconscientes, injustos são adjetivos que "ousam" atirar-lhes, ainda que não devam ousar quanto a declinar os nomes dos tais donos de umas certas casas comerciais de Sobral e finalizem seu discurso com a promessa de luta apenas como recurso retórico, ressemantizando a expressão "criado de servir", do século XIX, para "humilde caixeiro", dos anos 1930, como aqui:

"Como humildes caixeiros que somos e nos ufanamos de ser, cumpre-nos assegurar a esses senhores potentados que – o glorioso estandarte da classe caixeiral que é o nosso símbolo sagrado e pelo qual regaremos a última gota de nosso sangue, só deixará de tremular sob o azul dos céus sobralenses açoitado pelos ventos tropicais soprados dos horizontes deste Brasil colosso, no dia em que tombar sem vida no campo da luta o último caixeiro, defendendo os seus invioláveis direitos de honra e dignidade."²²⁶

²²⁶ **O Escudo**, ano I, nº 1, 07/09/1930. Sobral.

Em Fortaleza, Sobral, Iguatu e Crato circulou a imprensa dos caixeiros aqui apresentada como exemplar da expressão diversa do movimento associativo dos trabalhadores, combinando a matizada expressão reivindicatória com a atividade literária e de instrução, com maior acento nesta.

Na experiência dos caixeiros, a imprensa e a escola se completam, dando suporte à sua ação dirigida preferencialmente ao campo da educação e da instrução da "classe caixeiral", reforçando o lema que atravessa décadas: Trabalho e Educação. Nesse momento de formação da opinião pública e de identificação dos signos da modernidade, os caixeiros fazem do jornal, da palavra impressa, lugar onde combinam crítica social e aspirações literárias. Na tessitura da vida urbana, no quadro de "estiramento do comércio", para usar a expressão do historiador Raimundo Girão, de remodelação dos espaços, os caixeiros (como outras ocupações) se agremiaram e se sentiram estimulados às criações e exigências do espírito, promovendo um leque de atividades sócio-culturais e de reivindicação.

Exemplar típico de uma fase em que são amalgamados os conteúdos do benefício mútuo e da caridade com a difusão das *novas idéias*, é o Centro Artístico Cearense. Seu porta-voz, o **Primeiro de Maio**, é estudado na unidade seguinte.

6 – A Imprensa do Centro Artístico Cearense

O jornal **Primeiro de Maio**, órgão do Centro Artístico Cearense²²⁷, circula em primeira edição no dia 1º de maio de 1904 e funciona em sua sede social, à rua Tristão

²²⁷ O Centro Artístico Cearense tem sua fundação no dia 08/02/1904, em Fortaleza, à rua Major Facundo, em Assembléia presidida por José Bezerra de Menezes. Da ata de fundação constam 58 signatários e sua primeira Comissão Executiva é constituída por José Bezerra de Menezes, Amâncio Cavalcante e Theodomiro de Castro. No mesmo ano, os dois primeiros são substituídos por Joaquim Moniz e
(continua)

Gonçalves. A confecção do jornal é feita pelos gráficos da Tipografia Minerva, José Flamino e Manuel dos Santos, o que motiva uma nota de reconhecimento da redação ao "comportamento exemplar" do proprietário da tipografia:

*"sentimo-nos desvanecidos diante da gentileza do sr. Assis Bezerra, (...) em dispensar aos seus dois empregados) (...) algum tempo para se ocuparem com os encargos deste jornal. Aquele na qualidade de revisor e este na direção técnica. Não podemos calar os nossos aplausos a um patrão que assim procede com os seus operários, e cujo exemplo muito desejaríamos que fosse imitado pelos seus colegas."*²²⁸

Sua redação é composta por diretores do Centro Artístico Cearense, que são ao mesmo tempo dirigentes de outras sociedades beneficentes, em particular da Sociedade Artística Benéfica²²⁹, como é o caso de Theodomiro de Castro, Theophilo Cordeiro e Joaquim Moniz. Nas notícias veiculadas sobre a Artística Benéfica, encontram-se nomes que são comuns às diretorias das duas entidades, confirmando sua atuação similar. Seus principais colaboradores são: S. da Paz, Alba Valdez, Candido Brazil, José Bezerra de Menezes, Odorico Castelo Branco²³⁰, Virgílio Brandão, Francisco Falcão, Marcos José da Silva, Attila Amaral, João Benevides, Alves de Oliveira, J. Catunda, Gastão Justa, F. Roiz Cavalcante, Rufino Barroso, entre outros. Theophilo Cordeiro²³¹ é das lideranças mais destacadas pelo jornal, como se vê nessa edição especial:

Theophilo Cordeiro (cf. *Ata da organização do Centro Artístico Cearense*, transcrita em **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense. Histórico de Sua Fundação**. Fortaleza: 1954).

²²⁸ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

²²⁹ Fazem parte da diretoria da Sociedade Artística Benéfica, no ano de 1906, Joaquim Moniz, João Medeiros Sobrinho, Marcos José da Silva, Antônio Pereira Martins, Theophilo Cordeiro, Augusto Lopes, Henrique Ehrich, Antônio Teixeira Leite, Francisco das Chagas Medeiros, Antônio Candido da Silva, Marcos Antônio Gomes, Raymundo Pereira Façanha, João Baptista da Rocha, Raymundo Franco Guará, Job Rodrigues, João Soares Ferreira, Francisco Barroso de Souza, Antônio Rodrigues da Silva, Manoel Flamino Carlos, Domingos Rodrigues da Silva, Abrahão de Hollanda Cavalcante, Pedro de Castro Costa e José Francisco Cyrino.

²³⁰ Odorico Castelo Branco, professor, autor de um compêndio de **Arithmetica**, anunciado pelo jornal como "*precioso livrinho onde as crianças encontrarão um guia seguro no estudo da arithmetica, precisamente a tabuada*". (**Primeiro de Maio**, ano II, nº 25, 19/11/1905. Fortaleza)

²³¹ Theophilo Cordeiro (1868-1955), barbeiro, foi um dos fundadores do Centro Artístico Cearense. Na militância político-partidária, foi eleito deputado estadual em 1912 e vereador em 1924, 1928 e 1947. Para a eleição municipal de 10 de abril de 1928, Theophilo Cordeiro se candidata a vereador na chapa do
(continua)

*"é com o maior prazer que prestamos aqui a mais sincera e merecida das homenagens, estampando o clichê do nosso prestimoso amigo Theophilo Cordeiro, um dos vultos iminentes do operariado, (...) porquanto os seus atos são demasiadamente conhecidos, não só no meio operário, onde ele é considerado o principal elemento, como também perante as demais classes sociais que o têm em muito apreço e acatamento. O Primeiro de Maio aproveita-se do ensejo para patentear sua solidariedade a Theophilo Cordeiro, como prova de gratidão pelos reais serviços que vem prestando à classe operária."*²³²

O expediente do jornal, além de conter as informações de praxe (preço de assinaturas, periodicidade, redação), é lugar de informação acerca da estrutura e funcionamento do Centro Artístico.²³³ Apesar de informar que sua publicação é quinzenal (circulando em dias indeterminados), quase não se cumpre essa periodicidade, ainda que determine "*o pagamento adiantado*" da assinatura. Mantém correspondentes em algumas localidades: Francisco Romão do Nascimento (Acarape), V. Ramos (Baturité), Francisco B. Gurgel (Quixadá), Anastácio Alves Braga (Itapipoca). O vínculo dos correspondentes é também com a estrutura orgânica do Centro Artístico, que realiza a filiação de iniciativas de agremiação similares, como é o caso da União Artística, de Quixadá, o Clube Operário, de Baturité, a União Artística Tauáense, entre outras.

Embora proclamando a importância de manter um jornal como testemunho de sua luta pelo "*alevantamento intelectual de sua classe*", e afirmando ser sua folha "*um*

Partido Conservador. Sobre as reuniões no Centro dos Importadores reunindo "*as classes trabalhadoras e empresariais juntos para a disputa eleitoral*" ver MOTA, Aroldo. **História política do Ceará, 1889-1930**. Fortaleza: Stylus, 1987.

²³² **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

²³³ A estrutura dirigente do Centro Artístico está concentrada na Comissão Executiva, coadjuvada pelos chefes de distritais e de seção e membros do Conselho de Diligências. Com entidades filiadas no interior, está organizado em Fortaleza, dividindo-se em dois distritos; cada um deles abrange dez seções, funcionando na residência de seus chefes. Sua Assembléia Geral (trimestral) é formada pelos membros da Comissão Executiva (que reúne-se mensalmente), os chefes de seção e membros do Conselho de Diligências. Essa primeira estrutura foi modificada em 1908, assumindo o modelo de uma Administração (com nove membros), dividida em três Comissões: Executiva, Organização Econômica, Organização de Trabalho e Propaganda. A última alteração resultou da nona reforma estatutária (em fins dos anos 40), definindo um Conselho Administrativo de doze membros para a direção da entidade.

dos mais fortes e intransigentes que se publica entre nós", a irregularidade de sua publicação não confirma o grau de importância que lhe é atribuído no discurso. O longo intervalo entre uma edição e outra deve-se, em maior medida, à falta de recursos para sua sustentação, visto que a prioridade do Centro é a aquisição de terreno para construção de sede própria, onde funcionem suas escolas e desenvolva-se seu propósito de assistência aos "desafortunados". De jornal semanário, no período inicial, passa a ser publicado nas datas consideradas mais significativas: o 8 de fevereiro (fundação do Centro) e o 1º de maio. Na edição de 08/02/1908, o jornal estampa com destaque: "*o Primeiro de Maio só sairá com regularidade depois de concluído o pagamento do prédio do Centro Artístico Cearense, no entanto pedimos aos nossos colegas para continuarem a nos honrar com suas visitas.*" Meses depois notícia similar é veiculada: "*Infelizmente, e não obstante os nossos desejos não tem sido possível fazer circular o jornal com regularidade, o que deveras lamentamos, pela necessidade que temos de um órgão de propaganda e defesa dos nossos direitos.*"²³⁴

Nas várias edições fica claro que, embora o jornal cumpra sua função pedagógica e seja requerido como instrumento de agregação dos vários distritos e seções do Centro, a construção de sede própria e a manutenção das escolas adquirem maior grau de prioridade, como se depreende desse aviso:

"Sendo possível que o nosso jornal deixe de sair por algum tempo, devido à grande economia de que estamos tratando para realizar com maior brevidade o pagamento do nosso prédio, pedimos a todos os colegas o grande obséquio de continuarem a abrilhantar a nossa biblioteca com suas visitas."²³⁵

O jornal **Primeiro de Maio** marca certas diferenças em relação àqueles tratados anteriormente, tanto na orientação quanto na participação que é possível visualizar no

²³⁴ **Primeiro de Maio**, ano VI, nº 64, 08/02/1909. Fortaleza.

²³⁵ **Primeiro de Maio**, ano VII, número ilegível, 01/05/1918. Fortaleza.

movimento operário de âmbito local e nacional. A linha do jornal espelha a atuação do Centro Artístico Cearense. Lança invectivas à intromissão da política em seu meio, considerando-a *"cancro roedor das instituições, paralisadora da marcha evolutiva da sociedade"*; embora apresente ou indique candidatos em vários pleitos eleitorais. Em sua ata de fundação fixava como finalidade a *"organização de um grêmio artístico com fins políticos, agremiação composta por membro da classe, no intuito de fortalecer e trabalhar pelo desenvolvimento da mesma"*. Tal definição provoca embates entre os dirigentes da entidade, o que motiva a publicação de um *Manifesto antipolítico*, em 14/01/1906, onde se *"declarava completamente afastado de qualquer compromisso político-partidário, passando dessa data em diante, a exercer exclusivamente a sua política de classe, tornando-se assim sem efeito, a declaração constante da ata de sua fundação (...)"*.

A resolução política expressa no Manifesto não corresponde à realidade dos fatos. A atuação do Centro é marcada pela constante participação nas disputas político-partidárias, um dos focos de divergência com outras correntes no interior do movimento operário em Fortaleza, seja com aquelas próximas à vertente anarquista ou ao núcleo que cria o Partido Socialista Cearense, em 1919. O texto seguinte é revelador da atuação do Centro na política eleitoral cearense:

"Com o concurso do Centro Artístico Cearense e de outras entidades classistas conseguiram eleger-se em pleitos memoráveis (...) os seguintes companheiros, todos associados do Centro e incansáveis defensores das reivindicações do proletariado: em 31 de janeiro de 1912 Theophilo Cordeiro, Deputado Estadual, e Vereador, em 5 de maio de 1912 Joaquim Moniz; em 2 de maio de 1920, José Agostinho da Silva e Cunegundes Rodrigues da Silva. Em 10 de abril de 1924, Theophilo Cordeiro, em 10 de abril de 1928, Theophilo Cordeiro, José Agostinho da Silva e Tibúrcio Ferreira do Vale. Em 7 de dezembro de 1947, Theophilo Cordeiro. Todos esses companheiros se desempenharam fielmente nos mandatos que em boa hora lhes foi confiado, pelo operariado do Ceará e de

*Fortaleza, defendendo com ardor os interesses mais prementes da classe sofredora, da classe proletária.*²³⁶

Com um expressivo número de associados, o Centro Artístico Cearense vem da tradição beneficente e adota o modelo mutualista do século que mal findava. Considera como tarefa central promover ações de benemerência, auxílio e assistência aos "desvalidos da sorte", consignando em seu estatuto como garantias para seus agremiados a obrigatoriedade de lhes fazer o enterro²³⁷ e dar provimento de socorro material às famílias no luto e na invalidez:

*"Se lançarmos um olhar retrospectivo para o campo dos socorros prestados aos nossos associados, por ocasião de moléstias graves, assim como as grandes quantias dispendidas com funerais dos falecidos, – veremos que são incalculáveis os benefícios prestados pelo Centro, em tais imensas emergências"*²³⁸

A memória de Theophilo Cordeiro sobre as razões de criação do Centro põe acento no grau de miserabilidade e *"infortúnio dos artistas e operários de Fortaleza"*, evidenciando que seu modo de atuação deveria se pautar pelo benefício e assistência aos associados e suas famílias:

*"Grande parte dos sobreviventes daquela época ainda devem reter na lembrança o triste quadro, que era observado quase que diariamente, de companheiros nossos, que pelas ruas perambulavam com uma lista pedindo ou implorando à caridade pública, um óbolo, afim de que lhes fosse possível fazer o sepultamento de irmãos nossos, que vinham a falecer na mais extrema penúria. E assim, foi que assistindo a esse quadro triste e lamentável, uma plêiade de operários moços e dispostos a enfrentar a luta, resolvem fundar uma sociedade reunindo em seu seio artistas e operários (...)."*²³⁹

²³⁶ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit., p. 13.

²³⁷ A leitura dos itens e valores apresentados no balanço geral do caixa do Centro Artístico desde a sua fundação, em 08/02/1904, a 30/04/1918, possibilita dimensionar o núcleo das ações do Centro e seu grau de prioridades. No topo das despesas estão os recursos para o funcionamento da sede e das escolas, seguida dos gastos com enterros, socorros e mausoléus. As receitas formadas pelas mensalidades, anuidades e assinatura do jornal são inferiores àquelas provenientes do auxílio da quota das casas lotéricas, subsídio do governo do Estado, donativos de particulares e juros bancários.

²³⁸ **Primeiro de Maio**, ano IV, nº 64, 08/02/1909. Fortaleza.

²³⁹ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit., p. 3.

Também nesse jornal, localizo a temática da educação operária, com o fim de perceber as diferentes formas de pensar essa esfera como instrumento de ação, associado ao jornal. Através do jornal **Primeiro de Maio** tem-se conhecimento de pelo menos três iniciativas voltadas à instrução e à educação do operariado: a Escola Operária Secundária, a Escola Pinto Machado e a Escola Elisa Scheid. O assunto será tratado na Segunda Parte deste trabalho.

O **Primeiro de Maio** está para este trabalho como um representante da matriz beneficente com traços do mutualismo. Seu conteúdo não tem como marca a denúncia da situação vivenciada no mundo do trabalho. Volta as vistas com maior ênfase para o que chama de alevantamento moral da classe, o combate à ignorância. Deseja firmar-se como balizador de condutas não desabonadoras, de comportamentos rígidos, onde os vícios sejam afastados e *"se porventura persistirem e, se por acaso algum deles cai nessa fraqueza, é logo chamado à ordem pelo poder competente, admoestado, suspenso ou eliminado de acordo com o estatuto que rege a mesma associação"*.²⁴⁰

Nessa linha, o jornal entende a ação do Centro Artístico como resultado da obra de benfeitores, uma espécie de *"santa cruzada"* em que

"tiveram a feliz idéia de fundar uma Associação, que trabalhando para congregar todo o corpo artístico e operário de Fortaleza, viesse para o futuro trazer alguns melhoramentos para esta classe desfavorecida da fortuna, que vive envolvida nas trevas da ignorância e em laços de miséria, sem que tenha direito a reclamar (...)".²⁴¹

Embora o conteúdo de denúncia não seja seu ponto forte, vai alargando o campo de atuação, incorporando as reclamações dos associados no que respeita aos focos conflituais. Nesses casos, sua ação é de mediação, de arbitrar possíveis entendimentos entre os reclamantes e a origem dos conflitos, informando que o associado deve ser

²⁴⁰ **Primeiro de Maio**, ano IV, nº 64, 08/02/1909. Fortaleza.

²⁴¹ **Primeiro de Maio**, ano IV, nº 64, 08/02/1909. Fortaleza.

"bem considerado" e cuidando de louvar o comportamento dos patrões quando dispõem-se a atender demandas mínimas dos trabalhadores. Esclarecedora é essa notícia acerca de um associado do Centro, demitido da Estrada de Ferro de Baturité:

"Temos ainda os casos em que se faz necessário a intervenção direta da comissão executiva, trabalhando em favor de qualquer associado que se vê prejudicado em seus direitos. Ainda há poucos dias, tendo sido dispensado das oficinas da Estrada de Ferro de Baturité, um associado bem considerado entre nós, a comissão teve que agir em favor do mesmo, perante a ilustrada administração da mesma Estrada, a qual, sendo bem mais informada, resolveu revogar aqueles seus atos que permita-nos dizer, não tinha sido de justiça – dando de novo ingresso ao nosso companheiro, para o lugar do qual havia sido destituído."²⁴²

O **Primeiro de Maio** é exemplar típico dessa fase em que se combinam os elementos do mutualismo e a difusão das chamadas novas idéias. As vicissitudes da conjuntura, as demandas dos associados e as disputas de projeto no interior do meio operário cearense vão indicando o lugar social do jornal (e do Centro). Nas edições do ano de 1905, vê-se pela transcrição de atas das Assembléias Gerais essa combinação difusa de enunciados originários de matrizes doutrinárias distintas:

"Com grande assistência de companheiros esteve a seção de Assembléia Geral (...) depois de lido um grande expediente pelo nosso companheiro Theophilo Cordeiro, o que constava de cartas, ofícios, telegramas e circulares de outros estados, falou nosso companheiro Theodorico de Castro, sobre a necessidade da mulher na sociedade, razão porque animava as agremiadas (...) para prosseguirem na luta pelo socialismo, esta preponderante idéia da grandeza hodierna em que a igualdade seria a felicidade para o proletariado. (...)

Em seguida foram nomeadas diversas comissões para visitar os nossos companheiros doentes (...). Não havendo mais nada a tratar correu a bolsa para o tronco de resistência."

Entender a atuação do Centro Artístico Cearense, expressa não apenas em seu jornal, como no conjunto de suas práticas, atendo-se à perspectiva do mutualismo como "fase embrionária", no movimento operário, reduz a possibilidade de compreender a ação continuada, no tempo e no espaço, informada pelas práticas mutualistas. Aqui,

²⁴² **Primeiro de Maio**, ano IV, nº 64, 08/02/1909. Fortaleza.

tenho concordância com Tânia de Luca que, partindo da crítica às abordagens cuja matriz é a "evolução contínua dos padrões organizatórios da classe operária", abre um ângulo novo no enfrentamento da matéria: dirigir a investigação para as razões que possibilitaram a "convivência prolongada" entre distintas formas de atuação no meio operário, como sugeria Azis Simão; como ainda, investigar a possibilidade de existência de um "amalgama entre objetivos e estruturas dessas entidades". É este o ponto que retenho: sindicalismo e mutualismo são fenômenos contemporâneo e não excludentes.²⁴³

Assim, o Centro Artístico Cearense não deve, a meu juízo, ser estudado como pertencendo a uma fase de transição entre o "embrionário" mutualismo e o sindicalismo. Ainda que seja possível fazer a distinção analítica entre as duas vertentes, isso não significa que o núcleo da distinção esteja no esquema prévio da "evolução contínua" e na "anterioridade" da primeira forma. O trabalho de reconstituição histórica deve levar na devida conta a coexistência, no tempo e no espaço, dessas formas de organização, como sugere Azis Simão.²⁴⁴

O Centro Artístico Cearense é aqui entendido como um amalgama de vertentes distintas. Tomado seu jornal como evidência, abaixo do título **Primeiro de Maio**, recolhido do rito da tradição operária, estão, lado a lado, o dístico *Perseverança e Coragem* e a consigna *Proletários de todo o mundo, uni-vos!*

O texto do jornal tenta construir-se afirmando sua função pedagógica, escapando do doutrinário para firmar seu vínculo comunicativo com o heterogêneo quadro de associados do Centro e o público leitor do jornal. Aqui e ali alguns articulistas visionam novos tempos, referindo-se às vicissitudes da vida operária. Apresentam o tema do

²⁴³ LUCA, Tânia R. D. **O Sonho do futuro assegurado (o mutualismo em São Paulo)**. Série República. São Paulo: Contexto; Brasília: CNPq, 1990, p. 8 e 9.

²⁴⁴ SIMÃO, Azis. **Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Dominus Editora, 1966.

Socialismo como um compósito que incorpora a religião, a fraternidade, a busca da harmonia. Identificando na construção do Socialismo a saída para o problema da felicidade, buscam numa linhagem de gloriosos mártires – de Jesus Cristo a Karl Marx – modelos para os reformadores sociais:

"Jesus foi que melhor doutrina implantou (...) e tem servido de modelo a todos os reformadores sociais. Foi ele quem primeiro tentou restabelecer a igualdade primitiva do homem, a qual lhe havia concedido a natureza.

(...) Todos esses gloriosos mártires do bem que, vieram depois de Jesus, são incontestavelmente credores do tributo de todo o nosso amor, de toda a nossa veneração.

(...) patentearam aos olhos do mundo (...) o que de belo, sublime e verdadeiro em si consubstanciava o socialismo, o problema da felicidade humana! – Problema extraordinaríssimo iniciado pelo divino Mestre e resolvido pelo cérebro de ouro de Marx! (...)"²⁴⁵

Tentando esboçar alguma vinculação com a matriz socialista, vai buscar inspiração nas palavras de Victor Hugo, conforme se observa neste artigo:

"Primeiro problema: produzir a riqueza, segundo problema: reparti-la. O primeiro problema contém a questão do trabalho; o segundo problema contém a questão do salário. No primeiro problema trata-se de um emprego das forças; no segundo, da distribuição dos gozos (...)

Resolvi os dois problemas, arrimai o rico e protegi o pobre (...) pondo termo a exploração injusta do fraco pelo forte, pondo um freio ao crime indigno da desigualdade (...) ajustai matemática e fraternalmente o salário ao trabalho, aplicai o ensino gratuito e obrigatório a educação da infância e fazei da ciência a base da virilidade, desenvolvi a inteligência, ocupando-lhe os braços, sede ao mesmo tempo um povo poderoso e uma família de homens felizes, democratizai a propriedade, não abolindo-a, mas universalizando-a de modo que todo cidadão sem exceção seja proprietário (...)."²⁴⁶

Os contos, sonetos, versos publicados pelo jornal, ainda que se rendam à exaltação do Ceará – *Terra da Luz* – ou a outros mitos e alegorias, procuram, aqui e ali, trazer as marcas da urbanidade e espelhar um conjunto de questões que giram em torno das preocupações típicas da vida dos trabalhadores. Ainda que a matéria de crítica social não seja seu argumento central, o jornal aborda temas que dizem respeito ao que

²⁴⁵ **Primeiro de Maio**, ano V, número ilegível, 01/05/1908. Fortaleza.

configura como a "questão social". O tema da carestia de vida, tratado nas edições de 1918, é associado à conjuntura da guerra mundial. Nos artigos repercute o acento antimilitarista presente na imprensa dos trabalhadores do período, como aqui:

*"O desvio dos braços da lavoura, para os exércitos combatentes diminuiu a produção dos gêneros de primeira necessidade e aumentou o seu consumo, ocasionando essa transação de energia humanas, o estado premente em que se encontram as classes trabalhadoras. Um lustro é quase decorrido desde que os homens resolveram abandonar nos campos os instrumentos do progresso e buscaram nas panóplias os da destruição e, durante este período mais se tem apertado, o anel asfíxiante da miséria. De todas as partes é a voz única que se ouve, pela falta de pão e o preço exorbitante a que este chegou. O grito, porém, saído de milhares de bocas famintas, não é percebido pelos que se dizem chefes e responsáveis pelas nações."*²⁴⁷

O articulista J. Catunda, ao tratar da carestia, traz o assunto para a realidade de Fortaleza, denunciando a penúria na *"mesa das classes desprotegidas"*, responsabilizando o poder público e a ausência de fiscalização pelas exorbitantes altas de preços. Não deixa também de lançar uma farpa à imprensa *"sempre presta e apta para tratar de assuntos políticos"* e, no caso do aumento do pão e da carne, *"ficou muda como um peixe"*. Veja-se o que diz o articulista:

*"A prefeitura de nossa urbi a quem competia resolver situação tão grave, em favor principalmente daqueles que precisam trabalhar para a subsistência da família, continua como sempre na sua apatia, na sua eterna indiferença. Nada delibera, de coisa alguma se interessa. E a carestia de vida cada vez mais se ergue triunfante, toma vulto e nos preme em círculos de ferro. A carne do consumo de nosso mercado público, além do seu preço excessivo, quase sempre só poderá comprar aquele que tiver certa posição (...). E há poucos dias, inesperadamente foi elevado o preço do pão, já então caríssimo. E o que fez a nossa prefeitura? conservou-se queda e inaugurada, fria e imperturbável como um destes frades de mármore da Praça do Ferreira. Não teve um gesto sequer de protesto em favor de nossa população. Pelo contrário, fechou os olhos, dormiu, esqueceu, aprovando assim a resolução dos chefes de padarias."*²⁴⁸

Na mesma linha é a argumentação de Rufino Barroso: *"A carestia de vida é medonha! O comércio dia-a-dia levanta os preços dos gêneros de primeira necessidade*

²⁴⁶ **Primeiro de Maio**, ano IV, nº 64, 01/01/1908. Fortaleza.

²⁴⁷ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

*e o salário do operário baixa consideravelmente a cada instante sem que possa fazer face a tamanhas vexações".*²⁴⁹

Ao mote da carestia, da guerra, da fome e miséria o jornal adita o tema da Revolução Bolchevique:

*"A pressão feita no elemento trabalhador foi o fator principal do estado atual em que se encontra a terra de Pedro, o Grande. A negação da liberdade de pensar pelo czarismo dominante e os exorbitantes impostos de guerra influíram nas massas da população que resolveram esmagar o inimigo interno (...). O mesmo espírito de revolta, que agitou o colosso moscovita dorme nas classes desprotegidas de cada nação, pois a fome não tem pátria, e seus filhos esperam só um chefe, uma voz, para as barricadas serem feitas."*²⁵⁰

Os artigos sobre a carestia de vida, baixos salários, críticas à administração pública são indicativos da conjuntura sócio-econômica de Fortaleza em 1918. Voltando as vistas ao seu quadro de associados, dentro de sua linha de "assistência aos desvalidos", o **Primeiro de Maio** publica o regulamento da Cooperativa de Consumo²⁵¹, criada em abril de 1918, a partir de um fundo especial de sua receita. O Regulamento, em seus quatorze artigos, apresenta normas de funcionamento, direitos e deveres dos sócios, prestação de contas, *pro-labore* do gerente e pagamento de funcionários, definindo que *"a cooperativa tem por fim, proporcionar aos sócios do Centro a compra, pelos menores preços possíveis, de gêneros de consumo e artigos destinados ao conforto do lar"*. O modelo de cooperativa não está baseado em nenhum princípio de gestão coletiva, antes é um *"anexo subordinado à imediata direção e fiscalização do*

²⁴⁸ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

²⁴⁹ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

²⁵⁰ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

²⁵¹ A Cooperativa de Consumo funcionou no período de abril de 1918 a agosto de 1924, na travessa das Trincheiras, 120. Tendo como gerente Luiz França Ferreira. Para criar a Cooperativa, a direção do Centro conseguiu junto a João Thome de Saboya (governador do Estado) e Rubens Monte (prefeito de Fortaleza) a aprovação de legislação própria isentando o empreendimento de qualquer carga tributária, taxas ou impostos pelo prazo de dez anos.

Centro", funcionando também, como estratégia de expansão do quadro de associados, como se lê na abertura do Regulamento:

*"De acordo com o regulamento aprovado em Assembléia Geral, só terão direito às vantagens oferecidas pela cooperativa seus sócios, o que quer dizer que todo operário deve fazer parte daquela associação para habilitar-se a gozar de seus benefícios. A idéia do cooperativismo entre nós, lançada pelo Centro Artístico Cearense, é um atestado dos esforços desta utilíssima associação em prol do operariado."*²⁵²

Além dos artigos e seções dedicados ao movimento associativo no Ceará, o jornal reserva uma de suas quatro páginas aos anúncios. Nas primeiras edições, estes são apresentados na forma de "Indicador" de estabelecimentos, produtos e serviços (adotando em certa medida o modelo do **Almanach do Ceará**), para em seguida adotar a forma usual. São anunciantes as barbearias *Popular*, *Salão Cearense*, *Salão Izidro*, os marceneiros Raymundo Ramos e Joaquim Muniz, o carpina José dos Santos Cabrinha, os alfaiates João de Medeiros e João Dias Callado, o fotógrafo Moura Quineau e o retratista Antônio Rodrigues. Anunciam também chapeleiros, escultores, seleiros, funileiros, fogueteiros, tanoeiros, marmoristas, canteiros e até um consertador de piano. Não faltam os cafés com *"suas especialidades, os doces, bolos, bebidas e refrescos gelados"*: *Java*, do Comércio e o *Iracema*, destacando o *"genuíno Vinho Collares"*, *"o especial aguardente do Cumbe de seis anos"* e *"cerveja gelada de qualquer marca, a 1\$200, a garrafa"*. Aparecem também os anúncios da fábrica Âncora, de bebidas destiladas, da Iracema, do cigarros Zig-Zag e da Cia. de Seguros Lealdade.

Através do **Primeiro de Maio** (e do Centro Artístico) se iniciam as ligações do movimento operário cearense com a realização dos congressos operários no Brasil. A reconstituição de tais ligações tem como fio condutor a articulação entre o Centro e a Associação Operária do Engenho de Dentro e do Partido Operário Independente do Rio

²⁵² **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

de Janeiro. Tais articulações passavam pela correspondência mantida com Antônio Augusto Pinto Machado e Elisa Scheider, dirigentes das citadas organizações. Por dentro dessas relações é possível compreender a diretriz política do jornal e os embates entre as distintas orientações no movimento operário cearense.

Antônio Augusto Pinto Machado torna-se, em 1903, presidente da União Operária do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Elisa Scheid, funcionária da Central do Brasil, esteve ao lado de Pinto Machado, como vice-presidente da União Operária, tornando-se ainda presidente do Partido Operário Independente, de duração efêmera. Segundo a imprensa da época, em 1904, a União Operária congregaria cerca de seis mil associados. Com base nesse contingente, o projeto de Pinto Machado é a criação de uma organização operária de âmbito nacional. Sua participação no Congresso Operário de 1906 é o primeiro passo, quando obtém delegação de entidades operárias de outros estados, como é o caso do Centro Artístico Cearense. Contrário às greves e em oposição às resoluções da COB e ao anarco-sindicalismo, suas propostas visavam os "benefícios imediatos", via instalação de cooperativas de consumo, escolas e outras formas de assistência, e as "conquistas imediatas", via pressão parlamentar e eleição de "candidatos próprios". Em Fortaleza, o Centro Artístico Cearense assimila tais propostas, por convenientes a seu modo de atuação. Os contatos entre Pinto Machado e Theophilo Cordeiro resultaram em uma colaboração que perdurou pelo menos duas décadas.

A participação do Centro Artístico Cearense no Primeiro Congresso Operário (1906), no Rio de Janeiro, apesar de meramente formal, funcionou como o início da relação política entre os dirigentes do Centro e Pinto Machado. Uma das evidências dessa articulação é o depoimento sobre a participação do Centro (com dois delegados) no Congresso Operário de 1912:

"(...) O Quarto Congresso Operário, organizado por elementos representativos das classes proletárias, tendo à frente como seu principal promotor, o conhecido e prestimoso operário, Antônio Augusto Pinto Machado (...). O Centro Artístico Cearense, aquiescendo a um gentil convite que lhe foi dirigido, (...) designou os companheiros Theophilo Cordeiro e Amancio de Holanda Cavalcante, para representá-lo nesse grande Congresso, o qual funcionou no Palácio Monroe, cedido especialmente para esse fim pelo Presidente da República, Hermes da Fonseca. Os representantes do Centro tomaram parte ativa em todos os trabalhos do Congresso, discutindo e resolvendo da melhor forma as questões trazidas a plenário (...)."²⁵³

O Congresso de 1912, referido no depoimento de Theophilo Cordeiro, foi tentativa de elaboração de uma ação específica do governo Hermes da Fonseca para o movimento operário, tendo seu filho, Mário Hermes, deputado federal pela Bahia, como articulador junto a Pinto Machado, a quem consideravam a "principal liderança reformista" no Rio de Janeiro, capaz de fazer frente à atuação da COB e ao anarco-sindicalismo. O oficialismo do Congresso é patente no texto de suas resoluções. Ainda que refira as reivindicações operárias (contra a carestia, pela moradia, jornada de oito horas, educação primária obrigatória), seu teor geral é informado pelo combate às teses dos socialistas e anarquistas, por expressão de "doutrinas internacionalistas, antimilitares e antigoverno".

A pesquisa, estendida a alguns exemplares da imprensa operária do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, bem como aos documentos dos congressos operários, foram fundamentais para situar os modos de atuação do Centro Artístico Cearense, entre os quais seu intercâmbio com a União Operária do Engenho de Dentro, do Rio de Janeiro. Uma das evidências localizadas foi o *Tratado de Reciprocidade "entre as diversas associações com caráter e título de sociedades operárias beneficentes unidas entre si"*, tendo como signatárias as seguintes entidades: Centro Artístico Cearense (Fortaleza), União Operária (Bagé), União Operária (São Leopoldo), União Operária

²⁵³ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit., p. 8.

(Pelotas), Liga Operária (Pelotas), União Operária (Rio Grande), Liga Operária (Santana do Livramento), Liga Operária (Santa Maria), União Operária (São João do Montenegro), União Operária (Santos), Liga Operária (Campinas), Centro Operário (Ribeirão Preto), Centro Protetor dos Operários (Pernambuco), União Operária do Engenho de Dentro (Rio de Janeiro). Tal tratado, ao que parece, resulta do projeto de Pinto Machado de estabelecer ligações com entidades em vários estados, no propósito, inclusive, de combater as resoluções do Congresso Operário de 1906; uma das formas é a indicação, em cada entidade signatária, de um *delegado* que, curiosamente, *representaria*, em seu estado de origem, a União Operária Engenho de Dentro. Como se vê, o tratado explicita a vontade de constituir um núcleo aglutinador de uma *corrente* em plano nacional.²⁵⁴

Desde sua fase inicial, o **Primeiro de Maio** é marcado por um certo ecletismo de posições, definindo seu modo de atuação no meio operário cearense como uma entidade empenhada em oferecer benefícios aos associados, via escolas, biblioteca, cinema, cooperativa de consumo, não sendo seu propósito central uma posição de confronto nas lutas sociais do período.

7 – A Imprensa libertária: regenerar, combatendo

Para desenvolver esta parte, apresento os jornais **O Regenerador** (1908), **O Combate** (1921) e **Voz do Graphico** (1920-1922), porque intérpretes locais da vertente libertária.²⁵⁵ Procuo realizar sua leitura fazendo o cruzamento com a pesquisa de exemplares do pensamento anarquista de outros estados que podem ter exercido

²⁵⁴ **Primeiro de Maio**, ano IV, nº 61, 08/02/1908. Fortaleza.

influência na imprensa do Ceará, no período estudado. Os jornais cearenses identificados com a vertente libertária, como seus congêneres de outras regiões, inspiram-se também no modo de atuação dos anarquistas europeus. Marie Fleming localiza de modo preciso a função da imprensa operária de matriz anarquista. Para ela, o fato dos anarquistas rejeitarem os liames formais de organização faz com que os jornais assumam significativas funções, em geral operacionalizadas por dentro de uma estrutura organizada: passam a ser um espaço privilegiado para a elaboração e discussão teóricas, procuram exercer influência doutrinal, difundem idéias, encorajam a luta proletária.²⁵⁶

Embora não se conheça no Ceará, ao contrário do que aconteceu em outros estados, a partir da década de 90 do século XIX, uma imprensa editada por grupos especificamente anarquistas, alguns jornais cearenses revelam no seu discurso valores e afinidades próximos do anarquismo e da estratégia sindicalista revolucionária que caracterizou a prática anarquista entre o operariado brasileiro até os anos 30 do século XX. Essa é a imprensa que denomino libertária, usando o conceito que os próprios anarquistas forjaram no final do século XIX para se definir como corrente diferenciada de outras vertentes do socialismo.

Os jornais **O Regenerador** (1908), **Voz do Graphico** (1920-1922) e **O Combate** (1921) são os representantes locais de uma imprensa que expressa uma visão de socialismo libertário constituída a partir do pensamento de Pierre Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, mas também das idéias sindicalistas revolucionárias de Émile Pouget e Fernand Pelloutier que, na França, deram origem ao que viria a ficar conhecido como anarco-sindicalismo.

²⁵⁵ Para a leitura do texto integral dos referidos jornais, ver GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. **A Imprensa libertária no Ceará, 1908-1922**. São Paulo: Imaginário, 2000.

²⁵⁶ FLEMING, Marie. **The Anarchist way to socialism**. London: Croom Helm, 1979.

A influência desse socialismo libertário foi marcante no sindicalismo brasileiro, na imprensa operária e em iniciativas como a das escolas racionais (pedagogia libertária de Francisco Ferrer), a dos centros de cultura social e a do teatro operário que, por todo o Brasil, criaram uma cultura popular anticapitalista, que as sucessivas vagas de repressão dos anos 20 e a consolidação da ditadura de Getúlio Vargas tudo fizeram para tentar destruir, dado o seu potencial subversivo.

O aparecimento dessa imprensa no Ceará está ligado a pelo menos três principais ordens de razões, sem hierarquização entre si. A primeira, como já afirmei, resulta das mudanças sócio-econômicas que se vão operando no Ceará na virada do século. A segunda deriva do próprio "fazer-se" do movimento operário no Ceará e das idéias socialistas que começavam a ser esboçadas, desde o final do século XIX, em várias cidades brasileiras.

A terceira advém da relação estabelecida entre os militantes locais e a Confederação Operária Brasileira com vistas à aplicação, no Ceará, das resoluções dos congressos operários, da tentativa de efetivação de suas resoluções, como ainda do intercâmbio com os grupos editores das folhas operárias do Brasil e de Portugal.

Nesse contexto, cumpre destacar o efeito mobilizador das excursões de propaganda organizadas pela Confederação Operária Brasileira – COB com o objetivo de estabelecer contatos com as organizações sindicais mais afastadas do Rio e São Paulo, os pólos operários por excelência nessa época. Em 1914, nas páginas do jornal **A Voz do Trabalhador**, é veiculado por João Leuenroth um pequeno questionário às filiadas e simpatizantes nos estados, nesses termos:

"Aos camaradas que se interessam pela organização operária, resolvemos sondar a opinião de todos sobre este assunto, pedindo que respondam as perguntas abaixo, as quais serão publicadas, (...) em todos os números da Voz do Trabalhador. (...)

1º – Qual o motivo da apatia que se nota no operariado em face da organização?

2º – *Quais os meios mais práticos e eficazes de propaganda a fim de chamar o operariado à organização?*

3º – *A propaganda atualmente feita satisfaz a organização ou é preciso ampliá-la?*²⁵⁷

Claro está que o questionário resulta do diagnóstico de que no país o associativismo operário é marcado por fortes diferenças regionais, havendo cidades e estados em que a organização sindical dava, de forma tateante, os seus primeiros passos. Para promover o associativismo sindical, estreitar os laços e difundir a plataforma da COB, foram pensadas as excursões de propaganda,

*"enviando companheiros aos Estados para (...) cimentarmos por todo o país o alicerce de uma ação fecunda e consciente, (...) Desbastando os obstáculos, instruindo e propagando em breve, havemos de ver triunfante a nossa obra quando por todo o Brasil se pronunciar de boca em boca o nome da Confederação Operária Brasileira. (...)"*²⁵⁸

Na mesma direção se volta a palavra de Rosendo dos Santos, para quem "novas luzes chegam aos arraiais proletários, arrebatando os [trabalhadores] nacionais da mentira e da falsidade em que os conservavam seus antigos senhores". Para ele, as excursões de propaganda associativa por todo o país representam *"um passo grandioso na organização de todo o proletariado, obediente a ação sindicalista revolucionária, única possível, até aqui conhecida de satisfazer as nossas aspirações"*.²⁵⁹

Com suas excursões, a COB quer propagar mais intensamente sua orientação sindicalista revolucionária e seu método de luta, a ação direta. Em março de 1914, seu jornal noticia que

"o companheiro que agora segue para o norte é o atual secretário geral da Federação Operária do Rio de Janeiro [José Elias da Silva] e, desde que chegue a Pernambuco, aguardará instruções da Confederação, afim de continuar a excursão pelos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão, Ceará e Pará. (...)"

²⁵⁷ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 53/54, 01/05/1914. Rio de Janeiro.

²⁵⁸ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 49, 15/02/1914. Rio de Janeiro.

²⁵⁹ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 49, 15/02/1914. Rio de Janeiro.

*Encarecer a utilidade e magnitude destas excursões seria ocioso; cumpre-nos somente chamarmos a atenção das organizações operárias e de todos os companheiros que lutam pela emancipação das classes trabalhadoras, sobre a necessidade de ativá-las e auxiliá-las, facilitando aos excursionistas salões e informações, bem assim todos os meios precisos para a realização de tão grande desiderato.*²⁶⁰

Vários estudos antecedentes já apresentaram a importância do movimento anarquista no Brasil e, neste, o papel central da imprensa como veículo de difusão de idéias e combate social. Com base nesses estudos pude ir rastreando fontes e localizando algumas outras evidências, até hoje pouco exploradas ou desconhecidas, que podem ajudar a conhecer a imprensa dos trabalhadores no Ceará, entender suas raízes, suas influências e especificidades.

Os jornais e revistas **A Lanterna** (São Paulo), **A Plebe** (São Paulo), **A Voz do Trabalhador** (Rio de Janeiro), **Germinal** (São Paulo), **A Vida** (São Paulo), entre outros, foram algumas das fontes inspiradoras dos jornais libertários cearenses. Não estou me referindo ao mero trabalho de reprodução de artigos, mas também às características de fundo, presentes na imprensa do Ceará identificada com o discurso libertário. Claro está que essa descendência não se opera em linha reta. Menos que mera influência ou ascendência de uns sobre outros, é possível compreender este tipo de fonte/documento/memória como pertencendo a uma tradição.

Retomando o movimento das idéias no Ceará, trago á cena alguns fatos que envolvem estudantes e suas publicações, na tentativa de precisar melhor o contexto ideológico da época no Ceará. Algumas memórias dos começos do século XX²⁶¹ situam de modo pertinente uma certa rebeldia e disposição de contrapor-se à situação dominante de parte dos jovens estudantes do Liceu do Ceará. Nos episódios da greve

²⁶⁰ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 50, 01/03/1914. Rio de Janeiro.

²⁶¹ Uma das memórias sobre manifestações de rebeldia dos jovens liceístas encontra-se em BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará. Memórias**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, 1940.

dos catraieiros²⁶², na feitura dos panfletos, jornaizinhos e noutras publicações os espíritos irrequietos não parecem acomodar-se aos ditames da oligarquia aciolina.

Memorialistas da Fortaleza-Província da década de quarenta reafirmam o velho Liceu do Ceará como lugar que *"ajudou a formar a alma libertária"*, lugar de onde *"a meninada, talvez e certamente por intuição, saía em bandos a protestar contra tudo que não correspondesse aos seus sonhos de juventude"*.²⁶³ No dizer das memórias de Blanchard Girão, à condição de aluno do Liceu se juntava o gosto pelo jornalismo:

"Bem distante ficou aquela Fortaleza do menino orgulhoso da sua condição de aluno do Liceu, presente nas passeatas cívicas ou do aprendiz de jornalismo que sorveu da companhia de operário muitas e valiosas lições de vida nas noites insones dos matutinos.

Com que alegria, manhã cedinho, ao dirigir-me para o Liceu, nos barulhentos e lerdos bondes da Light, eu via nas mãos de muita gente o jornalzinho que

²⁶² À medida arbitrária do sorteio militar e recrutamento para o serviço da Armada, os catraieiros (estivadores) e demais trabalhadores do mar respondem com uma greve em 3 de janeiro de 1904. Ao ato de rebeldia segue-se forte repressão policial atingindo grevistas e populares, com registro de mortos e dezenas de feridos. Foram três dias de indignação contra o governo de Nogueira Accioly e intensa agitação em Fortaleza. Sobre o episódio da greve e sua repercussão na política local consultar FIRMEZA, H. **Crônicas escolhidas**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1965; THEOPHILO, Rodolpho. **A Libertação do Ceará (a queda da oligarquia Accioly)**. Lisboa: Typ. A Editora, 1914; MOTA, Aroldo. **História política...** Op. cit; MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Fortaleza: Edésio Editor, 1938. Sobre o episódio da greve, há um interessante relato de Rubens de Azevedo, dando conta da agitação na cidade e de como Otacílio de Azevedo, Quintino Cunha e William P. Bernard e outros *"destemidos tentaram sitiar o Palácio do Governo: começaram fazendo um comício para os catraieiros da praia do Meireles, e aos gritos de 'pão ou revolução, conseguiram arregimentar mais de 200 caboclos fortes, resolvidos, como eles, a tomar o governo. Ao desembarcar pela Sena Madureira, viram as metralhadoras já apontadas em sua direção (...)"* (AZEVEDO, Sânzio de. *A Poesia de Otacílio Azevedo*. In AZEVEDO, Otacílio de. **Trigo sem joio**. Fortaleza: BNB, 1986, p. 11). Sobre a participação de Francisco José do Nascimento (o Dragão do Mar) e a manifestação popular, ver GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1953; SOMBRA, Waldy. **A Guerra dos panfletos. Maloqueiros versus cafinfins**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998; e MOREL, Edmar. **Vendaval da liberdade**. Rio de Janeiro: Globo, 1967.

²⁶³ GIRÃO, Blanchard. **O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-Província. Memórias**. Fortaleza: ABC, 1997. Veja-se nesse depoimento do autor a caracterização do Liceu como lugar de possibilidades de expressão do protesto dos jovens estudantes: *"Aquele clima de debate aberto, a manifestação dos sentimentos das camadas mais amplas do povo, ali representadas por centenas de meninos das classes sociais mais diversas, (...) me ajudaram a formar a alma libertária, antifascista (...) Hoje posso fazer uma avaliação segura do quanto o Liceu contribuiu para essa formação de amante da liberdade absoluta, de intransigente defensor dos direitos humanos, contra toda e qualquer forma de opressão, seja no campo religioso, no político, no filosófico. O liceu, colégio público, frequentado por meninos e jovens de variadas origens, foi certamente o laboratório em que caldeei minhas idéias e sobre elas formei o meu caráter e pautei a existência. (...)"* (pp. 26-27)

ajudara a editar, trazendo notícias e comentários sobre os assuntos que diziam mais de perto aos interesses da cidade."²⁶⁴

Aqui a memória de Blanchard Girão se encontra com a história de Geraldo Nobre, cuja observação amplia a função do Liceu, como vetor da iniciação literária no Ceará e que, segundo ele, *"por motivos óbvios, teve nos jornais o instrumento principal [de vazão da veia literária] visto como os jovens não dispunham de meios para publicar livros"*.²⁶⁵

Muitos estudantes do Liceu estarão, a seguir, na Faculdade de Direito experimentando o debate e a divulgação das novas leituras. O desenvolvimento das idéias socialistas e anarquistas no Ceará ocorre no contexto das mudanças provocadas pela divulgação das novas idéias progressistas que então chegavam da Europa, diretamente ou através de cidades como Recife e Rio de Janeiro. Na primeira década do século XX, surgem algumas publicações em Fortaleza que denotam a influência das leituras de base científicista empreendidas pelos jovens estudantes da Faculdade de Direito do Ceará – o naturalismo de Lamarck e Darwin, o positivismo de Comte, o monismo de Haeckel, o evolucionismo de Herbert Spencer, entre outros. Como informa Edigar de Alencar, era um começo de século *"com uma certa compenetração dos moços dados às letras. As publicações periódicas, revistas especialmente, são de propósitos elevados. Faziam alarde de sua qualificação literária mas também científica ou filosófica"*.²⁶⁶

Essas leituras, feitas em pequenos círculos, derivam da curiosidade de alguns e, em maior parte, da influência de determinados professores, Soriano de Albuquerque em

²⁶⁴ GIRÃO, Blanchard. **O Liceu e o bonde...** Op. cit., pp. 20-21.

²⁶⁵ NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense.** Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974, p. 108.

²⁶⁶ ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e anteontem.** Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980, p. 132.

primeiro plano. Ilustrativo é seu depoimento, recém-nomeado lente da Faculdade de Direito (1905):

Propunha-me a tornar os meus alunos conhecedores das doutrinas filosóficas materialistas, evolucionista, etc. Era uma verdadeira propaganda das grandes idéias que julgava necessário, a fim de insuflar uma energia nova no ânimo da nossa mocidade. Operou-se um verdadeiro escândalo no meio intelectual de Fortaleza, a ponto de encontrando-se comigo, dizer-me o Barão de Studart, com a amabilidade que o caracteriza, que eu estava pregando idéias subversivas. Retorqui-lhe que apenas expunha sistemas filosóficos e não obrigaria estudante algum a aceitar o meu modo de ver, (...) E as idéias filosóficas em vez de serem subversivas, eram formadoras de nosso caráter...²⁶⁷

Esse depoimento, verdadeira profissão de fé do professor empenhado em responder as ácidas críticas veiculadas na imprensa local, chamando-o de "plagiário" e "decorador de compêndios", é revelador dos embates e tensões no campo das idéias que se estão operando em Fortaleza. Como anota João Alfredo Montenegro, é preciso relembrar

"que era tensa a convivência dos espíritos numa sociedade profundamente vincada pelo confronto entre tradicionalistas e cientificistas (positivistas e evolucionistas). Esses últimos oferecendo roupagem nova ao liberalismo. E é justamente nesse momento que se armam e intensificam campanhas anticlericais (...) com a colaboração de professores e estudantes."²⁶⁸

O esforço criador de Soriano de Albuquerque, sua dedicação à investigação filosófica e seu empenho em formar continuadores do debate cientificista são confirmados na memória histórica da Faculdade de Direito, de Thomaz Pompeu, em que destaca a nomeada de Soriano nos meios intelectuais de Fortaleza e a grande influência exercida sobre seus alunos pela "novidade de seu ensino, dogmatismo com que doutrinava, facilidade de exposição, complacência nos julgamentos", contribuindo para "atrair-lhe as simpatias da mocidade". Veja-se o depoimento de um de seus diletos alunos:

²⁶⁷ ALBUQUERQUE, Soriano de. *Fases de Desenvolução Mental Cearense*. In *Folha do Povo*, 01/10/1913, p. 2.

"O certo é que em pouco tempo, comecei a interessar-me pelas preleções de Soriano: entrei a frequentá-lo mais assiduamente, a pedir-lhe explicações de pontos do programa que achava obscuros. Já os nomes de Darwin e Spencer me não feriam com aquela exótica sonoridade em que, de mistura com seu timbre cultural, se insinuasse alguma cousa de satânico (...).

Adepto da filosofia evolucionista, não seria estranhável subordinar-se Soriano de Albuquerque todo o seu ensino à orientação científica daquele sistema. Além disso, não se circunscrevia ele ao estudo exclusivo do direito: compreendia-o mais como uma parte integrante, se bem que diferenciada do fenomenismo universal (...). De maneira que a filosofia jurídica era assim relegada a um plano secundário enquanto toda a atenção do professor e dos discípulos, que o tinham por oráculo absorvia-se com as leis fundamentais da formação dos mundos, com a doutrina da origem e desenvolvimento dos seres, com os problemas sociológicos que, pela primeira vez no Brasil, assumiam a devida importância que realmente merecem nos cursos superiores (...)."²⁶⁹

Em 1906, Joaquim Pimenta, então cursando o primeiro ano na Faculdade de Direito, juntamente com Raul Uchôa, Mário Linhares, Genuíno de Castro²⁷⁰, Eurico Matos e Jaime de Alencar, funda a revista **A Fortaleza**²⁷¹, onde incursiona pela filosofia escrevendo uma série de artigos condensados sob o título: *A Moral considerada sob três pontos de vista: religioso, metafísico e político*, defendendo um novo modo de interpretar a moral, uma vez que "as doutrinas naturalistas de Lamarck e Darwin, a

²⁶⁸ MONTENEGRO, João Alfredo de S. *História da idéias filosóficas...* Op. cit., p. 43.

²⁶⁹ PIMENTA, Joaquim. *Golpes de vista*. Recife: Imprensa Industrial, 1930, pp. 20-21. Para dimensionar a influência intelectual de Soriano de Albuquerque, consultar MONTENEGRO, Abelardo F. *Soriano de Albuquerque. Um Pioneiro da Sociologia no Brasil*. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977; LIMA, Adonias. *Soriano de Albuquerque (Sua Influência na vida intellectual do Ceará)*. Fortaleza: Typ. Commercial, 1915; e MONTENEGRO, João Alfredo de S. *A Visão cientificista aperfeiçoada de Soriano de Albuquerque*. In *História da idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: Ed. UFC, 1996, pp. 31-46.

²⁷⁰ Um depoimento sobre Genuíno de Castro (1883-1937): "Aqui chegando, desempregado, tímido e retraído, não teve outro jeito senão empregar-se como mata-mosquito. Ele que fora redator de revistas e membro da Academia Rebarbativa, ao lado de Mário Linhares, Raul Uchoa, Jaime de Alencar e Joaquim Pimenta, abandonou os amigos, mergulhando na mais triste solidão. (...) Talvez envergonhado de seu emprego, Genuíno de Castro fugiu ao convívio dos amigos e nunca mais apareceu nas rodas literárias." (AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza descalça. Reminiscências*. Col. José de Alencar. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980, p. 190).

²⁷¹ A revista impressa na Tipografia Minerva circula no período de 06/10/1906 a 06/10/1907 (doze edições). Publica ensaios, crônicas, sonetos, notas bibliográficas, entre outros. Sua página de rosto traz versos (Joaquim de Sousa, Adolfo Caminha, Bonfim Sobrinho, Álvaro Martins) e trechos de obras de Clóvis Bevilacqua, Farias Brito e Rocha Lima. Além do corpo redatorial, colaboram n'A *Fortaleza*, Soriano de Albuquerque, Francisca Clotilde, J. Aguiar, Cruz Filho, Assis P. Nogueira, Júlio Maciel, Antônio de Oliveira, Júlio C. Monteiro, Josias Goyanna, Rodolpho Theophilo, Ulysses Bezerra, Juvenal Galeno, Miguel Cunha, Affonso Lima, Assis Braga, Adonias Lima, G. Katunda, entre outros.

filosofia positivista de Comte, o monismo de Haeckel e o evolucionismo de Spencer formam o grande edifício sob cujas bases desapareceu todo o valor das teorias teológicas e metafísicas (...)".

Na revista é comentado o livro de Soriano de Albuquerque, **O Direito e a Sociologia**, "*como uma original classificação dos fenômenos sociais à luz das elevadas concepções sociológicas, assumindo um ponto de vista diferente de Silvio Romero*".²⁷² A revista publica também **Pensamentos e máximas** de F. Nietzsche, **Assia**, novela de Turgueniev, com tradução de Joaquim Pimenta, e **Poemas** de Giosué Carducci e Hippolyte Tayne.

A revista é saudada por Farias Brito, enxergando nela um exemplo de desenvolvimento e decidido gosto pelos estudos filosóficos. Apresentando-se como uma revista literária, filosófica, científica e comercial, **A Fortaleza** tem seu primeiro número em seis de outubro de 1906 e circula até fevereiro de 1908, editando doze números. Para Mário Linhares, "*os rapazes dessa revista, sem egoísmo, sem vaidade, animados dos mais generosos intuitos, ligaram-se à velha guarda, para formar um núcleo de resistência e prosseguir na marcha das idéias (...)*".

O primeiro número da revista traz, na abertura, os versos de Mário Linhares, sob o título *A Imprensa*:

*"A Imprensa – mar de luz olímpica e sagrada
Onde vogam febris os Colombos do Belo,
Em demanda triunfal da América adorada:
– A Ciência – transcendente e pulcro setestrela

– Bússola universal que aponta com desvelo
Da Paz e da Equidade a luminosa estrada.
– Oficina do Bem cujo rijo martelo
É a Justiça e a Razão – essa potente espada*

²⁷² **A Fortaleza**, ano I, nº 4, 17/01/1907. Fortaleza.

– *Etna de refulgência em combustão de idéias*
– *Bandeira que anuncia as magnas epopéias*
– *Formoso céu azul coberto de clarões,*
É a escada luminosa e augusta do Progresso,
É a chave augural que a todos dá ingresso
*Ao grandioso atelier das amplas concepções.*²⁷³

Saltam do poema dois termos: Progresso e Ciência. Como em muitas produções do período, são termos que assumiam magnitude de significação no século que findava. O pensamento socialista que se esboça no período é marcado, portanto, por esse duplo, como em Robert Owen, com os **Falanstérios do Progresso**, em Saint-Simon, em Fourier, em Louis Blanc e a **Revue du Progrès** e, no caso do Brasil, com o pernambucano Antonio Pedro de Figueiredo, com sua revista **O Progresso** (1842-1846).²⁷⁴

Lembrando ainda que a "sedução científicista", no dizer de Regina Horta Duarte, não se localiza apenas nas chamadas "ciências sociais". A literatura comparece também, alimentando e compartilhando o ideário e formas de lutas dos primeiros núcleos socialistas e anarquistas na Europa, como no Brasil. **Germinal** é presença infalível em qualquer biblioteca organizada pelos militantes socialistas libertários. Do mesmo Émile Zola é **Le Naturalisme**, que situa em Diderot e no rompimento com o classicismo a

²⁷³ **A Fortaleza**, ano I, nº 1, 06/10/1906. Fortaleza.

²⁷⁴ Antônio Pedro de Figueiredo, em sua tentativa de sistematização, na revista **O Progresso**, das idéias que chegam da Europa, realiza um esforço de observação e análise das realidades específicas de seu tempo e espaço, sem que as idéias difundidas sejam mero exercício de transplante cultural ou mimetismo do pensamento em voga nos círculos mais progressistas da Europa, em particular da França. Em suas seções *Exterior* e *Páginas Informativas*, trata do avanço tecnológico e das ciências naturais como condição essencial de progresso, como bem anota Gláucio Veiga: "*não descurou nem alheou uma autoconsciência*". Para Veiga, Figueiredo bem pode ser justamente apreciado como exemplo de "*letrado à força do método*". Diferença fundamental em Figueiredo, pois que vigência do Brasil do novecentos é ser "*letrado à força do estudo*", daí a ausência de "*ortodoxias ideológicas*", o ecletismo, derivados da aquisição de conhecimentos por acumulação de autores e teorias européias, sem sentido crítico e como "*esforço de colagem de instituições européias no Brasil*". (VEIGA, Gláucio. **História das idéias...** Op. cit., p. 122).

substituição da noção de homem metafísico pela noção de homem fisiológico, uma linha que, para ele prossegue em Stendhal, Balzac e Flaubert.²⁷⁵

Da repercussão obtida com **A Fortaleza**, mal se finda seu projeto editorial, Joaquim Pimenta trata de fundar **Terra da Luz** (1908). Apresentando-se como uma "*revista dos intelectuais do Ceará*", procura afirmar a anunciada qualidade literária e científica, recolhendo as colaborações de Pedro de Queirós, Clóvis Bevilacqua, José do Patrocínio, Rodolpho Theophilo, Soriano de Albuquerque, Cabral de Alencar, Elcias Lopes, Telles de Souza, Irineu Filho, José Lino, Antônio de Castro, Júlio Maciel, Cruz Filho, entre outros. Numa coluna publica "*os pensamentos mais irreverentes*" de Nietzsche e traz, em *Página Seleccionada*, os ensaios de Soriano de Albuquerque sobre o *Fator jurídico na integração social brasileira* e do próprio Pimenta sobre *A Dignidade da mulher no cristianismo* (uma polêmica com o padre Valdevino Nogueira). Um artigo, *Ideal Rubro*, salta das páginas da revista para transformar-se em panfleto, conforme refiro mais adiante, confirmando o pendor de alguns para uma militância mais aberta, de contestação e intervenção. **Terra da Luz** é, talvez, a primeira publicação em que Joaquim Pimenta faz a apologia do anarquismo, destacando que "*os anarquistas não merecem desprezo, nem devem ser tratados como párias, pois são indivíduos que se empenham na luta regeneradora e alimentam um pensamento grandioso*".²⁷⁶

Informadas por essas idéias e nesse contexto surgem as primeiras tentativas que combinam conhecimento e pensamento rebelde em Fortaleza. No já distante ano de 1908, prosseguindo na trilha aberta com as revistas **A Fortaleza** e **Terra da Luz**, Joaquim Pimenta, com os colegas da Faculdade de Direito, Adonias Lima e Boanerges

²⁷⁵ DUARTE, Regina Horta. *Elisée Reclus, geografia e anarquismo – visões da revolução*. In **LPH: Revista de História**, v. 3, nº 1, p. 87. Ouro Preto: Dep. de História/UFOP, 1992.

²⁷⁶ **O Demolidor**, nº 4, 18/04/1908. Fortaleza. Faço aqui um reparo às anotações anteriores sobre este jornal, que apresentavam-no como *Órgão da Liga dos Confrades*.

Facó, funda um pequeno jornal – **O Demolidor** – órgão da *Liga Contra os Frades, constituída pela Mocidade Independente*, difundindo o pensamento anticlerical e de sistemática reação à entrada de frades estrangeiros no Brasil.²⁷⁷

O Demolidor resulta em grande medida da colaboração intelectual estabelecida entre Adonias Lima e Joaquim Pimenta, inclusive lembrada pelo último quarenta anos depois ao escrever o prefácio d'**O Amor Físico e a Mulher**, de Adonias Lima, quando evoca suas irreverentes investidas, a altivez, o anticlericalismo, a defesa do amor livre, compondo a *"fisionomia de seu espírito"*, como formulado em Schopenhauer. Para Joaquim Pimenta, Adonias Lima é *"a mesma personalidade que, quando éramos estudantes no Ginásio de Fortaleza e na Faculdade de Direito do Ceará, já revelava um temperamento insubmisso, uma indole irrefreável e rebelde a toda e qualquer tirania ou restrições à liberdade de querer, de sentir, de pensar (...)"*. Cursino Belém refere-se a Adonias Lima, como *"Um Novo de Idéias Novas"*, *"um insubmisso contra a leitura cristã do mundo e principalmente contra a organização social do Brasil"*²⁷⁸

A primeira edição d'**O Demolidor** é de 29 de fevereiro de 1908, saudada pelo sempre crítico João Brígido (diretor do **Unitário**) como o ingresso da mocidade num movimento de prestígio da razão. Em seu **Retalhos do Passado**, Joaquim Pimenta, rememorando os fatos ligados à criação do jornal, fala da influência da obra **Os Primeiros princípios**, de Spencer. Do primeiro contato com a obra revela que *"longe estava de supor que tinha entre as mãos a máquina infernal que ia fazer soltar pelos*

²⁷⁷ Além dos citados redatores, são colaboradores d'**O Demolidor** Lourenço Moreira Lima, Sylla Ribeiro, Junqueira Guarany, Francisco Rufino dos Santos, Júlio de Oliveira, Gil Amora, G. Catunda Gondim, Moacir Caminha e Everardo Dias, entre outros.

²⁷⁸ LIMA, Adonias. **O Amor físico e a mulher**. Prefácio de Joaquim Pimenta. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Comercial, 1949, p. 5. Ver também BELÉM, Cursino. **Um Novo de idéias novas (Adonias Lima)**. Fortaleza: Typ. Commercial, 1916 (com uma carta de Farias Brito).

ares a montanha de dogmas que eu acreditara graniticamente estratificados nas profundezas e ancestrais camadas do meu ser."²⁷⁹

Mas, em 1908, quando funda **O Demolidor**, tem claro que sua leitura d'**Os Primeiros Princípios** esboçara "*um quadro novo de realidade, mui diverso do que descreviam os livros de teologia e apologética*"; como ainda da leitura **Le Socialisme**, de Colajanni, "*que revelou o sentido das realidades sociais por uma concepção menos idealista, menos utópica ou antes, mais científica, mais racional, mais serena, da história e de suas transformações*".²⁸⁰

O depoimento de Mário Linhares é ilustrativo acerca das mudanças que se estão operando nos espíritos:

"As nossas reuniões se davam à noite num banco de jardim da praça do Ferreira. Joaquim Pimenta comparecia, a princípio, sobraçando um grosso volume de atas das sessões da Confraria de São Vicente de Paulo, de que era secretário. (...)

Raul [Uchoa], por vezes, imbuído das tendências evolucionistas, contraditava-o com calor. Mas logo se deu a reviravolta. Pimenta, com a leitura dos 'Primeiros Princípios', de Spencer e leituras marxistas, deixou-se impelir para rumos opostos, entregando-se, de todo, às mais avançadas doutrinas revolucionárias, esboroando, como um castelo de cartas, o edifício das velhas crenças e fazendo-se vexilário do ideal rubro. (...)"²⁸¹

Abro aqui um parêntese para dizer que essas mudanças não se praticaram sem riscos e represálias. Não se pense que os embates ficaram circunscritos às acesas polêmicas nas páginas dos jornais, às réplicas às conferências e aos floreios verbais dos púlpitos. Não raro a repressão chegava às "repúblicas dos estudantes", como evidencia esta notícia de Fortaleza publicadas n'**A Voz do Trabalhador**:

"hoje o chefe de policia mandou forçar as portas da casa do acadêmico Joaquim Pimenta e conduziu-o arrastado por quatro soldados daquela milicia, a sua presença, a fim de dar explicações sobre um artigo que publicou em um

²⁷⁹ PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do Passado**. Op. cit., p. 76.

²⁸⁰ PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do Passado**. Op. cit., p. 86.

²⁸¹ LINHARES, Mário. *Raul Uchoa*. In **Almanaque do Ceará**. Fortaleza: Tip. Royal, 1955, p. 102.

*jornal dizendo que para defender-se das pancadas com que o ameaçaram pelo jornal oficial, tinha um magnífico revolver Mauser. Este fato causou indignação geral, principalmente no seio da classe acadêmica. O senhor Pimenta é um dos diretores da revista Terra da Luz e tem sido alvo de muitas manifestações de simpatia.*¹²⁸²

Como ainda neste artigo de acento antimilitarista comentando as reações e protestos contra a lei do sorteio militar, o jornal noticia que

"em Fortaleza, Ceará foram distribuídos boletins contra o sorteio e contra o governo, sendo convocado o povo para um comício na praça pública. O chefe de polícia, pôs imediatamente a força em movimento. O comício não se realizou. A noite, foi preso o estudante Alencar, por andar armado de carabina Mauser, e posto incomunicável."¹²⁸³

As notícias, de fato, se ligam ao momento da reeleição de Accioly, em 1908, quando a onda de violência contra "a canalha das ruas", no dizer da imprensa da situação, atinge os estudantes do Liceu e da Faculdade de Direito; Joaquim Pimenta e Florêncio de Alencar no destaque. A esse respeito, o tom mordaz do verso de Antônio Sales é testemunho contemporâneo: *"Nossa ex-terra da luz, onde domina/ Dos Aciolis a trega dinastia,/ Consta haver uma escola onde se ensina/ Direito – até parece uma ironia// Contra os alunos dessa Academia/ A polícia o seu raio fulmina,/ e, ante o direito da pancadaria, a força do direito se elimina.*"¹²⁸⁴

O Demolidor, circulando em apenas cinco edições²⁸⁵, fruto da reviravolta de que fala Mário Linhares, parece cumprir o vaticínio de Soriano de Albuquerque a respeito de Pimenta, seu aluno dileto: *"– Ainda hei de vê-lo escrevendo contra os padres!"*

Segundo o relato de Pimenta o jornalzinho, é assim apresentado:

²⁸² **A Voz do Trabalhador**, ano I, nº 4, 15/08/1908. Rio de Janeiro.

²⁸³ **A Voz do Trabalhador**, ano I, nº 5, 22/11/1908. Rio de Janeiro.

²⁸⁴ SOMBRA, Waldy. **A Guerra dos panfletos. Maloqueiros versus cafinfins**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998, p. 64. O testemunho de Antônio Sales, sobre a violência no período, encontra-se em seu **O Babaquara – Subsídios para a história da oligarquia do Ceará**, publicado em 1912, sob o pseudônimo de Martim Soares.

²⁸⁵ Joaquim Pimenta informa em suas **Memórias** o número de cinco ou seis edições; esta pesquisa localizou cinco edições, distribuídas no período de 29 de fevereiro a 9 de maio de 1908.

"Em cada canto, no alto da primeira página, realçavam estes dois versículos, que redigira, estilo à Iracema:

Que o primeiro grito de revolta se eleve de nossas brancas praias, e os verdes mares bravios repercutam lá fora o hino de uma redenção nova!

E a jangada que libertou o primeiro escravo, transporte, para bem longe de nossas plagas, o último frade!"²⁸⁶

O vaticínio de Soriano de Albuquerque se cumpriria, largamente, nas páginas d'**O Demolidor**. Os artigos da lavra de Joaquim Pimenta exortam a mocidade independente a cerrar fileiras na Liga Contra os Frades, adotando a palavra de ordem: *"Fechem-se os conventos! Abram-se as oficinas!"* No artigo de abertura, não deixa dúvidas quanto à crença no verbo demolidor e demonstra seu pendor para as idéias anticlericais:

"Basta que os leitores saibam que o elemento monástico é um cancro que mata uma sociedade, mata pelo servilismo, pela ignorância, pela falta absoluta de ar e de luz. O Brasil abre as portas aos frades que vêm do estrangeiro a nos roubar, a deturpar os nossos costumes, a explorar a nossa boa fé e a ingenuidade religiosa de nossos patrícios."²⁸⁷

A primeira edição do jornal é anunciada pela farta distribuição de boletins "demolidores" contra os frades estrangeiros, publicados n'**O Unitário**. Seu primeiro número causa um certo rebuliço no meio provinciano: alimenta as rodas de conversa nos cafés, na Livraria do Araújo, serve de combustível aos sermões inflamados no púlpito e provoca algumas atitudes de franca hostilidade. Em Beberibe, o padre Paulino Nogueira impede a distribuição do jornal e devolve alguns exemplares anotados à margem com as expressões: *"Prostituição moral – Vampiro das almas – Mauvado! Bode preto! Figa! Pé-de-pato! – Bode emissário – Não volte mais, calunga – O fogo te persiga – Patife! Bandido! Safa! Maldito! – Sebo nojento – Lepra moral.*

²⁸⁶ LINHARES, Mário. *Raul Uchoa*. Op. cit., p. 80.

²⁸⁷ **O Demolidor**, n° 1, 29/02/1908. Fortaleza.

O Demolidor pode ser lido como uma tentativa de certa ousadia de jovens acadêmicos de Direito e liceístas, que adotam como mote a presença dos frades estrangeiros no Ceará, realizando missões no interior e carreando recursos para a tarefa de abertura de escolas, para desenvolver uma campanha, via imprensa, pela expulsão dos frades. Digo alguma ousadia, porque a tarefa de editar um jornal cuja tiragem alcançara três mil exemplares, distribuídas gratuitamente na capital e no interior, com alguma repercussão, parece ter sido apoiada pela Maçonaria e seu jornal, **O Oriente**, como atestam seus artigos de grada recepção d'**O Demolidor**, além da página de anúncios que deve auxiliar nos custos de impressão.

Importa reter do conteúdo do jornal a tentativa de polemizar com a imprensa de orientação católica (**Cruzeiro do Norte**), com os intelectuais católicos (Barão de Studart, Livreiro Araújo, Joaquim Nogueira) e com alguns padres (Clymerio Chaves, Paulino Nogueira, Valdevino Nogueira, Arimatéia Cysne). Importa reter também o fato de se constituir num experimento de divulgação de idéias contrapostas ao campo conservador de seu meio. Ainda que não se apresente claramente como um jornal anticlerical, alguns de seus articulistas expressam essa posição e afirmam uma via diferenciada de abordagem da moral e da religião, como é o caso de Adonias Lima e Joaquim Pimenta. Outro ponto a ser destacado é o intercâmbio da folha com jornais de orientação anarquista e anticlerical. A aproximação com a imprensa de outros estados se dá via Everardo Dias²⁸⁸, militante gráfico espanhol, editor do **Livre Pensador**, de São

²⁸⁸ Everardo Dias foi colaborador do jornal **A Plebe** e redator em vários jornais. Um dos fundadores do Grupo Clarté no Brasil, publicou **Memórias de um exilado**, **Jesus Cristo era anarquista** (com o título posteriormente mudado para "era socialista"), **Bastilhas modernas** e **História das lutas sociais no Brasil**.

Paulo, e, em plano local, coube a Moacir Caminha aproximá-los da leitura do **Novo Rumo** e a **Terra Livre**, do Rio de Janeiro.²⁸⁹

É nesta cidade pequena, a Fortaleza de 1908, com pouco mais que cinquenta mil habitantes, que as novas idéias começam a circular, não sem atribulações para os pioneiros. Abelardo Montenegro, em seu estudo sobre Soriano de Albuquerque, informa que a orientação oferecida pelo professor a seus discípulos na Faculdade de Direito "só podia merecer o anátema da mentalidade dominante e rotineira, visto que Fortaleza não passava de um convento. A censura reprimia qualquer movimento de rebeldia social ou intelectual".²⁹⁰

Ainda que se aceite tal observação sobre o meio, há que lançar luzes sobre tantas iniciativas que rompem o círculo de giz do conservadorismo. Assim, mesmo extenso e com algumas imprecisões localizadas pela pesquisa empírica, reproduzo trecho das memórias de Joaquim Pimenta, para que se observe em que condições nasce o jornal **O Demolidor** e sua repercussão em Fortaleza, ainda que tenha circulado em poucas edições:

"Insinuadas por frades franciscanos, moças das principais famílias de Fortaleza invadiam em grupos, casas de comércio e detinham nas ruas transeuntes endinheirados, angariando donativos para a construção de um convento. Aquela generosidade forçada estava tomando proporções tão alarmantes, que bastava o grupo aproximar-se dos lugares mais freqüentados, para provocar verdadeira debandada. Até à Faculdade de Direito foram ter, causando rebuliço entre os professores que fugiam pelos fundos do prédio. Resolvemos então, por termo à

²⁸⁹ **O Livre Pensador**, editado em São Paulo por Everardo Dias, apresentava-se como órgão ilustrado do livre pensamento do Brasil, adotando como dístico "Moral, progresso, verdade, liberdade, igualdade, fraternidade, ciência, justiça, trabalho". **O Novo Rumo** (Rio de Janeiro), órgão socialista anárquico, circulou de 1905 a 1908. Teve como redatores Luis Magrassé e, na segunda fase, Mota Assunção. **A Terra Livre**, jornal anarquista, circulou de 1907 a 1910. Adotava como dístico "O homem livre sobre a terra livre", de Goethe. Teve como redatores e colaboradores Neno Vasco, Edgar Leuenroth, Paul Berthelot, Mota Assunção, entre outros. Para maiores informações, consultar RODRIGUES, Edgar. **Pequena história social da imprensa no Brasil**. Florianópolis: Insular, 1997.

²⁹⁰ MONTENEGRO, Abelardo F. **Soriano de Albuquerque...** Op. cit., p. 56. Ver também LIMA, Adonias. **Soriano de Albuquerque (Sua Influência na vida intelectual do Ceará)**. Fortaleza: Typ. Commercial, 1915.

exploração a que, de boa fé, se prestavam, espalhando pela cidade veementes boletins de protesto, com um aviso de publicação do jornal [O Demolidor].

Impresso em papel de infima qualidade, apenas quatro ou cinco colegas se decidiram a distribuir o primeiro número, receosos os demais de uma reação popular, que pressentiam inevitável, sobretudo, do elemento feminino, visceralmente vinculado à Igreja. De fato, tinham eles razão; apenas entregávamos um exemplar, era rasgado ou devolvido, num gesto brusco de repulsa.

A partir do segundo número, o ambiente se foi tornando mais brando, mais acolhedor, até que de todo se desfez com o relato copioso, que havíamos iniciado, de casos escabrosos e secretos ocorridos em mosteiros. Daí por diante, passara O Demolidor a ser disputado e lido com avidez, inclusive pelo sexo frágil, espicaçado pela mesma curiosidade que perdeu Eva no Paraíso. Não obstante tão vertiginoso êxito, não fomos além de cinco ou seis edições; nem seria possível manter o jornal por mais tempo, pois, imprimia-se à nossa custa, era gratuitamente distribuído, sem uma linha de anúncio.²⁹¹

Nas páginas das revistas **A Fortaleza**, **Terra da Luz** ou **d'O Demolidor** os jovens estudantes de Direito vão adaptando, interpretando, assimilando o cabedal de novas leituras. Dessa experiência de desbravadores ampliando o mundo da província, Joaquim Pimenta, saído há pouco do sertão de Tauá, pobre, sacristão e membro da Confraria de São Vicente de Paulo, participa da reviravolta intelectual que se opera em alguns espíritos na Fortaleza dos idos de 1906. Sobre esse período da vida de Joaquim Pimenta eis o depoimento do contemporâneo Gustavo Barroso:

"Justamente nesse momento [1906] e nesse clima surgiu em Fortaleza, vindo do alto sertão, onde estudara com os padres, um estudante feio, pobre e cabeludo. Trajava uma roupinha coçada e apresentava-se timidamente, mas logo se impunha pelo saber, sobretudo em latim e filosofia. (...) Lembro-me perfeitamente da primeira vez em que o vi, numa roda da praça do Ferreira, à noite, num banco em frente da Empresa Telefônica, explicando o sentido das orações ad petendam pluviam, que o bispo diocesano mandava recitar em todas as paróquias com receio de nova seca. (...) O sertanejo latinista e filósofo encontrava na cidade a agitação política, envenenando os meios estudantis. Essa atmosfera o envolveu, o enrodilhou e o atirou nos braços da oposição. O

²⁹¹ PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do Passado**. Op. cit., p. 90. Essa lembrança de **d'O Demolidor** traz algumas imprecisões: o número de edições (cinco ou seis), ausência de anúncios (o jornal tem uma página de anúncios em todas as edições), a repulsa ao jornal (a publicação de cartas, os pedidos de assinatura e os comentários favoráveis na imprensa local contrariam a informação).

prêmio foi a perseguição governamental expelindo-o para Pernambuco, onde se encarreirou. Tudo o mais em sua vida não passa de corolário disso."²⁹²

É nesse quadro, onde se observa uma certa indiferenciação ideológica entre positivistas, socialistas, livres-pensadores, libertários e humanistas, que a imprensa de tendência anarquista vai aparecer em Fortaleza. Dessas tantas leituras, algumas copiadas à mão, de livros que o contínuo da biblioteca da Faculdade de Direito, "*generosamente, às escondidas, permitia que se levasse para casa*", como no caso de Joaquim Pimenta e de seus colegas de "república estudantil" e de brochuras que chegam dos grupos libertários de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Recife às mãos de Moacir Caminha, nasce **O Regenerador** em 1908. Desse encontro entre o primeiro Joaquim Pimenta, depois retratado por Raimundo Girão como sempre "*às voltas com as suas idéias socialistas pregadas afoitamente nos jornais, em livros e na praça pública*"²⁹³, e o jovem Moacir Caminha é essa a memória:

"Com um jovem mais ou menos da minha idade, Moacyr Caminha (parente do romancista Adolfo Caminha) a quem conheci, sempre vestido de preto, sempre só, sentado em um dos bancos da Praça do Ferreira, nasceu, para a propaganda daquelas idéias, um jornalzinho – O Regenerador, que morreu com o primeiro número."²⁹⁴

Moacir Caminha, nascido no Icó em 27 de outubro de 1887, faz o aprendizado das primeiras letras com os pais, Manuel Ferreira dos Santos Caminha e Leonília Monteiro da Graça Caminha. Vindo para Fortaleza, é com o professor Agapito Jorge dos Santos que continua seus estudos, com ênfase em língua portuguesa. Seus contemporâneos afirmam que de seu próprio esforço resultam os conhecimentos humanísticos.

²⁹² BARROSO, Gustavo. **Liceu do Ceará**. Op. cit., p. 159.

²⁹³ GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica...** Op. cit., p. 35.

²⁹⁴ GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica...** Op. cit., p. 84.

Um registro sobre sua trajetória militante iniciada em Fortaleza nos idos de 1907 diz do homem que *"foi incompreendido muitas vezes, como são sempre incompreendidos os homens que vivem absorvidos por idéias avançadas, audaciosas para o seu tempo"*.²⁹⁵

Mesmo não sendo o propósito deste trabalho oferecer estudos biográficos, julguei necessário apresentar, ainda que de modo breve, algumas dimensões da vida e da militância de Moacir Caminha, para que se entenda o jornal aqui apresentado – **O Regenerador** – como seu ponto de partida na militância socialista e libertária e para que suas idéias e contribuições ao movimento operário cearense, de corte socialista libertário, tenham lugar na historiografia cearense; não com o intuito de trazê-lo à *"enorme condescendência da posteridade"*, lembrando E. P. Thompson; até porque ele próprio cuidou de viver uma vida que, a meu juízo, não podia passar despercebida.

Embora não sendo o estudo biográfico o eixo deste trabalho, repito, julguei importante "seguir as pegadas" (quase apagadas) de Caminha, levando em conta os modelos de biografias que fazem parte da produção recente dos estudos históricos sobre o movimento operário no Brasil, como sugere Benito Bisso Schmidt:

*"a idéia de se encarar uma biografia como uma 'via de acesso' para a compreensão de questões mais gerais da história operária, a tentativa de recuperar a tensão entre o individual e o social, a preocupação em resgatar facetas diversas das personagens biografadas (...)"*²⁹⁶

²⁹⁵ AGUIAR, Alcimo Cavalcante de. *Início do movimento: Moacir Caminha*. In **XV Congresso Brasileiro de Esperanto**. Niterói: Gráfica Esperanto, 1957, p. 56.

²⁹⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. *Trajatória e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro*. In **Projeto História, cultura e trabalho**, pp. 233-244. São Paulo: EDUC/PUC, 1981. Como parte da discussão sobre os estudos biográficos, ver KHOURY, Yara M. A. *Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários*. In **Revista Brasileira de História**, v. XVII, nº 33, pp. 112-149. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUÍ, 1997; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984; PARIS, Robert. *Biografias e "perfil" do movimento operário – algumas reflexões em torno de um dicionário*. In **Revista Brasileira de História**, v. 17, nº 33, pp. 9-31. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUI, 1997; e ROMANI, Carlo. *A Aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori*. In **Revista Brasileira de História**, v. XVII, nº 33, pp. 150-166. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUÍ, 1997.

Ou enfatizando de outro modo: tendo como uma das questões teóricas centrais nas biografias "*a necessidade de se recuperar a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social, entre o pessoal e o contextual*". O olhar mais acurado sobre algumas personagens que E. P. Thompson qualifica como "*minorias com linguagem articulada*", torna possível escapar das explicações generalizantes sobre o movimento operário, e localizar a forma de recepção das idéias socialistas européias, descobrindo os elementos ressaltados e as influências diversas que moldaram a visão de mundo desses primeiros socialistas; opinião também partilhada por S. Petersen e E. Lucas, que levam na devida conta o processo local de reelaboração das idéias socialistas, visto que não eram importadas mecanicamente.²⁹⁷

Não se trata também de enveredar pelo caminho já observado em estudos sobre *mitos e heróis*, de tipificar destacados militantes do movimento operário como heróis ou "lideranças carismáticas", porque atuantes em um meio sócio-histórico em que se expressavam como "minorias militantes". O que quero por em relevo é que do trabalho empírico ressalta um largo conjunto de evidências, revelando dimensões da vida militante de personagens, conferindo-lhes em alguns episódios a distinção de "pessoas extraordinárias", para usar a expressão de Eric Hobsbawn.²⁹⁸

O Regenerador (1908) é seu primeiro experimento de difusão das ditas idéias avançadas e audaciosas. Nele, Moacir Caminha divulga textos de P. Kropotkin e M. Gorki, mas todo o jornal está impregnado do espírito do tempo: a indignação com a injustiça é paralela ao desejo esperançoso de uma "regeneração" da sociedade que só

²⁹⁷ PETERSEN, Sílvia R. F. & LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tché!, 1992.

²⁹⁸ SILVA JR., Adhemar Lourenço da. *O Herói no movimento operário*. In FÉLIX, Loiva Otero & ELMIR, Cláudio P. (orgs.) **Mitos e heróis. Construção de imaginários**, pp. 111-139. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, pp. 111-139.

podia brotar, segundo ele, da Revolução Social. Kropotkin e Gorki são duas figuras representativas dessa época, um pensador e outro escritor, ambos revolucionários e russos. Seus escritos inspiram a nova coreografia do verbo que **O Regenerador** iria introduzir no Ceará desse começo do século XX.

Os escritos (e a influência) de Kropotkin e Gorki são divulgados n'**O Regenerador**, ao lado de outros textos também impregnados por esse espírito do tempo, onde a fé revolucionária e o anticlericalismo marcam o discurso da indignação social. Do anarquista russo o jornal publica um extrato de um de seus livros mais famosos, **À Gente nova**, um apelo ao engajamento da juventude na luta social. De Maximo Gorki reproduz um extrato de um de seus escritos autobiográficos, **Na Prisão**.²⁹⁹ Em francês é estampado o texto **La Revolution Sociale**, onde o tema da mudança radical do sistema social é apresentado. Talvez não seja por acaso que este jornal libertário esteja marcado pelos pensadores russos Kropotkin e Gorki. A revolução russa de 1905 e a agitação social nesse país tinham chamado a atenção dos revolucionários do ocidente. **O Regenerador**, acompanha esse deslocamento do olhar dos militantes sociais, no tempo e no espaço, como que adivinhando as novas coreografias que a luta social iria construir nas décadas seguintes.

No Ceará, no começo do século, parece pertencer a Caminha a condição de primeiro socialista libertário, ou pelo menos o primeiro que, de forma aberta, expressou através de sua militância essas idéias, já que Joaquim Pimenta, embora se definisse como anarquista, ficara inicialmente envolvido na propaganda anticlerical. Moacir Caminha, nos jornais, nos grupos que organiza, nos textos que publica, propaga o pensamento libertário e fala de seu apego á idéia de liberdade, solidariedade e justiça; e

²⁹⁹ **Na Prisão**, vivo relato de Maximo Gorki das arbitrariedades cometidas pela polícia contra manifestantes políticos, descrevendo "*as angústias que caem sobre essa gente vencida sem combate*".

sobretudo, afirma sua recusa ao capitalismo como forma de organização da vida social. Uma imensa recusa – princípio ético da justiça e da liberdade, tendo como corolário, a negação do capitalismo e a construção de uma sociedade igualitária.

Seu desprezo pela ordem capitalista é quase do mesmo tamanho – em sentido inverso – de sua fé na nova sociedade. Daí a devoção quase litúrgica com que se aplica, fundindo os misteres de jornalista e professor, como semeador de idéias libertárias no Ceará.

O Regenerador tem características singulares quando comparado com os outros jornais aqui apresentados. Diferentemente dos demais, não é porta-voz de um partido, de uma associação operária, não representa o ponto de vista de uma profissão; nasce junto com a formação do *Clube Socialista Maximo Gorki*.

A própria idéia de formação de um clube socialista, indica que o ponto de partida de Caminha é a divulgação dos textos doutrinários, reunindo, via jornal e Clube, um público em torno do qual se dá a difusão do pensamento socialista. A este respeito observe-se que as notícias do surgimento de clubes socialistas no Brasil vêm de 1878, e sua inspiração já se encontrava no legado dos socialistas utópicos, Fourier em particular.³⁰⁰

O seu pensamento é matizado por múltiplas influências: não prossegue na trilha socialdemocrata aberta n'**O Combate** (1891) e vai em busca de inspiração na tradição que, segundo ele, inicia-se no postulado da Revolução Francesa:

"Olha para o passado, Burguês; contempla a sombra da Revolução Francesa e (...) adora pela ultima vez teu rico capital, chora a sua perda que hoje ou

³⁰⁰ Ver, por exemplo, em BANDEIRA, Moniz. **O Ano vermelho, a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 11. O estudo aponta a inspiração dos clubes "de certo modo, nas idéias marxistas que o Partido Social Democrata da Alemanha, sob a direção de August Bebel e Wilhelm Liebknecht, divulgava pelo mundo". O autor cita três semanários de tendência socialista, publicados em 1878: **O Internacional Socialista** (Salvador), **O Socialista** (Rio de Janeiro) e o **Tribuna Socialista** (Pelotas).

amanhã chegará a redenção se aproxima e teu ouro será entregue a seu dono.
(...)

O desabamento do primeiro castelo feudal pronunciou a Queda do Absolutismo e a Tomada da Bastilha o destino das testas coroadas: a greve prenuncia a queda do 'Imperador Milhão'.

*Uni-vos, homens do trabalho! Nunca vos esqueçais de que: A União faz a Força. (...)*³⁰¹

Não estou, como é evidente, postulando uma inflexível e linear descendência, repito, o que apagaria sua originalidade e efeito criadores, mas confirmando sua participação numa tradição. Eric Hobsbawn, em ensaio sobre as Tradições Operárias, localiza na doutrina clássica do jacobinismo radical a matéria de inspiração dos programas operários, que de forma patente recorrem a Robespierre e Saint-Just, ou a Hébert e Jacques Roux. Exemplar nesta direção é Émile Pouget, anarquista, que em 1890, adota como modelo para seu jornal (do título ao estilo) **Le Père Peinard**, o jornal de Hébert, **Père Duchêne**.³⁰² Porque tal modelo de ideologia revolucionária não alcançaria Moacir Caminha, com óbvias inclinações ao anticonservadorismo e propenso a acolher e difundir as "ideologias da revolta"? Ademais, já a partir de 1817 ressoam no Nordeste as ideologias românticas, na vaga do nascente liberalismo. É o caso da efêmera República de oito dias nas cidades de Crato e Jardim, no Ceará de 1817. A propósito da vaga revolucionária das primeiras décadas do século XIX, Djacir Menezes encontra nelas os ecos jacobinos:

"(...) Todo o Nordeste treme, Recife agita uma ideologia soprada dos quadrantes europeus. Republicanos crioulos, jornaizinhos empenachados de grandes palavras mágicas, cérebros alimentados de 89 e aturdidos por aragem jacobina, estonteados e líricos, tangidos em arroubos demagógicos, encarnam interesses mais profundos entrajados nas roupagens doutrinárias importadas.
(...)"³⁰³

³⁰¹ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

³⁰² HOBBSAWN, Eric. **Pessoas extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz**. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 76.

³⁰³ MENEZES, Djacir. *Síntese de História do Ceará*. In **Almanaque do Ceará**. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1940, p. 70.

Assim, **O Regenerador**, de Moacir Caminha, pode também ser lido como um "eco óbvio do jacobinismo" e o seu Clube Socialista Maximo Gorki está evidentemente ancorado na memória dos clubes que proliferaram na Paris revolucionária. Desta retém o símbolo revolucionário da Bastilha e a consigna de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, atualizando este acento francês em seu jornalismo de propaganda e em sua militância:

"Proletários, uni-vos!

Este é o brado que repercute por todo o orbe, vibrado pelo infeliz proletariado, exausto de sofrer, que infatigável e sempre altivo, luta para proclamar sua liberdade, nos séculos conspurcada.

Esta liberdade não é reclamada pelos servos da gleba ao senhor feudal, não é exigida por um povo a uma nobreza corrupta e ociosa. Não. É uma liberdade mais augusta, um Ideal mais sublime – é a humanidade que quer libertar-se de um senhor mais odioso que o barão medieval, mais infame que o nobre da corte de Luiz XV: – o Burguês, detestável capitalista, que para satisfazer a pança, multiplicar seus gozos, ostentar seu luxo, amontoar o deus dólar e a deusa esterlina, flagela milhares de indivíduos pobres e honestos que, para obterem o pão negro de cada dia, sujeitam-se ao jugo que lhes é imposto.

É o burguês vegeta e oprime sob a Santa benção da Igreja e a garantia da baioneta do escravo fardado...

O nosso fim é trabalhar para o bem do operário e a extinção dessa classe vil e degenerada. A luta é árdua, mas a vitória será infalível se as classes sofredoras unirem-se e perseverarem.

*Trabalhemos que alcançaremos. Nada de desânimo.*³⁰⁴

Veja-se agora a combinação simbólica realizada por Caminha: entre o título do jornal e a denominação do Clube, interpõem-se as alegorias mais caras à tradição revolucionária inaugurada na Europa. Se o seu discurso aponta o sentido de futuro como redenção dos explorados, o tempo fundador é o passado. Sua formulação de "Regeneração" em alguma medida repõe ou parece descender de Thomas Paine, que via *"na nova era uma cena tão nova e transcendentalmente inigualada para qualquer coisa*

³⁰⁴ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

*no mundo europeu, que o nome de revolução é diminutivo de seu caráter, e ergue-se numa regeneração do homem" (grifo meu).*³⁰⁵

Se na imprensa operária dessa época são comuns títulos que evocam revolução, rebeldia, solidariedade, a palavra regeneração – que aparece com alguma frequência nos textos libertários – influenciou não só o título do jornal redatoriado por Moacir Caminha. Em Portugal, nos anos de 1914-1915, circulou o jornal anarquista **A Regeneração**. Em 1900, no México, **Regeneración** foi o título do famoso jornal dos libertários irmãos Flores Magón, uma voz combativa que influenciou a revolução naquele país.

Os demais artigos d'**O Regenerador** são assinados sob pseudônimos usados por Moacir Caminha (Alexis Michailon, Maximo Benoni, Juan Lopez, Jean Sans Peur) e seus companheiros de aventura intelectual. Retira seu lema do dístico *Regenerar, Combatendo*. Em seu expediente há um certo tom conspirativo, de semiclandestinidad, quando convida para as reuniões do Clube: "*Convidam-se a todos os companheiros para assistir à Assembléia Geral desta Sociedade, a reunir-se segunda-feira no lugar e hora do costume.*"

Combinando a epígrafe *Regenerar, Combatendo*, às supostas características do Ceará "Terra da Luz", espaço de semeadura da Liberdade, o jornal destaca a importância da difusão das idéias através de um vigoroso instrumento – o jornal. Eleva-o à categoria de instrumento privilegiado, visto que a Imprensa "*distribui a hóstia das Idéias, a palavra que convence*".

"A luta iniciada na terra da luz e da liberdade em prol das reivindicações proletárias. Luta sublime de Liberdade e Amor e a expressão mais eloqüente do sentimento altruísta que vibra em nosso ser.

³⁰⁵ HOBBSBAWN, Eric. *Tradições Operárias*. In **Pessoas extraordinárias...** Op. cit., p. 9.

Ela é árdua e cheia de sofrimento, mas a nossa coragem é forte e indômita como os verdes mares que banham as nossas praias.

Seja a nossa couraça, a Energia; o nosso escudo, a União.

Sejam as nossas armas a Imprensa onde se distribui a hóstia das Idéias, a Palavra que convence (...)."³⁰⁶

O **Regenerador**, em seu editorial de apresentação, retoma as palavras-chave *Regenerar*, *Combatendo*, para expor seu programa. Parte de uma pergunta: "*Quem há que não entristeça, quem é que pode sufocar a indignação contra os males que acabrunham as sociedades modernas?*" Desenvolve a partir daí um longo texto pontuado de imprecizações contra a vilania dos sistemas e a degeneração da sociedade burguesa. A linguagem utilizada no texto, bastante rebuscada, é visivelmente inspirada nos romances que têm a questão social como pano-de-fundo:

"Entrai no seio das grandes cidades, penetrai no ritmo da existência social. Quanta podridão! quanta vilania! Percorrei o lar; ali um choro de criança vos acorda o horror de um drama. Aquela criança tem fome! Aquele lar não tem luz e não tem pão. Um gemido fúnebre, uma blasfêmia vos faz recuar ainda. É a esposa que atormenta, é o esposo que desespera. Extemuados e cobertos de andrajos, sofrem uma agonia lenta, indefinida (...)."³⁰⁷

Termos e expressões como lamaçal, lodo, servilismo, fúnebre, podridão, depravação de caráter, mesquinhos interesses, mercenários vagabundos, perpassam o texto em sua construção sobre o que qualifica como "*o imenso oceano da vida social*" que precisa ser regenerado. Chama a atenção para a violação do Direito, denuncia a usurpação da Justiça e da Lei, sempre a serviço de interesses contrários aos do operariado: "*A Justiça, servindo de instrumento a mercenários vagabundos, a espoliações vergonhosas e repugnantes; a Lei, de esconderijo de assassinos e bandidos, que riem ás gargalhadas dos mais santos e invioláveis princípios do Direito.*"

³⁰⁶ O **Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

³⁰⁷ O **Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

As tintas com que apresenta a situação dos operários são carregadas e o quadro que resulta é sombrio, como nos romances realistas que compõem seu rol de leituras:

"Ouvís ao longe o ruído de uma oficina. Dirigi-vos para lá. Encontrareis suarentos e fatigados homens, mulheres e crianças seminuas, as faces cadavéricas e macilentas, os olhos amortecidos, o andar vagaroso e cambaleante.

Trabalham o dia inteiro.

Mudos como estátuas, nem um leve sorriso desliza á flor dos lábios desmaiados, nem um gesto de viver feliz!

Tristes, cabisbaixos, voltam ao casebre escuro e desprovido de tudo, comprimindo o estômago vazio, sem forças e sem esperanças. É o operário, é o homem que se curva ao peso da ferramenta a vida inteira para alimentar e enriquecer uma multidão enorme de ociosos e de ladrões.

É o operário, a eterna vítima das explorações pequeninas do capitalista miserável, dos parasitas, nas cadeiras presidenciais, nas igrejas, nos quartéis, em toda a parte.

E o operário, o escravo moderno, que de grilhetas suporta, sem poder reagir, que lhe roubem o pão, que lhe suguem o sangue, que lhe violem todos os seus direitos."³⁰⁸

Este quadro, terrível e sombrio de sofrimento, que parece sem fim, é a forma que o jornal utiliza para conquistar a adesão pela emoção, como que desejando cultivar no leitor um sentimento de aversão e repulsa ante o peso da exploração, transferindo para o leitor a reflexão sobre o tempo e a história:

"Até quando esta imolação humana ensangüentando as páginas da História?

Até quando tanto sofrer?

Eternamente? Jamais! Enquanto houver um coração que sinta! Jamais! enquanto houver um pensamento grande!

Tal sentimento é temperado com o ingrediente da esperança, na crença do futuro. O futuro dirá se é utopia a nossa crença, se é infrutífera a nossa peleja.

Apregoar as idéias novas de Direito e de Justiça, professar a doutrina que há de reformar as sociedades humanas sobre bases mais solidas, eis a nossa orientação, em síntese: – REGENERAR, COMBATENDO!"³⁰⁹

³⁰⁸ O Regenerador, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

³⁰⁹ O Regenerador, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

Alimentado por esse forte conteúdo de esperança, confia à potência transformadora do Homem o fim de um sistema que semeia iniquidades e visiona o tempo do Progresso como o da conquista da Liberdade: *"Tropeçando aqui e ali, detendo-se, por instantes, diante das barreiras mais fortes a humanidade não pára e caminha sempre na estrada do progresso, do ocaso da escravidão para o nascente da liberdade."*

Num crescendo, conclui a apresentação de seu programa tendo como recurso finalístico a crença no Socialismo, profissão de fé e fervor religioso informando o texto: *"E jamais nos falte o ardor e a fé na vitória certa do Socialismo, que erguerá um dia o templo novo das crenças sociais, onde a Solidariedade e a Igualdade serão divindades onipotentes da vida humana."*

Adotando como mote *"a vitória é certa!"*, o jornal conclama os operários a não arredarem pé do caminho das conquistas dos direitos, avaliando que o momento histórico é oportuno para a conquista das reivindicações operárias. Afirma um discurso em que o altruísmo é virtude extremada, uma vez que para a glorificação da luta mesmo a morte é menor diante da magnitude da empreitada:

"Que importam as ameaças dos déspotas usurpadores da nossa liberdade, do nosso trabalho?"

Que importam os insultos quando são atirados pela canalha mercenária, por miseráveis sem dignidade, caráter e honra?"

Que importa a morte, quando se morre em defesa do ideal sacrossanto da Solidariedade Humana, quando se morre em defesa dos infelizes escravizados, pelo burguês infame, pelo padre hipócrita e cínico, pelo pretoriano de hoje?"

Avante Camaradas! (...)"³¹⁰

O discurso de exortação do operariado cearense não busca apenas os marcos sociais da memória, da tradição e dos ritos operários. Destaca a condição dos

³¹⁰ O Regenerador, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

trabalhadores no Ceará, chamando atenção para as extenuantes jornadas de trabalho (de 10 a 12 horas), os baixos salários, as punições e multas, entre outras situações experienciadas no confronto entre o capital e o trabalho. Exemplar nessa direção é o apelo à solidariedade e à coesão dos empregados da Cia. de Bondes frente às suas desventuras. Partindo de uma indagação: "*Qual o motivo pelo qual o nosso proletariado sujeita-se humildemente às exigências do patrão?*", o articulista responde:

"É a falta de união entre as classes: cada um trata de interesses pessoais sem ligar importância ao sofrimento do companheiro. É o que acontece por exemplo, entre os empregados dos bondes; trabalham 10 ou 12 horas por dia, humilhados e multados por motivos insignificantes sem direito de reclamar contra os abusos e demasias, pois, seriam presos ou expulsos ou, quando pouco multado, em proveito do chefe, que só trata de acumular dinheiro, aquele que há tanto se atravessar. É o cúmulo!

Tudo isso eles suportam em troca de uma migalha que mal chega para matar a fome! E sujeitam-se, senão no dia seguinte nem isso terão."³¹¹

Embora não sendo um jornal sindical, nem um órgão de representação de classe,

O Regenerador adota a consigna *Proletários cearenses, uni-vos*, adaptando a histórica palavra de ordem que o movimento operário internacional adotou como síntese da unidade da classe operária contra o capital. Uma palavra de ordem que nele se anuncia pedagógica, de convencimento, mas ao mesmo tempo também radicalmente crítica, ao estabelecer um divisor de águas entre os operários conscientes e aqueles que se acomodam à sua condição social subalterna: "*Não é digno de receber o glorioso nome de operário o covarde que deixar-se ficar em casa; quando os seus valentes companheiros lutam heroicamente em prol das reivindicações sociais (...).*"

A fundação do Clube Socialista Maximo Gorki e do jornal **O Regenerador**, insere-se no movimento mais geral das modificações que estão ocorrendo no panorama da imprensa dos trabalhadores no Brasil e, em particular, da imprensa anarquista. O

³¹¹ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

Ceará não está fora desse quadro e Caminha é um de seus principais animadores. Do Clube Socialista e d'O **Regenerador** saem boletins, notas, manifestos e panfletos que confirmam sua participação no movimento das idéias, e de sua difusão no Ceará de então. Têm o que dizer e estão dispostos a formar um público. Do Rio de Janeiro, o periódico anarquista, **A Terra Livre** noticia, em abril de 1908, o envio, pelo Clube Socialista Maximo Gorki, de dois boletins distribuídos em Fortaleza, em 5 de fevereiro a propósito do regicídio de Lisboa.

*"Num deles, [o Clube] aplaude a execução do tirano real, no outro, protesta contra a asquerosa hipocrisia e revoltante injustiça da imprensa burguesa e mercenária que calou subservientemente os atentados do Poder em Portugal, e apressou-se a falar de compaixão, direito, liberdade, justiça, respeito à vida, quando os oprimidos responderam à violência com a força."*³¹²

Sobre o episódio do assassinato de D. Carlos, Rei de Portugal, e do Príncipe D. Luís, manifestam-se Joaquim Pimenta e Moacir Caminha, através do artigo *Ideal Rubro*, distribuído nas ruas de Fortaleza, fazendo a defesa dos *"executores do tirano real"*, nestes termos:

*"Não via nos assassinos criminosos vulgares, mas homens que sacrificavam a própria vida por um ideal de humanidade. Excluía-os da galeria sinistra dos facinoras, para erguê-los bem alto, entre os mártires e heróis de amanhã, glorificados com estátuas e templos, evocados e reverenciados por gerações genuflexas (...)"*³¹³

A imprensa situacionista de Fortaleza responde já na manchete que torna-se o mote para a perseguição dos que participam do Clube Socialista Maximo Gorki: *"Dezesseis infelizes! Réprobos da classe acadêmica"*. A perseguição policial é a norma do longo período de Nogueira Accioly, a oligarquia combatida também pelo Clube. A esse respeito veja-se esta passagem de Herman Lima, em suas memórias: *"(...) Um grupo de estudantes da Faculdade de Direito, chefiado por Joaquim Pimenta e Moacir*

³¹² **A Terra Livre**, ano III, nº 59, 09/04/1908. Rio de Janeiro.

³¹³ LIMA, Herman. **Poeira do Tempo** (memórias). Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 10.

*Caminha, declarados 'anarquistas', periodicamente se manifestavam também contra os atentados políticos [do governo Accioly].*³¹⁴

Como se vê, a oposição à oligarquia aciolina é matéria dos escritos e das passeatas e manifestações de rua, de crescente caráter popular. Desde 1908, até a deposição de Nogueira Accioly, participam os militantes Caminha, Pimenta e tantos mais. Presumo seja já dessa época a forma pejorativa como Caminha é tratado pela imprensa da situação, tantas vezes depois repetida pelos círculos conservadores: "*Caminha, o gritador das ruas*".

Não sei quanto tempo terá durado o Clube Socialista Maximo Gorki (sei que essa foi uma das várias iniciativas de Moacir Caminha, que compôs uma movimentada trajetória militante no Ceará e, depois, no Rio de Janeiro), mas a repercussão obtida em Fortaleza, é logo avistada. A conjuntura política local marcada pela crescente campanha pela deposição de Accioly propicia a expressão do sentimento de rebeldia. Hermenegildo Firmeza afirma que no período

*"organizaram-se, neste Estado, ligas de toda natureza – masculinas, femininas, infantis, operárias, de homens do mar, carroceiros, negociantes, caixeiros, estudantes e outros mais. Era um verdadeiro delírio popular. Tocavam ao auge as manifestações diárias. (...) Todos fugiam ao trabalho para ir tomar parte nos comícios, nas palestras, nas manifestações que se improvisavam (...)"*³¹⁵

Nessa fase de agitação política, o Clube Socialista Maximo Gorki fazia sua parte, tratando de ampliar seu público em torno das idéias libertárias: distribuindo panfletos, convocações para comícios, ajudando a organizar passeatas de protesto contra os desmandos da oligarquia aciolina. A alcunha de "anarquistas" é a senha da perseguição da polícia de Accioly aos ativos militantes do Clube. Como em tantas

³¹⁴ LIMA, Herman. *Pocira do Tempo*. Op. cit., p. 10.

³¹⁵ FIRMEZA, Hermenegildo. *Depoimento*. In *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1963. A respeito das arbitrariedades da oligarquia aciolina, como ainda da explosão popular no
(continua)

partes, a adesão às idéias libertárias e ao pensamento de conhecidos teóricos anarquistas, motiva a perseguição e o tratamento pejorativo. Aqui e ali recolho passagens de alguns memorialistas referentes a Moacir Caminha, como "o anarquista", com as aspas, que explicitam a criminalização do termo.

Se é certo que várias das iniciativas de Caminha (com outros) tiveram vida efêmera, o fato não leva o pesquisador a seguir a via do senso comum – vida curta, fôlego curto. É preciso considerar a ação dos personagens frente às adversidades do meio. Sugestivas nessa direção são as observações feitas, de Portugal, por Neno Vasco em relação à propaganda anarquista no Brasil. Para ele, a propaganda seguida e sistemática encontra naturalmente no Brasil *"obstáculos mais numerosos do que nos países de população fixa, indústria desenvolvida, opinião pública formada e tradições revolucionárias"*. Acrescenta ainda que *"às causas históricas da falta duma opinião pública, forte e vibrátil, adicionam-se, no campo econômico e social, sob o ponto de vista proletário, as que estorvam a organização do operariado e a difusão das doutrinas socialistas"*.

Assim é que se pode situar a ação dos militantes e suas debilidades:

*"Mais do que recursos pecuniários e cooperadores, escasseiam propagandistas, pela palavra oral e escrita. Tomados uns pelo ganha-pão extenuante e absorvente; fatigados outros pelo excesso de labor de propaganda a pesar sobre os ombros de poucos e pelos obstáculos encontrados, (...) os militantes anarquistas não podem fazer face às eventualidades e necessidades do movimento; as suas manifestações são esporádicas, incertas e tardias; (...) Um ou outro grupo mantém heroicamente a continuidade da ação, lança de vez em quando um manifesto, espalha de longe a longe um boletim, publica um ou outro número de jornal, edita algum folheto. (...) E no entanto não faltam lá anarquistas brasileiros e portugueses, inteligentes, dedicados e sinceros."*³¹⁶

período, ver PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993, p. 48.

³¹⁶ **A Sementeira**, ano III, nº 33, maio/1911, p. 262. Lisboa.

Em 1912, Caminha é redator do **Jornal da Manhã**, sob a direção de Luís Santos. No mesmo ano participa com outros da organização do Clube dos Repórteres, de curta existência. No ano seguinte, em substituição ao **Jornal da Manhã**, surge **O Radical** (24/05/1913), em que Moacir Caminha é diretor. À frente d'**O Radical**, como um dos redatores, Caminha publica uma edição comemorativa do Dia do Trabalho, aberta com os primeiros versos de Joaquim Alves, *Ode ao Operário*, e organiza a manifestação do Primeiro de Maio de 1914 em Fortaleza, tida pelos testemunhos do período como a primeira manifestação operária de Primeiro de Maio com traços libertários de que se tem notícia na cidade. Entre seus contemporâneos é a memória de Gastão Justa que recupera esse episódio:

"(...) estivemos novamente juntos [Gastão Justa e Joaquim Alves] na primeira manifestação operária – manifestação operária no sentido libertário do termo – levada a efeito num dia Primeiro de Maio [1914], por Moacir Caminha, conhecido educador cearense, tido também como anarquista perigoso. (...)"³¹⁷

No mesmo ano, **A Voz do Trabalhador** se refere a Moacir Caminha, destacando o conteúdo de sua militância:

"Recebemos a visita do 'Jornal da Manhã', diário independente que se publica em Fortaleza, no Ceará. É seu diretor, o nosso camarada Moacir Caminha, que desta forma vem prestando, com a difusão das doutrinas pregadas por Kropotkin, Faure, Reclus, Malatesta e outros, um braço forte na luta que transformará a sociedade iníqua de hoje na equitativa e justa de amanhã".

Por essa época, tornam-se regulares seus contatos com a imprensa e os grupos anarquistas do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Lisboa, não apenas distribuindo alguns títulos em Fortaleza, como ainda participando do *Grupo Libertário Amigos d'A Plebe*, do *Comitê Pró-Flagelados da Rússia* e das iniciativas dos grupos de divulgação do Esperanto. Tais contatos credenciam-no junto aos articuladores do II Congresso Operário Brasileiro, que se realiza em 1913. Tal é o testemunho d'**A Voz do**

³¹⁷ **Unitário**, 27/07/1952. Fortaleza (transcrição do discurso pronunciado na Sessão Solene da Academia Cearense de Letras, em homenagem à memória do prof. Joaquim Alves, no dia 10 de julho de 1952).

Trabalhador quando diz esperar que "o camarada Moacir Caminha seja em Fortaleza o porta-voz da Confederação Operária Brasileira nas lutas iniciadas para a organização das classes operárias, isentas da política e sob as bases do sindicalismo (...)"³¹⁸.

Das décadas seguintes é a acirrada disputa de projetos no interior das entidades operárias no Ceará, notadamente com o crescimento da influência católica, da criação dos Círculos Operários, da sindicalização sob orientação da Legião Cearense do Trabalho. Seus textos em **O Regenerador** já expressam a tendência anticlerical e o franco combate à influência dos padres da Igreja Católica e aos prosélitos da mesma orientação, visto terem eles nos pobres em geral e, no movimento operário em particular, seu público preferencial, como aqui:

"É preciso lançar por terra, este espantoso que há seis mil anos quase assombra a humanidade, disse Guerra Junqueiro e repetimos nós; é preciso derrubar os últimos baluartes da hipocrisia fradesca; é preciso expulsar da sociedade as cogulas dos monges, esses defraudadores da religião sublime de Cristo, que vivem a custa do corpo do mártir do calvário!"³¹⁹

O anticlericalismo era desde o século XIX um componente básico do discurso libertário, sendo os textos de Bakunin e Faure, ao lado de outros, como os de Emílio Bossi, uma referência para os livres-pensadores da época. Alguns dos quais se aproximaram do anarquismo justamente pela afinidade com esse discurso libertário anticlerical. Esse foi o caso, no Brasil, de um Benjamin Mota e de um Joaquim Pimenta, que parecem haver chegado ao anarquismo por esse caminho.

Tais disputas adquirem clivagens ainda mais definidas quando vão chegando os anos 30. Moacir Caminha é uma das figuras destacadas nos embates que se travam contra os chefes da Legião Cearense do Trabalho, da Ação Integralista e da Liga

³¹⁸ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 30, 01/05/1913. Rio de Janeiro.

³¹⁹ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

Eleitoral Católica, chegando inclusive a criar o Partido Republicano Socialista do Ceará. Vários fatos estão registrados nas páginas da imprensa do período. Um deles é demonstrativo do grau de acirramento das disputas: no dia primeiro de maio de 1934, o diretório do P. R. S. do Ceará lança um documento intitulado *Declaração da Ofensiva de Maio*, cujo eixo é o combate ao integralismo.³²⁰

Para esse período a pesquisa nos jornais **O Legionário** e **O Nordeste** confirma, em diversas notícias e artigos, o grau de acirramento entre as hostes legionárias e os grupos militantes da Liga Operária Independente e do Partido Republicano Socialista do Ceará. **O Legionário**, em suas edições de novembro de 1933, intensifica o combate às manifestações antiintegralistas, sendo Moacir Caminha um dos seus alvos preferenciais (citado nos artigos ora como socialista, ora como anarquista, ora como perigoso elemento comunista). Os antagonismos não se explicitam apenas no debate via imprensa, recheados de agressões verbais sucedem-se episódios de brigas de rua e cenas de espancamento, métodos de coação física utilizados pelos legionários.³²¹

De seu labor no Educandário Cearense até meados dos anos 30, quando muda-se para o Rio de Janeiro, encontra-se uma ligação com os movimentos estudantis que se estão organizando em Fortaleza no início dos 30. É no Educandário Cearense que se

³²⁰ Localizei o documento *Declaração da Ofensiva de Maio* na coluna *Do Norte Rebelde*, do jornal **A Plebe** (09/06/1934. São Paulo).

³²¹ Para que se dimensione o "clima de acirramento", tome-se como evidência essa carta de Moacir Caminha (de 20/11/1933), dirigida ao chefe da Legião no Ceará, Ubirajara Índio do Ceará: "*É com tristeza e vergonha que dirijo a V. S. estas linhas. Eu me explico. Ontem, as paredes e portas de meu colégio apareceram borradas a alcatrão e a tinta parda, com o sigma integralista. É uma molecagem muito própria dos nossos garotos o riscar paredes e muros, é verdade. O caso, porém de que trato tem alguma importância. Não se concebe que um partido de 'elite', um partido que se traçou o programa de regenerar o Brasil, possua entre seus membros insultadores e borradores de paredes. Isso é triste e isso é miséria demais! Entre os comunistas (que são inimigos de Deus, da Pátria, da Família, da Honra, do Casamento, da Igreja, dos Padres, da Propriedade, da Água, do Fogo, da Terra, do Mar, da Farinha e do Feijão) nada é de admirar: são seres vis... Mas entre os nobres integralistas não é possível tal baixez... Não peço providências nem ameaço: evitemos, porém, ensanguentar o Ceará! É um conselho de inimigo leal. Tudo tem limites, inclusive a paciência humana.*" (**O Legionário**, ano I, nº 39, 25/11/1933. Fortaleza)

iniciam as atividades do Centro Liceal de Estudos, que editava a revista **Mocidade**. O Centro Estudantal Cearense, considerado por alguns de seus organizadores como "*uma grande entidade*", teve sua primeira sede também no Educandário Cearense, donde se conclui o apoio de Caminha à organização da juventude estudantil. Pelas memórias de alguns ex-alunos, recolhe-se algumas dimensões da vida de Caminha, como neste depoimento do escritor e jornalista Antonio Girão Barroso:

"Também participei do Centro Estudantal Cearense, onde tive uma atuação muito grande, inclusive como redator estudantil cearense. O Centro foi talvez a entidade maior que houve no Ceará e talvez até no Brasil, em termo estudantil. (...)

O Centro Estudantal Cearense teve sua primeira sede no Educandário Cearense [de] Moacir Caminha, que inclusive era anarquista. Professava a ideologia anarquista de Kropotkin, Bakunin, etc. Não sei se fazia isso por brincadeira ou anarquia. Andava todo de branco, de gravata, aquele negócio! Vinha para a Praça do Ferreira com uma bomba na mão. Acho que era loucura mesmo. (...)"³²²

A década de 40 vai encontrar Moacir Caminha no Rio de Janeiro. Ali, com sua companheira, a advogada Maria Ieda de Moraes, funda o jornal **Remodelações**³²³, semanário comunista libertário. Para Edgar Rodrigues, coube a Caminha o mérito de "*tocar e reunir os anarquistas*" em 1945, com a publicação do jornal **Remodelações**. Era o reaparecimento público do anarquismo após uma década de derrotas – a de 1930 – em que a divisão sindical provocada pelo partido comunista e a violenta repressão do Estado Novo tinham praticamente pulverizado o movimento.

³²² SOUSA, Simone & PONTE, Sebastião Rogério. **Roteiro sentimental de Fortaleza. Depoimentos de história oral**. Fortaleza: UFC/NUDOC/SECULT, 1996, pp. 120-121. Na mesma publicação, Moreira Campos, em seu depoimento, relata ter sido aluno do Educandário Cearense, no início da década de 30.

³²³ **Remodelações**, circula com o primeiro número em 10/10/1945, semanário de orientação comunista libertária, publicado às quintas-feiras, com redação na avenida Rio Branco, Rio de Janeiro. Preço avulso: cr\$1,00, assinatura: cr\$50,00 e para os Estados: cr\$70,00. Quatro páginas, tamanho 36x55. A Diretora Proprietária é Maria Iêda de Moraes e o Redator Chefe é Moacir Caminha. Traz em seu número XI, de 22 dezembro de 1945, em oitenta artigos, um documento intitulado *Bases Constitucionais da República Comunista Libertária do Brasil. A Aplicação da teoria às condições atuais do país*.

O jornal, que se afirmava comunista libertário, tinha como objetivo colaborar na criação de uma Confederação Libertária Brasileira, mostrando um militante preocupado em contribuir para a reorganização dos anarquistas brasileiros e atualizado com o que ia acontecendo no movimento libertário internacional.

Ao publicar em **Remodelações** as *Bases Constitucionais da República Comunista Libertária do Brasil*, Moacir Caminha dá um passo ousado no sentido de "remodelar" as idéias anarquistas, adotando um discurso marcado pelo pragmatismo possibilista e pela institucionalização de um modelo social libertário. Esta sua posição, marcada pela heterodoxia, provocou polêmica nos meios anarquistas, originando uma resposta de José Oiticica no mesmo jornal em defesa dos princípios ácratas que, apesar de responder às mesmas preocupações de Caminha, mantêm-se dentro da estrita tradição anarquista.³²⁴

O que fica claro é que os anarquistas, nos primeiros anos do pós-guerra, saídos de várias derrotas decisivas e marcados pela experiência da Revolução Espanhola, tentavam pensar novas estratégias adequadas às mudanças sociais que estavam vivendo. Até que ponto as idéias e estratégias libertárias mantinham a sua validade e em que medida precisavam ser reformuladas, tais eram as dúvidas subjacentes a esses debates. Moacir Caminha foi quem, no Brasil, mais avançou nessas indagações.³²⁵

Entrados os anos sessenta, mesmo a ação do tempo não lhe enfraquece o ânimo. Com seu ofício de professor, está às tardes dando aulas no salão do Centro de Estudos

³²⁴ RODRIGUES, Edgar. *A Nova aurora libertária*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

³²⁵ Ainda em 1945, publicaria o *Curso Popular de Sociologia*, onde explicita esse "reformismo libertário", que nem todos aceitavam, mas que vindo de um velho militante, era sintomático dos problemas e impasses com que se debatia o movimento anarquista. O *Curso* resulta, como afirma Caminha na abertura, "*das notas das aulas de um curso popular de sociologia há anos professado por mim*". O texto das lições ainda está marcado por uma visão do começo do século, uma herança do século XIX, de um progresso linear e positivo da ciência, do homem e das instituições, onde se preserva o espírito regenerador que Moacir Caminha apregoava em 1908.

José Oiticica, na avenida Almirante Barroso, no Rio de Janeiro. Data desse período o convívio entre Moacir Caminha e Edgar Rodrigues, na época membro da diretoria do referido Centro de Estudos.³²⁶

Observe-se que a intensa atividade militante de Moacir Caminha como jornalista e professor é acompanhada desde sempre da atitude de investigação. Prova disso são seus diversos escritos: Lições de Geografia, Estudos Lingüísticos, Gramática Comparada de Português e Esperanto, Estudo Comparativo das quatro línguas necessárias ao intelectual brasileiro, Curso Popular de Sociologia. Além desses trabalhos encontram-se os títulos em esperanto que, presumo, animaram os vários cursos ministrados: *"Kiel oni lernas Esperanton per Esperanto, Elementoj de matematiko, Elementotoj de Botaniko, Elementoj de Zoologio, Provo de Sociologio."*³²⁷

Professor de língua portuguesa, diretor e professor do Educandário Cearense³²⁸, jornalista, conferencista nos salões das associações operárias, dedicado divulgador do Esperanto³²⁹, polemista, panfletário, multifacetado em sua trajetória – assim é Moacir Caminha, que elegeu um conteúdo ético para sua vida de militante e que bem poderia usar a feliz expressão de Simone Weil, *"Eu amo a beleza do compromisso"*. Jornalista

³²⁶ A partir desse convívio no Centro de Estudos Professor José Oiticica, contou-me Edgar Rodrigues que teve *"oportunidade de conhecer bem o pequeno grande cearense, de quem guardo as melhores impressões e alguns escritos que me presenteou"*.

³²⁷ AGUIAR, Alcimo Cavalcante de. *Início do movimento...* Op. cit., p. 57.

³²⁸ O Educandário Cearense é fundado em 6 de janeiro de 1927, dirigido pelos professores Moacir Caminha e Maria do Carmo (Carminha) Loiola Caminha, funciona na Praça do Carmo, oferecendo aos alunos o regime de internato, semi-internato e externato. Com Moacir Caminha são professores do Educandário Cearense: Elvira Nunes (1º ano primário), Rocilda A. Sales (2º ano primário), Beatriz Ferreira (3º ano primário), Almerinda de Albuquerque e Homero de Albuquerque (4º ano primário e Admissão) De sua atividade como diretor e professor no Educandário Cearense, ouvi belas histórias contadas pelo caro amigo Estrigas (Nilo Firmeza), aluno que foi de Moacir Caminha em tempos de boas lembranças. Devo a arte de Estrigas o retrato de Moacir Caminha, composto de memória.

³²⁹ Participa da Sociedade Esperantista Nova Samideanaro, em Fortaleza, sendo um dos redatores de seu jornal *Brazila-Vivo*, em 1922. No ano seguinte é um dos redatores do jornal *Nova Mundo*, órgão dos esperantistas cearenses. Estimula a participação dos esperantistas cearenses nos Congressos Nacionais de Esperanto.

ou professor, é um homem atento às idéias que circulavam mundo-a-fora, deixando-se seduzir por aquelas que combatiam as opressões de todos os feitios e tamanhos.

Nos anos 1920, um outro jornal de tendência libertária é o **Voz do Graphico**, órgão da Associação Gráfica do Ceará. Seu primeiro número circulou em Fortaleza no dia 25 de dezembro de 1920. Consta de seu expediente ser um jornal de propaganda associativa operária e defensor das classes trabalhadoras em geral. Com redação na rua do Imperador, e depois, na rua Coronel Bizerril, o grupo editor diz aceitar qualquer trabalho que assuma a defesa do proletariado, conquanto sejam essas colaborações assinadas e submetidas ao critério da redação.

Seu programa é definido desse modo:

"(...) combater explorações irritantes, e cooperar [para a] orientação de um caminho reto e seguro, por onde deve enveredar o operariado de nossa terra á conquista de seus direitos, garroteado pela prepotência do capitalismo retrógrado e inócuo (...).

A Voz do Graphico será, portanto, um defensor ardente do operário, preferindo morrer a transigir de seus princípios (...).

Camaradas! O nosso modesto jornal será o porta-voz fiel do que sentimos, e esperamos o bom acolhimento dos nossos irmãos para que ele seja o paladino das nossas aspirações."³³⁰

O grupo editor do **Voz do Graphico** é formado pela diretoria da Associação Gráfica do Ceará, sendo Pedro A. Motta o responsável pelo maior número de artigos e seções do jornal, uma das razões do uso de tantos pseudônimos. Tem como colaboradores Elcias Marcos, Luis Araújo, Paula Achilles, Newton Craveiro, Moacir Caminha, Zé Mathias, João Rodrigues Maciel, Blanchard Lima, Zé Bernardo, César Magalhães, entre outros. Aqui e ali uma colaboração esporádica, é o caso de M. J. C, saudada com efusão pelo jornal como "*o despertar da mulher cearense*", pois se tratava de "*uma inteligente e distinta*" colaboradora. Seus poucos artigos entremeiam a questão

³³⁰ **Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

social com outros assuntos (costumes, carnaval, música) abordados com viés moralizador e propugnando "*boas condutas*".

Surgindo em um momento de disputas internas no movimento operário cearense (divergências com o Partido Socialista Cearense, acirramento de diferenças com círculos operários católicos, confrontos com a direção do Centro Artístico Cearense), o **Voz do Graphico** quer estabelecer um diferencial no discurso e nas práticas com a proposta de criação dos sindicatos de resistência, anunciando que surgiu para

*"(...) provarmos que no Ceará, como nas demais partes do mundo, a dor, o sofrimento, a miséria, a humilhação e a exploração campeiam no seio das classes produtoras; para dizermos (...) que já não é mais dado calarmos perante o descaso dos nossos homens públicos (...) para afirmarmos que em face de tudo isto, aqui no Ceará, como em todo o País, ao contrário do que se propala, existe insolúvel a questão social."*³³¹

Ao longo deste estudo, localizei as edições do **Voz do Graphico** que compreendem o período de dezembro de 1920 a fevereiro de 1922. Estreitando relações com a imprensa anarquista de outras regiões, em especial com **A Plebe**, de São Paulo, afirma que os mesmos

"(...) reconhecem a necessidade que tem os jornais operários da feição do 'Voz do Gráfico' em ser auxiliado para que amanhã, ante a prepotência burguesa, não venham desaparecer, antes venham se desenvolver conforme testemunham aqueles que fora daqui, tanto no norte e sul do país como no estrangeiro, dia a dia vão se tornando os verdadeiros timoneiros da liberdade. (...)"

Apelando ao seu público para a tarefa de auto-sustentação do jornal:

*"Que os nossos camaradas daqui os imitem ao menos comprando um jornalzinho que tanto lhes serve e lhes ministra a necessária instrução para normalizar a vida e ilustrar o espírito, é o bastante pois teríamos que aumentar consideravelmente a sua tiragem, que ainda se estaciona em 500 exemplares e o passaríamos a semanal quando não fosse diário. (...)"*³³²

O apelo do grupo editor, em seu número inaugural, para que o jornal não tenha vida curta, revela o grau de dificuldades com que se debatiam essas publicações.

³³¹ **Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

³³² **Voz do Graphico**, ano I, nº 6, 06/03/1921. Fortaleza.

Essencialmente doutrinário, o Voz do Graphico não veicula qualquer anúncio pago. Os anúncios são de livros, opúsculos, convites para conferências e *meetings*, que rigorosamente fogem ao padrão usual de anúncio. Estudando a imprensa dos trabalhadores no Brasil, Hadassa Grossman chama a atenção para este ponto, evocando a crônica falta de recursos materiais que caracterizava o movimento operário, somada à permanente hostilidade patronal que se materializava em perseguições aos redatores e grupos de sustentação dos jornais. Sabe-se do freqüente empastelamento, confisco de edições, das prisões, da destruição das redações como método da repressão, que o **Voz do Graphico** adequadamente caracterizaria como prepotência burguesa. Para Grossman, pode-se dizer que o fato de uma publicação poder existir revelava quase um milagre!³³³

Por isso é comum os jornais operários veicularem depoimentos sobre essas dificuldades materiais. Alguns deles até procedem de modo curioso, ou seja, invertem a equação, retirando da fraqueza qualidades essenciais. Sabem-se pobres. Foram sempre assim e hão de continuar a sê-lo. Dessa característica dizem retirar sua força e seu destemor, até sua beleza. A exortação pedagógica ao trabalho de cada um e de todos na tarefa de sua sustentação é uma constante na imprensa operária dessa época. Em sua afirmação de solidariedade aos trabalhadores, alertam que da pobreza das folhas não pode resultar sua desapareição. Ilustrativo é este artigo d'**A Voz do Trabalhador** (Rio de Janeiro):

"(...) A Voz do Trabalhador – o seu próprio nome a define – é um jornal feito por trabalhadores e que se destina exclusivamente aos trabalhadores.

Isto quer dizer que, monetariamente, ela é um jornal pobre, pobríssimo. Sempre foi assim. Há de ser sempre assim. Assim é que ela é bela, é que ela é forte, é

³³³ GROSSMAN, Hadassa. *A Imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922*. In **Cadernos AEL – Anarquismo e Anarquistas**, nº 8 e 9, pp. 70. Campinas: Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH, 1998.

que ela é útil, é que ela é fecunda. Assim é que ela é, de fato, a Voz do Trabalhador.

Mas é necessário, é indispensável, que pobre, paupérrima, ela viva sempre. A Voz do Trabalhador é o nosso baluarte, é o nosso forte, é a nossa voz. Voz de miséria, voz de combate, voz de amor. Pelas suas colunas patenteamos a nossa condição de explorados, de maltratados, de roubados. Pelas suas colunas grita e clama a nossa rebeldia de homens conscientes, sedentos de justiça, famintos de pão. Pelas suas colunas espalham-se os nossos sentimentos de fraternidade, as nossas afirmações de solidariedade para com os trabalhadores todos, de toda a terra.

(...) Os que aqui trabalham, trabalham de graça, e até sacrificando a saúde. Não dizemos isso para nos fazermos de mártires. Não; cumprimos o que supomos ser o nosso dever. Que cada qual faça o mesmo. (...)

*As dificuldades monetárias com que lutamos crescem dia a dia. Se não houver uma ajuda imediata, uma reação pronta contra o mal, ver-nos-emos, obrigados a parar, o que seria a maior das vergonhas. Abri subscrições, organizai tômbolas e festas; enviai o vosso auxílio individual. Fazei já e já, sem perda de tempo. Salvemos o nosso jornal. Isto deve ser uma questão de dignidade para os trabalhadores conscientes do Brasil.*³³⁴

É preciso considerar também que a esse discurso, pontuado pela convicção na força da imprensa e fazendo o "elogio da pobreza" das folhas operárias, contrapõe-se outro, não menos incisivo, sobre o volume de dificuldades, que por intransponíveis, põem em risco a continuidade de imprescindíveis empreendimentos editoriais. Tomo aqui o exemplo do jornal **A Voz do Trabalhador** (Rio de Janeiro), por sua importância estratégica no plano nacional, que faz cada vez maiores apelos aos filiados e apoiadores nos diversos estados. O apelo de João Leuenroth, sob o sugestivo título de *Verdades*, dimensiona os apertos materiais por que passa o periódico. E se é assim com **A Voz do Trabalhador**, não poderia ser diferente com as publicações menores ou das cidades pequenas, que resultam de esforços ingentes em meio adverso, como é o caso do Ceará. Veja-se o que diz Leuenroth:

"É com imenso sentimento que ousou escrever estas poucas linhas, nas quais direi toda a verdade a respeito do nosso jornal e sobre a sua publicação

³³⁴ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 55, 15/05/1914. Rio de Janeiro.

eventual a que ver-nos-emos obrigados, se perdurar o pouco caso que ligam a organização os que deveriam mante-la forte, consciente. (...)

Se a Voz do Trabalhador fosse um jornal que se envolvesse em política e desse palpites para o jogo do bicho, teria se imposto a estima pública, e não se veria agora ameaçada de desaparecer da arena em que tanto se tem batido pela causa operária, não merecendo o apoio dos próprios camaradas e associações que estão filiadas ao programa da COB. Infelizmente é isto uma grande e dura verdade.

Não vos zangueis, entretanto comigo, porque sendo eu um dos que mais interesse tenho na vida do nosso jornal a bem da organização, e vendo-o ameaçado de suspensão, revolto-me diante da apatia desses que tem o indeclinável dever de lutar para mantermos de pé a nossa bandeira, o nosso ideal. (...)³³⁵

Significativo ainda era o intercâmbio de informações com os "centros mais adiantados", apesar das dificuldades decorrentes das grandes distâncias, da circulação intermitente das publicações e de fatos denunciados na imprensa operária quanto à apreensão, pelo serviço local dos correios, dos jornais operários enviados de outras cidades e do exterior. Aliás, o tema da repressão aos jornais operários é presente em todas as conjunturas, variando apenas quanto à intensidade. No jornal **A Voz do Trabalhador**, em 1913, o artigo de fundo denuncia a proibição da distribuição da folha em alguns locais de trabalho:

"(...) chega ao nosso conhecimento que um encarregado qualquer de uma importante oficina proibiu, a pretexto de ordens superiores, a distribuição d'A Voz do Trabalhador dentro da oficina, vendo-se o companheiro portador dos jornais obrigado – depois de lembrar-se que tinha família – levá-los para uma casa de pasto próxima afim de ter outra utilidade que não a de ser difundida pelos demais companheiros.

Francamente, este fato constitui mais uma afronta, mais um ultraje atirado às faces dos companheiros que trabalham naquela oficina (...), proibir a distribuição, dentro da oficina, de um jornal, pelo fato deste não ser de orientação burguesa, por não defender princípios patrióticos, nem religiosos, é um absurdo...³³⁶

A apreensão dos jornais e as variadas formas de impedir sua distribuição são uma constante na época; a polícia é sistematicamente acionada para o exercício da

³³⁵ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 56, 01/06/1914. Rio de Janeiro.

violência contra as folhas operárias. Um exemplo dessas práticas arbitrárias do Estado foi o da invasão da tipografia do jornal **A Plebe**, como em tantos outros lugares:

"As violências do bando policial incumbido de dar caça aos trabalhadores teve início com a invasão da tipografia d'A Plebe (...) sob o falso pretexto de ir ali apreender uns boletins proclamando a greve do pessoal da Companhia Inglesa.

Despeitado pelo insucesso de sua diligência, o bando de sicários a serviço da ordem político-burguesa apoderou-se então de tudo quanto apanhou ao alcance das garras, fazendo transportar para a Central as provas e os originais d'A Plebe, depois de empastelar grande parte de sua composição."³³⁷

São incontáveis as notícias sobre a repressão às folhas operárias, elemento central para explicar sua efemeridade ou a intermitência de sua publicação. Que a repressão atingia com maior vigor os "centros mais adiantados", é afirmação inquestionável. Mas não apenas. Os mandatários de plantão estiveram sempre atentos à disseminação das idéias e práticas sociais, para eles, subversivas. Do jornal **A Obra**, na coluna *Echos do Norte* chega a notícia de Alagoas:

"E o que enjoa, e o que aumenta a nossa rebeldia é ver a imprensa venal mentir, adular a um tipo reacionário que prendeu das mãos do Correio jornais socialistas e anarquistas, encarcerou jovens lúcidos como Octávio Brandão por ter convicção num futuro melhor para a Humanidade!

Tudo o que os déspotas estão praticando contra os trabalhadores e os idealistas terá o reverso num futuro bem próximo. Cada violência da burguesia corresponde a um progresso em nossas convicções e quanto mais convicções temos maior força propagadora."³³⁸

No norte como no sul do país, a repressão atinge o movimento operário. Deportação dos estrangeiros e nacionais, prisões, empastelamento dos jornais, quebra-quebra nas sedes das associações e perseguições formam o longo índice da violência patronal e de seu Estado. De Porto Alegre, da Federação Operária do Rio Grande do Sul, chega ao Ceará esta nota de protesto, em 1919. Recolhe-se aqui a denúncia:

³³⁶ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 62, 05/09/1914. Rio de Janeiro.

³³⁷ **A Época**, 08/10/1917. Porto Alegre.

³³⁸ **A Obra**, 01/08/1920. São Paulo.

"A burguesia acaba de obter de seus almofadinhas na Câmara Federal, uma lei, para deportação de operários estrangeiros (sem a mínima formalidade) e prisão de um a trinta anos aos operários nacionais que tiverem a ousadia de pedir pão para saciar a fome.

Não podemos nem devemos comentar o absurdo e o crime que esta lei encerra; lançamos somente o nosso protesto, avisando as demais classes operárias que o secundem na medida de suas forças. (...)

Os nossos jornais (...) foram seqüestrados e presos seus redatores. Nada mais resta de fibras humanas nessa classe prepotente que se chama burguesia. (...)"³³⁹

O jornal **O Ceará**, em 1928, sob o título *Violência contra um jornalista operário*, denuncia as arbitrariedades cometidas em Camocim contra o editor d'**O Operário**, Francisco Theodoro Rodrigues, publicando uma carta que este escreve na prisão:

"Estas linhas são escritas e enviadas ao vosso jornal, aqui de Camocim, em data de 9 do corrente mês.

Tínhamos, ontem, combinado uma reunião de todas as classes trabalhadoras na Sociedade Deus e Mar desta cidade afim de serem entregues as chapas para as eleições de vereadores, nas quais o operariado havia lançado a candidatura de 3 de seus companheiros.

Na hora em que iam abrir a porta do edificio em que funciona esta sociedade, o delegado de policia local, a frente de um contingente de soldados armados nos intimou a abandonarmos a idéia da aludida reunião.

Alegamos que tanto os estatutos de nossa sociedade como a constituição da república nos garantia este direito, tendo como resposta de um sobrinho do delegado, Sr. José Carlos Veras, que a lei era bala (bala neles!).

Esta resposta foi proferida alto e bom som, em presença do prefeito municipal que é pai do aludido José Carlos Veras e cunhado do delegado de policia local.

Assim, deixou de ser realizada a reunião operária.

Hoje, quando se começava a distribuir as chapas eu, apesar de sócio da Deus e Mar, fui, injustificável e violentamente preso, conduzido ao xadrez e conservado incomunicável.

A maioria do eleitorado daqui é operária, e a vitória dos nossos candidatos seria certa se a lei do 'bala neles' não imperasse, irritantemente com ostensivo menosprezo a todas as garantias e direitos eleitorais.

³³⁹ Panfleto assinado pela FORGS, Porto Alegre, 04/11/1919.

Peço ao digno redator do valente órgão popular 'O Ceará' que faça ciente as sociedades trabalhistas dessa capital do arroxo a minha liberdade física e eleitoral, de parte das autoridades policiais, aqui de Camocim.

Não voz envio boletins, cartas de convite e o último número do meu jornal 'O Operário' por me achar preso.

Nem esta carta, saberei se chegará as vossas mãos.

São 9 horas da noite e a luz do cubículo é péssima. (O Diretor d'O Operário).³⁴⁰

Como se sabe, esses episódios de enfrentamento da repressão não os impede de realizar um intercâmbio importante com seus similares. No Ceará, chegam vários títulos: **Solidariedade** (RJ), **Trabalhador Graphico** (SP), **O Graphico** (RJ), **A Plebe** (SP), **A Liberdade** (RJ), **A Voz do Trabalhador** (RJ), **O Proletário** (MG), **A Vanguarda** (RJ), **O Internacional** (SP), **Tribuna Graphica** (PA), **A Clava** (SP), **Brazila Esperantista** (RJ), entre outros.

Através da leitura do **Voz do Graphico** é possível acompanhar o esboço, de conteúdo anarco-sindicalista, de um programa, ainda que difuso e assistemático, com o objetivo de alterar as percepções dominantes, de influir na construção de uma nova sociabilidade pautada em valores emancipatórios e que correspondesse a uma mundividência visando subtrair os trabalhadores de sua condição subalterna numa sociedade regulada pelo "*poder do ouro e da inteligência*", em suas palavras.

Importante para o estudo, repito, foi a leitura de diversos jornais anarquistas de outros Estados (**A Plebe**, **A Voz do Trabalhador**, **A Vida**, **Germinal**) e de Portugal (**A Sementeira**) porque, além de descobrir interessantes articulações entre eles e os militantes no Ceará, tive a oportunidade de seguir as pegadas de alguns destacados militantes, entre eles, Pedro Augusto Motta.³⁴¹ A existência do **Voz do Graphico** e d'**O**

³⁴⁰ **O Ceará**, ano IV, 12/03/1928. Fortaleza.

³⁴¹ No livro de Edgar Rodrigues (**Alvorada operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979, p. 32) localizei o retrato de Pedro Augusto Motta, feito a partir de um original do acervo do autor, pelo artista plástico e professor da Universidade Federal Fluminense, Manoel José de Mattos.

Combate não se compreende sem conhecer sua iniciativa militante que marca o movimento operário no Ceará nesta época. Ele foi um dos redatores dos citados jornais, autor do livro **Verbo de fogo**, de poesia social, e ativo organizador sindical. É um dos exemplos de "mobilidade da militância", para usar a expressão de Sílvia Petersen.

Eis aí um indício de que "*o movimento operário, em várias de suas dimensões, literalmente atravessava as fronteiras estaduais*", no dizer de Petersen. A repercussão dos congressos, os movimentos de solidariedade (Comitê de Apoio aos Flagelados da Rússia), de causas comuns (antimilitarismo, contra a lei de deportação, contra a carestia), de difusão da imprensa (Grupo Libertário Amigos d'A Plebe), nutriam-se de estímulos locais provenientes de diferentes pontos do país. A "dinâmica da vida" daqueles sujeitos sociais, um misto de agitadores-pedagogos-animadores culturais, explicam sua mobilidade militante. É o caso de Pedro Augusto Motta no Ceará.³⁴²

Em 1º de maio de 1920, Pedro Augusto Motta funda, com outros, a União Geral dos Trabalhadores, em Fortaleza, com 300 sócios. Estão com ele na diretoria João Gonçalves do Nascimento, Raymundo Ramos, Frederico Salles e Manoel Paulino de Moraes. No mesmo ano, em 12 de setembro, é fundada a Associação Graphica do Ceará, com sede à rua Senador Pompeu. Pedro Augusto Motta participa de sua diretoria, juntamente com José Moraes (secretário), Raymundo Bessa Pereira (tesoureiro), Francisco Falcão e Pedro Ferreira (delegados).

Nesses termos, atuando em Fortaleza, seja como redator dos citados jornais, seja como conferencista nas entidades operárias, ajudando a construir a Associação Graphica do Ceará, a União Geral dos Trabalhadores Cearenses, a Federação dos Trabalhadores do Ceará, escrevendo seus artigos e panfletos, polemizando com os dirigentes de

³⁴² PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. Op. cit., p. 91.

orientação católica, combatendo o que considera desvios eleitorais, dando a conhecer ao público sua veia poética, cuja matéria é a luta pela emancipação do proletariado, Pedro Augusto Motta é o militante que do Ceará tece sua rede de contatos com o movimento libertário em âmbito nacional.

A atividade militante de Pedro Augusto Motta, sua adesão ao movimento socialista de corte libertário, a propaganda das idéias já bastavam para que ele fosse visto pelos patrões como "perigoso anarquista". Suas iniciativas no campo da organização dos trabalhadores, oferecendo respostas concretas frente à "intenção de transformação", expressa por alguns militantes mais destacados, fazem dele um alvo constante das investidas patronais. Exemplo disso acontece no ano de 1919. Trabalhando como gráfico nas oficinas do **Correio do Ceará**, enfrenta seguidas represálias. É demitido pelo diretor-proprietário do **Correio**, Álvaro da Cunha Mendes. A demissão de Motta é justificada por A. C. Mendes como atitude necessária e exemplar no sentido de "moralizar seu estabelecimento gráfico". O episódio da demissão, recebido por Motta como mais uma atitude arbitrária de A. C. Mendes, é publicamente questionado. Em julho de 1919, Motta publica artigo no **Diário do Estado** repudiando o ato do proprietário do jornal. Além disso, publica outros dois artigos no **Ceará Socialista** (*Repto* e *O Diretor do Correio não aceitou meu Repto*). Nos artigos, qualifica sua demissão como um ato vindo de quem está "*acostumado à pratica de violentar e insultar a dignidade dos operários*".

É certo que se a demissão está ligada a suas atitudes públicas de enfrentamento com os patrões e ao destaque construído no meio gráfico, ela encontra "justificativas" suplementares do ponto de vista patronal. Motta apresenta, de modo freqüente para os camaradas gráficos do **Correio**, a necessidade de construir um sindicato de resistência. Como um dos argumentos está a luta por melhoria salarial e de condições de trabalho.

Faz uso freqüente, em suas exposições, da comparação entre os ganhos dos gráficos e os lucros do jornal e revela algum negócios de seus proprietários. Não bastassem esses elementos para "justificar" a necessidade de "saneamento moral" expressa por seu patrão, seu envolvimento nas manifestações de rua do Partido Socialista Cearense é usado como motivo suplementar da demissão. Em fins de julho de 1919, o **Correio do Ceará** publica notícia sobre a ação do PSC e do *"movimento reivindicador da classe trabalhadora do Ceará"*, trazendo o excerto de um discurso de Thomaz Pompeu em que adverte os órgãos patronais para *"a necessidade dos industriais não darem trabalho em suas fábricas, como medida de preservação a esses elementos subversivos da ordem, expulsos de outros estabelecimentos"*.³⁴³

Tal advertência, acatada pelas entidades de representação patronal, faz parte da campanha sistemática desencadeada por A. C. Mendes em seguidas edições do **Correio do Ceará**, do período de agosto a dezembro de 1919. O semanário **Ceará Socialista** se manifesta sobre as represálias a Pedro Augusto Motta nesses termos:

"Achando-se desempregado o companheiro Pedro A. Motta, procurou colocar-se nas oficinas do sr. Francisco Carneiro, não conseguindo, pelo seguinte motivo: por que o sr. A. C. Mendes não quer que se dê colocação a nenhum adepto do Partido Socialista Cearense, conforme se expressou o sr. Francisco Carneiro.

*Mas isso é simplesmente revoltante, e contra esta pressão do Centro Industrial Cearense que fere o direito de associação, discutido e aprovado na Conferência de Paz, protestamos e levamos ao conhecimento do poder executivo do Estado."*³⁴⁴

São também evidentes as divergências em relação à Sociedade Phenix Caixeiral, por não considerá-la dedicada aos interesses de representação de classe, investindo tão somente na construção de *"suntuosa sede e escola"* e *"admitindo patrões e políticos em seu quadro de sócios e dirigentes"*.

³⁴³ **Ceará Socialista**, ano I, nº 5, 10/08/1919. Fortaleza.

Constando da "lista negra" dos patrões no Ceará, Pedro Augusto Motta parte para São Paulo e se constitui num dos editores d'A **Plebe**, um dos principais diários anarquistas do Brasil, no período, tornando-se responsável pela coluna intitulada, de forma significativa, *Ceará Proletário*, mantendo assim os laços com Fortaleza e com os meios sindicais em que iniciou sua militância operária. Escreve *Interessantes apontamentos para a história do movimento operário no Brasil*. Em São Paulo tem militância destacada. Participa do Centro Libertário Terra Livre, coletivo anarquista.

A atuação desse anarquista cearense, por ocasião do movimento de 1924, em São Paulo, acaba custando-lhe a vida.³⁴⁵ Com Pascoal Martinez, Paulo Menkitz, Nino Martins, Mariano Spagnolo, Afonso Festa, José Sarmento e Rodolfo Felipe, subscreveu um memorial de reivindicações populares, *O Que o povo reclama*.³⁴⁶ Tal manifesto, dirigido ao povo trabalhador, foi entregue ao Comitê Dirigente da Revolução Paulista, o que veio a desencadear forte repressão sobre os signatários. Pedro Augusto Motta, após haver sido preso, é deportado para o campo de concentração da Clevelândia, no

³⁴⁴ **Ceará Socialista**, ano I, nº 4, 03/08/1919. Fortaleza.

³⁴⁵ Sobre sua morte existem informações conflitantes. Algumas memórias do período dizem haver falecido tão logo chegou à Clevelândia, em razão das torturas no navio-prisão e outras referem a presença de Motta no espaço prisional. A versão de John W. Foster Dulles é que Pedro A. Mota, com outros, teria conseguido fugir para o porto de Saint Georges, do lado da Guiana Francesa. Após um mês de estada, viu-se sem dinheiro, sem emprego, sem meios de custear uma canoa que o transportasse a Belém e sem passaporte para entrar em Caiena, na Guiana Francesa. Morre em Saint Georges, a 12 de janeiro de 1926, "devido a falta de medicamentos e de alimentação, como outros tem falecido". (DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 214)

³⁴⁶ Do manifesto constavam seis reivindicações: 1 – a fixação do salário mínimo para todas as classes de trabalhadores do Estado, de conformidade com a tabela de gêneros de primeira necessidade, inclusive vestuário e habitação; 2 – a fixação de uma tabela de preços máximos para os gêneros de primeira necessidade, vestuário e habitação, em equilíbrio com a tabela a que se refere o item acima; 3 – o direito de associação para todas as classes trabalhadoras; 4 – a liberdade de imprensa operária e a manifestação do pensamento em praça pública, bem como a revogação da lei de expulsão na parte que se refere às questões políticas e sociais; 5 – o direito de fundar escolas de instrução e educação cingidas aos métodos que lhes pareçam mais práticos e venham ao encontro de suas aspirações de liberdade e justiça; 6 – finalmente, a generalização do dia de oito horas de trabalho. Extraído do jornal **A Plebe**, 1924. São Paulo.

Oiapoque.³⁴⁷ Desse fato, as memórias de Pedro Catalo, dos raros depoimentos sobre a prisão de Pedro Augusto Motta, são evidências da dura repressão que se abateu sobre os militantes anarquistas:

"nem bem a famigerada policia de São Paulo conseguiu se reorganizar, começou a caça aos militantes anarquistas que haviam assinado o manifesto publicado n'A Plebe. A maioria deles conseguiu safar-se, escondendo-se alguns, fugindo outros, outros ainda mudando de estado, (...) alguns não tiveram tempo de esconder-se e caíram nas malhas dos raivosos tiras.

(...) Nicolau Paradas, Nino Martins e o Pedro Augusto Motta, que então era o diretor d'A Plebe, e mais alguns nomes que infelizmente escapam-me da memória, (...) tiveram a desventura de cair nas mãos da policia, que sem perda de tempo, encaminhou-os para o Rio de Janeiro, onde o navio 'Campos', que havia sido transformado em navio-prisão, os esperava junto a outros milhares de presos que seriam atirados nas regiões inóspitas do Oiapoque, lá nas Guianas Francesas.

Foi a bordo desse navio-prisão que todos os presos condenados a morrer nas matas selvagens da Clevelândia começaram a receber as primeiras torturas que os preparavam para a morte certa. Faziam-nos correr ao redor do tombadilho, a golpe de chibatás, e os que caíssem apanhavam dobradamente.

Segundo soubemos mais tarde, Pedro Mota, em consequência dos martírios infligidos no maldito navio, morreu tão logo foram desembarcados nas selvas do Oiapoque, onde os próprios companheiros cavaram para enterrá-lo. Conheci-o pessoalmente, era um nortista de meia estatura, inteligente e um orador bastante regular (...).'⁶⁴⁸

Embora as memórias de Pedro Catalo digam da morte de Pedro Augusto Motta tão logo tenha desembarcado, em razão das torturas sofridas ao longo da viagem no navio-prisão, tal fato carece de maior precisão. O relato de Domingos Braz, operário têxtil, anarquista, deportado para o Campo de Concentração do Oiapoque, indica a presença de Motta, inclusive realizando tarefas comuns à situação no espaço prisional: cuidar da casa, lavrar a terra (visto ser uma colônia agrícola), além de referir-se aos

³⁴⁷ A Colônia Penal de Clevelândia do Norte, no Oiapoque (hoje no Amapá), de 1924 a 1926, no governo Arthur Bernardes, funcionou como lugar de desterro e confinamento de militantes anarquistas, imigrantes, entre outros "desclassificados". A esse respeito ver SAMIS, Alexandre. **Moral pública & martírio privado. Colônia Penal de Clevelândia do Norte e o processo de exclusão social e exílio interno no Brasil dos anos 20.** São Paulo: Achiamé/CELIP/FERLAGOS, 1999; e DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935).** Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

momentos dedicados a leitura, palestras, estudos, e até ao cântico dos hinos libertários, alguns de autoria dos próprios deportados. O relato de Domingos Braz traz informações sobre o grupo de camaradas anarquistas (Pedro Augusto Motta entre eles) deportados para o Oiapoque e que ali ficou acampado no lote 15 do igarapé Sipariny (mais tarde transferido para o lote de número 10):

(...) Lá vivíamos fazendo a casa e lavrando a terra: eu, José Alves do Nascimento, Domingos Passos, Pedro Alves Carneiro, Antonio Alves da Costa, Nicolau Paradas, Manoel Ferreira Gomes, Biófilo Panclastra, José Maria Fernandes Varela, Pedro Augusto Motta, Thomaz Derlitz Borche, Nino Martins e José Baptista da Silva.

*Os momentos dos nossos ócios eram dedicados às nossas palestras, aos nossos estudos, às nossas canções, enfim, à expansão da nossa alma de idealistas que vivia oprimida e moribunda sob o guante da mais férrea e bruta tirania. (...)*³⁴⁹

Sobre a violência policial do governo de Artur Bernardes, Edgard Leuenroth faz uma reflexão precisa dos níveis de repressão a que esteve submetido o movimento anarquista no Brasil, momento em que se refere ao cearense Pedro Augusto Motta, destacando-o como um dos mais valorosos militantes do movimento libertário, nestes termos:

*"Impõe-se, (...) o registro dos nomes de cinco libertários, trabalhadores inteligentes e cultos, conscientes e dedicados lutadores da causa do proletariado e da emancipação libertária do povo. (...) Pedro A. Mota, Nino Martins, Nicolau Parada, José Maria Fernandes Varela e José Alves Nascimento. (...) A recordação do seu sacrifício é aqui feita para, através de seus nomes, ser prestada uma homenagem a todas as vítimas da brutalidade burguesa. (...)"*³⁵⁰

A morte prematura de Pedro Augusto Motta marca o desaparecimento do militante operário anarquista do Ceará, que, em São Paulo, começava a assumir um papel destacado no jornal **A Plebe** e no sindicalismo revolucionário.

³⁴⁸ RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**, vol. 5. Florianópolis: Insular, 1998, p. 59.

³⁴⁹ RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**, vol. 2. Rio de Janeiro: VRJ Editores Associados, 1995, p. 10. Relatos dos desterrados podem ser encontrados na imprensa do período e nos jornais anarquistas **A Plebe** (São Paulo), **La Antorcha** (da Argentina), entre outros, e em cartas e depoimentos de memória de Pedro Carneiro, Domingos Passos, entre outros.

Representativos da memória de Motta no meio operário de Fortaleza, são os discursos do Primeiro de Maio de 1930, quando sua militância é evocada como "*símbolo da luta dos trabalhadores*". Reproduzo aqui o depoimento de Paulino Moraes, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos, na edição comemorativa daquele Primeiro de Maio em Fortaleza:

"Eu o conheci bem. Era meu colega gráfico. Nós nos entendíamos perfeitamente. Camarada sincero e destemido lutador, o Pedro Motta, defendia, onde quer que fosse, em qualquer terreno os direitos dos oprimidos.

Nunca vacilou diante dos potentados: sempre de frente erguida, enfrentou a cólera dos que vivem da exploração. A sua pena era ferro em brasa na consciência em putrefação dos inimigos do proletariado. Em nosso meio, a sua ação combativa se fez sentir eficientemente.

Como redator d'O Combate bateu-se tenazmente pelas conquistas do seu ideal. Fundou Voz do Graphico, que teve quase dois anos de vida. Graças à sua atividade como poeta proletário, publicou Verbo de Fogo, que fez sucesso no meio dos seus companheiros.

Era tido no meio dos parasitas como elemento perigoso, pelo simples fato de combatê-los desassombadamente. E, por tal crime, boicotado pelos seus vingativos inimigos, viu-se impossibilitado de trabalhar, de ganhar o pão na terra que lhe serviu de berço."³⁵¹

Nas páginas do **Voz do Graphico**, observada sua dimensão de documento/fonte/memória, o pesquisador pode acompanhar as idas e vindas do movimento operário cearense no início dos anos 1920. De sua seção *Movimento Operário* ressaltam informações substantivas sobre o modo de atuação e a ação organizativa de várias entidades no Ceará: Associação Gráfica do Ceará, Sociedade Deus e Mar, Centro Beneficente dos Carroceiros, União dos Sapateiros, Sociedade de Socorro Mútuo, União dos Chauffeurs e Motorneiros, União dos Redeiros e Tecelões, Sociedade Deus e Trabalho, Aliança Artística e Proletária de Quixadá, União dos Pedreiros, União dos Ferroviários Cearenses, Sociedade Vinte e Quatro de Junho,

³⁵⁰ LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo – roteiro da libertação social. Antologia de doutrina crítica, história, informações*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963, p. 135.

³⁵¹ *Trabalhador Graphico*, ano I, nº 3, 01/05/1930. Fortaleza.

Sindicato dos Ferroviários de Camocim, Sindicato dos Operários da Estradas de Ferro de Sobral, União de Resistência dos Carpinteiros, União dos Trabalhadores Ambulantes.

Dizendo-se um "*observatório das mazelas sociais*", o **Voz do Graphico** veicula notícias sobre a carestia de vida ("*e como comprar lenha, café, açúcar, fósforo, querosene e os temperos para cozinhar a corda de biquara comprada na praia, com salário tão curto?*"), o problema da moradia, as multas e punições na Estrada de Ferro de Baturité, os atos arbitrários do Engenheiro-Chefe Couto Fernandes, a miséria no campo e na cidade, afirmando que no Ceará as condições de vida e trabalho do operariado são ainda piores, se comparadas aos "*centros mais adiantados*" porque "*aqui é o império da ganância dos patrões industriais e comerciais*".

Quanto à moradia, parece que as permanências do século XIX ainda estão presentes em suas agendas de reivindicação: carestia e alta dos aluguéis. Como observa Michelle Perrot, "*por um longo período a reivindicação operária se refere ao aluguel, não à moradia; reivindicam menos o direito à moradia do que o direito à cidade, como espaço para viver*".³⁵² No **Voz do Graphico** o tema da alta dos aluguéis é apresentado de forma larga, sendo transcrito numa edição o decreto nº 4403, de 22/12/1921, com seus 14 artigos, tantos parágrafos e minúcias ao gosto da burocracia.

O jornal volta suas vistas com frequência para a situação dos empregados na construção do porto de Fortaleza, denunciando os ínfimos salários (diária de 2\$000), acidentes de trabalho e o descumprimento da jornada de oito horas (trabalham de dez a doze horas). É um quadro que propicia a deflagração da greve dos trabalhadores no porto como "*o protesto mais vibrante de sua revolta contra a exploração*

³⁵² PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história...** Op. cit., p. 101.

desavergonhada daqueles a cuja direção estão entregues as obras". A pauta da greve, encabeçada pela reivindicação da diária de 4\$000 e o cumprimento da jornada de trabalho, encaminhada a André Rebouças, chefe da Inspetoria das Obras Contra as Secas, não é negociada. A comissão dos trabalhadores é destrutada, o que gera atos de protesto e a solidariedade de outras categorias.³⁵³

Um dos temas que merece especial atenção do jornal diz respeito à inexistência de legislação de proteção ao trabalho, em particular a não-aplicação da lei de acidentes do trabalho. O **Voz do Graphico** noticia a sucessão de acidentes de trabalho no Porto de Fortaleza e na Estrada de Ferro de Baturité. Um registro impressionante de *"pernas quebradas, olhos vazados, queimaduras"* e mortes no trabalho. O primeiro foi o brequista Mariano que *"morreu esmagado, deixando sua família na miséria"*, o segundo e o terceiro foram o maquinista Hermínio e o foguista Francisco. E nada foi feito pelos dirigentes da Rede de Viação Cearense. Parece que só havia uma lei *"concernente ao operariado que tem sido executada à risca: é a lei de deportações e expulsões"*, eis a conclusão do jornal para denunciar os graves contornos de como vai se esboçando a "questão operária" no Ceará dos anos 1920.

Na Ceará Light Tramways, as reclamações sobre trabalho "penoso, isalubre, salário vergonhoso" e acidentes no trabalho eram constantes. Certa vez, conta Otacílio Azevedo, um operário quebrou uma perna. Afastado do trabalho, não morreu de fome porque sustentado pela pequena parte do salário cotizado pelos companheiros. Um dia, ao voltar ao trabalho, mancando um pouco, *"um dos ingleses, em sua fala arrevezada, declarou que ele estava na rua – não queriam, ali, aleijados"*.³⁵⁴ São essas condições de

³⁵³ **Voz do Graphico**, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

³⁵⁴ AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 91.

trabalho, entre outras razões, que desencadeiam as primeiras greves operárias na Ceará Light, nos anos de 1917, 1918, 1925 e 1929.

Volto ao argumento do **Voz do Graphico**, destacando que o expressivo número de artigos é de franco combate aos políticos em geral e de chamamento ao voto nulo nas eleições que se avizinham. Os argumentos que dão sustentação ao absenteísmo eleitoral são recolhidos nas teses anarquistas ou próximas dessa vertente, em particular nas idéias de Octave Mirbeau³⁵⁵, como aqui:

"Uma única coisa me causa assombro extraordinariamente, é que no momento científico em que escrevo possa existir ainda um só eleitor, esse animal irracional, inorgânico, alucinado, que consente em abandonar os seus afazeres, seus gozos para ir votar em alguém ou em alguma coisa.

Os carneiros quando vão para o matadouro nada dizem, nada esperam, mas ao menos não votam no carnicheiro que os devem matar, nem no burguês que os há de comer."³⁵⁶

A abstenção eleitoral, preconizada pelo **Voz do Graphico**, é um móvel constante de divergências quanto à orientação política de algumas entidades operárias em Fortaleza (como no interior), lançando candidaturas de seus dirigentes (é o caso do Centro Artístico) ou apoiando candidaturas de advogados e outros profissionais ligados às entidades (é o caso de João Ramalho e Tertuliano Menezes). Advertindo seu público para o "*jogo das camarilhas políticas*", entendem o comparecimento às urnas como um simulacro de liberdade. Estendem sua crítica à "*infeliz República, regime de bandalheiras e patifarias*", afirmando que "*o operário, a plebe, os esquecidos e os sem nome não podem ter representantes na legislatura ou na administração*". Nesse tom, o jornal apela à compreensão dos trabalhadores para o fato de que:

³⁵⁵ Octave Mirbeau (1848-1917). Escritor francês, simpatizante do anarquismo e colaborador da imprensa operária. Além de sua conhecida obra literária, foi autor de diversos textos polêmicos, entre os quais um famoso panfleto a favor da abstenção eleitoral.

³⁵⁶ **Voz do Graphico**, ano I, nº 5, 19/02/1921. Fortaleza.

*"O século XX, que é o século dos trabalhadores, aconselha a confraternização da família operária e o escorraçamento do seu seio dos politiquinhos, sejam eles operários ou burgueses, e não se fiarem nos seus palavreados bonitos e adocicados que não é com isto que os trabalhadores dão pão à sua prole. Vender e comprar votos é o comércio da vergonha."*³⁵⁷

A crítica aos políticos não fica apenas no plano doutrinário. A este, adita vários exemplos demonstrativos do quadro de *"degeneração dos costumes políticos"* no Brasil, como no Ceará. Apresenta os números da dívida externa, tratando-a como fruto do *"descalabro administrativo e da roubalheira"*. Revela os números do orçamento público para as obras contra as secas e o desvio de verbas como prática rotineira. Denuncia os comerciantes e industriais sonegadores de impostos e donos dos *"grandes palacetes e belas chácaras"*. Sua apreciação da política cearense na Primeira República e dos desmandos do poder é contundente:

*"Para se manter honrado, o operário precisa (...) retrair-se à política, depravada como é no Ceará – uma verdadeira epidemia de imoralidade. (...) Meia dúzia de potentados, senhores do dinheiro (...) apropriam-se dos empregos públicos e sugam as energias do povo por meio de impostos inexplicáveis. Distribuem a si mesmo, a seus parentes, afilhados, aduladores, protegidos e capachos (...) cargos que eles exercem de longe (...) e quando falta uma sinecura para algum dos filhotes criam-lhe uma chupeta."*³⁵⁸

Da leitura do **Voz do Graphico** é possível descortinar uma agenda de reivindicações frente às condições de vida e trabalho no Ceará dos anos 1920. Ainda assim é mais largo o espaço à doutrina, à exortação, à propagação de uma mística de um "ideal operário", expressões recorrentes em seu discurso. Aqui recorro ainda uma vez à observação de Michelle Perrot: *"é preciso distinguir entre reivindicação e aspiração"*. Se aquela é um estreito canal, limitado pelo possível, o acessível, o negociável; esta é parte constitutiva do sonho. Mas afinal, com que sonham os operários? Para apreender sua aspirações é preciso considerar *"essas falhas do discurso, essas exclamações, esses*

³⁵⁷ **Voz do Graphico**, ano I, nº 3, 06/01/1921. Fortaleza.

³⁵⁸ **Voz do Graphico**, ano I, nº 4, 05/02/1921. Fortaleza.

suspiros que em torno de uma conversa ou um texto dizem o desejo e o sonho".³⁵⁹ Essas folhas veiculam também matéria do sonho e do desejo. Da aspiração por um mundo novo.

Em 1921, o **Voz do Graphico** comunicou, nos seus números 8 e 9, a suspensão da sua publicação em virtude do surgimento da Federação dos Trabalhadores do Ceará, e logo anunciou o aparecimento de um novo jornal, **O Trabalhador**, que deveria passar a ser o órgão da causa comum dos trabalhadores do Ceará. Dada a demora na edição do novo jornal, o **Voz do Graphico** reafirmava que enquanto não surgisse esse novo jornal *"a voz dos trabalhadores cearense fazer-se-á ouvir pela Voz do Graphico, que sempre teve, tem e terá as suas colunas abertas aos nossos camaradas"*.

Esse tão esperado jornal viria a ter o nome de **O Combate**; foi publicado em 1921 e era o órgão da Federação dos Trabalhadores do Ceará. Uma publicação quinzenal que se apresentava como porta-voz das classes laboriosas, adotando como dístico em seu primeiro número: *"na defesa dos direitos das classes laboriosas de todo o mundo – irmãs nossas nas dores e infortúnios, vexames e misérias – não nos entibiaremos nem mediremos sacrifícios"*. Em seu expediente, o jornal define que serão aceitas todas as colaborações, desde que assinadas, em defesa dos trabalhadores e sujeitas aos critérios da Federação. Sua redação funcionava à rua 24 de Maio.

Com simplicidade fixa o lema professado: a luta pelos direitos do operariado e divulga o extrato de alguns pensamentos que vão nortear a linha do jornal, entre os quais, são exemplos: *"Os poderes constituídos rir-se-ão da vontade popular, enquanto ela se manifestar dentro dos limites da lei. Os operários devem ir se acostumando a*

³⁵⁹ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história...** Op: cit., p. 113.

contar mais com suas próprias forças do que na ajuda do Estado ou de suas instituições."

O *Editorial* de seu primeiro número, sob o título *Para que vivamos*, faz uma longa explanação acerca do espírito do século, evidenciando a potência criadora da dinâmica social e destacando que, se a Sociedade, produto do esforço humano, não lhe está trazendo a felicidade, urge sua modificação. O primeiro ponto a discutir seria, portanto, a remodelação social, do ponto de vista dos trabalhadores. Partindo do diagnóstico que os poderosos trancam aos trabalhadores de todo o mundo as portas da Justiça, as portas do Direito, as portas da Liberdade, sintetiza assim as razões de seu aparecimento:

"A causa do nosso aparecimento foi o espírito de solidariedade que rompeu da nossa alma de moços, como um grito solene de protesto!

O fim – o objetivo – é a defesa intemerata e sobranceira dos nossos direitos que até agora não tem sido respeitados.

No terreno das idéias não daremos tréguas aos nossos adversários (...) O que lhes asseguramos, de antemão, é que acima das conveniências de qualquer natureza, estão as nossas convicções de moços independentes, postas à prova, bastante vezes, neste rincão da terra brasileira, abrasada de sol e de miséria...

Que nos receba, de braços abertos, o proletariado consciente e livre do Ceará. Foi para a sua defesa que nós desfraldamos, na vanguarda dos nossos colegas, a bandeira nova d'O Combate!"³⁶⁰

A maioria dos artigos do jornal tenta chamar a atenção do seu público para as flagrantes injustiças cometidas pelo regime burguês, fazendo a crítica dos políticos, como afirma em sua veemente concisão: *"E o mais triste e revoltante são os governos ou dirigentes (...) fazerem e aprovarem essa monstruosa e reacionária obra da burguesia sórdida"*.

Em seu permanente tom de exortação, avalia que ao predomínio continuado dos poderosos deverá corresponder a ingente necessidade de reforço da luta operária, tornando a todos, e a cada um, "apóstolos convictos" dos seus direitos, da sua liberdade,

³⁶⁰ **O Combate**, ano I, nº 1, 12/06/1921. Fortaleza.

da regeneração do mundo. São também numerosas as passagens que sublinham o estreito conúbio entre os capitalistas e o governo (tomando como exemplo corriqueiro a fixação de taxas e impostos exorbitantes), ressaltando com frequência a identidade entre a "classe oligárquica", os "detentores do poder econômico" e os "gestores das instituições públicas". A partir daí, formula algumas questões que serão objeto de reflexão em suas páginas:

"Porque o Trabalho nada vale perante os potentados da terra, o Trabalho que evidentemente se constitui na maior força do universo, uma lei ingênita no grande concerto das coisas naturais, no evoluir perpétuo dos progressos do espírito humano?!"

Porque o operário, o trabalhador incansável, ainda continua a esperar por melhores dias, ainda continua sob a pressão iníqua do capitalismo monstro, a se debater sob os negros ferros brônzeos da escravidão, em pleno século das idéias novas?! ..."

Outra maior desgraça, sem dúvida, são a indiferença inconcebível e revoltante e os frementes golpes de injustiças dos governos, mesmo até os que se proclamam republicanos federativos, cujos primeiros fundamentos de constituição consistem no nivelamento das classes, na ordem e no direito de justiça e de liberdade, mesmo ainda à classe amorfa; é a falsidade desses tais regimes traindo esse direito do trabalhador, negando essa liberdade do povo.

*Diante das ações dos homens públicos do nosso país, diante dos fatos históricos das suas administrações e dos de muitas outras nações, temos a nítida compreensão, a convicção plena de que o nosso regime e o dos demais povos, NÃO PASSAM DUM ARTIFÍCIO, NÃO PASSAM DUMA FICÇÃO, DUMA MENTIRA.*³⁶¹

O jornal **O Combate**, do ponto de vista dos temas, do horizonte doutrinal, de sua relação com a revolução enquanto qualidade adventícia e tarefa militante, traz enunciados que o aproximam das idéias do socialismo libertário. Isso é perceptível por sua qualidade anti-autoritária, pelo descolamento em relação à participação em processos eleitorais e à organização partidária, pelo enunciado do princípio de auto-emancipação do proletariado, pela afirmação da crença na "nova idéia" e no homem, por antagonismo ao conteúdo reacionário da religião e do espírito clerical, pela

³⁶¹ **O Combate**, ano I, nº 3, 09/07/1921. Fortaleza.

presciência de um futuro de novo conteúdo. Não só em seus artigos de fundo e transcrições, até os poemas refletem essa visão como neste do gráfico Eliézer Rocha:

*"Que diga a humanidade inteira, romanista,
Que nós somos brutais, perversos, criminosos!
Porque temos no peito o ideal do comunista,
Na esperança final de tempos venturosos!*

*A ventura pertence ao mais forte e otimista,
Que encara uma opressão sem ódios caprichosos,
E depois de sofrer, como Cristo, o Anarquista,
Vede a sorrir de amor os olhos lacrimosos!*

*E a lágrima contém a suprema bondade,
A bondade sem fim da glória mais perfeita,
Que prende a Vida humana ao céu da fraternidade!...*

*Ao Céu... sublime Céu! ... tão límpido e tão suave!
Onde a luz se espargiu, sinceramente afeita,
À Bíblia colossal dos sonhos de João Grave!"³⁶²*

Essa vertente que se anunciava em 1908 com **O Regenerador**, de Moacir Caminha, e continuava em 1920, com **Voz do Graphico**, tem n'**O Combate**, seu momento mais problemático, do ponto de vista de sua realização doutrinal. O grupo editor do jornal, que é, a um só tempo, o núcleo organizativo da Federação dos Trabalhadores, tinha participado, dois anos antes, da organização do Partido Socialista Cearense.

O Combate é o início dessa ruptura com a via parlamentar e com o instrumento partidário como forma de organização do proletariado. No entanto, essa crítica ainda aparece de modo bastante difuso, quando não marcada pelo caráter ambíguo das definições conceituais. Acrescente-se que esta é uma fase de transição de posições e a crítica e autocrítica da militância partidária só iriam ocorrer mais tarde, através das

³⁶² **O Combate**, ano I, nº 1, 12/06/1921. Fortaleza. Poema de Eliézer Rocha, datado de abril de 1921.

análises de Pedro Augusto Motta. Isso é constatado na publicação de sua coluna *Ceará Proletário* no jornal **A Plebe**, de São Paulo, em 1922-1923.

Aqui é necessário assinalar que a militância de Pedro Augusto Motta, redator de **O Combate**, e de outros que se vão aproximando do universo anarquista, é exercida em um contexto em que os principais embates no meio operário estão dirigidos, por um lado, contra as sociedades beneficentes (é o caso do Centro Artístico Cearense), e por outro, contra a orientação religiosa que se torna hegemônica no movimento operário cearense (como é o caso dos círculos operários católicos). Tal contexto é explicativo da forma minoritária e difusa como vai se espraiando o ideário de corte libertário no interior do movimento operário cearense.

Nada seria mais equivocado que escandir a militância do gráfico Pedro Augusto Motta em fases muito distintas: o militante da imprensa operária, fundador de sindicatos, apoiador da criação do Partido Socialista Cearense, articulador da Federação dos Trabalhadores do Ceará, poeta, conferencista – são dimensões de uma mesma busca pela emancipação social. Ao intérprete cabe o esforço de localização das tensões que atravessam essa busca. Seu "verbo de fogo" diz de seu espírito inquieto e da militância como paixão:

*"(...)
E assim, neste calor de vida pura e ardente,
Na vibração do amor que me revoluciona*

*Do Novo Mundo eu possa inda colher semente...
A semente do Bem, do Amor e da Igualdade,
A semente que tem, pôr fim, de a raça humana
Tornar grande e feliz ao sol da Liberdade.¹⁹⁶³*

Alguns leitores desavisados, ou que não atentem ao meio social em que o jornal **O Combate** é produzido, tenderiam a tomar como ilustrativo de uma indisfarçável

"indefinição", ou pelo menos da incompletude do alinhamento às premissas anarquistas, a publicação de extensa entrevista com Joaquim Pimenta (já em Recife), sem que se apresente uma apreciação própria do jornal em relação às idéias ali defendidas. A referida entrevista girou em torno de três questões centrais: *"qual sua opinião sobre o movimento operário em torno da fundação de um partido político? este partido não viria desorganizar os sindicatos? que pensa da denominação dada ao partido [comunista] que se trata de fundar nesta capital [Rio de Janeiro]?"*³⁶⁴

Para o jornal, parece que divulgando as teses de Joaquim Pimenta estaria cumprindo sua tarefa de situar seu público leitor em relação aos debates e às polêmicas que se instalam no meio operário no que tange à organização política do proletariado brasileiro.

Não se deve inferir dessa leitura, que o jornal adota uma linha eclética. Percebe-se que este, enquanto instrumento de propaganda da Federação, realiza uma operação de distanciamento das lides partidárias, tentando constituir uma nova via organizativa do proletariado cearense. Nessa direção, realiza uma crítica à candidatura do Sr. Francisco Prado (advogado, com atuação no meio operário cearense), por originária e respaldada no meio operário. Nessa crítica deixa patente sua não-adesão àquela candidatura, dizendo que o operariado cearense até faria muito bem se se negasse a sufragar este e todos os outros candidatos que se apresentassem. Essa crítica à via parlamentar corresponde ao projeto organizativo auto-emancipatório do sindicalismo revolucionário, que se manifestava como visceralmente apolítico ou, como diríamos hoje, antipolítico:

³⁶³ **O Combate**, ano I, nº 2, 26/06/1921. Fortaleza.

³⁶⁴ **O Combate**, ano I, nº 1, 12/06/1921. Fortaleza. Sobre a atuação de Joaquim Pimenta em Recife, ver ZAIDAN FILHO, Michel. *Apresentação*. In PIMENTA, Joaquim. **A Questão social e o catholicismo**. Recife: CEPE, 1991; e ZAIDAN, Michel e outros. *Ensaio de política cultural comunista: Maracajá (1926)*. In **Cadernos de História**, nº 1, pp. 43-49. Recife: UFPE, 1987.

"(...) E a prova damo-la com a campanha que fizemos sempre contra a candidatura do Sr. Prado, demonstrando ao operariado cearense que a conquista de seus direitos, a sua emancipação, só poderia, como só pode ser obra do próprio trabalhador nunca porém, daqueles que jamais conheceram dor, infortúnio, miséria. Mas para que os trabalhadores possam-na executar, devem já e já se organizar em Sindicatos de classe e filiar-se à Federação dos Trabalhadores do Ceará.

É este, portanto, o caminho que devem seguir todos os trabalhadores desorganizados, o que fazem os do sul do país e os do continente europeu. De outra forma é baldado esperar pela conquista dos seus direitos, da sua emancipação.

Ademais, é costume de todos eles, os incansáveis e abnegados advogados nossos, prometer mundos e fundos ao operariado e, entretanto, no dia seguinte ao da eleição, quando se encontram na posse da cadeira, dá-lhe como recompensa o desprezo escarnecedor, criando, ainda mais, leis absurdas e opressivas, forjadas alta noite, quando ainda sonhamos com a fagueira ilusão de gozarmos, neste amanhã que julgamos mais ditosos, um pouco mais de liberdade e obtermos um pouco mais de pão para a nossa família, para os nossos filhos.

*CAMARADAS! QUEREIS SER FORTES? UNI-VOS EM ASSOCIAÇÕES DE CLASSE.*³⁶⁵

O Combate diagnostica o grau de indiferença e apatia do operariado cearense como sendo o grande obstáculo a ser superado. Inspira-se nas idéias de união, organização e luta; esquadrinha as possibilidades da arena política, conclamando os operários, contendores neste jogo cúmplice, à tarefa de "redenção" da classe. Expõe a tese da revolução, menos como postulado teórico e mais como mística, tal a convicção que alimenta a palavra impressa em suas páginas. A repercussão da Revolução Bolchevique de 1917 faz-se presente em seus argumentos e reforça a difusão da "idéia nova":

"(...) daí a causa extraordinária e edificante das revoluções do mundo; daí a causa natural do contínuo brado de revolta do operariado universal: – Ó Revolução! Ó Revolução! Tu és e serás sempre a grande niveladora do mundo, a esperança consoladora de nossa justiça, de nosso direito e de nossa liberdade futura. ! Ó Revolução! Ó Revolução! Tu como em todos os tempos, hás de ser

³⁶⁵ **O Combate**, ano I, nº 1, 12/06/1921. Fortaleza.

*sempre a máquina locomotriz que fatalmente há de nivelar a larga estrada pôr onde deverá passar a humanidade do futuro!*³⁶⁶

A tarefa central do jornal é proclamar seu afastamento da organização pela via partidária. Marca, deste modo, não só a crítica aos modelos das sociedades beneficentes e dos círculos operários de inspiração católica, mas também a realização, na prática, da proposta anarquista de um sindicalismo revolucionário, centrado na auto-organização dos trabalhadores e da ação direta.

A Federação definiu em seu estatuto que não deve ter qualquer vínculo com doutrinas religiosas ou partidos políticos, não podendo tomar parte coletivamente em eleições e manifestações de cunho religioso, tampouco usar seu nome para ações desta natureza; enfim, procurava, desde modo, impedir qualquer instrumentalização de sua ação sindical. De forma ainda mais veemente, convoca as entidades federadas a desprezarem as normas burguesas em suas atitudes coletivas.

O modelo da Federação, a exemplo de similares em outros Estados, abrange as associações, ligas operárias e sindicatos, que dela participam e o atendimento aos requisitos fundamentais: composição exclusiva de trabalhadores assalariados; defesa dos interesses classistas e resistência à exploração capitalista; autonomia em relação aos partidos políticos e às igrejas, e filiação mínima de 25 sócios. Tem por objetivo promover a união dos trabalhadores, estreitando seus laços de solidariedade para, com força e coesão, propagar os meios de ação na conquista dos direitos, visando á completa emancipação.

O Estatuto estabelece um programa mínimo em torno dos seguintes pontos: fortalecimento da luta pela modificação, nas oficinas ou unidades fabris, das condições de higiene, jornada de trabalho e salários; criação de bibliotecas sociológicas,

³⁶⁶ **O Combate**, ano I, nº 3, 09/07/1921. Fortaleza.

profissionais e escolas; promoção de conferências e palestras nas sedes das associações federadas; pesquisa e publicação de informações e dados estatísticos sobre as condições de trabalho e o movimento operário; publicação de um jornal de propaganda e defesa das reivindicações proletárias; manutenção de correspondência com entidades congêneres, nos planos nacional e internacional.

Os artigos do jornal procuram sistematizar o escopo das idéias de inspiração anarquista, como é o caso dos debates que envolvem as crenças religiosas, esclarecendo que seu anticlericalismo resulta da compreensão segundo a qual

"Já não existem os Deuses, porque a ciência moderna jogou-os de parte, como elementos inúteis e imprestáveis..."

Os milagres desapareceram. A Fé minguou na alma dos que padecem, porque as suas preces nunca foram ouvidas nem satisfeitas.

De tudo isto, ficou-nos a Razão, esclarecendo o nosso erro e o nosso engano. E, desta análise, rebentou o protesto contra o esbulho dos nossos direitos. (...)

Nós marcharemos de reforma em reforma, em busca do máximo de Felicidade para todos os homens!"³⁶⁷

Sem desviar-se de sua linha doutrinária, seus articulistas analisam as condições reais de organização no meio operário cearense, trazendo informações sobre o aparecimento deste ou daquele sindicato, a realização de assembléias, festivais, eleições sindicais. Discutem também os aspectos falhos da legislação alusiva à proteção dos trabalhadores, chamando a atenção para o aumento das denúncias de morte e invalidez causadas por graves acidentes de trabalho; da exploração do trabalho das mulheres e crianças; das extensas jornadas de trabalho; da insalubridade nos locais de trabalho; do problema da moradia operária, da educação, da carestia de vida. Concluem, afirmando que, quando se trata de legislação no Brasil, se concerne ao operariado, só há uma que é cumprida á risca: a de repressão à organização, de perseguição aos militantes, como é o

³⁶⁷ O Combate, ano I, nº 1, 26/06/1921. Fortaleza.

caso da lei de deportações e expulsões: *"Esta sim; quando o operário não é criminoso, inventa-se o crime. Quando ele não é estrangeiro, prova-se que nasceu na COCHINCHINA, na ESPANHA, na RÚSSIA, no INFERNO, enfim, conquanto que se persiga o 'anarquista'"*.³⁶⁸

Um largo espaço do jornal trata da crítica à administração pública, tanto por seus desmandos, quanto pela inexistência de serviços básicos. Apresenta um balanço crítico das combalidas finanças do estado, em razão da política econômica implementada pela administração de João Thomé de Saboya. Localiza o ano de 1918 como ponto de inflexão nessa política, quando, numa conjuntura internacional crítica, o governo cearense teria assumido compromissos de endividamento financeiro irrealizáveis. Para além disto, segundo o jornal, não há planejamento sério, e os recursos públicos são consumidos em obras sem utilidade. Diante dessa situação, o que faz o governo?

Responde o articulista:

"Apela para a taxaço exorbitante, a única característica dos financistas brasileiros. E deste modo, o povo vai pagando as conseqüências resultantes da irresponsabilidade dos seus maus administradores. E nesta progressão viciosa tem caminhado, invariavelmente, todos os dirigentes desta terra. (...)

*Não obstante tudo isto, o governo aumenta os seus vencimentos e os dos Srs. Deputados. As festas se multiplicam. Gasta-se à vontade. Crescem as despesas, e a receita vai minguando, diminuindo... (...) E quanto a luxos e esbanjamentos não é somente um erro, é um crime imperdoável. (...)"*³⁶⁹

A crítica ao Executivo é estendida ao Legislativo, de resto conivente e apartado das aspirações populares, segundo o jornal. Para eles, a Assembléia Legislativa é comparável

"a um balaio ocupado por trinta 'papagaios' de bicos bem afiados para comerem o milho do pobre lavrador, isto é, o resto que sobrou da lagarta. Na

³⁶⁸ O Combate, ano I, nº 1, 26/06/1921. Fortaleza.

³⁶⁹ O Combate, ano I, nº 4, 23/07/1921. Fortaleza.

*trintena, tem gente de toda espécie, menos operários, ou quem tenha serviços prestados à coletividade. A escolha foi feita a 'dedo'(...)*³⁷⁰

Da leitura do conjunto do jornal e do seu exame tópico, identificando seus principais temas e tendências de intervenção militante, podemos caracterizar como sendo o núcleo de sua argumentação o diagnóstico do estado de indiferentismo, quase "inconsciência" em que se encontram os trabalhadores. Diante disso, o jornal aponta a luta anticapitalista e a formação de sindicatos de resistências como sua prioridade, reconhecendo que surgem associações operárias independentes, embora ainda sem congregar *"forças capazes de abalar o capitalismo sob cujo círculo férreo continuam presas sem poderem tugar nem mugir"*. Os artigos veiculados e outros enunciados d'**O Combate** são densos de conflitos estruturais próprios do capitalismo, como as desigualdades econômicas e sociais e o antagonismo na relação capital/trabalho.

Com o desaparecimento de **O Combate**, foi mais uma vez o **Voz do Graphico** que assumiu o seu papel militante em defesa do sindicalismo autônomo no Ceará. E, mais uma vez, um nome se destaca: Pedro Augusto Motta, personagem quase esquecida da história operária dessa época. Em São Paulo assumiu um papel decisivo, no movimento sindical e anarquista, numa década em que o anarco-sindicalismo começava a viver um período difícil, marcado por uma repressão violenta e pelo surgimento do Partido Comunista, que viria a contribuir para o declínio do sindicalismo autônomo no Brasil.

Sabe-se que nos primeiros anos do século XX as idéias anarquistas estavam dando os primeiros passos no Brasil. Uma década havia passado desde que o socialismo libertário começara a se exprimir no Rio de Janeiro, em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, por influência da presença ativa de imigrantes anarquistas italianos nos meios

³⁷⁰ **O Combate**, ano I, nº 3, 09/07/1921. Fortaleza.

operários, a que se juntaram outros militantes provenientes de Portugal e da Espanha. Essas idéias revolucionárias não tardariam a atrair brasileiros inconformistas como Benjamim Mota e, mais tarde, Fábio Luz, Martins Fontes, Avelino Fóscolo, José Oiticica Edgard Leuenroth, para citar apenas os nomes mais conhecidos.

Neste trabalho busco demonstrar que, de forma autônoma, no Ceará, viriam a se juntar ao anarquismo, livres-pensadores anticlericais e sindicalistas socialistas como Moacir Caminha, Joaquim Pimenta e Pedro Augusto Motta, que chegaram às idéias libertárias através das práticas de leitura e do conhecimento que se começava a ter em cidades como Recife e Fortaleza das idéias socialistas libertárias e da estratégia do sindicalismo revolucionário. Gestadas na Europa, essas idéias começavam então a se popularizar também na América, particularmente em países como o México, a Argentina, o Uruguai e o Brasil, através de trabalhadores imigrantes ou exilados, alguns dos quais já experimentados lutadores da causa social em seus países de origem.³⁷¹

Se é certo que o anarquismo não teve no Ceará a expressão e a vitalidade que manifestou em outros estados, particularmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, aqui ele esteve presente desde o começo do século XX, através da literatura libertária, do ativismo sindical e do associativismo, e originou grupos como o Clube Socialista Maximo Gorki, o Centro de Estudos Libertários, o Grupo Libertário Amigos d'A **Plebe**, o Comitê de Solidariedade aos Flagelados Russos, a Escola Operária Racional, a Escola Renascença e a Escola Humanidade Nova.

³⁷¹ A história das idéias socialistas no Brasil é bem mais longa e rica que o registro historiográfico feito sobre elas. Necessário, pois, reconstituir suas múltiplas experiências que se iniciam com as manifestações do socialismo utópico, por volta de 1840, quando Vauthier, Derrion e Mure contribuem para divulgar as idéias de Fourier, e vão ganhando cada vez mais importância com a chegada de exilados da Comuna de Paris (1871) e dos anarquistas italianos, que criaram a Colônia Cecília (1890), a que se juntaram, no final do século XIX, outros trabalhadores anarquistas espanhóis e portugueses. O estudo da ação não apenas destes imigrantes, mas a dos brasileiros que compartilharam suas idéias, é condição de possibilidade para apreender a riqueza dos registros firmados através de uma imprensa social que, aliada a outros
(continua)

A imprensa libertária, que se expressou através d'**O Regenerador**, o **Voz do Graphico** e **O Combate**, foi autora das manifestações dessa presença libertária. Nesses jornais, resguardadas as especificidades de sua natureza e com as particularidades do meio em que atuaram, expressava-se o ideal do socialismo libertário e do sindicalismo autônomo que marcaram nessa época, os movimentos sociais no Brasil.

Alguns estudos tributários de visões generalizantes, transpõem de forma mecânica explicações para as realidades marcada pela presença dos imigrantes, como aqui:

"Não é necessário sublinhar mais uma vez a predominância dos imigrantes europeus na formação inicial da classe operária brasileira, como também a importância, e mesmo a imprescindibilidade, desse elemento humano na determinação política das formas de luta adotadas pelas organizações de trabalhadores nos primeiros anos deste século".³⁷²

Essa perspectiva de análise, em certa medida, tributária dos estudos que consagraram *"o mito do imigrante radical"*, como bem anota Michael Hall, ao fazer tal generalização, com o acento em termos como imprescindibilidade, determinação política, desconsidera o que é caro à História, "disciplina do contexto", como já ensinara E. P. Thompson. Desconsidera a especificidade das condições históricas objetivas de outras regiões. Assim, o estudo de um período em que grandes transformações estão em curso no Brasil: industrialização, urbanização, formação de novas classes sociais (as formas de realização do capitalismo), deve levar em conta as dimensões em que se realizam essas transformações em um dado contexto, sem prejuízo de estabelecer as interconexões mais amplas.

mecanismos de auto-educação, constróem no Brasil a via de um sindicalismo autônomo e de ação direta, que marcaria as lutas sociais e a formação de uma cultura operária anticapitalista.

³⁷² ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Internacionalismo proletário no Cone Sul. A Experiência internacional do sindicalismo brasileiro em princípios do século*. In **Resgate. Revista de Cultura**, nº 3, p. 34. Campinas: UNICAMP/Centro de Memória, 1991.

No Ceará, a presença anarquista se deu de forma endógena e não a partir da ação inicial de imigrantes, como aconteceu em outras regiões. A pesquisa empírica é demonstrativa da existência de núcleos militantes, no Ceará, dedicados à divulgação do pensamento anarquista e do sindicalismo revolucionário, estabelecendo, inclusive, contatos com seus congêneres em diversos pontos do país e do exterior. Aqui, essa militância anarquista constituiu-se a partir da aproximação de intelectuais e trabalhadores do socialismo libertário, influenciados que foram por essas idéias recolhidas nos livros e noutras publicações e, como não podia deixar de ser, através do eco da ação e agitação que o anarquismo e o anarco-sindicalismo desenvolviam em outras regiões do País.

A presença libertária no Ceará aparece também com a colaboração da anarquista e feminista Maria Lacerda de Moura no jornal **O Ceará** (1928) atendendo o convite da então jovem jornalista Rachel de Queiroz.³⁷³

O conhecimento, através da imprensa operária de outros estados e das visitas às livrarias, do repertório de autores e idéias, informa as práticas dos primeiros círculos socialistas em Fortaleza, como já afirmei. Desses primeiros círculos, alguns tipógrafos, gráficos e empregados da função pública se destacam. É o caso de Gastão Justa, Raimundo Ramos, Eurico Pinto e Joaquim Alves. Deles, de sua experiência organizativa do Partido Socialista Cearense e de seu jornal, **Ceará Socialista**, combinando militância e política, trato na unidade seguinte.

³⁷³ Ver exemplo dessa presença em GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge. *Maria Lacerda de Moura – uma anarquista individualista brasileira*. In **Utopia. Revista Anarquista de Cultura e Intervenção**, nº 9, pp. 95-105. Lisboa: Associação Cultural A Vida, 1999.

8 – Ceará Socialista: imprensa e militância

Estudos de História Social agregando a perspectiva do movimento operário cearense nas primeiras décadas do século XX podem ser realizados tomando-se a imprensa dos trabalhadores como documento, fonte e memória, sendo o semanário **Ceará Socialista** um dos exemplos. De seu conteúdo ressaltam informações sobre a precária legislação de proteção ao trabalho, sobre a regulamentação e o (des)cumprimento da jornada de trabalho de oito horas, as desigualdades de remuneração entre homens e mulheres, a exploração do trabalho das crianças, multas e punições aos operários, insalubridade dos locais de trabalho, os acidentes de trabalho nas fábricas e na Estrada de Ferro de Baturité, entre outras.

Ao longo das edições, o jornal amplia seu espaço de denúncia e crítica, em sua tentativa de afirmar o anunciado propósito de porta-voz dos trabalhadores e cumprir sua função pedagógica apoiado nos conteúdos de crítica social e exortação à organização dos trabalhadores. Denuncia a "mesquinhez" dos salários e a carestia de vida, os vexames e maus tratos morais dos operários nas fábricas e oficinas, *"onde não podem trocar palavras"*. Critica o poder público e, em particular, a Assembléia Legislativa pela ausência de políticas que minorem os sofrimentos numa conjuntura em que seca e carestia infernizam a vida dos trabalhadores no Ceará de 1919.

Observado o semanário em sua dimensão de fonte/documento/memória, um fragmento pode revelar ao pesquisador da História Operária novos ângulos de abordagem. Assim, uma notícia como a de um desastre na Estrada de Ferro de Baturité, com a morte de um brequista que poderia ser tratada em outro periódico sob o ponto de vista da administração da Estrada e, no limite, atenuada como parte dos "inevitáveis acidentes de percurso do progresso", nessa imprensa o brequista tem nome: é José Mariano da Silva, tem família numerosa (e desamparada) e o fato aparece em seguidas

edições, exigindo providências e reparações legais à família, revelando que o descaso do Sr. Couto Fernandes (pela direção da Estrada) é prática corrente e demonstrativa do *"desinteresse com que se trata entre nós tudo o que se relaciona com o operariado"*, conforme referido na edição de 10 de agosto. Essa, entre outras evidências, torna possível localizar nesse documento/memória sua singularidade no esforço de estabelecer liames com as demandas dos trabalhadores.

Ao abordar o tema da *Carestia de Vida*, o jornal aporta valiosas informações sobre a conjuntura sócio-econômica do Ceará de 1919, estabelecendo os devidos nexos entre o quadro local de carestia, fome e miséria dos "desvalidos da sorte" e a conjuntura internacional pós guerra mundial, agravada no plano local com a seca de 1919:

"Os nossos maiores inimigos são os abastados comerciantes que não obstante o flagelo da seca, usam do expediente miserável que a última guerra os ensinou, pouco se incomodando com a calamidade que vai pelos subúrbios desta capital e pelo interior do Estado".³⁷⁴

Notícias de que *"muitas famílias tiveram seus lares às escuras, durante meses!"*, em razão do preço exorbitante do querosene e informações sobre a alta dos preços do café, da farinha, da carne verde, do açúcar, do feijão, do arroz, do pão e outros gêneros de primeira necessidade comparados ao *"salário que na média é de 4\$ a 5\$ mil réis diários"*, constituem registro das condições de vida e trabalho e da agenda de reivindicações do movimento operário no Ceará: *"Então eles têm o direito de aumentar 100% nas mercadorias e nós não temos o direito de protestar e de pedir aumento de 20%?"*, conforme indica a edição de 14 de julho.

Em sua tarefa de chamar a atenção da opinião pública, apresenta não apenas a constatação genérica da alta dos preços, mas aponta a fonte do enriquecimento dos exploradores de sempre: *"(...) A vida no Ceará inteiro vai se tornando insustentável. Os*

³⁷⁴ Ceará Socialista, ano I, nº 3, 27/07/1919. Fortaleza.

exploradores da desgraça alheia cada vez mais apertam a sacola do pobre, aumentando, criminosamente, os preços dos gêneros de primeira necessidade."

Denuncia o monopólio do querosene que enriqueceu centenas de comerciantes:

"Ninguém dirá o contrario, pois o querosene era vendido a eles, comerciantes, a 25\$000 a caixa e revendido aos consumidores a 100\$, 120\$, 150\$ e até 180\$000! Muitas famílias tiveram os seus lares às escuras, durante meses!

Hoje é o café, a farinha, a carne verde, o feijão, o arroz, o açúcar, o pão, etc., todos esses gêneros genuinamente nossos, os quais não baixam em seus preços, alguns a mais de 100%! O café está a 2\$400 e a 2\$600 o quilo. A farinha que era de 140 réis está a 380 rs. o litro. A carne está a 1\$400 o quilo. O pão de 100 rs não equivale, no peso e no tamanho, ao que se vendia a 40rs. ao passo que a farinha de trigo baixou 50%!"³⁷⁵

Diante da situação, o artigo conclama o povo a não se sujeitar, pois *"ele é soberano"*. Cita exemplos de protestos vitoriosos no Rio de Janeiro:

"Neste momento angustioso por que passa a terra da fome e do martírio, agravada duplamente pelos flagelos da seca e da política, neste momento, repetimos, é quando a exploração comercial mais se intensifica e persegue o povo trabalhador de nossa terra: o operariado cearense, o trabalhador cearense, o pequeno funcionário cearense (...) Entretanto a Associação Comercial, composta dos maiores capitalistas, dorme a sono solto, refestelada, e nem se lembra sequer de que o povo sofre, devido o trust açambarcador, organizado por esses mesmos elementos que a compõem."³⁷⁶

Vários são os registros acerca da situação dos trabalhadores empregados nas obras contra as secas, desde as práticas de recrutamento até as formas de remuneração do trabalho, como na edição de 17 de agosto de 1919:

"Sabemos que os trabalhadores das obras contra as secas percebem a desgraçada diária de 1.600 réis, e ainda são descontados 20% sobre essa razão, (...) Além de tudo isso, há ainda um fornecimento onde os trabalhadores são explorados... Um homem ganhando 1.600 réis por dia, poderá viver com a carne verde a 1.600 réis o quilo, a farinha a 320 réis o litro, o feijão a 700 réis o litro? "

O jornal traz à cena a situação aflitiva dos pobres que uma vez mais chegam a Fortaleza, repetindo o itinerário de sofrimento das secas anteriores. Em 1919, era de 24

³⁷⁵ Ceará Socialista, ano I, nº 3, 27/07/1919. Fortaleza.

³⁷⁶ Ceará Socialista, ano I, nº 3, 27/07/1919. Fortaleza.

mil pessoas o contingente dos "famintos esfarrapados e sem trabalho" na cidade. Ao abordar o problema social da seca, o jornal apresenta a situação dos trabalhadores nas obras públicas, residindo aí sua crítica mais veemente ao governo de João Thomé, uma vez que a ação de "socorro aos flagelados" na forma de obras públicas, além de reduzida e precária, pagava baixos salários e se constituía em espaços de fraude, desvio de recursos públicos e desmandos administrativos. Ao dito exemplar do **Correio do Ceará** – "*quando começarem os trabalhos para os flagelados descalços, os de casaca já têm lhe comido a verba*" – apresento o argumento esclarecedor, em Castro Neves, sobre a seca de 1919:

*"Ao que parece, o governo do Estado quis deixar ao máximo possível por conta das instituições de caridade, ou da caridade individual o atendimento à população de retirantes. (...) A caridade, portanto, e não medidas governamentais de intervenção no mercado, seria o instrumento mais correto para relaciona-se com os retirantes, definindo esse relacionamento no círculo da esfera privada (...) como a Liga das Senhoras Católicas, inserindo a assistência social no âmbito de ação da vida religiosa."*³⁷⁷

Abordando o tema da carestia e baixos salários na função pública, o jornal divulga uma *Carta aberta à Bancada Cearense no Congresso Federal*, cujo signatário é Gilberto Câmara³⁷⁸, que ao olhar do pesquisador é valioso testemunho. De um relato (seguido de reivindicação) sobre a situação dos funcionários dos Correios e Telégrafos, saltam informações sobre proventos, preços de alimentos, gastos com moradia, número médio de pessoas por família – indicadores fundamentais para os estudos e pesquisas no campo da História Social. Também sobre os empregados da função pública (ou

³⁷⁷ NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História...** Op. cit., p. 90. Sobre as secas e as estratégias de isolamento da pobreza no espaço urbano, ver RIOS, Kênia Sousa. *A Cidade do Sol à sombra do flagelo*. In **Projeto História-Campo/Cidade**, nº 19, pp. 215-225. São Paulo: EDUC, 1999.

³⁷⁸ Gilberto Câmara (1897-1953), ingressou no quadro de pessoal da Administração dos Correios em 1917. Seguindo a tradição da família, cedo se inicia na atividade do jornalismo; foi presidente da Associação Cearense de Imprensa em três gestões. Sobre Gilberto Câmara consultar NOBRE, Geraldo (**História da Associação Cearense de Imprensa, 1925-1975**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976; e **As Sete vidas de Gilberto Câmara**. Fortaleza: ABC, 1999).

contratados pelos empreiteiros) essa notícia é reveladora das práticas ilícitas que envolvem a remuneração do trabalho, como se lê em 10 de agosto de 1919:

"Os empreitantes da limpeza pública pagam a um trabalhador... 1.600 réis por dia. Essa miséria é paga do seguinte modo: metade em gêneros (um litro de feijão, certamente) e metade em dinheiro, havendo um desconto no dinheiro de 60 réis. Não acreditamos que um homem possa viver com 740 réis por dia! Senhores responsáveis pela miséria do povo, tenham cuidado e cuidem de melhorar essa situação, pois a fome faz perder a razão!...".

As notícias vêm também do interior. De Sobral, é reproduzido um artigo do **Correio da Semana**, de 26 de julho de 1919, onde Jayme Guilherme aponta as causas que originam a fome e o desamparo dos trabalhadores cearenses. Ressalta que, não obstante os serviços federais (estradas de ferro, de rodagem, açudes, linhas telegráficas), a população pobre vai passando cada vez pior. A razão desse "disparate", segundo ele, reside no fato de que os serviços vêm para *"uma certa classe de gente abençoada"* enquanto milhares de pessoas em piores condições procuram e não encontram vagas.

Do Aracati, uma carta de 27 de julho de 1919, apresenta relato sobre as condições de trabalho, salários, multas, trabalho infantil na Fábrica de Tecidos Santa Thereza e diz que não é fácil fazer uma greve, visto que *"a odiosa represália do industrial fará castigar alguns pobres operários, deixando-os sem colocação, expostos às torturas da fome com a família"*.

O semanário volta suas vistas também para a situação no campo: poucos salários, opressão física e moral, horário extenuante – trabalham de sol a sol! Denuncia os níveis de sujeição no campo, com *"a sujeição do camponês a essas tão duras condições, de transportes e de ferramenta moderna que lhes facultem trabalho mais brando e independente"* e questiona a tese corrente entre os proprietários rurais acerca da falta de braços para a lavoura, chamando a atenção para o deslocamento de grandes

contingentes *"para o desbravamento das matas inóspitas da Amazônia feita pelos braços dos filhos do Ceará"*.³⁷⁹

Nos vários artigos, além das denúncias contra os baixos salários, condições e horários ilegais de trabalho, veiculam-se notícias sobre as represálias e ameaças patronais em razão da criação do Partido Socialista Cearense. O argumento do núcleo dirigente do partido de que *"o patronato cearense não estava acostumado à efervescência em que se acha agora o povo trabalhador, pois este tem sido na sociedade considerado um verdadeiro pária"* tem como resposta de Thomaz Pompeu de Souza Brasil, nas páginas do **Correio do Ceará**, que o surgimento do PSC era *"obra de operários mal-intencionados, que tomam a si a triste empresa de agitar com palavras falaciosas e enganadoras, as honradas classes laboriosas, desempenhando o papel de falsos pregoeiros das reivindicações operárias"* e sugere a seus pares a adoção de represálias, dizendo que *"(...) há a necessidade dos industriais não darem trabalho em suas fábricas, como medida de preservação a esses elementos subversivos da ordem, expulsos de outros estabelecimentos"*, reproduzindo o noticiário do Correio do Ceará, de agosto de 1919.

Mas não apenas de denúncias é o conteúdo das informações sobre as práticas patronais. O jornal desenvolve uma estratégia de "convencimento" dos patrões, divulgando notícias "exemplares". Na edição de 29 de julho de 1919, sob o título *Bello Exemplo*, o proprietário da Sapataria Gadelha recebe os aplausos do jornal, em razão da folga concedida aos empregados mensalistas para participar de *meeting* do Partido Socialista e na edição de 3 de agosto o construtor Antonio Machado é apresentado entre

³⁷⁹ **Ceará Socialista**, ano I, nº 9, 07/09/1919. Fortaleza.

"Os que pensam bem", pelo compromisso de definir para seus operários a jornada de oito horas.

Embora do mesmo período d'**O Combate e Voz do Graphico**, é diferenciada a expressão de seu programa, de sua ação junto ao movimento operário cearense, e outra é sua matriz doutrinária, ainda que alguns dos colaboradores do **Ceará Socialista** participem das experiências dos núcleos militantes que produziram as citadas folhas de tendência anarquista. Registre-se que a colaboração de Pedro Augusto Motta (como a de Moacir Caminha) no **Ceará Socialista** é atravessada pelas divergências com Gastão Justa quanto à criação do Partido. Os dois primeiros, já influenciados pelas idéias do anarquismo e do anarco-sindicalismo, combatem as sociedades beneficentes e defendem a criação de sindicatos de resistência. Tais diferenças e certas ambigüidades no plano doutrinário, no entanto, devem ser compreendidas e situadas no quadro mais geral da atuação dessa imprensa no Ceará, como resultado da experiência dos socialistas militantes no movimento operário cearense.

A leitura do **Manifesto do Partido Socialista Cearense** e dos demais artigos doutrinários veiculados no **Ceará Socialista** esclarece a concepção de partido e sua forma de atuação, sendo possível situá-lo ao lado de outras experiências realizadas no Brasil desde o final do século XIX (guardadas as diferenças já apontadas), que em sua maioria adotaram programas de cunho reformista "*prevendo medidas de defesa dos trabalhadores (diminuição da jornada de trabalho, restrições ao trabalho feminino nas fábricas, proibição do trabalho infantil, criação de juntas arbitrais de conflitos trabalhistas) e reformas no Estado (...)*"³⁸⁰, como observa C. Batalha no estudo já referido.

³⁸⁰ BATALHA, Cláudio H. *A Difusão do marxismo...* Op. cit., p. 38.

A criação do Partido Socialista Cearense pode ser explicada no quadro das modificações que estão se operando por dentro das correntes socialistas nas primeiras décadas do século XX. Nesse período, é possível localizar o debate travado por alguns grupos socialistas sobre a relação partido e sindicatos, em razão do descompasso entre as tentativas de criação de partidos operários e o vigor e autonomia do movimento sindical.

Essa formulação se diferencia daquela apresentada para os anos finais do século XIX, do partido como instrumento das pugnas eleitorais, para uma concepção de partido com um programa de reivindicações. Tal é a concepção presente no grupo editor do **Ceará Socialista**, mas principalmente em Gastão Justa. Basta que se leiam os tópicos principais de seu manifesto, esclarecedor nesse sentido. O esboço do programa do Partido Socialista Cearense é apresentado em dois momentos distintos, com teses complementares. Deliberado em seção de 18 de maio de 1919, é apresentado no dia 26 como **Manifesto às Classes Trabalhadoras do Ceará**, conclamando-as "*à congregação, ao movimento emancipador do operariado universal*". O Manifesto apresenta um "programa provisório" para "*propagar a realização dos princípios da Comissão do Trabalho aprovados na Conferência de Paz*". Seguido de um longo arrazoado, define os tópicos constitutivos de seu programa provisório:

1º – O direito de associação;

2º – Os menores de 14 anos não serão admitidos no trabalho, nem na indústria e comércio; os menores de 14 a 18 anos farão somente trabalhos leves sem prejuízo da educação profissional e geral;

3º – Salários iguais, sem distinção de sexo, para trabalho igual;

4º – Repouso hebdomadário;

5º – Oito horas de trabalho por dia ou 48 horas por semana;

6º – Os estrangeiros legalmente admitidos terão direito ao mesmo tratamento dispensado aos nacionais;

7º – *Todos os estados organizarão o serviço de inspeção ao trabalho, o qual deverá compreender as mulheres.*¹⁶⁸¹

Dois meses passados do lançamento do Manifesto, é organizado um *meeting*, em 14 de julho, ocasião em que um novo documento político é apresentado, desta feita "*Aos poderes constituídos do Ceará*", dirigido ao Presidente do Estado, João Thomé de Saboya. Nesse documento os dirigentes do Partido avaliam seu programa provisório como "meramente econômico", portanto, insuficiente, pois "*iniciada a luta, vimos que esse programa não satisfazia as exigências do momento. Era necessário lutarmos também no terreno político.*"¹⁶⁸²

Ainda que os dirigentes do Partido Socialista tenham adotado a tática de aproximação com o Presidente do Estado, João Thomé de Saboya, afirmando o propósito partidário de "*trabalhar dentro da ordem*", as manifestações de intolerância e repressão patronais são divisadas desde o lançamento do *Manifesto de Fundação* do PSC, a partir da ação articulada pelo proprietário do **Correio do Ceará**, A. C. Mendes, junto às entidades empresariais do comércio e da indústria. Registre-se que acabara de ser fundado o Centro Industrial do Ceará, uma iniciativa conjunta de Thomaz Pompeu de Souza Brasil e de A. C. Mendes, então proprietário da principal tipografia de Fortaleza, correspondendo ao que Geraldo Nobre observa como "*o aparecimento da mentalidade industrialista no Ceará*".

³⁸¹ **Ceará Socialista**, ano I, nº 1, 14/07/1919. Fortaleza.

³⁸² **Ceará Socialista**, ano I, nº 2, 20/07/1919. Fortaleza. O jornal reconhece, no passado, a honestidade e a concepção social de João Thomé de Saboya, o PSC declara seu apoio ao então presidente do Estado, "*porque temos certeza de que V. Exc. colaborará conosco nesta obra grandiosa que é a solução do problema social.*" Esse fato é lembrado, anos depois, do seguinte modo, na coluna *Movimento Operário*, do jornal **O Ceará**: "Numa dessas ocasiões, quando o 'Partido Socialista' fazia uma demonstração em público, o Senador João Thomé então presidente do Estado, declarou que o movimento operário, que surgiu no Ceará não era mais do que uma conseqüência lógica de acontecimentos que tinham a sua causa na evolução mesma da sociedade, destruindo, deste modo, intrigas pequeninas, que se tramavam contra os representantes trabalhistas daquele tempo." (**O Ceará**, ano IV, 25/03/1928. Fortaleza)

Às investidas de A. C. Mendes, via **Correio do Ceará**, e dos industriais, o jornal expõe, através de seus principais articulistas, o núcleo do que considera importante no pensamento socialista. Diz a que "ramo" da tradição socialista está vinculado, afastando as comparações que se possam fazer entre o ideário do PSC e as idéias comunistas. Essa tarefa parece estar sendo cumprida por Pedro Augusto Mota, que procura diferenciar as idéias defendidas pelo PSC do modelo comunista da Revolução Russa:

"o que unicamente queremos é a garantia dos nossos direitos, a liberdade das nossas ações, a justiça do nosso valor e a igualdade entre os homens, quer no sentido coletivo, quer no sentido pessoal.

Não queremos o que transformou as sociedades da Rússia, isto é, não aspiramos a igualdade de riquezas nem tão pouco desejamos por em prática a política da força que, como naquele país, só nos poderá ser fatal ou prejudicial às nossas reivindicações (...).

*Não. Queremos leis; leis que nos considerem como homens dignos e honrados, leis que nos façam capazes de merecer tudo quanto tem de direito o cidadão (...) que nos dêem uma vida digna da nossa posição, de nosso meio humilde, mas honrado; leis que, de futuro, nos recompensem, nos assegurem a própria velhice."*³⁸³

Na tentativa de rebatimento das "acusações" patronais, de que o socialismo é semelhante ao anarquismo, é a vez de João Catunda fazer os "tais esclarecimentos". Na edição de sete de setembro, em longo artigo, diz que "ser socialista não é ser anarquista" e inclui na sua genealogia do socialismo, Sócrates e Jesus Cristo, Nabuco e Patrocínio. Talvez tenha se inspirado nas leituras do socialista francês Benoit Malon ou mesmo no Manifesto Político de 1913, da Confederação Brasileira do Trabalho que incluía entre os primeiros socialistas de Platão a Jesus Cristo, como ainda Montesquieu, Rousseau, Mably, Diderot e D'Alembert, entre outros.³⁸⁴

³⁸³ **Ceará Socialista**, ano I, nº 5, 10/08/1919. Fortaleza.

³⁸⁴ Confederação Brasileira do Trabalho, **Manifesto Político – Ao Operariado e ao Povo**, 21/10/1913, apud BATALHA, Cláudio H. de M. *Nós, filhos da Revolução Francesa: a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX*. In **Revista Brasileira de História**, v. 10, nº 20, mar.-ago., pp. 233-249. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1991.

O jornal combina o tom de denúncia e advertência ao poder com uma certa esperança "*nos homens de governo*" quanto ao atendimento de suas reivindicações, revelador de sua estratégia de luta e resultado das indefinições ideológicas que perpassam o movimento operário e socialista do período. O artigo de fundo da primeira edição é ilustrativo dessa estratégia, que bem poderíamos compreender como tentativa de "alargamento de possibilidades" da presença operária na cena política de Fortaleza.

Apesar de não formularem um programa de claro confronto ao poder instituído, seu discurso é pontualmente crítico e contundente diante de certas questões, como, a carestia, a fome e a miséria, os salários mesquinhos, a imundície dos locais de trabalho, o problema da moradia, as excessivas jornadas de trabalho, a quase inexistência de proteção e garantia do trabalho, a exploração do trabalho da mulher e das crianças, a perseguição patronal, entre outras. Questionam a ação do poder público nestes termos:

"o dever máximo dos poderes públicos é encurtar já e já a liberdade de exploração de que abusam os patrões e a liberdade de açambarcar os gêneros, da qual se servem os comerciantes insaciáveis para trazerem sempre recheadas de milhões as suas burras vorazes. O dever máximo de cada cidadão é combater pelo termo de tão desesperador estado de cousas."³⁸⁵

O jornal Ceará Socialista faz em seu primeiro número, como é de hábito na imprensa, uma longa exposição dos motivos que o levam a aparecer na cena pública do Ceará. Evidencia o lugar central do trabalhador como sustentáculo da organização social, chama a atenção para o grau de degeneração das instituições governamentais, localizando aí a raiz dos desequilíbrios entre as classes e aponta o papel do Estado na sociedade moderna, como possibilidade de manutenção da harmonia na vida em sociedade, devendo para isso olhar mais cuidadosamente para o trabalhador. Cobra ao poder constituído suas ações frente ao abandono em que se encontram os trabalhadores, alertando que é chegado o tempo dos governantes estudarem de perto o descontentamento que domina as classes trabalhadoras. Acaso não se teme que um sofrimento sem fim faça explodir a revolta íntima?. Nesse tom de denúncia e advertência ao poder, esclarece seu compromisso:

(...) Para a defesa dos nossos companheiros de infortúnios foi que surgimos na arena da imprensa. Daqui faremos a crítica imparcial dos atos, não só vindos dos poderes constituídos, como também os partidos de particulares; e

³⁸⁵ O Ceará, ano IV, 25/03/1928. Fortaleza.

apresentaremos, de acordo com o meio em que vivemos, para melhorar as condições dos nossos irmãos.

Neutro em política e em religião, o Ceará Socialista não trabalhará senão pelo interesse da classe a que se propõe defender, e como é hoje um problema universal, as reformas tendentes a integralizar o proletário na sociedade, esperamos o apoio sincero não só dos homens de governo, como de todos quantos estudam e conhecem a vida na sua verdadeira acepção.

*Operários, sede sobretudo unidos: a união tem feito a liberdade de quase todos os povos.*³⁸⁶

O **Ceará Socialista**, publicação semanal, órgão do Partido Socialista Cearense, circulou em primeira edição em 14 de julho de 1919, em Fortaleza, tendo como editores Eurico Pinto, Gastão Justa, Joaquim Alves e Raimundo Ramos, signatários do Manifesto de fundação do Partido. Sua redação funcionou na rua Major Facundo, local onde também realizavam-se as sessões do Partido e reuniões de alguns sindicatos e associações de trabalhadores na Fortaleza de então. Além dos citados editores, o jornal traz como colaboradores, entre outros: Joaquim Pimenta (do Recife), Pedro Augusto Motta, Francisco Ferreira Façanha, José Guarany, César Magalhães³⁸⁷, Boulanger Bruno, Francisco Souza Lima, João Catunda, Luiz Santiago, Ernesto Brazil, Carlos Severo, Gilberto Câmara, Clodoveu d'Oliveira, P. Agostinho, Paulo de Gardênia, José Ferreira, Francisco Falcão, Mário da Silveira, Jayme Guilherme, Moacir Caminha, Lafitte Barreto Brasil. Alguns usam pseudônimo e outros não assinam suas colaborações, um indício das possíveis represálias ou do não alinhamento às teses do Partido.

³⁸⁶ **Ceará Socialista**, ano I, nº 1, 14/07/1919. Fortaleza.

³⁸⁷ César [Teles de] Magalhães (1905-1930), ao lado de Gilberto Câmara, Joaquim Genu, Juarez Castelo Branco, Teodoro Vieira, entre outros, forma o núcleo que participa da fundação da Associação dos Jornalistas Cearenses (depois Associação Cearense de Imprensa), sendo eleito seu primeiro presidente, em 23 de agosto de 1925. Segundo Francisco Serra Azul, em notas sobre a "Fundação da ACI", César Magalhães "era um garoto de pouca idade, mas muito ativo como repórter e jornalista praticante do Correio do Ceará, do tempo de A. C. Mendes". Em sua gestão, criou a Escola de Gazeteiros Padre Mororó. Em 1943, é instalado o Albergue para os gazeteiros, que recebe o nome de César Magalhães, em homenagem proposta por Alfeu Aboim (Cf. NOBRE, Geraldo. **História da Associação...** Op. cit. Para maiores informações vejam-se os capítulos *A Presidência César Magalhães* e *Dados Biográficos*).

Além do grupo editor, responsável pela maior parte dos artigos de fundo, e dos colaboradores, o jornal recolhe material junto a órgãos da imprensa do Rio de Janeiro como o **Imparcial**, **Jornal do Brasil**, **A Noite** e **Correio da Manhã**. A transcrição de matérias desses jornais pode ser explicada, em parte, pela necessidade do grupo editor em "legitimar-se" como órgão de imprensa operária e partidária em Fortaleza, face aos permanentes ataques do **Correio do Ceará**. Assim, reproduz material da lavra de "ilustrados jornalistas" ou de "escritores de renome" desejando ratificar, em parte, os pontos de vista defendidos pelo jornal. Sob o título de *Opiniões insuspeitas*, o jornal publica também trechos de declarações de pessoas de destaque no Ceará (Cruz Filho, José Sombra) cujo conteúdo coincida ou reforce o ideário do Partido, ainda que tais opiniões não se traduzam em adesão e nem seus autores compartilhem das idéias socialistas.

Em suas páginas, o exercício da crítica, o acolhimento do debate em torno do socialismo, a fiscalização do poder público, a ampliação do espaço de denúncia das questões que afetam a vida dos trabalhadores, são feitos através da palavra de alguns articulistas e a poesia tem seu espaço ("*Acaso não se teme que um sofrimento sem fim faça explodir a revolta íntima?*") no verso de Gastão Justa, Pedro Augusto Mota, Francisco Falcão e de outros, colaborando no sentido de firmar um campo de combate anticapitalista. Aqui é o verso dedicado a Gastão Justa por Francisco Falcão:

*"Vede-a, camarada, a burguesia
De pança enorme erguida para o ar,
Que ganha mais (que roubo!) num só dia,
Que mil de nós, num mês a trabalhar.*

*A sua mente exótica, doentia
Outra idéia não sabe ruminar,
Que a de impor, pelo trust, a carestia,
Implantando a miséria em nosso lar.*

*Mas, cansados de tanto sofrimento,
Eis-nos na luta em tão feliz momento,*

*Pelo nosso direito e nosso nome.
Engrossemos, portanto, a nossa ala.*

*E, unidos, havemos de esmagá-la
Como ela nos oprime pela fome.³⁸⁸*

De outros estados transcrevem excertos de artigos como forma de buscar legitimidade em argumentos de nomes consolidados na imprensa da capital da República. É o caso de Antonio Leão Veloso, do **Correio da Manhã**, do Rio de Janeiro, que ao lado de Evaristo de Moraes, Júlio Dantas, J. Resende Silva, Múcio Leão, Viriato Correia, José Oiticica, entre outros, veicula artigos de opinião e difunde temas do ideário socialista. Em *Revoluções do Velho Mundo*, Veloso reproduz trechos de um discurso de León Trotski, de um *meeting* em Petrogrado, para concordar com a tese do revolucionário russo de que *"eles nos poderão vencer pelas armas; nós porém lhes oporemos os nossos ideais, mais fortes do que os seus canhões (...). Levaremos o facho revolucionário ao coração dos impérios centrais"*. O argumento de Trotsky é usado pelo jornalista para alertar os leitores para *"fugirem às informações tendenciosas, que os agentes da reação capitalista espalham pelo mundo contra o movimento proletário"*. Ao reproduzirem o artigo de Veloso, na edição de 05 de outubro de 1919, os redatores do **Ceará Socialista** reverberam a idéia de que *"o fim da revolução é destruir a desigualdade e estabelecer a felicidade comum"*.

O jornal apresenta características comuns ao tipo de imprensa produzida no interior do movimento operário no período, embora tenha suas especificidades. Sua sustentação é buscada a partir do engajamento dos trabalhadores de Fortaleza nas propostas do Partido. Listas de subscrição ficam sob a responsabilidade dos militantes mais destacados. A repercussão das listas é noticiada já no primeiro número, como

³⁸⁸ Poema de Francisco Falcão, dedicado a Gastão Justa, publicado no **Ceará Socialista**, ano I, nº 10, 14/09/1919.

forma de marcar seu propósito de auto-sustentação e estimular a adesão do público leitor:

*"Essas listas deram o resultado mais animador possível. Renderam até então quase duzentos mil réis angariados somente no seio da classe operária, que assim deu uma prova eloqüente de seu apoio à causa por que nos batemos e que é a sua própria causa".*³⁸⁹

Além das listas e contribuições voluntárias dos trabalhadores e prováveis simpatizantes do Partido, os anúncios cobrem pequenos custos do jornal, uma vez que os anunciantes são de poucas posses. O anúncio pode ser visto aqui como uma estratégia de divulgação da folha, com uma garantia: esses pequenos estabelecimentos, bodegas, cafês, oficinas e barbearias passavam a ser ponto certo da leitura do jornal. Nas primeiras edições, um acanhado anúncio da *União dos Chauffeurs* se esconde sob o título de *Aviso*, oferecendo serviços aos proprietários de automóveis. Na edição de número onze, um anúncio na primeira página é curioso: *"Operários, fumae de preferência os cigarros ACÁCIA, de J. Markan"*. A partir desse número aparece a coluna *Anúncios*, oferecendo os serviços de alfaiataria, marcenaria, tanoaria, sapataria, construção, carpintaria, barbearia. Garantem rapidez e perfeição, presteza e correção, asseio e perícia, consciência e critério, satisfação ao mais exigente freguês e, até, perfeição e sinceridade. Nos anúncios, o pesquisador pode recolher informações sobre as profissões nascentes e as soluções de vida urbana que se vão construindo na Fortaleza de 1919.

O núcleo militante que funda o Partido Socialista Cearense e mantém seu periódico pode ser entendido do ponto de vista de realização política, a partir de

³⁸⁹ A presença de anúncios é uma das diferenças em relação à imprensa de extração militante e socialista desse período. Outras diferenças estão na definição das seções e escolha dos temas: não publica extratos ou traduções das leituras que informam a visão de mundo dos redatores. Tampouco indica as listas de leituras tão comuns em vários jornais operários ou informa o recebimento das folhas socialistas de outros estados, o que é curioso pois parece que o grupo editor cuidou do intercâmbio visto que localizei
(continua)

algumas variáveis. Participando em alguma medida dos círculos de leitura socialista e debates existentes em Fortaleza desde 1908, marca a diferença seja em relação ao projeto e concepções do Partido Operário do Ceará, de 1891 e de sua dissidência, a Confederação Operária de 1892, seja com os grupos de orientação católica e as sociedades beneficentes das primeiras décadas do século XX, em particular com o Centro Artístico Cearense e os Círculos Operários.

Na tarefa de organização partidária, sucedem-se as disputas com o Centro Artístico Cearense e os Círculos Operários, propondo uma linha, segundo eles, mais politizada e menos assistencialista. No combate à sua atuação, critica o caráter "meramente beneficente", o programa "excessivamente restrito", o silêncio face aos problemas que dizem respeito aos trabalhadores e a ambigüidade de seu comportamento frente à política local.

Para uma melhor apreciação do **Ceará Socialista**, trago à cena seu grupo editor, para que se perceba sua forma de atuação no meio operário do Ceará.

Das leituras comuns, da camaradagem, da indignação com a política local, Gastão Justa, Eurico Pinto, Joaquim Alves e Raimundo Ramos retiram conteúdo para a militância de extração socialista. As formas de adaptação e assimilação das leituras e de adesão à perspectiva socialista expressam-se através de práticas sociais distintas. Uns vão, cada vez mais, se aproximando do pensamento libertário e dos grupos anarquistas de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, como é o caso de Moacir Caminha e Pedro Augusto Mota. Outros, adotam a via partidária como modelo de organização do operariado cearense. É o caso de Gastão Justa, Joaquim Alves, Eurico Pinto e Raimundo Ramos. Embora o primeiro seja a figura mais empenhada na formação do Partido, os

referências ao recebimento do **Ceará Socialista**, em periódicos de Porto Alegre, do Rio de Janeiro e de São Paulo (*A Luta*, *Spartacus* e *A Plebe*).

demais adotam igualmente as tarefas militantes, valendo-se do reconhecimento de que cada um dispõe no espaço público de Fortaleza e no meio operário. É o próprio Gastão Justa que trata de sublinhar a ação militante como resultado coletivo, fazendo o generoso elogio a Joaquim Alves:

"(...) com a fundação do Partido Socialista Cearense, estivemos mais uma vez irmanados reivindicando em comícios públicos, os direitos postergados da massa proletária. Foi uma luta sem tréguas.

Joaquim Alves era o mesmo homem de fibra e de caráter. Pontificando no meio do operariado nunca se deteve, como nós outros, frente às ameaças dos poderosos do momento. Ele era o orador sereno, profundo, de frases bem cuidadas, falando já uma linguagem de sociólogo sem os arroubos faiscentes dos demagogos. Tudo nele era medido, calculado, estudado, emitindo seus pontos de vista com a segurança de um mestre. Não arrebatava, ensinava. Não excitava os ânimos dos operários, concitava-os ao estudo das questões sociais, à meditação dos dias futuros. Não agia sob o impulso das conquistas imediatas. Esperava sempre pelo amadurecimento da colheita. Era o semeador consciente, que não provocava a sazão do fruto, antes do seu natural desenvolvimento, com os adubos excessivos, no caso a exacerbação de ódios de classe para a eclosão de rebeliões sangrentas.

Todos nós que compúnhamos a direção do Partido, tínhamos nele o mediador inteligente que resolvia com ponderação e acerto, as questões internas da nossa agremiação política e social. A sua palavra era sempre acatada. Os seus pensamentos eram sempre nobres e humanos. (...)"³⁹⁰

Joaquim Alves, professor, inspetor de ensino, publica vários estudos a partir dos anos vinte sobre Pedagogia, Sociologia, História, Geografia e Crítica Literária, quando se tornaria nome destacado nos meios intelectuais do Ceará. De suas muitas andanças pelo interior do Nordeste, segundo Sânzio de Azevedo, adveio a idéia de realizar estudos em profundidade sobre o homem e a região, resultando daí alguns de seus mais conhecidos estudos.³⁹¹

³⁹⁰ **Unitário**, 27/07/1952. Fortaleza.

³⁹¹ AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, pp. 431-432. O autor diz que Joaquim Alves "bem poderia ser chamado - tivesse um pouco mais de renome - o 'Graça Aranha do Grupo Clã". São obras de Joaquim Alves: **Nas Fronteiras do Nordeste** (1929), **Estudos de pedagogia regional** (1939), **O Vale do Cariri** (1946), **Juazeiro, cidade mística** (1949), **Autores cearenses** (1949), **História das secas** (edição póstuma de 1953).

Para Joaquim Alves, quando os da sua geração "*surgiram para a vida mental*" se depararam com a Sociologia de Sílvio Romero sob a orientação filosófica de Tobias Barreto, destacando no Ceará a influência de Soriano de Albuquerque. No ensaio *Cenário de duas gerações*, Joaquim Alves apresenta um breve inventário das leituras feitas pela geração de 1914, então com vinte anos. De Portugal, liam Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Abel Botelho, Fialho de Almeida, Cândido de Figueiredo, Gonçalves Viana. Da França chegavam as leituras de Victor Hugo, Flaubert, Zola, Paul Bourguet, "*quando não deslizavam para a literatura revolucionária, filha da Comuna de 70*". O ceticismo de Renan, a explicação determinista e antropogeográfica de Taine, a teoria negativista de Buckle, a recitação dos parnasianos, eram, segundo ele, objeto de discussão nos círculos dos estudantes do Liceu e da Faculdade de Direito. Refere ainda a influência na poesia de Heredia, Regnier, Theodore Banville e Leconte de Lisle.

No mesmo ensaio mapeia as diferenças entre gerações, concluindo que "*o desajustamento entre as gerações que vieram após o primeiro grande cataclismo da civilização burguesa-capitalista, e as que assistiram sua ação destruidora, foi assustador*". Era o depoimento crítico do humanista interessado nos problemas da classe operária e dos direitos sociais.³⁹²

Para ele, o progresso da técnica aliado à complexidade dos problemas econômicos (gerando novos problemas na esfera da política), teria determinado a mudança de atitude de alguns intelectuais do Ceará, em busca de uma nova exegese dos fenômenos econômicos e sociais, "*impondo um sentido novo à interpretação do mundo social e político*", donde uma das "*correntes*" de interpretação se forjou "*no contato da rua, vendo os problemas que falam às classes sociais*".

³⁹² ALVES, Joaquim. *Autores cearenses*. 2ª ed. Fortaleza: UFC, 1997, pp. 15-23.

No ensaio *Face Iluminada*, comentando a assertiva de Dolor Barreira em **História da literatura cearense** sobre o profícuo trabalho intelectual desenvolvido no Ceará, a despeito "*da pobreza da terra, das dificuldades com que luta o homem para viver*", Joaquim Alves fala talvez de sua própria experiência:

*"No Ceará, o intelectual, apesar da precariedade em que vive, dedica um pouco do tempo disponível às preocupações da inteligência. Lê o que pode, sacrifica a pequena verba pessoal com a aquisição de livros. Não escreve para ganhar... Trabalha pela atração que sente pelos temas de sua preferência".*³⁹³

Eurico Pinto, gráfico (depois, funcionário dos Correios e Telégrafos), é daqueles que se achegam ao movimento operário tocado pelo interesse nas discussões literárias. No teatro teve passagens reconhecidas pelo público e referenciadas pelos memorialistas e estudiosos da História do Teatro no Ceará. É na sala de representações do Recreio Dramático Familiar, iniciativa de Frutuoso Alexandrino e da atriz Isabel dos Santos, que Eurico Pinto, em 1908, se inicia no teatro, fazendo uma ponta. Atua no grupo de amadores *Admiradores de Talma*, criado em 1914, do qual participam os também gráficos Joaquim Santos, José Pimenta, Josué Sena, entre outros. Era um tempo em que os gráficos, pequenos funcionários públicos e empregados no comércio formavam os grupos de teatro amador em Fortaleza. Em 1918 faz parte do Grêmio Dramático Familiar, sob a direção de Carlos Câmara. A revista **A Jandaia**, noticia, em 1925, a trigésima apresentação da burleta **A Alvorada**, destacando as "boas interpretações" de Eurico Pinto, ao lado de Augusto Guabiraba e Joaquim Santos.³⁹⁴

Como informa Edigar de Alencar em **Fortaleza de ontem e anteontem**, Eurico Pinto além de figura de realce no teatro "*era dos mais cultos moços do Estado, embora sem qualquer ostentação*". Nas sessões do Partido Socialista Cearense, realiza

³⁹³ ALVES, Joaquim. **Autores cearenses**. Op. cit., p. 43.

conferências e faz discursos nos *meetings*. Dissertando sobre a Revolução Francesa, incorpora o legado do Iluminismo, para ele um

*"poderoso movimento filosófico agitava então a sociedade europeia, cujas instituições políticas antigas tiveram que ceder para dar lugar a uma nova ordem de coisas. E essa nova corrente de energia intelectual e moral teve por usina a França (...) E os cérebros dos filósofos eram imensas lâmpadas, (...) que iluminavam com a intensa luz da rebeldia (...)"*³⁹⁵

Estudioso, Eurico Pinto trazia livros e jornais às reuniões. Com Moacir Caminha e Francisco Falcão, é um dos entusiastas do Esperanto no Ceará, participando das diretorias dos grupos esperantistas, auxiliando nos cursos, colaborando na edição das revistas **Brazila Vivo** e **Nova Mondo**. Frequentador dos cafés, nas rodas literárias exercita sua verve humorística. Na Livraria Ribeiro, de Oscar Araripe, garimpa as novidades que vêm do Rio de Janeiro: poemas de Cesário Verde, Guerra Junqueiro; romances de Eça de Queiroz, Camilo e João Grave. Dos franceses, Anatole, Zola, Balzac e os filósofos. Na Agência Libertária de Estudos Sociais, animada por Moacir Caminha, adquire as brochuras com as traduções dos russos Gorki e Kropotkin e as peças do "teatro social" encenadas nos salões operários de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Nesse período inicia sua participação na imprensa proletária como redator d'**O Trabalho**, que apresentando-se como órgão operário, circulou em Fortaleza, em 1913.

No teatro, como nos círculos literários, a presença de Eurico Pinto liga-se às iniciativas que reúnem operários gráficos, tipógrafos, caixeiros, estudantes, professores, empregados da função pública. É essa a base de formação do *Grêmio Literário Cearense*, em atividade no período de 21 de janeiro de 1917 a 11 de dezembro de 1919,

³⁹⁴ Para Marcelo Costa, Eurico Pinto "*é historicamente, nosso maior intérprete*". Criador das principais personagens de Carlos Câmara – Peraldiana, Zé Fidelis, entre outros (COSTA, Marcelo Farias. **Panorama do teatro cearense**. Fortaleza: Multigraf, 1994, p. 16).

³⁹⁵ **Ceará Socialista**, ano I, nº 1, 14/07/1919. Fortaleza.

cuja sessão de fundação é realizada na sede da *Escola Operária Secundária* e da sociedade esperantista *Nova Samideanaro*, entidades em que realiza sua militância ao lado de Moacir Caminha. No Grêmio, ele ocupa a cátedra de número sete, cujo patrono é Fausto Barreto e participa da primeira diretoria, na função de Bibliotecário. Finda a experiência do "formalismo disciplinado" do Grêmio, Eurico Pinto, "um mestre nos apartes humorísticos", forma, no ruidoso grupo da Academia Polimática, de rápida e "rumorosa" existência, cuja alma era Euclides César. A Polimática, misto de associação e movimento, com jeito de pilhéria cearense, foi um fato, dito por Edigar de Alencar.³⁹⁶

No campo da educação e instrução voltadas aos trabalhadores, a atuação de Eurico Pinto é percebida em vários momentos. Em 1915 é lançada em Fortaleza, uma campanha contra o analfabetismo, sob a chancela do *Centro Artístico Cearense* e do jornal **Diário do Estado**, cujo resultado prático é a criação da *Escola Operária Secundária*, com matrícula inicial de mais de cem alunos, sob a direção pedagógica de Moacir Caminha. Quatro anos depois, pela páginas do **Ceará Socialista** sabe-se que a Escola continua em funcionamento, atravessando uma fase de reorganização, sob direção de Eurico Pinto. Sobre este ponto voltarei na Segunda Parte deste trabalho.

Nos anos vinte colabora com o jornal **O Ceará**, de Júlio de Matos Ibiapina. Convivendo na redação com Alfeu Aboim, Moésia Rolim, Luís de Castro, Euclides César e outros colaboradores do periódico, Eurico Pinto encontra ambiente receptivo à

³⁹⁶ ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem...** Op. cit., p. 148. Participaram da Academia Polimática, Eduardo Mota, Perboyre Silva, Moésia Rolim, César de Magalhães, Sobreira Filho, Walter Pompeu, Juarez Castelo Branco, Samuel Uchôa e Antônio Furtado. A Polimática, com seu lema *Amai-vos e educai-vos uns aos outros*, sem "papelório e sem preconceitos", reuniu para mais de mil sócios. Marcada pela irreverência, propunha datas comemorativas (uma consagrada ao culto da mulher), fazia "comícios-monstros" contra a carestia e contra Mussolini e promovia "sessões formidáveis" em memória de Guerra Junqueiro. Tudo era motivo para protestos ardorosos e bem-humorados, como no dia (após a notícia da morte de Rui Barbosa) em que encontram afixado na esquina da Maison Art Nouveau esse hilariante telegrama: "*Última hora! Rui Barbosa acaba de ressuscitar, fumando um cigarro Acácia*". A Polimática, como eles diziam ao final dos discursos, "*foi um fato!*". Ver MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Fortaleza: Edésio Editor, 1938, pp. 103-106.

divulgação das mazelas dos bairros pobres e dos reclamos da população desassistida pelo poder público, na coluna *Queixas do Povo*. Na coluna *Jazz Band* insere colaborações da poesia que tematiza a questão social; e a questão operária encontra seu lugar na *Coluna Operária*, divulgando o movimento associativo.

Desse período é a participação de Eurico Pinto na Associação Cearense de Imprensa. Na Assembléia de quatro de junho de 1927 (convocada para proceder reforma no estatuto da Associação dos Jornalistas Cearense, denominação anterior da ACI), sob a presidência de Gilberto Câmara, está ao lado de Aldo Prado, secretariando os trabalhos dirigidos, naquela sessão, por Virgílio Firmeza. É de se supor que Eurico Pinto tenha participado do movimento associativo dos jornalistas em sua fase de formação, dadas suas ligações com a imprensa desde a década anterior.

Raymundo Ramos, marceneiro, com oficina à rua Senador Alencar, aproxima-se do movimento associativo participando das iniciativas de criação das Escolas Noturnas para operários mantidas pelo Centro Artístico Cearense. Parte de seu tempo livre dedica a auxiliar Marcos Silva nas aulas e arrecadação de material para os operários matriculados nas escolas Pinto Machado e Elisa Scheid. Suas primeiras colaborações na imprensa são justamente no **Primeiro de Maio**, órgão do Centro Artístico Cearense, escrevendo sobre *A Escola e o Operariado*. Na edição dedicada ao dia primeiro de Maio de 1918, seu artigo, falando da "*ganância dos patrões*", da "*astúcia do capitalista*", deixa entrever a influência das "novas leituras". Embora longo, reproduzo um trecho da lavra do marceneiro Raymundo Ramos:

"Parece insolúvel a questão do salário. Para não falarmos em tempos mais remotos, já em 1834 se agitaram em Londres, os operários britânicos em busca de melhores dias. Pugnavam pela diminuição do horário de trabalho e aumento de salário. Quase nada conseguiram: a idéia porém ficou de pé. Foi então o início da luta!

O grito dos trabalhadores europeus ecoou até a América e, como é natural, se foram acumulando sucessivamente na caldeira da evolução, os vapores que mais tarde a 1º de Maio de 1887; a fizeram explodir em Chicago, cuja

hecatombe, que tantas vitimas produziu, não teve ainda dessa vez, o resultado desejado.

*Intensificou-se a campanha entre patrões e operários: estes, na doce ilusão de que a sua felicidade está em menos trabalhar e mais ganhar; aqueles, mais ricos de ganância do que de sentimentos humanitários, entendem que o aumento do produto está na razão de mais horas de trabalho, embora possuam operários – verdadeiras máquinas humanas, isto é, homens sem qualquer noção de inteligência, que trabalhavam automaticamente, e que por isso, primam por menos produzir; enquanto os patrões redobram as suas vigilâncias, adaptando em suas fábricas, um regulamento inteiramente militar, para não serem explorados! E assim, continuam a lutar sem encontrarem um meio termo, sendo sempre vencedores em todos os combates o capital e a astúcia do capitalista contra o pobre produtor, que até agora, em vão, procura um amparo para a sua velhice, um conforto, no seio da humanidade, de quem é benfeitor.*³⁹⁷

Ao mesmo tempo em que atua junto ao Centro Artístico, Raymundo Ramos tem contato com a literatura socialista e anticlerical difundida através da Agência Libertária, de Moacir Caminha. Muitos são os jornais e opúsculos que adotam como tema central o combate à Guerra Mundial e adotam a tese do antimilitarismo. Influenciado por essas leituras, Raymundo Ramos escreve panfletos contra o militarismo, sendo alvo de perseguições.

Francisco Falcão, gráfico, um dos pioneiros na organização da categoria, esteve com Pedro Augusto Mota combatendo a tendência beneficente do Centro Tipográfico Cearense e do Centro Artístico Cearense. Participa nos anos vinte da criação da Associação Graphica do Ceará, da União Geral dos Trabalhadores Cearenses e da Federação dos Trabalhadores do Ceará. Dedicado esperantista, participa de Congressos, ajuda a difundir a língua nas entidades operárias e colabora nas diversas empreitadas de divulgação do Esperanto com Moacir Caminha e Eurico Pinto.

Do itinerário de Francisco Falcão e de sua adesão às idéias socialistas no Ceará, constam a participação em comícios e manifestações de protestos e a organização de excursões de propaganda no interior e conferências nos salões operários de Fortaleza,

³⁹⁷ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

como aqui, apelando à luta "*contra a ignorância*" no meio operário e fazendo a crítica "*à religião e a beneficência*".

"Quem quer que, reflexionando por um momento, volte as vistas para o desenvolvimento intelectual do operariado cearense, encontra-lo-á, infelizmente, num tristíssimo estado de deficiência."

Encontrará, é certo, uma plêiade de operários inteligentes e estudiosos, que às paixões bestiais e mais que prejudiciais, quer de saúde, quer de moralidade, prefere a mais bela a mais nobre e a mais sublime de todas as paixões, que é a paixão pelo estudo e pelas letras.

"Encontrará, porém, um sem numero de operários que ignorando completamente o que seja estudo e letras, conhece tão somente o dever de trabalhar, trabalhar incessantemente, dia e noite, até morrer, contanto que a sociedade religiosa, ou mesmo operária, lhe garanta o enterro, ou então, que um de seus companheiros se dê ao moroso trabalho de abrir uma subscrição para tal fim."³⁹⁸

Francisco Falcão, como tantos tipógrafos e gráficos do período, cultivou também o gosto pelas tertúlias literárias e fez versos, em sua maioria dedicados aos companheiros de jornada ou inspirados no que chamava de "Idéia Nova". Colaborador de várias iniciativas da imprensa operária de matriz socialista e de outras publicações, como na revista **Fanfarra** (1925), no primeiro número, escrevendo um conto.

Gastão Justa inicia, na juventude, seu trabalho na imprensa cearense, escrevendo sobre a política local e, em paralelo, publica contos, crônicas, poemas e comentários críticos na imprensa de Fortaleza e na revista **Fon-Fon**, do Rio de Janeiro.³⁹⁹ Seu trabalho de jornalista em Fortaleza deu-se, entre outros, nos jornais **A Rua**⁴⁰⁰, **A Razão**,

³⁹⁸ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

³⁹⁹ Com a intenção de aproximar-me melhor das idéias de Gastão Justa (principal articulista do jornal e dirigente partidário), pesquisei a coleção da Revista da Academia Cearense de Letras em busca da presença de Gastão Justa nos círculos literários de Fortaleza, com produção reconhecida. Tem poemas e artigos publicados na Revista da Academia Cearense de Letras, no Almanaque do Ceará, no periódico Clá, entre vários; chegou à Academia Cearense de Letras na cadeira cujo patrono é Lívio Barreto. São publicações de Gastão Justa: *O Traço característico de um Povo* (1927), *Quando as Rosas Florescem* (Versos), 1943; *O Escritor Brasileiro em Face do Direito Autoral*, 1946; *Notas sobre Folclore*, 1951, entre outras.

⁴⁰⁰ Sobre esse período, veja-se o depoimento de F. Alves Andrade: "*Conheci Gastão em 1934, quando redator-secretário de 'A Rua', ao lado do meu parente, jornalista Paes de Castro, de saudosa memória. Modesto, simples, tolerante, humano e bom coração, sofria a natural amargura dos emotivos, dos líricos*"
(continua)

Jornal do Comércio, Jornal Pequeno, A Farpa, O Ceará e em outras publicações como **Ceará Social, O Perfil, A Fanfarra e A Jandaia**. No **Ceará Social**, de Orlando Amaro Gadelha, auxilia os redatores Jorge Coelho Garcia e Pedro Mallmann. N'A **Jandaia**, quinzenário ilustrado, de arte, literatura e atualidades, recebe do fundador e proprietário Aldo Prado a tarefa da redação e direção da oficina gráfica. Na edição de janeiro de 1925, publica a crônica *Flor morena*, o poema *Na Agonia do Sol* e o artigo *A Economia operária nacional em face da imigração japonesa*. N'A **Fanfarra** (1925), revista quinzenal da iniciativa de Jorge Coelho Garcia e Jeovah Rosa, considerada por Edigar de Alencar, seu redator, uma das primeiras manifestações modernistas ou pré-modernistas no Ceará, Gastão Justa assina crônicas, versos, contos, sonetos, notas sobre livros e cinema. No diário **A Rua**, na rua Barão do Rio Branco, ocupa a função de redator-secretário e faz campanha em favor de Menezes Pimentel. N'A **Farpa**, diz ter aprendido ser melhor jornalista com Perboyre e Silva, Paulo Sarasate e Plácido Castelo. No **Jornal do Norte** e no **Estado do Ceará**, publica seus primeiros versos. N'O **Ceará**, de Matos Ibiapina e Alpheu Aboim, colabora na *Página Operária*, trazendo como temas a jornada de oito horas, a memória dos mártires de Chicago, as demonstrações libertárias do Primeiro de Maio, as críticas às correntes "*disciplinadas e retrógradas do movimento associativo no Ceará*", numa clara alusão à atuação do Centro Artístico Cearense e dos Círculos Operários.

Sobre sua atividade jornalística (dizia ele que "*jornalista é como poeta, também não se cria em escolas, nasce feito*"), os testemunhos do período afirmam-no um "*jornalista de pulso, cujos artigos, bem elaborados e fortes eram lidos por todos,*

dotados de grande sensibilidade na vida." Para F. Alves Andrade, Gastão Justa luta contra "*a desorientação da vida contemporânea em meio à desolação dos artistas e dos poetas, o vandalismo mental que procura desfigurar a beleza do sonho, da sensibilidade e da arte*". (**Correio do Ceará**,
(continua)

*fazendo-o admirado sobretudo pelos operários humildes, cuja causa defendia, e que por isso lhe votavam a mais sincera admiração".*⁴⁰¹

Tipógrafo, jornalista, poeta, boêmio, chegado às rodas literárias, às serenatas, incursiona também pelo teatro. Aqui a influência vem da sólida camaradagem com Eurico Pinto. Rememorado, o teatro comparece como uma das boas lembranças de Gastão Justa:

*"Foi naquela época que costumo chamar 'o período áureo' da história do Ceará. A época do Paurilo Barroso, do Joaquim dos Santos, do Eurico Pinto. Lembro-me que cheguei a representar o 'Marquês de Sousa'. Antigamente, o senso artístico de nosso povo era outro, vinham artistas famosos de fora, as casas estavam sempre cheias."*⁴⁰²

De sua poesia, Florival Seraine diz que forma e essência revelam sensibilidade, cujo requinte está precisamente em mostrar-se espontânea, numa época de tantos rebuscamentos e sondagens inconscientes. Diz ainda que *"esteve nos deserdados e oprimidos o pão de suas mais ardentes realizações afetivas"*.⁴⁰³ Pedro Paulo Montenegro, sucessor de Gastão Justa na Academia Cearense de Letras, reconhece no poeta-artista criador o desenvolvimento de um forte espírito de curioso pesquisador e autenticidade na difusão de suas idéias políticas⁴⁰⁴.

Idéias que difundiu também por dentro da imprensa, como editor do semanário **Ceará Socialista** (1919) e **d'A Muralha** (1930), como desdobramento das leituras e do conhecimento da realidade, e da influência dos militantes libertários de Fortaleza e de

02/04/1970. Fortaleza – transcrição da Evocação lida na Casa de Juvenal Galeno, na noite de 03/03/1970, por ocasião da aposição do retrato dos homenageados na Galeria dos Poetas Cearenses)

⁴⁰¹ AZEVEDO, Otacílio de. *Gastão Justa*. In **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 254.

⁴⁰² **Correio do Ceará**, 10/01/1969. Fortaleza.

⁴⁰³ SERAINE, Florival. **Através da literatura cearense**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1996, p. 66. Das rodas literárias retira a matéria-prima para vários artigos. Conhecedor da produção dos literatos do Ceará, aprecia a poética de vários deles. Escreve longo artigo sobre *Arquipélago de símbolos*, de Silveira Filho, no periódico Clã. Escreve também sobre fatos e personagem da história local. Localizei longo ensaio sobre Pedro Pereira e sua ação.

⁴⁰⁴ GIRÃO, Raimundo (org.). **Falas Acadêmicas**. Fortaleza: ACL, 1976.

outros estados. Na acepção de Gastão Justa, o **Ceará Socialista** é um jornal de tendência libertária, já **A Muralha**, que "*combatia politicamente os Távora*", é classificado por ele como "*um panfleto político cuja publicação me valeu perseguição tremenda por parte dos poderosos da época*".⁴⁰⁵ A confirmar sua adesão à perspectiva socialista, veja-se o depoimento do já citado Otacílio de Azevedo:

*"Como muitos rapazes talentosos daquele tempo, ele entregou-se de corpo e alma ao socialismo, e, fervoroso admirador de Maximo Gorki, penalizado pela pobreza e miséria de seus irmãos, escrevia às vezes artigos tão violentos que, ao ausentar-se por alguns dias da roda dos amigos, todos temiam que ele não houvesse sido vítima de reclusão por parte das autoridades."*⁴⁰⁶

Na memória de seu filho, Gastão Justa é um homem simples. Andava muito a pé e de bonde pela cidade. De fácil comunicação e afeito à camaradagem apreciava particularmente as conversas com os mais modestos: alfaiates, sapateiros, pequenos comerciantes, artesãos em geral e carregadores (os "chapeados"). Quando ia à praia, palestrava com os jangadeiros, "*que havia muito no passado*". Ele tinha preferência pelos mais simples. Dizia que neles estava a alma do povo.⁴⁰⁷

Se do contato com os mais simples, das leituras, da cidade como observatório das mazelas sociais, da política e dos abusos dos poderosos locais, Justa vai extraindo a matéria com que cimenta suas convicções, convém buscar sua primeira influência no

⁴⁰⁵ **Unitário**, 03/08/1952. Fortaleza.

⁴⁰⁶ AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 254.

⁴⁰⁷ JUSTA FILHO, Gastão. **Notas manuscritas sobre Gastão Justa** (Fortaleza, outubro de 1999; arquivo da autora; depoimento manuscrito de Gastão Justa Filho). Os contatos com seus dois filhos Gastão Justa Filho e Maria Inocência de Alencar Justa alargaram meu conhecimento sobre Justa, revelando dimensões de seu cotidiano, da vida em família, das desilusões e ressentimentos, do círculo mais próximo de amigos e companheiros de idéias e de militância. Folhiei livros lidos por Gastão Justa. Encontrei o militante das primeiras décadas do século lendo os russos Tolstoi, Kropotkin, Gorki, os poemas de Camões, Os Sertões de Euclides da Cunha, O Nordeste e Sociologia de Gilberto Freyre, Nos Bastidores da História de Paulo Setúbal. Das Edições Livraria Cultura Brasileira, de São Paulo, a História do Socialismo e das Lutas Sociais de Max Beer, o Anti-Dühring de F. Engels, o Princípios de Economia Política de Lapidus e Ostravitanov, O Socialismo exposto por Marx e Engels, o Materialismo Histórico Aplicado, de Labriola. Dos cearenses, O Outro Nordeste, de Djacir Menezes, Coração de Menino e Lyceu do Ceará, de Gustavo Barroso, Apontamentos para a História do Ceará, de João Brigido. E alguns outros de História, Sociologia, doutrina social, literatura socialista, poemas, crítica literária.

próprio pai. Joaquim Gonçalves da Justa, o "Justa da Santa Casa", parece ter sido seu modelo de dedicação aos desvalidos. Empregado da Santa Casa, seu pai é o farmacêutico prático, "quase-médico", que durante cinquenta e dois anos aviou receitas e cumpriu extenuantes jornadas de trabalho é visto pelo filho como modelo de honradez e abnegação, qualidades que não se traduziram em distinção social. Atento à memória do pai, Gastão Justa considerando-o vítima de injustiças da parte da mesa Diretora da Santa Casa, tenta em vão buscar os direitos denegados. Com pesar diz: *"fosse o meu pai maçom de alto grau e tivesse filho Interventor, certamente teria recebido da Mesa, voto de pesar e bandeira a meio pau"*.⁴⁰⁸

As idéias de Gastão Justa, segundo depoimento de seu filho, estão marcadas desde cedo pela convicção humanista, socialista:

*"Ele era socialista por convicção, mas não era comunista. Ele sempre foi contrário a toda espécie de ditaduras. Foi contrário ao nazismo, ao fascismo, ao integralismo (que era um fascismo brasileiro), Ele era admirador de Lênin, que foi o primeiro dirigente soviético, mas era contrário a Stálin, que Gastão Justa considerava um deturpador do verdadeiro marxismo-leninismo. Ele jamais aderiu ao comunismo de Stálin. Reconhecia seus méritos como organizador do Estado Soviético. Foi Stálin, dizia, quem modernizou a indústria soviética e a nação no geral, mas usando métodos brutais, incompatíveis com o sublime ideal socialista."*⁴⁰⁹

⁴⁰⁸ Em duas cartas encaminhadas ao Provedor e demais membros da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, respectivamente datadas de 5 de Abril e 7 de junho de 1934, após o falecimento do pai, Gastão Justa apresenta suficientes razões de reclamação de pensão para a família. Nas cartas faz a veemente defesa das qualidades do dedicado funcionário que teve os direitos denegados. Veja-se um pequeno e ilustrativo trecho: "(...) um empregado que trabalhou 52 anos numa farmácia, e foi vítima, como se poderá provar, em qualquer tempo, do excesso de serviço (...) Meu pai é um caso especial. Nem no município, nem no estado, nem no país se anota um empregado contando 52 anos de serviço ativo! E é preciso que se note. Meu pai morreu em consequência do excesso de trabalhos. Quando em 1932, período da grande seca, o governo do Estado mandou para o Hospital da Santa Casa todos os doentes flagelados do isolamento do Pirambu, redobram os trabalhos do meu pai (...) Meu pai chegava em casa todo dia às sete horas da noite. Esgotou-se! E por esse ingente sacrifício nunca recebeu um real de gratificação" (Cartas reproduzidas do acervo particular de Inocência Justa).

⁴⁰⁹ Depoimento de Gastão Justa Filho, recolhido pela autora em 30/06/1999.

Como a confirmar esses testemunhos de adesão à causa socialista, é esse o mote dos versos que Gastão Justa dedica ao militante comunista José Joaquim de Lima (José Pernambuco), nos idos de 1928:

*"Homem, a minha voz não clama no deserto,
Contra o poder que explora a desventura alheia
Eu sinto a rebelião ultriz, que me farpeia,
Impelindo-me a luta, a peito descoberto.*

*Um dia, a pelejar – Spartacus desperto –
Quebrou da escravidão a infamante cadeia.
E Roma estremeceu, louca de raiva, cheia
De espanto ante a altivez do cativo liberto*

*A angústia purifica o plasma do caráter!
A idéia é dor – fecunda... E a dor é força mater
Sobrevive ao flagelo e no Cosmos se espalha...*

*Quando a Plebe marchar, como falange de aço
Ao rugir da tormenta, ao clangor do estilhaço,
Outra arma se ouvirá, respondendo a metralha."⁴¹⁰*

Sua militância no Partido Socialista Cearense, se é o momento de demonstração pública de convicção, parece ser também o começo de um tempo de desilusões com a política partidária, embora não tenha negado a via parlamentar como forma organizativa do operariado. Experimentou reveses. Sobre esse período, o poeta Aluísio Medeiros recolhe fragmentos das memórias de Gastão Justa:

"(...) Sua figura hoje serena, me faz lembrar todo um período tumultuoso e agitado de sua vida de ontem. Quantas vezes conversei com ele sobre essa fase de sua vida, não sei mais. Guardo, entretanto, comigo, confissões em voz baixa sobre a sua acidentada vida de jornalista, lutador e, também, de poeta.

Recordo-me que ele esteve envolvido nas mais árduas lutas da política partidária local, e como prêmio recebeu a fuga inesperada para o mato bravo, o desconforto, a perseguição e a barba crescida de muitos dias. Anos antes Gastão Justa esteve na praça pública fazendo discursos aterrorizantes, esteve em recantos escondidos traçando planos de organização, esteve com homens das mais baixas classes sociais pugnando por reivindicações que amedrontavam os espíritos burgueses da época. Quando Gastão Justa aparecia, acompanhado

⁴¹⁰ O Ceará, 1928. Fortaleza.

de seus companheiros de jornada inglória, a romântica Fortaleza de há uns vinte e cinco anos no recuado passado, tremia, tremia de medo.

Gastão Justa teve assim, uma longa experiência e dessa experiência ele fala hoje com amargor e ressentimento. Ele recorda com voz pausada e mansa, com olhos fitos no nada. Alguns dos seus companheiros não compreenderam que toda a sua impetuosidade e toda a sua sinceridade, eram frutos do muito amor que ele tinha pelo povo. Esse amor ainda hoje não desapareceu de todo, mas, ele prefere agora ser apenas espectador, e que outros mais moços tomem o seu lugar.

O que é mais de admirar é que no meio de todo esse ardoroso afã fraternal pelo povo, no meio de todas essas campanhas que lhe tomavam dias e noites, Gastão Justa encontrasse tempo ainda para fazer serenatas, que ele fazia quando a lua brilhava no céu e na janela de uma casa qualquer ficava parada a mulher de seus sonhos. Gastão Justa fazia versos, então. (...)"⁴¹¹

Embora seus contemporâneos afirmem um Gastão Justa retraído espectador nos últimos anos de vida, em razão talvez do que considerava como insucesso na experiência político-partidária, em alguns momentos vivida como fracasso pessoal, é verdade que mesmo retirado das lides políticas reafirmava o acerto da vida militante:

"Os intelectuais não deviam fugir da política!"⁴¹²

Sua militância como fundador e dirigente do Partido Socialista Cearense é assim caracterizada pelos companheiros de jornada, anos depois:

"Organizador e militante do 'Partido Socialista Cearense', criou em torno de si um ambiente de confiança e simpatia no meio do operariado local, pela sua atitude desassomburada e digna, quando das lutas em prol das reivindicações libertárias no período de 1919 à 1924.

Juntamente com outros camaradas defendeu a jornada de 8 horas, pondo o operariado cearense ao conhecimento das reformas políticas e sociais, que se vinham operando no universo, enquanto as associações de classe – envelhecidas na beneficência e na ignorância da finalidade sociológica de que as nações quando deixam de lutar começam a morrer – quedavam-se num marasmo criminoso."⁴¹³

Nas jornadas político-eleitorais que antecedem a campanha eleitoral do ano de 1928, são apresentadas as candidaturas apoiadas pelo Bloco Trabalhista Independente.

⁴¹¹ **Unitário**, 05/04/1945. Fortaleza.

⁴¹² **Unitário**, 03/08/1952. Fortaleza.

⁴¹³ **O Ceará**, ano IV, 25/03/1928. Fortaleza.

Nas páginas d'**O Ceará** é divulgado um Manifesto Político dirigido *Ao Operariado consciente do Ceará*. Tal manifesto circula nas ruas de Fortaleza em março de 1928, assinado por Raimundo Ramos, José Joaquim de Lima (José Pernambuco), Raymundo Soares Silva e Cosme Oliveira Moraes. Apresentam a candidatura de Gastão Justa para a composição do Conselho Municipal de Fortaleza, no pleito eleitoral de 10 de abril de 1928, nesses termos:

"Coerentes com os nossos princípios inabaláveis de que as reivindicações operárias devem ser conquistadas pela massa obreira consciente sem o amparo do cambalacho de políticos profissionais, que aniquilam as energias morais e econômicas da Pátria, resolvemos levar às urnas, (...) o nome de um camarada que representa o expoente máximo da mentalidade moderna do Ceará proletário. Esse expoente genuinamente proletário é: GASTÃO JUSTA.

*Vanguardilheiro sadio, que nunca recuou diante da compressão dos potentados, nem nunca bajulou os politiquinhos profissionais da terra com transigências desairosas.*⁴¹⁴

Ainda que longo, transcrevo integralmente o *Manifesto* para que se percebam as mudanças que se vão operando no discurso (e nas práticas sociais), incorporando novos sujeitos ao campo político (campesinos, mulheres, proletário intelectual), novas demandas (emancipação política e social da mulher operária, amparo à juventude operária), ampliação do rol de direitos sociais (saúde da mulher, problema da habitação, instrução e educação):

"Camaradas! Para trás os intrusos, os que se atrasaram à evolução social!

Nós queremos a aproximação dos campesinos e do operário urbano; a emancipação política e social da mulher operária; o concurso do proletário intelectual, que ainda não esteja viciado na prática da politicalha opressora.

Camaradas! Uma legislação operária eficiente urge que nasça. Nessa legislação ficarão defendidos todos os direitos operários.

O problema de habitação e higiene – a regulamentação do trabalho – semana inglesa – férias às parturientes, antes e depois do parto – amparo a juventude operária – instrução e educação – todo esse complexo de administração pública deve merecer a atenção dos verdadeiros representantes trabalhistas, tanto na edilidade como no Legislativo.

⁴¹⁴ **O Ceará**, ano IV, 25/03/1928. Fortaleza.

O nosso candidato tem capacidade intelectual e bastante envergadura moral para tratar de todos esses assuntos que lhe são familiares.

Camaradas! O nosso ideal é vasto: pura doutrina de solidariedade humana. Descobrimo-nos, portanto, diante de todos. Nós vivemos às claras. Não queremos quantidade, queremos qualidade. Apelamos, por isso, para a consciência do homem trabalhador, que vive explorado, sob todos os pontos de vista, como um pária, dentro da própria Pátria.

Proletário consciente do Ceará, por justiça e como um protesto contra os vendilhões do templo, votai em Gastão Justa, o verdadeiro representante do operário livre e independente! Às urnas! Frente única contra os traidores da causa operária!"⁴¹⁵

Antes disso, em 1921, já havia sido apresentada sua candidatura. Daquela feita como deputado estadual também por uma coalizão trabalhista independente. Nas duas disputas eleitorais foi derrotado. Gastão Justa expressava na política o entusiasmo e a crença no socialismo como caminho para promover a justiça e a igualdade, o que não o impedia de, quando em quando, se revelar cético e desanimado quanto às possibilidades reais de sucesso das idéias avançadas em meio ao conservadorismo da província. Não sem pessimismo avalia a política cearense. Para ele, *"Se a política é a arte de bem governar os povos, para o cearense ela não constitui princípio de moral administrativa, mas uma entidade personalíssima, que deve sacrificar o bem coletivo em favor do individualismo"*. Acrescenta ser essa a razão principal da ausência de programas nos partidos políticos do Ceará: *"Agitam-se em torno de indivíduos."* Partindo de uma controversa afirmação acerca do *"individualismo do cearense"*, espécie de *"atavismo da raça"*, Gastão Justa, ao observar as lutas nacionalistas, republicanas e abolicionistas, diz que *"o cearense tem se caracterizado pelo seu profundo individualismo"*. Seu ponto de vista acerca da política partidária cearense é tentativa tosca de análise marcada pela desilusão com a experiência frustrada do Partido

⁴¹⁵ O Ceará, ano IV, 25/03/1928. Fortaleza.

Socialista Cearense: *"Presentemente, não temos partidos políticos. Temos propriamente bandos partidários desta ou daquela facção, porém indisciplinados"*.⁴¹⁶

Ao final de seus dias, o próprio Gastão Justa reconhece-se um dos socialistas pioneiros no Ceará e rememora o militante das primeiras décadas do século XX:

*"Em 1919 eu fiz comícios nas ruas para milhares de operários. Eu, o Joaquim Alves, Eurico Pinto, Raimundo Ramos. Fui um pioneiro das reivindicações sociais no Ceará. E olhe que naquela época o impacto da coisa era bem maior. A polícia ficava de prontidão na expectativa de nossos meetings."*⁴¹⁷

Os depoimentos de Gastão Justa, nas décadas que se segue ao afastamento das lides partidárias e dos círculos socialistas alternam lembranças opostas. Em certos momentos, refere, com indisfarçado orgulho, a condição de *um dos socialistas pioneiros no Ceará* e reivindica ao intelectual a participação política como imperativo ético. Noutros, as lembranças sugerem desencanto e ressentimento, como neste trecho:

*"Em plena adolescência, as questões sociais me empurraram para a tribuna da rua e da imprensa, e advoguei, com o ardor e o entusiasmo próprios da juventude, o direito conspurcado dos humildes e dos bons, dos que trabalham e sofrem, sob a inclemência da desigualdade social do mundo contemporâneo. (...) e neste perquirir de canseiras e cuidados gastei o melhor de minha vida, descuidado do meu futuro, e só me interessando pela felicidade alheia. Valeu-me porém, o teste que fiz da psicologia coletiva: um amontoado de egoísmo, de maldade, de ingratidão, de ignorância e má fé, brotando, bem poucas vezes, desse lodo humano, algumas flores de reconhecimento e de bondade. Meditei, embora muito tarde, na inoperância do meu desvelo e deixei-me ficar, por muito tempo adormecido no meu sonho de idealista e de rebelde. Retornei, então, às lides literárias. (...)"*⁴¹⁸

No **Ceará Socialista**, como em folhas similares, se descortina ao pesquisador voltado à História Social do Trabalho, uma outra via de abordagem, o que, no mínimo, implica deslocamentos teóricos e renovação no campo analítico. Num exame rápido de vários estudos sobre o processo de industrialização no Ceará, se percebe o relevo dado à

⁴¹⁶ *O Traço característico de um povo*. In **Almanach do Ceará**. Fortaleza: Typ. Progresso, 1927, p. 208.

⁴¹⁷ **Correio do Ceará**, 10/01/1969. Fortaleza. Texto de José Augusto Lopes.

⁴¹⁸ JUSTA, Gastão. *Os Patronos*. Lívio Barreto. In **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LVII, nº 25, pp. 171-172. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1953.

dimensão do pioneirismo e da coragem dos proprietários dos primeiros estabelecimentos fabris. São caracterizados ora, como "pais fundadores" do progresso e da civilização, verdadeiros *self-made man*, sem auxílio do Estado e lutando contra as "calamidades do meio adverso", ora como beneméritos, caritativos, construindo as vilas operárias e outros equipamentos sociais de assistência aos "desvalidos da sorte", na tradição do paternalismo. Certas dimensões das "atitudes patronais", dos embates entre patrões e trabalhadores, da repressão e do controle operários, podem ser investigados, na medida em que os estudos e pesquisas ampliam seu repertório de fontes e alargam seu campo de observação.

Aos pesquisadores de História Política, notadamente aqueles que contribuíram no sentido de superar o viés dos estudos que "*contavam a História do Ceará como a saga das oligarquias*", o semanário pode colaborar para o desvelamento de algumas nuances das tentativas de participação dos trabalhadores na cena política, da formação do Partido Socialista Cearense e de sua expressão proletária, como resultado da militância nas primeiras décadas do século XX.

Segunda Parte – Educar e instruir para redimir



"O Meu livro

*Meu nome é Chico Braúna
Eu sou pobre de nascença,
Diserdado de fortuna
Mas rico de consciênça.
Nas letra num tive istudo
Sou mafabeto de tudo
De pai, de mãe, de parente.
Mas tenho grande prazê
Pruquê aprendi a lê
Duma forma deferente."
(...)*

*Patativa do Assaré
(Cordéis)*

Na Primeira Parte deste estudo apresentei os fazedores de jornais e o produto de sua atividade intelectual e militante. Em que medida a dedicação à palavra impressa e o esforço de criação desses instrumentos de difusão do pensamento são produtos de seu ofício, ou decorrem de outras variáveis a serem investigadas? No caso dos tipógrafos, é óbvia a ligação entre o ofício e o mundo da palavra impressa, dos jornais, dos livros. E, quanto aos demais, provenientes de um meio notoriamente rústico, onde os livros oscilam entre o supérfluo e o raro, como formam o gosto pela leitura e buscam seu

acesso? Aqui é preciso buscar na imaginação histórica (sem confundi-la com exercício ficcional) os lugares ocupacionais transmutando-se em lugares sociais.

Dito de outro modo, os salões das barbearias, as bodegas, as oficinas, como lugares do convívio, locais de reunião, da troca de idéias e da circulação de informações. Barbeiros, alfaiates, ourives, caixeiros, puderam conversar entre si sobre uma gama variada de assuntos e prováveis leituras, como ainda expressar seus pontos de vista com seus clientes; com quem desenvolviam certos laços de camaradagem.

Os barbeiros e seus salões são uma das evidências em Fortaleza. Theophilo Cordeiro, Cunegundes Rodrigues, Manuel Jerônimo, Fenelon Maia, João Cirino, João Catunda, José Piancó, Nenem Grampão, Chico Budu, José de Sales, Chico Coruja, Tiago, Israel, Morel... Diz a crônica que Chico Coruja, *causeur* impagável, tinha muitos à sua roda e entrou para a galeria dos tipos populares da cidade. João Catunda, "*salãozinho pobre, teto de estopa caiada, velhos bancos, espelhos mofados e carcomidos*", era ponto certo. Poetas, pintores, músicos, tipógrafos partilhavam ali suas conversas e chegaram a criar uma ruidosa Academia Rebarbativa. Vários desses salões eram ponto certo também da venda dos jornais operários.⁴¹⁹

Não estou sugerindo que compunham um todo homogêneo ou que se apresentassem como bem-articulados e falantes. No entanto, é de se supor pelos sucessivos jornais, frequência às escolas noturnas, comparecimento às conferências e outras atividades de igual formato, que sua característica não era o isolamento cultural ao gosto das elites ou o confinamento às tarefas mecânicas que o ofício obrigava. Adotar o pressuposto do isolamento cultural, explicado pelas grandes distâncias que

⁴¹⁹ Da Academia Rebarbativa, participaram Carlos Severo, Josias Goiana, Luis de Castro, Genuino de Castro, João Coelho Catunda e José Gil Amora. A esse respeito, ver AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 55.

dificultam o intercâmbio, ou pelo grau incipiente de industrialização, carrega o risco de desconsiderar na investigação histórica as múltiplas formas locais de romper a insularidade.

Os laços com um universo maior (e carregado de sentidos) vão se forjando na medida das exigências requeridas pela vida cotidiana. Temas como greves, organização partidária, vão se incorporando à sua linguagem de protesto, seja por sua própria experiência ou pelo contato com a palavra dos militantes de variados locais (através da leitura ou dos relatos orais).

Há que se considerar aqui as mudanças que vão sendo introduzidas nos ofícios e as mudanças que se operam no contexto sócio-econômico, incidindo diretamente na ampliação do repertório de reivindicações e programas operários. Neste ponto é elucidativa a reflexão proposta por E. Hobsbawn, ao tomar as realidades históricas das primeiras fases da industrialização (é o caso deste estudo), como sendo um período de expansão das ferramentas do radicalismo político e de seu repertório de idéias; como sendo um período em que as ideologias de crítica social e política – democrático-seculares, jacobinas, republicanas, anticlericais, cooperativistas, socialistas, anarquistas e comunistas – proliferaram e complementaram ou substituíram as ideologias que anteriormente tinham formado centralmente o vocabulário popular.

Para além da proliferação de um novo léxico político, multiplicam-se também os mecanismos de propaganda e debate: os jornais, panfletos, folhetos, transcrições, reproduções, imagens, vão ampliando o espaço de veiculação do discurso impresso e, pouco a pouco, delineando contornos do que, em certos momentos expressam, como sendo a opinião do porta-voz e, em outros, como a "opinião da classe".⁴²⁰

⁴²⁰ HOBSEBAWN, Eric. *Pessoas extraordinárias...* Op. cit., pp. 60-61.

Lima Barreto, ele próprio escrevendo na imprensa dos trabalhadores, n'**A Voz do Trabalhador** e em outras folhas sob variados pseudônimos, Isaias Caminha o mais conhecido, dizia escrever ali em defesa dos *"humildes, os párias, os modestos, os obscuros, os miseráveis, os que vivem ao deus-dará, expostos às dietas do ganhapouco"*.⁴²¹

Além do ambiente de trabalho como lugar social de convívio e troca de idéias, outros espaços vão se fazendo: as livrarias e suas tertúlias literárias, a conversa nos cafés, as rodas de discussão em volta da mesa do botequim, a ida ao mercado e as feiras do bairro regatear preços para esticar o salário, a conversa trocada com um ou outro caixeiro mais letrado atrás do balcão, as conversas ao pé do balcão das bodegas, onde, do colorido desalinhado das prateleiras, saltava de tudo, pois *"Não eram apenas casas comerciais de varejo, mas pontos de referência e locais de efervescência boateira, de divulgação de notícias. Eram verdadeiros fortins da vida do povo"*.⁴²²

A camaradagem que se vai forjando nas rodas de calçada, nos bondes, nos bancos da Praça do Ferreira, com os temas do bate-papo vindo não só da "efervescência boateira" ou do "jornalismo falado", mas retirados do contato com os que liam o Malho, a Leitura Para Todos, o Jornal do Ceará ou a República.⁴²³

⁴²¹ **Boletim ABI**, ano XXV, nov/dez/1976. Rio de Janeiro.

⁴²² A esse respeito ver *Bodegueiros e Lojistas*. In ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem...** Op. cit. O Autor argumenta em favor do estudo dos pequenos estabelecimentos comerciais, bodegas e mercearias, como ponto de referência na vida e evolução urbanas. Para ele, as bodegas devem ser estudadas *"como elemento catalisador e divulgador dos acontecimentos que merecessem essa qualificação"* (p. 77) porque *"As bodegas de Fortaleza foram destaques da vida e da evolução da capital."* (p. 83). Ver também CARVALHO, Gilmar de. *Propaganda no Ceará: do propósito de escrever uma história*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 12, nº 1-2, jan-dez. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1982, pp. 75-101; e COLARES, Otacílio. *O Pitoresco da propaganda nas primeiras décadas do século XX*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 5, nº 1 e 2, pp. 23-28. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975.

⁴²³ AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 24. A respeito dos bondes como novo e importante espaço de sociabilidade, *"assim como as ferrovias, objetivados como signo de modernidade"*, ver PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993, p. 33.

Se juntando nos comícios, nos *meetings*, no primeiro de maio como festejo ou demonstração política, costumes que vão aprendendo desde que começaram a tomar parte nos ajuntamento em volta dos oradores que soltam o verbo político, fazendo de tribuna o banco da mesma Praça; e, depois que ergueram o coreto, é em volta dele que às vezes se ajuntam aos *"milhares de ouvintes atentos a discursos inflamadíssimos – propagandas políticas, protestos, concitamentos cívicos, regozijos, estudantadas e também parlapatices"*. Descrição primorosa de Raimundo Girão, onde a memória evoca as coreografias verbais de vários estilos em volta do coreto. Ecos de vozes, tempos e alegorias que a evocação do historiador quer confinar: *"se fora possível, teria sido indispensável guardar intacto o coreto no silêncio de uma sala de museu, como sugestivo atestado de uma época de agitações (...)"*.⁴²⁴

Nem tudo é agitação e política em suas vidas. Na visita domingueira, depois da missa, aos parentes que moram nas "areias" mais afastadas, na procissão do santo da devoção, nas quermesses, onde escolhem a "rainha dos caixeiros" e a "rainha dos operários", nos bailes do Clube Caixeiral, no arrasta-pé das festas de São João e São Pedro, nas festas da quadra carnavalesca, vestidos de *papangu*, nas idas ao Cine Centro e ao Amerikan Kinema para ver Tom Mix, o "ídolo de todos", nos times suburbanos de futebol⁴²⁵, que vão se constituindo em lugares/momentos de construção de novas

⁴²⁴ GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. 2ª ed. Fortaleza: BNB, 1979, p. 132.

⁴²⁵ Sobre o futebol em Fortaleza, é sabido que era prática iniciada pelos *"abastados moços do passeio público"* sendo os primeiros times formados por *"rapazes da alta sociedade"*, alguns ingleses e outros que retornavam de temporada de estudos na Europa. Com o correr dos anos, a prática vai ganhando as praças, os quintais, as várzeas. *"(...) Embora não assimilado pelos meninos e rapazes das camadas mais humildes [por volta de 1915], era evidente o declínio do jogo de bola de palha de milho, peteca para o alto, (...)"* (p. 63). No período seguinte, começam as transformações dos times que vão perdendo *"suas características de grã-finagem (...)* [incorporando] *jogadores de condição social humilde e alguns de cor. Era sem dúvida a definitiva proletarização do futebol da terra. Cessava o predomínio da elite, dos moços de família na formação dos clubes. (...)"*. (p. 70) Aos poucos vão aparecendo os times *"de características nitidamente suburbanas, com um quadro de jogadores humildes, desconhecidos na sua quase totalidade, na sua maioria operários e rapazes de cor [Cotuba F. Clube] (...)"* (p. 70). O aparecimento do Cotuba F. Clube é *"a marca definitiva da socialização do futebol cearense. Os operários, os caboclos, a gente* (continua)

sociabilidades, conagraçamento e, eventualmente, de (in)formação sobre o mundo que existe além do que a vista alcança.⁴²⁶

Na "outra cidade", iluminada, boêmia, sucedendo a "noite natural" pela "noite técnica", na observação do historiador Joel Serrão, vão se chegando às conversas nos cafés Java e Art Nouveau, aos bancos do Passeio Público, da Praça de Pelotas e da Praça do Ferreira, as salas do cine Politheama e do teatro: "*andar pela cidade à noite deixou de ser uma aventura, as cidades iluminadas fazem prolongar o tempo, que se dilata e proporciona novas formas de convívio, desenvolvem-se os clubes, os cafés, prolonga-se a vida nas tertúlias*", na bela anotação de César Oliveira.⁴²⁷

Não estou sugerindo tivessem os trabalhadores experimentado no seu cotidiano a fruição e o gozo plenos dos equipamentos urbanos da "outra cidade". Mas não lutavam eles também pelo "direito à cidade"? Vejam-se seus *meetings* e comícios feito procissão, buscando o "ventre prometéico" ou o coração da cidade, para usar a feliz expressão de Michelle Perrot. Muitas vezes, são expulsos da "outra cidade" a pata de cavalos ou com a violência de um simples olhar desdenhoso do dono do café – no silêncio, o velho e rude jargão: conheça o seu lugar. Muita vez só arriscam o olho, da Praça ou da barbearia, nas vitrines que expõem a última moda de Paris, mas sabem que elas estão ali desafiando sua pobreza (andrajosa nos períodos de seca). Muitas vezes, na Semana Santa, passam ao largo das finas mercearias que expõem os vinhos caros e os

humilde das areias entravam de sola nas competições (...)" (p. 70). Cf. ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem...** Op. cit.

⁴²⁶ Gastão Justa, evocando sua meninice, descreve as novenas como lugar de alegre convívio: "*Em frente ao adro da igreja, abria-se um grande largo, onde não faltavam, durante as festividades, os tabuleiros cheios de frutas, mesas de café, de aluá, de garapas de cajá, de maracujá e tamarina, tapiocas, cocadas, doce-seco, caranguejos cozidos. (...) Moças e rapazes, senhoras e crianças, antes e depois das novenas, faziam do local um passatempo agradável. Uns conversavam; outros se empanturravam de garapas e guloseimas; ainda outros escolhiam o momento para os seus encontros amorosos. (...)*" JUSTA, Gastão. *A Igreja de São Luis*. In **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LXIII, nº 28, p. 69. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1959.

peixes de cheiro e sabor desconhecidos, e vão no rumo da praia comprar a tira de biquaras, mas sabem que existem outros cheiros e sabores em outras mesas.

Sabem que no Passeio Público, nas "matinais domingueiras, docemente suavizadas pela brisa do mar bem perto", não devem se misturar. As alamedas estão divididas. Na primeira, "*fervilhava a fina sociedade local*"; na do meio, circulava "*o pessoal da classe média*" aos acordes das "*operetas e valsas vienenses*", no ritmo da banda da Polícia Militar; e a terceira era "*freqüentada pela ralé – as mulheres da vida, os rufiões e os operários pobres*".⁴²⁸ Sobre a última, a Carapinima, o relato do historiador encontra nela o "*resíduo – mundanas, soldados, o zé-povinho, a ralé – tudo espontaneamente diferenciado, sem prevenções de classe ou casta, pois a separação não resultava de quaisquer recomendações, nem de imposição policial*". Ora, o espaço de sociabilidade da "ampla praça" já estava hierarquizado pela diferenciação social inscrita no uso de suas alamedas. Acaso as "recomendações" do historiador sugeriam placas e avisos? Não precisava tanto, as divisões eram visíveis nas toaletes das "damas e moças formosas" contrastando com a chita vistosa das "morenas e mulatas" da Carapinima.⁴²⁹

Sabem que existem também desde sinais e placas invisíveis, códigos de conduta que demarcam fronteiras entre "as duas cidades" (ou não seriam dois mundos?), até a norma escrita atualizando e ampliando os conteúdos da discriminação social: conheça o seu lugar. Ou não era essa a intenção da Associação Comercial do Ceará, quando fixava na Fortaleza de 1867: "*Os associados podem mandar seus caixeiros à sala da Associação a colher notícias, contanto que se não demorem mais do que o tempo*

⁴²⁷ OLIVEIRA, César. *Antologia. Imprensa operária...* Op. cit., pp. 8-9.

⁴²⁸ AZEVEDO, Otacilio de. *Gastão Justa*. In *Fortaleza descalça*. Op. cit., p. 50.

⁴²⁹ GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética...* Op. cit., p. 130.

preciso para os que ali vão"?⁴³⁰ Atitude análoga à do refinado Clube Cearense, chegando a expulsar um guarda-livros de uma de suas festas e a recusar como sócio um funcionário da alfândega, por isso tratada como *"a agremiação plutocrata, dos chamados donos da terra"*.⁴³¹

O que é possível constatar para além de sua vida comum, aparentemente sem fatos extraordinários (ao menos para o observador externo), é que buscam espaços coletivos de vivência e surgem formas e lugares onde os problemas do ofício, da moradia, da carestia, as notícias da política do país e do mundo sejam discutidas.

E o que resulta como extraordinário é que em muitos casos são estes homens e mulheres simples, talhados na rusticidade do meio, que se transformam ou assumem para si a tarefa de educadores em seus pequenos círculos de opinião. Tanto mais importante para o pesquisador é o fato de observar como plenas de sentido histórico estas experiências dos "de baixo" que escaparam a alguns estudos anteriores, visto que concentraram sua atenção nos objetos simbólicos enquanto formulação da classe dominante.

Vários estudos trataram de esquadrihar as práticas educativas libertárias e sua centralidade no ideário anarquista. Não restam dúvidas quanto ao destaque à função da educação para os anarquistas e grupos anarco-sindicalistas no Brasil das primeiras décadas do século XX.

Considerando que as práticas de auto-educação (sistemáticas ou não, formais ou informais) fazem parte da história do movimento operário, não apenas em sua vertente libertária, neste trabalho trato de agregar aos estudos realizados as práticas educativas

⁴³⁰ Artigo 18 do Estatuto Primitivo da Associação Comercial do Ceará, de 28 de dezembro de 1867 (SOUZA, José Bonifácio. *Associação Comercial do Ceará, 1868-1968. Memória Histórica*. Fortaleza: s/e, s/d., p. 87).

⁴³¹ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque...* Op. cit., p. 140.

construídas no interior do movimento operário no Ceará e, formando um importante duplo com sua imprensa, percebendo seus matizes e especificidades.

Comparecem assim os discursos e as práticas que se vão esboçando por dentro da organização do Partido Operário Cearense (1891), das Sociedades Benéficas do século XIX, das propostas educativas realizadas pelo Centro Artístico Cearense, das experiências dos núcleos libertários com seus programas de excursão de propaganda, conferências, escolas, ensino do Esperanto, dos debates suscitados pelos dirigentes do Partido Socialista Cearense, da obsessiva vontade (e necessidade) de saber dos caixeiros.

Tais práticas são heterogêneas e até conflitantes. Algumas debatem, confrontam, divergem, pensam a educação como parte do projeto de emancipação individual e coletiva, querendo construir uma alternativa de sociedade. Outras se apropriam de determinados códigos e valores burgueses e pensam a educação como móvel de distinção e ascensão social. Existem ainda aquelas que tecem alianças com os projetos educacionais emanados desde o Estado, a Igreja e a elite intelectual.

Para apreender as múltiplas dimensões do projeto político-pedagógico dos trabalhadores e de sua imprensa, o estudo estendeu sua observação e análise às estratégias educativas voltadas às classes subalternas (aos "meninos pobres", "desvalidos" "órfãos da sorte", e tantos outros epítetos cunhados pela filantropia e pela ação do Estado), sob a orientação católica, como ainda as experiências de instrução e de educação efetivadas pela Escola de Aprendizes Artífices e pelas Ligas e Campanhas contra o Analfabetismo.

Ao lado disso, trato também de informar e situar tais práticas educativas como estavam se fazendo no Ceará, com os quadros mais gerais que constituem o universo da experiência histórica e sócio-cultural dos trabalhadores nessa busca de

autoconhecimento. Razão pela qual as memórias, os símbolos e ritos da tradição operária, os debates dos Congressos Operários, a divulgação dos métodos da educação racional, o modelo da Escola Moderna de Ferrer, têm seu lugar nesta parte do trabalho.

O tema da educação e instrução no meio operário integra esta Segunda Parte não como mera decorrência da atividade da impressão dos jornais, mas como mecanismo que, associado à função pedagógica daqueles, passa a figurar como componente central das diretrizes programáticas esboçadas pelas entidades, associações e partidos operários no Ceará e difundidas em sua imprensa.

O tema da educação, conforme apresentado neste trabalho, pode contribuir também para alargar este campo de pesquisas. Neste particular, o trabalho de Sílvia Maria Manfredi aborda a pertinência de tais estudos, que pensam as formas de educação alternativa, como criação e recriação realizadas pelas próprias classes subalternas a partir de sua prática social e política. Nas fábricas, nos sindicatos, nos locais de moradia, nos partidos, no lazer, nas greves e noutros momentos da luta reivindicatória por direitos sociais, políticos e culturais são construídas múltiplas práticas educativas que configuram um processo de auto-educação. Para a autora, *"essas formas de educação alternativa são ricas para se apreender como as classes subalternas criam e divulgam mecanismos de resistência e de contra-ideologia"*.⁴³²

A escola e o jornal passam a figurar nas formulações vindas do século XIX e chegando ao século XX como um importante duplo, eficaz e mesmo imprescindível no combate cerrado às atitudes de ignorância, superstição, obscurantismo, apatia, desunião, atrofia do pensamento, desorganização – adjetivos recorrentes em sua própria caracterização do meio onde atuam. Tendo já demonstrado através de muitas evidências

⁴³² MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação sindical entre o conformismo e a crítica**. São Paulo: Loyola, 1986, p. 20.

a diferença de objetivos, de concepção, de estratégia dos jornais aqui estudados, é igualmente evidente, repito, que suas diversas formas de atuação guardam um sentido comum: a educação de seu público – os trabalhadores.

Nesse sentido, a assertiva de Carla Siqueira é pertinente, ao abordar o tema do jornalismo associado à história do movimento operário. No Brasil, se as elites políticas trataram a questão social como "*caso de polícia*", é o movimento operário, em seu momento de formação, que "*instaura a questão classista no interior da imprensa*". No período da Primeira República, é o caso deste trabalho, o estudo das práticas sociais e políticas dos trabalhadores é indissociável do estudo de sua imprensa, pois instrumento imprescindível nas lutas sociais. O jornal, para o movimento operário é o mecanismo utilizado pelas diversas tendências, seja como portador de seus projetos, ou como "*veículo de resistências e como proposta de educação dos trabalhadores*".⁴³³

S. Petersen e E. Lucas, estudando a politização e a difusão do saber formal e informal pelos operários, destacam o esforço de suas entidades, sob variadas orientações, com o "desenvolvimento cultural" como uma das formas de luta anticapitalista, tendo sido a imprensa, o ensino, o teatro, a música e a literatura social os veículos de formação cultural e política. Para as autoras, referindo-se ao jornalismo operário praticado no Rio Grande do Sul, é relevante o fato de que "*desenvolvem não só o tema da necessidade da instrução formal e da cultura literária, como revelam uma faceta importante: a do espaço ocupado pelo saber informal no cotidiano operário*". Examinando a atividade político-cultural de orientação anarquista naquele Estado, as autoras identificam uma ampliação das iniciativas voltadas ao saber formal e informal (Ateneu, escolas, teatro, música, salas de leitura, expansão de bibliotecas, traduções).

⁴³³ SIQUEIRA, Carla. *Política divide os jornalistas*. In *Jornal da ABI*, ano 43, nº 247, abr./1995, p. 11.

Das evidências recolhidas neste trabalho, se observa no Ceará a realização de práticas politico-pedagógicas similares àquelas de outros lugares do país.⁴³⁴

Neste trabalho é estudada a Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, destacando os seus ângulos mais representativos, as especificidades e as diferenças de projeto, bem como o que a torna singular como vínculo comunicativo com seu público, considerando a "moldura material", o contexto da produção desses testemunhos históricos, como observa Robert Darnton.

O historiador referido, estudando a imprensa na França do período revolucionário, observa que geralmente os historiadores dão um tratamento à palavra impressa como registro do acontecimento e não como um ingrediente do acontecido. Mas, observa ele, que a prensa tipográfica contribuiu no sentido de dar forma aos acontecimentos que registrava, constituindo-se como força ativa na história, notadamente em um período (da Revolução) em que a luta pelo poder foi uma luta pela opinião pública.⁴³⁵

O estudo realizado pretende levar o leitor a perceber como em um meio provinciano, em que os fazedores dessa imprensa dos trabalhadores estavam quase sempre às margens do jogo dos dominantes da política local, esorraçados da vida

⁴³⁴ PETERSEN, Sílvia R. F. & LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tchê!, 1992, pp. 112 e 185.

⁴³⁵ DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução impressa...** Op. cit. Ao evidenciar, como ponto nodal de sua reflexão, a prensa tipográfica como o principal instrumento na criação de uma nova cultura política, Robert Darnton assim apresenta a força da palavra impressa naquela conjuntura: *"Imaginem um mundo sem telefone, rádio, televisão, no qual a única maneira de comover a opinião numa escala nacional é o tipo móvel. Imaginem esse mundo explodindo. Fragmenta-se em milhares de pedaços. (...) Em cada estágio desse processo, usam a mesma ferramenta básica: a prensa tipográfica. Sem a imprensa, podem conquistar a Bastilha, mas não podem derrubar o Antigo Regime. Para tomar o poder tem que tomar a palavra e difundi-la – através de jornais, almanaques, panfletos, partituras de canções, (...) qualquer coisa que leve algo impresso e se imprima nas mentes de 26 milhões de franceses, muitos deles encurvados pela pobreza e pela opressão, muitos imersos em profunda ignorância, muitos incapazes de ler a declaração de seus direitos. Quando os revolucionários agarraram a alavanca da prensa e a fizeram baixar nos tipos travados na fôrma, enviaram um novo fluxo de energia através do corpo político."* (p. 15)

pública, com nenhum pertencimento à elite econômica, vão aparecendo os jornais: das associações beneficentes, das artes e ofícios, do partido operário, da confederação operária, das greves, dos caixeiros, dos libertários, do partido socialista e outros mais.

O leitor pode acompanhar no tempo a ação de homens simples (e poucas mulheres), alguns de pouca ou nenhuma instrução, que se devotam a cultivar a palavra impressa, como arma da crítica, distinção social e expressão de autoconsciência. Com E. P. Thompson devemos lembrar que a cultura autodidata, do auto-aprendizado dos trabalhadores carece de análise adequada, visto que "*de forma nenhuma o analfabetismo excluía os indivíduos do discurso político*".⁴³⁶ São essas personagens que se dedicam à tarefa de decifração do mundo: tipógrafos, gráficos, operários de fábrica, caixeiros, barbeiros, tanoeiros, marmoristas, tecelões, condutores de bondes, alfaiates, ferroviários, trabalhadores do mar, padeiros, poetas, pintores, artistas de teatro amador, estudantes, professores, militantes, fazedores de partidos, de sindicatos e de greves. Juntando os tipos no prelo, vão arrumando frases e imprimindo sua inteligibilidade acerca do seu tempo e de um mundo em cujas margens estão confinados. Que não se infira daí que estou genericamente caracterizando-os como "grandes leitores" ou "apurados leitores". É preciso considerar que tais fazedores de jornais, embora se diferenciem da média, no que concerne ao padrão de alfabetização, não se fazem *en bloc* "intelectuais-operários" ou "filósofos populares e políticos", para usar uma expressão de Eric Hobsbawn.

Se é certo que são de poucas letras, descobrem-se leitores do mundo e da vida, querem partilhar a descoberta com outros, através da palavra impressa por eles mesmos. Veja-se que a inspiração coletiva inscrita no fazimento de suas folhas e a possibilidade

⁴³⁶ THOMPSON, E. P. *A Formação da classe operária inglesa*. 2ª ed, 3 volumes. Col. Oficinas da História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 304.

de agremiação e educação que carregam consigo cumprem, em certos momentos, uma função não desprezível de condensação intelectual no meio operário. Alguns, por mimetismo ou em busca de distinção social, querem equiparar-se aos mais ilustrados dos círculos literários da província e repetem à exaustão seu estilo rebuscado, como é o caso da imprensa dos caixeiros.

Mas o que é certo é que o desejo da leitura é evidente até como forma de enxergar onde outros enxergam, olhar para além da roda de si, no dizer deste operário da Estrada de Ferro de Camocim, no Ceará, em carta endereçada em 1921 ao **Voz do Graphico**:

"(...) Já com muita saudade do 'Voz do Graphico', só agora mesmo foi que chegou-me às mãos 'O Combate' que muito aprecio e desejo ler... Em tudo que nos relacionamos melhor enviarei daqui algumas colaborações. O Sindicato dos Operários da Estrada de Ferro de Sobral, se acha aqui um pouco fraco por falta de concurso externo, pois o camarada bem sabe, onde falta luz, o povo tateia. Quem só enxerga à roda de si não acredita que ninguém enxergue ao longe. Peço que os camaradas daí nos ajudem a chegar com a nossa cruz ao calvário (...)."⁴³⁷

Essa vontade de auto-esclarecimento buscada por tantos trabalhadores, encontrou na imprensa dos trabalhadores associada aos múltiplos mecanismos de difusão das "novas idéias" uma de suas mais significativas formas de expressão. Enfrentando dificuldades materiais para a sustentação de suas folhas, formação de pequenas bibliotecas, manutenção de escolas e círculos de cultura, enfrentavam também a repressão. A apreensão de jornais e as variadas formas de impedir sua distribuição se repetem. São incontáveis as notícias sobre a repressão à imprensa operária e seus militantes, querendo impedir a disseminação das idéias e práticas sociais desde a

⁴³⁷ **Voz do Graphico**, ano I, nº 12, 29/10/1921. Fortaleza. A carta é sem assinatura, porque o operário teme represálias dos chefes e chefetes, donde se infere que não era seguro expor o pensamento na imprensa operária.

perspectiva dos trabalhadores. Uma notícia sobre Francisco Theodoro Rodrigues, militante comunista e fazedor de jornais em Camocim, é exemplar:

"(...) Em Camocim um pobre operário, com uma tenacidade pouco vulgar e por enxergar um palmo adiante do nariz, fundou um jornalzinho que há mais de um ano vinha circulando naquela terra com um programa proletário.

Era um título de glória para Camocim, dizer-se que além do jornal amparado pelas classes conservadoras, havia ali um jornal operário e disso mesmo se orgulhavam os expoentes sociais da localidade.

Esse operário porque tivesse o jornal, lembrou-se de, nas últimas eleições, publicar uma chapa operária. Os conservadores da terra viram naquele gesto um crime digno de ser punido pela inquisição.

O delegado de Polícia, José Pinheiro, meteu-o no xadrez, incomunicável, por tantos dias e pô-lo em liberdade sob a condição de não ficar mais em Camocim.

Francisco Rodrigues, que é esse operário, fugiu para Granja e dali vive a clamar em vão contra as violências que sofreu."⁴³⁸

A violência das "classes conservadoras" de Camocim contra Chico Theodoro (assim era conhecido o jornalista-operário) já vinha de antes. Sua primeira "afrota" ao poder local era o fato de, sendo "um pobre operário", demonstrar "uma tenacidade pouco vulgar" e ao "enxergar um palmo adiante do nariz", ousar um passo à frente, fundando um jornal, **O Operário**, o que lhe valeu um processo crime. O motivo, dizem os conservadores, tratava-se de um "vermelho pasquim" difundindo "injúrias impressas". O exemplo de Chico Theodoro, como de outros aqui destacados, participa deste ponto do enredo como expressão de auto-esclarecimento no meio operário.⁴³⁹

Entendida a imprensa dos trabalhadores como prática social de distintos grupos, necessário se faz apreender o esforço de autodidatismo presente na história dos trabalhadores e o itinerário que constroem se fazendo leitores. A unidade seguinte é o espaço de demonstração e análise dessas práticas sociais, a circulação das leituras no

⁴³⁸ **O Povo**, 21/05/1928. Fortaleza.

⁴³⁹ Sobre a militância de Francisco Theodoro, ver SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade vermelha. A Militância comunista em Camocim – CE (1927-1950)** – (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

seu tempo e os lugares/momentos da vida urbana se constituindo em espaços de sociabilidade.

1 – A Socialização das leituras operárias

Fazer jornais no meio operário é uma tradição que vem de muito e se espalha por muitos países, difundindo a palavra impressa no jornal, no panfleto, no manifesto, no cartaz. Pouco a pouco, o mosaico das pesquisas vai compondo um largo inventário dessas publicações, dando a conhecer seus conteúdos, seus temas, os grupos editores e suas leituras na época, as influências políticas e as tendências filosófico-literárias que informaram suas práticas sócio-culturais. Quanto aos editores e articulistas, passamos a conhecer também alguns que desejam firmar-se enquanto "intelectuais-operários e ideólogos". Mas, como se apropriaram e recriaram os conteúdos de suas leituras? Como se fizeram leitores?

Além da baixa escolaridade, da persistência do analfabetismo constituindo entrave para a difusão da imprensa dos trabalhadores, a repressão e as parcas condições de sustentação dos periódicos são outros entraves à existência regular dessa imprensa. Como faziam para difundir a palavra impressa no meio operário? São vários os mecanismos e muitos os exemplos em diversos lugares.

De um costume praticado nos refeitórios dos conventos e nos comedouros das prisões, a leitura chega às oficinas e fábricas de charutos de Havana no meado do século XIX.⁴⁴⁰ E agora, com a deliberada intenção de propaganda social ou ainda, como

⁴⁴⁰ No caso de Cuba, analisando a instituição do *lector* florescendo nas fábricas de charuto e não nos engenhos de açúcar, F. Ortiz diz que nestes o ambiente de trabalho é a própria orquestração do barulho – do crepitar do fogo ao inferno das caldeiras é trabalho grosseiro, ensurdecedor, repetitivo – conquanto nas fábricas de charuto o zumbido é do silêncio, quebrado apenas pelo barulho das vozes. Onde é possível a conversação livre, o operário até pode experimentar o prazer de falar e ouvir. A própria disposição dos
(continua)

recuperação algo romântica do costume de leituras de salão: públicas, democráticas e civilizatórias, como era o uso nos Estados Unidos.

Para F. Ortiz, é preciso dimensionar o grau de significação das leituras e sua repercussão como elemento que forja consciências. No caso dos trabalhadores em fábricas de charuto, em Cuba, não por acaso constituem-se entre eles os primeiros núcleos organizados por ofício, sendo a leitura importante elemento, entre outros, que explica esse fato. Não poucos foram os *leitores* que alcançaram posição destacada nas lutas de independência. Quanto mais se definem os movimentos contrários ao estatuto colonial, mais o poder impõe silêncio à tribuna do *lector*. Na apreciação de José Martí, os charuteiros podem ser considerados por um largo período do novecento como os "*doutores do proletariado urbano*", sendo a tribuna de leitura das fábricas um palco dos precursores da luta por liberdade e lugar social onde o *lector* "*recebeu seu título acadêmico*". Numa atividade em que exercitam hábitos de falar, expressar opiniões, incorporando níveis do intelectualismo da tradição romântica, aditam à instituição do *lector* a qualidade de debatedor, polemista, orador e editor de jornais.⁴⁴¹

Registros do século XIX contam sugestivas histórias acerca da *Leitura Ouvida*. Em 22 de outubro de 1865, Saturnino Martínez, charuteiro e poeta, lança em Havana a primeira edição do jornal **La Aurora**, dirigido aos trabalhadores da indústria de charutos. A estratégia de leitura pública constituiu uma saída para contornar o problema do analfabetismo. Surgia, em 1866, na fábrica de charutos El Figaro, a figura do

operários, sentados em mesas enfileiradas à semelhança de uma escola, como que prepara o ambiente para a entrada do *lector*. A esse respeito manifestam-se também os jornais de extração liberal, como é o caso de **El Siglo** (Havana). Na edição de 25 de janeiro de 1866, em artigo intitulado *A Leitura nas fábricas de charutos*, defende a leitura pública e a instituição do *lector*, apresentando-as como de uso corrente em outros lugares, com o hábito inclusive do ouvinte "*pagar pela leitura ouvida*". Cf. ORTIZ, Fernando. **Tabak und Zucker**. Frankfurt: Erste Auflage, 1987.

⁴⁴¹ ORTIZ, Fernando. **Tabak und Zucker**. Frankfurt: Erste Auflage, 1987.

*lector*⁴⁴², um operário, pago pelos companheiros de trabalho, faz a leitura do jornal. O costume se disseminou em direção a outras fábricas. Tamanho é o sucesso das leituras, que meses depois um decreto de proibição é baixado pelo governo de Cuba. De públicas a "subversivas", as leituras continuaram. Em 1873, trabalhadores cubanos imigrados para os Estados Unidos levam consigo a prática das leituras para as fábricas de charuto de Key West. Também para a Espanha, juntamente com o apreciado charuto cubano seguiu o costume da leitura em fábricas, assumido pelas mulheres. *Leitoras* típicas são encontradas em La Coruña, San Sebastian (modelarmente fixadas no romance **La Tribuna**, de Emilia Pardo Bazán). Ainda da Espanha, agora no início do século XX, chega o relato de Juan Díaz del Moral, sobre a vontade de aprender que existia entre os camponeses andaluzes:

*"Se leía siempre; la curiosidad y el afán de aprender eran insaciables; hasta de camino, cabalgando en caballerías, com las riendas o cabestros abandonados, se veían campesinos leyendo; en las alforjas, com la comida, iba siempre algún folleto. Es verdad que el setenta o ochenta por ciento no sabía leer; pero el obstáculo no era insuperable. El entusiasta analfabeto compraba su periódico y lo daba a leer a un compañero, a quien hacía marcar el artículo más de su gusto; después rogaba a otro camarada que le leyese el artículo marcado, y al cabo de algunas lecturas teminaba por aprenderlo de memoria y recitarlo a los que no lo conocían".*⁴⁴³

Sobre a instituição do *lector* e a prática social da leitura ouvida, Alberto

Manguel propõe uma sugestiva reflexão:

"Ouvir alguém lendo para eles, descobriram os charuteiros, permitia-lhes revestir a atividade de enrolar as folhas escuras do tabaco – atividade mecânica e entorpecedora da mente – com aventuras a seguir; idéias a levar em consideração, reflexões das quais se apropriar. Não sabemos se, durante as longas horas na fábrica, lamentavam que o resto de seus corpos não

⁴⁴² Constan dos registros da época, que a introdução da leitura na fábrica **El Figaro** data de 1865, através do liberal Nicolás Ascarte, constituindo um ato marcante a leitura d'**As Lutas do Século** (o primeiro livro lido em fábrica). Do relato de Manuel Deulofeu, conforme citado por F. Ortiz, em **Tabak und Zucker**, consta que a prática da leitura em fábrica aconteceu em sua primeira vez em Bejucal, no ano 1864, sendo Antonio Leal o primeiro *lector*, na galera da fábrica de Viñas. O uso da tribuna pelo *lector* ocorre pela primeira vez na fábrica de Facundo Acosta.

⁴⁴³ SAÑA, Heleno. **Cultura proletaria y cultura burguesa**. Madrid: Zero, 1972, p. 114.

*participasse do ritual da leitura; não sabemos se os dedos daqueles que sabiam ler ansiavam por virar uma página, por seguir uma linha, ; não sabemos se aqueles que nunca haviam aprendido a ler eram estimulados a fazê-lo.*⁴⁴⁴

A instituição do *lector* também é encontrada como parte da prática da leitura em outros ofícios. Tal é o relato que apresenta os alfaiates e os sapateiros como tendo desenvolvido a prática. Em seu ensaio sobre os sapateiros politizados na Grã-Bretanha do século XIX, Eric Hobsbawn informa sobre a existência de tal prática entre eles, bem como entre os alfaiates. Nesse relato, o *lector* é estabelecido de várias formas: por uma espécie de rodízio e pela contratação de um velho soldado ou pelo aprendiz mais jovem da oficina, que faziam a leitura em voz alta.⁴⁴⁵

Ainda quanto às leituras no mundo do trabalho, Noam Chomsky, ao apreciar a imprensa dos trabalhadores nos Estados Unidos no século XIX como um dos signos da resistência ao capitalismo industrial, informa que as "garotas de fábrica" das fazendas de Massachussetts habituaram-se a passar o tempo com a leitura dos clássicos e da literatura contemporânea, ao passo que os artesãos independentes, se possuíam algum dinheiro, pagavam um garoto para fazer a leitura enquanto trabalhavam.⁴⁴⁶

Ainda sobre o tema da *leitura ouvida*, tal prática é pesquisada por Jeremy D. Popkin. Em ensaio sobre os jornais fundados durante a Revolução Francesa, o autor informa que existia a prática da leitura em voz alta, apesar dos jornais custarem caro (se comparados aos salários dos operários), e dos baixos níveis de alfabetização

⁴⁴⁴ MANGUEL, Alberto. *A Palavra Ouvida*. In *Uma História da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 136. Este capítulo traz duas ilustrações sobre a função do lector; a pintura *El Lector*, do cubano Mario Sanchez e, o mais antigo desenho conhecido de um *lector*, retirado da revista *Practical Magazine*, de New York, 1873.

⁴⁴⁵ HOBBSAWN, Eric & SCOTT, Joan. *Sapateiros politizados*. In *Pessoas extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz*. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 47.

⁴⁴⁶ CHOMSKY, Noam. *Os Caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social*. Porto Alegre: ARTMED, 1998, p. 100. Para alargar a reflexão empreendida por N. Chomsky ver o estudo de WARE, Norman. *The Industrial Worker (1840-1860). The Reaction of american industrial* (continua)

constituírem um entrave à leitura dos jornais por grande parte da população adulta.⁴⁴⁷

Sobre a prática das leituras públicas, Michel Vernus, no ensaio sobre os tipos de publicações e sua difusão no Franche-Comté, diz que elas passaram a ter um valor missionário após a Revolução e eram propagadas com um zelo sem precedentes. Em setembro de 1793, o jornal jacobino **La Vedette** é enviado gratuitamente a todas as municipalidades e clubes políticos da província, sendo lidos publicamente todos os domingos e feriados pelos oficiais municipais. Para Vernus,

*"Seja através de leituras públicas oficiais, seja através de leituras clandestinas em reuniões noturnas, mais do que nunca a mensagem política era transmitida pela leitura em voz alta. Como no passado, a leitura era coletiva e comunal – uma prática comum nas vilas antes de 1789."*⁴⁴⁸

Para o Brasil, no mesmo período, Maria Helena Capelato, referindo-se a obstáculos de toda ordem impostos à palavra impressa, constata que os mesmos eram driblados, com a circulação nos pequenos e grandes centros urbanos, dos diários e panfletos. A dificuldade suplementar do analfabetismo era atenuada com o recurso à comunicação oral, à leitura ouvida. A prática da leitura em voz alta, nas esquinas, nas boticas ou nos serões e tertúlias forjava espaços de circulação dos enunciados, não raro de teor político antilusitano.⁴⁴⁹

Tal assertiva é corroborada por estudos sobre os movimentos de contestação ao estatuto colonial. Na Bahia, por exemplo, na Revolta dos Alfaiates, circulavam os boletins sediciosos, manuscritos, afixados em pontos estratégicos onde os letrados cuidavam de propagar sua mensagem pela comunicação oral.

society to the advance of the Industrial Revolution. Chicago: Elephant Paperbacks, 1924 (reimpressão em 1990).

⁴⁴⁷ POPKIN, Jeremy D. *Jornais: A Nova Face das Notícias*. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Impressa...** Op. cit., p. 206.

⁴⁴⁸ VERNUS, Michel. *A Perspectiva de uma Província*. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Impressa...** Op. cit., p. 186.

⁴⁴⁹ CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história...**, Op. cit. p. 21.

Para as primeiras décadas do século XIX, no Brasil, há registros de jornais copiados a bico de pena, em folha de papel comum e distribuídos a grupos de cinco assinantes, que tinham a prática de revezamento na leitura. Formado um novo grupo de cinco assinantes, um outro exemplar do jornal era copiado pelos amanuenses contratados para tal trabalho de copista.⁴⁵⁰

Roger Chartier, tratando das pertinências sociais inscritas na multiplicidade de abordagens da leitura, recolhe em Jean Lebrun a reflexão sobre as experiências de leitura que, mesmo individuais, são inscritas no interior de modelos e normas compartilhadas. Se cada leitor é singular em sua circunstância de leitura, essa singularidade é atravessada pelos princípios de uma dada comunidade de leitores. Para os séculos XIX e XX, a diversidade da comunidade de leitores *"resulta das divisões entre as classes, dos processos diferentes de aprendizagem, das escolaridades mais ou menos longas, do domínio mais ou menos seguro da cultura escrita"*. Para Lebrun, a prática da leitura em voz alta no século XIX, sustentando novas sociabilidades, *"foi também vivida como uma forma de mobilização cultural e política dos novos meios citadinos e do mundo artesanal e depois operário"*.⁴⁵¹

Na Argentina, em finais do século XIX, o costume das "conversas familiares" é transposto para o espaço dos centros e círculos culturais socialistas. Segundo Dora Barrancos, o teor das "conversas" seria recolhido mais na reflexão político-ideológica e menos nos aspectos da teoria e doutrina. Nas primeiras décadas do século XX, são as "leituras comentadas" que forjam um novo tipo de prática pedagógica entre os círculos

⁴⁵⁰ NOBRE, Freitas. **História da imprensa de São Paulo**. São Paulo: Progresso, 1950, p. 23.

⁴⁵¹ CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro - do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998, pp. 92 e 143. Do mesmo autor, ver **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2000; (coord.). **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; e **As Utilizações do objecto impresso (séculos XV-XIX)**. Trad. Ida Boavida. Portugal: DIFEL, 1984.

libertários portenhos. As "leituras comentadas" cumpriram importante papel educativo como reforço das prédicas, como mecanismo coletivo de debate e socialização do repertório de autores e temas. Sua pedagogia adquire maior relevo como instrumento de formação, uma vez que se exercitava a discussão e o debate desde a escolha do tema e do autor até a reflexão coletiva, após a leitura em voz alta. A prática, em sua metodologia simples, possibilitava o estreitamento dos laços de convivência educativa e aprendizado dos indivíduos e grupos em seu notável esforço de "fazer-se a si mesmo", à maneira de Thompson.⁴⁵²

As "leituras comentadas" também fizeram parte da experiência libertária no Brasil. Entremeadas pelos conteúdos da poesia e do teatro social, os centros de cultura são os lugares de propagação dessas práticas educativas. Com o propósito de *atuar na obra de propaganda, formar os militantes, educar e esclarecer o proletariado na sua finalidade revolucionária*, alguns mecanismos se destacam na pedagogia libertária: além das leituras coletivas e comentadas, os debates orais, como no estudo de Yara Khoury.⁴⁵³

Boris Fausto, nas suas considerações sobre a importância da imprensa anarquista constituindo em um dado momento, um centro de organização, de difusão e de propaganda, destaca o fato de que, em certos contextos, o jornal operário, de *"Veículo*

⁴⁵² BARRANCOS, Dora. *As "leituras comentadas": um dispositivo para a formação da consciência contestatária entre 1914-1930*. In **Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas**. Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH, nº 8 e 9, pp. 151-161. Campinas: UNICAMP, 1998. Ver também, GUTIERREZ, Leandro H. & ROMERO, Luiz Alberto. **Sectores populares, cultura e política**. Buenos Aires: Sudamericana, 1986; _____. *Sociedades barriales, bibliotecas populares*. In **Desarrollo Economico**, v. 29, nº 113, abr-jun., s/p. Buenos Aires: s/e, 1989; ROMERO, Luiz Alberto. **Libros baratos y cultura de los sectores populares**. Buenos Aires: CISEA, 1986; SARLO, Beatriz. **El Imperio de los sentimientos**. Buenos Aires: Ediciones Catálogos, 1985; e BARRANCOS, Dora. **Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.

⁴⁵³ KHOURY, Yara M. A. *Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários*. In **Revista Brasileira de História**, v. XVII, nº 33, pp. 112-149. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUÍ, 1997.

de expressão escrita, transforma-se também com frequência em veículo oral, ao ser lido em voz alta para os trabalhadores analfabetos".⁴⁵⁴

No Brasil, em vários estudos, é possível detectar as práticas da leitura no movimento operário como forma de mobilização cultural e política. No caso dos socialistas libertários, é fartamente registrado o fato de que sua ação se

"(...) estendia através das escolas de militantes, de oradores, fundadas nos sindicatos; as seções de leituras comentadas, os debates ideológicos, as conferências, as controvérsias, os círculos de estudos, os grupos teatrais, (...) Os trabalhadores, paralelamente aos movimentos de reivindicação estudavam o humanismo libertário com afinho e verdadeira devoção. Muitos soletrando, outros com desembaraço, propagavam-no e defendiam-no, simultaneamente".⁴⁵⁵

Seja na França revolucionária do século XVIII, em Cuba no século XIX, ou no Brasil, a imprensa dos trabalhadores – como palavra impressa ou veículo oral – resulta do esforço de inteligibilidade do mundo e da busca de eficácia em disseminar conteúdos diretamente vinculados a seu propósito pedagógico, organizativo e doutrinário. Como também é o resultado da vontade de saber, de conhecer. Ilustrativo dessa vontade é a carta publicada n'**A Voz do Trabalhador**, porta-voz da Confederação Operária Brasileira:

*"(...) Envio-te também, por este mesmo correio, alguns livros e folhetos de muito interesse para ti e os teus camaradas. Entre eles está um intitulado A Conquista do Pão, que é de primeira, outros dois muito a propósito são: Como Haremos la Revolucion e Sobre la Ruta de la Anarquia, aquele tradução e este original espanhol. Não entendeis bem o espanhol? Tu mesmo, ou alguém que saiba ler melhor, debes ler esses livros aos teus vizinhos e companheiros, as mulheres inclusive, que muita necessidade tem de saber tais coisas."*⁴⁵⁶

⁴⁵⁴ FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986, p. 91.

⁴⁵⁵ RODRIGUES, Edgar. **Nacionalismo e cultura social (1913-1922)**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p. 43.

⁴⁵⁶ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 61, 20/08/1914. Rio de Janeiro.

Nos escritos autobiográficos dos militantes existem incontáveis passagens em que as narrativas apresentam o esforço de leitura, a busca do saber como uma das lembranças memoráveis, como neste depoimento de Severino Gonçalves Antunha:

"(...) Tinha [no salão da Federação Operária] escola noturna, onde se aprendia um pouco de tudo; alfabetização, desenho, teatro, sociologia, política... numa enorme vontade de saber, sem precedentes na cidade. Havia um salão de leitura, com jornais, (...) de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Barcelona, etc. Obras como 'El Hombre y la tierra', de Reclus, editada pela Escola Moderna de Ferrer, a 'Grande Revolução' de Kropotkin, e obras de Tolstoi, Bakunin, Maximo Gorki, Sebastião Faure e outros escritores revolucionários, assim como obras sobre conhecimentos gerais, didáticos e de todos os matizes e literatura em geral. Era, enfim, uma corrida sem precedentes, em busca da cultura. Era belo, grandioso mesmo, ver homens de mãos calejadas segurando, desajeitadamente, o lápis ou o tira-linha. Muitos, já maduros, com cabelos grisalhos ou luzentes calvas. Outros, mais moços, com gravatas borboleta e bastas cabeleiras, com tinturas literárias e poses oratórias, viviam discutindo, discursando e ensinando o que sabiam. (...)"⁴⁵⁷

São incontáveis os depoimentos acerca das leituras no meio operário. Como são feitas, como circulam os livros e jornais, como são socializadas? Cristiano Cordeiro, em Recife relata suas primeiras incursões pelo pensamento libertário como imperativo desde que começou a se *"interessar pelos problemas da classe operária"*:

"Conheci líderes operários portugueses e espanhóis e um deles, o estucador José dos Santos, me emprestou livros sobre o anarquismo. Cheguei a participar de uma passeata durante uma greve de empregadas de fábricas de cigarros (...). Em 1913, (...) passei a frequentar sindicatos, a participar de reuniões operárias e até a fazer discursos em solenidades como a de Primeiro de Maio. Era um adepto do anarquismo, leitor de Jean Grave, Sebastião Faure e do russo Kropotkin. (...)"⁴⁵⁸

Essa imensa vontade de saber é tema recorrente nos escritos dos memorialistas e na imprensa dos trabalhadores no Ceará. Em alguns a evocação das primeiras leituras é quase sempre associada às dificuldades do meio e às extensas jornadas de trabalho. Lia-se à noite, após um dia de intensa labuta ou se tentava driblar a fiscalização dos patrões,

⁴⁵⁷ RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura...* Op. cit., p. 361. Vários outros depoimentos podem ser localizados em outros estudos de Edgar Rodrigues.

⁴⁵⁸ *Plural. Revista de Debates*, ano II, jul.-set, p. 38. São Paulo: Rumo Gráfica, 1979.

gerentes e contramestres. Veja-se o depoimento de Rodolpho Theophilo, rememorando os seus difíceis tempos de caixeiro e os sacrifícios para estudar. Além da extensa jornada de trabalho, não podia fazer uso do tempo livre para o estudo porque o patrão "não queria caixeiro doutor":

"(...) Nesse tempo as lojas se fechavam às oito horas, mas eu logo que escurecia saía para as minhas aulas. Um dos patrões me procurou, depois de eu ter saído e sabendo que eu estava estudando disse que não queria caixeiro doutor e, como castigo dessa falta, ordenou que à noite eu passasse à limpo o borrador. (...)

Expus as minhas condições aos meus professores e, estes, com muita bondade, se prontificaram a lecionar-me depois das oito horas da noite (...).

A vida agora era mais cansada. Passava o dia na praia, exposto ao sol, no serviço do algodão. Ao escurecer, sentado à carteira a copiar o borrador! Voltava às nove horas da noite das aulas e recolhia-me ao quarto, uma espelunca quente e com mais muriçocas do que as florestas do Amazonas. Ia preparar as lições alumiado por uma miserável vela de carnaúba, de vintém, pois não podia comprar estearina. Estudava três horas, o tempo que durava a luz (...)"⁴⁵⁹

Acompanhando os fatos relatados por Rodolpho Theophilo situados em Fortaleza, no século XIX, o leitor pode perceber as duras condições de vida e trabalho no período. Mudaria muito no novo século? Os registros da imprensa dos trabalhadores e os relatos de memórias indicam que não. Seria preciso muita luta para conquistar direitos mínimos. Vejamos o que o caixeiro Vicente (lendo revistas e jornais escondidos nas peças de fazenda) escreve à **Revista Phenix**, em 1913:

"(...) A vida material que ora levo, de 'caixeiro vassoura' empoeirado, absorve-me o tempo por completo. Não posso mais investigar os livros para aprender as muitas cousas que não sei ainda.

(...) o patrão está sempre alerta, não posso ler na loja as muitas revistas aparecidas em nosso meio, até mesmo os jornais e 'boletins' que têm vindo à tona da imprensa ultimamente. O patrão me adverte todo dia, que preste mais atenção aos 'bons' fregueses, que não saia do balcão, que é proibido ler na loja, que caixeiro não pode ser 'poeta' e outras tantas cousas mais, que me fazem receio de perder o meu lugar. (...)"⁴⁶⁰

⁴⁵⁹ THEOPHILO, Rodolpho. **O Caixeiro (reminiscências)**. Fortaleza: Typ. Minerva, 1927, pp. 24-26.

⁴⁶⁰ **Revista Phenix**, ano II, nº XVII, out./1913. Fortaleza.

O depoimento de Otacílio Azevedo também diz dessa imensa vontade de saber. Enfrentando um duro cotidiano de trabalho, em seu tempo de operário na Ceará Light Tramways and Power Co., na Fortaleza de 1914; não suspeitavam os patrões ingleses que de "dentro daquelas valas enlambuzadas de óleo" nascia um poeta, devotado aos prazeres da boemia e das leituras:

"(...) Foi nos intervalos desse serviço estafante e perigoso [na Ceará Light Tramways and Power Co. Ltd] que escrevi, escondido dos patrões ingleses, dentro de enormes valas onde os bondes estacionavam para receber reparos, o meu segundo livro de poesias (...)

Foi nesse tempo que mais li, (...) Muitas vezes lia à noite inteira à luz de fumarenta lamparina de querosene e às cinco da manhã corria ao emprego, chegando na hora exata (...).⁴⁶¹

Otacílio Azevedo, trabalhador desde menino, foi "pela vida afora" decorador de paredes, letreirista, pintor de bonde, porteiro e operador de cinema, desenhista, fotógrafo, pintor. Poeta, publica seus primeiros versos no **Ceará Operário** em 1913; foi exemplo notável de autodidatismo: *"sem haver freqüentado escolas, chegou a obter (...) relativa cultura literária, fruto do convívio com os livros de autores portugueses e brasileiros, e da aproximação com alguns escritores de seu tempo."⁴⁶²*

Outro exemplo de cultura autodidata de expressão no meio socialista é Gastão Justa, o jovem irrequieto, boêmio, poeta, jornalista, amante das leituras, da boa conversação sobre o mundo, idéias e livros. Gosto que desenvolveu com os professores e nas escolas por onde passou, seja sob a orientação de Dona Didi Guerreiro e Ifigênia Amaral ou do professor Lino da Encarnação, no Partenón Cearense. Dito por ele mesmo:

⁴⁶¹ AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Op. cit., pp. 89-90.

⁴⁶² AZEVEDO, Sânzio de. *A Poesia de Otacílio Azevedo*. In AZEVEDO, Otacílio de. **Trigo sem joio**. Fortaleza: BNB, 1986, p. 10. A bibliografia de Otacílio Azevedo é composta dos seguintes títulos: **Dentro do passado** (1916), **Alma ansiosa** (1918), **Musa risonha** (1920), **Sugestão do luar** (1921), **Réstia de Sol** (1942), **Redenção** (1944), **Desolação** (1947), **Últimos poemas** (1958), **A Origem da Lua** (1960), **Meisinhas e supertições** (1966), **Fortaleza descalça** (obra póstuma, 1980).

*"Desde criança tive grande vocação para as letras. Enquanto os meninos de minha idade se entregavam aos brinquedos eu me agarrava aos livros. Lia tudo que me caía sob os olhos – romance, versos, história, crítica, ciências. Nada escapava à minha ânsia de ler e aprender."*⁴⁶³

Concluído o Curso de Humanidades, vai trilhar o caminho de autodidata em busca do conhecimento da literatura, do lastro de cultura geral, com claro pendor para as chamadas ciências humanas. Não se fixa apenas nos livros e no gosto pela palavra impressa. Na cidade de Fortaleza e em sua gente simples, nos proscritos, que a elite chama de "arraia-miúda" vai buscar a inspiração para seu anseio de justiça e liberdade.

Gastão Justa começa a trabalhar cedo. Como tipógrafo na *Minerva*, encontra como companheiros de ofício Joaquim Alves, Eurico Pinto, Sidney Neto, Josué Sena e Joaquim dos Santos. São eles as companhias do ofício, das rodas literárias, da boêmia, das serenatas nas noites brancas de lua, do teatro e da iniciação socialista. Com os dois primeiros, estaria em 1919, fundando o Partido Socialista Cearense e editando o **Ceará Socialista**.

No início de sua militância, Gastão Justa encontra em Joaquim Alves um dos mais próximos interlocutores. Encontram-se já na meninice; Gastão, nascido em Fortaleza na rua da Conceição (hoje, Dom Manoel) e Joaquim Alves, nascido em Jardim e logo vindo a Fortaleza. A camaradagem se fortalece, mais aumenta o gosto pelas letras. Das longas conversas sobre os livros que adquirem nas livrarias da Praça do Ferreira ou tomam de empréstimo a outros militantes, vai crescendo a indignação com os desmandos que observam na política local. As leituras, mesmo individuais, são quase sempre partilhadas na forma de discussões em grupo. Um dos lugares preferidos para os encontros e tertúlias literárias era a Praça General Tibúrcio, em frente ao Palácio do Governo, onde à noite dividiam espaço com os pares de namorados. Joaquim Alves

⁴⁶³ **Unitário**, 03/08/1952. Fortaleza.

apelidaria o lugar de *Jardim dos Tristes*, porque dizia ele, "*ali se reuniam os tristes: namorados sem ventura e desocupados sem destino*". A experiência de leitura não difere daquela encontrada em tantos outros grupos espalhados pelo Brasil nas primeiras décadas do século XX. Veja-se o relato de Gastão Justa sobre as práticas de leitura, procurando combinar saber e rebeldia:

*"(...) À noitinha, após as canseiras do trabalho e do estudo, nos reuníamos ali, à Praça General Tibúrcio, em frente ao Palácio do Governo, para os comentários do dia. De preferência, falávamos sobre literatura, sobre nomes de autores nacionais e estrangeiros. A literatura russa tinha para nós uma atração irresistível, Líamos Gorki, Tolstoi, Turgueniev, Kropotkin e muitos outros. Hegel e Carlos Marx eram também discutidos com entusiasmo. (...)"*⁴⁶⁴

Era nessas primeiras décadas do século XX que se exercitavam as práticas de contestação e as leituras iam adquirindo lugar na formação dos "espíritos rebeldes". O **Demolidor**, como as revistas **A Fortaleza** e **Terra da Luz**, é exemplo da reação de espíritos jovens e inquietos ao que lhes parecia envolto em preconceito e com ares de velharia. Vários deles, ainda estudantes, adotam o ofício de professor. Joaquim Pimenta em 1907 ministra as lições de Geografia no Instituto de Humanidades, de Joaquim Nogueira. Quanto à sedução da imprensa, diz bem o historiador Geraldo Nobre: "*houve época que, no Ceará, era quase obrigatória a passagem dos jovens estudantes pelas redações dos jornais*".⁴⁶⁵

Convém sublinhar que a implantação do curso jurídico, além do incremento do comércio de livros, aumenta a população de estudantes, faz nascerem os círculos de leitura, as sociedades literárias e as folhas estudantis. São vários os títulos que aparecem desde os finais do século XIX. As folhas estudantis, no espírito da época, intitulam-se literárias, filosóficas, políticas e participam dos debates em voga.

⁴⁶⁴ **Unitário**, 27/07/1952. Fortaleza.

⁴⁶⁵ NOBRE, Geraldo. **História da Associação Cearense de Imprensa, 1925-1975**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976, p. 8.

Assim é que, das aulas na Faculdade de Direito, das leituras coletivas feitas nas "repúblicas", das visitas para boas conversas na Livraria Araújo, dos bancos da Praça do Ferreira onde se encontravam para debater religião, política, direito, filosofia, resultam os produtos de sua inquietação intelectual. Nesses lugares, vão se forjando os informais círculos de leitura, animados por um mais afoito, como é o caso de Joaquim Pimenta, aqui relatando a força da palavra impressa e a recepção da leitura trazendo os ecos das "vozes da rebelião":

"Ao mesmo tempo que me desvencilhava de preconceitos e dogmas religiosos, embrenhava-me pelo crespo matagal da literatura socialista. Comecei por copiar, em cadernos de almaço, Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Elisée Reclus e outros pontífices do Anarquismo, nos quais eu descobria um apostolado com nova terapêutica para tentar outra redenção da humanidade... Ainda guardo, todo despregado, faltando folhas, um desses cadernos, onde eu recolhia, com a alma febril de neófito, a messiânica revelação de um mundo sem iniquidades, sem opressões, sem despotismos: livre de senhores e de escravos, de reis e de súditos, de governantes e governados. (...)

E soavam dentro de mim vozes de rebelião: era Proudhon investindo contra Deus e contra o Estado; repetindo com Brissot, de velhos padres da Igreja, que a propriedade é um roubo; era Kropotkin proclamando que as liberdades não se dão, tomam-se (...)"⁴⁶⁶

Nos bancos do Passeio Público, onde se juntavam estudantes, empregados do comércio, poetas, contavam "*histórias do sertão*", faziam versos contra a política de Accioly, recitavam Guerra Junqueiro. Gustavo Barroso anota a presença do alfaiate francês Eugênio Froidevale ("*que não sabemos de onde tinha vindo nem para onde ia*") animando essas reuniões com um verbo que "*instilava o ódio à burguesia e o amor ao proletariado*", e emprestando livros de Bakunin e Lassalle, Proudhon e Karl Marx. Anota também a presença de Moacir Caminha, ouvinte atento que "*embebia-se e procurava embeber os outros em seu grande sonho socialista*".⁴⁶⁷

⁴⁶⁶ PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do Passado**. Op. cit., pp. 83-84.

⁴⁶⁷ BARROSO, Gustavo. **Consulado da China. Memórias**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, s/d., p. 192. Ver também outras passagens onde o autor rememora a formação de curiosos grupos de oposição (de vida brevíssima) à oligarquia aciolina: O Grupo dos Tiranocidas e O Clube dos Hussares da Morte. (continua)

Da velha Praça do Ferreira, para eles verdadeira "instituição" onde se exercitava o debate e se atualizavam as práticas de leitura, fala um comovido Joaquim Pimenta, rememorando os quiosques, as alamedas entre canteiros floridos e as grandes árvores frondosas

*"à sombras das quais, nós cascabulhos do Liceu e estudantes da Faculdade, nos reuníamos, todas as tardes, para conversar e discutir religião, filosofia, história, literatura, questões de gramática e assuntos de política partidária, até nove ou dez horas da noite, quando o velho relógio nos avisava que era tempo de dispersar e seguir para casa."*⁴⁶⁸

Na mesma Praça do Ferreira há outra "instituição" – a Livraria Araújo – lugar de encontro dos amantes dos livros, que os íntimos chamavam **Cenáculo**, onde Ildfonso de Araújo, "*a alma da Casa*", livreiro por vocação, anima a vida intelectual da cidade e onde, às manhãs, se forma a roda dos oposicionistas e, às tardes, são os governistas seus frequentadores, como anota Gustavo Barroso em suas **Memórias**. A Casa do Araújo, cujas palestras o jornal **A República** anota como boêmias ou graves, mas sempre elevadas

"em nada semelhantes ao zizanear de certas rodinhas burguesas onde a vida alheia é o alvo da bisbilhotice indiscretos marzocos, pois que ali é considerado de fato 'um meio espiritual aproveitável', ilustrado, que os profanos, cá das ruas, devem palmear com entusiasmo".⁴⁶⁹

O caixeiro da Livraria Araújo, Theodoro Cabral, em depoimento sobre as tertúlias literárias e as conversas naquele ponto de encontro dos leitores do mundo na cidade, relata que ali era de fato uma extensão dos bancos da Praça, funcionando como

Nestes, refere a participação de Moacir Caminha, de quem relembra como "*caráter sincero, tornou-se socialista de verdade*" e acentua em tom nostálgico: "*A vida nos separou. As idéias, talvez, mais ainda.*" (p. 202)

⁴⁶⁸ BARROSO, Gustavo. **Consulado da China**. Op. cit., p. 439. Ainda sobre a Praça do Ferreira como "coração material", ou continuação da tradição da botica como centro social e de seus bancos como "instituição" da boa prosa e do debate, ver LIMA, Herman. **Imagens do Ceará**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

⁴⁶⁹ **A República**, 18/08/1906. Fortaleza. Apud BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1951, p 226. Ver também a referência à atividade editorial do livreiro Araújo.

centro de reunião dos intelectuais: *"Lá se encontravam, diariamente, professores da Faculdade de Direito e do Liceu, literatos, estudantes e quantos amigos dos livros. (...) que mantinham palestras amistosas que eram verdadeiras tertúlias literárias."*⁴⁷⁰

Sem esquecer que do outro lado da praça está a velha livraria do Oliveira, à frente Eduardo Studart e Hermino Barroso, em 1906. E a Livraria do Banco do Ceará, fazendo esquina com a Casa Villar, anos depois Livraria Imperial ou Imperial Porta de Clóvis Mendes, referidas por Otacílio de Azevedo dizendo de seus primeiros contatos com a obra de Maximo Gorki. E ainda a Livraria Ribeiro, de Oscar Araripe, mantendo em dia seus freqüentadores com as novidades na poesia e no romance, trazidas do Rio de Janeiro. Sem esquecer também do sebo do velho Guimarães, *"uma portinhola agoniada"*, ali na rua São Paulo, também referida por Otacílio em seu garimpo dos volumes sem capa, conquanto fossem de poesia.

As praças, as livrarias, as confeitarias, as bodegas, os salões das barbearias, os cafés constituíam-se em lugares sociais de troca de informações, experiências, atualização do léxico político e onde as camaradagens iam definindo formas de intervenção na paisagem social. Não se vejam esses espaços apenas como pontos de encontro ou de convívio fugaz. A esse respeito, Alberto S. Galeno, em seu **A Praça e o povo** (1991), descreve com argúcia, como espécie de "jornalismo falado" as conversas na Praça do Ferreira.⁴⁷¹

⁴⁷⁰ **Gazeta de Notícias**, 11/12/1927. Fortaleza.

⁴⁷¹ GALENO, Alberto S. **A Praça e o povo (homens e acontecimentos que fizeram a história na Praça do Ferreira)**. Fortaleza: Stylus, 1991. Em algumas passagens, o autor discorre sobre os bate-papos na Praça do Ferreira, apresentando-os como "jornalismo falado" e sugerindo que sua importância reside no fato de contribuírem para a formação de uma opinião pública na cidade. Como aqui: *"(...) Os poderosos mandavam quebrar jornais, prender, surrar, matar jornalistas, tentando desta forma impedir a divulgação de fatos que pretendiam ignorados do povo. Mas, em contrapartida surgia na Praça do Ferreira o jornalismo falado. Os papeadores encarregavam-se em divulgar aquilo que os jornais escritos não conseguiam divulgar. (...)"* (p. 6), e ainda: *"(...) O importante nos bate-papos era o fato de permitirem, através dos debates, da troca de idéias, a formação de uma opinião pública. Nos bancos da Praça, uns discutiam, outros escutavam. Surgiam as indagações, sempre que necessárias. (...)"* (p. 15). E
(continua)

Numa cidade ainda pequena, sem as estridências trazidas depois pelo automóvel e pelas sucessivas remodelações nos equipamentos urbanos, esses lugares têm função social na urbe e em sua geografia política. Dos cafés, o Riche, a Maison Art-Nouveau, o Iracema, o Java, o Globo, o Avenida, o Elegante, o do Comércio. O Riche, num sobradão quase centenário, das conversas ruidosas *"na meia hora ou na hora inteira que sobrava do almoço"*, o fino da mocidade do comércio, estudantes, literatos, onde se planejava a fundação de clubes, jornais e revistas e se discutiam mexericos, novidades e política. No dizer de Edigar de Alencar em **Fortaleza de ontem e anteontem**.⁴⁷²

O Café Riche, com suas mesinhas de ferro na calçada, juntando veteranos e novos conversadores, uns desfilando sua verve e sua roupa vistosa "com etiquetas da metrópole", outros com sua roupa de "brim mal-ajambrado". Nessas rodas apareciam alguns quase analfabetos, de poucas letras ou sem maiores estudos, mas "de inspiração impressionante" ou de "estro fascinante", exemplos de autodidatismo. Diziam-se versos às vezes escrevinhados ali na hora ou comentavam-se autores e livros adquiridos na livraria Ribeiro – Martins Fontes, Eça, Camilo, Junqueiro, Grave, Anatole, Balzac, Flaubert, Zola, como anota Herman Lima, em suas **Memórias**.⁴⁷³ O Café Iracema juntava os boêmios e os conversadores da Academia Rebarbativa que, noite adentro, comentavam da política, dos sonhos e da literatura, *"metendo a lenha nos 'medalhões' da época, Barão de Studart, Papi Júnior, Antônio Sales e outros..."*.⁴⁷⁴

mais adiante: "(...) Ao comentarem os acontecimentos políticos e sociais de sua época, antes da existência do rádio e da televisão, os papeadores estavam, sem que o soubessem, criando um tipo novo de jornalismo. Era o jornalismo falado que surgia. Pois o que é comentar, criticar, comunicar, senão fazer jornalismo? Certos acontecimentos que os jornais escritos dificilmente conseguiriam divulgar, dados os rigores da censura oficial, chegariam ao conhecimento do povo graças ao trabalho desses divulgadores anônimos. (...)" (p. 16).

⁴⁷² ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem...** Op. cit., p. 86.

⁴⁷³ LIMA, Herman. **Poeira do tempo. Memórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 103.

⁴⁷⁴ AZEVEDO, Otacilio de. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 55.

O Café do Pedro Eugênio, fincado ali na segunda seção da linha de bondes do Benfica, é um desses lugares referidos por Otacílio de Azevedo. Em suas memórias encontro no Café do Pedro Eugênio um dos sinais da presença de alguns dos primeiros socialistas na **Fortaleza Descalça**, Moacir Caminha e Eurico Pinto, entre eles:

"No Café do Pedro Eugênio recitava-se, cantava-se, falava-se de política. Muitas vezes a conversa esquentava e atravessava a noite inteira. Discutiam com ardor Walter Pompeu, Moésia Rolim, Moacir Caminha, Juarez Castelo Branco, José Levi, Eurico Pinto, Chammarion, Quintino Cunha, Ulisses Bezerra, Oscar Domingues e muitos outros. O Café era, sobretudo, um recanto pitoresco, distante do bulício do centro da cidade e onde se podia apreciar a natureza debaixo das frondosas mangueiras, à viração constante da brisa."⁴⁷⁵

E quanto a Moacir Caminha – companheiro de Pimenta nas primeiras leituras dos anarquistas e na empreitada d'**O Regenerador** –, como teria sido sua formação intelectual? Quais leituras teriam cimentado suas convicções? Que influências mais significativas recolheu em sua trajetória? Teria ele em sua casa ou na biblioteca de seu *Educandário Cearense* se deparado com as idéias socialistas já em circulação, desde o meado do século XIX, na vizinha e afrancesada Recife, através do engenheiro e arte de Louis Léger Vauthier, com seu fourierismo, Antônio Pedro de Figueiredo⁴⁷⁶ com a revista **O Progresso**⁴⁷⁷, ou de Abreu e Lima, com seu livro **O Socialismo**, onde fala das

⁴⁷⁵ AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 33.

⁴⁷⁶ Antonio Pedro de Figueiredo foi redator do **Diário de Pernambuco**, e mantinha uma seção *A Carteira*, sob o pseudônimo de Abdalah el-Kratif, onde "revelava antecipações no tratamento dos problemas sociais": os problemas da monocultura cavadeira, das migrações, da estrutura fundiária, das práticas agrícolas superadas, das desigualdades sociais, entre outros (cf. MOTA, Mauro. **Votos e ex-votos. Aspectos da vida social no Nordeste**. Recife: Imprensa Universitária, 1968, p. 100).

⁴⁷⁷ Em artigo sobre *O Alvorecer da imprensa revolucionária no Brasil*, Múcio Leão, refere-se a **O Progresso** nesses termos: "Tendo falhado no seu berço 'O Socialista da Província do Rio de Janeiro', parece que fica em campo, como o primeiro e o mais importante periódico socialista que existiu no Brasil, quando essa corrente começou a se espalhar pelo mundo, 'O Progresso' de Antonio Pedro de Figueiredo." (**Boletim da Associação Brasileira de Imprensa**, nº 80, dez., p. 1. Rio de Janeiro: ABI, 1958). Sobre Antonio Pedro de Figueiredo, ver também MORAES FILHO, Evaristo de. *A Proto-história do marxismo no Brasil*. In REIS FILHO, Daniel Aarão e outros. **História do marxismo no Brasil. O Impacto das revoluções**, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Para o estudo da revista **O Progresso**, ver MARSON, Izabel Andrade. Entre a "vertigem" e a razão: representações da revolução na política pernambucana, 1838-1850. In **Revista Brasileira de História**, v. 10, nº 20, pp. 173-210. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1991; e _____. *Política, ciência e utopia: a revista O Progresso e a (re)criação da monarquia constitucional no Brasil (1846-1848)*. In **Revista Brasileira de História**, v. 12, nº 23-24, pp. 99-110. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992. (continua)

idéias de Lamennais, Saint-Simon, Owen, Fourier, como também de Godwin e Proudhon?⁴⁷⁸

Ademais, o afrancesamento do período é fenômeno largamente estudado. Hallewell, em seu **História do livro** observa com precisão a "*receptividade excepcional* [no Brasil] *a todos os adornos da cultura francesa*", acrescentando que chegava-se a "*identificar tudo o que era francês como moderno e progressista*". Como anotaram os viajantes Kidder e Fletcher sobre a quantidade de publicações francesas nas livrarias e o gosto disseminado das traduções de romances franceses, posto que até as mulheres liam "*a maior parte das obras de Balzac, Sue, Dummas, Geoges Sand*". É nessa ambiência de afrancesamento que Vauthier tentava recolher prosélitos e difundir as idéias francesas de regeneração social.⁴⁷⁹

As idéias de reforma social que começaram a chegar ao Brasil na década de 40 do século XIX, coincidiram com o primeiro impulso que haveria de transformar lentamente o Brasil monárquico, rural e escravista em uma República oligárquica, que iniciaria a industrialização e urbanização do país.

Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992; CHACON, Vamireh. **História das idéias sociológicas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1977; e **O Humanismo brasileiro**. São Paulo: Summus/Secretaria da Cultura, 1980.

⁴⁷⁸ A vinda, para o Brasil, dos fourieristas Louis Leger Vauthier (Recife), Michel-Marie Derrion e Jules-Benoit Mure (Santa Catarina) ampliou o interesse pelas "idéias novas" que começavam a nascer na Europa questionando a forma de organização social dominante e procurando alternativas societárias. Nas décadas seguintes o interesse pelas idéias precursoras de Owen, Saint-Simon e Fourier iriam se expandir às dos socialistas da *geração de 48*, em particular Proudhon. Desembocando no surgimento dos primeiros grupos de militantes socialistas na última década do século XIX e do sindicalismo revolucionário. Para o estudo das idéias socialistas no Brasil, ver CHACON, Vamireh. **História das idéias socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1977; _____. *Organização trabalhista e lutas sindicais no Brasil*. In *Revista Brasiliense*, nº 22, mar.-abr., pp. 115-139. São Paulo: Brasiliense, 1959; LINHARES, Hermínio. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil**. São Paulo: Alfa Ômega, 1977; CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **A Influência das idéias socialistas no pensamento político brasileiro (1890-1922)**. São Paulo: Loyola, 1978; _____. **A "Questão social" no Brasil. Crítica do discurso político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982; KONDER, Leandro. **As Idéias socialistas no Brasil**. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1995; e KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro (1857-1957)**. Trad. Clarisse Lima Avierina. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.

Para a formação de Moacir Caminha contribuíram essas e outras influências, sendo a principal o início de correspondência trocada com os principais jornais anarquistas no Brasil e em Lisboa, à cata de literatura que atualizasse sua formação socialista libertária. Pode-se mesmo arriscar a compor não mais apenas uma "biblioteca imaginária" do militante Caminha, mas partindo do conteúdo e forma de seus escritos e das informações recolhidas das memórias de seus contemporâneos localizar as leituras que informaram sua intervenção nas lutas sociais de seu tempo: Maximo Gorki, León Tolstoi, Émile Zola, Piotr Kropotkin, Sebastian Faure, Elisée Reclus, entre outros.

Em certos momentos de seu labor militante, parece fazer as vezes de espelho, querendo com outros refletir no Ceará as idéias que considerava luminosas das atualidades renovadoras transplantadas da Europa e, já então, em voga nos círculos de propaganda anticapitalista em franco ativismo em vários pontos do país.

Leitor atento e em sintonia com o deslocamento geográfico dos ventos da revolução, Caminha descobre a literatura de Maximo Gorki, já orientado pelas leituras anteriores do realismo de Tolstoi. Encontra-se agora com este novo tipo de realismo, "*o realismo dos desprotegidos da fortuna em luta pela sobrevivência, o ocaso do mundo aristocrático contrastando com o vigor da gente humilde e a força dos trabalhadores*".⁴⁸⁰ Encontra em Gorki o escritor e protagonista das viragens em curso na Rússia revolucionária. Do escritor (que trata de "*criaturas que uma vez já foram homens*"), absorve o vigoroso tom panfletário de alguns escritos e apreende o "*sentido da literatura como tribuna política*". Do militante revolucionário (fundador de jornais,

⁴⁷⁹ HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil (sua história)**. Trad. Maria da Penha Villalobos & Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.

⁴⁸⁰ DAIX, Pierre. Apud D'ALGE, Carlos. **O Território da palavra. Memória e literatura**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1990, p. 11. Sobre a influência de Gorki na literatura brasileira, d'Alge anota: "*Bastaria, por exemplo, citar Os Corumbás, de Armando Fontes, romance ambientado em*
(continua)

criador de escolas para emigrantes revolucionários), absorve alguns traços que aparecem ao longo de sua vida. Por essas razões denominaria de Maximo Gorki o **Clube Socialista**.

O impacto da leitura de Gorki sobre a formação militante é narrado em algumas memórias. Octávio Brandão, inventariando suas leituras da juventude, destaca Humboldt, Haeckel, Buchner, Darwin e acrescenta que seu "*segundo passo libertador*" veio através da leitura de Gorki:

*"Li, em 1917, o romance de M. Gorki, realista revolucionário, A Mãe, e lançou imediatamente um apelo ao combate. Defender a paz, contra a guerra e o militarismo. Solidarizar-se com os trabalhadores de Alagoas contra a adesão do governo do Brasil à guerra imperialista (...). Tomar parte na grande vaga de movimentos operários e populares (...). Auxiliar na formação de sindicatos e sustentar as greves operárias. (...)"*⁴⁸¹

A obra de Maximo Gorki é uma espécie de leitura de iniciação para os espíritos rebeldes, também no Ceará. Gastão Justa, editor do periódico **Ceará Socialista** (1919), fala dos primeiros tempos de militância, encontrando uma "força irresistível" na literatura russa. Otacílio de Azevedo refere também a experiência de leitura dos russos. Nesse caso, nos idos de 1910, adquirindo por mil réis na Livraria do Banco do Ceará, para o poeta Raimundo Varão, o recém- traduzido **Os Degenerados**, de Gorki. Relata Azevedo: "*Com o correr dos anos ainda comprei para o poeta Varão vários livros de Maximo Gorki: Na Prisão, Os Amassadores; de Leão Tolstoi, Ana Karenina, Ressurreição e Últimas Palavras*".⁴⁸²

Ele próprio, ao cantar em versos seu trabalho na Ceará Light Tramways, busca inspiração em M. Gorki:

Aracaju, e a luta do incipiente meio proletário para afirma-se num meio hostil, e compreender que uma nova forma de interpretar a vida e a literatura havia surgido a partir do escritor russo".

⁴⁸¹ BRANDÃO, Octavio. *Vida vivida. Recordações*. In **Revista Brasiliense**, nº 33, jan.-fev., p. 136. São Paulo: Brasiliense, 1961.

⁴⁸² AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 38.

*"Empreguei-me na 'Light' o longo espaço
de três anos brutais, consecutivos,
as forças diminuindo no cansaço
ante um grupo integral de homens cativos.
(...)*

*Nos pesados labores cotidianos
eu sempre tive a pretenciosa astúcia
de comparar-me à Gorki, aos dezoito anos,
ante a miséria colossal da Rússia.*

*E ficava-me, absorto, horas perdidas,
a sonhar com o Kivalda e outros, a esmo,
e voltava, chorando tantas vidas,
à triste realidade de mim mesmo*

*Dentre o estreito cubículo asfixiante
Semeávamos, nós trabalhadores,
Todo o quadro sombrio e agonizante
Que há nas páginas reais de Amassadores.
(...)⁴⁸³*

Creio que os estudos sobre o movimento operário e sua imprensa desde o século XIX devem, cada vez mais, voltar a atenção para as leituras operárias de então, visto expressarem não apenas o conteúdo de autoformação dos militantes mas uma prática social remodeladora do pensamento e da ação. Prática que inclui desde a seleção dos livros e autores até a inauguração de certos espaços da cidade como lugares de discussão pública e socialização das leituras. Referi-me há pouco às livrarias, cafés, bodegas e praças, que constituíam esse espaço da geografia dos progressistas e libertários de Fortaleza.

O pesquisador pode também encontrar nas bibliotecas particulares, através de acervos pacientemente recolhidos e que se abrem generosamente á vontade de saber de alguns dedicados leitores, mais uma contribuição ao processo de formação.⁴⁸⁴ Aí está

⁴⁸³ AZEVEDO, Otacílio de. *Musa Risonha*. In *Trigo sem joio*. Op. cit., p. 78.

⁴⁸⁴ As obras dos memorialistas constituem material valioso nesse caso. Otacilio de Azevedo, por exemplo, com gratidão anota Abraão de Carvalho e sua Biblioteca, como a contribuição maior para seu progresso intelectual. Abrahão, dono de uma mercearia no calçamento de Messejana (hoje, Joaquim Távora)
(continua)

uma das chaves de inteligibilidade para o modo como os núcleos militantes decifram a realidade e se organizam para sua transformação. Robert Darnton, ao chamar a atenção dos "historiadores do livro" para, com a contribuição da sociologia das idéias, a análise do processo de produção, edição e difusão dos livros procederem uma análise e um

*"exame do que se poderia chamar a base material da comunicação do pensamento, que forneceria os dados para a compreensão da experiência literária e permitiria construir uma visão do modo pelo qual as idéias penetram e incidem sobre os rumos da sociedade".*⁴⁸⁵

Outro elemento não desprezível no crescimento de importância do tema da educação e da instrução no rol das reivindicações operárias e de seus programas doutrinários, liga-se ao fato da crescente necessidade de mão-de-obra qualificada e semiquificada. Da fase inicial proto-industrial, quando os ofícios são treinados na oficina e passados de pai para filho ou no pequeno círculo de mestres e aprendizes, o orgulho do ofício é substituído pela maior ou menor qualificação no mundo do trabalho, o que equivale a dizer: a educação e a instrução funcionarão como critérios de situação de classe ou de distinção no interior da classe. Neste trabalho, os caixeiros são exemplo evidente; deles trato mais adiante.

Da aprendizagem do ofício, legada desde as sociedades beneficentes e de ajuda mútua surgidas no Ceará em meados de 1870 em que contava mais aprender na oficina do que na escola, vai-se pouco a pouco ampliando o sentido e a necessidade de acesso á

"possuía uma grande biblioteca, que pôs a minha inteira disposição. Foi ali que tomei conhecimento com a literatura penetrando no mundo maravilhoso de autores como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Aluisio Azevedo, Coelho Neto, Gomes Leal, Júlio Dinis, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Victor Hugo, Maximo Gorki e uma infinidade de outros autores". (AZEVEDO, Otacílio. **Fortaleza descalça**. Op. cit., p. 52)

⁴⁸⁵ DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 119. Do mesmo autor, ver também **Boemia literária e revolução. O Submundo das letras no Antigo Regime**. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Cia. das Letras, 1987; **Edição e sedição. O Universo da literatura clandestina no século XVIII**. Trad. Myrian Campello. São Paulo: Cia. das Letras, 1992; e **O Iluminismo como negócio. História da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800**. Trad. Laura Teixeira Motta e Márcia Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

educação formal como requisito imprescindível para situar-se no mundo do trabalho. Dito de outro modo, a oficina como escola perde (ou retém de forma residual) sua função qualificadora, embora permaneçam elementos de sua função socializadora (ponto de encontro, local de reunião, lugar de expressão de opinião).

Nas últimas décadas do século XIX, articuladas às experiências de edição dos primeiros jornais, fruto da atividade gremial ou impulsionando o associativismo sob diferentes formas, a necessidade de educação e de instrução assume magnitude em seus projetos político-pedagógicos. Na unidade seguinte, dentre as múltiplas estratégias formuladas para o campo da instrução e da educação operárias, destaco um dos projetos, o dos caixeiros, para que se observe a especificidade de seus enunciados afirmada no lema *Educação e Trabalho*.

2 – Educação e trabalho: o lema dos caixeiros

O depoimento apresentado em seguida é um dos vários que se pode recolher na literatura autobiográfica. São as reminiscências de Rodolpho Theophilo trazendo uma rica descrição da vida do caixeiro e de suas condições de trabalho extenuantes, sem pagamento certo, morando num quartinho nos fundos da casa do patrão. Com razão o Barão de Cotegipe afirmava que o caixeiro era um criado de servir. Para o que interessa nesta unidade, veja-se em suas memórias o peso atribuído ao estudo como caminho de "libertação" da sujeição imposta pelo trabalho mal remunerado e, a seu ver, sem perspectivas:

"Compreendi que só o livro podia me libertar. Devia estudar, mas como? Os dias eram do patrão, só dispunha eu das noites. (...)

Continuei na minha labuta do comércio, cada vez mais convencido de que só o livro me libertaria. A casa comercial em que estava era uma exceção quanto ao tratamento que dava aos auxiliares. Não os pagava com generosidade mas também não fazia como outras, as portuguesas, que tratavam os caixeiros a

*pontapés, faziam deles carreteiros de mercadorias e muitos mal os pagavam. (...).*⁴⁸⁶

Na educação, pelos livros, na instrução, julgava o caixeiro Rodolpho Theophilo estaria sua libertação. Esse esforço individual pode muito bem ser tomado como o esforço de *"uma camada da classe operária, quando abraçou a dura luta para conseguir emancipar-se da ignorância e da dependência"*, quando se torna crescente a autoconsciência e o domínio da palavra impressa, mesmo com as dificuldades de acesso à educação formal, no dizer de Martyn Lyons. Para o trabalho do historiador da memória operária, esses depoimentos autobiográficos, realizados, em sua maioria, por indivíduos articulados e autodidatas, são de muita valia. Lyons, trabalhando com este tipo de fonte, recolheu interessantes fragmentos da memória, com destaque para o modo como os trabalhadores *"descrevem sua determinação para superar a pobreza e as dificuldades materiais, de modo a compreender o seu mundo"*.⁴⁸⁷

O depoimento de Rodolpho Theophilo inscreve-se nesse tipo de formulação. Através dele, observa-se o grau de sacrifícios feitos para "arranjar" um tempo para o estudo. Achincalhado pelo patrão, que não quer empregado doutor, estuda e faz os exercícios da escola noturna no quatinho dos fundos enquanto dura a luz da vela de vintém. Rememorando um tempo, o de sua labuta como caixeiro, indica a situação de grande parte dos empregados do comércio em Fortaleza em fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Sua esperança na redenção pela instrução é a aspiração de boa parte dos caixeiros.

Eis porque a Beneficente Caixeiral, o Reform Clube, a Phenix Caixeiral – sociedades de caixeiros em Fortaleza (e de outras cidades do interior) – vislumbram no

⁴⁸⁶ THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro...* Op. cit., 1927, pp. 24-26.

lema da educação e trabalho o caminho de sua constituição como sociedade de representação dos interesses dos caixeiros. Tal formulação impregnou a história e a memória dos caixeiros no Ceará, atravessando tempos. Um jornalista, em artigo sugestivamente intitulado *As lições do Centenário*, comemorativo dos cem anos da Phenix Caixeiral, destaca o tema da educação:

"(...) Como objetivos principais [da entidade] figuravam a defesa dos legítimos interesses de seus associados, perante as autoridades e os patrões; pugnar pelo alevantamento moral e material da classe e dar-lhe instrução, para que, por esse meio, conseguisse melhor padrão de vida e trabalho.

Eis um dos aspectos que merece realce. (...) Não se limitava a lutar por melhores salários e obtenção de certas prerrogativas. Havia a consciência de que só com o estudo seriam asseguradas superiores condições de existência".⁴⁸⁸

O apego quase fervoroso à causa da educação e instrução entre os caixeiros, nos primórdios da formação desse contingente de trabalhadores no comércio deriva, na raiz, da necessidade de marcar a ultrapassagem em relação a sua situação no mundo do trabalho, conforme percebida nas últimas décadas do século XIX. Do legado de uma sociedade escravista, não raro os primeiros caixeiros sentem-se vítimas de exploração ainda mais aguda que aquela experimentada pelo escravo. Outra vez recorro a Rodolpho Theophilo, que viveu as agruras da profissão de caixeiro:

"Quantas vezes depois de ferrar no sono era despertado por alguém que me batia a porta aos murros; era o patrão político que voltando do palácio do governo, acordava-me para selar a sua burra preta, que o conduziria a um dos subúrbios de Fortaleza, onde veraneava com a família. Estremunhado, metia os pés da rede e saía ao quintal a selar a alimária.

⁴⁸⁷ LYONS, Martyn. *Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários*. In CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental 2*. São Paulo: Ática, 1999, p. 190.

⁴⁸⁸ ARARIPE, J. C. Alencar. *No País das utopias*. Op. cit., p. 42. O tom do artigo é de testemunho do prestígio, distinção e "conceito invejável" da Phenix Caixeiral junto "às autoridades e à sociedade como um todo". Para ilustrar tal afirmação relata a passagem em Fortaleza (1906) do então presidente da República, Afonso Pena, em visita à sede da entidade. De tal visita, pela impressão favorável, resultou o envio de mensagem ao Congresso recomendando apoio institucional à escola da Phenix e outras do mesmo feitio espalhadas nos estados.

O animal, como para contrariar-me, logo que entrava no meu quarto em procura da rua havia de exercer uma de suas funções fisiológicas. Quando o excremento era sólido ainda bem, mas quando líquido, era um desastre.

Saído o patrão lá ia eu lavar o quarto e suportara fedentina da urina da burra. Podia estar livre desses incômodos se fosse chamado para esse serviço, como era de direito o moleque João, escravo, que dormia em um portão vizinho ao meu quarto; mas este àquela hora estaria na farra nos subúrbios da cidade.

O cativo, estando, podia sair e resfriar-se, ter uma pneumonia e morrer.

*Era um prejuízo de dois a três contos de réis, tanto valia um homem nos cafezais do sul. Eu morrendo, os patrões nada perdiam, viria outro criado substituir-me. Que importava a eles que minha família, composta só de mulheres, perdesse o seu único amparo!*⁴⁸⁹

O jornal **O Cearense**, noticiando a inauguração da Phenix Caixeiral em 1891, destaca com precisão o que constitui o enunciado central da nova entidade, reproduzido com nuances pelos vários oradores da solenidade – *"aplaudindo a resolução da digna classe caixeiral que quer pelo trabalho conquistar independência e pela instrução garantir a liberdade"*. Já na inauguração é anunciada a abertura da Escola da Phenix, com matrícula prevista de mais de duzentos alunos. Para **O Cearense**, com a abertura das aulas, o comércio deveria fechar as portas depois da seis da tarde, *"indo os caixeiros com o corpo fortalecido pelo trabalho, preparar o espírito para os fecundos combates da inteligência"*.⁴⁹⁰

Com variações na forma um discurso similar é veiculado na imprensa de Fortaleza, três décadas depois:

"Renegada a um canto, calcada pela bota do patrão, a sociedade caixeiral não se fazia representar em parte alguma. Foi preciso o idealismo sem peias das inteligências moças e sadias para fazê-la o que é hoje: robusta, empreendedora e conceituada.

Tendo causa e origem tão esplendente fácil lhe foi vencer os obstáculos e galgar as barricadas. Ergueu uma Escola a 1 de agosto de 1891 e proporcionou ao caixeiro as luzes benéficas do saber. Estabelecimento modelar, uma das maiores glórias da sociedade, a Escola de Comércio encontra-se hoje suficientemente aparelhada, pronta a preencher a lacuna imensa de absoluta ignorância em que

⁴⁸⁹ THEOPHILO, Rodolpho. **O Caixeiro...** Op. cit., pp. 27-28.

⁴⁹⁰ **O Cearense**, 04/08/1891. Fortaleza.

*se debatia o caixeiro, apta a fornecer-lhe todo gênero de conhecimentos imprescindíveis e necessários (...)*⁴⁹¹

Convém aqui estabelecer a diferenciação entre os discursos que operam a valorização do trabalho. Enquanto no discurso dominante o trabalho é a via de legitimação do indivíduo, no discurso dos caixeiros, a glorificação do trabalho é feita como busca de legitimação do grupo.⁴⁹²

A bandeira hasteada na sessão inaugural da Sociedade Phenix Caixeiral, em 24 de junho de 1891, trazendo o seu lema, demarca, desde logo, o campo de atuação junto aos caixeiros cearenses: *Trabalho e Educação*. Tal é a tarefa a ser desempenhada pelo jornal e sua escola. Assim está expresso no depoimento do primeiro presidente da Sociedade:

"(...) A Educação, único caminho da civilização, é o aperfeiçoamento moral e inato da confraternização social, é finalmente o conceito regenerador da vida do homem. Sem a educação o homem não passa de um ser abjeto na sociedade.

*O Trabalho é o futuro, e por conseguinte o dever de todas as classes. (...) Como a Phenix (o pássaro fabuloso divinizado pelos egípcios) renasceu no Ceará a Phenix Caixeiral para resgatar das cinzas da ignorância e do atrofiamiento o caixeiro cearense, afim de torná-lo capaz de compreender o porque das coisas, proporcionando-lhes a luz da sabedoria e a dedicação pelo labor. (...)*⁴⁹³

Em uma carta a Heráclito Domingues, um dos dirigentes da Sociedade e redator do jornal, Jovino Guedes faz uma apreciação da situação vivida pelos caixeiros no Ceará, do grau de exploração a que estão submetidos, em que os patrões, em sua maioria, sequer atribuem-lhes o status de trabalhadores assalariados, tratando-os na prática como "criados". Da apreciação, Jovino Guedes reafirma a conclusão que torna-se o lastro da atividade associativa, como sendo a falta de instrução a condição que perpetua esse estado de exploração. Dá-se, portanto, um deslocamento da luta pelas

⁴⁹¹ **O Ceará**, ano IV, 05/08/1928. Fortaleza.

⁴⁹² A esse respeito, ver BATALHA, Cláudio H. *A Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?* In **Revista Brasileira de História**, v. 12, nº 23-24, pp. 111-124. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.

reivindicações centrais no período, remetendo para a tarefa de instrução, a solução dos problemas que afligem o contingente das duas centenas de sócios da Phenix Caixeiral. Veja-se o tom da crítica formulada por J. Guedes, evidenciando o lugar da instrução como prática regeneradora. Era preciso tirar os caixeiros dos botequins, onde "entornavam cerveja sem fazer espuma" e levá-los à escola, lugar civilizatório:

"(...) O comércio do Ceará, em grande maioria, é a classe mais indiferente e que menos valor dá a Instrução.

Composto em quase sua totalidade, de homens supinamente incultos, entregues de corpo e alma ao trabalho puramente material e obcecados pela preocupação de enriquecer; livro para eles é coisa que não existe.

Com raríssimas exceções, os mais velhos e mais fortuneiros reputam brilhante figura (...) e perguntam a cada instante: como está o câmbio?, coisa que muitas vezes se põem a discutir com parvoíces lastimáveis; enquanto os mais moços acreditam chegar ao maior desenvolvimento de civilização e cultura frequentando os botequins dos clubes (...).

Nesta escola, até muito pouco tempo, eram educados os caixeiros. Quanto mais estúpidos e selvagens, mais queridos do patrão. E a única resultante de tudo isto eram a obscuridade e a humilhação que subiam de ponto a reduzi-los à condição de criados de servir e privá-los de seus direitos civis e políticos, que à luz do atual regime americano, importa a supressão dos direitos do homem.

(...) A Phenix Caixeiral porém, há dois anos (...) vai realizando cada dia uma conquista. Sem faltarem a suas obrigações, nem exorbitarem da condição em que os coloca a sua modesta mas nobre profissão, vocês da Phenix já conseguiram elevar os caixeiros a uma esfera muito superior a de ontem, e abrir-lhes largo e auspicioso caminho para a exata compreensão de seus deveres, e muito principalmente, de seus direitos."⁴⁹⁴

Se uma das idéias subjacentes ao discurso de Jovino Guedes é o elogio à atividade associativa da Phenix Caixeiral em prol da "elevação da conduta moral" dos caixeiros, o artigo de Abel Henriques, ao dirigir seu elogio ao jornal da referida entidade, destaca a qualidade instrutiva da folha, diferenciando-a da "imprensa que perverte" e do "veneno corrosivo dos maus livros":

Regozijo-me, porque não conheço maior mal à humanidade do que um jornal que, longe de instruir, perverte, insuflando intrigas, instigando ódios

⁴⁹³ Phenix Caixeiral, ano II, nº 8, 24/12/1893. Fortaleza.

⁴⁹⁴ Phenix Caixeiral, ano II, nº 1, 24/06/1893. Fortaleza.

*semelhantes aos maus livros que insinuam a virtude a prática de torpes e ridículas ações propinando sutilmente, doses de veneno corrosivo e maléfico. A arte tipográfica, diz Frederico Lublegel Schlegel, na história da literatura, sendo em si uma das mais úteis e gloriosas, substituiu-se na rápida e universal publicação de livros e folhetos envenenadores. Ocasinou ela um perigoso influxo de composições mulas e superficiais, hostis tanto a retidão do juízo como a pureza de gostos, produzindo um mar de balofos conceitos e ruidosa parvoíce, sobre cujas ondas oscila o espírito do século, não sem grande risco de perder inteiramente de vista a bússola da meditação e a estrela polar da verdade. (...)*⁴⁹⁵

Desde sua fundação, em 1891, a Sociedade Phenix Caixeiral desenvolve uma estratégia de atuação cujo objetivo era firmar-se como associação reconhecida na cidade e não apenas dirigida aos interesses específicos da categoria. É comum, nos escritos dos memorialistas, o testemunho sobre a Phenix como das mais pujantes presenças na vida sócio-cultural de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. Entre tantos testemunhos, destaco o de Edigar de Alencar pela descrição detalhada das atividades fenixtas:

*"É justo e oportuno acentuar a contribuição valiosa da Sociedade Phenix Caixeiral (...) publicando ora poliantéias, ora jornais comemorativos até à fundação da Revista Phenix, de relevo na vida literária de Fortaleza. A benemérita associação dos empregados no comércio foi por muito tempo grande incentivadora do movimento literário e artístico da capital, não somente abrindo seus belos salões a conferências, concertos e outras manifestações culturais, como criando e mantendo uma orquestra e uma banda de música. Sua biblioteca, franqueada aos sócios, para retiradas fora da sede inclusive, era das melhores do Estado, talvez a segunda da cidade. E da sua escola de comércio, além dos profissionais que diplomava todos os anos, surgiam grêmios e jornais literários permanentemente."*⁴⁹⁶

Estes discursos, repetindo à exaustão o tema do trabalho como caminho para a independência e da instrução como via da liberdade, estão, a seu modo, repercutindo os

⁴⁹⁵ Phenix Caixeiral, ano II, nº 1, 24/06/1893. Fortaleza.

⁴⁹⁶ ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem...** Op. cit., p. 126. Além dos equipamentos constantes na descrição de Carvalho, a Phenix Caixeiral, em suas imponentes sedes inauguradas em 1905 e 1915, mantinham para os sócios a Escola de Comércio, o Cine-Teatro Phenix, a Biblioteca Social, o Pátio de Diversões, o Campo de Cultura Física, assistência médica e odontológica, assistência judiciária, o Dispensário Profilático, o Banco de Crédito Caixeiral, além de abrigar outras entidades e serviços, inclusive o telégrafo de Fortaleza. Cf. AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). **Fortaleza de ontem e de hoje**. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991, p. 167.

enunciados que a imprensa dos caixeiros veicula. Em 1909, o jornal **A Centelha**, traz um artigo sobre A Instrução e o Comércio, em que realiza verdadeira profissão de fé na qualidade redentora da instrução:

"(...) Entoado o hino entusiástico da liberdade individual, falta, agora, o da emancipação luminosa da inteligência.

O Livro é uma escada radiosa de ascensão triunfal; precisamos repousar sobre as suas páginas, para, como no sonho do Jacó bíblico, contemplarmos a procissão querúbica dos arcanjos da glória.

A instrução é a luz, o facho aclarante que há de acender a aurora esplêndida da regeneração social de todos os povos civilizados.

(...) A história moderna mostra o brilho da inteligência vencendo os lampejos metálicos da lâmina rude e fria dos punhais e das lanças.

O Livro e a Pena serão, pois, duas invencíveis armas do encarniado conflito das civilizações."⁴⁹⁷

O primeiro número d'**A Centelha** circula na data da comemoração dos dezoito anos de existência da Sociedade Phenix Caixeiral, quando os redatores, seus sócios, fazem o elogio *"da história dessa agremiação poderosa, essencialmente beneficente e instrutiva, que honra sobremodo a pátria dos Rocha Lima e o berço da Liberdade"*. Os artigos, em sua maioria, tratam da exaltação do papel da imprensa e da urgente tarefa de instrução e educação entre os caixeiros de Fortaleza. Sob os títulos *Apelo, O Meu aplauso, Pela Escola, Instruí, Colégio Colombo, A Instrução e o Comércio* a educação é tema central e o jornal é apontado como impulsionador dessa exigência. A Questão Social é tratada com maior destaque e certa veemência, se comparado ao **Phenix Caixeiral**, embora adote um tom de cautela e comedimento no uso das ditas palavras de combate. Os poemas não diferem, no conteúdo, daqueles que os periódicos literários publicam. Aqui e ali os versos falam da Pátria como mãe sublime, da República e de seu lema como no *Luta e Glória* de Arnaldo Damasceno Weyne:

"(...)Desde os pampas do sul aos vales amazônicos

⁴⁹⁷ **A Centelha**, ano I, nº 3, 11/09/1909. Fortaleza.

E, como uma lição gloriosamente pública

*Ante às cultas nações, num rasgo de civismo,
Sobre o roto bastão do crime e fanatismo
Solidifica em bronze o lema da República.*⁴⁹⁸

A Centelha, em 1909, apresenta-se como uma tenda do trabalho e da instrução.

No programa do jornal, a defesa e representação do caixeiro, que deve buscar o balcão da inteligência, o metro do saber:

*"É esse o ponto essencial de nosso modesto programa: defender os que se querem iluminar, os infatigáveis heróis do trabalho diurno, que à noite vão lidar com os livros. (...)"*⁴⁹⁹

(...) Instruir é impor ao cérebro o mais austero dos códigos – o código da razão; é ensinar que acima de todos os dogmas, de todos os princípios, existe o dogma soberano da Verdade.

*Substitua-se o jogo pelo livro, troque-se a banca do café pelas estantes das bibliotecas e as fantasias, as aparências das casas de jogatina pela autoridade sublime e admirável dos estabelecimentos de instrução.*⁵⁰⁰

Apresentando-se como um baluarte em defesa da causa dos fracos, dos desprotegidos, tendo por *"pedestal o trabalho, o exato cumprimento dos deveres, o estudo e a união"*, encontra eco junto aos leitores que se manifestam em suas páginas, considerando sua iniciativa justa e louvável, porquanto propõe-se a pugnar pelos direitos da classe: *"(...) É o princípio da reação evoluindo do seio da sociedade! Já cansados de tolerar, tacitamente, abusos injustificáveis, construíram seu baluarte de defesa (...)"* No caso, defender os interesses da classe para os caixeiros significa pugnar por prestígio, garantias sociais e independência, afirmando que: *"O ardor dessa luta só cessará quando pudermos levantar um estandarte (...) em cuja bandeira (...) leia-se: prestígio, garantia, independência."*⁵⁰¹

⁴⁹⁸ **A Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza.

⁴⁹⁹ **A Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza

⁵⁰⁰ **A Centelha**, ano I, nº 2, 21/08/1909. Fortaleza.

⁵⁰¹ **A Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza.

Patrício de Moraes, escrevendo n'A **Centelha**, observa que a imprensa dos caixeiros deve ser *"portadora de idéias novas e de um programa arrojado e bem combinado, destinada a defender direitos reconhecidos e incontestáveis, a combater antigos preconceitos e derrotar modernos absurdos(...)"*, na medida em que os caixeiros devem ser considerados *"como parte integrante e ativa do progresso, como agente perspicaz e laborioso do trabalho, absolutamente não pode ser colocado na baixa esfera dos seres desprotegidos"*. Climério Freire, um dos articulistas permanentes, adota o mesmo mote de luta contra os vícios e condutas antisociais para propor que A **Centelha** seja um "grito vivo de protesto" contra o círculo apertado do *"chato burguesismo"* de Fortaleza e contra o *"patronismo botocudo [que] prende o caixeiro cearense numa atmosfera asfixiante da boçalidade"*. Para ele, há uma inversão de valores de parte dos patrões e da administração pública, porquanto

*"Não se olha para os frequentadores dos cafés, para os cervejadores de botequins, nem desordeiros de esquinas. Entretanto é severamente condenado o moço que se recolhe cedo à casa para vergar-se sobre as páginas de um livro, é olhado com indiferença o que entra numa livraria a indagar sobre a última novidade literária".*⁵⁰²

A luta pelo fechamento de portas, uma das principais reivindicações da categoria continua em 1909, o que indica o descumprimento da regulamentação municipal expedida anos atrás. Veja-se que a justificativa para a compatibilização da jornada de trabalho com os demais centros urbanos se baseia na premissa do tempo para o estudo:

"É com grande pesar que registramos a obstinação de alguns comerciantes desta praça, quanto ao fechamento de portas.

Alguns desses senhores há que, sem a mínima necessidade, conservam seus estabelecimentos abertos até às oito e meia e nove horas da noite, roubando, deste modo, ao pobre empregado, as poucas horas de que dispõe para descansar de sua luta, assaz extenuante, de doze e mais horas de fatigante trabalho.

⁵⁰² A **Centelha**, ano I, nº 1, 24/06/1909. Fortaleza.

*Muitos dos nossos colegas que freqüentavam as aulas da Phenix, foram (...) obrigados a abandoná-las (...) Para evitar uma deserção quase completa dos bancos escolares, a Diretoria da Phenix, dirigiu, por intermédio de uma comissão especial, um pedido a muitos comerciantes para darem liberdade a seus empregados ao menos às sete e meia da noite, quando eles ainda poderiam alcançar as aulas; infelizmente, porém, o pedido foi indeferido pela maioria e alguns que o satisfizeram foi somente por alguns dias, voltando depois à faina costumeira.*⁵⁰³

Ainda que os caixeiros, em sua "luta sobre o tempo", tenham construído um discurso de tempo utilizável para o estudo – espécie de prolongamento da jornada de trabalho, porquanto *mais instruídos, melhores empregados*, em sua acepção – os patrões mostraram-se impermeáveis ao conteúdo de suas reivindicações. Para os proprietários das casas comerciais, prevalecia a concepção de *tempo utilizado* no ambiente de trabalho. Quando olhavam com severidade ou desdém a *impertinência* de algum caixeiro demonstrando pendor literário ou quando explicitavam *não queremos caixeiro doutor*, estavam expressando o ponto-de-vista patronal, posto que *"na sociedade capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado, é uma ofensa que a força de trabalho meramente passe o tempo"*.⁵⁰⁴

Em 1911, José Augusto Lopes Filho e outros caixeiros estudantes da Escola de Comércio Phenix Caixeiral fundam a **Revista Phenix**, com redação na Praça Marquês de Herval, publicação mensal mantida pela Sociedade Phenix Caixeiral, anunciando o propósito de fazer da revista um espaço onde os fenixtas pudessem manifestar o grau de instrução adquirido nos curtos intervalos de lazer "de que a vida do comércio é tão avara", que servisse de incentivo "aos retardatários e retraídos", e que infundisse, finalmente, gosto pelas letras, tornando-se o "sublime recreio nas breves tréguas desta vida prosaica e egoísta". Em seu primeiro número, sob o título *Surgindo*, em longo

⁵⁰³ **A Centelha**, ano I, nº 2, 21/08/1909. Fortaleza.

⁵⁰⁴ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In **Costumes em comum...** Op. cit., p. 298.

artigo onde expõe as grandes mudanças que se operam no mundo, nos campos do conhecimento, da técnica, a **Revista Phenix** assim se expressa:

"Este século tem a sua razão lógica e positiva de ser cognominado o século faustoso da luz, como foram os de Péricles e Alexandre, os das grandes concepções artísticas, poéticas e filosóficas. (...)

Algo de grandioso, extraordinário e sublime está se operando no seio das coisas, fazendo estremecer as fibras do vasto organismo universal. (...)

Isto tudo é a prova clara, legítima e insofismável do adiantamento de um povo que destemido, marcha à vanguarda do progresso.

E toda esta metamorfose, e todo este estremecimento que tem feito ranger os alicerces do velho edifício mundial, tem se feito também sentir, em fluidos sensibilizadores, nos brancos areais das plagas cearenses. (...)"⁵⁰⁵

Anunciam menos um programa editorial e mais um propósito, encimado pelo pensamento de J. J. Rousseau: *"...quand mes idées seraient mauvaises, si j'en n'aurais naïtre de bonnes a d'autres, je n'aurais pas tout à fait perdu mon temps"*.

A publicação da **Revista Phenix** decorre da iniciativa dos jovens estudantes da escola de comércio e, em certa medida, se insere no quadro mais geral dos "movimentos" literários (agregações) surgidos em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. Basta cruzar os nomes dos participantes dessas agregações para se encontrar senão uma linha de descendência, ao menos um certo *continuum*. É o caso do surgimento da agregação literária *Centro Caliope*, publicando os escritos de Gustavo Barroso, Mário Linhares, Gustavo Frota, Genuíno de Castro, Liberato Nogueira, Junqueira Guarany, Moreira de Azevedo, entre tantos. É o caso também do surgimento do *Inferno Literário*, com sua revista **Fornalha**, congregando Estevam Mosca, Martinz de Aguiar, Carvalho Júnior, Gustavo Frota, Genuíno de Castro e outros mais. É o caso

⁵⁰⁵ **Revista Phenix**, ano I, nº 1, fev./1912, p. 1. Fortaleza. A revista é fundada por J. A. Lopes Filho e tem como primeiro diretor João Alencar Araripe. São seus redatores Carlos Pinho, Daniel Augusto Lopes, Dario Pessoa, Estevam Mosca, F. Menezes Mattos, Genuíno de Castro, Gustavo Frota, Manoel Alves, Raymundo da Paula Vianna e Wulmar Borges, e como colaboradores Josias Goyanna, Miguel Cunha, S. Moreira de Azevedo, Ramos Netto, C. Pimenta, Bastos Portella, Antônio Furtado, Telles de Sousa, Epifânio Leite, Álvaro Maia, Gil Amora, Dolor Barreira, Carlos Servero, Maria Sampaio, Alba Valdez entre outros.

ainda da associação de Mário Linhares, Genuíno de Castro, Gustavo Frota, Luís Gondim, H. Araripe, Octávio Memória, entre outros, em torno da *Cruzada dos Novos*. E não apenas em Fortaleza surgem estas agremiações. Em 1912, por ocasião do terceiro aniversário do Ginásio de Guarimiranga, inaugura-se o *Recreio Literário*, de cuja diretoria participam: Daniel Augusto Lopes, Aarão Sidou, Paurilo Barroso, Romeu Martins da Silva, Clóvis Brazil, Joaquim Montenegro e Mário Passos.

Não bastassem essas evidências (os nomes que aparecem na formação dessas sociedades), o estudo recolheu registros de sociedades literárias diretamente ligadas aos caixeiros do Ceará e às suas entidades de representação. Em setembro de 1918, Jáder de Carvalho, José Waldizar de Castro Jucá, Pedro de Alcântara Mallmann, Jorge Coelho Garcia, Francisco das Chagas Bayma, Boanerges Taumaturgo, Elias Mallman, Edigar de Alencar, entre outros estudantes da Escola de Comércio da Phenix Caixeiral, fundam o *Grêmio Literário Paula Ney*, com a definição do quadro social e de suas respectivas cátedras, e mantendo seu jornal, **O Regional** (1919), e o Grêmio de Estudantes Fenixtas, á frente Laudomiro Souza Pereira, publicando sua revista.⁵⁰⁶ Dois anos depois, em agosto de 1920, surge outra agremiação, a Arcádia Phenixta, cuja composição é exclusiva de sócios da Phenix Caixeiral e "*tem por fim desenvolver o cultivo das letras pátrias*".⁵⁰⁷

⁵⁰⁶ As cátedras do Grêmio Literário Paula Ney são: Domingos Olympio, Cabral de Alencar, Franklin Távora, Heráclito Graça, Lopes Filho, Waldemiro Cavalcante, Xavier de Castro e Arthur Montenegro (Vagas); e as cátedras com ocupantes: Bonfim Sobrinho (Boanerges Taumaturgo), José Avelino (Clodoaldo de Alencar), Fernando Weyne (Edigar de Alencar), Joaquim de Sousa (Elias Mallmann), Fausto Barreto (Fernando Costa Souza), Adolfo Caminha (Francisco das Chagas Bayma), José de Alencar (Jáder de Carvalho), Álvaro Martins (José Waldizar Jucá), Paulino Nogueira (José de Moura Freire), Oliveira Paiva (Jorge Coelho Garcia), Livio Barreto (De Oliveira Neves), Barbosa de Freitas (Pedro Mallmann).

⁵⁰⁷ *Almanach do Ceará*. Fortaleza: Typ. Moderna, 1921, pp. 213-215. De sua primeira diretoria participam: José Joaquim de Oliveira Paiva, Rosendo Ribeiro, Francisco das Chagas Bayma, João Martins de Lima, José Waldizar Jucá, Raymundo Edmundo Ribeiro e Francisco Assis do Rego Falcão.

Em seu segundo número e, supõe-se, diante da boa acolhida, a revista agradece a seu público:

"bondoso e sensato, que bem sabia não poder encontrar nem literatura nem ciência em uma desprezível revista feita por moços que vivem no trabalho e do trabalho, e às letras, consagram unicamente as horas curtas e escassas dos seus lazeres.

Mera tentativa escolar de um punhado de caixeiros que estudam trabalhando, órgão de pequena parcela de uma classe modesta, que há pouco menos de dois decênios vivia inteiramente imersa no obscurantismo do seu próprio desvalor, e que só depois da fundação da PHENIX CAIXEIRAL – a benemérita associação – conseguiu congregando seus elementos dispersos, reunindo suas energias perdidas, erguer-se do pélagos em que jazia, refazendo-se inteiramente aos mágicos e benéficos efeitos da solidariedade e da instrução (...)"⁵⁰⁸

Um ano depois, a revista comemora o "primeiro vôo", e diz que sua continuidade se deve ao fato de que *"o evangelho que ela pregava, a causa que defendia eram por demais santos, por demais nobres (...)* – era a causa do caixeiro, era o evangelho da instrução".⁵⁰⁹ No segundo ano da publicação, Paula Vianna faz o elogio da revista pelo papel cumprido junto à mocidade estudiosa da Phenix Caixeiral, porque

"incita-a deste modo a prosseguir no cultivo das letras, exercitando-se no manejo da palavra escrita. Os moços precisam hoje, mais do que nunca, preparar-se em combatentes fortes e decididos, (...) para pugnarem pelo soerguimento dos costumes e do nível intelectual deste berço de tantos heróis, outrora cognominado – Terra da Luz. (...)

(...) devemos todos trabalhar pela difusão do ensino, remédio lento, mas seguro. Um dia, quando este país sanar a chaga do analfabetismo, será poderoso e feliz. O homem de então deixará de ser uma máquina, para ser uma força inteligente que distinga o bem do mal. Seremos pois um grande povo, saberemos apropriar e distribuir as assombrosas riquezas que a natureza tão fartamente nos legou. Será o triunfo do novo sobre o velho mundo. (...)"⁵¹⁰

A criação de escolas pela Phenix Caixeiral consta de seu programa de fundação enquanto sociedade representativa dos interesses dos caixeiros. A tarefa de educação e instrução é condição de existência da sociedade caixeiral e mesmo do alargamento de

⁵⁰⁸ Revista Phenix, ano I, nº 2, mar./1912, p. 1. Fortaleza.

⁵⁰⁹ Revista Phenix, ano I, nº 12, fev./1913, p. 1. Fortaleza.

⁵¹⁰ Revista Phenix, ano II, nº 20, fev./1914, p. 24. Fortaleza.

sua base de representação. Pode-se dizer que o conjunto de reivindicações que se vai constituindo está quase sempre subordinado à tese central de conquista de instrumentos de educação e instrução para os caixeiros. A luta por diminuição da jornada de trabalho, por fixação de turnos de trabalho, pelo fim do trabalho noturno, pelo fechamento de portas aos domingos, dias santos e feriados encontra justificativa no uso do que chamam de "tempo livre" convertido no *"tempo da escola e dos livros"*. A exigência da educação, ou quando menos da instrução em sentido estrito, tem para os caixeiros relação direta com as reivindicações que se aditam às primeiras – salários, condições de trabalho.

Aprender a ler e fazer contas é o mínimo requerido em um meio onde a atividade comercial se estabelece com relativa pujança. Assim, a Phenix Caixeiral se volta quase inteiramente aos cuidados com a instalação e manutenção de suas escolas (prédio, equipamentos, professores), formação de biblioteca e isto associado à sua imprensa – jornais, revista, poliantéias, livretos e outros mais que sua ação requeira. O que é dito de modo exemplar por Nolasco de Barros, pseudônimo de José Augusto Lopes Filho, um dos fundadores da **Revista Phenix**: *"Lancemos as vistas para as nossas esperanças mais fagueiras, simbolizadas em nossa 'Escola', onde não se cogita das reivindicações pela força material e sim pela luz que deslumbra a natureza (...)"*⁵¹¹

Observe-se que este discurso disseminado pelos elementos considerados mais ilustrados entre os caixeiros, é quase generalizado. A demanda por instrução é percebida como forma de definição de lugar no mundo do trabalho. Este *Bilhete Aberto* encaminhado a Gustavo Frota, da **Revista Phenix**, pelo caixeiro que se "esconde" sob o pseudônimo de Vicente, é depoimento sugestivo da matéria em questão:

⁵¹¹ **Revista Phenix**, ano II, nº 20, fev./1914, p. 4. Fortaleza.

"Em resposta ao pedido que me fizeste para a revista Phenix, que te darei, bom amigo? (...) Mas dar-me-ás razão, meu bom Gustavo (...). Refletia seriamente nisto (como as coisas se transformam!) sentado com pachorra na '7 de Setembro', vendo passar as 'pequenas', ansioso da passagem da minha 'maior' predileta... quando veio-me à idéia o seguinte: eu sou 'burro' porque mesmo quero.

Ora, eu que fecho a loja às seis da tarde (a loja do patrão, fica entendido), que janto em dez minutos e saio apressadamente contra a vontade de minha santa mãe, e vou passear nas avenidas e vou ao teatro (nas torrinhãs), ao 'Brocoió' tomar caldo... gelado; decidir cerveja na 'Maison', assistir às fitas do cinema e vou... à tanta coisa mais. (...) Em vez destes prazeres, algumas vezes ao menos, deveria ir à 'Phenix Caixeiral'. Quando não cursasse as aulas, aproveitaria ao menos a Biblioteca cujos três mil volumes lá me esperam. Deveria ilustrar o intelecto, iluminar minhas idéias, aquecer as tendências naturais no braseiro vigoroso da instrução.

Quanto tempo perdido e quanto desperdício, nas vantagens que me oferece a 'Phenix Caixeiral'! Tornaria ciente o meu patrão que as letras não me fazem mal. Ah! É verdade! Eu sou mesmo 'burro' porque mesmo quero.

Não precisava ler jornais na loja, esconder revistas nas peças de fazenda, não precisava e não preciso disto absolutamente.

Se o dia pertence de direito ao meu patrão, a noite é muito minha, e a noite é tão comprida... Já estou te maçando. Hoje já sabes, tomei um compromisso sério...

Ah! Se todos os caixeiros fizessem como eu digo, que irei fazer d'ora em diante: incendiar este cérebro no braseiro da Instrução.⁵¹²

O depoimento chama atenção pelo conteúdo de internalização das normas de *boa conduta* e do uso do tempo (*o dia pertence, de direito, ao patrão*). Nele o discurso moralizador de negação dos "prazeres" (passeios, cinema, teatro, cafés) é espécie de *mea culpa*. O *bom uso do tempo*, antes perdido e desperdiçado, deveria ser canalizado para atender o apelo de sua Associação, o "braseiro vigoroso da instrução".

Dos cuidados com a qualidade do ensino propiciado à comunidade fenixita fala-se sempre em sua imprensa. A **Revista Phenix** manifesta-se em 1912 quanto à necessidade de proceder uma reforma do ensino, justificando a exigência como

⁵¹² **Revista Phenix**, ano II, nº 17, out./1913, p. 3. Fortaleza. Segundo dados do Almanach do Ceará, de 1912, a Biblioteca da Phenix Caixeiral tem catalogados 4.500 volumes e recebe significativa quantidade de revistas e jornais de assuntos diversos do Brasil e do exterior, com média mensal de 500 obras consultadas. Funciona à noite, sendo franqueada ao público.

princípio natural de evolução, devendo o Regulamento submeter-se às exigências do progresso. O que é feito sob a orientação dos professores João Alencar Araripe, F. Gonçalves e H. Autran.⁵¹³

Destacando a importância da Escola, a revista publica incontáveis artigos. O tom é sempre laudatório:

"Inestimáveis tem sido os benefícios que vem prestando à causa comercial a Escola da Phenix Caixeiral, elevando o caixeiro cearense, por uma acurada e sólida instrução, à altura dos elevados misteres de sua profissão.

Dispondo de uma organização vazada nos melhores métodos pedagógicos, tem sido, há muitos anos, o Tabernáculo onde se bebe a luz de ensinamentos bons e proveitosos."⁵¹⁴

Veja-se também que alguns colaboradores da **Revista Phenix** veiculam um discurso isentando completamente o poder público de sua obrigação em prover o ensino, antes localizando em supostas "*más características do povo*" a ausência de compreensão da função da escola. Tomam também a ignorância (falta de instrução) como "*causas dos males sociais*" (mendicidade e prostituição). Adotando como epígrafe o pensamento de Victor Hugo "*uma escola que se abre é um cárcere que se fecha*", o articulista da revista assim se pronuncia:

⁵¹³ **Revista Phenix**, ano II, nº 17, out./1913, p. 3. Fortaleza.

⁵¹⁴ **Revista Phenix**, ano II, nº 13, mar./1913. Fortaleza. Em 1913, a Escola da Phenix Caixeiral, conta com 136 matrículas, distribuídas nos seguintes cursos: Anexo – 36 alunos; 1º Ano – 56 alunos; 2º Ano – 28 alunos; 3º Ano – 23 alunos; 4º Ano – 10 alunos; 5º Ano – 7 alunos; Música – 15 alunos; Banda – 30 figuras. A Escola é organizada a partir do ensino integral que abrange seis anos. Um, dedica-se ao ensino primário, denominado de Curso Anexo, com o ensino de português, história do Brasil, geografia, desenho linear, e exercícios de caligrafia, leitura e ditado. Os outros cinco, correspondem à instrução profissional com o ensino de português, francês, inglês, aritmética, geografia, escrituração mercantil, direito comercial e noções de economia política. São professores no ano de 1913: Daniel Augusto Lopes, Francisco Gonçalves, Henrique Autran, Dolor Barreira, Francisco Prado, Vicente Gondim, José Peixoto, José Firmiano, Henrique Girão, Américo Lima. Em 1914, nova nomeação de professores: Raimundo Arruda, Sebastião Azevedo, Elpidio Lima e Leandro Lyra. Em 1915, são professores Francisco Gonçalves, Raimundo de Arruda, Henrique Autran, Hermenegildo Firmeza, Dolor Barreira, Andrade Furtado, Samuel Cysne, Eduardo Girão, Vicente Gondim, José Menezes, Manuel Soares, Américo Lima. A ata de fundação da Escola da Phenix Caixeiral (01/08/1891) encontra-se transcrita em CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970, pp. 300-301.

"O povo brasileiro, na sua proverbial indolência de pensar e de agir, ainda não compreendeu o que é a escola, os benefícios proporcionados por ela (...)

Torna-se necessário que o povo reaja contra esse torpor que lhe amolda de um mofo desolador, o organismo moral.

Faz-se mister que expulse com violência o vírus da preguiça e da indiferença que corrompe e destrói dia a dia a fibra do caráter.

Somos uma nação democrata e o ideal de democracia deve ser a instrução do povo em todas as suas modalidades, (...)

Devemos considerar a instrução, não um adorno à vaidade do rico, mas um recurso à necessidade do pobre.

Na ignorância tem origem a mendicância e a prostituição. São estes os dois longos e tenebrosos caminhos abertos por ela, pelos quais passarão forçosamente, todos aqueles que não aprenderem para viver. (...)⁵¹⁵

Em outras publicações dos caixeiros, encontra-se discurso similar – invectivas contra todos os males, vícios e atrofia moral, decorrentes do analfabetismo. Apresentando o século XX como viveiro das grandes conquistas e como seus ícones a civilização, o progresso, o avanço da ciência e da técnica propõem intensa mobilização e valem-se da metáfora da guerra como mote ao combate do que identificam como o mais pernicioso e destrutivo elemento da vida em sociedade – o analfabetismo:

"Dentre as inúmeras calamidades que possam concorrer para o atrofiamento moral de um país, por piores que sejam elas imaginadas, nenhuma há entretanto que ultrapasse, pelas suas funestas conseqüências, a esse mal temível e destruidor que é o analfabetismo.

Porque o analfabetismo – já de si tão detestável – leva-nos, inevitavelmente, à prática de todos os vícios e de todos os crimes, destruindo por completo a moral, corrompendo a sociedade, arruinando os costumes, e opondo-se finalmente à marcha da civilização (...)

Sem o auxílio das letras, sem as luzes benfazejas da Instrução que tanto esclarece as nossas inteligências, alargando para horizontes mais amplos nossos ideais, nada seríamos capazes de realizar.

Obscurecida pela ignorância, olhando com lamentável descaso para os mais palpitantes interesses da coletividade, permaneceríamos inativos diante dos mais sérios problemas de nossa vida política e social. Tal seria a norma de vida de um povo a quem faltasse o conforto da Instrução.

(...) agora, a luta devia recrudescer. A guerra a esse cancro social tornou-se uma necessidade imperiosa, inadiável. Precisamos extingui-lo. O nosso século

⁵¹⁵ Revista Phenix, ano III, nº 24, maio/1914, p. 6. Fortaleza.

*já não o comporta, já não o tolera mais. Estamos no século das grandes realizações científicas, em que a instrução não pode mais ser dispensada. (...)*⁵¹⁶

Se em Fortaleza sucedem-se as agremiações literárias, com a participação de muitos caixeiros divulgando suas publicações, e sua Escola de Comércio é lugar de destaque, também nas cidades médias do interior, desde que se intensificou a atividade comercial com a capital e outros estados, a atividade associativa dos caixeiros dá o tom da presença dos "ilustrados moços do comércio". Veja-se a seguir evidências dessa presença nas cidades de Iguatu, Sobral e Crato.

Na cidade do Crato, em 18 de agosto de 1918, é criada a Associação dos Empregados no Comércio⁵¹⁷ e no mês de outubro do mesmo ano instalada sua Escola Prática de Comércio, oferecendo cursos noturnos das matérias fundamentais: português, matemática, história e geografia. Nas memórias de Martins Filho, o papel da Associação é louvado em sua tarefa de "instrução da classe", mecanismo central de "conquista de um lugar ao sol" para os caixeiros das Casas Pernambucanas, como de outros estabelecimentos comerciais do Cariri cearense:

*"Quem conhece as condições de vida das pequenas cidades do interior (...) não pode subestimar o valor educativo e cultural das sociedades de classe. No Crato, (...) a associação dos caixeiros prestou (...) serviços os mais relevantes aos moços pobres e vontadosos que, pela instrução, desejavam, de fato, conquistar um lugar ao sol (...) transformou por completo os hábitos e costumes dos rapazes comerciários daquela época, infundindo-lhes o gosto pelos estudos, esclarecendo-lhes a inteligência e formando-lhes uma mentalidade profissional e social (...).*⁵¹⁸

⁵¹⁶ **O Escudo**, ano I, nº 1, 07/09/1930. Sobral.

⁵¹⁷ A Associação dos Empregados no Comércio do Crato, fundada em 1918, tem como pioneiros no movimento associativo os caixeiros Isaac Amaral Filho (primeiro presidente da Associação), Ignácio de Loyola Alencar, Vicente de Brito, Ernesto Piancó, Luis Djalma, Gonçalves Granja, José Alves de Matos, Joaquim de Oliveira Lima, Jesus Gonçalves Lima, Virgílio de Albuquerque Arraes, Antônio Raimundo Felício, José Dummar, Pedro Felício Cavalcante, entre outros. Cf. *A Associação dos Empregados no Comércio do Crato e o 5 de julho*. In **A Província**, ano II, nº 2. Crato: 1954, p. 3-5.

⁵¹⁸ MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias. Menoridade...** Op. cit., p. 188.

Rememorando o jovem caixeiro do início dos anos 1920 no Crato, há uma passagem que merece destaque com respeito ao tema da educação: aquela em que o empregado evoca o lugar de trabalho com função de escola. Ainda que refira os rígidos horários de trabalho (de sete da manhã às sete da noite), os encargos adicionais do ofício (faxina do estabelecimento, limpeza dos banheiros e prateleiras), curtos intervalos (nos dias de feira a folga de uma hora para o almoço reduzia-se à metade), inexistência de férias e qualquer garantia e direitos, o que adquire vulto no relato é a "Firma" como lugar de educação e ascensão social:

*"Quem passou, como eu, pela escala do sistema de trabalho das lojas A Pernambucana e exerceu desde as funções de caixeiro-vassoura até as culminâncias da gerência (...) cursou de fato uma escola ativa e muito objetiva, podendo (...) ingressar no mundo dos negócios, com todas as possibilidades de êxito. O regime era ditatorial. Os alemães co-gerentes não conheciam o significado de sentimentalismo. Tudo era calculado, medido e pesado, devendo as ordens e instruções superiores ser atendidas, sem tergiversações. (...) Não obstante, éramos felizes e orgulhosos em trabalhar na Firma (...) Quanto a mim pessoalmente reconheço que aquela educação profissional foi a grande chance que consegui na minha menoridade."*⁵¹⁹

Veja-se que as lembranças do trabalho alternam cenários opostos e juízos distintos. De um lado, as tarefas várias, exigindo espírito dirigente e ordeiro, o intervalo diário encurtado, as ordens obedecidas sem tergiversação, posto que os alemães da Lundgren *não conheciam sentimentalismo*. De outro lado, o orgulho e a felicidade em trabalhar na "Firma". Eis aí um exemplo onde se divisa a internalização do controle e da disciplina no mundo do trabalho e se repõe a indagação formulada ao modo de

⁵¹⁹ MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias. Menoridade...** Op. cit., p. 206. Guardadas as diferenças de período e objeto de estudo, observe-se o trabalho de Rosilene Alvim sobre a fábricas dos Lundgren. Dos vários depoimentos recolhidos em seu trabalho de campo, a autora chama atenção para a "fábrica vista como escola". Veja-se aqui: *"Ao enfatizarem a docilidade das famílias do interior que se sujeitam a tudo, os trabalhadores estão também enfatizando o fato da companhia receber e lhes dar uma profissão. A companhia do tempo dos coronéis é vista como uma escola."* (ALVIM, Rosilene. **A Sedução da cidade. Os Operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren**. Rio de Janeiro: Graphia, 1997, p. 31)

Thompson: até que ponto a internalização da disciplina era imposta e até que ponto era assumida?⁵²⁰

Se a "Firma" cumpria o papel de "uma academia prática de comércio", a aspiração de escalar degraus na hierarquia da Lundgren reclamava plena adesão de seus caixeiros e a frequência às aulas do curso noturno era, para muitos, espécie de continuação da jornada de trabalho. Para grande parte dos caixeiros, como Martins Filho, conseguir emprego nas Casas Pernambucanas constituía já um sinal de distinção social e a escola da firma deveria ser complementada pelo ensino formal *"afim de adquirir o preparo indispensável à nova posição que se vinha conquistando no espaço social"*.⁵²¹

A cidade de Iguatu, a partir de 1910, vinha experimentando algum destaque como polo comercial ou centro abastecedor do alto sertão do Ceará. Para isso ocorreram o incremento de sua relação de comércio com a capital e o escoamento da produção de algodão, produto de destaque em sua economia; articulados pela chegada da estrada de ferro, cuja estação é inaugurada em novembro daquele ano. Ainda que essa relativa expansão da economia não caminhasse de parilha com "os bens culturais", ocorrem algumas modificações urbanas. Em 1913, a cidade *"era iluminada, bem e regularmente, com boa luz a carbureto, pelo menos quatro e meia horas, em cada noite quando a lua não alumiar"*.

Quanto ao "espírito associativo" e ao "cultivo das letras" e da palavra impressa, parece ter sido esforço penoso e de poucos. Em julho de 1913, o alfaiate Sizenando Cavalcanti funda a União Artística Iguatuense, que se firmou na cidade, com sua ação

⁵²⁰ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In **Costumes em comum...** Op. cit., p. 294.

⁵²¹ MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias. Menoridade...** Op. cit., p. 231.

beneficente voltada ao campo da educação via biblioteca e Escola Proletária. No ano seguinte, o alfaiate Sizenando propõe a formação do Grêmio Literário Iguatuense, que, ao longo de um ano, traz inovações, com suas seções, discursos, recitativos e sua Escola Noturna, ali na rua do Fogo. Em 1915, Gonzaga Tavares Pinheiro se anima a aprender o ofício de tipógrafo e adquire uma pequena tipografia, em Barbalha, para fundar o primeiro jornal da cidade, **O Iguatu**. Curta vitória, o jornal, vendido de mão em mão, a duzentos réis, tem uma única edição. Se o meio se mostrava impermeável às atividades do espírito, não faltaram os "iniciadores". No mesmo período, Sizenando e Clodoaldo Barros editam alguns números de dois jornais manuscritos, **A Tesoura** e **A Coisa**. Ainda que a memória dos contemporâneos afirme Sizenando como "homem de pouca instrução", aqui ele forma junto daqueles exemplos de professor/pedagogo/-jornalista/militante que forja suas práticas na vida associativa.⁵²²

Nos anos vinte, com o comércio já "mais estabelecido", os caixeiros fundam, em 1924, o Gabinete de Leitura Gustavo Barroso e a Associação dos Auxiliares do Comércio, ocasião em que lançam o primeiro número de seu jornal **O Caixeiral**. Desse jornal, editado de 1924 a 1926, em quinze números, diz Alcântara Nogueira que, embora circulando "*num meio social pobre de mentalidades, fez época*", tendo melhor acolhida de público que o jornal **A Semana**.

Congregados em sua Associação dos Auxiliares do Comércio, os caixeiros realizam o trabalho de instrução em escola própria e divulgam em sua folha, **O Caixeiral**, os "elevados propósitos" de lutar pelo "adiantamento do meio". Assim, em

⁵²² A diretoria do Grêmio Literário Iguatuense é formada por Edgar Arruda, Joaquim José de Oliveira, Antônio Batista Chaves (orador oficial), Vital Rabelo e Clodoaldo da Silva Barros (bibliotecário). De sua escola noturna são professores Antônio Batista Chaves, José Joaquim de Oliveira Filho, Waldemar Cavalcante e Luithgarde Lima Verde. A Escola Proletária, da União Artística, é dirigida por Maria Edite Cavalcante de Carvalho. Registre-se ainda a atuação dos artistas amadores Laura Barros, Rosa Serra e Victor Quintino encenando as peças *O Divórcio* e *O Poder da vontade*, escritas por Clodoaldo Barros.

outubro de 1926, promovem o Congresso dos Caixeiros, que, no relato de Alcântara Nogueira, foi expressão *"do esforço e abnegação"* dos dirigentes da Associação, não resultando em conquistas para a categoria, que *"continuou miseravelmente mal paga pelos patrões que só pensavam em aumentar os seus lucros"*.⁵²³

O jornal **O Caixeiral**, divulgando notícias locais, artigos de política nacional e internacional, poemas de Otacilio Azevedo, pensamentos de Gustave Le Bon e Santo Agostinho, notas sociais de aniversários e viagens, anúncios, expressa o modo de atuação mais geral de sua imprensa no Ceará, tentando criar espaços de distinção social na pequena cidade de Iguatu. O jornal e a Escola são os mecanismos por onde realizam seu proselitismo *"aos moços idealistas"* que devem animar seus ideais na *"tradição do povo cearense, que não se curva diante das intempéries e vicissitudes (...) exemplo da coragem e energia máscula de uma raça"*. Assim, apelando à tradição, exortam seu público:

*"Bem sabes que todo moço que sonha com uma posição de destaque no meio social se deixa embalar nas asas de uma esperança e trabalha e crê na certeza do dia em que o destino coroará as suas aspirações. Bem sabes que, para o ideal induzir-te ao triunfo e para teres uma posição de destaque no meio social é preciso procurar os meios de vencer pela inteligência. E é geralmente no livro que a mocidade (...) encontrará a vitória, e não nas bancas de café, nos bilhares, botequins, futebol etc., etc."*⁵²⁴

Também em Sobral uma experiência escolar é levada a efeito pela Associação dos Empregados no Comércio, partindo do entendimento de que *"todo caixeiro deve procurar instruir-se. De todos os males o que mais nos tortura é sem hesitação, o do*

⁵²³ NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu (memória sócio-histórica-econômica)**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.

⁵²⁴ **O Caixeiral**, ano I, nº 8, jul./1925. Iguatu. São diretores e redatores d'**O Caixeiral**, na primeira fase, Faustino Teófilo, Péricles Araújo, Jatai Magalhães, Augusto Benevides, Clodoaldo Barros e Irineu Moreno de Melo. Em 1925, são redatores Dario Rabelo, Otávio Feijó, Ismael Lima Verde, Petrônio Sales, Expedito Colares e Vicente Teixeira. Na última fase, Eduardo Benício, Tobias Araújo

*analfabetismo. Para combater tão pernicioso moléstia*⁵²⁵, a Associação faz funcionar sua Escola Noturna em 1921, primeiramente em espaço cedido pelo Palácio Episcopal, onde funcionava anteriormente o Colégio Diocesano de Sobral, para, em seguida, instalá-la nas dependências do Grupo Escolar Doutor Ibiapina, ministrando cursos de português, escrituração mercantil e datilografia.⁵²⁶

Na década seguinte, os caixeiros, associados ao Grêmio Literário Caixeiral Domingos Olympio, editam seu jornal **O Escudo**. Em sua primeira edição, no editorial *Nosso Cartão*, destacam como razões fundantes o benefício do ambiente das letras, sendo a folha o meio adequado para exercitar seu propósito, ao mesmo tempo, gremial e literário:

"Se a alguém cause estranheza que, numa terra onde superabundam os jornais, venha mais um para a arena, onde explicaremos a necessidade e a quase obrigação do nosso aparecimento.

Como o seu nome o indica, o Grêmio Literário Caixeiral 'Domingos Olympio', é uma sociedade de caixeiros que procuram, dentro do ambiente das letras, abrir a corola da flor da inteligência, para torná-la acessível à luz do Saber e ao orvalho da Instrução.

*E como melhor cultivar essa flor do que na estufa benéfica do jornal? Porque o jornalismo, ninguém pôr certo o ignora ou desconhece, é um facho formado das luzes dos que estão nele se projetando e se refletindo sobre os que estão fora dele.*⁵²⁷

O jornal **O Escudo**, chamando a atenção dos caixeiros de Sobral para as extensas jornadas de trabalho a que se encontram submetidos, lança a palavra de ordem *"Opõe-te a trabalhar à noite!"*. O argumento dissuasório frente à intransigência patronal é a Escola Noturna. Fazendo também o discurso contra os vícios e as diversões, aponta

⁵²⁵ **O Trabalho**, ano II, nº 5, 30/10/1929. Sobral.

⁵²⁶ Dados sobre número de matrículas e sua distribuição por escolas em Sobral são encontrados em ALMEIDA, Antonio Joaquim Rodrigues de. **O Município de Sobral – Factos e Considerações**. Sobral: 1924.

⁵²⁷ **O Escudo**, ano I, nº 1, 07/09/1930. Sobral.

o estudo como perspectiva de construção do futuro. A educação da mocidade laboriosa é vista como condição de conquista da liberdade, de amor e serviço à Pátria:

"(...) Entretanto, tens ainda um dever a cumprir: ESTUDAR!

Despreza os bilhares, as diversões fúteis, as orgias e apegate aos livros com todo o fervor de tua alma vibrátil! Aprende a amar os livros. Eles são a glória do teu futuro e se os desprezas verás o absoluto insucesso do teu dia de amanhã. Atende a esta súplica! Estuda, ao menos, uma hora em cada noite!

Lembra-te de que o homem inconsciente é um pária sobre a terra; e lembra-te de que a Pátria estremecida clama por ti porque tu és a mocidade e, da mocidade ela espera a realização de seu sonho dourado de liberdade.

Dirige-te, logo amanhã às aulas da Associação dos Empregados do Comércio de Sobral e lá encontrarás bons livros e bons mestres! Vai! E não te esqueças de assistir às sessões domingueiras do Grêmio Literário Caixeiral 'Domingos Olympio', onde receberá mais uma centelha de luz o teu espírito em formação! Ergue-te! Sê decidido, Caixeiro de Sobral! A caminho do progresso!'⁵²⁸

O esforço dos caixeiros em cultivar a palavra impressa como forma de distinção social e atributo decorrente da busca de diferenciação econômica é patente nas várias iniciativas sócio-culturais apresentadas neste trabalho. Nelas a imprensa e notadamente sua revista **Phenix** e a Escola de Comércio assumem abertas características de vetores da ascensão social. Neste particular, a abordagem de Nicolau Sevcenko acerca do lugar da Imprensa (e da Literatura) no século XIX e de sua apropriação como aquisição de prestígio merece exame:

"A imprensa (...) era monopolizada por três formas culturais competindo entre si: a literatura, a ciência e o jornalismo. (...) O jornalismo era ainda uma forma de brotamento (...) na linguagem, nas crônicas, no folhetim e nas 'matérias especiais', invariavelmente de cunho literário. (...) Não há dúvida, pois, de que a literatura, graças em parte ao carisma prodigioso herdado do romantismo do século XIX, gozava de um prestígio impar nesse período, soando mesmo como um sinônimo da palavra cultura. Políticos, militares, advogados, engenheiros, jornalistas ou simples funcionários públicos, todos buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar."⁵²⁹

⁵²⁸ **O Escudo**, ano I, nº 1, 07/09/1930. Sobral.

⁵²⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 226.

O enunciado é uma das chaves de entendimento para que melhor se dimensione a propalada efervescência filosófico-cultural no Ceará novecentista. Como se viu, além dos políticos, bacharéis, professores ou "simples funcionários públicos", estiveram os caixeiros realizando seu "pendor literário". Estabeleça-se aqui uma distinção entre seu propósito e o de outros aspirantes "ao prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar"; nos caixeiros, não por acaso, a consigna *Trabalho e Educação* é expressão de valorização simultânea dos dois campos, não apenas como possibilidade de mobilidade social do indivíduo, mas de distinção social do grupo em seu meio.

Para que o heterogêneo, o diverso quanto as concepções e práticas no campo da educação e da instrução, se esclareça melhor, na unidade seguinte comparecem as múltiplas estratégias que informaram, restringindo ou ampliando, o campo da educação e da instrução, dirigidas às "classes populares", ao "proletariado" (para usar suas designações) e por estas elaboradas.

3 – Instrução e Educação: construindo múltiplas estratégias

No Ceará, conforme apresentei na Primeira Parte, a partir dos anos 1870, sob o influxo das idéias filosóficas em voga nos círculos europeus e na Corte, jovens intelectuais das camadas médias formam suas associações científicas e literárias, colaboram nos jornais e revistas e desejam alargar sua audiência em direção às camadas mais pobres da população. A Escola Popular, de 1874, destinada aos pobres e operários, é um experimento que confirma as marcas da leitura e influência positivistas no Ceará, retendo de Augusto Comte sua *"preocupação com a formação intelectual do*

operariado", na observação de Ivan Lins.⁵³⁰ Funcionando das seis e meia às dez da noite, a escola popular foi o lugar onde os jovens intelectuais, como em memoráveis torneios, agitavam questões sociais, religiosas, filosóficas, históricas e literárias, no dizer de Dolor Barreira, certamente reproduzindo as impressões de Capistrano de Abreu sobre a Escola: lugar da animação, cordialidade e estímulo, correndo *"parelhas com o desinteresse dos jovens professores"*. Para Capistrano, se pode aquilatar a influência da Escola não apenas *"sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade cearense em geral"*. Essa apreciação levou em conta a crescente audiência das conferências e sua repercussão na imprensa local. No entanto, o mesmo Capistrano trata de esclarecer que a maior influência sobre o meio foi aquela operada sobre os espíritos *"audazes e juvenis, porque congregou, reuniu e fecundou uns pelos outros"*.⁵³¹

A iniciativa da Escola Popular para pobres e operários pode ser entendida como uma das ações da Academia Francesa, norteada pela compreensão de que *"todos os problemas do tempo se resolveriam com o aperfeiçoamento intelectual"*. Como expressara Rocha Lima, em uma de suas conferências aos membros do Gabinete Cearense de Leitura: *"Compreendestes que só a ciência nos pode salvar, e pelo meio mais fácil de propagá-la, isto é, pelo livre franqueamento à avidez das multidões"*. Para

⁵³⁰ LINS, Ivan. *O Positivismo no Ceará*. In **História do positivismo no Brasil**. 2ª ed. Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967, p. 116. A Escola Popular (1874) ou Escola Noturna funcionava à rua Conde D'Eu, com aulas gratuitas ministradas por João Lopes, Rocha Lima, Benjamin Constâncio de Moura e Israel B. de Moura. Ofereceu, ainda, um curso de História Universal, ministrado por Thomaz Pompeu, seguido de conferências sobre variados temas. Para maiores informações sobre a Escola Popular, ver BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1951; NOGUEIRA, Alcântara. **O Pensamento cearense na segunda metade do século XIX (em torno do centenário da morte de R. A. da Rocha Lima)**. Pref. de Pinto Ferreira. Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia, Secção do Ceará/Sociedade Cearense de Geografia e História/Casa de Juvenal Galeno, 1978; MONTENEGRO, João Alfredo de S. **O Trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)**. Fortaleza: BNB, 1992; TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará provincial**. São Paulo: Annablume, 1997; e o Relatório de 1875, de Heráclito Graça, transcrito em MOACYR, Primitivo. **A Instrução e as províncias. Subsídios para a história da educação no Brasil, 1834-1889**, v. 1. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939, p. 352.

⁵³¹ ABREU, Capistrano de. **Ensaio e estudos**. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1921, p. 123.

Ramos Tinhorão, ao observar a Escola Popular (como a Academia Francesa), deve-se levar em conta que *"no fundo, o que os representantes das novas camadas da classe média criavam era o mito da cultura, que pretendiam erigir em condição para ascensão social, ao menos na nova estrutura que imaginavam todos – maçons, positivistas e republicanos – iria surgir da derrocada do regime monárquico"*.⁵³²

Para o que interessa nesta parte do trabalho, a experiência da Escola Popular, embora se afirmasse como escola para os proletários, não ultrapassou a definição de movimento filosófico, atendo-se ao ideário cientificista e às demandas do seu tempo, com o combate à ignorância pontificando "fórmula salvadora" e preparação do caminho para a República.

Ao fim da Academia Francesa e sua Escola Popular, em 1875, segue-se a criação do Gabinete Cearense de Leitura.⁵³³ Era a reação da "boa sociedade" à difusão do que classificava e condenava como "princípios falsos e idéias perigosas" e a preocupação em "tomar para si a gloriosa tarefa de animar e difundir a instrução, proporcional à leitura dos bons livros". Com o intuito de alargar o âmbito de sua dita influência civilizadora, o Gabinete institui um curso de conferências públicas, com aulas para o ensino de línguas e ciências e um curso noturno de instrução primária. Como se vê, as diferentes iniciativas de instrução para os pobres se anunciam desde o meado do século XIX. Seu inventário e registro foram feitos pelos estudos pioneiros, projetando, para o futuro, tantas agremiações literárias como parte do "quadro de efervescência cultural" vivido na Província.

⁵³² TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo...** Op. cit., p. 33.

⁵³³ De 1875 a 1919, vários gabinetes de leitura foram instalados no interior do Ceará. Sobre o assunto, consultar BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1951.

Nesta parte do estudo, quero demonstrar que as experiências no campo da educação e da instrução não se limitaram à ação dos jovens intelectuais ou ao projeto das elites. No Ceará, concomitante ao aparecimento da imprensa dos trabalhadores e das primeiras iniciativas no plano associativo, é identificado o debate sobre o tema da instrução e da educação, a criação de escolas, de círculos de difusão de conhecimentos e idéias, com o propósito, segundo seus postuladores e animadores, de alargar horizontes e abrir perspectivas para os operários.

O jornal **O Typographo**, em 1866, no costumeiro artigo de apresentação, alude à "nobreza" de seus fins, porquanto "defensor do progresso". Invocando o lema da "*Perserverança e Trabalho*", o jornal trata de fazer sua distinção em relação à imprensa das facções políticas e quer marcar sua diferença pelo objetivo de "educar sua classe":

"Faremos por seguir a linguagem da imprensa que educa, e nossas expressões serão o verbo nobre e convicto dos que, curvando-se aos evangelistas das grandes e sãs idéias, lhe pedem auxílio e amparo para nosso pequeno periódico que hoje aparece à luz.

Se alguma vez castigarmos os vícios, fa-lo-emos com a linguagem imparcial e severa do juiz reto, que em sua sentença busca morigerar um membro corrompido da sociedade, e não inutilizá-lo.

Esforçar-nos-emos para deixar à opinião pública o verdadeiro castigo dos réus de polícia.

*Faremos por educar nossa classe, e nossos conselhos serão os de um pai, que admoesta e ensina ao filho que se transvia da senda do dever, corrige-o quando se obstina no vício, e perdoa-lhe quando há sincero arrependimento.*⁵³⁴

É certo que o objetivo de educar pela palavra está atravessado pela definição da imprensa como lugar "sublime e sagrado" e pela crença algo religiosa em seu poder de irradiação das "luzes da civilização". Desse modo, **O Typographo** se apresenta como "o livro do pobre" e justifica sua existência como possibilidade de disseminar os conteúdos da "boa educação":

⁵³⁴ **O Typographo**, ano I, nº 1, 01/03/1866. Fortaleza.

"O santo nome da imprensa, esse astro brilhante, que prodigaliza a luz da civilização à todo o orbe terrestre, tem tido a necessária força de atração, para penetrar a atmosfera dos povos incultos, por mais carregada que seja; por outra, é uma grande bacia de ciências fluviais, que deságua todos os conhecimentos recebidos no imenso oceano do jornalismo. (...)

O jornal é o livro do pobre, ou a fonte principal donde emana a instrução grátis para aqueles que a sociedade reputa como mal educados. E seu efeito é de tão reconhecida utilidade, que nem mesmo as nações independentes estão inibidas de seu uso. (...)"⁵³⁵

O **Colossal**, em 1878, representando uma das primeiras experiências associativas dos tipógrafos no Ceará, na exposição dos seus objetivos, ressalta a confiança no progresso das ciências e das artes, tendo na instrução o caminho para o progresso material e espiritual:

"Donde surgimos, o que queremos, para onde vamos?, perguntar-nos-á o leitor curioso, ao ler-nos pela primeira vez.

Duas palavras, entretanto, bastam para satisfazê-lo: – Surgimos do nada, como toda criatura; queremos a instrução, que nos deve ilustrar e fortalecer o entendimento; vamos para o futuro, que nos há de julgar com a devida justiça.

E, em verdade, querido leitor, assim como a luz do astro-rei dissipa as trevas do universo, a instrução, quando educativa, dissipa as trevas de nossa ignorância, e o que é mais, dá-nos o batismo da verdadeira civilização.

Todo país, em que a instrução difunde-se, não pode jamais, deixar de medrar e progredir; as ciências e artes, nela e somente nela, encontram sua mais sólida base.

A instrução é tão necessária para ilustrar nosso espírito, como o alimento é indispensável para o sustentáculo do corpo. Onde não há instrução, é morta a civilização; não tem possibilidade de progresso algum, quer moral, quer material.

A chave que abre uma escola de instrução educativa, é a mesma que fecha um cárcere, onde só ressuda o crime em suas múltiplas formas.

Não pode ser sociável um povo que vegeta à sombra da ignorância e do indiferentismo.

O homem a quem falece a instrução, em olhos que não vêem. e ouvidos que não ouvem, porque estes, como aqueles, se acham cerrados pela mão férrea da ignorância.

Se um país se diz adiantado no mapa das nações cultas, é porque nele penetrou a civilização por meio da instrução e do estudo.

⁵³⁵ O **Typographo**, ano I, nº 2, 08/03/1866. Fortaleza.

Sim, e que prosperidade pode notar-se em uma nação que não trabalha para o seu engrandecimento moral e material, e que não tem coragem de afastar-se da maldita rotina? – Nenhuma, por certo.

*O Brasil, que se diz americano, que é tão propenso a macaquear o estrangeiro, procura imitar os Estados Unidos da América do Norte, esse país empreendedor, onde as ciências e as artes tem feito progresso espantoso ao influxo benéfico do estudo; esse país onde todos lêem, todos escrevem, todos contam; esse país, finalmente, que deveria servir de modelo ao vasto Império da Santa Cruz.*⁵³⁶

Se nos tipógrafos, apreciados pelos contemporâneos como *vanguardeiros da civilização e do progresso*, o tema da educação e da instrução constitui o argumento central em sua imprensa, na última década do século XIX, na primeira experiência de partido operário no Ceará, o tema é pautado com a força de argumento organizativo dos *artistas, operários e proletários*, no seu dizer. Convém destacar que a *missão educativa* e os mecanismos de instrução são pensados de modo simultâneo às tarefas de organização partidária, porquanto o partido deveria, segundo seus dirigentes, cuidar com *desvelo da parte exclusivamente literária*, adotando procedimentos com vistas a fortalecer o *ramo instrutivo e literário* da ação partidária.

Em fins de 1890, em sessão da diretoria do Partido Operário do Ceará, o secretário dá conhecimento de carta enviada pelo presidente do Partido em Baturité, Jorge Ayres de Miranda, noticiando a criação da Escola Noturna do Partido, com matrícula inicial de 36 alunos. Informando que *"o modesto núcleo de instrução foi muito bem recebido pela cidade"*, acrescenta que *"Aceitam-se na aula, mediante a esportula de quinhentos réis mensais, alunos que não sejam membros do Partido"*.⁵³⁷

Do mesmo mês é a carta de Leopoldino Barreto, também de Baturité, destacando a instalação da Escola Noturna *"para instruir aos seus confrades, aos filhos destes e aos proletários que não souberem ler"*. Manifesta o empenho na criação de uma biblioteca

⁵³⁶ O Colossal, ano I, nº 10, 10/10/1878. Fortaleza.

que "*preencha as necessidades instrutivas*", solicitando ao público de Fortaleza que em nome do "*patriotismo e amor às letras*", ofereça livros e revistas para a pequena biblioteca, considerada um "*valioso serviço prestado à causa pela qual batalha – A instrução das classes artística, operária e proletária*".⁵³⁸

No início de dezembro de 1890, em Assembléia Geral do Partido Operário em Fortaleza, então com seiscentos sócios (e naquela Assembléia, mais de cem presentes), Aderson Ferro anunciava que se a meta do programa partidário era a criação de uma Escola Noturna para os operários tornava-se imperativo instituir o Conselho de Instrução do Partido, tanto para dar providências à criação de Escolas, como "*para cuidar de tudo que dissesse respeito a parte exclusivamente literária da agremiação*". O presidente e o secretário do Conselho, Theodomiro de Castro e J. Baratta, em sete de março de 1894 comunicam a instalação das aulas noturnas do ensino secundário com matrículas abertas para as aulas de português, francês, inglês, alemão, aritmética, álgebra, geografia, geometria, história e desenho.⁵³⁹

Criado o Conselho, com a nomeação de dezessete filiados⁵⁴⁰, quatro funcionam como professores, devendo lecionar uma semana em cada mês. Ao ato de nomeação segue-se a eleição de um presidente e formulação de um estatuto especial, cuja característica é o apego à minúcia, às regras burocráticas. Ao longo de dezoito artigos são definidas formas de matrícula, regras de conduta, detalhamento dos deveres do Presidente do Conselho. Dispõe ainda sobre a criação de uma biblioteca e afirma a

⁵³⁷ **O Cearense**, 12/11/1890. Fortaleza.

⁵³⁸ **O Cearense**, 26/11/1890. Fortaleza.

⁵³⁹ **O Cearense**, 26/11/1890. Fortaleza.

⁵⁴⁰ Formam o Conselho: Theodomiro de Castro, José Bertholdo de Sá Monteiro, João de Medeiros, Manoel Rodrigues de Carvalho, Francisco de Matos Lima, Manoel de Albuquerque Lima, Antonio Maia, Júlio Barata, José Augusto Xavier, Emídio Caxilé, Galdino Bandeira, Isaías Samico, Francisco Vieira de
(continua)

necessidade de angariar donativos para a manutenção das atividades do referido Conselho.⁵⁴¹

Pouco, quase nada, se fica sabendo de programas de ensino, métodos pedagógicos, conteúdos das disciplinas, filosofia da escola. Sabe-se, no entanto, da vocação centralizadora do Partido, para quem o Conselho deve *"dirigir sob sua responsabilidade o ramo instrutivo e literário do Partido, ouvindo em tudo a opinião do chefe do mesmo"*.⁵⁴² Ainda que não restem indícios quanto a lista de alunos, suas ocupações e a relação da escola com o Partido, importa reter o destaque dado à exigência de "instrução do povo", o recorrente argumento republicano, como imperativo para a organização partidária. Em seu estatuto, que no capítulo I, *Dos Fins do Partido*, definia como condição expressa de representação partidária (cargos legislativos) o combate *"a todas as leis que de qualquer modo afetem moral e materialmente a classe proletária em geral"*, propondo em substituição, uma legislação que amplie os interesses materiais da classe e *"desenvolvam como elemento de progresso, a instrução do povo"*.⁵⁴³

Em 10 de março de 1891, nas páginas d'**O Cearense**, J. Baratta, secretário do Conselho de Instrução do Partido Operário do Ceará, ao informar o movimento das aulas noturnas, registra duzentas matrículas, com frequência diária de 80 a 109 alunos

Sousa, Moysés Freire, José Bispo Santiago, Theophilo Cordeiro de Albuquerque e Raymundo Soares Freire. Cf. **O Cearense**, 26/11/1890. Fortaleza.

⁵⁴¹ Sabe-se que os donativos constituem a principal fonte de receita para a manutenção da Escola Noturna. Para cada doação considerada significativa o Partido quase sempre retribui com o título de sócio honorário. Cf. **O Cearense**, 18/12/1890. Fortaleza.

⁵⁴² **O Cearense**, 18/12/1890. Fortaleza.

⁵⁴³ **O Combate**, ano I, nº 4, 09/04/1891. Fortaleza.

na Escola Noturna mantida pelo Partido Operário, em Fortaleza.⁵⁴⁴ Cinco anos depois, sua permanência e alargamento de oferta de cursos é anunciada:

*"de ordem do Senhor Presidente do Conselho, Theodomiro de Castro, comunico a quem interessar possa que desde 30 de março do corrente ano foram instaladas as aulas noturnas do ensino secundário. Outrossim declaro que ainda continuam abertas as matrículas para as aulas abaixo declaradas: português, francês, inglês, alemão, aritmética, álgebra, geografia, geometria, história e desenho."*⁵⁴⁵

São constantes as notícias sobre o Conselho de Instrução e o desempenho eficaz de Theodomiro Theodorico de Castro. As aulas noturnas (com duração de duas horas) são ministradas pelos membros do referido Conselho, por alguns alunos da Escola Militar, como é o caso de Silvio Martins, professor de desenho, todos em regime de voluntariado. A iniciativa é sublinhada pelos dirigentes partidários nesses termos:

*"(...) convém aqui referir que a escola noturna do Partido Operário é a única que temos compatível com a parte mais pobre da nossa população. Ali não se pergunta pelo calçado, pelo paletó, como acontece nas aulas públicas e particulares. Tudo é farrapo e tudo é pobreza. Livros, tintas e papéis, são ainda fornecidos pelos mesmos operários que trabalham para manter na ociosidade homens válidos e aptos (...)"*⁵⁴⁶

Várias são as notícias na imprensa de Fortaleza acerca das campanhas do Partido em favor de sua Escola e da Euterpe Operária. Creio que além de estar cumprindo o que julga tarefa primordial – o provimento de educação ao operariado – as quermesses e os festivais realizados constituíram ricos momentos de sociabilidade e adesão à "causa da instrução" dos jovens estudantes e literatos da Província, em particular, da Padaria Espiritual, como se pode depreender deste artigo d'**O Pão**:

"Começou ontem no salão principal do Partido Operário a quermesse (...) promovida em benefício de suas aulas. É nobre e sublime a ação do Partido Operário; enquanto o Governo trata de sobrecarregar de impostos a instrução entre nós, o Partido Operário, composto na sua totalidade de homens sem instrução, de artistas rústicos, angaria donativos (...), faz um leilão (...) e

⁵⁴⁴ **O Cearense**, 10/03/1891. Fortaleza.

⁵⁴⁵ **O Combate**, ano VI, nº 1, 01/01/1896. Fortaleza.

⁵⁴⁶ **O Combate**, ano I, nº 33, 19/05/1891. Fortaleza.

*entrega todo seu produto em favor das aulas noturnas (...). O operário, o filho do povo também precisa de instrução, portanto o Partido Operário que lança mão de todos os meios para semear a instrução no seio da indigência não pode deixar de merecer nosso apoio (...)*⁵⁴⁷

O **Combate**, difundindo o que considerava como virtudes do regime republicano, pensa a instrução como meio eficaz de operar as reformas sociais, como nesse artigo de fundo:

*"a instrução, fonte inesgotável de felicidade, que há de um dia conflagrar os povos, banindo completamente os privilégios, extinguindo as prepotências, nivelando os direitos, é a deusa onipotente que, desprendendo clarões luminosos em todos os sentidos, opera lentamente essa transformação social (...)"*⁵⁴⁸

Esclarecedor de sua posição acerca do papel da educação e da instrução como elementos impulsionadores das transformações sociais prometidas pela República, é um longo artigo de fundo, invocando o legado iluminista para falar de pátria, cidadão, direitos e justiça, onde se apresenta a escola como uma das "novas terapêuticas sociais", tendo, na educação, o caminho da regeneração:

*"Não iremos com a força, que essa é soberbamente detestável, mas com o direito da razão, pois que o proletariado dela não precisa, necessita para o alcance da regeneração pátria dos seus próprios esforços de inteligência, e sobretudo, de unidade. (...) Urge que, impulsionados os futuros cidadãos com entusiástico amor às leis e à sociedade, tenham não somente instrução, mas educação, e com ela, a abnegação completa para o engrandecimento de seus direitos. (...) onde com afã trabalharam Montesquieu, Rousseau, Diderot e D'Alembert, maiores males curaram em meio século, do que não foram melhorados e curados em dezessete séculos precedentes".*⁵⁴⁹

Os dirigentes do Partido Operário do Ceará, em sua busca de participação na cena política e na luta por reformas sociais possíveis de alterar a situação no mundo do trabalho, compreendem a necessidade das escolas com o objetivo de elevação dos níveis de "consciência social" e como condição de possibilidades de participação nos processos eleitorais e na postulação de cargos eletivos. Adotando esse pressuposto,

⁵⁴⁷ **O Pão**, ano I, nº 5, 24/12/1892. Fortaleza.

⁵⁴⁸ **O Combate**, ano I, nº 14, 21/04/1891. Fortaleza.

⁵⁴⁹ **O Combate**, ano I, nº 13, 19/04/1891. Fortaleza.

Aderson Ferro encaminha, em Assembléia Geral, a proposta (aprovada) de que *"não fossem admitidos nas fábricas e oficinas o aprendiz que não sabendo ler e escrever se obrigasse a freqüentar aulas noturnas"*⁵⁵⁰

No jornal **O Combate**, a representação feita sobre o operário é positiva; apoia-se na tendência de valorização do trabalho manual, estabelecendo uma possível articulação entre este e o trabalho intelectual:

"O operário não é como alguns espíritos acanhados pensam, um ente condenado aos trabalhos pesados da vida, um pária das sociedades. Pelo contrário, é ele um dos principais fatores das civilizações hodiernas.

Sem o seu braço, as grandes concepções da ciência ficariam inutilizadas, sem a sua inteligência os homens de gênio não seriam compreendidos.

Conceber é muito, executar é muito mais. O sábio concebe, o operário executa.

Sem a inteligência, e o braço do operário, a ciência não poderia ler hoje a história do passado nos grandes monumentos da antigüidade.

*Sem o operário, as ciências que ilustram o século XIX estariam em estado rudimentar.*⁵⁵¹

Aliada a essa representação positiva do operário e de sua valorização pelo trabalho como fonte de criação está a afirmação da importância atribuída ao papel da educação como instrumento de redenção no meio operário. No Estatuto do Partido, publicado em 1891 n'**O Cearense**, em suas Disposições Gerais fixa: *"Logo que permitirem os recursos do Partido, fundar-se-á uma tipografia, escolas noturnas, um liceu de artes e ofícios e uma banda de música."*⁵⁵² No capítulo que define os direitos dos sócios fixa a seguinte diretiva: *"Artigo 10º, parágrafo 3º – O Partido, quando os fundos da Caixa Geral permitirem, subvencionará uma ou mais escolas primárias e secundárias para educação dos filhos de seus associados (...)"*⁵⁵³

⁵⁵⁰ **O Cearense**, 05/08/1890. Fortaleza.

⁵⁵¹ **O Combate**, ano VI, nº 1, 01/01/1896. Fortaleza.

⁵⁵² **O Cearense**, 01/02/1891. Fortaleza.

⁵⁵³ **O Cearense**, 01/02/1891. Fortaleza.

Além da publicidade em torno da *Escola Noturna* para operários, **O Combate** divulga com destaque sua *Euterpe Operária*⁵⁵⁴, criada no primeiro domingo de setembro de 1890 e inaugurada em janeiro de 1891, "*com uma festa em que inúmeras girândolas de foguetes foram queimadas*"; festa que começou ao alvorecer, tocando à porta do prédio do Partido "*o Hino Nacional e outras peças do seu modesto porém belo repertório*".

A *Euterpe Operária* é uma banda de música "*para tocar nos alegres dias da classe*" com um razoável repertório de hinos, peças do cancionário popular e composições de seu maestro Manoel Ferreira da Silva. As peças mais populares são os dobrados de sua autoria, entre os quais se destaca o dobrado intitulado **O Combate**, dedicado a Aderson Ferro, então presidente do Partido Operário do Ceará. A *Euterpe*, além de presença constante nos festivais operários, oferece seus serviços ao público em geral. Veja-se o anúncio da *Euterpe Operária*:

*"Achando-se esta nova banda de música do Partido Operário habilitada a satisfazer qualquer convite, põe os seus serviços a disposição do público de quem espera o mais generoso acolhimento, podendo para os chamados dirigir-se ao seu diretor Antonio José dos Santos, ou ao respectivo fiscal, Francisco Possidonio Alves Ribeiro."*⁵⁵⁵

Dada a importância que atribuem ao tema da educação e instrução operárias, os editores de **O Combate** mostram-se vigilantes em relação às iniciativas de criação de escolas para operários, de inspiração patronal. Assim, tão logo tomam conhecimento da iniciativa do Dr. Lassance, engenheiro-chefe da Estrada de Ferro de Baturité, recolhendo donativos para uma caixa beneficente entre os operários visando a

⁵⁵⁴ Conforme se lê n'**O Cearense**, para os componentes da *Euterpe* foi adotado o seguinte fardamento: blusa simples de flanela azul com botões dourados, calça de brim branco e boné da mesma flanela, com pala dupla, envernizada de preto, tendo na frente uma correia branca, presa nas extremidades por dois botões amarelos. O boné é armado em forma de capacete, com ventiladores. Do fardamento ficou encarregado o confrade João Monteiro e dos bonés o afamado artista M. Vicente do Nascimento.

⁵⁵⁵ **O Combate**, ano I, nº 4, 09/04/1891. Fortaleza.

manutenção de uma Escola Noturna, dizem que *"se há um ano atrás esse ato de rara benemerência devesse merecer aplausos, agora deve ser alvo de reprovação pois que existem meios criados pelos operários para promover seu esclarecimento"*. Claro está que os dirigentes do Partido querem demarcar seu campo de ação e representação classista, e dizem ao Dr. Lassance que sua iniciativa é reprovada porque *"hoje o operário busca reivindicar os seus direitos e funda associações, escolas, jornais, é caso para estarmos com a pulga na orelha"*.⁵⁵⁶

Do mesmo período é a iniciativa da Sociedade Beneficente 20 de Abril, criando uma Escola Noturna *"para os desvalidos"*. N'O **Cearense**, encontra-se, na coluna *Publicações Solicitadas*, a ata da Sessão Ordinária da referida Sociedade Beneficente, em que o diretor da Escola Noturna, Júlio de Oliveira, informa que as aulas diárias têm matrícula de 192 alunos. Registra os atos de filantropia e benemerência de alguns cidadãos, destacando-os como promotores do progresso e oferecendo-lhes votos de gratidão. De Francisco Félix Dias, um donativo que possibilita o melhor funcionamento da aula noturna; de José da Silva Bonfim, a disposição em funcionar como lente de língua portuguesa *"sem a mínima compensação"*.⁵⁵⁷

São várias as notícias veiculadas pela Beneficente Popular 20 de Abril, dirigida por Francisco Barbosa Lima, a respeito de sua Escola Noturna, tendo como professores Tristão Gadelha, Opolíbio Mendes Tavares, Júlio de Oliveira, Heliodoro da Costa Moreira, José Lucas de Mesquita, José Ignácio e César Simeão. Realizam coleta de fundos, organizam bazares e contam com o apoio do Presidente da Província, Coronel Luiz A. Ferraz.

⁵⁵⁶ **O Combate**, ano I, n° 4, 09/04/1891. Fortaleza.

⁵⁵⁷ **O Cearense**, 24/07/1890. Fortaleza.

Esses exemplos de criação de escolas noturnas para operários, uma do Partido Operário, outra da Sociedade Beneficente, confirmam que o tema da Educação e da Instrução em fins do século XIX é combustível que alimenta discursos de variados matizes e provém dos mais distintos pontos. O que se quer demonstrar é que desde as sociedades de característica beneficente, seu pendor para as atividades de benemerência e filantropia é dirigido para o provimento do que diagnosticam como visíveis carências da instrução pública e educação formal em Fortaleza, tendo o Jornal e a Escola como instrumentos que, associados, fortalecem sua "cruzada".⁵⁵⁸

Nesse sentido, constata-se que já no século XIX o aparecimento desta imprensa no Ceará desafia seus grupos editores quanto às estatísticas do analfabetismo pela falta de instrução pública sendo, portanto, imperativo pensar outros mecanismos que, associados ao jornal, cumpram a tarefa de produção, organização e difusão do conhecimento.

O Operário, em 1892, atuando em contraposição ao Partido Operário, explicita sua diferença programática também no campo da educação, como nesse enunciado:

*"Não é com escolas puramente de efeito e nem com pomposos programas que havemos de trazer a educação à classe operária. Com esforço e boa vontade, depois de expurgarmos do seio social a matéria que a decompõe, é o meio facilimo de chegar-se ao fim desejado (...)"*⁵⁵⁹

⁵⁵⁸ Nas estatísticas relativas ao ano de 1887, Fortaleza aparece com 26.493 habitantes; destes 9.656 sabendo ler e escrever e 17.287 são analfabetos (cf. BEZERRA, Paulo (org.). *Álbum de Fortaleza*. Op. cit. – original sem numeração de página). A mensagem de 1891, do governo José Clarindo, apresenta o quadro da instrução pública no Ceará, destacando o crescimento de matrículas no ensino particular em Fortaleza, como se vê: "De dez anos a esta parte, a instrução primária, merecendo o mais acurado desvelo dos poderes públicos e pesando, progressivamente, sobre a massa contribuinte, está, entretanto, mais retraída que dantes. Enquanto a instrução primária, estipendiada pelo Estado, apresenta-nos o entristecedor aspecto, é de certo modo consolador o incremento que vão tendo as escolas do ensino particular. Somente na capital, que conta quinze escolas pública, com a matrícula de 1.050 alunos, existem onze de ensino particular, com 1.924 alunos." (*Estudo sobre o Ceará*. Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1955, p. 111).

⁵⁵⁹ **O Operário**, ano I, nº 1, 28/02/1892. Fortaleza.

Exaltando a noção de Pátria, onde os operários são seus "soldados", defende o "congraçamento das classes laboriosas", para que: *"Unidos, como elos de uma só cadeia, os operários devem trabalhar para a difusão da instrução e a divulgação da indústria que é a principal riqueza de uma nação."*⁵⁶⁰

Em um longo extrato sobre a *Educação em todas as idades*, pretende demonstrar a acepção diferenciada entre educação e instrução. Para o articulista, enquanto esta se prende ao exercício das faculdades intelectuais, aquela é mais ampla e abrange todos os meios de desenvolver e cultivar todas as potencialidades humanas:

*"De ordinário, confundimos estas duas palavras: educação, instrução; mas cada uma tem sua acepção diversa. A educação é mais ampla que a instrução, porque abrange todos os meios de desenvolver e cultivar as faculdades do homem (...) A instrução, porém, é um destes meios, destina-se a exercitar só uma espécie dessas faculdades, as intelectuais."*⁵⁶¹

O elogio ao trabalho e à educação é tema constante dos artigos de fundo d'**O Operário**, apresentando o analfabeto como sendo quase sempre um perdulário e sem virtudes e a ausência de educação acarretando o desprestígio, o vício e a perdição. Aponta o trabalho e a educação como caminhos da regeneração, como aqui:

*"O trabalho e a educação são os caminhos por onde deve se guiar o operário. Do trabalho vem a força, a musculatura que faz desaparecer a indolência e a morosidade. Da educação nasce o bem estar da família, a economia e o crédito que são a única felicidade do homem pobre. Do trabalho resulta o desenvolvimento das artes e da indústria (...) e a educação é que prepara o homem para todas as investigações (...) Assim, pois, artistas, trabalhai pela vossa educação, certos de que dela resultará o vosso futuro, da vossa família e da vossa pátria"*⁵⁶²

"O operário não é um animal irracional que apenas se deva contentar com o alimento; é preciso ter conforto para as lutas, mas o conforto emanado da educação de que até então estão arredados. Trabalhar não é o bastante; é preciso produzir, e para produzir é preciso estudar e aprender. Sem recursos

⁵⁶⁰ **O Operário**, ano I, nº 3, 13/03/1892. Fortaleza.

⁵⁶¹ **O Operário**, ano I, nº 4, 20/03/1892. Fortaleza.

⁵⁶² **O Operário**, ano I, nº 11, 15/05/1892. Fortaleza.

*para alcançar esse fim, o operário deve buscá-lo na união da família, no estudo das cousas e na compreensão do grande livro a que chamamos mundo".*⁵⁶³

Mas as formulações sobre a necessidade de instrução no meio operário não partem apenas de seus jornais. A imprensa de extração liberal, como é o caso d'O **Cearense**, na difusão das idéias republicanas, também destaca o papel da educação no projeto de "reconstrução da pátria", como nesse artigo expressando a tese dos reformadores liberais:

*"Instruir é construir, disse o imortal mestre. Deve ser, portanto, a instrução a primeira preocupação dos que nos governam atualmente como de todos os cidadãos bem intencionados. Procurar inocular no espírito do povo uma reforma radical sem que este povo compreenda os seus novos deveres, qual a sua responsabilidade, é querer uma utopia, se não uma perversidade."*⁵⁶⁴

O debate sobre a educação, iniciado no meado do século XIX, é intensificado no fim do século, como parte do ideário republicano. A discussão sobre o tema, informada pelas concepções liberais e pelo *fervor ideológico*, acentuava o *entusiasmo pela educação*, decorrendo daí a tônica na *educação como panacéia*, na *ignorância como responsável pelos males do país*, na *instrução popular como chave de solução para todos os problemas sociais*, na *instrução para homens úteis*. Era este o legado retórico que a República repercutiria nos primeiros anos, via intelectuais, imprensa e medidas governamentais. Como se pode observar, não demoraria muito para que o debate arrefecesse e o relevo dado à *necessidade de educação das massas* já não fosse o mesmo. Daí as críticas ao vazio de medidas para a universalização do ensino e a educação popular, constantes do programa e dos debates republicanos.⁵⁶⁵

⁵⁶³ **O Operário**, ano I, nº 8, 24/04/1892. Fortaleza.

⁵⁶⁴ **O Cearense**, 28/11/1889. Fortaleza.

⁵⁶⁵ Para o estudo dos debates do período, ver NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. In FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**. São Paulo: DIFEL, 1978; GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987; e VERÍSSIMO, José. **A Educação nacional**, 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

A imprensa autoproclamada oposicionista, ainda como exemplo **O Cearense**, dirige acerbas críticas ao governo Ferraz, em 1890, acerca da completa ausência de cuidados com a instrução, inclusive denunciando as punições que são aplicadas aos professores que ousam revelar-se oposicionistas. Remoções e transferências de cidades para pequenas vilas e perseguições são práticas correntes no modo oligárquico de fazer política. Na outra ponta, favorecimentos, distribuição de cargos de professor como sinecuras, nomeações indevidas, promoções injustificadas. O embaraço chegou ao ponto da nomeação, para substituto da cadeira de História, de um farmacêutico reconhecidamente incapaz (pela oposição) de ocupar tal cargo, segundo as denúncias veiculadas na imprensa do período. Na edição de 28 de outubro de 1890 aparece longo artigo, aqui reproduzido em parte, acentuando o tom crítico ao "abandono" e "descalabro" do ensino oficial:

"A Instrução Pública, o mais instante cuidado de todos os governos democráticos e livres, ainda não mereceu de nossos governantes a mínima atenção, o mais pequeno cuidado.

E se dela já se tem ocupado é para rebaixá-la, levá-la ainda mais baixo na degradação em que a deixou o regime monárquico.

A instrução primária, que (...) exigia reforma radical e pronta jaz em completo abandono, só servindo para mesquinhos arranjos eleitorais, para dar azo às promoções e remoções de professores; (...)

Quanto à instrução secundária, maior é o descabro, a degradação a que tem descido o nosso primeiro estabelecimento de instrução, o Liceu. (...)"⁵⁶⁶

A demanda por instrução pública vem sendo apresentada desde o Império e a situação crítica em que se encontrava, no Ceará, parecia quase inalterada na nascente República.⁵⁶⁷ No meado do século XIX crescem as críticas à ausência de instrução das

⁵⁶⁶ **O Cearense**, 28/10/1890. Fortaleza.

⁵⁶⁷ Sobre a organização oficial da instrução pública primária e secundária desde os anos 1840, Pimentel Filho afirma que esta "obtivera considerável êxito ao longo do século, modificando o ensino abstrato e literário por um pragmatismo positivo. (...) Pensada conforme um imaginário estratificador do social: de um lado, o ensino para as classes menos abastadas e que deveria capacitar o indivíduo para (...) as atividades mecânicas, ser temente a Deus e obediente ao Estado; de outro, uma instrução voltada para as

(continua)

camadas populares, na mesma proporção em que se avolumam os discursos identificando a escola como lugar de passagem à civilização e ao prometido progresso das luzes, e a imprensa como um de seus mais potentes vetores.

Capistrano de Abreu, em sua faina na imprensa, nos idos de 1874, refletindo sobre o que chamava "*os efeitos literários da Independência*", destaca como os de maior significação "*o derramamento da instrução e a liberdade da imprensa*". Numa série de conferências publicadas n'**O Globo**, Capistrano identifica na imprensa o veículo possível "*do derramamento da instrução e da renovação nacional*" ainda que lhe observe os vícios: "*o jornalismo não obstante seu estado embrionário, senão viciado, está destinado a ser um dos agentes da renovação nacional. É ele que desenvolve o gosto pela leitura, que manifesta a importância da educação (...)*"⁵⁶⁸

Na **Imprensa Industrial** de 1876, do Rio de Janeiro, numerosos são os artigos sobre a instrução pública, chamando a atenção para a desproporção entre o crescimento da classe operária e do número de libertos e o pequeno número de escolas:

*"No Rio de Janeiro, (...), contam-se apenas nove estabelecimentos de instrução criados e mantidos por associações filantrópicas. Em todo o município neutro, onde a classe operária é tão numerosa quanto analfabeta e a quantidade de libertos aumenta diariamente, contam-se 10 cursos noturnos, dos quais 4 foram criados durante o ano de 1872, 5 não contam mais de dois anos e um somente data de 1858."*⁵⁶⁹

Na mesma revista são vários os artigos que, discutindo a temática da instrução pública, abordam diversos ângulos: falta de escolas, baixo investimento, instalações escolares insalubres, despreparo dos professores, falta de apoio da iniciativa privada, distância das escolas (má localização), critérios políticos de ingresso no magistério,

classes mais opulentas, criadora de uma elite que conduziria os negócios públicos e privados". (PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política. A Cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX.** Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998, p. 22).

⁵⁶⁸ *A Imprensa na Obra de Capistrano de Abreu.* In **Boletim da ABI**, ano XXVI, ago., Rio de Janeiro: ABI, 1977, p. 17.

baixa qualidade do material didático, métodos de ensino inadequados às novas realidades. Estes pontos se repetem à exaustão em muitos estudos do período acerca do problema da instrução nas províncias, em particular àquela dirigida "às classes desvalidas". Na citada revista encontra-se o debate sobre a lei do ensino obrigatório, destacando a desproporção entre as despesas certas e as rendas incertas dos operários:

"Enquanto um livro não for barato, a instrução não se poderá desenvolver pelas classes menos favorecidas da fortuna. Enquanto um simples compêndio de gramática custar um dia de salário ao operário, não alcançareis deste que mande voluntariamente seu filho à escola. (...) Juntai agora aos livros o vestuário e o calçado, refleti seriamente na vida do proletário, calculai as suas rendas incertas e as suas despesas certas e depois confessai com franqueza e lealdade se a lei do ensino obrigatório não é uma utopia para não ser uma crueldade inqualificável (...)"⁵⁷⁰

Como se vê, as críticas são tema recorrente também na imprensa do Ceará, onde desde os anos finais do século XIX, com o advento da República, são formuladas de modo cada vez mais incisivo e atravessam as primeiras décadas do novo século. João Clímaco Bezerra, em estudo sobre o ensino primário cearense, apresenta diagnóstico elucidativo da situação da educação local, na nascente República, que não modificaria o quadro, uma vez que mais avultavam as disputas intra-oligárquicas e menos aparecia o interesse público:

"O regime monárquico (...) nos legou um patrimônio de parcas e mal aparelhadas escolas. Quando da proclamação da República, contava o Ceará com 313 escolas primárias, públicas e particulares, (...). Não se precisa invocar a má aparelhagem de que se revestiam esses estabelecimentos, regidos, em

⁵⁶⁹ **Imprensa Industrial...** Op. cit., volume I, 10/08/1876, p. 16.

⁵⁷⁰ **Imprensa Industrial.** Op. cit., volume I, 25/10/1876, p. 461. Sobre esta questão a revista (na mesma edição) tece comentários à proposição apresentada pelo deputado cearense José de Alencar, na Câmara, a respeito da matéria em questão: "(...) Uma voz única, houve até agora que se levantou em favor do barateamento do livro. E essa voz que no recinto da Câmara procurou atrair a atenção do governo para esse ponto capital da reforma da Instrução Pública, ficou sem eco, passou despercebida, embora fosse ela a de um dos mais ilustres e dignos representantes da Nação (...) não pertencia ao grupo dos chamados governistas (...). posto que o projeto do sr. Conselheiro José de Alencar não fosse expressamente para a instrução pública, nem tivesse por fim direto o barateamento do livro escolar, influía ele, contudo, tão eficazmente para isso, pois abrangia todas as publicações do país, que não podemos deixar não só de consigná-lo como até mesmo de estudá-lo mais de perto" (p. 463).

grande maioria, por professores leigos recrutados entre os menos ignorantes habitantes das cidades do interior. (...)

O problema da alfabetização das massas passaria, no entanto, a ocupar o primeiro lugar no programa governamental de todos os presidentes do Ceará, após o advento do regime republicano. (...)

Maior do que os interesses da coletividade, infelizmente, as lutas políticas, a ambição personalista dos chefes de partido, representaram na Primeira República, a rosa dos ventos por onde se orientariam o legislativo e o administrativo nacionais.¹⁶⁷¹

Os dados coligidos por Thomaz Pompeu de Souza Brasil, em **Ensaio estatístico da Província do Ceará**, compõem um quadro de extrema precariedade do ensino público ao longo do século XIX: pequeno número de escolas, baixa escolaridade dos professores, verbas escassas, instalações inadequadas, ausência de fiscalização, tendência ao bacharelismo, métodos retrógrados, aplicação de castigos físicos aos alunos. Até o meado do século, várias medidas administrativas não passam de letra morta e a *"educação girava na rotina do abecedário em casas desagradáveis numa estagnação que ainda se prolongaria por muitos anos"*. Djacir Menezes qualifica os relatórios e atos oficiais do período como *"literatura vulgar"*, onde se refere à instrução *"em vãos líricos e românticos"*, espécie de *"messianismo antigo, dela se espera a salvação e a ordem, o bem-estar e a felicidade cheia de prosperidade"*. Enquanto os relatórios faziam o discursolouvaminheiro à instrução, instalavam-se sertão adentro cadeiras de Latim, suscitando em 1853 a indagação crítica de Joaquim Vilela Tavares à Assembléia Provincial: *"Não é preferível saber botânica descritiva e aplicada e os princípios de contabilidade (...) necessários ao agricultor, ao negociante, que o prazer de traduzir Cícero e Horácio ou apreciar a retórica de Mirabeau e Bossuet?"* Formulação filiada ao pragmatismo, repetindo assertiva de Thomaz Pompeu: *"cada povo deve aprender principalmente aquilo de que mais precisa para aumentar os*

cômodos da vida".⁵⁷² Logo se vê que os "debates" na Assembléia Provincial são meros exercícios retóricos entre eventuais contendores com alguma preocupação com a instrução pública. Desde 1844, com a criação do Liceu do Ceará, o fato mais significativo na área de educação é a instalação, em 1884, da Escola Normal, donde se conclui o descaso com a instrução pública na Província.⁵⁷³

Joaquim Alves, no estudo sobre a situação do ensino primário do Ceará em fins do século XIX à primeira metade do século XX, parte da compreensão corrente de que o ensino popular representava um imperativo para a consolidação do regime republicano, concordando com o acento posto na força transformadora advinda da preparação intelectual dos indivíduos. Embora adote um tom complacente quanto "ao interesse do administrador" como impulsionador da criação de escolas primárias na capital e nos sertões, ao apresentar os números da instrução pública no Ceará da virada do século, desmonta seu argumento, posto que dirige sua análise para a precariedade do quadro do ensino no fato de que *"no Ceará existiu sempre um obstáculo sério: as secas, totais ou parciais, que apagavam o entusiasmo do homem e limitavam as possibilidades dos governos"*. Em Joaquim Alves, o peso da análise se concentra nas dificuldades do Estado e no "indiferentismo do homem", justificando-a como decorrentes das parcas receitas públicas e da ocorrência periódica de grandes secas.

Vê-se que a perspectiva do autor guarda relação com o postulado republicano da necessidade de escolas como mecanismos impulsionadores do progresso, constantemente reafirmada como *"arma de que dependia a superação dos entraves que*

⁵⁷¹ BEZERRA, João Clímaco. *Aspectos do ensino primário cearense*. In *Almanach do Ceará*. Fortaleza: Typ. Moderna, 1920, p. 102

⁵⁷² GIRÃO, Raimundo. *O Senador Pompeu (1877-1977)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1977, p. 12.

⁵⁷³ MENEZES, Djacir. *A Educação no Ceará. Repasse histórico-social*. In GIRÃO, Raimundo. & MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1945, pp. 140-150.

estariam impedindo a marcha do progresso na nova ordem que se instaurava", ainda que esta reafirmação estivesse condicionada pela mudança de ênfase no papel da escola (de "arma do progresso" passa a ser vista como "arma perigosa"), exigindo a *"redefinição de seu estatuto como instrumento de dominação"*.⁵⁷⁴

Sabe-se que, nas primeiras décadas do século XX, era recurso retórico de largo uso entre a opinião pública, a apologia à instrução, inclusive para as classes populares. Mas, entre os discursos que enfatizavam o papel da instrução pública, *"havia aqueles (...) partidários de que o ensino das classes populares fosse pensado com restrição, dado os perigos de uma população instruída e ociosa poderia representar"*.⁵⁷⁵

No fim do século XIX, os mapas estatísticos indicam a existência de 336 escolas no Ceará, com matrícula de 11.305 alunos e frequência de 8.821. Arguindo as despesas vultosas, a "instabilidade do orçamento", em face da "queda das rendas" e atrelando a justificativa à ocorrência das "secas calamitosas", a lei nº 587, de 07/07/1900, suprime 77 escolas primárias e, no ano seguinte, um ato legislativo de junho desativa treze escolas. O século inicia com a diminuição do número de escolas, assim distribuídas: Fortaleza (21 escolas), Cidades (75), Vilas (82), Povoações (70).⁵⁷⁶

Os caixeiros-estudantes, editores da **Revista Phenix**, voltados essencialmente ao proselitismo em favor do *alevantamento moral, social, intelectual*, também veiculam

⁵⁷⁴ CARVALHO, Marta M. C. de. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 7.

⁵⁷⁵ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política...** Op. cit., p. 71.

⁵⁷⁶ ALVES, Joaquim. *O Ensino primário na primeira metade do século XX*. In **Revista do Instituto do Ceará**, LXVIII, pp. 128-142. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1958, pp. 129-130. Segundo os mapas estatísticos coligidos pelo autor, a matrícula era de 5.340 do sexo masculino e 5.965 do feminino. Da estatística não constam as matrículas nos estabelecimentos privados da capital e do interior, cujos *"cursos só podiam ser freqüentados por crianças filhas de pais abastados"*. Em 1904, Fortaleza conta cinco deles: o Instituto Miguel Borges, o Instituto de Humanidades, Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Lourdes, Partenon Cearense e Ginásio Cearense. Dos primeiros, o estudo de Joaquim Alves destaca a qualidade de educadores de seus donos: Odorico Castelo Branco e Joaquim da Costa Nogueira, respectivamente.

seus textos críticos, enfatizando as condições de ensino precárias, em Fortaleza.⁵⁷⁷ O artigo começa por dizer que

"Não tivéssemos o Grupo Escolar Nogueira Accioly, onde sob a criteriosa direção de D. Anna Facó, a instrução primária é ministrada mais ou menos com algum proveito, quase poderíamos dizer, com a maior verdade, que na capital do Estado, não tínhamos verdadeiros estabelecimentos de educação elementar."

Em seguida, faz a denúncia acerca dos escusos mecanismos de ingresso no magistério como sendo moeda de troca do apadrinhamento político-partidário: *"(...) a falta de escrúpulos é que geralmente preside a nomeação das professoras, sempre escolhidas não pela competência e amor ao magistério, mas unicamente pelo prestígio maior ou menor dos padrinhos (...)"* Continua seu tom crítico condenando os métodos de ensino por obsoletos e anacrônicos: *"(...) a adoção de um método de ensino carranca, universalmente condenado e que só consegue atrofiar o espírito das crianças, fazem da instrução pública primária uma inutilidade revoltante, que só desperta justas censuras e precisa condenação."* As críticas insistem também no descalabro do quadro da instrução pública primária, no Ceará de 1912, no que respeita as instalações das escolas e as condições impróprias do ensino ministrado às "classes pobres" e já apontando o crescimento dos colégios particulares, pela ausência do provimento público ao ensino:

"E se é esta a situação das nossas escolas, relativamente ao ensino, quanto a instalação [estão] em inteira oposição aos mais generalizados preceitos da pedagogia moderna; é uma lástima, uma vergonha que nos deprime e deve cessar o quanto antes, sob pena de conquistarmos os foros pouco invejáveis, de estado mais atrasado do mundo."

A verba destinada ao aluguel das casas para escolas da capital é mesquinha, (...) é uma ninharia – supomos que 8 ou dez mil réis, (...) [as professoras] dão

⁵⁷⁷ A ação do poder público dirige-se em alguns casos a subsidiar iniciativas de ensino particular. O Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas congregadas de S. Vicente de Paulo, funciona em um prédio (no bairro do Outeiro) doado pelo Estado e mantém vagas para as órfãs, em regime de internato; para o ano de 1905 tem 90 órfãs internas, recebendo auxílio de 6:000\$000 do Estado para a educação de 12 órfãs. Também estes casos motivam críticas à administração pública.

suas aulas em saletas e corredores apertados, no mais das vezes infectos, enfim em compartimentos sem higiene (...)

Na rua Senador Pompeu, (...) há uma escola de arraial funcionando na apertada salinha de um velho prédio, úmido, onde a higiene não é observada e onde faltam as mais exíguas acomodações escolares.

E como essa, com evidente prejuízo para a saúde das pobres criancinhas, funcionam também escolas da capital, e de uma sabemos, cujas aulas se realizam a portas fechadas, para que não se veja a freqüência diminuta ou o pouco asseio que ali se oculta.

(...) de todas essas falhas que nos envergonham e deprimem, que um governo honesto não pode consentir (...) é que o analfabetismo tanto progride entre nós, com as escolas públicas abandonadas e sem freqüência, ao passo que os colégios particulares abarrotam e prestam assinalados serviços. (...)⁵⁷⁸

Quanto às escolas privadas e mesmo a ação individual de professores particulares sabe-se que crescem de importância desde a virada do século XIX. Como exemplos mais destacados, em Fortaleza tem-se o Partenon Cearense, o Instituto de Humanidades, o Ginásio Cearense e o Instituto Miguel Borges, com destaque para os professores Joaquim Nogueira, Agapito dos Santos e Odorico Castelo Branco. Este último, diretor do Instituto Miguel Borges (fundado em 01/06/1900), por onde passariam os futuros bacharéis, magistrados, padres e militares, mas também "o operário honrado, o caixeiro laborioso, o modesto trabalhador, o humilde funcionário público", apresenta críticas ao ensino oficial e aos métodos empregados no Liceu do Ceará e na Escola Normal. Refere-se àquele como "fábrica de professores primários precisando de urgente reforma no regulamento" e a esta como "arapuca onde sufocam alunas e professores" e como casa de educação "não vale o barro empregado na construção do prédio". Arriscando um comentário paradoxal, apresenta como "elemento de morte" para os colégios particulares a "decadência do ensino oficial" no Ceará. Seu argumento é que os estabelecimentos privados de ensino secundário recebem e tendem a reproduzir "os péssimos frutos" do ensino público primário. Para ele, o maior mérito na

⁵⁷⁸ Revista Phenix,, ano I, nº 2, mar./1912. Fortaleza.

"elevação intelectual" do meio ainda residia na ação algo missionária dos professores particulares, verdadeiras instituições no tempo:

"Fonte ilícita de receita de incompetentes favorecidos, tem sido a instrução pública um pretexto de despesas para os cofres do Estado, sem os resultados que, ao menos, compensem e justifiquem tais despesas. E enquanto as escolas do governo ficam no abandono, enchem-se os colégios particulares com os alunos que podem pagar, e jazem no embrutecimento aqueles que não têm recursos.

O professor particular tem sido a salvação do nome cearense como de povo culto. Não fosse ele, e a percentagem do analfabetismo subiria desses já consoladores 80% ao limite desolador dos 100%, compreendidos aí os professores."⁵⁷⁹

Ao que se observa, o discurso de Castelo Branco guarda relação com as formulações sobre instrução pública vindas do século XIX. Ao dirigir sua crítica ao "abandono" oficial do ensino primário, confirma aquela tese segundo a qual esse é o nível fundamental para realizar o intento de instruir e disciplinar as "populações ignorantes", como observa Pimentel Filho. O tom disciplinador de Castelo Branco pode ser ainda observado no tópico seguinte de seu discurso.⁵⁸⁰

A apreciação do professor, em 1915, é algo pessimista quanto ao panorama cultural de Fortaleza, para ele uma cidade onde *"cresce o vício e degeneram os costumes"*. Desolado, enxerga *"em cada canto da cidade, uma casa de jogo ou de bebidas onde se mete o menino fugido do colégio"*, pois *"tem crescido sempre o número dos botequins; e quem, pela manhã, à hora da missa, atravessa a cidade, mais cambistas encontrará do que beatas. Segundo o cômputo de um jornal da terra, só uma daquelas casas vendeu, pelo carnaval, mil e novecentas garrafas de cerveja (...)"*. O relato de Odorico Castelo Branco revela, no entanto, sua crença na possibilidade de *"completo saneamento"*, posto que *"nem tudo se transforma assim depressa: a velha*

⁵⁷⁹ BRANCO, Odorico Castello. *Instrução e educação*. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915, pp. 11-12.

⁵⁸⁰ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *Urbanidade e cultura política...* Op. cit., p. 91.

sociedade inda agora morreu, por algum tempo, haverá no ar exalação cadavérica".

Seu discurso se projeta para o futuro remodelador, pois que

"Fortaleza estremece, espreguiça-se, estende os membros fortes pelos brancos areais que lhe servem de leito; alonga-se em novas ruas, em novos bairros; e não contente, eleva-se ainda, transformando as velhas construções, levantando um palacete em cada canto onde fora mísero casebre (...). Remodelar, melhorar, é a aspiração geral, é a tendência que em tudo se denuncia. Nada escapa. A imprensa, a velha imprensa da quarta página, reservada ao insulto mais vilão, se de todo não morreu, raro se mostra já, e logo se recolhe, como envergonhada. (...)"⁵⁸¹

Na sua catilinária em defesa da escola como instrumento de regeneração social, caracterizada sua *"cidade como vício"*, faz longos artigos sobre o excesso de autonomia e liberdade que têm os *"meninos de hoje"* (em 1915), não piores que os de 30 anos antes, mas estes *"têm a liberdade das ruas, a bicicleta, o patim, os jardins públicos, os bilhares; o outro não tinha mais do que o quintal da casa e o moleque da família que lhe fazia graças, servia-lhe de burrinho e metia-lhe na alma quanta perversão trazia da senzala"*. Reclamando da ausência de *"educação doméstica"*, *"educação na rua"* (polícia de costumes), lança invectivas aos pais e às autoridades e faz um apelo à Assembléia Estadual para que volte as vistas ao *"descalabro do ensino oficial"* e aos *"meninos desencaminhados"* recomenda:

"(...) não seria mau dizer-se assim aos meninos sem escola que, por todo o Estado, parecem carinhosamente guardados para futuros bandidos: vinde meus amigos, vinde vós todos; trazei convosco as vossas roletinhas, os vossos baralhos, os vossos cigarros, os vossos palavrões e obsenidades, as vossas más tendências (...); trazi convosco tudo isso e expõe tudo, ali à porta da Assembléia, como mostra o mendigo suas chagas, e quando em alguém reconhecerdes um Deputado, gritai em coro: dai-nos senhor, dai-nos, por quem sois, um professor primário."⁵⁸²

⁵⁸¹ BRANCO, Odorico Castello. *Instrução e educação*. Op. cit., pp. 8 e 11.

⁵⁸² BRANCO, Odorico Castello. *Instrução e educação*. Op. cit., p. 9. Uso aqui a expressão "cidade como vício", de Carl Schorske, conforme apropriada no estudo de OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000, p. 29.

O tom do discurso de Castelo Branco parece modulado, em certas passagens, pelas prédicas moralizadoras comuns ao século XIX. Lançando suas invectivas à possível *perdição* dos meninos nas casas de jogo, no carnaval, nos botequins, no vício que está na rua, parece ecoar o *"longo coro matinal dos moralistas"* e participar do *"prelúdio ao ataque muito contundente aos costumes, esportes e feriados populares"* vindo do século XIX. Em Castelo Branco, o espaço da disciplina, do controle e da regeneração é a escola, modelando os futuros *homens úteis*, não só para a fábrica.⁵⁸³

Se nos artigos de Castelo Branco, o vício "está na rua" e a escola é o lugar da regeneração, cuja ação eficaz deveria ser coadjuvada pelo controle da família e presença vigilante e punitiva do Estado, outros pontos-de-vista vão se expressando nas páginas dos jornais, na década seguinte.

Nos anos vinte, ao lado das denúncias contra a administração pública quanto ao descaso continuado com as demandas do ensino, aparecem discursos na imprensa dita independente, de Fortaleza, apontando ao presidente do Estado, Matos Peixoto, pontos para sua plataforma de governo. O jornal *O Ceará*, dirigido por J. de Matos Ibiapina e Alpheu Aboim, em artigos assinados e editoriais, formula uma espécie de campanha: *"Instrução Pública primária só para os pobres"*. Constatando a escassez dos recursos públicos do Ceará e o aumento do contingente de analfabetos, consideram *"que o caso cearense está a exigir providência fora de todos os moldes adotados em outros meios"*. Propõe então que o governo de Matos Peixoto tenha na instrução pública para os pobres uma obra de justiça social e adote como medidas: *"restringir ao mínimo a duração dos cursos, de modo a aumentar a eficiência do atual corpo de professores e, em seguida, exigir que as matrículas sejam preenchidas por filhos de famílias reconhecidamente*

⁵⁸³ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In *Costumes em comum...* Op. cit., p. 292.

pobres". Isto se justificaria, segundo os editores, porque *"as elites e a classe média já atingiram uma mentalidade que as obrigará a custear por si próprias o ensino, nas escolas particulares ou públicas"*. Tentando sensibilizar o governo para o alcance social de um programa de educação voltado *"às classes desprotegidas"*, argumentam que se demanda muita energia para realizá-lo, pois ele, por si só, *"seria capaz de imortalizar um governo em um país em que a administração pública funciona em benefício de uma minoria insignificante"*.⁵⁸⁴

A apreciação do quadro de indigência em que se encontra a instrução pública no Ceará nos idos de 1928, realizada pelo jornal **O Ceará** em longo editorial, vai aqui reproduzida parcialmente, para que se dimensione o núcleo de sua argumentação em favor de uma política pública voltada à *"instrução para os pobres"*:

"Quem assegura a riqueza do Estado? Quem fornece ao Tesouro os elementos imprescindíveis ao funcionamento da máquina burocrática? Evidentemente não é o comerciante, não é o grande capitalista, não são as classes liberais, mas o trabalhador do campo, o operário das fábricas. Todos vivemos da labuta do plantador de algodão, do extrator da cera, do vaqueiro, do pequeno operário, enfim.

*Que fazem os poderes públicos para compensar os labores desses humildes construtores da economia do Estado? Justiça, é-lhes absolutamente negada, porque, demasiado custosa e sujeita a influência dos poderosos, dela nem se lembram de recorrer os pequenos. Higiene é palavra desconhecida entre essa pobre gente que faz a riqueza da minoria que nos dirige. Instrução é o que todos conhecemos – inacessível às classes desprotegidas.*⁵⁸⁵

O enunciado invoca os preceitos de justiça social, para dizer da ausência de medidas concretas em benefício da população pobre no campo e na cidade. No tópico seguinte, vê-se que, ao lado da constatação do quadro de indigência, o tema da instrução adquire maior relevo quando associado aos imperativos de manutenção da ordem social

⁵⁸⁴ **O Ceará**, ano IV, 14/07/1928. Fortaleza.

⁵⁸⁵ **O Ceará**, ano IV, 14/07/1928. Fortaleza.

vigente. Elevar o *nível mental* dos trabalhadores é *aumentar sua capacidade de produção*. Esta sim, a idéia-força do discurso liberal:

*O pobre não tem sapatos, não tem roupas, não tem livros, não pode frequentar as escolas, tem que crescer analfabeto, sem o ABC, sem instrução técnica, produzindo pouco. Ao menos por interesse, por egoísmo, para melhor gozarmos as vantagens da organização social vigente, deveríamos pleitear a instrução do povo. Elevado o nível mental dos trabalhadores, aumentada a sua capacidade de produção, nós os privilegiados, teríamos maior margem de gozos. Por motivos de justiça, por motivos econômicos, somos partidários entusiastas da utilização de toda a organização escolar existente em benefício daqueles à custa de cujo trabalho vivemos.*⁵⁸⁶

Diga-se ainda que no mesmo período, **O Ceará** publica uma série de reportagens sob o título geral *A Miséria em Fortaleza – A Situação em que vivem as classes desprotegidas da fortuna – Não ganham para matar a fome*, reforçando a campanha de *instrução para os pobres*. Em seguidas edições, apresentam espécie de inquérito sobre as condições de vida dos trabalhadores (condutores de bonde, empregados da Light, operários de fábrica e empregados da função pública). Reproduzo aqui uma das reportagens, para que se observe como o jornal estabelece um comparativo entre os baixos salários, orçamento familiar e a impossibilidade de provimento da educação para os filhos:

"(...) Ouvimos, ontem, um funcionário do Estado. Não foi um servente ou contínuo. A nossa palestra foi com um oficial de uma Secretaria de Estado. (...) Disse-nos o nosso informante que percebe o ordenado mensal de 365\$000, com que sustenta nada menos de 12 pessoas, inclusive 8 filhos, alguns dos quais já frequentam escolas.

Eis o orçamento diário que nos forneceu o pobre servidor do Estado: aluguel de casa 3\$333; 1 ½ kg de carne, 3\$000; 1 ½ litro de feijão, 1\$200; 1 ½ litro de arroz, \$700; 1 litro de farinha, \$400; banha, \$400; verdura, \$200; tempero, \$200; pão, 1\$000; café, \$600; açúcar, \$400; leite, 1\$000; lenha, \$600; luz elétrica, \$166; querosene, \$100; roupa lavada e engomada, 1\$000; sabão, \$100. Multiplicando-se essa despesa diária pelos 30 dias do mês, encontra-se o total de 431\$970, ou seja, um déficit de 66\$970 em cada mês. Nessa diferença não podem ser incluídas as despesas de roupa para 12 pessoas e a manutenção dos meninos na escola.

⁵⁸⁶ **O Ceará**, ano IV, 14/07/1928. Fortaleza.

*Com o orçamento acima, esse funcionário público tem só uma refeição por dia, isto mesmo enganando o bodegueiro, o magarefe, o senhorio e o galego o da prestação não aperreiam para receber o atrasado, chamando-o de velhaco. (...)*⁵⁸⁷

Os longos artigos de fundo d'**O Ceará**, abordando o tema da instrução para os pobres, devem-se em maior medida à atuação de Júlio de Mattos Ibiapina, um dos diretores do jornal, com vivência nos meios intelectuais da capital como professor, autor de livros didáticos e filólogo. Conhecidas são suas advertências ao poder público quanto à necessidade de estender "*os benefícios da instrução*" aos adultos analfabetos, principalmente no meio rural, a quem ao invés de promoverem "*o ensino ambulante do manejo de máquinas agrícolas e de noções de agronomia*" os políticos "*preferem ensinar-lhes a 'ferrar o nome', aumentando assim as inconscientes hostes eleitorais*". Nos seus artigos é largamente explorada a crítica ao modelo de ensino público, posto que criava "*uma civilização de fachada*" cuja grande distorção produzia no Ceará o que ele considerava "*as duas pragas: o excesso de doutores e o excesso de analfabetos*", como se pode depreender do excerto dessa entrevista:

"A causa de todo o mal vem da nossa irresistível inclinação para uma civilização de fachada, da insopitável tendência de adotar idéias que se não podem aplicar ao nosso ambiente. Esse pendor faz com que tenhamos de lutar contra duas pragas – a do excesso de doutores e de analfabetos. A orientação impressa aos estabelecimentos oficiais colocou-nos nesta posição quase única no mundo – uma elite de doutores que pouco produzem governando uma grande massa de analfabetos que pouco podem produzir.

Porque os doutores não adquirem conhecimentos práticos que lhes permitam exercer, lucrativamente, a sua atividade no vasto campo da economia nacional, e porque são eles que dominam a opinião pública da tribuna, da imprensa, e da cátedra, os governos se vêem constrangidos a dar-lhes empregos, criando a enfermidade da elefantíase burocrática. Ao lado desses doutores, amparados nas muletas oficiais figura a grande maioria da Nação, analfabeta, sem justiça, sem higiene, trabalhando, ignorante, perseguida, doente, para manter a

⁵⁸⁷ **O Ceará**, ano IV, 14/07/1928. Fortaleza.

*chamada civilização brasileira, onde vive acampada, na situação das massas populares dos países coloniais.*⁵⁸⁸

A imprensa dita independente e de extração liberal e alguns intelectuais ou setores não alinhados ao governo formulam constantes críticas ao sistema educacional no Ceará, ao passo que as entidades operárias, núcleos militantes e sua imprensa adotam a educação como formulação programática central. Assim, variados e complementares mecanismos, nos âmbitos educacional e cultural, são paulatinamente desenvolvidos com os esforços dirigidos ao funcionamento regular de uma imprensa dos trabalhadores, com seus jornais, revistas, panfletos, folhetos, manifestos, traduções, reproduções de obras consideradas seminais, formação de bibliotecas, vendas de livros e periódicos.

Nos anos 1920 é constante a lida dos pequenos núcleos militantes no campo da educação – organizando cursos, ministrando aulas, realizando conferências nos salões operários, espalhando livros, opúsculos e semeando doutrinas –, propagando-as com a intenção ostensiva de afirmá-las em Fortaleza e no interior.

No jornal da Associação Gráfica, Pedro Augusto Motta, discorrendo sobre a situação deficitária das finanças públicas no Ceará dos anos vinte, critica as providências adotadas pelo governo. A pretexto de corrigir distorções ou mesmo de equilibrar o quadro orçamentário, as primeiras medidas referem-se à diminuição do número de escolas, demissão de professoras. Denunciando *"um conserto que resulta em desconcerto"*, assim se pronuncia o militante gráfico:

"Para o êxito completo do conserto (como eles dizem) é preciso um corte no funcionalismo; reduzir as forças que guarnecem a cidade; demitir certo número de professoras e substituí-las por aposentadas; diminuir o número de escolas; descarregar imposto sobre o povo e um impostozinho de especial carinho, apenas de 10%, aos pobres servidores do Estado. (...)"

⁵⁸⁸ IBIAPINA, Júlio de Mattos. **O Brasil de ontem e o de hoje**. Fortaleza: Ed. UFC, 1981, p. 61. Sobre Ibiapina, ver capítulo do livro de Paulo Elpídio de Menezes (MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 1985, pp. 94-112).

*O Ceará, como todos os cearenses conhecem, é uma terra infeliz e desgraçada, quando não é perseguida pela natureza, é pelos governos desastrados que a dirigem; isso tudo, parece-me uma maldição, apesar de sermos nós também culpados, porque já devíamos ter feito um expurgo nesses elementos de infecção moral.*¹⁶⁸⁹

Veja-se que o tom de denúncia é combinado com o chamamento dos trabalhadores ao caminho da instrução – luz, redenção, salvação – mais que adjetivos, revelam a concepção do dirigente operário de tendência socialista libertária:

"Por isso, é preciso nos instruir, para com a luz da redenção podermos salvar esta infeliz terra da degradação moral.

É preciso termos mais senso, não tolerar mais tamanhos descalabros, que são mais uma nódoa para a honra dos cearenses.

*Mas, de quem é a culpa? É dos próprios servidores do estado, é dos próprios trabalhadores que não procuram na união que é força, na organização que é luz, formar o seu Sindicato e desfraldar a bandeira de combate contra as víboras do poder.*¹⁶⁹⁰

Através do jornal **Primeiro de Maio**, órgão do Centro Artístico Cearense, tem-se conhecimento de pelo menos três iniciativas voltadas à instrução e à educação do operariado: a Escola Operária Secundária, a Escola Pinto Machado e a Escola Elisa Scheid.

O Centro Artístico Cearense considera a educação via fundamental para a conquista de direitos. Resulta daí uma transferência quase exclusiva aos "benefícios da instrução" como móvel de ascensão social e de inclusão na sociedade letrada, constituindo um dos núcleos do associativismo, em sua concepção: *"É mister que o operário estude muito para poder conquistar o seu verdadeiro lugar, que lhe é, por direito, concedido na sociedade, do que ainda não se empossou, tão somente pela deficiência do estudo."*¹⁶⁹¹ De resto, o Centro Artístico Cearense, ao criar e manter

⁵⁸⁹ **Voz do Graphico**, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

⁵⁹⁰ **Voz do Graphico**, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

⁵⁹¹ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

escolas, está dando cumprimento à letra de seu Estatuto, onde se apresenta como sociedade beneficente e instrutiva:

*"Os benefícios realizados pelo Centro Artístico Cearense, (...) são incalculáveis. Não é só pelo lado material que falamos, nos referimos principalmente ao lado moral, associativo, econômico e instrutivo. É difícil calcular o número de alfabetizados, homens operários, e crianças, filhos de operários, que têm saído dos bancos das Escolas mantidas pelo Centro Artístico Cearense."*⁵⁹²

O jornal **Primeiro de Maio**, ao eleger o tema do *Operariado e a escola* como argumentação central de grande parte dos artigos, critica o grau diferenciado de adesão à "causa da instrução no meio operário":

*"se o observador for perspicaz, (...) distinguirá facilmente entre a classe dos operários estudiosos e dos céticos, uma outra classe, aliás numerosa, (...) a classe dos operários que apesar de pertencer ao século da luz (...) prefere ter o cérebro iluminado por pequenas réstias (...) que dificilmente lhes iluminam a escuríssima estrada da vida, a tê-lo claro, em harmonia com o seu século, (...). Tais são os operários que por saberem 'ler uma conta e escrever outra', por terem a certeza de que no ato do casamento não é preciso pedir à testemunha que por eles assine o livro, pensam não precisarem mais de estudar, e a quem para isso os convida, respondem à 'queima roupa': 'não pretendem formar-se ou fazer concurso'."*⁵⁹³

No mesmo periódico a educação é concebida como medida de saneamento moral e social, de luta contra os vícios anti-sociais, propondo condutas aos operários que garantam um "melhor conceito perante as classes favorecidas da fortuna". Sua concepção de educação está baseada nos princípios de melhoramento da ordem moral e social:

*"De fato a maior parte dos moços de hoje, (...) nos quais se encontram elementos de boas famílias, socialmente bem colocadas. (...) Mas não basta este alevantamento e força de vontade de uma parte dos nossos colegas, nem o incremento desta ou daquela sociedade para nos libertar totalmente de certos preconceitos, (...) enquanto não procurarmos firmar um melhor conceito perante as classes favorecidas da fortuna."*⁵⁹⁴

⁵⁹² **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit., p. 5.

⁵⁹³ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

⁵⁹⁴ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

O jornal **Primeiro de Maio** tem como núcleo de sua argumentação o combate à ignorância, buscando nas luzes da instrução a fonte irradiadora do progresso e da civilização; propugna como principal eixo de intervenção junto a seu público o trabalho pelo engrandecimento moral e intelectual. O hino do Centro Artístico Cearense é revelador do que pensam em relação ao trabalho, diz bem da exaltação do operário como "bandeirante do progresso", do proletário como "farol da civilização":

*"Operários! Raça de Heróis!
Proletários!
Faróis
Das civilizações,
Bandeirantes do Progresso!
Nos vossos corações,
Pulsa o sangue das Nações*

*A vitória
Cantai
Nas páginas da História!
E de mãos dadas, unidos
No Universo perdidos
Do Universo sois a glória!*

*Um passado
De luto
Haveis iluminado
No labor de cada dia
Na angustiosa porfia
Do vosso trabalho honrado!*

*E no fundo
Além,
No horizonte profundo
Do futuro Universal,
O símbolo final
Sois do destino do mundo!"⁵⁹⁵*

⁵⁹⁵ **Hino do Centro Artístico Cearense.** Letra de Renato Viana (sócio benemérito do Centro) e Música do maestro Silva Novo. O hino é apresentado em sessão solene em 29/06/1922, fixando-se a partir de então o "dia da festa social do hino", "festejada anualmente, com um sarau dançante para os associados, das 13 às 17 horas. Uma festa de harmonia, amizade e conagração da família operária" (localizado no acervo do pesquisador Ângelo Miguel Azevedo – Nirez, em Fortaleza).

Uma vez adotada a educação e a instrução como campo de assistência aos associados e extensão de benefícios aos seus filhos, a criação de escolas próprias é um imperativo. Os recursos para tanto, vêm de sua mediação junto ao poder público, associada à ação legislativa de Theophilo Cordeiro e da contribuição dos sócios honorários e beneméritos (comerciantes e industriais). Desse modo, são instaladas as escolas Pinto Machado e Elisa Scheid.

A Escola Pinto Machado é assim denominada em homenagem a Antônio Augusto Pinto Machado, presidente da União Operária do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, e um dos principais organizadores do Congresso Operário de 1912, no Rio de Janeiro, com quem o Centro Artístico Cearense mantinha articulações políticas desde o Congresso Operário de 1906, como já afirmei anteriormente.

Fundada pelo Centro Artístico Cearense (cuja sociedade será sua mantenedora por mais de 50 anos) em sete de janeiro de 1906, a Escola Pinto Machado, noturna, instalada à rua Major Facundo (na residência de Cândido Alves Brazil), para alunos do sexo masculino, tem como primeiro diretor Manuel Antônio Porciúncula, auxiliado por Hermenegildo Rodrigues. Em 1908 funciona à rua Formosa, dirigida por Marcos José da Silva, auxiliado por José Mascarenhas. Em 1911, tem matrícula de 123 alunos e tem como professores Marcos J. da Silva, Tibúrcio Ferreira do Valle, Francisco Ottoni de Carvalho, José Lopes da Silva Freire e Cândido Alves Brasil. Em 1918 conta com a matrícula de 88 alunos, sob a direção administrativa e pedagógica de Marcos José da Silva e Gustavo Hitzschky. Em 1922, a Escola Noturna Pinto Machado recebe alunos de ambos os sexos, com matrícula de 110 alunos, sendo José Façanha da Costa o auxiliar do diretor Marcos José da Silva, que no discurso laudatório de seus companheiros do Centro no

"longo prazo de vinte e cinco anos dedicou a maior parte de sua vida, sem nenhuma remuneração, ao serviço do Centro Artístico Cearense, na direção da

*Escola Pinto Machado, onde era encontrado diariamente, levando as luzes de que dispunha o seu espírito elevado, aos pequeninos seres, provindos, em sua grande maioria, das classes menos favorecidas da fortuna".*⁵⁹⁶

Em primeiro de maio de 1906, é fundada a Escola Elisa Scheid, com aulas noturnas para o sexo feminino. A denominação, como a anterior, rende homenagem à presidente do efêmero Partido Operário Independente, do Rio de Janeiro. Elisa Scheid participa do campo das articulações políticas que tem à frente Antonio Augusto Pinto Machado. Fundada e mantida pelo Centro Artístico Cearense, a escola funciona à rua Dr. Pedro Borges, é dirigida por Maria Antonia da Justa e tem como professoras Porfíria Lopes Barroso e Cecília Ferreira de Melo, que também auxilia nas tarefas de direção. Tem matrícula inicial de 68 alunas. Funcionou até o ano de 1909, quando encerra suas atividades pela falta de recursos materiais para seu provimento. Para as duas escolas, o Centro Artístico Cearense volta a maior parte de seu empenho, como se vê neste artigo onde tenta, inclusive, recolher o elogio público do que qualifica como tarefa de benemerência junto ao proletariado desassistido (também) em matéria de educação:

*"conhecendo as condições dos alunos, os quais na sua maioria não dispõem de recursos para compra de objetos escolares, como sejam livros, papel, lápis, fornece gratuitamente a todos, tudo quanto é necessário. É de admirar que o operariado cearense apesar das dificuldades com que luta para viver, além de já possuir uma importante Associação como é o Centro, mantenha ainda as suas expensas uma Escola, da qual vai colhendo os melhores resultados. O público que avalie com a devida justiça os esforços desses abnegados obreiros do bem em benefício do proletariado."*⁵⁹⁷

Ao mesmo tempo em que cria as escolas e fornece material escolar aos alunos, o Centro Artístico cuida da formação de uma Biblioteca aberta ao público, tendo em catálogo, em 1918, cerca de 250 títulos, além dos jornais e revistas recebidos de outros estados. A manutenção das Escolas Noturnas pelo Centro ao mesmo tempo que se inscreve no entendimento geral da necessidade de prover o operariado de condições de

⁵⁹⁶ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit., p. 8.

acesso a um grau mínimo de escolaridade, guarda relação com sua diretriz assistencialista e aprofunda sua relação com o poder público, inclusive na busca de recursos para o empreendimento educacional, o que se infere da seguinte nota:

*"sabemos por informação de pessoa competente, que o Exmo. Sr. Dr. João Tomé, M. D. Presidente do Estado, e sócio benemérito do Centro Artístico Cearense, logo que fizer a distribuição das loterias federais como nos anos anteriores, auxiliará a benemérita na manutenção de sua Escola."*⁵⁹⁸

Uma das divergências dos socialistas, em relação ao Centro Artístico, diz respeito às práticas de Instrução no meio operário, porquanto busca se associar ao Estado e aos patrões no trabalho de manutenção de suas escolas, fazendo destas o núcleo de sua ação.

Buscando recursos junto aos sócios ou ao poder público, as escolas são consideradas pelo Centro Artístico Cearense como "obras duradouras". Motivam um incontido orgulho de parte de seus dirigentes, o que se depreende dos numerosos depoimentos registrados no livro de visitantes da Escola Pinto Machado, como expressão de um tempo, o *"de antigamente [quando] as autoridades e pessoas gradas mantinham um certo reconhecimento pelos deserdados da sorte, dos humildes, dos desfavorecidos da fortuna"*. O livro de visitantes é, para os dirigentes do Centro, o registro da *"impressão de altas autoridades do Estado, de altas patentes do Exército, dos jornais e de pessoas gradas, se manifestando perante uma Escola mantida por uma Sociedade de operários pobres"*.⁵⁹⁹

⁵⁹⁷ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

⁵⁹⁸ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

⁵⁹⁹ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense**. Op. cit., p. 26. Da seleção de depoimentos de visitantes à Escola Pinto Machado, constam: Rodolpho Ribas (jornalista do Unitário), João Ribeiro P. Montenegro Filho, Luiz Gonzaga Fernandes, José Meneleu de Pontes, Monsenhor Hermes, Soares Bulcão (jornalista do **Jornal do Ceará**), Maximiliano Barreto (engenheiro militar), Franco Rabelo (Presidente da Província), Drummond Martins (redator de **Gazeta da Tarde**, do Rio de Janeiro), Frota Pessoa (Secretário do Interior, no governo de Franco Rabelo), Hermenegildo Firmeza (Diretor do jornal **Folha do Povo**), Gentil Falcão (Deputado Federal), M. Moreira da Silva (Deputado Estadual), Renato Viana
(continua)

Do livro de visitantes, como depoimento oficial para registro à posteridade, decerto ressaltam as impressões encomiásticas. Ao pesquisador não cabe recusá-lo liminarmente, porque no documento o tema da educação se entrecruza numa perspectiva tríplice: uma escola criada supostamente para atender aos interesses dos operários e seus filhos, a recepção do empreendimento pela elite (econômica e intelectual) e a necessidade que têm os mantenedores da escola (no caso, os dirigentes do Centro Artístico Cearense) de obter desta elite a legitimidade da iniciativa. Ainda que feitos como um jogo de palavras calculadas, os depoimentos revelam aspectos interessantes acerca do pensamento das elites sobre *"uma escola de (e para) operários e seus filhos"*. Expressam de seu ponto de vista o modelo de escola que lhes interessa e definem o que julgam qualidades indispensáveis aos professores. Nos depoimentos encontra-se desde o elogio da escola como lugar de disciplina e integração à ordem (põem em relevo a *"disciplina e método da Escola; ordem, disciplina e asseio; ordem, zelo, harmonia e união de vistas"*); como instituidora de virtudes (*"lugar do bom, do justo, do honesto"*), passando pelo elogio às instalações adequadas (*"conforto e arquitetura do prédio, belo edifício, salas espaçosas"*), chegando à função dos professores (*"proficientes, abnegados, gestores de espinhosa tarefa, dedicados, honrados pela tarefa, humanitários, admiráveis, perseverantes, patrióticos e altruístas"*).

Para além dessa genérica e modelar caracterização da escola e dos professores, os depoimentos relativos à Escola Pinto Machado trazem elementos do discurso dominante sobre a função da educação que, de variadas formas, encontram-se subjacentes nas formulações de algumas sociedades operárias, como é o caso do Centro Artístico Cearense. No depoimento de João Ribeiro P. Montenegro Filho, a escola aparece como

(jornalista), João Thomé de Sabóia (Presidente do Estado), José Sabóia de Albuquerque (Secretário do Interior e Justiça, em 1917), Leonardo Motta (Oficial de Gabinete do Presidente do Estado, em 1917).

um *"dos espinhosos caminhos que vão desembocar na estrada larga do progresso e salvação da pátria brasileira"*. Completa o argumento arriscando a hipótese de que *"um país composto de analfabetos, só se poderá salvar do caos em que se acha engolfado por meio da Instrução e, sobretudo da instrução dos desprotegidos da sorte, que serão talvez, para o futuro, os salvadores desta tão grande quão infeliz pátria"*.⁶⁰⁰

No conjunto, os depoimentos sublinham essa escola como lugar onde os meninos pobres vão, às horas vagas, empregar o tempo aprendendo a ler, como possibilidade de nas breves horas de lazer, distribuir à juventude operária de amanhã o pão do espírito, a fim de assegurar com melhores êxitos o pão da vida; como uma casa que reúne os desvalidos e lhes dá a esmola do ensino, com que, amanhã, formarão o capital para a conquista da glória, como modelo para os filhos do povo, porque conduz aos sentimentos do homem que tem sede de liberdade, como obra de civilização, como alavanca do progresso, visto que levanta o nível moral do operariado; participando de uma campanha de libertação espiritual dos operários cearenses, de um infatigável trabalho para a remodelação e cultivo espiritual do operariado, pois que *"todo povo só é livre quando convenientemente instruído para poder amar a Liberdade e a República"*.⁶⁰¹

De natureza semelhante ao Centro Artístico Cearense, a Sociedade Artística Beneficente (*"associação promotora de benefícios entre a classe artística, no interesse e para auxílio mútuo de seus associados"*), fundada em nove de novembro de 1902, passa a manter, em 1912, à rua Barão do Rio Branco, em instalações próprias, uma

⁶⁰⁰ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit., p. 26.

⁶⁰¹ **Bodas de Ouro do Centro Artístico Cearense.** Op. cit. p. 28. Os depoimentos selecionados do livro de visitas compreendem o período de 30 de março de 1906 a 23 de março de 1917. Esclareço que a seleção foi feita para fins de publicação, pelo Centro Artístico Cearense, do opúsculo referido, não tendo esta pesquisa localizado o livro de visitas.

escola primária para operários, com matrícula sempre superior a cem alunos e uma biblioteca.⁶⁰² Marcos José da Silva, diretor da Escola Pinto Machado, é membro da Diretoria da Sociedade Artística Beneficente, onde realiza conferências cuja premissa é a vida do homem em sociedade e a necessidade de fortalecer a vida associativa através da instrução. Encerrando um longo discurso proferido na sede da Beneficente, usa o argumento recorrente:

*"(...) repetamos que sendo a ignorância a irmã mais velha da estupidez, convém que procuremos a instrução, luz grandiosa que faz arremessar de nós as trevas que produzem a mesma ignorância. Ânimo, calma e valor, prudência tolerância para conseguirmos os fins úteis da Sociedade Artística Beneficente."*⁶⁰³

Nas cidades do interior, como em Fortaleza, vão se construindo experiências no campo da educação, como se viu no caso da imprensa dos caixeiros. De Quixadá vem o exemplo da Aliança Artística e Proletária, fazendo funcionar a Escola Noturna Solón de Magalhães, para os filhos dos operários, com matrícula inicial de vinte e seis alunos, conforme informações encaminhadas ao jornal **Voz do Graphico**, pelo orador oficial da Aliança, Sizenando Cavalcante, para quem não obstante as dificuldades que perseveram no ritmo organizativo da classe, o operariado *"vai-se porém educando. Os núcleos operários se vão erguendo da modorra entorpecida em que os pôs a opressão burguesa, e eles começam a sentir a necessidade no regime associativo como base da consolidação do operariado"*. À escola, funcionando em prédio próprio da Aliança, junta-se uma Biblioteca com cerca de 306 volumes e jornais de variados assuntos e

⁶⁰² **Almanach do Ceará**. Fortaleza: Typ. Moderna, 1921, p. 216. A diretoria da Sociedade Artística Beneficente, em dezembro de 1920 é assim constituída: Cunegundes Rodrigues da Silva (Pres.), Joaquim Rodrigues de Lima, José Flamino C. Peixoto, Antonio Rodrigues Furtado, Primo Feliciano da Cruz, Francisco Soares, Arlindo Fausto Dantas, Francisco Balaio da Silva, Argentino de Paula Galvão, Carlos Eugênio de Souza, Júlio César Lopes, Deoclécio Pessoa de Araújo (Efetivos); João Vicente de Souza, Pedro Ferreira dos Santos, Cornélio Lopes Barroso, Luiz de Oliveira Cavalcante, Manoel Moraes (Adjuntos); Joaquim Theophilo Cordeiro de Almeida, Job Rodrigues, Manoel Flamino C. Peixoto, Pedro de Castro Costa, Manoel Bezerra Cavalcante (Conselho Fiscal); Manoel Flamino C. Peixoto (Orador Oficial), Abel Galvão (Arquivista) e José Flamino C. Peixoto (Bibliotecário).

⁶⁰³ **Primeiro de Maio**, 1904. Fortaleza.

diversos locais do país. A Prefeitura Municipal repassa à Aliança verba igual e anual de 360\$000, para a Escola e a Biblioteca. A denominação da Escola é justificada porquanto é *"um nome que nos recorda um espírito empreendedor e verdadeiro propugnador dos ideais operários, pelos quais muito se bateu no decorrer de sua existência"*. A Aliança, com 240 sócios, dita de benefício e resistência, é, em princípio filiada ao Centro Artístico Cearense, embora considere-se em completa autonomia. Do seu estatuto consta seu lema: Coragem, Amor e Trabalho. Formam sua primeira diretoria, em 19 de junho de 1921: Sizenando Cavalcante (presidente e orador oficial), Emygdio Cabral (Secretário) e José Carlos da Silva (Tesoureiro).⁶⁰⁴

Da consulta aos registros da época constata-se que a Aliança, através de sua escola, mantém um vínculo com a comunidade e quer tornar-se visível também através da constituição do que elaboram como marcos sociais da memória operária. Tal caso é percebido em 1922, quando, por ocasião da passagem do Centenário da Independência, a Aliança e a Escola mandam erigir em praça pública um monumento ao trabalho.

A fundação da escola operária Solón de Magalhães, em Quixadá, é saudada com júbilo pelos dirigentes da União Geral dos Trabalhadores Cearenses, que avaliam a matrícula inicial como representativa em face do meio e ressaltam o feito como um *"grandioso empreendimento de que acabam de levar a efeito, fundando uma escola para ilustrar o espírito dos seus filhinhos – gloria de um futuro mais próspero e feliz"*. mas advertem a direção da Aliança Proletária de Quixadá quanto a escolha dos

⁶⁰⁴ Em 1923 é esta a diretoria da Aliança Artística e Proletária de Quixadá: Sizenando Cavalcante, Vicente Ferreira da Silva, José Carlos da Silva (Comissão Executiva); Pedro Júlio da Silva, José Moreira Facundo e Odilon de Oliveira (Comissão de Finanças); José Cardoso da Cruz, João Batista de Alencar e Agostinho Amaro de Souza (Comissão Central); Jacintho de Souza, José Moreira Pinheiro, Manoel Rodrigues da Silva (Mesa da Assembléia Geral). A Aliança Artística e Proletária de Quixadá, como tantas outras entidades operárias no Ceará, liga-se na década de 30 ao movimento legionário sob a direção de Severino Sombra e Jeová Mota. Para o estudo do período indico o depoimento de Francisco Chagas da Silva, operário, integralista, no livro **Quixadá nos anos de 1910 a 1942 (descrição de fatos históricos)** – (Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1977).

professores, um indício da repercussão do pensamento de Ferrer, bem como das teses anticlericais em voga desde o início do século:

*"Saibam escolher professores idôneos capazes de ministrarem uma educação sadia e proveitosa aos seus alunos, sem jamais os deixarem entre as quatro paredes do catecismo, que, só serve para inutilizar o espirito destes rebentos em quem esperamos um mundo de fagueiras esperanças no dia de amanhã."*¹⁶⁰⁵

Veja-se, da experiência de Quixadá, um exemplo local de mobilidade da militância. Sizenando Cavalcante é aquele, ressaltado anteriormente, em sua vida de pedagogo/militante/jornalista, na cidade de Iguatu. Uma década depois, ele estaria no Sertão Central, em Quixadá, realizando sua faina associativa. As iniciativas desses militantes encontraram em sua imprensa um vigoroso estímulo e apoio.

Ressalte-se que esse intercâmbio entre as folhas operárias, funcionando como "mensageiros de relações", é estimulado também pelas moções e resoluções aprovadas nos congressos operários de base local ou nacional. Trato, pois, na unidade seguinte, do tema dos congressos, destacando seu propósito de enfatizar a eficácia da difusão da palavra impressa como suporte imprescindível de seus projetos político-pedagógicos, aliando-a à criação de ateneus, círculos de cultura, escolas racionais como mecanismos viabilizadores da união, organização e emancipação.

4 – Imprensa e educação nos Congressos operários

O que resulta como característica idêntica entre **A Voz do Trabalhador** (Rio de Janeiro) e **A Plebe** (São Paulo), como em outras folhas, como idéia inspiradora para a criação desses instrumentos de organização da classe, é o fato de compreenderem a imprensa periódica como arma poderosa e indispensável, como sendo o órgão que "*recebe, transmite e conserva*" as idéias. Vários são os artigos que destacam a

importância do sindicato, da associação, da classe manter seu jornal para o combate, defesa e propagação de idéias. Quase sempre, em seu número inaugural, publicam longos artigos de fundo para exposição de seu programa, espécie de agendas políticas de alcance doutrinário e organizativo. Elegi **A Plebe** e **A Voz do Trabalhador**, nesta parte da narrativa, pelo evidente intercâmbio que mantiveram com as folhas operárias do Ceará e porque os fazedores dessa imprensa se encontraram em algum momento de suas vidas.

Veja-se o tom deste artigo e as várias significações valorativas atribuídas ao jornal como instrumento imprescindível no meio operário:

"O Jornal é hoje uma arma poderosa indispensável. É o veículo para fazer triunfar uma idéia, como é picareta para derrubar um governo.

(...) Um jornal é uma poderosa metralhadora que abre clareiras nos redutos inimigos; é a alavanca que dia a dia abala os alicerces dos tronos e dos altares.

(...) Um partido, uma classe, que não possui o seu jornal, é associação de mortos.

Quem tem idéias e falta de meios para propagá-las e defendê-las é condenado a uma obra estéril.

O Jornal é o sucedâneo da tribuna pública, mas a vantagem do jornal sobre a tribuna é que esta se dirige a um público limitado e o jornal às multidões. O que se diz do alto de uma tribuna perde-se, o que se escreve no jornal fica. Mais que um sucedâneo da tribuna, o jornal é o seu complemento indispensável, o grande órgão que recebe, transmite e conserva.

Para conquistar o mundo, a arma que não se dispensa é a folha impressa".⁶⁰⁶

Muitos também são os artigos que apresentam as qualidades intrínsecas do jornal como instrumento indispensável na luta anticapitalista, destacando que sua qualidade fundamental é a independência frente à ordem constituída. Nesse sentido, a liberdade de sua imprensa é conquista diária, porque *"o jornal dos operários há de ser obra dos próprios operários"*. Percebe-se no artigo seguinte esta concepção do fazer

⁶⁰⁵ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 15, 11/12/1921. Fortaleza.

⁶⁰⁶ **A Plebe**, 12/07/1917. São Paulo.

jornalístico como sendo o instrumento que destrói pela crítica e reconstrói pela difusão das idéias:

"Operários!

Vos precisais de um jornal exclusivamente vosso, dedicado a vossa causa e que não sacrifique a vossa defesa pelo cuidado doutros interesses quase nunca limpos.

Vos precisais de um jornal cuja independência não seja a tabuleta de um quitandeiro, ou a gazua de um gatuno; e o jornal contra o qual nada possa o dinheiro do capitalista e a imposição do policial.

Precisais de um jornal que vos guie e vos una como órgão da classe, de um jornal que vos diga a verdade, e essa verdade proclames com altivez diante dos vossos inimigos.

Mas o jornal dos operários há de ser obra dos operários!

Dai-lhe portanto, vida.

Vós sois centenas de milhares e com um mínimo de sacrifício, não obstante a vossa precária situação, podeis assegurar-lhe a existência.

Revolucionários sociais!

O pão e a liberdade se completam.

Urge, portanto, difundir esse amor pela liberdade, estender este culto pelo nobre ideal da independência que prescreve o súdito, urge aumentar o numero de adeptos da causa da justiça.

E para se obter isso tudo o jornal é indispensável; o jornal que destrói com a sua crítica e reconstrói com a divulgação de uma moral nova que o direito pela força não aniquila.⁶⁰⁷

Essa linha de pensamento que situa os jornais como elementos de transformação social é referendada e difundida pelas resoluções dos congressos operários, conforme se observa em relação às diretrizes da Confederação Operária Brasileira:

"Uma das principais deliberações do Segundo Congresso Operário Brasileiro está sendo levada a prática. Referimo-nos a resolução tomada pelos congressistas sobre a necessidade imprescindível que há para as associações operárias de manterem os seus jornais, a fim de despertar o espírito de luta entre os seus associados.

Não se pode negar o valor que tem a palavra escrita, fazendo brotar idéias e robustecendo a mentalidade operária. O jornal, por outro lado, é o melhor veículo das idéias de transformação social.

⁶⁰⁷ A Plebe, 12/07/1919. São Paulo.

*É com grande satisfação que constatamos o fato de vários sindicatos já terem tomado na devida consideração este acordo do Segundo Congresso, tornando-o uma realidade.*⁶⁰⁸

Do conjunto das resoluções do Segundo Congresso Operário (Rio de Janeiro, 1913), subordinado ao Décimo Tema (*Conveniência da disseminação da imprensa operária*) tem-se uma moção apresentada por Paulo Cruz e Tibério Frattini, da União Gráfica de São Paulo, que, partindo da constatação de que se acham confederados no Brasil mais de 50.000 operários e que mais da metade desses operários assinam ou compram jornais diários, propõem que o Segundo Congresso aconselhe a Confederação Operária Brasileira – COB a estabelecer relações com todas as agremiações operárias do país, a fim de abrirem listas de assinaturas objetivando contribuir para a manutenção dum jornal diário, ficando a COB encarregada de criar condições *"de dar ao operariado um diário que, satisfazendo a curiosidade de cada um de seus leitores, satisfaça também as necessidades da propaganda"*.

Na mesma direção, Edgard Leuenroth, representando **A Lanterna**, no Segundo Congresso da COB, em 1914, apresenta moção chamando atenção para que **A Voz do Trabalhador** tenha publicação, quando menos semanal, para que corresponda às exigências de propaganda no meio operário. A moção apresentada por João Crispim, da Federação Operária de Santos, partindo da crítica à imprensa burguesa, expõe as razões para a existência e repercussão da imprensa dos trabalhadores como fundamental para tecer as linhas de articulação nacional do movimento operário na década inicial do século XX, nestes termos:

"Considerando que a imprensa é o meio mais eficaz para orientar as massas populares;

Considerando que é pela imprensa que a classe capitalista firma a opinião pública em favor dos seus interesses e das suas infames aspirações;

⁶⁰⁸ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 47, 15/01/1914. Rio de Janeiro.

Considerando que a imprensa burguesa influi poderosamente no ânimo das classes operárias, arrastando-as a todas as desviações contrárias a sua emancipação, a todas torpes artimanhas e mistificações habilmente alinhavadas por profissionais da pena, que dela fazem comércio;

Considerando que em face dessa imprensa comercial deve surgir por toda parte a imprensa operária e reivindicadora que venha realizar o saneamento social, intelectual e moral do povo, segundo os mais racionais e elevados ideais de regeneração, que formem nos trabalhadores verdadeira consciência e sólidas convicções, para que em todo tempo e lugar estejam aptos para se colocarem a altura de todas as eventualidades;

*O segundo Congresso Operário aconselha todas as sociedades e sindicatos operários e aos trabalhadores em geral a criarem em todas as cidades, vilas ou lugarejos, jornais de propaganda integralmente emancipadora e a auxiliarem os já existentes e os que venham a existir, realizando a grande obra sintetizada no espírito desta moção, no intuito de que, na brevidade possível, os trabalhadores se encontrem completamente livres.*⁶⁰⁹

Mas, atente-se para o fato de que a definição de importância do jornal não se encontra apenas referida nas resoluções de Congressos. Quase todas as folhas operárias trazem a divulgação de suas congêneres e fazem o apelo de sua difusão, como aqui: *"OPERÁRIOS! Depois de lerdes A VOZ, deixai-a no trem, no bonde, no café ou na barbearia. É a melhor maneira de difundir o jornal.*"⁶¹⁰

Não desprezível também é a apreciação crítica sobre a imprensa burguesa, alertando o movimento operário para as freqüentes mudanças de rota daquelas folhas, notadamente quando os temas dizem respeito à questão social no Brasil. Cecílio Villar, escrevendo n'**A Voz do Trabalhador**, do Rio de Janeiro, chama a atenção para esse fato, oferecendo como exemplo os embates que se dão através da imprensa, quando das

⁶⁰⁹ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 39/40, 01/10/1913. Rio de Janeiro. Além dessas moções, são registradas as seguintes declarações de voto: *"Um jornal diário é uma necessidade para as classes operárias; será bastante que todos os sindicatos empreguem boa vontade nesse sentido, para que a iniciativa em breve seja uma realidade"*, de Francisco Manoel Borges e Carmine Nastaci, do Centro Operário 1º de Maio, de Petrópolis. *"Lembramos que a criação dum jornal diário para a propaganda sindicalista fique a cargo da Confederação Operária Brasileira para que esta estude os meios mais práticos de levar por diante a iniciativa"*, de Ernesto Justino Pereira e Álvaro Gonzaga, do Círculo Operário Fluminense.

⁶¹⁰ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 60, 05/08/1914. Rio de Janeiro.

perseguições aos estrangeiros – anarquistas e socialistas, decorrentes da Lei Adolfo

Gordo:

"(...) Nós víamos a imprensa desta capital em quase sua totalidade, verberando acremente tal atentado a liberdade individual, sendo agora essa mesma imprensa venal e caótica, pelas suas colunas vendidas a quem mais der, atacar descabeladamente, (...)

Não sabemos onde está o critério da imprensa que assim procede. (...) Mas... o fato é que com ou sem o apoio dessa imprensa segue a nossa propaganda. (...)

Nós nunca contamos com essa imprensa. Temos a nossa, e é o bastante para transmitir o que sentimos, para difundir as nossas idéias, levando em toda parte o nosso grito de revolta contra a miséria da sociedade atual, indicando, por onde passa o caminho a seguir para a vitória das nossas reivindicações, o amanhã que idealizamos."⁶¹¹

A crítica à imprensa burguesa intensifica-se. Analisando seu papel, dizem os vários artigos que jamais os diários burgueses "*farão obra sã*" em benefício do operariado, pois seria ela própria "*despojada das regalias ganhas à custa da miséria dos trabalhadores*". Tal imprensa é caracterizada como governista e capitalista, posto que seu financiamento decorre do compromisso de classe com as elites dirigentes do país. Tal é o tom de denúncia em relação aos jornais "graúdos", e de como se aproveitam para crescer em situações de crise, fazendo da (des)informação moeda de troca no jogo palaciano de ocultamento dos fatos frente à opinião pública:

"Os jornais governistas persistem em afirmar que não há crise. Procuram demonstrar-nos com artigos pesados difíceis de digerir, que a situação do país não é anormal. A crise segundo eles, não existe senão na imaginação da imprensa oposicionista, que quer a todo transe desacreditar o atual governo. (...)

Efetivamente, para os jornais governistas graúdos não há crise. Pelo contrário, a situação nunca lhes foi tão favorável. Longe de serem atingidos pela 'suposta crise', melhoraram de condições com ela... só o que recebem do Ministério da Fazenda para desmenti-la, a despeito dos fatos claros, positivos, cruéis, dos dias que correm, excede em muito a simples renda das assinaturas, anúncios, e venda avulsa (...)."⁶¹²

⁶¹¹ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 27, 15/03/1913. Rio de Janeiro.

⁶¹² **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 45, 15/02/1913. Rio de Janeiro.

Pondo em questão a autoproclamação de "*independentes*" e "*defensores dos interesses do povo*", feita por alguns periódicos por eles caracterizados como de vocação governista, vários artigos partem da denúncia dos "*mercenários jornais burgueses*" para evidenciar a importância da manutenção de uma imprensa própria. Como se vê aqui:

"Faz hoje um ano que reapareceu a A Voz. O que foram estes doze meses de vicissitudes e contrariedades, só os que intimamente conhecem a vida do jornal podem dizer. (...)

A imprensa é um dos melhores meios de propaganda. O seu campo de ação é vastíssimo. Já que não podemos contar com os mercenários jornais burgueses, que nada mais são do que meros caça níqueis, apesar de si intitularem 'independentes' e 'defensores dos interesses do povo', tenhamos a nossa imprensa, redigida por gente nossa, em linguagem que qualquer um de nós pode compreender. Nela poderemos discutir livremente, sem constrangimento de espécie alguma, todas as questões que nos afetam."⁶¹³

Em meio às críticas, não descuidam de afirmar a importância da imprensa para exercer sua função de tribuna do movimento associativo em todo o país e amplificar (encorajando) a luta proletária que se trava nas várias regiões. São numerosos os artigos que apresentam a demanda do movimento por uma imprensa própria diária cobrindo o território nacional, cumprindo a tarefa de propaganda defendida nos congressos operários. Entre os vários textos, apresenta-se o de Antônio de Oliveira e José Boróbio, que enfeixam este raciocínio:

"(...) ninguém por certo ignora a vantagem insofismável dos trabalhadores possuírem na imprensa um órgão genuinamente seu, onde possam dizer as verdades nuas e cruas que fazem despertar os indiferentes, que se sujeitam a todas as explorações de que são vítimas, (...)

É para lamentar que a classe que trabalha, enorme como é, e sofredora como soe ser, ainda não possua um órgão que saia diariamente, para que mais se fizesse sentir o seu brado de protesto contra todas as iniquidades. (...)"⁶¹⁴

⁶¹³ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 49, 15/02/1914. Rio de Janeiro.

⁶¹⁴ *A Voz do Trabalhador*, ano VI, nº 36, 01/08/1913. Rio de Janeiro.

Publicar semanalmente a Voz do trabalhador é já de uma necessidade imperiosa; imperiosíssima, tanto para a propaganda como para a boa orientação do sempre crescente movimento operário do país.

*(...) Mas tem-se que convir que antes esta idéia se relacionava unicamente com o anelo de intensificar a propaganda para despertar o proletariado. Hoje, existindo ainda essa mesma razão, entra em jogo outra que, entretanto, tem mais valor: o maior movimento associativo que constantemente reclama a tribuna do periódico. (...)*⁶¹⁵

É necessário destacar que, embora sejam evidentes as dificuldades de articulação em plano nacional, os congressos operários de bases regional e nacional exercem influência, indicam caminhos e propõem diretrizes gerais. Nesse sentido, põem-se em relevo aqui as resoluções adotadas no Primeiro e Segundo Congresso Operário Brasileiro, realizados respectivamente, em 1906 e 1913, no Rio de Janeiro, destacando os temas diretamente ligados à educação e à instrução e sua incidência nas práticas educativas e projetos veiculados pela imprensa dos trabalhadores no Ceará, nas primeiras décadas do século XX.

As Bases de Acordo da Confederação Operária Brasileira, aprovadas pelo Primeiro Congresso, em 1906, ao proclamar, em seus *Fins*, a promoção da união dos trabalhadores assalariados para a defesa dos interesses morais, econômicos e profissionais, adotando como caminho o estreitamento dos laços de solidariedade entre o proletariado organizado, confere igual destaque à função pedagógica do jornal e da escola, à sistematização de informações, às excursões de propaganda e conferências como imprescindíveis instrumentos organizativos do proletariado:

"Estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos, nomeadamente de um jornal que se intitulará A Voz do Trabalhador;

⁶¹⁵ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 49, 15/02/1914. Rio de Janeiro.

*Reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sobre o movimento operário e as condições de trabalho em todo o país.*⁶¹⁶

Nas resoluções do Primeiro Congresso *Sobre a Ação Operária*, a questão é formulada a partir de uma diretiva: *"cada associação operária sustente uma escola laica para os sócios e seus filhos, e os meios de que deve lançar mão para esse fim"*. Partindo da consideração de que o ensino oficial favorece a internalização de idéias e valores visando o fortalecimento das instituições burguesas, caberia ao operariado construir seus próprios mecanismos educativos e de auto-esclarecimento que se coadunassem às aspirações de emancipação. Sublinhando a necessidade dos próprios operários tomarem para si o interesse *"em formar livremente a consciência de seus filhos"*, a resolução oferece a seguinte recomendação:

*"- O Primeiro Congresso Operário Brasileiro, aconselha aos sindicatos operários a fundação de escolas apropriadas à educação que os mesmos devem receber, sempre que tal seja possível; quando os sindicatos não puderem sustentar escolas, deve a Federação local assumir o encargo."*⁶¹⁷

No Segundo Congresso, em 1913, o tema é apresentado sob forma mais detalhada e apropria-se das experiências em curso efetivadas por diversas entidades nos Estados. Ao final dos trabalhos, a resolução apresentada recomenda que os sindicatos e as classes trabalhadoras em geral, promovam a criação e disseminação de escolas racionalistas, ateneus, cuidem da divulgação da imprensa dos trabalhadores e da edição de livros e folhetos, tratem da organização de conferências, preleções, excursões de propaganda e outros certames instrutivos. Todo esse rol de iniciativas tem por princípio geral *"o método racional e científico, em contraposição ao ensino místico e autoritário"*. Da resolução transcrevo a íntegra das considerações gerais para que se

⁶¹⁶ **Boletim da Comissão Executiva do Primeiro Congresso Operário Brasileiro.** Rio de Janeiro: 1906.

⁶¹⁷ RODRIGUES, Edgar. **Alvorada operária.** Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979, p. 109.

tenha noção do teor das discussões empreendidas na época sobre o tema da "educação e instrução das classes operárias":

"Considerando que a instrução foi, até uma época recente, evitada pelas castas aristocráticas e pelas igrejas de todas as seitas, que visavam manter o povo na mais absoluta ignorância, próxima a bestialidade; para melhor explorá-lo e governá-lo;

considerando que a burguesia, inspirada no misticismo, nas doutrinas positivistas e nas teorias materialistas sabiamente invertidas pelos cientistas burgueses, os quais metamorfoseiam a ciência segundo os convencionalismos da sociedade atual; centralizando a instrução, tratando de ilustrar o operariado sobre artificiosas concepções que enlouquecem os cérebros dos que freqüentam as suas escolas, desequilibrando-os com os deletérios sofismas que formam o civismo ou a religião do Estado;

considerando que esta instrução é ministrada juntamente com a educação prática de modalidades que estão em harmonia com a instrução aplicada;

considerando que esta instrução e educação causam males incalculavelmente maiores do que a mais ampla ignorância; e que consolidam, com mais firmeza, todas as escravizações, impossibilitando a emancipação sentimental, intelectual, econômica e social do proletariado e da humanidade;

considerando que esta ensino baseia-se no sofisma afirmando-se no misticismo e na resignação (...)"⁶¹⁸

Nas Resoluções desse mesmo Congresso, retomando idênticas resoluções daquele de 1906, encontram-se no Sétimo Tema (*Meios a empregar na propaganda do sindicalismo*) um apelo *"a todas organizações sindicalistas do Brasil para que se dediquem a uma imediata, intensa e larga obra de propaganda da organização operária"*, e recomendações *"Que todas as agremiações realizem conferências e palestras, aproveitando também todas as suas assembleias administrativas para a propaganda"* e *"Que as federações locais e sindicatos das grandes cidades promovam constantemente excursões pelos arrabaldes e subúrbios, onde residam operários, distribuindo, nessas ocasiões, jornais, folhetos e manifestos (...)"⁶¹⁹*

⁶¹⁸ RODRIGUES, Edgar. *Alvorada operária*. Op. cit., p. 138.

⁶¹⁹ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 39/40. Rio de Janeiro.

As excursões de propaganda constituem um passo a mais nessa estratégia de educar pela palavra e ação. O deslocamento de militantes e o intercâmbio de jornais, de uma para outra região, têm grande significação nessas primeiras décadas do século XX. Vencendo grandes distâncias, tomam o vapor ou os caminhos de ferro e levam e trazem o novo vocabulário do protesto, da esperança e da solidariedade. Promovem conferências, acaloradas sessões e festivais nas entidades operárias. Distribuem listas de publicações e fazem subscrições para o fortalecimento das folhas operárias. Experimentam a possibilidade de tecer mais que contatos, afirmam-se laços de solidariedade e camaradagem e visionam novos tempos. Sabem das novas do Brasil e da Europa. Em suas memórias o militante pernambucano Cristiano Cordeiro assinala com a devida importância as excursões de propaganda realizadas pela COB:

"Em 1914 chegou ao Recife o líder operário José Elias da Silva com as diretrizes do 2º Congresso Operário Brasileiro, realizado no ano anterior no Rio de Janeiro. Os sindicatos eram então, em sua maioria, sociedades beneficentes de apoio mútuo. José Elias promoveu a fundação da Federação dos Trabalhadores que viria a ter um papel muito importante na grande greve geral de 1919, que paralisaria todo o Recife. Estive com ele em várias reuniões dos sindicatos dos estivadores, dos empregados na construção civil e do cais do porto (...) Da greve geral de 1919, digo que ela foi a única, naquele tempo, em todo o país, a paralisar totalmente uma capital brasileira. (...)"⁶²⁰

No Ceará, a repercussão dos Congressos Operários, da ação da COB e de seu jornal, **A Voz do Trabalhador**, são conhecidas através de vários dos jornais aqui estudados como ainda da reminiscência de alguns militantes, como demonstrado na Primeira Parte. No item seguinte destaco as conferências, excursões de propaganda, escolas, cursos de Esperanto e demais suportes que adaptaram e recriaram em plano local algumas das recomendações deliberadas nos Congressos e se apropriaram,

⁶²⁰ Depoimento. In **Plural – Revista de Debates**, jul.-set., p. 39. São Paulo: Rumo Gráfica, 1979 (depoimento prestado ao jornalista Ricardo Noblat; reproduzido do **Jornal do Commercio**, 12/08/1979. Recife).

conferindo-lhe originalidade e sentido criador, de muitos dos escritos da imprensa operária de outros estados para informar seus experimentos no âmbito da educação.

5 – Educação da solidariedade e educação da revolta

Em momento anterior, referi-me à instituição do *lector* como fazendo parte da história da leitura e da difusão da palavra impressa no meio operário cearense. Ponho agora em relevo o fato de que, em algum momento da experiência sócio-cultural e política dos militantes como fazedores de jornais, esta atividade vai mais e mais adquirindo uma função pedagógica, sendo recorrente a formulação do jornal como a "escola do pobre". O que ressalta como característica comum nas práticas dos diversos grupos editoriais é o foco dirigido à educação dos trabalhadores.

Tal fato é considerado irrelevante nas assertivas dos intelectuais formados na tradição liberal, que não encontram significação sócio-histórica nos registros da imprensa dos trabalhadores, até porque formam juízo negativo de sua capacidade enquanto leitores e negam-lhes aspirações. Esse excerto é modelar do vezo preconceituoso fartamente documentado:

"Esta pequena tiragem de nossos jornais [liberais], naturalmente não tem outra cousa, senão a falta de leitores, (...) É certo que se lê muito pouco entre nós. Nossos empregados não tem o hábito de comprar 'seu' jornal todas as manhãs, o órgão de suas opiniões, mesmo porque muitos deles não sabem ler.

*De resto, ainda não são suficientemente avançados para se ocuparem da política; e praza aos céus que jamais se ocupem com isso; já são bastante maus sem ela".*⁶²¹

Afirmando a imprensa dos trabalhadores como "*a escola do pobre*", encontro numerosas formulações críticas à imprensa burguesa, onde os jornais operários vão realçando a função de classe daquela imprensa – "*jornais interesseiros que vivem*

⁶²¹ Boletim da ABI, nº 102, out./1960, Rio de Janeiro.

especulando e só defendem, por ser o seu papel, a classe privilegiada" e "a nefasta influência exercida sobre a mentalidade operária". Neste artigo de Manoel Moscoso, n'A Voz do Trabalhador, é destacada a função deseducativa da imprensa burguesa. Reconhece que ela poderia exercer influência positiva na cultura e formação da mentalidade, mas sua mercantilização transforma-a "em influência prejudicial e execrável". Este é o juízo que Moscoso apresenta aos operários sobre a imprensa burguesa de seu tempo:

"A imprensa burguesa é um antro de exploração. Raro é o homem ao seu serviço que não sucumbe, que não se corrompe. A mentira e a hipocrisia imperam soberanas no seu seio.

Ela defende os grandes ladrões que na bolsa e na indústria roubam amparados pela lei; ela tece elogios aos grandes assassinos que, sem o menor escrúpulo, para alcançar renome e posições rendosas, e, às vezes, para a satisfação de caprichos e paixões pessoais, conduzem os povos a lutas fratricidas que são a mancha que mais desonra a nossa civilização; ela glorifica os grandes mistificadores que mantêm o povo na ignorância, inculcando na sua mente as mais absurdas e disparatadas crenças. (...)"⁶²²

Cumpre ressaltar que a discussão sobre a função da imprensa ocupa um lugar destacado em vários momentos. Nos anos vinte, por exemplo, o debate é intensificado em meio às discussões sobre a liberdade de imprensa. Estão bem vivas na experiência militante as prisões, perseguições, deportações e empastelamentos de jornais operários ocorridos nos governos de Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes. A lei nº 4.269, de 1921, sancionada para reprimir o jornalismo de orientação libertária e o anarco-sindicalismo, e o projeto de lei proposto por Adolfo Gordo (sancionado em 1923) propiciam um debate ainda mais intenso acerca do jornal como "educador da sociedade" e contra as mudanças que se vão operando no exercício do jornalismo, abdicando de um "jornal de idéias", para "um jornal de fatos". Ilustrativo é este artigo d'**O Malho**, fazendo a crítica

⁶²² **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 24, 15/03/1913. Rio de Janeiro.

a essa via "que se alimenta de fatos" e afirmando a função dessa imprensa, que "não educa nem corrige":

"A população letrada e pensante não é maioria. Para ela, o jornal de idéias não tem consumo; é artigo de luxo, monótono e pesado. Prefere o de fatos, de fatos ruidosos e sensacionais (...) que lhe conta a intrigada da política, o arbítrio da administração, o sofisma da injustiça, a trapaça da finança, a desordem na taberna e os crimes de toda espécie, (...) que sacodem os nervos aos clientes mais frios e impassíveis, que gostam de ler tudo (...) num estilo que não lhes custe muito a soletrar.

*Esse jornal pode ter muitas vantagens; a virtude da sobriedade é que ele não tem. Não educa nem corrige; favorece a disseminação de certos males".*⁶²³

A concepção de educação revestida de um sentido mais abrangente que o de instrução, capturando inclusive um certo tom milenarista de missão, é o suporte fundamental para grande parte das construções discursivas que igualizam a ausência de educação à desunião e à ignorância. Entendem as lideranças operárias que a união tem como lastro a vivência prática da solidariedade e que esta, por advir dos conteúdos da experiência, liga-se ao tempo da aprendizagem e de sua internalização, construindo um conjunto de valores éticos que devem cimentar as práticas da classe. Este é o vocabulário do gráfico Pedro Augusto Motta, em 1920, exortando os operários cearenses à união: *"Mais que a ignorância, a desunião, concorre para a nossa miséria, porque desvaloriza o nosso trabalho, a nossa família e o nosso caráter, porque nos reduz a mercadorias expostas a quem mais der (...)"*⁶²⁴

Para Pedro Augusto Motta, o estado de miséria e exploração a que se encontra submetido o operariado resulta da situação objetiva criada por um regime desigual. O combate a esse regime requer, segundo ele, a criação de liames formais de união e organização, como o sindicato de resistência. A essa via organizativa se interpõe um obstáculo, a ignorância. Este discurso, veiculado no **Voz do Gráfico**, em 1920, é

⁶²³ **O Malho**, 05/08/1922. Rio de Janeiro.

ilustrativo da formulação dos conteúdos da "revolta" mediados pelo combate à ignorância:

"Operários cearenses, brasileiros, universais, unamo-nos. Estudemos a nossa situação, o estado de nossa família, a miséria que nos assoberba, os vícios que nos entibiam o organismo, principalmente a ignorância que é o maior dos nossos males, a causa da nossa dor, e dos nossos infortúnios!

E depois, quando tudo isso tivermos feito, quando sentirmos em nossa consciência o vislumbre das idéias que se nos despertam, (...) então saberemos sentir o que somos e o que valemos, (...) o gérmen purificador do nosso espírito, até ontem adormecido na embriaguez da ignorância, no enervamento da nossa consciência, é a revolta, a revolta indomável que existe latente em todos os indivíduos e, que, adormecida despertará um dia para tornar o homem capaz de viver e pronto para lutar. (...)"⁶²⁵

Embora o maior volume de argumentos tome a ignorância como uma espécie de "mal de origem" para o estado de apatia e indiferença ante às exigências das lutas sociais, aparecem argumentos situando o problema da ignorância (como falta de instrução) como iniquidade decorrente do regime social vigente. No **Voz do Graphico**, em 1920, a formulação mais usual é de que em razão *"de toda a riqueza social correr fatalmente para os cofres da minoria dominante"*, mais aumenta a fome, a miséria e a *"ignorância campeia triunfante nos arraiais das inteligências novéis, cultiváveis e prometedoras"*.⁶²⁶

Com este discurso pendular onde se alternam os termos ignorância e desunião como explicações para as dificuldades organizativas, uma outra fórmula é recorrente. Nos discursos de exortação, o problema da ignorância é tratado como obstáculo a vencer a partir da adoção de formas efetivas de educação no meio operário com a tradução de opúsculos, a publicação de extratos, a formação de bibliotecas, a criação de

⁶²⁴ **Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

⁶²⁵ **Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

⁶²⁶ **Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

cursos noturnos, entre outras práticas. O momento indicava a educação como caminho na construção de novas sociabilidades.

Com frequência, os jornais operários de tendência socialista apresentam um diagnóstico em que descrevem os grandes contingentes operários afastados do labor militante, daí a exortação permanente contra a apatia e a indiferença. Como trabalham quase sempre com os conteúdos da esperança, um recurso pedagógico utilizado é o de combinar a crítica/exortação ao elogio das diferenças qualitativas, caracterizando de modo positivo o operário de então em relação ao do passado próximo:

"(...) o operário de hoje não é mais o homem rústico de ontem que através de sua ignorância, deixava que só lhe tirasse o couro, porque não se julgava com o direito de protestar; por isso que havia aprendido na religião SANTA de seus avós, essa que ainda hoje é pregada por alguém: – sofrer com paciência para poder ganhar o reino dos céus, passar fome, martirizar o físico, para ser abençoado por Deus, enquanto aqueles que a pregam vivem na fartura desfrutando uma vida de felicidade invejável. (...)"⁶²⁷

Nesse particular, os militantes, influenciados pelo discurso anticlerical produzido no período, criticam os conteúdos da religião, em seus aspectos de conformismo, fatalismo, resignação, aceitação dos sofrimentos terrenos. Para eles, a observância dos ensinamentos religiosos teve o efeito de fazer submergir os conteúdos de protesto, insubmissão e rebeldia, de resto, indispensáveis na educação dos militantes:

"O operário de ontem, quando via a miséria invadir o seu lar, pensava, conforme o padre lhe havia ensinado na Igreja, que este castigo era imposto pela divindade devido a sua pouca submissão e por isso tinha sido castigado em vista de Deus só querer (no dizer dos profetas) os humildes e os pacientes.

Hoje, porém, o operário pensa muito ao contrário disso: – quando a miséria lhe bate a porta reflete logo e pergunta por que quem tanto trabalha não ganha o suficiente para o pão de seus filhos."⁶²⁸

⁶²⁷ Voz do Graphico, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

⁶²⁸ Voz do Graphico, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

Partindo do dito popular *"que homem desinteligente e ignorante nunca poderá sair da miséria"* e que é essa a razão que os torna em seu meio *"considerados como fósforos queimados"*, o **Voz do Graphico** argumenta junto ao seu público leitor que

*"Assim sendo, instruíamo-nos o quanto antes. Hoje mesmo, quando chegarmos em nossa casa, depois de manjar o nosso feijão, devemos procurar as escolas, noturnas ou diurnas, para educar e instruir o nosso espírito, a nossa consciência (...). Nada mais triste e vergonhoso do que um operário ignorante. Senão vejamos: sou operário, (...) adoço, preciso fazer uma carta (...), mas acontece que eu não sei ler (...) e tenho que recorrer a estranhos – é triste e vergonhoso, não achas camarada?"*⁶²⁹

Tratando em seus artigos do que localizam como sendo os males da desorganização operária, assestam as críticas à indiferença, pois que *"Aos indiferentes Dante recusou o próprio inferno"*, ao mesmo tempo em que situam o problema da ignorância não apenas como decorrência da pouca instrução, mas como fenômeno existente mesmo entre os ofícios considerados mais cultos. Esta apreciação sobre os gráficos de Fortaleza revela tal entendimento:

"(...) Não é de hoje que afirmamos ser a desorganização existente no seio das classes trabalhadoras a causa direta da presente situação e miséria em que se debatem.

Não somente a desorganização, mas também a desunião e ignorância que, infelizmente, suplantam e concorrem bastante para o indiferentismo em que aquela se encontra, dentro mesmo das classes que já tem as suas organizações.

*E a verdade deste cruel abandono em que vivemos (...) temos no meio da nossa própria classe, considerada, talvez, a mais culta dentre todas as outras genuinamente operárias. (...)"*⁶³⁰

De modo ainda mais enfático localizam nos "trabalhadores do livro e do jornal", elementos de distinção em relação a outras categorias de trabalhadores, pois que é *"a classe que poderia ser ou se constituir na vanguarda de todas as outras, dados os*

⁶²⁹ **Voz do Graphico**, ano I, nº 7, 12/03/1921. Fortaleza.

⁶³⁰ **Voz do Graphico**, ano I, nº 14, 26/11/1921. Fortaleza.

misteres da profissão e a educação a que seu espírito está a receber diariamente.

(...)⁶³¹

Se a formulação do jornal como "a escola do pobre" é recorrente, não menos enfática é a identificação do "sindicato como escola". Na imprensa cearense de orientação libertária tal formulação é evidente. Quando como exemplo se traz à discussão o sindicato de resistência como campo de organização anticapitalista em substituição às práticas beneficentes, o modo considerado mais eficaz para explicar a função do sindicato é apresentá-lo como equivalente à escola, ampliando seu sentido e função social, como neste artigo de José Mathias de Azevedo, em que fica clara a noção de escola como lugar possível de construção de novas sociabilidades pautadas na solidariedade, apoio mútuo, igualdade e comunidade de interesses:

*"O sindicato é a ESCOLA e o recreio do operário e de sua família; ali ele aprende a ler e ensina aos companheiros que desejam aprender; ali ele aprende a estimar o seu semelhante e irmão, dando assim um passo em prol do sentimento de igualdade; ali ele conhece que o interesse do trabalhador é um só em toda parte; ali ele aprende a ser homem de verdade (...) ali ele aprende a organizar, a produzir e distribuir eqüitativamente o bem comum segundo as necessidades de cada um."*⁶³²

Silvia Petersen, adotando o estudo de Eric Hobsbawn sobre o sindicalismo nesse período, caracterizado como lugar de prática social e política onde se combinava uma atitude (denegação do presente e crença no futuro), uma técnica (a militância), uma estratégia (as greves) e uma esperança (prefiguração de um novo mundo), ressalta o mosaico associativo das primeiras décadas do século XX, onde as escolas, a imprensa, as conferências doutrinárias, o esforço pedagógico se contrapõe à cultura dominante. Eis aí o momento e os mecanismos que implicavam um tipo humano que era, ao mesmo tempo, agitador, pedagogo, jornalista, dramaturgo, profeta e animador cultural. O

⁶³¹ **Voz do Graphico**, ano I, nº 14, 26/11/1921. Fortaleza.

⁶³² **Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

sindicato foi a escola possível de realização dessas múltiplas práticas e de surgimento desses sujeitos sociais.⁶³³

Veja-se aqui que os jornais do Ceará, de certo modo, repercutem e recriam as teses correntes na imprensa dos trabalhadores de outros estados. N'A **Voz do Trabalhador** são vários os articulistas que discutem a importância da organização e união operárias, sendo o sindicato o lugar por excelência onde se faz a propaganda do apoio mútuo, onde se reforçam as reivindicações em torno das necessidades materiais, onde se apuram as responsabilidades dos sofrimentos individuais e coletivos e sobretudo onde se realiza a tarefa de educação moral dos operários. Por educação moral entendem o reforço aos atributos de dignidade e solidariedade. Para eles, o moderno operariado em seus grandes contingentes é capaz de gestar uma comunidade de interesses, fazendo nascer a solidariedade, que *"pode crescer, ganhar força, fazer diminuir ou fazer desaparecer o sentimento de medo, muito freqüente nos isolados"*. Este tipo de educação, para eles, deve realizar-se *"pelo exemplo e pelo contágio que dele resulta: aprendem, afoitam-se a não curvar a cabeça, a não ter medo"*. Por fim, apontam o exemplo das greves como prática da solidariedade e da revolta, sendo elas por isso *"ainda que parciais, (...) úteis e necessárias para a educação da solidariedade e para a educação da revolta"*.⁶³⁴

Este artigo de Santos Barbosa é exemplar na equiparação do sindicato como lugar de educação. Para o articulista, o sindicato é a um só tempo centro de atividade e educação operárias. Definido como *"Agrupação constituída por homens do trabalho*

⁶³³ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. Op. cit., p. 90.

⁶³⁴ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 23, 15/01/1913. Rio de Janeiro.

que, acossados pelo estado de coisas que ai está se associam (...) combatem (...) as condições impostas pelos senhores que tudo consomem e nada produzem".

Para ele a importância do Sindicato reside no fato de funcionar como *"Escola prática de luta do escravo contra o senhor"* e *"Encaminhadora do operariado para os conhecimentos sublimes do problema humano, das grandes teorias semeadas pelos maiores sábios e sociólogos do mundo – as teorias do 'homem livre sobre a terra livre'"*. Acrescenta, ainda, que a virtualidade do sindicato como organização moderna da classe resulta em duas grandes mudanças. A primeira, em que *"se desenvolve o sentimento de solidariedade e a prática da luta pela ação direta"*. A segunda, em que se altera a visão de mundo dos trabalhadores, *"que vivem obscurecidos pela leitura dos jornais burgueses, de romances tolos, poesias carnavalescas e abobalhadas, pelo falso sentimento do patriotismo"*.⁶³⁵

Nesses textos vê-se que o problema da ação e organização encontra-se estreitamente vinculado ao da educação, como de resto é a norma em quase todas as publicações de orientação libertária. João Freire, em seu estudo sobre **A Sementeira** (1909-1919), revista de propaganda e doutrina anarquista de Lisboa, no ponto em que analisa sua estrutura, chama a atenção para um grande conjunto temático referente aos "meios" de combate à situação vigente, que significativamente se articulam em dois pólos: a ação e a organização; a educação, a cultura e a ciência. Para João Freire, sendo a revista voltada à difusão das idéias e doutrina social, e

"não querendo ser científica ou 'intelectual', ela reserva uma considerável energia para a divulgação dos meios que lhe parecem mais convenientes para a transformação desejada. Contudo, não deixa de ser significativo que, entre esses meios, a educação [no seu sentido mais amplo] apresente um peso só por si

⁶³⁵ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 33, 15/01/1913. Rio de Janeiro.

*equivalente à ação operária, ao sindicalismo, à organização anarquista, à tática, à revolta, etc. – todas reunidas.*⁶³⁶

No Ceará, a imprensa de matriz socialista libertária considerava que a apatia, a indiferença dos trabalhadores frente aos constantes apelos organizativos decorria, em grande medida, do analfabetismo, da ignorância, instalados no meio operário. Vencidos estes "grandes males", estariam sendo preparadas em bases mais sólidas a luta reivindicatória, e poder-se-ia superar o quadro de dificuldades para a consecução da tarefa de organização da classe, a partir da constatação de que é necessário promover uma educação integral

*"que capacite aos seres humanos para desempenhar funções úteis à sociedade; a proscrição de todas as superstições e dogmatismos no ensino e a defesa ampla da liberdade de pensar em todas as suas manifestações orais e escritas ou representativas.*⁶³⁷

Pedro Augusto Motta, na sessão da União Geral dos Trabalhadores Cearenses, em 1920, exorta os companheiros à tarefa de instrução, como forma de humanização:

*"(...), caros colegas, procuremos nos instruir, nos arregimentar, para que, unidos e fortes, possamos vencer estes tiranos, sanguessugas do nosso tão maltratado corpo. (...) O homem que não luta pela conquista dos seus direitos e não os sabe defender, já pela ignorância, já pela covardia, é mais bruto e servil que o próprio irracional.*⁶³⁸

É preciso entender que a formulação acerca da necessidade de instrução, nesta vertente socialista, visava propor mecanismos educacionais não apenas para que o trabalhador tivesse contato com os rudimentos elementares da escrita e da leitura. Sua proposta, de caráter mais abrangente, buscava precipuamente aliar os resultados da educação à possibilidade de compreensão da origem dos sofrimentos dos operários, na perspectiva do entendimento dos projetos emancipatórios. São incontáveis os depoimentos reveladores deste tipo de formulação. Transcrevo aqui o de José Bernardo,

⁶³⁶ FREIRE, João. "A Sementeira" do arsenalista Hilário Marques. In *Análise Social*. Op. cit., p. 772.

⁶³⁷ *A Voz do Graphico*, ano I, nº 14, 26/11/1921. Fortaleza.

⁶³⁸ *A Voz do Graphico*, ano I, nº 14, 26/11/1921. Fortaleza.

por conter uma espécie de "esboço programático" mais geral acerca da concepção de educação enfeixada no dístico *Instruir para Redimir* como recurso finalístico e estratégico na organização da classe:

"Para mim, trabalhador manual e sujeito às vicissitudes estafantes do ofício, nada maior como obstáculo à compreensão dos ideais libertários pela massa escravizada ao salário e ao patrão, do que a falta de instrução.

(...) Sem instrução não pode haver compreensão nítida do ideal libertário.

Abraçar uma idéia sem conhecê-la a fundo, é afirmar uma causa que não se sabe o efeito.

Para que se saiba compreender a origem dos nossos sofrimentos e seus efeitos, necessário se faz que tenhamos instrução clara, racional.

(...) Urge, pois, que criemos as nossas escolas para salvuardarmos a parte maior do proletariado adulto e a totalidade dos pequenos operários, se quisermos triunfar futuramente.

*Instrução! deve ser o nosso brado, a nossa divisa, INSTRUIR PARA REDIMIR!*⁶³⁹

A falta de instrução, o analfabetismo, a dificuldade de acesso às escolas oficiais constituíam, a seu juízo, resistentes obstáculos à propagação das idéias libertárias e socialistas. Para a ultrapassagem desse quadro se impunha a criação de variadas formas de "educação da classe", a partir da idéia nuclear de que

*"devemos nos aprestar, unindo-nos e instruindo-nos na Biblioteca de Livros produzidos por trabalhadores e sábios sociólogos, nossos amigos de fato, para arrebatá-lo ao nosso lugar, que deve ser de destaque na administração da nação, destes que nos desprezam e nos exploram sem piedade e sem compostura."*⁶⁴⁰

Considerando ser diminuto, em Fortaleza, o número de estabelecimentos educacionais públicos, somado ainda ao fato de que a escola formal não fazia parte de sua vida, dado que a família operária – homens, mulheres, crianças – desde logo era instada ao trabalho para prover o básico de sua existência, assim manifestavam sua crítica/denúncia:

⁶³⁹ *Voz do Graphico*, ano I, nº 3, 30/01/1921. Fortaleza.

⁶⁴⁰ *Voz do Graphico*, ano I, nº 12, 29/10/1921. Fortaleza.

"O filho do operário quando chega à idade de ir para a escola, mandam-no para a oficina: em vez do livro, dão-lhe a ferramenta do ofício. É mais uma vítima que vai ser devorada pelo Moloch do capitalismo implacável, (...) é se ver pelas fabricas, crianças pálidas, linfáticas, minadas de clorose, organismos que se preparam para a tuberculose, (...).

A culpa maior, (...) cabe aqueles que nunca pensaram em melhorar-lhes a sorte, proibindo a exploração torpe das crianças atiradas nas fábricas em vez de estarem na escola, no templo suntuoso e augusto em que o saber, numa onda luminosa e fluente, derrama sobre os cérebros, a luz grandiosa da instrução preparando-os para se erguerem fortes e indômitos, prontos a se baterem, de frente erguida, pelos ideais sublimes das grandes causas libertárias."⁶⁴¹

O intercâmbio com as folhas operárias de Portugal, que chegam ao Ceará diretamente ou via grupos militantes de São Paulo e Rio de Janeiro, é outra possibilidade de pensar o campo da educação operária conforme eles próprios, ao seu tempo, afirmavam essa demanda. O jornal *A Sementeira*, de Lisboa, na primeira década do século XX, divulga um sem número de grupos militantes que têm na educação seu foco principal. A Biblioteca Emancipadora de Estudos Sociais, o Centro e Biblioteca de Estudos Sociais, do Porto, o Grupo de Propaganda Social, o Grupo Educação Livre, o Gabinete de Leitura Social, de Lisboa, são exemplos, entre vários, do esforço de propagação das idéias e do alargamento do campo de influência através das escolas e das múltiplas práticas educativas, que vão encontrar eco em várias partes do Brasil, como no Ceará. Elementos facilitadores do intercâmbio e da troca de material para a propaganda educativa são, sem dúvida, a língua comum e o conhecimento das obras dos escritores portugueses Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro⁶⁴², além das traduções que chegavam de Portugal.

⁶⁴¹ Panfleto distribuído pela Associação Graphica do Ceará, transcrito do jornal *A Liberdade* (ano I, 1ª quinzena de set/1918. Rio de Janeiro).

⁶⁴² Eça de Queiroz (1845-1900). Na sua juventude, manteve relações com os primeiros grupos socialistas portugueses e tinha afinidade com o pensamento de Proudhon. Romancista muito popular em Portugal e no Brasil, era bastante lido no movimento operário e nos círculos progressistas por seus romances realistas e anticlericais. Guerra Junqueiro (1850-1930). Poeta português muito popular na imprensa operária por seus poemas sociais e anticlericais. Entre seus livros destacam-se *Os Simples*, *Finis Patrea* (continua)

Os contatos com as folhas de Portugal vão também propiciar o aparecimento da preocupação com o tema da história e memória operárias e de seus registros nos dois países. Começam a ser pensados as *Notas para um Dicionário*, no caso d'**A Sementeira**, de Lisboa, que divulga verbetes "*referentes aos indivíduos, às teorias, aos fatos, aos costumes e às instituições*"; a *Bibliografia Anarquista Portuguesa*, no caso d'**A Vida**, de Lisboa, em que Angelo Jorge pede aos grupos libertários que forneçam fontes para o "*trabalho deveras interessante e meritório que concebem e se propõem realizar com o auxílio de todos os camaradas de Portugal e Brasil*".

Um dos militantes empenhados em buscar contatos com Portugal, é Moacir Caminha. Como parte de sua aventura intelectual, se pode observar o exemplo da criação do *Grupo Libertário de Estudos Sociais*, de Fortaleza, em 1911, acompanhada de uma *Agência Libertária* funcionando à rua Senador Pompeu, com o propósito de distribuir livros, opúsculos e jornais de e para diversas partes do país, sempre com o significativo anúncio: "*Dos periódicos de propaganda revolucionária não se aceita nenhuma remuneração.*"⁶⁴³ Tanto a Agência quanto o Grupo Libertário têm como tarefa fundamental a difusão das idéias, e seu modelo é certamente o dos Círculos de Cultura Social, com suas salas de leitura, biblioteca, palestras e festivais operários. Caminha busca contatos com os grupos espalhados pelo país e não descuida da necessidade de estreitar laços internacionais. Em 1910 corresponde-se com o Grupo de Propaganda de Estudos Sociais, de Coimbra, dali recebendo jornais e publicações de propaganda anarquista e da organização operária. Exemplo também desse intercâmbio é a notícia localizada na publicação mensal, **A Sementeira**, de Lisboa. Em 1912, a revista anuncia

e o polêmico e proibido **A Velhice do Padre Eterno**. No Brasil, seu poema **A Fome no Ceará** foi muito citado nas folhas operárias.

⁶⁴³ Localizei também anúncio da Agência Libertária de Moacir Caminha no jornal **A Lanterna**, nº 87, 1911. São Paulo.

que O Grupo Libertário de Estudos Sociais do Ceará pede a todos os periódicos anarquistas de Portugal a remessa permanente de um exemplar de cada número, para sua biblioteca.⁶⁴⁴ Caminha empreendeu uma aventura intelectual independente, no melhor emprego que se faça do termo aventura, que, por esquecida no Ceará, cumpre revivescer.

Outra via de intercâmbio, em Fortaleza, dá-se com a articulação de alguns militantes, formando o Grupo Libertário Amigos d'A **Plebe**. A nucleação em torno do jornal motiva a difusão das idéias socialistas libertárias, conforme se depreende desta notícia:

"Cientificamos por meio deste a todos os camaradas militantes do Brasil e especialmente aos grupos libertários de São Paulo, que enviem sua correspondência para José Mathias, à rua Conde d'Eu, nº 360 – Fábrica Brasil – Fortaleza – Ceará. Espera o mesmo grupo que os camaradas militantes o auxiliem neste canto do Brasil onde desejam e se esforçam por levantar a consciência do seu povo e, particularmente, a do operariado cearense, que permanece ainda em completa desorganização."⁶⁴⁵

A constituição de círculos de leitura em torno dos jornais foi decisiva no esforço de congregação dos militantes, na tessitura de vínculos entre distintas regiões do país e instrumento de fundamental importância no processo de auto-educação do proletariado. Para que se dimensione seu grau de significação, apresento aqui em parte o *Projeto de bases de acordo para formação de núcleos libertários*, que informou a ação de Moacir Caminha, José Mathias, Ernesto Brasil, Pedro Augusto Motta, Francisco Falcão, José Bernardo, Eurico Pinto, entre outros, criando em Fortaleza o Grupo Libertário de Amigos d'A **Plebe**, em 1921. O Projeto definia como princípio central a necessidade de formação, consagrado pela auto-educação e *"recíproca influência cultural dos seus membros a mais firme e maior capacitação de todos e de cada um dos seus*

⁶⁴⁴ *A Sementeira*, ano IV, nº 40, jan., p. 32. Lisboa: 1912. Sobre a revista, ver o estudo FREIRE, João. "A Sementeira" do arsenalista Hilário Marques. In *Análise Social*. Op. cit.

componentes". A necessidade de formação individual visava converter o pequeno núcleo em centro de irradiação de *"uma intensa e perseverante propaganda tendente à elevação intelectual e moral dos trabalhadores"*. Para eles, a estratégia de auto-educação formadora de "espíritos livres" era condição indispensável para promover a luta anticapitalista. A eficácia de tal estratégia, cujo objetivo era o advento de *"uma sociedade harmônica e solidária edificada pela livre inteligência dos produtores"*, requeria a propagação incessante *"pela palavra, pela escrita e pela associação de vontade, na luta contra as instituições do Estado e contra as rapinas do capital"*.

Apresentados os princípios de formação dos núcleos militantes, o enunciado de seus fins recupera os atributos da união, da afinidade ideológica e dos laços de solidariedade como signos de coesão, destacando os elementos indispensáveis à circulação das palavras de combate. A divulgação dos jornais, livros e folhetos ocupa lugar central, associada às reuniões, conferências, atos de protesto, devendo *"quando possível, fundar uma biblioteca de estudos sociais, entrando em relações com os grupos, centros operários, jornais, etc., no sentido de obter os meios necessários a esse fim"*.⁶⁴⁵

Todo esse conjunto de atividades era secundado por outro, objetivando cumprir a tarefa de "instruir para redimir", o que se fazia de forma constante, através da realização de palestras, conferências, cursos e da adaptação, ao teatro, da literatura social produzida no meio operário ou que sobre ele tematizasse. Vão, pouco a pouco, tentando constituir espaços de diferenciação da cultura dominante e até mesmo em relação aos grupos com atuação no meio operário, em particular com as sociedades beneficentes e o círculo operário católico.

⁶⁴⁵ **A Plebe**, 26/05/1923. São Paulo.

O **Voz do Graphico** (1921) e **O Combate** (1920) veiculam permanentemente convites para conferências e palestras, em Fortaleza e no interior (Sobral, Quixadá e Aracati). O temário abarca desde a discussão de fatos mais ligados ao cotidiano das reivindicações, às pautas de luta por melhores salários, redução da jornada de trabalho, condições dignas de trabalho e moradia, até aquele assunto de caráter essencialmente doutrinário. Muitas são as conferências abordando os temas: *O Socialismo e as Sociedades de Resistência ou Sindicalistas*, *O Cooperativismo e o parlamentarismo*, *O Papel da mulher na luta operária*, *Os Direitos dos trabalhadores nas fábricas e nas ferrovias*, *O Valor das Sociedades Sindicalistas*, *O Socialismo contemporâneo*, *O Sindicalismo e a emancipação econômico-social do proletariado*, *O Papel da imprensa na propaganda social*, entre outras.

Falam também de História. Buscam no campo da História muito mais os exemplos, as breves fulgurações, as rápidas cintilações que outros tempos e outras lutas construíram. Fazem digressões até períodos mais recuados no tempo, como possibilidade de constituir, no plano da memória, uma genealogia mítica que legitimasse sua ação na contemporaneidade. No que tange especificamente ao ensino da História o jornal dos gráficos transcreve esse excerto:

"A História não dá lições à infância, só as dá aos historiadores, e detestareis quase sempre. Tudo o que o homem tem feito para embelezar a sua existência, a criança facilmente o compreenderá. E isto é o mais importante que há na História. É o progresso, o que mais convém ensinar as crianças e não a vida, e milagres das personagens ilustres monarcas, políticos ou generais. Não faz falta nenhuma que a criança não saiba, durante anos, que hão existido estes seres decorativos e perniciosos."⁶⁴⁷

A crítica ao modo convencional do ensino da história, feita nestes termos, guarda relação com os debates correntes no interior do movimento operário em suas

⁶⁴⁶ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 7, 12/03/1921. Fortaleza.

⁶⁴⁷ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 8, 26/03/1921. Fortaleza.

tentativas de criar escolas cujo ensino se diferencie do modelo dominante (*preconceituoso, místico, irracional*). Na **Correspondência seleta**, de F. Ferrer, encontramos uma carta de P. Kropotkin, defendendo a reforma dos métodos de ensino e manifestando sua crítica à história como ensinada no século XIX: "*En todas partes la historia en la escuela es tiempo absolutamente perdido para aprender nombres, leyes incomprensibles para los niños, guerras, mentiras convencionales.*"⁶⁴⁸

Estão também atentos à mulher trabalhadora; em suas conferências dizem da importância de sua adesão aos sindicatos e defendem que elas "*devem gozar e coparticipar dos mesmos direitos que os homens desfrutam*", expressando que a luta, no espaço privado e no sindicato, pela alteração substantiva das condições de reprodução da família operária é tarefa conjunta de homens e mulheres, ainda que mantenham no discurso o entendimento preconceituoso de que a mulher "*não obstante ser tida como a parte mais fraca, nem por isso deve ser desprezada*", na prática, dirigem esforços à educação feminina, como foi o caso das escolas Humanidade Nova e Renascença.⁶⁴⁹

Sucedem-se os convites para conferências tanto em Fortaleza como em outras regiões do interior, destacando os conferencistas que realizam excursões de propaganda, como é o caso aqui de Newton Craveiro⁶⁵⁰, em Sobral, em 1921, por iniciativa do

⁶⁴⁸ FERRER, Francisco. *Una Carta de Kropotkin*. In **La Escuela moderna**. Madrid: Ediciones Júcar, 1976, p. 264. Uma bibliografia sumária sobre vida e obra de F. Ferrer encontra-se em MUÑOZ, V. **Correspondencia selecta de Francisco Ferrer Guardia**, supplement au **Cenit**, n° 198, Paris, 1971.

⁶⁴⁹ Aqui reproduzo pertinente observação de Guacira L. Louro acerca dos núcleos militantes socialistas e anarquistas e suas práticas educativas. Para a autora, "*na virada do século, grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticos, como o socialismo ou o anarquismo, não apenas apresentaram propostas para a educação de suas crianças, mas efetivamente as tornaram realidade através da criação de escolas (...) e davam atenção às questões relativas à educação feminina. Nos jornais libertários, eram freqüentes os artigos que apontavam a instrução como uma 'arma privilegiada de libertação' para a mulher. Além da imprensa e dos encontros que, (...) tratavam da educação e da participação feminina no movimento operário e na sociedade, as escolas libertárias também se preocupavam com a instrução das meninas.*" (LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000, p.446).

⁶⁵⁰ Newton Craveiro, Inspetor Escolar, em 1914, notabiliza-se como um dos entusiastas e divulgadores dos métodos da Escola Nova, de Lourenço Filho. Autor do livro didático **João Pergunta ou Brasil Seco** (continua)

Sindicato dos Operários Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral:

*"Acha-se entre nós, vindo da zona norte do Estado, onde muito há trabalhado em prol das idéias novas, o nosso prezado camarada Newton Craveiro, que vem de fazer uma série de palestras no Sindicato dos Operários Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral, – Filial da União dos Ferroviários Cearenses e que já está inscrito como um dos oradores da sessão de hoje da Federação dos Trabalhadores do Ceará, bem como para fazer uma palestra amanhã, 2, na sede do Sindicato dos Carpinteiros."*⁶⁵¹

Sob os auspícios da Federação dos Trabalhadores do Ceará, a partir de 1920 realizam-se palestras operárias, sendo seu dinamizador o dirigente gráfico Pedro Augusto Motta, que aborda uma série de temas ligados ao socialismo e às sociedades de resistência ou sindicalistas, tratando de difundir entre sua audiência as teses libertárias, centradas na virtualidade da organização sindical como contraponto aos apelos da política partidária. Registre-se que neste período o militante gráfico se aproximava cada vez mais da vertente anarquista e do sindicalismo revolucionário, tendo já explicitado suas divergências com o núcleo fundador do Partido Socialista Cearense, de 1919. Parece estar extraindo das resoluções emanadas da constituição dos núcleos libertários, nos anos 1920, o modo de realização de sua militância:

"Deverá, sempre que possa, promover a organização dos trabalhadores em sindicatos de ofícios vários, e tomará parte direta nas organizações de outras

(Fortaleza: Tip. Progresso, 1924), inovador em matéria pedagógica (livro de leitura regional onde foram analisados problemas referentes às secas do Nordeste: açudagem, poços tubulares, irrigação, lavoura seca, higiene, economia, previdência e cooperação); sobre o qual Gilberto Câmara diz ser "a obra mais meritória que até hoje se logrou efetivar em nossa terra, no domínio das letras didáticas" em suas 36 "admiráveis lições", lembrando em algumas passagens **O Coração**, de Edmundo de Amicis (cf. NOBRE, Geraldo. **As Sete vidas de Gilberto Câmara**. Fortaleza: ABC, 1999). Sobre sua colaboração com Lourenço Filho, ver CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **João Hippolyto de Azevedo e Sá. O Espírito da reforma educacional de 1922 no Ceará**. Fortaleza: EUFC, 2000. Sobre seu trabalho na área de educação em Sobral, como Delegado de Ensino, consulte-se ARAÚJO, Sadoc F. **História da cultura sobralense**. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1978, p. 161. No mesmo estudo, informações sobre a iniciativa de Newton Craveiro com o Instituto Visconde de Sabóia e as polêmicas suscitadas em Sobral (algumas registradas na imprensa) em relação aos métodos de ensino. O prof. Newton Craveiro produziu alguns estudos sobre a situação do ensino no Ceará, publicados nos anos 1920. Alguns formam uma base documental para o estudo da História da Educação no Ceará. A esse respeito, veja-se *A Reforma do Ensino – período de Renascença - 1922*. In **Almanach do Ceará**. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1924. Veja-se ainda sua incursão pelo "estudo sociológico", em **Quem é o sertanejo** (Fortaleza: Typ. Commercial, data ilegível).

⁶⁵¹ A Voz do Graphico, ano I, nº 10, 01/05/1921. Fortaleza.

*tendências, quer sejam reformistas, sindicalistas ou beneficentes, procurando fazer com que as mesmas se orientem pelos métodos de ação direta na luta contra o Estado e o Capital.*⁶⁵²

A Federação dos Trabalhadores do Ceará, adotando o lema da resistência à exploração e a educação como *leitmotiv* de sua ação, organiza-se nos mesmos moldes que suas congêneres em outros Estados. Observe-se um dos pontos do documento de conclamação ao princípio confederal exposto pela Federação Operária de São Paulo:

"Trabalhadores!

Acabamos de vos expor os fins da organização: a resistência à exploração e a educação, o melhoramento material, moral e intelectual do operário. A nossa FEDERAÇÃO tem esses fins.

*Publicará jornais, folhetos, manifestos, fundará uma biblioteca, uma sala de leitura, promoverá conferências, suscitará a união das classes operárias não associadas, fará enfim todos os esforços no sentido de bem desempenhar sua missão. (...)*⁶⁵³

Como um dos dirigentes da Federação, o militante Luís Araújo é animador permanente nas sessões operárias de Fortaleza, como nesta realizada na Sociedade Beneficente Centro dos Carroceiros, em 2 de fevereiro de 1921, onde com

*"linguagem facilíma e esclarecida, demonstrou o grande valor e as vantagens oferecidas pelas sociedades sindicalistas. O orador, depois de haver tocado em várias outras considerações referentes ao meio operário fortalezense, terminou a sua palestra entre calorosas palmas da numerosa assistência, toda ela composta de elementos de diferentes ramificações operárias".*⁶⁵⁴

Ou ainda, na União dos Ferroviários Cearenses, nos idos de janeiro de 1921, divulgando os princípios do sindicato de resistência:

*"(...) realizou-se (...) a esperada conferência do nosso camarada Araújo, que dissertou sobre as sociedades beneficentes e sindicalistas e sobre o cooperativismo e parlamentarismo, demonstrando com dados suficientemente prováveis as desvantagens das sociedades de caráter beneficente e as vantagens das de feição sindicalista e o perigo do cooperativismo e do parlamentarismo, como prejudiciais ao progresso das organizações operárias.*⁶⁵⁵

⁶⁵² A Voz do Graphico, ano I, nº 7, 12/03/1921. Fortaleza.

⁶⁵³ Panfleto distribuído como suplemento ao nº 7 d'O Chapeleiro (São Paulo, s/d).

⁶⁵⁴ A Voz do Graphico, ano I, nº 3, 06/01/1921. Fortaleza.

⁶⁵⁵ A Voz do Graphico, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

Ora são os militantes os envolvidos na criação dos sindicatos de resistência, ora são os dirigentes da União Geral dos Trabalhadores Cearenses, depois Federação dos Trabalhadores do Ceará, como ainda alguns conhecidos professores de Fortaleza que estreitam laços de colaboração com as entidades operárias, inclusive criticando seus pares que, segundo eles, dispõem de discernimento intelectual e compreendem as mazelas do seu tempo gestadas pelo capitalismo e não firmam compromissos de difusão das teses anticapitalistas no meio operário. Um destes é o professor Paula Achilles que, oferecendo seus préstimos para a fundação de uma escola operária, em meio a uma anunciada *"numerosa assistência de trabalhadores"*, fazia uma conferência sobre o Socialismo Contemporâneo. Ao abordar o tema tratava de fazer a crítica aos intelectuais que *"apesar de conhecerem a questão social, as grandes verdades do Socialismo e as grandes misérias do regime atual, não tem a devida hombridade de revelar ou propagar esses conhecimentos e preferem acompanhar a turba dos exploradores"*.⁶⁵⁶

Ao mesmo tempo reafirmava a necessidade de adotar mecanismos que favorecessem a educação operária para que *"a consciência de todos e a união de vistas entre todos sejam os meios de ação dos trabalhadores"*. Na qualidade de professor, defendia a instalação de escolas para trabalhadores como um caminho para o fortalecimento dos laços de união e solidariedade, para ele imprescindíveis na tarefa de organização da classe.⁶⁵⁷

Falam ainda ao público reunido nos salões das entidades operárias: João Ramalho, pela Sociedade Deus e Mar; Francisco Falcão, pela Associação Graphica; Luiz Nascimento, pela União dos Ferroviários; e Joaquim Alves e Alcides Gomes de Mattos, pela União Geral. Vez em quando aparece nos jornais um camarada pedreiro,

⁶⁵⁶ A Voz do Graphico, ano I, nº 4, 05/02/1921. Fortaleza.

alfaiate, barbeiro, que embora não nominado, está falando sobre os temas em voga no seu meio. Certamente não são anônimos e compuseram com tantos outros esta lista de intérpretes, tradutores e elaboradores do pensamento e das lutas sociais no Ceará nas primeiras décadas do século XX.

Os conferencistas comparecem em vários sindicatos, sessões comemorativas e parecem ser oradores apreciados por seu público, tal é o destaque a eles conferido na imprensa dos trabalhadores. Nos modestos salões das entidades operárias de Fortaleza e do interior do Ceará – na Associação Graphica do Ceará, União dos Ferroviários Cearenses, Escola Operária Secundária, Sociedade Beneficente Centro dos Carroceiros, Federação dos Trabalhadores do Ceará, Sindicato dos Carpinteiros, Sindicato dos Operários Ferroviários de Sobral, Aliança Artística e Proletária de Quixadá – alguns conferencistas foram os responsáveis diretos pela difusão das idéias socialistas gestadas no século XIX.

Os nomes dos conferencistas participam da memória do período como sujeitos que a seu modo traduziram e recriaram as idéias correntes: Pedro Augusto Motta, Luís Araújo, Joaquim Alves, Gastão Justa, Paula Achilles, Newton Craveiro, Moacir Caminha, Eurico Pinto, Mercedes Dantas, Paulino Moraes, entre vários, intentaram no Ceará interpretar as idéias sociais de seu tempo com base nas leituras de Kropotkin, Maximo Gorki, Francisco Ferrer, Elisée Reclus, E. Malatesta, Max Netlau, Jean Grave, Max Stirner, Sebastien Faure, Proudhon, Karl Marx, entre tantos.

Ressalte-se aqui a função das conferências como uma das modalidades de "leitura comentada". No caso da imprensa dos trabalhadores, é razoável situar essa prática como herdeira da tradição do *lector*; as conferências realizadas nos salões das

⁶⁵⁷ A Voz do Graphico, ano I, nº 4, 05/02/1921. Fortaleza.

entidades operárias e os discursos em suas assembléias e atos de protesto ou celebração são elementos de difusão da palavra impressa. Através dos conferencistas que traduzem e adaptam as realidades do seu meio às teses correntes, os não alfabetizados têm acesso à palavra impressa. Veja-se ainda que a metodologia das conferências, quase sempre seguidas de debates, guarda relação com o dispositivo das "leituras comentadas" da experiência portenha, já referida. Elas também funcionaram como mecanismo de propaganda e educação, propiciaram o debate e constituíram momentos de socialização do repertório de autores e temas da tradição socialista, além de favorecerem o conagraçamento e a manifestação de laços de camaradagem, em si um ato comunicativo.

O conteúdo das conferências é quase inteiramente recolhido na fonte dos escritos libertários, transpondo com as necessárias mediações aquele quadro doutrinário. Sua finalidade mais imediata era a publicização das idéias com um efeito prático: a formação dos sindicatos de resistência como sucedâneos das entidades mutualistas, de características marcadamente beneficentes e assistencialistas.

Assim, abordam as diferenças entre as formas de organização existentes no movimento operário, realizando de forma pedagógica um quadro comparativo entre o sindicato e o centro beneficente, para daí extrair o que consideram vantagens do modelo sindicalista e desvantagens em permanecer atrelado ao marco assistencial, evidenciando as disputas de projeto no meio operário cearense.

Esboçam a crítica contundente ao que consideram "desvios organizativos", dados com a criação de cooperativas de consumo e poupança ou a adesão à via parlamentar, indicando os riscos decorrentes da adoção destes mecanismos porquanto *"prejudiciais ao progresso das organizações operárias"*, uma evidência das disputas com o Centro Artístico Cearense e das divergências em relação à criação do Partido Socialista Cearense, em 1919.

Além das conferências, publicam traduções de artigos seccionadas em várias edições, como os de Émile Pouget, Émile Costa⁶⁵⁸, P. Kropotkin e Maximo Gorki, ao lado dos intelectuais franceses reunidos na revista **Clarté**⁶⁵⁹, ressaltando a tese por ela difundida no que se refere à ordem moral e à necessidade de educação integral aos indivíduos. Publicizam também os artigos de Anatole France, enfatizando sua adesão à Internacional Comunista, saudando-o por suas "palavras de fogo" em **Pour les temps meilleurs**, em que o escritor francês combate as iniquidades e injustiças de seu tempo e prega o "*advento do mundo novo*".

Através das traduções publicadas nos jornais e das listas de livros recomendadas em sua imprensa é possível pensar o conteúdo das bibliotecas básicas que começam a existir em alguns sindicatos. Neste ponto, recorro, ainda uma vez, às observações de Martyn Lyons. Em seu estudo sobre as seleções de livros de trabalhadores franceses para sua *bibliothèque populaire* ou *bibliothèque démocratique*, observa que eles escapam às tentativas de controle dos *notables* da cidade e da *élite* religiosa, incluindo os livros de Voltaire, Rousseau, George Sand, Eugène Sue, Infantin, Louis Blanc, Fourier e Proudhon, indicativo do esforço dos leitores operários na formação de "*uma*

⁶⁵⁸ Émile Pouget (1860-1931). Anarquista e sindicalista francês, fundador da CGT e um dos formuladores do sindicalismo revolucionário que influenciou os sindicatos anarco-sindicalistas em escala global. Émile Costa (1877-1952). Intelectual, pedagogo e militante libertário português, autor de várias traduções de textos anarquistas e sindicalistas.

⁶⁵⁹ O grupo Clarté brasileiro pretendeu ser uma seção brasileira da Liga Internacional para o Triunfo da Causa Internacional, formada em Paris por intelectuais, simpatizantes da Revolução Russa e editores da revista Clarté. O grupo brasileiro, formado em 1921, por Nicanor do Nascimento e Maurício de Lacerda, reuniu intelectuais e alguns líderes operários simpatizantes do comunismo, socialistas, ex-anarquistas, mas sem uma grande definição ideológica. Para o estudo da formação do grupo Clarté no Brasil, ver PINHEIR, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *O Grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho*. In PRADO, Antônio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil. Memória, lutas, cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 251-287.

*cultura literária própria, livre do controle da burguesia, do catolicismo ou da burocracia".*⁶⁶⁰

Além de manterem seções fixas nos jornais, como a *Bibliotheca do Movimento Social*, indicando um variado conjunto de leituras, propõem a formação de bibliotecas nas sedes de suas entidades, como se observa da iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Fortaleza que

"possui uma pequena Biblioteca que já vem prestando alguma utilidade entre os seus sindicalistas, como também a todo e qualquer companheiro que procura ler os livros que lá estão.

*A nossa biblioteca não é, absolutamente, de uso privado do sindicato, visamos, com isto prestar serviços à coletividade proletária. Não somos egoístas, acima do interesse próprio está o da humanidade sofredora, parte integrante do nosso sublime ideal. Lamentamos que, (...), a Biblioteca do S. T. G. não seja um completo viveiro de livros. (...) esperamos que os trabalhadores tomem em consideração o nosso apelo enviando qualquer oferta que seja útil ao desenvolvimento intelectual da massa trabalhadora, privada que vive de estudos desse gênero.*⁶⁶¹

A divulgação das listas de livros e a formação de bibliotecas decorrem em grande medida dos índices recolhidos através do intercâmbio ainda que precário de informações, com o que consideravam *"centros mais adiantados"*. Buscavam, sem intervalos, o contato com os grupos editores de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Portugal, realizando o intercâmbio com o que consideravam sua contraparte metropolitana. Tentavam difundir os escritos e destes os ecos das lutas travadas nos centros considerados mais avançados, procurando superar as distâncias de permeio e as debilidades organizativas. Vencendo o problema das grandes distâncias, a circulação irregular das publicações e outras dificuldades, aqui e ali noticiam o não recebimento de

⁶⁶⁰ LYONS, Martyn. *Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários*. In CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura...* Op. cit., p. 187.

⁶⁶¹ *Trabalhador Gráfico*, ano I, nº 18, 16/08/1930. Fortaleza.

alguns jornais de outros estados, denunciando tal fato como decorrendo da apreensão, pelo serviço local dos correios em Fortaleza, dos jornais operários enviados.

Os jornais, brochuras e folhetos recebidos, entre outras funções, tornam-se instrumentos significativos também na dinamização dos salões de leitura nas entidades operárias, que tratam de socializar seus conteúdos:

"Recebemos os números 14, 15 e 16 do 'A Voz do Trabalhador', órgão do Sindicato dos Pedreiros, Carpinteiros e demais Classes, e dos Trabalhadores geral da Bahia, e o 'Internacional', órgão dos empregados dos Hotéis, Restaurantes, Confeitarias, Bares, Cafés e classes anexas, de São Paulo.

A estes sentinelas avançadas dos fracos e oprimidos agradecemos e levamos o nosso encorajamento pela luta a que estão empenhados na defesa dos direitos da humanidade."⁶⁶²

Vão assim, por dentro de sua imprensa, realizando um intercâmbio de leituras, atualizando o índice doutrinário e conectando práticas sociais com seus congêneres: **Solidariedade (RJ), Trabalhador Graphico (SP), O Graphico (RJ), A Plebe (SP), A Liberdade (RJ), A Voz do Trabalhador (RJ), O Proletário (MG), A Vanguarda (RJ), O Internacional (SP), Tribuna Graphica (PA), O Livre Pensador (SP), A Lanterna (SP), Novo Rumo (RJ) e A Terra Livre (SP)**, entre outros. Já em 1896, o jornal **O Combate**, Órgão do Partido Operário do Ceará noticia: *"Temos com assiduidade recebido este importante órgão de propaganda do Centro Operário da Bahia. Bem orientado e de formato igual ao da nossa folha é a Voz do Operário um jornal que muito promete em favor do proletariado brasileiro.*"⁶⁶³

⁶⁶² **Voz do Graphico**, ano I, nº 5, 19/02/1921. Fortaleza.

⁶⁶³ **O Combate**, ano VI, nº 1, 01/01/1896. Fortaleza. Ao Esperanto, chamado de "língua da humanidade", associaram o internacionalismo. Através da imprensa operária sabe-se de cursos de esperanto ministrados em vários Centros de Cultura libertários; um dos exemplos, já no final da década de 1940, é o Grupo Laborista Esperantista Kulturo, em São Paulo, e o Laborista Esperantista Asocio, no Rio de Janeiro. Cf. GERALDO, Endrica. **Práticas libertárias do Centro de Cultura Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951)**. In **Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas**. Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH, nº 8 e 9, pp. 165-190. Campinas: UNICAMP, 1998.

Um outro tema de destaque na imprensa de matriz socialista é a aprendizagem de uma língua internacional auxiliar, o que, segundo seu ponto de vista, contribuiria para a comunicação entre as várias nacionalidades e facilitaria a propagação das idéias, transpondo as fronteiras nacionais. Apresentando o Esperanto como sendo esta língua internacional, a Federação dos Trabalhadores do Ceará aprova uma Resolução em que aconselha o estudo do Esperanto em todas as associações federadas e propõe sua propaganda de forma ampla. Alguns militantes congregados em torno d'A Voz do Graphico participam do VI Congresso Brasileiro de Esperanto, realizado no Rio de Janeiro, em 1921, indicando Antônio Vaz para representar a Federação junto ao referido Congresso e criam em Fortaleza uma entidade – Nova Samideanaro – dirigida por Francisco Falcão (sucedido por Eurico Pinto), que trata do ensino e propagação da língua junto às Associações Operárias, conforme se depreende da Moção, que informa sobre as relações entre a língua internacional e o movimento dos trabalhadores. A adoção e divulgação do Esperanto, para eles, atende a algumas premissas básicas do internacionalismo proletário: o inadiável estabelecimento das relações entre os trabalhadores em escala mundial; a adoção de uma língua internacional de fácil compreensão e disseminação mediando o esforço de comunicação; o uso do Esperanto por diversos núcleos de trabalhadores em muitos países. Por fim, dizem no Esperanto encontrar para além da língua *"um ideal de fraternidade humana"*.⁶⁶⁴

⁶⁶⁴ A sociedade esperantista Nova Samideanaro, é fundada em Fortaleza, em 14/04/1919, tendo como diretoria: Eurico Pinto Pereira (presidente), Joel de Lima Linhares (vice-presidente), Antonio Freire Jucá (secretário) e Maria José de Castro (tesoureira). Em 1921 é esta a diretoria: Francisco Assis do Rego Falcão (pres.), Antonio Freire Jucá (secretário), Amélia de Castro (tesoureira), Eurico Pinto Pereira (orador oficial) e Maria José de Castro (bibliotecária). Veja-se o texto da moção apresentada no Sexto Congresso Brasileiro de Esperanto, pela delegação do Ceará: *"A Federação dos Trabalhadores do Ceará, em sua última sessão resolveu: 1º aceitar o Esperanto como língua fácil para as suas relações internacionais; 2º aconselhar o estudo do Esperanto a todas as Associações Federadas; 3º Dar o seu apoio moral ao VI Congresso Brasileiro de Esperanto; 5º Farei estas comunicações por intermédio do Sr. Francisco Falcão, representante do VI Congresso e Presidente da Nova Samideanaro; 6º Fazer tenaz propaganda do Esperanto no seio da classe trabalhadora em geral."* (A Plebe, 06/05/1921. São Paulo).

No ano de 1911 já se iniciara a divulgação do Esperanto, encontrando em Caminha a primeira iniciativa de ensino dessa língua em Fortaleza, ministrando o curso *Terra e Liberdade*. Para Alcimo Cavalcante de Aguiar, a denominação dada ao primeiro curso de Esperanto "*refletia o homem amargurado pelos problemas sociais. E Moacir sonhava com um mundo melhor*".⁶⁶⁵

A divulgação do Esperanto no Ceará e suas ligações com o movimento operário encontram em Moacir Caminha um entusiasta, conforme já apresentado. Com Francisco Falcão, Eurico Pinto, Raimundo Ramos e outros funda os jornais **Brazila Vivo** (1922) e **Nova Mondo** (1923), dispondo-se ainda a ministrar aulas gratuitas da língua, como se observa nos anúncios veiculados no **Voz do Graphico**.⁶⁶⁶

Veja-se que, através da idéia de "instruir, educar", a imprensa de matriz libertária no Ceará realiza um programa, partindo de reduzidos círculos, com o objetivo de alterar as percepções dominantes. Suas várias iniciativas aspiram a construção de uma nova sociabilidade pautada em valores emancipatórios, retirando os trabalhadores de sua condição subalterna em uma sociedade regulada pelo "poder do ouro e da inteligência". Assim se expressam acerca da fundação de escolas proletárias:

"Não se pensou ainda, não se pensou que eu saiba, neste país em que se pensa em tudo, na fundação de escolas proletárias, escolas que deviam ser regidas por professores idôneos, homens capazes de educarem racionalmente criaturas racionais e, não como a educação que é dada por aí, andam custeadas pela Prefeitura e onde se encostam uma dezena de professoras ineptas que fazem do

⁶⁶⁵ AGUIAR, Alcimo Cavalcante de. *Início do movimento...* Op. cit., p. 56. Um segundo curso é ministrado em 1911, à rua Barão do Rio Branco, reunindo as seguintes alunas: Lélia Lustosa Vasconcelos, Ceci Abreu, Engrácia Ferreira, Maria de Lourdes Abreu, Maria do Carmo Abreu, Maria José Ferreira, Maria Luíza Abreu, Frutuosa Araújo, Maria Antonieta de Abreu, Maria Anésia Ferreira, Rosa Ferreira e Ofélia Abreu Gomes.

⁶⁶⁶ O ensino e a divulgação do Esperanto, como já disse, encontram, em Moacir Caminha, a primeira sistematização em Fortaleza. Em 1917, colabora com Eurico Pinto e Francisco Falcão, entre outros, visando a reorganização do Esperanta-Klubo Cearense. Sua participação no movimento esperantista, articulando-o às dimensões da propaganda libertária, continua até os anos cinquenta no Rio de Janeiro, onde edita **O Professor de esperanto**. Essa dimensão de sua militância é ampla, conforme registrado em várias publicações de sua autoria.

racional um perfeito irracional. Essa iniciativa desde que não parte do governo, deve partir do operário. Ela será a pedra de toque da grande remodelação social. (...)

O homem sem instrução, é um ser inferior, é uma espécie de animal, de besta que a astúcia dos outros acorrenta para utilizar-se em proveito próprio. O homem sem instrução é um escravo que pertence a um senhor: o operário ignorante tem um dono e esse dono – o patrão – maltrata-o e submete-o vencido à sua vontade esmagadora.

O operário não deve fazer nessa ignorância profunda que o avilta e humilha e, se faz, não deve deixar o filho viver na mesma treva espessa em que ele vive. A educação operária faz-se preciso: ela é urgente e inadiável. O operário de hoje necessita ser instruído e educado para conseguir com brio, sem baixezas, seus desejos...¹⁶⁶⁷

O que se pode perceber, através do trabalho empírico, é que, desde os momentos finais do século XIX, setores do proletariado cearense vislumbram a necessidade de auto-esclarecimento, tendo em vista que *"não somente a desorganização, mas também a desunião e a ignorância que, infelizmente suplantam e concorrem bastante para o indiferentismo em que se encontram as classes trabalhadoras no Ceará, precisam ser combatidas (...)"*¹⁶⁶⁸ A educação, pois, como mecanismo da estratégia da luta emancipatória é parte das diretrizes programáticas esboçadas pelo operariado cearense em sua imprensa que, partindo do diagnóstico mais geral segundo o qual as condições de miserabilidade e a crescente pauperização da classe operária decorrem basicamente da exploração patronal, entende que estas condições se agravam frente ao quadro de ignorância e desunião e fazem a seguinte exortação:

"Tomando a palavra não poderia deixar de aproveitar a oportunidade para vos incitar a trilhades o caminho da união e da instrução, pois só com estas duas alavancas do progresso é que podereis vencer todos os obstáculos que se oponham á vossa marcha para destinos mais elevados; só unindo-vos e instruindo-vos podereis atingir aquele grau de consciência e de convicção, capaz de vencer todos os empecilhos, todas as ciladas e todas as dificuldades com que os nossos inimigos costumam procurar impedir o advento de uma sociedade mais justa, mais benéfica e altruísta: é pela união que adquirireis a dureza do aço, a resistência do ferro, a rijeza do granito, o qual afronta todas

⁶⁶⁷ A Voz do Graphico, ano I, nº 7, 12/03/1921. Fortaleza.

⁶⁶⁸ A Voz do Graphico, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

as tempestades e todas as tormentas, mantendo-se insensível, sem mossas e sem arranhaduras. É pela instrução que conseguireis adquirir a consciência de vossa força, de vossos deveres e de vossos direitos."⁶⁶⁹

Para os trabalhadores gráficos e outras categorias que se manifestam através de seu jornal, "ignorância" está a um só tempo na origem e causa das dificuldades organizativas, portanto, sinônimo de "inconsciência". Ancoram esta compreensão no ideal da Ilustração, opondo à tríade falta de instrução/ignorância/desunião e seu conseqüente dismantelamento à aquisição de conhecimento/consciência/organização. Para eles, o que *"desvaloriza o operário é a inconsciência, a ignorância, é o não compreender seu valor, sua força, sua necessidade no conjunto da Sociedade e do Progresso"*. Educado, o "homem do trabalho" transmuta-se em "verdadeira alavanca do progresso", pois que *"educado, saberá lutar e, certamente saberá vencer"*.⁶⁷⁰

Ainda nesta linha, a argumentação é construída de modo a que os leitores/trabalhadores percebam que seu estado de miséria, salários aviltados, confisco de direitos elementares pode ser transformado, desde que estejam municiados da inteligibilidade do mundo e compreendam as raízes geradoras de tal quadro. Afirmam que a fonte de poder na sociedade de seu tempo reside na concentração do capital e na apropriação do saber para fins da dominação, localizando aí um elemento a mais que justifica a necessidade de cultivar o espírito, para empreender a luta emancipatória. Tal é sua formulação:

"Na sociedade presente existem duas cousas que dominam o mundo: uma é o ouro; outra a inteligência. E já que não possuímos o ouro presentemente, é preciso cultivarmos a inteligência, porque o resultado desta imbecilidade é ficarmos reduzidos a um estado de mendicância tal que nos há de causar dó, e com espirito culto, iluminado pela instrução, saberemos lutar, saberemos vencer.

⁶⁶⁹ A Voz do Graphico, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

⁶⁷⁰ A Voz do Graphico, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

Cultivemos pois o nosso espirito, e esta miséria que reina em nosso meio há de desaparecer, há de sucumbir!.

(...) e como a consequência desses males que nos corrompem e nos degeneram é a falta absoluta de instrução e especialmente de união, instruíamo-nos e unamo-nos!

Instruíamo-nos sim, porque instruídos saberemos repelir os males que nos afetam, consequência direta da ignorância reinante em nosso meio e que nos assoberba e nos asfixia!

Unamo-nos, sim, porque unidos poderemos exigir os nossos direitos, conquistar as nossas reivindicações!

*À Escola, à Sociedade, pois, camaradas!*⁶⁷¹

O chamamento reiterado n'A **Voz do Graphico**, *À Escola, à Sociedade, pois, camaradas!*, indica o alargamento da concepção de educação. A escola, espaço formal de apropriação de saberes, é requerida, mas não substitui a escola do sindicato, das greves, dos jornais. Como ainda, a educação como formação do ser moral, na expressão de Kropotkin, é buscada através das memórias, ritos, símbolos e alegorias que vão se inscrevendo e ressemantizando no campo das tradições operárias, como se vê na unidade seguinte.

6 – Memórias, ritos e símbolos: mecanismos de auto-educação

Os jornais de leitura coletiva, os livros, a leitura ouvida, os panfletos passados de mão em mão, os *meetings*, o teatro, a poesia, os hinos, as bandas de música, a iconografia, os estandartes, as estampas, os piqueniques, as excursões de propaganda, as conferências, as escolas noturnas para operários, as greves, as demonstrações de Primeiro de Maio, o recurso às memórias exemplares, são procedimentos pensados pelos trabalhadores como parte da estratégia de promover a educação, o auto-esclarecimento o mais amplamente possível.

⁶⁷¹ A **Voz do Graphico**, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

Em seu estudo E. Hobsbawn afirma que o Primeiro de Maio, em sua dimensão do internacionalismo, *"talvez seja o mais ambicioso dos rituais do operariado"*. Para o historiador, dos ritos anteriores, confinados a certas regiões como manifestação de grupos específicos de trabalhadores, o Primeiro de Maio compartilha a *"característica essencial de ser a apresentação pública e regular de uma classe em si, uma afirmação de poder"* e *"em sua invasão do espaço social do sistema, uma conquista simbólica"*. Em suma, afirmando a presença da classe, atribuindo-lhe novos significados a partir do seu repertório de reivindicações, o Primeiro de Maio era *"o ritual da classe, comunidade, luta e união"* e inscrevia em si um forte sentido pedagógico. Como no depoimento de Pietro Comollo, recolhido em Hobsbawn, evocando, do rito, a festa, o fato simbólico e a luta: *"As bandeiras eram educativas (...) Era uma demonstração de luta, não apenas porque tinham conseguido o primeiro de maio através da tenacidade de suas organizações, mas porque nós estávamos todos lá, juntos e unidos (...)".*⁶⁷²

Um dos momentos exemplares de exaltação à força da educação e instrução pode ser encontrado nas demonstrações do Primeiro de Maio, como símbolo de protesto, de rememoração das jornadas de luta, de dignificação do trabalho e, mais significativo, como demonstração do grau de solidariedade proletária internacional. Maio de 1871, da Comuna de Paris, Maio de 1886, da tragédia de Chicago. Símbolos, ritos, cerimônias, demonstrações, alegorias – configurando uma tradição, motivam o tema do Primeiro de Maio a participar deste trabalho em sua dimensão educativa da classe. O estudo de José Luiz Del Roio reforça este campo de argumentação quando trata da força dos ritos instituídos pelo movimento operário:

⁶⁷² HOBBSAWN, Eric. *A Transformação dos rituais do operariado*. In **Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária**. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 113.

"Entre os cerimoniais da classe operária em nível internacional, o Primeiro de Maio é talvez o mais ambicioso. Nele, vieram desembocar velhas tradições de festas e lutas e uma vasta gama de simbologia: cores, bandeiras, flores, teatros, poesias, músicas, iconografias, etc. O Primeiro de Maio é o momento em que a classe em ascensão se apresenta a toda a sociedade e deseja demonstrar toda sua cultura, sua força e, de certa forma, mesmo que de forma ritual, a conquista do poder. Em parte, isto foi transplantado para o Brasil."⁶⁷³

A data, na dimensão de seu significado pedagógico, diz da luta sobre o tempo disciplinador do capitalismo, da luta pelo pão, pela dignidade, pelo direito à felicidade, pela paz, contra o militarismo, pelo direito à instrução e pela efetivação de suas práticas educativas. De um rito criado a partir de um ato político deliberado, as demonstrações ultrapassam o projeto original e diferentes estratégias se desenvolvem nas manifestações de Primeiro de Maio, instaurando uma tradição, herdeira da "pedagogia socialista e sindical", como no estudo de M. Perrot. Neste trabalho, ao abordar o tema do Primeiro de Maio em relação à educação, tomo-o em dupla dimensão: a primeira, diz respeito à possibilidade educativa inscrita na tradição do rito, com suas alegorias que remetem ao internacionalismo, à solidariedade. A segunda propõe a educação enquanto consigna do movimento operário, visto que no Primeiro de Maio de 1886, a convocação forjava como uma palavra de ordem, oito horas de educação:

*"A partir de hoje nenhum operário deve trabalhar mais de oito horas por dia.
Oito horas de trabalho!
Oito horas de repouso!
Oito horas de educação!"⁶⁷⁴*

Para além da carga simbólica atribuída à data pelo movimento dos trabalhadores, é importante assinalar o seu conteúdo universalizador. Veja-se que a partir de 1890, com a internacionalização do Primeiro de Maio, o proletariado impõe que o patronato europeu comece a tratar das questões operárias apresentando nos parlamentos uma

⁶⁷³ DEL ROIO, José Luiz. *1º de Maio, cem anos de luta – 1886-1986*. São Paulo: Global/Oboré, 1986, p. 147.

legislação específica e pondo na ordem do dia o debate em torno das reformas sociais.⁶⁷⁵

F. Engels, redigindo, em Londres, no primeiro de maio de 1890, o prefácio para a nova edição alemã do Manifesto Comunista, formulava um prognóstico a respeito da universalização das lutas operárias:

*"(...) hoje, dia em que escrevo estas linhas, o proletariado europeu e americano passa revista às suas forças de combate mobilizadas pela primeira vez, mobilizadas num único exército, sob uma única bandeira e para um objetivo imediato: um dia normal de oito horas de trabalho, a estabelecer por lei, que já o Congresso de Genebra da Internacional em 1866 e de novo o Congresso Operário de Paris de 1889 haviam proclamado. E o espetáculo do dia de hoje abrirá os olhos aos capitalistas e aos senhores da terra de todos os países para o fato de que hoje os proletários de todos os países estão efetivamente unidos."*⁶⁷⁶

Prognóstico a que haveria de referir-se depois, apreciando essa expressão histórica constitutiva do movimento operário como:

*"a festa de Maio do proletariado constituiu uma época não só graças a seu caráter geral que fez dela a primeira ação internacional da classe operária em luta. Ela permitiu também constatar êxitos sumamente agradáveis alcançados por este movimento em diversos países."*⁶⁷⁷

A avaliação de Paul Lafargue acerca da importância do primeiro de maio de 1890 para os socialistas franceses, após as grandes demonstrações operárias realizadas na Bélgica, Áustria-Hungria, Itália, Espanha, França, Suíça, Estados Unidos, destaca a potência da instituição dessa data como baliza para a internacionalização do movimento operário e para a mudança qualitativa dos seus conteúdos de solidariedade e esperança em escala global:

"Quem recorda que dificuldades excepcionais era preciso vencer para interessar as massas pelas questões sociais, assinala com pasmo a mudança enorme que teve lugar neste setor nos últimos anos, especialmente depois do

⁶⁷⁴ DEL ROIO, José Luiz. 1º de Maio... Op. cit., p. 57.

⁶⁷⁵ BRANDÃO, José. **Chicago 1886, Lisboa 1986. 100 anos por 1 dia.** Lisboa: Inquérito, 1987, p. 68.

⁶⁷⁶ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Moscou: Edições Progresso, 1987, p. 25.

⁶⁷⁷ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Obras Escolhidas, t. 2. Lisboa: Edições Avante, 1982, p. 64.

*primeiro de maio de 1890. A questão social encontrava-se então no centro das atenções do operariado. A manifestação do primeiro de maio tornou-se a alavanca mais poderosa que os socialistas franceses jamais possuíram a fim de influenciar as massas operárias e de as fazer avançar.*⁶⁷⁸

As manifestações operárias com seus cortejos de protestos, hinos e símbolos da luta, decerto assustaram os donos do poder. Em Eça de Queiroz, o registro daqueles tempos de 1890 na Europa:

"A Europa, há dois meses, está tremendo e gritando com o terror do papão...

*Nunca na história se tremeu de um tal tremor. Viena, Madrid, Berlim, Roma, cidades que são vastos quartéis, estão, desde este luminoso meado de Abril, acoradas, esgazeadas, estarecidas, à espera do papão que há de vir com o seu saco de bombas: – e eis que Paris, entre todas valentes, Paris que desbaratou cantando dez séculos de monarquia, fuge no primeiro de Maio para os campos, deixando as suas alegres ruas tão desertas como as de Florença, outrora, nos anos da peste negra, quando se sentia do Batistério à Ponte Vecchia o ranger de ossos e o arrastar de foice da morte que passeava!*⁶⁷⁹

Embora a expressão das manifestações do Primeiro de Maio de 1890 seja maior na Europa e Estados Unidos, não ficou restrita àqueles países. Historiadores do movimento operário registram manifestações e comícios de solidariedade em Cuba, na cidade do México, nas cidades argentinas de Buenos Aires, La Plata, Santa Fé, Mendoza, entre outros lugares. Pela imprensa dos trabalhadores do período e pelos depoimentos recolhidos por memorialistas, também encontramos os ecos de 1890 nas sessões operárias dos partidos e entidades associativas que surgiam no Ceará. Além de debates e outras iniciativas alusivas à data, o primeiro de maio aparece como título de jornais, nas peças de teatro encenadas nos salões operários e nos hinos e canções, e até nomeando entidades. Em Fortaleza, o jornal **Primeiro de Maio**, do Centro Artístico Cearense, é um exemplo.

⁶⁷⁸ LAFARGUE, Paul. Apud KHRAMTSOV, A. **Tradições do Primeiro de Maio**. Moscou: Edições Progresso, 1986, p. 24.

⁶⁷⁹ QUEIRÓS, Eça de. **O Primeiro de Maio**. In BRANDÃO, José. **Chicago 1886...** Op. cit.

No Brasil, a palavra de ordem ecoa e as resoluções de congressos internacionais são referidas. Em 1895, em Santos, o Centro Socialista (existente desde 1889), com Silvério Fontes, Sóter Araújo e Carlos Escobar, realiza sessão comemorativa do Primeiro de Maio. Pelo interior de São Paulo, atestam as memórias de Benjamim Mota que em vários salões operários são realizadas palestras e conferências na passagem da data, no ano de 1898. Antes, em 1887, é encenado em Porto Alegre o drama teatral *O Primeiro de Maio*. Entrado o século XX, a tradição vai se espalhando para muitos lugares. Jornais são impressos na data ou adotam-na como título, como é o caso do **Primeiro de Maio**, em 1905, porta-voz do Centro Artístico Cearense. A memória dos mártires é reverenciada nos comícios, demonstrações e algumas sociedades intitulam-se *Primeiro de Maio*. Os panfletos e convocatórias repercutem o fato, inscrevem-no na tradição, atualizam os conteúdos da luta ancorados na memória recente, semeando idéias de solidariedade, justiça, socialismo, internacionalismo proletário, união. Este panfleto de 1901, assinado pelo Clube Internacional Filhos do Trabalho e escrito por Euclides da Cunha, é dos primeiros documentos sobre o Primeiro de Maio no Brasil:

"[A data do primeiro de maio como] Festa exclusivamente popular, se destina a preparar o advento da mais nobre e fecunda das aspirações humanas: a reabilitação do proletariado para a exata distribuição de justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece. Dai a abolição dos privilégios derivados quer da fortuna, quer da força.

Para esse fim, é mister promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos, sobre quem pesam as grandes injustiças das instituições e preconceitos sociais da atualidade destinada a desaparecer para que reine a paz e a felicidade entre os povos civilizados. (...)"⁶⁸⁰

O Primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906, trata do Primeiro de Maio em suas resoluções, criticando as iniciativas patronais, e adotadas por algumas sociedades beneficentes, de substituição do caráter de protesto dos oprimidos e

⁶⁸⁰ DEL ROIO, José Luiz. **1º de Maio...** Op. cit., p. 57.

explorados em "*feira do trabalho*". Afirma o Primeiro de Maio como marco na universalização das lutas e "*incita o operário a restituir à data o caráter que lhe compete, de sereno mas desassombrado protesto e de enérgica reivindicação de direitos ofendidos ou ignorados*". Uma clara demonstração de que a memória operária, objeto construído, é também objeto de lutas e poder.⁶⁸¹

Da exortação constante dos discursos do Primeiro de Maio ressalta também o entendimento acerca da função da educação como equivalente de liberdade e progresso, que E. Hobsbawm chama, com propriedade, de sermões de confiança no futuro, de fé na marcha da razão e do progresso, como neste Manifesto distribuído no Primeiro de Maio de 1896, em Portugal:

"(...) Saudar o futuro é protestar contra o presente, reclamar pela voz da multidão, que avoluma, é ameaçar a minoria de ser esmagada pelo maior número, pedir de rosto altivo e em colunas cerradas, é impor a vontade com a demonstração do valimento, cantar a paz pela voz de homens válidos e musculosos, é produzir o temor da guerra àqueles que preferirem; desfolhar flores por mãos robustas só costumadas à rudez do trabalho, é patentear intenções fraternas, perigosas de mudar em agressão feroz. (...)"⁶⁸²

Com verdadeiros "sermões de confiança no futuro", tendo o tempo presente como matéria de protesto, a imprensa dos trabalhadores afirma o Primeiro de Maio como possibilidade educativa: "*O Primeiro de Maio tem para nós o caráter doutrinário, pelo apostolado de doutrinas sociais a difundir.*" O periódico **A Sementeira**, de Lisboa, em 1909, referindo-se a um jornal francês que anotara o Primeiro de Maio começando a fazer parte importante dos "costumes operários", acrescenta que a data deve inspirar os trabalhadores a celebrar o futuro: "[O Primeiro de

⁶⁸¹ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história...** Op. cit. Sobre o rito operário do Primeiro de Maio, além dos estudos referidos, ver também AREAS, Luciana Barbosa. *As Comemorações do 1º de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930)*. In **História social**, nº 4/5, pp. 9-28. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997-1998; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Origens do Primeiro de Maio no Brasil**. Porto Alegre: PROED/UFRGS, 1981.

⁶⁸² BRANDÃO, José. **Chicago 1886...** Op. cit., p. 75.

Maio] é o 14 de julho dos trabalhadores, mas um 14 de julho que não tem atrás de si, mas adiante, a tomada da Bastilha."

O mesmo jornal, em julho de 1910, divulga um opúsculo sobre *O Primeiro de Maio e a sua origem*, editado por Manoel Joaquim de Sousa, do Porto, recomendando-o como "bom para a propaganda" por se tratar de um "diálogo em que se combate a festa do trabalho e se preconiza a educação e o comunismo livre".

Assim, ainda que apresente ligeiras alterações de forma, os discursos do Primeiro de Maio atravessam tempos e transplantam lugares, abordando, entre outros, o tema da educação: "Eduquem-se! Escolas e cursos, livros e jornais são instrumentos de liberdade! Bebam na fonte da Ciência e da Arte: então vocês ficarão forte o bastante para fazer com que haja justiça."⁶⁸³ Em Portugal, a narrativa de uma manifestação-protesto de Primeiro de Maio, em 1924, retrata a *mise-en-scène* anticapitalista, destacando, entre as alegorias, uma relativa à educação e à instrução:

*"O cortejo, semelhando uma hidra a ondular no seu caminho, pôs-se em marcha, abrindo-o um quadro alegórico, significando a crucificação do proletário numa das rodas da engrenagem industrial. Disseminados pelo cortejo, mais quatro carros alusivos: ao escravo, quebrando as algemas, empunhando o machado demolidor e calcando o saco de ouro esterlino, a espada e a cruz; à jesuitada de ambos os sexos, esculando-se conspicuamente na cerca de um convento; à República tiranizante, enganando, com uma corda, o proletariado; à educação e instrução que liberta as consciências e conduz à emancipação integral. (...)."*⁶⁸⁴

E no Primeiro de Maio de 1891, o Manifesto dos Anarquistas é incisivo em sua declaração de que "nem só de pão vive o homem", numa defesa da instrução. Jargão tantas vezes repetido, e com variações de forma, traduz a idéia da educação como pão espiritual, alimento que robustece mentes e espíritos:

⁶⁸³ DESTRÉE e VANDERVELDE. *Le Socialisme en Belgique*. Apud HOBBSAWN, Eric, *O Nascimento de um feriado: O Primeiro de Maio*. In *Pessoas extraordinárias...* Op. cit., p. 185.

⁶⁸⁴ FONSECA, Carlos da. *O 1º de maio em Portugal, 1890-1990. Crônicas de um século*. Lisboa: Antígona, 1990, p. 55

*"Marchemos, pois, firmes à conquista dessa regalia., às oito horas de trabalho, para que haja lugar na oficina para esses milhares de camaradas que não têm trabalho, enquanto que outros trabalham quatorze e mais horas; para que nos fique algum tempo para nos instruímos e recrear. Nem só de pão vive o homem."*⁶⁸⁵

De Maceió, a convocação do Primeiro de Maio de 1915 reverenciando os mártires de Chicago diz da continuidade da luta pela "Idéia Nova" e faz o apelo pela instrução do proletariado:

*"(...) Aos nossos companheiros bradaremos: À Escola, à Escola! Aos livros e a imprensa. Nos eduquemos e instruímo-nos porque somente assim de espírito lúcido e eloquência fácil, poderemos esmagar a hidra que há tantos séculos nos espreita na sombra a nutrir-se furtivamente do nosso sangue. Fugamos à política de partidos, nada de junção à burguesia, esta inimiga hipócrita e repulsiva. À escola, à escola, ao livro, à imprensa! (...)"*⁶⁸⁶

Em Curitiba, no Paraná, no Primeiro de Maio de 1924, o jornalista F. Zicarelli, em discurso de tonalidade anticapitalista, afirma sua crença na vitória dos ideais operários, mas adverte-os que, para a realização das aspirações, é indispensável adquirir educação, pois:

"(...) assim estareis ao par de todos os conhecimentos, especialmente a parte social, onde justamente se encontra a solução do vosso problema. A instrução é o alicerce fundamental de qualquer iniciativa.

O ignorante jamais poderá agir com eficácia como age o homem instruído, (...) A ignorância na classe proletária tem sido justamente a causa de sua prisão às correntes sociais.

É preciso romper os terríveis grilhões do analfabetismo, para que se apresente às vossas vistas, uma visão nítida das coisas e que a questão social se apresente de fato como é.

Quando o proletário estiver devidamente educado, só aí será possível avançar a passos agigantados para a verdadeira emancipação, rompendo com o poder da inteligência os laços que o prendem (...)

A liberdade depende da instrução. Se quiserdes que os vossos filhos realizem o sonho dos pensadores e sociólogos é preciso este esforço supremo, mas vantajoso: Mandai-os para a escola em vez de mandá-los à oficina, (...) da

⁶⁸⁵ FONSECA, Carlos da. *O 1º de maio em...* Op. cit., p. 126.

⁶⁸⁶ *O Rebate*, 01/05/1915. Maceió.

*escola eles sairão, aptos para a compreensão dos fatos e serão vossos continuadores com mais solidez que vós! (...)*⁶⁸⁷

Em Fortaleza, o Centro Artístico Cearense, ao escolher como título do seu jornal **Primeiro de Maio**, além de óbvia inspiração em seus congêneres de tantos outros lugares, como já afirmei, põe em relevo a memória do rito operário. Nos artigos sobre a data, destaca seu significado:

*"passa hoje esta data, que muita gente considera dia de festas, mas que é sobretudo para nós os operários conscientes, o aniversário de um acontecimento sangrento e do início desta sempre intensa campanha entre o patronato explorador e o proletário oprimido em todo o mundo civilizado. Sem opinarmos por este nem por aquele modo de comemorá-la, diremos somente o que ocorreu em primeiro de maio de 1886, na cidade de Chicago (...)*⁶⁸⁸

Sua denominação traz o símbolo do Primeiro de Maio como data do "martirologio operário" e colabora no sentido de fixar junto ao público o lugar social de atuação do jornal. Toma a data como título e o fato como emblema:

"Antes morrer vencendo a sobreviver vencidos.

É mais belo, mesmo mais edificante, sucumbir vencendo, do que sobreviver vencido. A luta só é legítima quando é justa a causa pela qual nos batemos, e desde que assim seja, mais justo é ainda o motivo da nossa peleja.

Que nos deve importar as conseqüências se desta resulta a posse de um direito que é nosso, cuja conquista foi e será sempre a mais brilhante página da história de um povo livre.

Lutar é vencer. Eis o grande lema que impulsionou os primeiros e altivos apóstolos das nossas idéias à sublime conquista da nossa liberdade.

Exilados uns, fuzilados outros, subindo ao cadafalso muitos, não se acobardaram estes, como não esmoreceram os que ficaram. Mais temerosa tem sido a luta, mais altivo e audazes são os seus seguidores. (...)

*Foi este o grande exemplo que nos legaram aqueles que preferiram morrer vencendo a sobreviver vencidos.*⁶⁸⁹

O **Voz do Graphico**, em edição do 1º de maio de 1921, critica as sociedades de tradição beneficente e os círculos operários católicos que querem "comemorar a data

⁶⁸⁷ ARAÚJO, Sílvia. & CARDOSO, Alcina. **1º de Maio: cem anos de solidariedade e luta**. Curitiba: Beija-flor, 1986, p. 98.

⁶⁸⁸ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

⁶⁸⁹ **Primeiro de Maio**, ano V, número ilegível, 01/05/1908. Fortaleza.

com música, foguetes e foguetões" e conclama os sindicatos de resistência a promoverem

*"(...) no recinto de suas sedes, solenizando este dia, descrevam-no pintando com sinceridade todas as duas fases, todos os seus feitos de heroísmo praticados por aqueles que não se negaram oferecer a própria vida em holocausto a emancipação das massas obreiras de todo o mundo. Em seguida trabalhem pela organização de todas as classes e salientem a divisa em que se patenteiam as verdadeiras palavras que traduzem fielmente o triunfo da sua causa que só terá o seu dia memorável quando ela tornar-se em uma realidade universalmente conhecida a qual é ditada pela internacional – a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores."*⁶⁹⁰

Repercutindo o debate entre as correntes socialistas, o **Voz do Graphico**, em 1921, argumenta que a data não pode ser identificada como "*Festa do Trabalho*" ou "*Dia do Trabalho Livre*" e sim como "*(...) um dever sagrado prestar a nossa homenagem sincera aos mártires das oito horas e demonstrar ao burguês capitalista que os trabalhadores também tem os seus mortos gloriosos e que lhes sabem tributar as homenagens divinas.*"⁶⁹¹

Compartilhando o argumento retórico do Primeiro de Maio como lugar/momento de "tributo divino" e "dever sagrado" de honra aos "mortos gloriosos" vítimas do capitalismo, Gastão Justa, em sua página *Movimento Operário*, vai mais longe no propósito de heroificação dos mártires de Chicago, articulando a memória do rito aos símbolos do cristianismo, ressalta o Primeiro de Maio na dimensão do luto e do martírio, "o calvário dos modernos Cristos", como se vê aqui:

"O Primeiro de Maio é a sexta-feira da paixão do proletariado universal. O calvário dos modernos Cristos que vêm bebendo na esponja do protesto o vinagre salitroso das injustiças humanas. O despotismo das reações burguesas há criado, através das idades, os maiores entraves às equanimidades sociais (...). Apesar porém, de todas suas selvagerias, o proletariado vem se constituindo uma força temível e generosa no anseio de conquistar (...) a

⁶⁹⁰ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 10, 01/05/1921. Fortaleza.

⁶⁹¹ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 10, 01/05/1921. Fortaleza.

*organização social futura (...). A tragédia de Chicago marcou o início dessa reforma.*⁶⁹²

No verso de Pedro Augusto Motta reverenciando os "mártires das oito horas", no Primeiro de Maio de 1921, na Federação dos Trabalhadores do Ceará, o recurso da "data bendita" vem de par com a memória exemplar/promessa de futuro:

*"(...) o dia mais sublime e edificante
na história secular do operariado,
cujos feitos de luz lembram o pujante
vigor dos que tombaram no passado.*

*PRIMEIRO DE MAIO, data bendita
para aqueles que sonham no vindouro
ter o dia ansiado da vindita*

*contra aqueles cuja alma negra, insana,
mandam matar, a custa do seu ouro,
paladinos da liberdade humana.*⁶⁹³

No **Voz do Graphico**, o discurso do Primeiro de Maio é exemplar como construção de memória em que os símbolos da tradição operária aparecem entrelaçados (a exaltação da Terra da Luz, os mártires de Chicago e a consigna da Revolução Francesa), dando forma pedagógica ao seu "sermão de confiança no futuro":

"E vós, oh! Trabalhadores cearenses, filhos da terra da luz, que tendes marchado na frente de todas as conquistas, neste glorioso dia, não podereis ficar inertes porque as nobres tradições não o consentirão. Não, o vosso grito de alarme será ouvido pelo Universo inteiro, como uma prova incontestável da vossa convicção e da vossa união.

*E vós, oh! Mártires de Chicago, se é exato que os espíritos observam o que se faz na terra, havereis de ver então, que as sementes que plantastes com as vossas aspirações e regastes com o vosso sangue, germinaram, cresceram no coração de todos os trabalhadores, e deram como resultado, os doces frutos dos nossos ideais; - **Igualdade, Fraternidade e Liberdade!**"*⁶⁹⁴

O tema da Revolução Francesa, a glorificação de seu ideário – *Igualdade, Liberdade e Fraternidade* –, a celebração do seu caráter fundador de uma "nova era"

⁶⁹² **O Ceará**, 07/06/1928. Fortaleza.

⁶⁹³ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 10, 01/05/1921. Fortaleza.

⁶⁹⁴ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 10, 01/05/1921. Fortaleza.

são recorrentes na argumentação da imprensa dos trabalhadores e, em particular, a alusão ao símbolo da Bastilha. Veja-se aqui a argumentação d'**O Regenerador**, em 1908, recuperando os símbolos da tradição operária:

"O homem, que obteve para seu direito a criação da Comuna, para sua liberdade a Queda da Bastilha, obterá também para a consolidação de seu Direito e de sua Liberdade a queda da Burguesia, ultimo reduto da Opressão.

E no dia supremo quando todos unidos, tendo por ideais - Liberdade, Igualdade, Fraternidade, erguerem-se fortes como as pirâmides dos Faraós, dentre as nuvens de fumo das batalhas, surgirá a figura augusta da Vitória, que, olhando desdenhosa para os últimos espectros da burguesia vencida bradará. (...)

Olha para o passado, Burguês; contempla a sombra da Revolução Francesa e treme; ela é o espelho em que nos miramos; da mesma forma que os convencionais, quando nos batemos, tornamo-nos mil vezes mais forte e milhões de teus milhões não bastam para impedir nossa marcha incansável."⁶⁹⁵

Discursando na sessão do Partido Socialista Cearense, em 13 de julho de 1919, Eurico Pinto enfatiza a importância do operariado cearense reverenciar o 14 de julho, apontando estas razões, entre várias: rememorar a Bastilha, fortaleza e prisão, tida pelo povo como o símbolo multissecular do despotismo real e, porque representava, segundo ele, a primeira conquista do proletariado internacional, sua grande manifestação de coesão e força, trilhando o caminho da luta pela conquista de seus direitos.

Essa construção da memória operária, de resto, é parte do fenômeno de aceitação universal da Bastilha como identificador da Revolução Francesa ou do reconhecimento *"da importância do simbolismo da Bastilha para a mise-en-scène concreta da Revolução"*.⁶⁹⁶ Não era outra a intenção de Jean Lambert Tallien, diretor de um clube revolucionário, falando em um festival na Paris de 1791:

"Cidadãos, irmãos e amigos! Aqui erguia-se a Bastilha. Com que alegria esmagamos sob nossos pés as suas pedras.. (...) À queda desse acalentado monumento do despotismo devemos o sucesso de nossa Revolução: de agora em

⁶⁹⁵ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

⁶⁹⁶ REICHARDT, Rolf. *Estampas: imagens da Bastilha*. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução impressa...** Op. cit., p. 332.

*diante, o calendário de nossa era política partirá dessa data. Quatorze de julho será um dia lembrado através dos séculos!*⁶⁹⁷

No Ceará, a memória do 14 de julho é atualizada pelos dirigentes do Partido Socialista Cearense. Bem a propósito, elegem a data para o lançamento do primeiro número de seu jornal e relatam que

"às horas designadas, no meio da maior ordem e de febricitante entusiasmo, [foram] realizados os atos com que o Partido Socialista Cearense comemorou o aniversário do grande feito da tomada da Bastilha e com que conseguiu destruir esta outra Bastilha terrível, que era o menosprezo em que o tinha muita gente até então".

O cortejo em passeata pelas ruas do centro de Fortaleza, o estandarte vermelho do Partido e os estandartes dos alfaiates e dos carpinteiros e as bandeiras brasileira e francesa compõem a alegoria. Os "vivas" ao partido e ao operariado cearense pela rua das Trincheiras, os acordes da banda da Polícia Militar, a multidão e os vários oradores, entre os quais, Gastão Justa, Euclides Cesar e Eurico Pinto, discursando sobre o quatorze de julho e a causa operária dão o tom ao espírito de festa, de comemoração, de encenação, de teatro público, onde a massa é também seu próprio símbolo, inscrita na tradição da "festa revolucionária", inspiração e recriação para as comemorações rituais do movimento operário do século XIX e das primeiras décadas do século XX, como no estudo de E. J. Hobsbawn.⁶⁹⁸

O *meeting* promovido pelo Partido Socialista Cearense e a estratégia adotada para o lançamento do Manifesto partidário (e do jornal) guarda estreita relação com

⁶⁹⁷ REICHARDT, Rolf. *Estampas: imagens da Bastilha*. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução impressa...* Op. cit., p. 335. Nesse estudo, o autor chama a atenção para o significado simbólico da Bastilha, principalmente em relação ao contexto de sentido que a repercussão de sua imagem cria, dado que se torna item imperativo em todos os festivais da Paris revolucionária. Para ele, "Como eventos revolucionários, a tomada e a destruição da Bastilha – desejada, profetizada, passionadamente contada, celebrada, idealizada e interpretada em muitas imagens – eram idealmente adequadas para fundar um novo simbolismo da identidade nacional".

⁶⁹⁸ HOBBSAWN, E. J. *A Transformação dos rituais do operariado*. In **Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária**. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 116.

certas demonstrações descritas na história do rito do Primeiro de Maio, com os desfiles operários ordenados em função dos lugares do poder. A presença dos estandartes, da multidão (formas de impressionar a opinião pública), a escolha do local (o centro como coração da cidade), a leitura do Manifesto e a entrega do Memorial em frente ao palácio do governo (o Estado como interlocutor, no encaminhamento da reivindicações operárias unificadoras e promotor das reformas sociais), como anota M. Perrot.⁶⁹⁹

No **Ceará Socialista**, a Revolução Francesa é evocada, por Eurico Pinto, com o sentido de nova era, de momento inaugural: *"é um dos acontecimentos mais notáveis de toda a história, pois marca a entrada de uma nova fase social. Nela fermentaram, mais do que nunca, os germes de todas as idéias emancipadoras do proletariado"*. E como instauradora de direitos:

*"Não há um só operário que já não tenha sentido a dor desta revolta e o clamor desta injustiça e não custará muito que ele, como o povo francês, venha para a rua, a bradar, enérgico e viril; basta de explorações, queremos igualdade na ordem econômica, política e social!"*⁷⁰⁰

O *meeting* do Partido Socialista Cearense, ao realizar essas "operações da memória", atualizando a Revolução Francesa, aproxima-se do procedimento de várias correntes que atuam no movimento operário brasileiro. Um estudo de Cláudio Batalha chama a atenção para as imagens da Revolução Francesa no movimento operário brasileiro do começo do século XX sob tríplice dimensão: a revolução como paradigma (*"de ruptura com a ordem instituída, de transformação social e de luta política"*), como ritual (*"como momento construído na memória do movimento operário"*) e como símbolo e alegoria (*"criadora e inspiradora de uma linguagem alegórica e simbólica, tanto oral/escrita como iconográfica"*).⁷⁰¹

⁶⁹⁹ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história...** Op. cit.

⁷⁰⁰ **Ceará Socialista**, ano I, nº 1, 14/07/1919. Fortaleza.

⁷⁰¹ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Nós, filhos da Revolução...* Op. cit., p. 233.

Se desde o século XIX, o proletariado europeu havia incorporado o legado da Revolução Francesa, o autor referido lembra que o fenômeno é igualmente observado no Brasil. Para Cláudio Batalha, no estudo do fenômeno é preciso ter em conta que:

*"Se a presença de militantes operários de origem européia pode, em parte, explicar essa difusão, decerto a imigração não basta para explicar a extensão desse fenômeno, que pode ser constatado mesmo em regiões onde a presença de operários imigrantes era insignificante."*⁷⁰²

Em Fortaleza, o **Ceará Socialista** é exemplo da "extensão desse fenômeno", buscando elos "entre revolução passada e revolução por vir", para usar a expressão de Robert Paris.⁷⁰³

Vale registrar que, decorridos cem anos da Revolução Francesa, seu ideário e seus símbolos impregnaram o imaginário dos republicanos no Brasil. Alguns estudos anotam que a **Gazeta de Notícias** e a **Província de São Paulo**, em 1889, publicavam narrativas dos episódios da derrubada do Antigo Regime na França, extraídas dos escritos de Taine, Michelet e Aulard. A queda da Bastilha tinha seu aniversário comemorado no Rio de Janeiro e em São Paulo, com demonstrações puxadas ao som da Marselhesa, a canção revolucionária da preferência dos cadetes da Escola Militar.⁷⁰⁴

Cumprе assinalar que o movimento operário em escala internacional cria e recria (e atualiza) seus símbolos, alegorias e ritos, instituindo sua memória. A Revolução Francesa, a Comuna de Paris, a Revolução Bolchevique, os Mártires de Chicago e as jornadas de Primeiro de Maio são exemplares nesse sentido. Assim, ainda que apresentem alterações de forma, os discursos do Primeiro de Maio e contra as Bastilhas, como já afirmei, atravessam tempos e transplantam lugares. Para além da carga

⁷⁰² BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *Nós, filhos da Revolução...* Op. cit., p. 234. A esse respeito o estudo de Cláudio Batalha reproduz trechos de artigos publicados na imprensa dos trabalhadores das primeiras décadas do século XX, sobre A herança de 89 e o 14 de julho.

⁷⁰³ PARIS, Robert. *A Imagem do operário no século XIX pelo espelho de um "Vaudeville"*. In **Revista Brasileira de História**, v. 8, nº 15, set. /87-fev./88, p. 66. São Paulo: ANPUH/Marco Zero.

simbólica atribuída às datas pelo movimento dos trabalhadores, quero aqui assinalar a apropriação de seus conteúdos educativos e universalizadores, afirmando, com Michelle Perrot, que não existe cultura sem elaboração de uma simbologia, assim como não existe consciência de classe sem visão de mundo.⁷⁰⁵

O estudo da imprensa dos trabalhadores no Ceará, observada a dimensão educativa da memória, além desses ritos caros à tradição do movimento operário, o tema da abolição dos escravos ocupa lugar de destaque. A memória da luta abolicionista volta à cena no **Ceará Socialista** como mote de comparação com o quadro de penúria do operariado. Com um tom nostálgico na rememoração, lembra o pioneirismo da libertação dos escravos no Ceará, quando *"o operariado, vivia feliz e de barriga cheia"*. Para o **Ceará Socialista** a situação foi mudando para pior: *"veio o progresso e com este a ganância, as explorações, a luta do homem contra o próprio homem (...) Vieram a exploração política, as falcatruas"*.

Percorrendo as "fontes operárias", nota-se que os fatos e as idéias motivadoras da campanha abolicionista no Ceará, criando uma alegoria própria, manifestam-se de forma recorrente nos artigos veiculados na imprensa dos trabalhadores que circula em fins do século XIX. O jornal **O Operário** (1892), em suas primeiras edições, refere-se à libertação dos escravos num tom de exaltação ao fato, enquanto marco inaugural da entrada na "civilização":

"O Ceará, um punhado da imensa terra brasileira, foi o primeiro a empunhar a espada para abater o gigante que retinha a sua civilização debaixo das cadeias de aço com o nome execrando de escravidão. (...)

Não estamos com o espirito eivado de bairrismo para não enxergarmos direito, mas ninguém desconhecerá que o exemplo do Ceará quebrando as cadeias que

⁷⁰⁴ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha...* Op. cit., p. 278.

⁷⁰⁵ PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história...** Op. cit.

*manietavam seus filhos (...) expurgou o cancro que nos privava de tomar parte no banquete da civilização".*⁷⁰⁶

No mesmo jornal, o tipógrafo José Júlio, escrevendo sobre *O Treze de Maio*, alerta os "homens livres, os operários" para a compreensão de que mesmo com o fim da escravidão a liberdade por inteiro só seria efetivada com a promessa do Socialismo:

"(...) na comemoração deste acontecimento deve fazer-se especial menção do nome honroso do Ceará, que sempre tem ocupado lugar saliente em todas estas conquistas humanitárias.

Não se nos apaga da mente o não menos glorioso dia 25 de março que foi o início dessa brilhante campanha em prol dos cativos. Desde esse dia agosto tem o Ceará, se empenhado em ser sempre a estrela fulgurante na senda do progresso.

Foi daqui do Ceará, que partiu o grito de alarma contra os traficantes de carne humana. E esses piratas sedentos de ouro ainda existem aqui e em toda parte, exibindo seus desejos de cevar-se à custa do seus semelhantes, e esses semelhantes não são escravos, mas sim, homens livres – são os operários.

*Porém estes não hão de curvar-se: o socialismo agita-se por todo o universo, e em breve serão atendidos os seus direitos, e ser-lhe-á feita inteira justiça".*⁷⁰⁷

Diante do escrito de José Júlio, voltei dez anos no tempo dos papéis arquivados, desejando que seu nome estivesse entre os quarenta e seis tipógrafos signatários do manifesto de adesão ao movimento abolicionista. Seu nome não estava lá, mas a memória do fato e o discurso do tipógrafo Joaquim Lopes Verçosa, naquela tarde de setembro de 1881, chegaram a ele: *"Fiquem os distintos cavalheiros abolicionistas cientes que a Classe Tipográfica Cearense jamais desprezará as lutas em favor da Liberdade."*⁷⁰⁸ E José Júlio incorporaria, à aspiração de liberdade, uma nova palavra que não coube no discurso abolicionista de Lopes Verçosa: Socialismo. Era o trabalho da memória recriando e atualizando o verbo político.

⁷⁰⁶ **O Operário**, ano I, nº 13, 24/05/1892. Fortaleza.

⁷⁰⁷ **O Operário**, ano I, nº 11, 15/05/1892. Fortaleza.

⁷⁰⁸ **O Libertador**, ano I, nº 19, 28/09/1881. Fortaleza.

A imprensa dos trabalhadores nas décadas iniciais do século XX busca os eventos que se instituíram em seu imaginário como marcos da história da classe. As imagens de liberdade advindas da luta antiescravista transbordam de seu tempo e, como num jogo de permanências e mudanças, o Clube Socialista Maximo Gorki, em seu jornal **O Regenerador**, em 1908, com Moacir Caminha, recorre ao passado para respaldar seu discurso de exortação ao proletariado cearense:

*"A Luta iniciada na Terra da Luz e da Liberdade em prol das reivindicações proletárias é a luta sublime da Liberdade e do Amor. (...) Não é digno de receber o glorioso nome de operário o covarde que deixar-se ficar em casa, quando os seus valentes companheiros lutam heroicamente em prol das reivindicações sociais. (...) Proletários cearenses, uni-vos! A Luta é suprema, mas a vitória é certa! O Ceará que foi a primeira terra do Brasil a libertar os escravos negros, será a primeira terra do mundo a libertar os escravos brancos. E, então será chamado, a Terra da Luz, da Liberdade e do Amor."*⁷⁰⁹

Do mesmo período, o jornal **O Demolidor**, em sua pregação anticlerical, recorre seguidas vezes ao tema da abolição como suporte para seu discurso de exortação à Mocidade Independente e ao povo do Ceará na campanha contra os frades estrangeiros e suas escolas. Veja-se a apropriação do argumento da libertação dos escravos no artigo de Adonias Lima: *"O Ceará, que tem sido sempre, no Brasil, o ponto de irradiação das grandes idéias, ora desperta resoluto sob o influxo de um movimento nobre, qual o da abolição da escravatura."*

Apropriando-se do tema da liberdade, o recurso retórico é o da história monumentalista, do tempo desistoricizado como estratégia de anúncio do novo jornal, conectando-o à memória do abolicionista **O Libertador**, assim como estabelecendo nexos que legitimem a ação da Liga Contra os Frades pelo recurso à memória:

"Das cinzas gloriosas da abolição renasça o ardor que retemperou o peito dos heróis, e nos aqueça a nós que comungamos dos mesmos ideais de liberdade! Um valente campeão no teatro da luta é indispensável, surgirá O Demolidor. O

⁷⁰⁹ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

Libertador demoliu a escravidão de uma raça; O Demolidor libertará o espírito escravizado de um povo livre!

O Libertador marca a demolição de um passado de torturas; O Demolidor marcará a liberdade de um presente de trevas. Que a luz de novo se faça e penetre as consciências no Ceará, que jamais desmentiu a sua história! (...) Povo cearense, erguei-vos! Despertai, que é tempo de mostrar o que sois, de confirmar o que fizestes. Que o primeiro grito de revolta se eleve de nossas brancas praias e os verdes mares bravios repercutam lá fora o hino de uma nova redenção! E a jangada, que libertou o primeiro escravo, transporte para bem longe de nossas plagas o último frade!"⁷¹⁰

Luiz de Castro, escrevendo n'**A Centelha**, porta-voz dos caixeiros-estudantes, em 1909, considera que através do jornal deve ser travado um combate contra o que chama de "carcaça rude" e "indiferentismo dos morubixabas escravizadores do Ceará". Toda a luta, para ele, terá algum efeito *"talvez, quando, de verdade se der execução neste país às leis de proteção e socorro ao proletariado"*. Faz menção às recentes notícias chegadas do Rio de Janeiro, em que os empregados do comércio dizem: *"Já demos um passo para a nossa civilidade"*. Isso em decorrência da ação parlamentar propondo legislação específica visando aumento de salários e diminuição das horas de trabalho para os caixeiros. O discurso esperançoso de Luiz de Castro é que ao Ceará possam chegar tais conquistas sociais e se refere às lutas pela emancipação dos escravos como exemplo: *"Oxalá, daquela noite do liberto negro possa emergir a aurora de liberdade para os escravos brancos"*.⁷¹¹

Já nas páginas d'**O Operário**, de Camocim, em 1927, é divulgado um *Manifesto ao Povo Cearense*, cuja construção está atravessada pelas idéias de "luz e sombra" e de liberdade e escravidão, buscando exemplos no panteão antiescravista e abolicionista:

"Trabalhadores: ferroviários, marítimos, artifices, carregadores, lavradores e todos vós que viveis de salários, trabalhai pela vossa libertação. A condição do operário é pior que a dos escravos de outrora. Estes tinham a senzala, residência coletiva, porém em melhores condições que as miseráveis choupanas

⁷¹⁰ **O Demolidor**, ano I, nº 1, 29/02/1908. Fortaleza.

⁷¹¹ **A Centelha**, ano I, nº 2, 21/08/1909. Fortaleza.

que abrigam os trabalhadores d'agora. (...) Alguém dirá: o trabalhador é livre e vai para onde quer, mas em toda parte que chega, encontra patrões iguais aos escravocratas de outrora. (...) Trabalhadores! Já que não tendes liberdade, imitais aqueles escravos romanos comandados por Spartacus, (...) Trabalhadores! Imitai a Zumbi, o Spartacus brasileiro, Zumbi foi um escravo herói. (...) Operários! Imitai a José do Patrocínio e a todos os heróis que trabalharam pela libertação dos oprimidos, que auxiliaram na grande obra de alforria"⁷¹².

José Joaquim de Lima, o José Pernambuco, apreciado na imprensa operária como entusiasmado orador nos *meetings* realizados em Fortaleza na década de 1920, escreve na *Coluna Operária d'O Ceará* advertindo que o decantado Treze de Maio não se completara e apelando às "tradições gloriosas" do Ceará abolicionista:

"(...) Ouvi-me, com atenção, proletários conscientes, vanguarda vigilante que guarda, com desprendimento, as tradições gloriosas do Ceará abolicionista cuja obra de fé e abnegação teve por epílogo a extinção da escravatura, em todo o território brasileiro, no sempre decantado 13 de maio de 1888. Não deveis esquecer, entretanto, que este movimento não ficou integralizado.

Nós somos o escravo moderno jungido ao salário mínimo e desvalorizado, uma situação deprimente de verdadeiros párias, sem direitos e sobrecarregados de deveres. Não devemos desanimar! (...)"⁷¹³

Ancorado na idéia de "Terra da Luz" e numa suposta atitude de vanguarda inerente ao "povo" cearense nas lutas reivindicatórias, o articulista do **Voz do Graphico** (1921), Pedro Augusto Motta retorna ao passado para reencontrar o "germe libertário" na luta antiescravista, atualizando o episódio da greve dos jangadeiros e recuperando a imagem heróica atribuída a Francisco José do Nascimento, o *Chico da Matilde*, que se transfigurara em *Dragão do Mar*, como observa o historiador Raimundo Girão. Recorrendo ao "*delírio do entusiasmo*" de José do Patrocínio, para quem "*É mais solene ser jangadeiro no porto de Fortaleza, do que camareiro no Paço da Boa Vista*", Pedro A. Motta constrói do episódio do bloqueio do porto ao tráfico interprovincial um símbolo de "*vanguarda dos combatentes*": "*(...) foi aqui que os jangadeiros com um*

⁷¹² **O Operário**, ano I, nº 1, 02/07/1927. Camocim.

⁷¹³ **O Ceará**, ano IV, 25/03/1928. Fortaleza.

gesto de solidariedade consciente fizeram a abolição do tráfico da carne humana, e há de ser aqui que repercutirá o primeiro grito de liberdade dos escravos modernos."⁷¹⁴

Para o **Voz do Graphico**, o recurso retórico constitui uma tentativa de atualizar o conteúdo da luta, traçando uma linha de continuidade pelo trabalho da memória, como refacção do próprio tempo:

*"E vós trabalhadores cearenses, vós inda dormis! Vós, os paladinos da liberdade, inda continuais escravos! Vós, os homens que em tempos passados, neste passado, que traduz uma glória para o Ceará, gritastes: No porto de Fortaleza não embarca, nem desembarca mais um só escravo – vós trabalhadores cearenses, inda viveis pior do que os escravos! (...) Não podemos acreditar que o Ceará, que tem estado na vanguarda de todos os movimentos reivindicadores queira retrogradar, negar o seu passado, manchar a sua história, e empalidecer o brilho de sua estrela, a glória de sua raça. Não, é impossível!"*⁷¹⁵

Ainda na perspectiva de construção de uma memória exemplar dos protagonistas e entificação do espaço (Ceará) como portador de características "naturalizadas" do ideal de liberdade, o **Voz do Graphico** desenha os caminhos da libertação proletária apelando de modo recorrente aos argumentos emancipacionistas do século XIX, construindo via memória suas imagens/conceitos de Evolução/Revolução, Remodelação Social/Organização Operária:

"O Ceará sempre tem sido partidário de todas as idéias: foi partidário da Abolição e da República; e quando não vê triunfar as suas idéias por meio da diplomacia, recorre á revolução. Assim tem sido e há de ser porque a natureza é quem assim ensina, e o germe da revolução o cearense já traz do berço. (...)

E quando os inimigos dos que trabalham não deixarem fazer esta remodelação dentro das leis feitas pelos homens, os trabalhadores farão pelas leis da natureza, e se de todo não puderem apelarão para o que apelou a 'Libertadora Cearense' quando resolveu por termo á escravatura no Ceará, que foi a revolução. (...) Mas como todos os homens que pensam e enxergam no futuro

⁷¹⁴ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza. Sobre o episódio do bloqueio do porto de Fortaleza, a "greve dos jangadeiros", ver o **Libertador** (ano I, nº 3, 07/02/1881. Fortaleza) e a narrativa dos fatos em MOREL, Edmar. **Vendaval da liberdade**. Rio de Janeiro: Globo, 1967.

⁷¹⁵ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 9, 09/4/1921. Fortaleza.

*um mundo novo serão perseguidos (...), não é de admirar que surja entre nós, com formas diferentes, uma nova 'Libertadora Cearense'."*⁷¹⁶

Nesta linha, pois, de perceber o espaço entificado – Ceará, Terra da Luz – crescem-se novos qualificativos – terra da liberdade e do amor – passando a exigir a intervenção humana no curso dos acontecimentos. As idéias de solidariedade e fraternidade constituem o escopo da construção discursiva e, mais uma vez, a exortação da classe é feita buscando nos abolicionistas o ímpeto para a luta, emprestando-lhes heroicidade e destemor, compondo uma estratégia de educação pelo exemplo:

*"Sejamos mais amigos dos interesses coletivos, sejamos mais fortes, mais ativos, mais enérgicos e convictos quais foram os nossos antepassados, aqueles que num ímpeto eloqüente de solidariedade humana, impediram o embarque e desembarque de um só escravo no porto desta Fortaleza, berço de tantos heróis, e busquemos nas nossas organizações valorizarmos o nosso trabalho, chamando os que nos exploram à responsabilidade, (...)".*⁷¹⁷

É possível também reter desta leitura das "fontes operárias" o esforço dos "jornalistas da classe", tentando inscrever na memória do movimento abolicionista um indício de participação dos trabalhadores como forma de respaldar seu discurso de exortação:

*"(...) os trabalhadores cearenses, essa raça de homens, que em tempos passados, num gesto de indescritível manifestação do espírito de solidariedade e fraternidade humanas, impedia o embarque e desembarque de um só escravo nas alvas dunas cearenses, (...) sem jamais encontrar empecilhos por maiores que sejam na trajetória de luz que traçou em demanda de um Mundo Novo, de uma Nova Vida, para todo aquele que se considera um soldado do grande exército dos fracos e oprimidos"*⁷¹⁸.

Ressalta da leitura dessa imprensa o apego à matéria das memórias exemplares e a disseminação dos ritos e símbolos da luta social como mecanismos de educação e

⁷¹⁶ A Voz do Graphico, ano I, nº 10, 01/05/1921. Fortaleza.

⁷¹⁷ A Voz do Graphico, ano I, nº 19, 11/02/1922. Fortaleza. A respeito da educação pelo exemplo ou ensino moral no campo anarquista, ver JOMINI, Regina Célia Mazoni. **Uma Educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha.** Campinas: Pontes, 1990; e CAVALCANTI, Jardel. **Os Anarquistas e a questão da moral. Brasil, 1890-1930.** São Paulo: Cone Sul, 1997.

⁷¹⁸ A Voz do Graphico, ano I, nº 16, 25/12/1921. Fortaleza.

auto-esclarecimento dos trabalhadores, tudo isso querendo constituir um repertório das lutas sociais que ia sendo, a um só tempo, construído e inventariado.

Outro argumento largamente utilizado na imprensa dos trabalhadores é o da educação pelo exemplo. Nesta direção, a reverência à memória de alguns pensadores está na base do argumento. Um dos exemplos para os socialistas libertários é a figura de Elisée Reclus.⁷¹⁹ Dele o **Voz do Graphico** destaca as qualidades intelectuais, ressaltando o conteúdo de modéstia e desprendimento quando se tratava de por seu conhecimento a serviço dos oprimidos: "*não tinha dúvida em sentar-se à mesa da redação dos nosso pequenos jornais, e escrever, depois de haver interrogado o gerente sobre o 'que era preciso fazer'"* e destaca o fato de que "*na propaganda pelo exemplo, baseou toda sua vida*".⁷²⁰ Nesta operação da educação pelo gesto, pelo exemplo, na ação, da figura de Reclus, como de Kropotkin, apresenta as qualidades intrínsecas do *Ser Libertário*.

P. Kropotkin e M. Gorki são também reverenciados, pois que sua obra, segundo eles, "*foi bem semeada e será bem colhida*". No anarquista e no escritor russos, as primeiras leituras dos círculos socialistas no Ceará encontram um exemplo a ser seguido, porquanto

*"Brilhante, sublime e nobre, ao lado da personalidade máscula de Maximo Gorki- essa alma bondosa e simples, Kropotkin fez, na sua trajetória luminosa pelas estepes frias da Rússia, da sua palavra de fogo, o terror da alma abjeta da Burguesia opressora do operariado honesto e faminto, e, da sua pena, uma fonte inesgotável da propaganda humanitária da Idéia nova!"*⁷²¹

⁷¹⁹ Elisée Reclus (1830-1905), geógrafo e intelectual anarquista francês, participou da Comuna de Paris, tendo sido preso e exilado. Foi professor universitário em Bruxelas e é autor da **Nova geografia universal**, em 19 volumes, para cuja elaboração viajou por diversos países. Em todos esses países fez contato com grupos anarquistas e levantou informações sobre a situação social. O capítulo da sua **Geografia universal** dedicado ao Brasil teve uma edição com o título **Estados Unidos do Brasil** (Rio de Janeiro: Garnier, 1900.)

⁷²⁰ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

⁷²¹ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 6, 06/03/1921. Fortaleza.

No esforço de precisar as qualidades do *Ser Libertário* e difundir as idéias anarquistas, desenvolvendo sua verve poética, dentro de um gênero que poder-se-ia chamar "poesia de resistência", Pedro Augusto Motta, através dos versos, define em que consiste a Anarquia, trazendo-a à cena como campo de combate num tempo em que "*a Ignorância reina ante à Verdade*":

*"Anarquia não é o que propala
por toda a parte a casta exploradora,
e nem tão pouco o germe que assinala
da Humanidade a clava destruidora.*

*Mas sim; a Anarquia é a luz que fala
às multidões de povos, que a opressora
lei do despotismo, a fogo e a bala,
traz sujeitas ao jugo da penhora*

*que até hoje, despótica, domina
pela força selvática e assassina
da IGNORÂNCIA que reina ante a VERDADE...*

*A Anarquia, pois, é portadora inata
Da Idéia verdadeira e intemerata
Que sintetiza em suma a Liberdade...¹⁷²²*

Adotando a estratégia da educação pelo exemplo, a imprensa dos trabalhadores parte com frequência de algumas afirmações correntes: "*A verdadeira miséria consiste em ser fraco; Éramos pequenos porque estávamos de joelhos*", para realizar o trabalho de convencimento acerca da necessidade de esclarecimento. Ao afirmar que não é bastante excluir o tempo inteiro: "*Ah! Se todos fossemos unidos, os patrões baixariam a cabeça*", o jornal destaca o caminho da educação como a via que possibilita romper com o quadro de exploração e injustiças a que estão submetidos os trabalhadores, como nesta exortação encimada pelo título *Proletários, Despertai!*

"O problema é simples, nada tem de complexo, depois das catadupas de luz jorradadas pelos Reclus, Kropotikines, Bakunines, Zolas e outros sábios eminentes

⁷²² A Voz do Graphico, ano II, nº 17, 14/01/1922. Fortaleza.

e filósofos profundos que, abrindo novos horizontes ao pensamento humano, esclareceram perfeitamente a angustiada questão social. Compulsemos as suas obras, observemos praticamente a vida social contemporânea em todas as suas manifestações, (...)

*Elevemos, pois, o nosso espírito, robustecemos o nosso cérebro com conhecimentos sociológicos e científicos, a fim de sair deste tremendo lodaçal, onde os sentimentos se pervertem e o coração apodrece... (...)*⁷²³

Realizando sua propaganda em torno da educação racional, criando escolas, os círculos libertários adotam como modelo a Escola Moderna de Barcelona, dentro dos princípios enunciados por Francisco Ferrer y Guardia. Suas idéias e depois seu fuzilamento na Espanha, elevam-no à condição de mártir, pois que *"A contenda está travada. Do seu lado [da monarquia espanhola] está a ignorância, o sofisma, o fanatismo e a inquisição; do nosso está a ciência, a razão, a luz e a liberdade"*. Para os propagadores de seu pensamento, a morte de Ferrer equivale à vitória de sua obra. Ferrer passa também a compor o panteão em que a glorificação da vida exemplar é fonte para modelar as experiências de educação. Veja-se este panfleto de convocação de ato de protesto contra o assassinato de Ferrer:

"(...) Ferrer e seus companheiros tomaram parte da grei de pensadores que da Espanha tomou a sério a tarefa da educação do povo, empregando os métodos próprios para a formação de mentalidades esclarecidas de cérebros pensantes, realizando incalculáveis progressos de ordem intelectual e moral. (...)

*Ferrer representava a figura mais em destaque na luta pelo alevantamento intelectual e moral das classes populares, em face do reinado das castas privilegiadas e inúteis (...) O seu ideal estava operando o renovamento da raça, uma raça vigorosa que sabia tirar energias dos seus próprios padecimentos e se encaminhava à conquista do direito à plenitude da vida. (...)*⁷²⁴

Um ponto a destacar é que a data de morte de Francisco Ferrer y Guardia é incorporada ao calendário das demonstrações operárias, sendo sua memória reverenciada como a de um mártir da causa dos oprimidos. O educador de Barcelona é assim lembrado em Fortaleza:

⁷²³ **A Voz do Trabalhador**, ano VII, nº 53/54, 01/05/1914. Rio de Janeiro.

"(...) Há onze anos que, em todo o mundo, o sangrento aniversário é comemorado, como consagração a obra perfeita do grande mestre e condenação eterna da infâmia de seus algozes.

Tremenda lição para os que supõem matar um ideal, com a morte de um homem que o professa na sublime convicção de seu sentir.

A grande obra de Ferrer cresceu com sua morte. O seu sangue foi como um adubo maravilhoso: a árvore de seu sonho e de seu esforço de educador – a Escola Moderna – estendeu raízes por toda terra, levando a toda parte um pouco de seus frutos.

É a vingança ativa e nobre da Idéia contra a brutalidade cega da Força.

Francisco Ferrer não era o que supunham seus inimigos e detratores, senão um homem ativo e trabalhador; uma criatura que não aspirava grandezas, que não sabia bajular este ou aquele homem de governo, para não legar à posteridade um nome ultrajado e sem conceito.

A sua vasta inteligência, não lhe pertencia, era distribuída entre dezenas de crianças, sem instrução, e muitas vezes sem pão, esquecidas dos mandões da terra que lhe serviu de berço.

Morreu o grande mestre, mas as suas obras aí estão para a eterna vergonha dos autores desse crime inqualificável.

Registrando hoje, nestas lacônicas linhas, o 11º aniversário do fuzilamento do Mestre da Escola Moderna, rendemos sinceras homenagens à sua memória.⁷²⁵

Rendendo "sinceras homenagens" à memória de Ferrer, passados onze anos de sua morte, o jornal da Associação Gráfica do Ceará, realiza o esforço de educar pelo exemplo, tornando patente não apenas o recurso instituidor de memórias exemplares mas tentando combinar à perspectiva doutrinária de criação de sindicatos de resistência a difusão das concepções de *ensino integral* e *educação racional*, contrapondo-se às concepções dominantes de educação e escola. É o que se destacará na unidade seguinte.

7 – A Educação libertária

Desde os momentos iniciais de formação dos primeiros grupos de militantes de corte socialista libertário, a educação tomou o lugar central como condição de

⁷²⁴ Panfleto distribuído pelo Comitê pró Escola Moderna, São Paulo, 08/10/1913

⁷²⁵ *A Voz do Graphico*, ano I, nº 11, 16/10/1921. Fortaleza.

possibilidades de afirmar convicções, divulgar doutrinas, sedimentar novas práticas sociais em torno da chamada Idéia Nova. O ideal de transformação das realidades materiais tinha como suporte a transformação das mentalidades e a disseminação da cultura socialista libertária.

A demanda por educação, instrução e uma incontida sede de saber, no meio operário, constituem também expressões de sua pertença ao mundo, de manifestações de sua consciência de classe. Nesse tocante é elucidativa a palavra de Ricardo Mella, para quem determinados círculos libertários não aspiravam o enriquecimento e a acumulação, como os burgueses, mas o advento de um novo tipo de sociedade, construída pelo novo indivíduo e a nova moral. O que explica, inclusive, que dessem uma importância básica, decisiva, a sua conduta pessoal, a seus costumes cotidianos, a sua moral, a seus hábitos de vida em coletividade. Campanhas desencadeadas contra os vícios (jogos de azar, alcoolismo, fumo, prostituição, indolência) devem ser percebidas como fazendo parte do caráter integral da cultura defendida e proposta em determinados núcleos operários militantes de extração socialista libertária.⁷²⁶

Alguns estudos apreciam as críticas desferidas pelos jornais operários contra o vício do alcoolismo, contra os excessos do carnaval e, mesmo contra o futebol, como resíduos da moral conservadora no meio operário. Mesmo que em alguns casos, tal seja o caráter das críticas, o argumento não pode ser generalizado. É possível observar, em determinadas experiências dos militantes socialistas libertários, a tentativa de afirmar o campo da cultura operária e nesta, seu lazer, vivido pelos vários grupos e associações. O teatro, as festas, os *pic-nics*, as excursões, as leituras coletivas despontam como

⁷²⁶ MELLA, Ricardo apud DÍAZ, Carlos. **Vocabulário de formación social**. Valência: Edim, 1995, p. 75.

alternativa à lógica dominante do lazer disciplinador e alienante, apontando caminhos de fruição da felicidade e coesão desejada pela classe trabalhadora.

Através dos inúmeros e variados registros da imprensa dos trabalhadores do século XIX e atravessando as primeiras décadas do século XX, depreende-se que no transcurso da luta econômica anticapitalista os trabalhadores lutam também pela construção de valores espirituais, humanos, éticos e intelectuais. Para Carlos Díaz, a rigor, a luta econômica deve ser entendida como a expressão objetiva de uma outra, de maior profundidade: "*a luta por um novo modo de ser, por uma nova ordem de valores oposta ao mundo burguês*". Segundo Díaz, isso explica o fato de que as reivindicações materiais, indispensáveis à sua reprodução, estivessem quase sempre acompanhadas, das reivindicações sistemáticas pelo direito de educar-se, o que significa o direito a cultivar e ilustrar seu espírito.⁷²⁷

No anarquismo, é amplo o lugar conferido às iniciativas educacionais, seja no plano teórico, com a elaboração de diretrizes programáticas para uma educação libertária, como no prático, com a instalação de escolas, ateneus, círculos de cultura, universidade populares. Se em quase todas as correntes do pensamento social do século XIX, é acentuada a educação como prática emancipatória, no pensamento anarquista o maior relevo ao tema está conectado ao *principio doutrinário da liberdade* e a sua concepção de *revolução social*, esta pensada como um processo impulsionado pela ação simultânea "da educação, da rebelião e da propaganda", na formulação de Errico Malatesta. À exigência de ampliação social da propaganda e da formação de

⁷²⁷ DÍAZ, Carlos. **Vocabulário de formación social**. Valência: Edim, 1995, p. 76.

"consciências libertárias" correspondem os fenômenos da "educação anarquista" e do "anarquismo literário" na designação de P. Kropotkin.⁷²⁸

Os conteúdos de formação e ampliação social da propaganda tiveram no jornal o seu mais significativo espaço. É a imprensa que vai se constituir não apenas no lugar de circulação de homens e idéias, mas no espaço de aglutinação de homens e mulheres. Ao criarem seus jornais, estavam também forjando uma experiência de (in)formação alternativa ou contraposta à imprensa burguesa. Ao atribuírem à educação a função de formação de *consciências liberárias*, a imprensa pode ser vista como o meio mais eficaz de ampliação dos conteúdos da tradição anarquista, pelo seu alcance e por sua característica aglutinadora; onde *"os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração"*, posto que *"a imprensa teve em quase toda a história do anarquismo um papel capital como agente de ligação"*.⁷²⁹ Quantos jornais começam em minúsculas salas que passam a ter as múltiplas funções: de redação, círculos de leituras, seções de teatro, ou, como descreve Jean Maitron, *"a sala do grupo é o lugar de passagem onde cada um fala à vontade, lugar de educação e não de ação"*.⁷³⁰ A adesão ao socialismo libertário certamente encontrou no jornal sua maior inspiração, porque mais difundido. Passando de mão-em-mão, deixado no bonde para o acesso de outros. Lido, relido e

⁷²⁸ A esse respeito, convém destacar as formulações de Proudhon e Bakunin nos debates do período, com destaque para o *Programa Educacional* (integral, racional, misto e libertário), formulado em 1882 pelo *Comitê para o Ensino Anarquista*. Como ainda, os pressupostos da *educação libertária*, em particular as concepções de *educação integral*, de Paul Robin e *educação racionalista*, de Francisco Ferrer. Ver LUIZETTO, Flávio. *Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX*. In **Educação & Sociedade**, ano IV, nº 12, set., pp. 61-79. São Paulo: Cortez/Autores Associados/CEDES, 1982; e _____. *O Papel da educação nos planos do anarquismo*. In **As Utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 39-78. Ver ainda, AZEVEDO, Cláudia Soares de. *A Experiência educacional anarquista*. In **Dia-Logos**, ano II, nº 2, pp. 45-75. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 1998.

⁷²⁹ TOLEDO, Edilene Teresinha. *Em torno do jornal 'Amigo do Povo': os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. In **Cadernos AEL - Anarquismo e anarquistas**, nº 8 e 9, pp. 89-113. Campinas: Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH, 1998.

⁷³⁰ MAITRON, Jean. **Le Mouvement anarchiste en France**. Paris: FM Fondation, 1983, p. 22.

conservado, colaborou no sentido da formação e educação militantes. No Ceará, o **Voz do Graphico**, **O Combate**, **O Regenerador** são exemplos dessas práticas educativas.

A leitura dos clássicos do pensamento libertário, a formação de círculos de cultura, a organização de bibliotecas do pensamento social, as traduções, o rastreamento de estudos com vistas a organizar um pioneiro índice da história operária e dos movimentos sociais no Brasil, o apego à matéria das memórias exemplares, a disseminação dos ritos e símbolos da luta social, como já afirmei, se constituem em estratégias no meio operário, como prática da educação libertária.⁷³¹ Aqui entendida como aquela advinda das teorias educacionais e experiências educativas baseadas na liberdade, solidariedade e autogestão entre indivíduos e grupos, com vistas a sua autoformação e autonomia.⁷³²

O jornal, o opúsculo lido em voz alta e o livro são artefatos que ampliam o horizonte do mundo vivido. Passo seguinte é a Escola. O Sindicato de resistência já é uma escola. As greves são argumento de educação da solidariedade e da revolta. A luta pela jornada de oito horas é outro exemplo que carrega forte sentido pedagógico. Em muitos escritos de militantes socialistas, nas primeiras décadas do século XX, é evidente o sentido conferido à luta pelas oito horas "*como uma escola, na qual o proletariado faria sua aprendizagem da revolução social*". O estudo de Josué P. Silva apresenta

⁷³¹ Sobre as idéias pedagógicas dos pensadores libertários europeus, informando o projeto educacional anarquista, sua difusão e práticas no Brasil, desde o final do século XIX, consultar OLIVEIRA, Leila Floresta de. *A Educação libertária: defesa de um ensino racionalista*. In **História e Perspectivas**, v. XVI-XVII, jan.-dez., pp. 103-119. Uberlândia: UFU, 1997; _____. *Educação libertária: reflexões teórico-pedagógicas de Bakunin*. In **Cadernos de História**, nº 7, dez., pp. 91-105. Uberlândia: UFU, 1998; GALLO, Sílvio. **Pedagogia do risco**. São Paulo: Papyrus, 1995; e ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do trabalho. Raízes da educação socialista**. São Paulo: Moraes, 1981.

⁷³² Grande parte dessas experiências resultaram da formulação teórica de Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Malatesta e Reclus e da ação de militantes libertários, em sua crítica às instituições hierarquizadas e autoritárias. As experiências mais destacadas são inspiradas por Paul Robin, Sebastian Faure, L. Tolstói e Francisco Ferrer. O pensamento libertário teve influência nas reflexões de pensadores e educadores contemporâneos, como Paul Goodman, Herbert Read, Illitch e Neill. Para maiores informações, ver
(continua)

vários indícios confirmadores de que "*a conquista da jornada de oito horas não é a jornada curta em si, mas a função pedagógica da ação operária, o aprendizado que esta ação possibilita aos trabalhadores*".⁷³³ O Teatro também é escola de representação de suas práticas sociais. Os hinos e a poesia repercutem marselesas e novas bastilhas. A literatura social fala de andrajos e farrapos que um dia foram homens e mulheres. As comemorações e os protestos de Primeiro de Maio são outra escola de reinvenção das tradições. O exemplo dos "sábios e grandes pensadores", entre os quais Ferrer, é modelo para sua ação. Das conferências de seus divulgadores no Brasil e dos artigos que circulam nos jornais e revistas surgem as idéias de formação das primeiras *escolas modernas*. No Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro são vários os exemplos. No Ceará, a semente brota com as escolas Renascença e Humanidade Nova.

No Brasil, coube aos movimentos anarquista e anarco-sindicalista a difusão das idéias da Escola Racional, da Escola Moderna de Barcelona, elaboradas por F. Ferrer. O movimento da Escola Moderna, materializado nas escolas populares, adotando os princípios da liberdade, livre pensamento, solidariedade e coeducação foi amplamente divulgado na imprensa operária. A revista **A Vida** (Rio de Janeiro) é exemplo importante. O jornal **A Voz do Trabalhador**, desde as primeiras edições realiza um trabalho permanente de divulgação desta matriz no campo da pedagogia libertária, ampliando as resoluções dos congressos operários. Destacados militantes escrevem sobre o tema da instrução e educação. Paul Berthelot⁷³⁴, do Rio de Janeiro colabora com

SILVA, Jorge E. **Dicionário da anarquia. Idéias e personagens do movimento libertário** (versão preliminar). Florianópolis: Edição do autor, 1999.

⁷³³ SILVA, Josué Pereira da. **Tempo e trabalho em São Paulo (1906-1932)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1996, p. 90.

⁷³⁴ Paul Berthelot, francês de origem, tipógrafo, no Rio de Janeiro colabora na imprensa libertária e esperantista. Adota o pseudônimo de Marcelo Verena para muitos artigos. É autor do **Evangelho da Hora**.

A **Sementeira**, de Lisboa, onde discorre sobre a questão, defendendo a tese de que a escola sob a orientação burguesa é pretexto para *"ensinar os dogmas da propriedade e da pátria"*. O libertário Berthelot se põe a indagação *"E o papel da instrução?"* para responder:

*"Certo é que seria a solução, dando à massa o modo de fazer-se por si própria uma opinião. Mas no estado atual de coisas, a instrução que se pode dar ao povo não tem nada de comum com a instrução que ele precisa. O que se faz agora não é instruir, é catequizar; ensina-se a rezar os dogmas científicos como se ensinava a rezar os outros"*⁷³⁵

Os artigos publicados n'**A Voz do Trabalhador** propõem uma escola cujo programa seja amplo e reformador, onde a experimentação possa corrigir os defeitos do ensino oficial; cujo caminho (método) é a educação racional. Combatem *"o oficialismo e os que pretendem que as coisas continuem a marchar pela senda da rotina e da ignorância"*. Desferem críticas aos *"sábios oficiais, com diploma quase sempre comprado, [que] limitam-se a apresentar a credencial dos seus conhecimentos falseados e anódinos"*. São céticos em relação ao ensino oficial e aos seus regulamentos. Argumentam que dele *"não surgem nunca homens intelectualmente sãos"*; daí resulta uma educação deficiente. Criticam *"o ensino monopolizado, fiscalizado por indivíduos que só tem como base dos seus conhecimentos o favoritismo e a proteção da situação política dominante"*. Como consequência evidente desta situação

"os erros, mistificações, venalidades, e o que é mais lamentável, a adaptação de todos os que recorrem as esferas oficiais para se educarem, a um sistema que tem como efeito a inconsistência dos conhecimentos adquiridos, pela falta de uma base de racionalidade para apoiá-los."

Para os editores d'**A Voz do Trabalhador**, não resta dúvida quanto à função da educação e ao lugar da escola como base de regeneração moral. E isto só pode ser

⁷³⁵ **A Sementeira**, ano IV, nº 45, jul./1912. Lisboa.

realizado fora dos parâmetros oficiais, da influência das religiões. A perspectiva apontada é a da Escola Racional, pois é nela que se *"propaga a mais ampla e racional das educações, livre dos prejuízos e concepções preestabelecidas. Não se violenta a inteligência do aluno com dogmas, nem clichês. Tudo é precedido da análise, e nada é aceito sem que esteja de perfeito acordo com a razão"*.⁷³⁶

Nos jornais operários pesquisados, não apenas os artigos de fundo tratam da divulgação do ensino racionalista. Vários depoimentos de militantes falam da necessidade de criação de mecanismos que possibilitem aos trabalhadores fortalecer sua militância em novas bases: camaradagem, solidariedade, em substituição aos vícios e atitudes desagregadoras do espírito coletivo:

"Desde que milito nas organizações operárias, tenho visto muita coisa, (...) o que me tem levado a repetir e a compreender que muitos dos fatos que neles se passam são contraproducentes para a boa marcha da luta proletária.

Por exemplo, as discussões alteradas que trazem a baila, insultos, ofensas, ameaças e calúnias, coisa esta que redundará só em benefício da classe patronal e em prejuízo da classe produtora. (...)

*(...) E isso se evitaria instruindo-se os trabalhadores uns aos outros instalando-se bibliotecas e cursos racionalistas e profissionais, de onde brotarão consciências verdadeiramente emancipadas."*⁷³⁷

A palavra de ordem que o movimento operário, em sua vertente libertária, elege, nas décadas iniciais do século XX, no Ceará, ao lado da criação dos sindicatos de resistência deriva da necessidade de criar e difundir novos métodos de instrução e educação. Florentino de Carvalho, em vários escritos n'**A Voz do Trabalhador** (e em incontáveis conferências) apresenta as bases desses novos métodos e sua eficácia no processo de formação militante.⁷³⁸

⁷³⁶ **A Voz do Trabalhador**, ano VIII, nº 69, 07/04/1915. Rio de Janeiro.

⁷³⁷ **A Voz do Trabalhador**, ano VI, nº 41, 15/10/1913. Rio de Janeiro.

⁷³⁸ Florentino de Carvalho (1879-1947) – pseudônimo de Raimundo Primitivo Soares, tipógrafo, professor, foi redator e colaborador em diversos jornais e revistas anarquistas. Fundou escolas e foi professor em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Buenos Aires. Publicou **Da Escravidão à**
(continua)

Nesta linha, Florentino de Carvalho indaga: *"Existe porventura uma moral que convenha ao mesmo tempo a Voltaire e a Santo Ignacio?"* Parte deste ponto para defender a formulação de métodos de ensino consoantes com a tarefa de reconstrução social. Critica a pouca importância dada pelos pais à escolha de métodos de ensino, orientando-se apenas para preparar seus filhos nos rudimentos da leitura, escrita e operações elementares de aritmética *"a fim de adquirirem com menos embaraço uma colocação de preferência, ou um diploma de certa profissão, mais ou menos elevada"*. Estuda-se, segundo ele, com a finalidade de ascender socialmente (*"de suplantarem os semelhantes na luta pela existência nunca com o fim de criar uma cultura racional"*). Tece críticas ao ensino oficial, como sendo não uma experiência de educação integral mas, um conjunto de normas e práticas que modelam o indivíduo *"segundo as necessidades da conservação do regime político ou religioso estabelecido"*. O ensino oficial tem como característica nuclear a inculcação do sentimento do dever, das obrigações, do sentimento de resignação e acatamento, *"de obediências deprimentes, que vão de encontro aos mais rudimentares princípios de liberdade e exigem a abdicação de direitos inalienáveis"*. Para tanto, trata de sublinhar as diferenças sociais, as hierarquias entre os indivíduos a partir das condições econômicas e definições políticas, sociais e religiosas de cada um. Oferecendo esta argumentação crítica o ensino oficial, argumentando em favor da educação integral, do método racional como pressuposto de aquisição de conhecimentos que instaurem novas práticas sociais:

"Quando estudamos um simples compêndio de geografia que nos descreve a flora e a fauna e outras riquezas dos diversos países, dando a entender que são desfrutadas por todos os seus habitantes, poderemos racionalmente deixar de explicar que estas riquezas beneficiam exclusivamente determinados indivíduos"

Liberdade e A Guerra Civil de 1932 em São Paulo. Sobre sua destacada atuação, consultar RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**, vol. 2. Rio de Janeiro: VRJ Editores Associados, 1995 e NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

e que a imensa maioria definha na miséria, ao pé dos grandes depósitos, que produziram com o seu trabalho?

Não, a escola deve tender para a educação integral, não escondendo nenhuma das verdades demonstradas pela experiência; deve facilitar os meios para que os alunos possam adquirir os conhecimentos mais essenciais a fim de que eles próprios criem a sua educação.

Para formar uma verdadeira cultura é preciso criar ao redor da infância um ambiente de justiça, de independência e de estética que a liberte dos vícios e dos preconceitos que adquire quando está em contato com os elementos de degeneração da sociedade presente.

E não há dúvida de que, com este método de educação se conseguirá formar homens mais equilibrados, mais sãos, mais racionais do que os que possam vir ao nosso campo, passando primeiramente pelas academias da corrupção e do fanatismo, cujos vestígios dificilmente desaparecem de uma forma radical.⁷³⁹

Segundo Florentino de Carvalho, a imprensa dos trabalhadores deve cumprir uma "missão primordial": levar aos trabalhadores uma cultura superior, um conjunto de conhecimentos exigidos na luta por emancipação (política, econômica, religiosa, moral). Para ele, a função educativa dos jornais estaria na divulgação dos princípios de negação do regime burguês e de afirmação da reconstrução social. Em suas palavras: "*É preciso saber o que se pode dismantelar e o que se há de edificar*". Ao mesmo tempo em que escreve vários artigos contra a imprensa burguesa, vai definindo o que pensa como função estratégica da imprensa dos trabalhadores: essencialmente educativa, sua ação pedagógica deve

"despertar o pensamento dos trabalhadores, ilustrando-os com as luzes dos ideais novos, das concepções científicas e revolucionárias, afim de que estejam, logo, preparados, capacitados para a realização das revoluções sociais e para a organização da sociedade dos livres".⁷⁴⁰

Na reflexão sobre o caráter educativo e a ação pedagógica da imprensa dos trabalhadores estão delineadas algumas de suas características. Apresentada como instrumento de denúncia dos males sociais e de anúncio da reconstrução social, ela deve

⁷³⁹ *A Voz do Trabalhador*, ano VI, nº 41, 15/10/1913. Rio de Janeiro.

⁷⁴⁰ CARVALHO, Florentino de. *Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social*. Porto Alegre: Editora Renascença, 1927, p. 23

orientar-se pela difusão dos princípios de justiça, liberdade e dos novos postulados da ciência e da filosofia contrastantes à dominação burguesa. Parte dessa reflexão advém do diagnóstico acerca da urgente tarefa de superação do quadro de ignorância, superstição e irracionalismos. Desse modo, vai sendo definida a função da escola, por dentro de uma rigorosa crítica à educação nos regimes burgueses, vetor do sistema de idéias e valores dominantes.

Os militantes do anarquismo e do anarco-sindicalismo, vão assim extraindo da leitura dos teóricos libertários um conceito abrangente da educação auto-requerida pelos trabalhadores em sua luta emancipatória. Para eles, longe de reduzir-se à aquisição de competência técnica, ilustração diletante e conhecimentos neutros, a educação devia ser buscada em todos os lugares de sociabilidade dos trabalhadores, em especial naqueles informados pelas práticas de solidariedade, união, cooperação, apoio mútuo, esforço coletivo, independência de classe. Assim, as greves, as comissões de socorro, as listas de apoio, os comícios de solidariedade, as demonstrações de primeiro de maio, o teatro social, os círculos de cultura, os jornais, constituíam-se em suportes fundamentais no esforço de auto-educação (individual e coletiva).

Os *novos métodos de instrução e educação* tinham como pressuposto a construção de uma *cultura racional*, livre dos dogmas e preconceitos legados pelo ensino oficial, pela religião e pelas instituições burguesas calcadas no nacionalismo, no militarismo e na hierarquização.

Aqueles que adotam como base os ensinamentos de Francisco Ferrer e os pressupostos da Escola Moderna⁷⁴¹ advogam que a instrução e a educação se dêem com base nos métodos educacionais desenvolvidos por educadores libertários,

⁷⁴¹ Francisco Ferrer (1859-1909). Pedagogo e militante anarquista, espanhol, fundou a Escola Moderna baseada no ensino misto, laico, crítico e científico, que se tornou o modelo aplicado em inúmeros países.
(continua)

*"combatendo quantos preconceitos dificultem a emancipação total do indivíduo e para isso adota o racionalismo humanitário, que consiste em inculcar a infância, o afã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais, para que com o seu conhecimento, possa repudiá-las, opor-se a elas. Combater as guerras, a desigualdade entre os homens e as mulheres, os inimigos da harmonia humana, a ignorância, a maldade, a soberba, e demais defeitos que dividem os homens em vítimas e tiranos."*⁷⁴²

Articulam-se às idéias de F. Ferrer aquelas difundidas pela Liga Internacional para a Educação Racional da Infância, fundada em 1908. Seu programa, baseado em quatro pontos, pode ser assim sintetizado:

"1º – A educação dada à infância deve apoiar-se numa base científica e racional, conseqüentemente deve-se retirar dela toda noção mística ou sobrenatural;

2º – A instrução é apenas uma parte dessa educação. A educação deve compreender, também, junto com a formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, o cultivo da vontade, a preparação de um ser moral e físico bem equilibrado, cujas faculdades se associem harmoniosamente e sejam elevadas à sua máxima potência;

3º – A educação moral, muito menos teórica do que prática, deve resultar, sobretudo, do exemplo e apoiar-se na grande lei natural da solidariedade;

*4º – É necessário, sobretudo no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos estejam adaptados tão precisamente quanto for possível à psicologia da criança, o que não acontece em parte alguma, quer no ensino público quer no privado."*⁷⁴³

Em dezembro de 1911, juntamente com Boanerges Facó, Francisco Irineu de Araújo filho, Clóvis Vasconcelos e Valdevino Tabosa Freire, Moacir Caminha instala a Escola Humanidade Nova, voltada *"à educação integral do indivíduo, baseada nos*

O movimento operário, principalmente o anarco-sindicalista, criou escolas nos sindicatos, baseadas nos princípios educacionais de Ferrer. Francisco Ferrer foi fuzilado em 1909, em razão das suas idéias e da militância social. Criador da Escola Moderna, reverenciado pelas correntes libertárias como "mártir do pensamento livre", enfatiza em sua ação político-pedagógica o papel da educação na renovação social contra o monopólio do conhecimento pelos poderosos. Informações substantivas sobre "o homem e a obra" encontram-se em TRAGTENBERG, Maurício. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária*. In *Educação & Sociedade*, ano I, nº 1, set., pp. 17-49. São Paulo: Cortez/Autores Associados/CEDES, 1978; *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Cortez, 1982; e MOURA, Maria Lacerda de. *Ferrer, o clero romano e a educação laica*. São Paulo: s/e, 1934.

⁷⁴² RODRIGUES, Edgar. *ABC do Anarquismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976, p. 48.

⁷⁴³ KASSICK, Neiva Beron. *Experiências pedagógicas libertárias no Brasil*. In *Educação libertária: textos de um seminário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1996, p. 90. Os princípios da educação racional encontram-se sistematizados em FERRER, Francisco. *La Escuela moderna*. Madrid: Ediciones Júcar, 1976.

métodos experimentais da Pedagogia Moderna". Ainda que um estudo de história do ensino no Ceará afirme que seis meses depois a Escola tenha perecido, talvez em decorrência "*do seu programa demasiado otimista ou visionário*" e "*avançado para o meio*", estamos aí diante de uma evidência: os círculos de leitura e o intercâmbio de publicações trazem a Fortaleza o pensamento de F. Ferrer, como instrumento da luta social.⁷⁴⁴

Os ensinamentos de Ferrer e os escritos de Florentino de Carvalho, João Penteado, Maria Lacerda de Moura, Edgard Leuenroth, feitas as necessárias recriações e adaptações, influenciam alguns militantes em Fortaleza, notadamente aqueles próximos do pensamento libertário, sendo outro exemplo a criação, no início dos anos 20, da Escola Renascença, sob a direção da União Geral dos Trabalhadores Cearenses. Ao lado dos artigos que amplificam as teses sobre o Ensino Racionalista e a Escola Moderna, muitas são as escolas criadas no Brasil, e estes exemplos encontram eco junto aos núcleos socialistas em Fortaleza.⁷⁴⁵

Como resultado do intercâmbio animado pelo Centro Libertário de Estudos Sociais (com Moacir Caminha), **A Voz do Trabalhador**, **A Plebe** e o periódico anarquista **A Vida**, que começa a circular no Rio de Janeiro, em 1914, são representativos da influência exercida nos círculos de leitura da Fortaleza de então. Abordando o tema da educação, a revista traz ensaios de João Penteado e Efren Lima, críticos do dogmatismo pedagógico e divulgadores do pensamento de Francisco Ferrer.

⁷⁴⁴ CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970, p. 262.

⁷⁴⁵ Para o estudo das práticas educativas libertárias no Brasil, ver GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987; JOMINI, Regina Célia Mazoni. **Uma Educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha**. Campinas: Pontes, 1990; _____. *Educação anarquista na República Velha: algumas idéias e iniciativas pedagógicas*. In **Pro-Posições**, nº 3, dez., pp. 37-54. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1990.

Esses conteúdos forneceram substrato às conferências realizadas em Fortaleza, tendo como matriz as idéias da Escola Moderna de Barcelona, como também para discutir os programas de curso e modo de funcionamento da Escola Operária Secundária, em 1919.⁷⁴⁶

Ressalte-se ainda a criação da Escola Renascença como resultado da circulação das idéias veiculadas pelos periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os debates sobre a Escola Moderna, o pensamento e a memória de Ferrer têm seu lugar na Fortaleza dos anos 1920. A divulgação de seu Hino, no jornal dos gráficos, é mais uma evidência de difusão do Ensino Racional:

*"Amai as meigas criancinhas,
Mimosas flores do prazer:
São juvenis inocentinhas
Que a todos faz enternecer.*

*Ensinaí tudo quanto é belo,
A juvenil e meiga infância;
A todos livrai do flagelo
Que é derivado da ignorância*

*Educar toda a infância,
É dever natural;
Banir toda ignorância
É dever racional*

*Votar amor às criancinhas,
Amor sincero, acrisolado
Alegres como andorinhas,
De nós, carecem de cuidado.*

*Difundi todo o ensinamento
Racionalista redentor,
Gravai Ferrer no pensamento
O Grande Mártir precursor*

⁷⁴⁶ **A Vida. Periódico Anarquista** (edição fac-similar). São Paulo: Ícone, 1988. De forma pioneira, a revista mantém a seção *Bibliografia brasileira* sobre a questão social, esforço de mapeamento das publicações sobre o movimento operário no Brasil e tentativa de coligar dados dispersos sobre as idéias socialistas. Artigos de João Penteadó são também localizados em LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – roteiro da libertação social. Antologia de doutrina crítica, história, informações.** Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

*Prestai, ó dignos altruístas,
Auxílio à escola Racional. ;
De ensinamentos otimistas
Para o convívio fraternal.*

*Dedicaí toda a atividade
Ao movimento de Instrução
Em prol de toda a humanidade
Brilhai, ó bela educação!*⁷⁴⁷

Além da experiência da Escola Renascença, efetivada através da União Geral dos Trabalhadores, sob a direção de Pedro Augusto Motta, as idéias de Ferrer circulam nas suas conferências e sessões operárias, influenciando na criação de outras escolas inspiradas nos ensinamentos do Ensino Racional. Ressalte-se que, desde sua fundação, a União Geral dos Trabalhadores fixa como diretriz organizativa fundamental *"propagar a instrução literária e científica e o aperfeiçoamento profissional do trabalhador cearense"*. Nesta linha, em fevereiro de 1921 a União dos Operários Ferroviários Cearenses⁷⁴⁸ comunica, através das páginas de **Voz do Graphico**, a fundação de uma Escola Noturna, em sua sede na rua Santa Isabel, *"para educação sua e de seus filhos"*. A criação da Escola é justificada nestes termos pelos dirigentes da União dos Ferroviários Cearenses:

"(...) Este acontecimento, para nós de suma relevância, vem patentear mais uma vez que o homem do trabalho já se convenceu de que só pelo estudo, só pela educação moral, intelectual e social poderá chegar ao pináculo da posição que lhe assiste no seio da sociedade; só aperfeiçoando o seu espírito científico e racionalmente, tendo por norma a base de ensino da Escola Moderna, de Ferrer, poderemos chegar ao ponto de desfrutar sobre a terra o que aspiramos para a humanidade: liberdade, igualdade e fraternidade. Enquanto não,

⁷⁴⁷ **Trabalhador Graphico**, ano I, nº 25, 4/10/1930. Fortaleza.

⁷⁴⁸ A União dos Operários Ferroviários tem 311 sócios, sendo sua Diretoria: José do Nascimento, Umbellino Telles de Lacerda e João da Costa Gadela (Conselho Administrativo); Job Bráulio do Carmo, Argentino Paula Galvão, Luiz Gonzaga da Silva, Luiz Machado Cotta e Francisco Pinheiro (Delegados); Luiz Manoel dos Santos, Arcelino Azevedo, Luiz Gonzaga Falcão, Symphronio José da Silva e Raymundo Nonato (suplentes).

viveremos sempre escravos, porque a ignorância é uma espécie de escravidão para o nosso espírito, e a liberdade quer luz, quer expansão, quer gênio.

Que os trabalhadores de todos os matizes e todas as escolas sociais encontrem neste exemplo dado pelos camaradas Ferroviários um caminho a delinear no futuro dos seus dias é tudo quanto esperamos, é tudo quanto queremos, é tudo quanto exigimos! ... Esperamos, sim, porque o exemplo é sempre um desejo a manifestar outro desejo; queremos, sim, porque é nosso desejo ver todo a falange dos trabalhadores conscientemente educados nos princípios de uma sociedade perfeita; exigimos, sim porque ao cumprimento do dever não se espera nem se quer que se manifeste quando a inconsciência, a ignorância reina no meio daqueles de quem exigimos."⁷⁴⁹

Observe-se que o enunciado enfatiza o princípio da liberdade, em contraponto à ignorância, tomada como a *escravidão do espírito*. Para o articulista, a base de formação militante estaria na educação moral, intelectual, social e no aperfeiçoamento científico e racional, em suma, recolhendo em Ferrer as idéias-força para seu discurso.

Assim como a União dos Ferroviários Cearenses, os trabalhadores do porto, adotando o modelo de associação de benefício e resistência, fundam em 22 de abril de 1921 seu Sindicato.⁷⁵⁰ Com 725 sócios, inclusive os da seção de Camocim, mantém em sua sede, à rua Sena Madureira, em Fortaleza, uma escola noturna denominada Escola Proletária, com frequência inicial de 28 alunos. Do mesmo período é a circulação do jornal **A Voz do Porto** e a fundação da Sociedade Deus e Mar, associação de homens do mar, que se define como de benefício, instrução e promoção da defesa de seus associados. Vê-se que é posta igual ênfase ao tema da instrução na definição dos fins

⁷⁴⁹ **A Voz do Graphico**, ano I, nº 6, 06/03/1921. Fortaleza.

⁷⁵⁰ O Sindicato dos Trabalhadores do Porto tem a seguinte diretoria: Pedro Ferreira Filho (Pres.), Joaquim Alves de Freitas (vice), Raymundo de Castro (1º Secretário), Francisco Roiz de Mello (2º Secretário), João Pires Vasques (Tesoureiro), Manoel Pinheiro Barbosa (procurador), Francisco Bruno de Araújo, José Clemente de Oliveira, Theophilo Agostinho de Souza, José Ferreira da Silva, Victal Félix da Silva, Manoel Rogério Pereira, Antonio Mendes do Nascimento e Antonio Telles da Rocha (Diretores). A sucursal de Camocim é dirigida por: Raymundo Ferreira de Souza, Emílio Fontelles Dias, Francisco F. Passos. Cf. **Almanach do Ceará**. 1922. Ano XXII. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

desta, como de outras associações. A Sociedade Deus e Mar faz também funcionar uma escola noturna, em sua sede própria à rua do Seminário, em Fortaleza.⁷⁵¹

Em 1915 é lançada uma campanha contra o analfabetismo, sob a chancela do Centro Artístico Cearense e do jornal **Diário do Estado**, cujo resultado prático é a criação da Escola Operária Secundária⁷⁵², com matrícula inicial de mais de cem alunos operários, sob a direção de Moacir Caminha. Segundo um articulista do citado jornal, *"quem quer que reflexionando por um momento, volte às vistas para o desenvolvimento intelectual do operariado cearense, encontrá-lo-á, infelizmente num tristíssimo estado de deficiência"*. A Escola é saudada pelo **Primeiro de Maio** como "Usina", metáfora corrente, posto que a escola seria lugar capaz

"de produzir energia que ilumine o cérebro de todos aqueles que a troco de uma ou duas horas de aula diariamente, (...) em substituição as pequenas réstias e relâmpagos, os ajude (...) a transpor a pedregosa e escuríssima estrada da vida (...) Os professores, moços competentes e desinteressados, que outra coisa não aspiram, senão o reconhecimento dos seus companheiros e a certeza de ter feito

⁷⁵¹ Com 703 sócios no ano de 1923, a Sociedade Deus e Mar tem a seguinte diretoria: Luiz Rodrigues da Silva (Pres.), Minervino de Castro (Vice), Antonio Esmerino Lopes (1º Secretário), Leopoldo Soares da Costa (2º Secretário), José Gomes da Silva (tesoureiro), Manoel Tabosa dos Reis (Tesoureiro Adjunto), José Felipe da Silva, João Francisco da Costa, Argentino de Paula Galvão, Júlio Paulo da Rocha, Antonio Pereira Marques, José Leopoldo Casé, Antonio Telles da Rocha, José Joaquim Feitosa, Marcelino Pedro da Penha, Francisco Mendes da Silva (Diretores), Antonio Rodrigues Vianna, Jesuíno Antonio de Oliveira, Henrique Paulo, Manoel Francisco da Silva e Francisco Rodrigues da Silva (Comissão de Sindicância), João Lourenço da Silva, Raymundo Norberto de Medeiros, Francisco Jeronymo da Silva, João Manoel das Neves, Leôncio Ferreira de Souza e Martins Bispo (Comissão de Auxílios), Manoel Alves Pereira, Osmidio Brígido dos Santos e Joventino Lopes de Amorim (Comissão de Finanças), Francisco Chagas Filho (Fiscal Geral), Raymundo Aлыпio de Lima (Fiscal Auxiliar), Tertuliano de Menezes (Orador Oficial). Cf. **Almanach do Ceará. 1922.** Ano XXII. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

⁷⁵² Sobre a Escola Operária Secundária, em artigo de 28/09/1919, o **Ceará Socialista** oferece uma idéia do seu funcionamento, gestão da comissão reorganizadora, cobrança de mensalidades, currículo proposto, entre outras informações: *"Vai esta escola entrar em uma fase de mais segurança para seu funcionamento. A subvenção ha poucos dias votada pela Assembléia Legislativa do Estado, dar-lhe-á, certamente, melhores meios de subsistência e a faculdade de lhe aumentar os trabalhos com proveito para os operários que, de todas as idades e de ambos os sexos, precisam das mais rudimentares lições. Para tratar da reorganização da Escola reuniu-se em sessão extraordinária (...). Autorizar ao Primeiro Secretário, Eurico Pinto, a reabrir no dia seguinte, 23, a matrícula. (...) Determinar para o Curso Secundário, dois anos de português, 2 de aritmética, 2 de francês, 1 de geografia e 1 de geometria. Criar um Curso Primário anexo, para adultos, constante de duas seções: uma masculina e outra feminina. Publicar e fazer publicar que a Escola continua a ser independente de religião e política. (...) Aumentar-se o número de membros da Comissão Reorganizadora, o qual de seis que era, passou a ser de oito com a entrada de dois, que são Raymundo Ramos e Francisco de Assis Falcão; Estipular a mensalidade dos alunos em 500 réis."*

algo em benefício da classe a que pertencem, conservam-se prontos para continuar a humanitária jornada que há três anos começaram (...)"⁷⁵³

Por este período, observa-se um certo reconhecimento da atuação de Caminha como professor e principalmente como um dos formuladores do debate pedagógico que se iniciará em Fortaleza. Em 15 de setembro de 1916, criada a Inspeção Geral de Instrução Pública, as escolas primárias do Ceará são agrupadas em quatro distritos ou regiões, sendo Moacir Caminha nomeado Inspetor Escolar Regional, juntamente com Elcias Lopes, José da Cruz Filho e Antonio Gomes Parente. Em 27 de março de 1919 é instituído o Grupo Escolar Modelo⁷⁵⁴, instalado em sete de abril do mesmo ano, no bulevar Visconde do Rio Branco, com uma seção masculina e outra feminina, distribuídas em dez classes, sob a direção de Moacir Caminha.

Nesse período, tem ação destacada junto àqueles que propõem mudanças no ensino primário, passando a figurar entre os colaboradores de Lourenço Filho, no campo das reformas do ensino. Vai-se firmando assim o jovem Caminha nas lides do ensino primário, exercendo função pública de direção ao mesmo tempo em que continua seu trabalho de professor particular, ministrando aulas de língua portuguesa e esperanto.

Sua atividade na Escola Operária Secundária é pautada pelas primeiras leituras do pensamento de Francisco Ferrer y Guardia, da Escola Moderna de Barcelona.⁷⁵⁵ O pensamento de Ferrer, cada vez mais difundido na imprensa de orientação anarquista, desde seu fuzilamento em 1909, alcança as aspirações libertárias de Caminha e seus

⁷⁵³ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

⁷⁵⁴ Sob a direção de Moacir Caminha no Grupo Escolar Modelo estão as professoras Alba de Alencar, Maria Sampaio de Andrade, Maria Luíza de Abreu Gomes, Beatriz Ibiapina de Siqueira, Rossicler Vieira, Ophelia de Abreu Gomes, Orchidéa de Azevedo Vieira, Flora Ivette Costa Souza, Aurélia Monteiro Gondim, Evangelina da Justa Theophilo e Angélica Barroso, entre outras.

⁷⁵⁵ Francisco Ferrer (1859-1909). Pedagogo e militante anarquista, espanhol, fundou a Escola Moderna baseada no ensino misto, laico, crítico e científico, que se tornou o modelo aplicado em inúmeros países. O movimento operário, principalmente o anarco-sindicalista, criou escolas nos sindicatos, baseadas nos princípios educacionais de Ferrer. Francisco Ferrer foi fuzilado em 1909, em razão das suas idéias e da militância social.

experimentos pedagógicos. Diga-se ainda que a sede da Escola Operária acolhe outras iniciativas (não necessariamente alinhadas ao pensamento de Caminha), como o Grêmio Literário Cearense, fundado em 1917.

Nos anos 20, Caminha é presença constante nas idas-e-vindas do movimento operário cearense. Do ofício de professor retira o combustível para a militância, seja como conferencista nas entidades operárias ou como entusiasta da criação de escolas operárias, sob influência das várias experiências em curso no Brasil, especialmente em torno das idéias de Francisco Ferrer y Guardia. Nessa período, também intensifica sua inserção no movimento esperantista. Além dos cursos que já ministrara desde 1911, edita em 29 de janeiro de 1922 **Brazila Vivo**, considerada a primeira revista escrita em esperanto no norte e a segunda no Brasil. No ano seguinte, edita **Nova Mondo**, considerada entre as de melhor qualidade no rol das publicações esperantistas no Brasil.

A iniciativa da Escola Operária Secundária tem continuidade ao longo de vários anos, alargando oferta de cursos e matrícula, o que se depreende de notícia veiculada em 1921: *"Este importante estabelecimento de instrução operária, abrirá brevemente sua matrícula, que será franqueada a todos os trabalhadores que desejam libertar-se dos elastíssimos tentáculos desse polvo horripilante – ignorância."* O programa dessa Escola para o ano letivo de 1921 é mais vasto, tanto na parte do ensino primário como na do secundário, ministrando destarte, a instrução indispensável aos analfabetos, como também aos que desejam completar os cursos de português, aritmética, geografia, geometria, francês, esperanto, desenho, etc.

"Esperamos que os trabalhadores saibam aproveitar a boa vontade daqueles que desinteressadamente, se esforçam para resolver o mais importante problema da vida operária – a instrução.

A Escola, pois, camaradas!

*Aproximai-vos da luz!*⁷⁵⁶

Um, entre os vários artigos veiculados nessa imprensa, cuja finalidade era reverter os conflitos entre patrões e operários, buscando ao mesmo tempo instaurar a *"prática do patronato responsável, convivendo com um operariado ordeiro, trabalhador e submisso"*, à maneira do estudo de Marchi.⁷⁵⁷

Como se pode observar, no Ceará são vários os exemplos no campo da educação que adotam os pressupostos da *educação libertária*. Tais experiências, até aqui sem registro na historiografia local, resultaram, em grande medida, da circulação de leituras sugeridas pela imprensa operária e de traduções dos escritos de Paul Robin e F. Ferrer, nos jornais recebidos de outros estados. Resultaram também do esforço de sistematização e crítica às concepções dominantes de educação e ao modelo de escola, *"em larga medida sob o controle direto de instituições confessionais, ou oficiais, formalmente leigas, mas amplamente permeadas pelas doutrinas religiosas"*, como bem observa Luizetto.⁷⁵⁸

8 – Educação e controle social

Como já se viu, são múltiplas as formas e mecanismos de instrução e educação adotadas pelas entidades operárias ou núcleos militantes no Ceará, no período aqui estudado. Neste ponto, destaco algumas das formas de intervenção no campo da educação junto aos trabalhadores efetivadas pelo Estado e pela ação da Igreja Católica.

⁷⁵⁶ *A Voz do Graphico*, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

⁷⁵⁷ MARCHI, E. *A Igreja e a questão social: o discurso e a praxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)* – (tese de doutoramento). São Paulo: USP, 1989, p. 7. Sobre a ação pastoral no meio operário, ver SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. Das Disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

⁷⁵⁸ LUIZETTO, Flávio. *Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX*. In *Educação & Sociedade*, ano IV, nº 12, set., p. 64.

Esclareço que o estudo, ao se deter sobre esta matéria, entendeu trazer à cena alguns experimentos relevantes porque demonstrativos da elaboração de projetos de educação e formação profissional destinados à população pobre e trabalhadora, em sua face de controle social.

Deste modo, comparecem aqui os projetos materializados na Escola de Aprendizes Artífices do Ceará, nos Cursos Noturnos de Aperfeiçoamento, nas Ligas de Combate ao Analfabetismo, bem como aqueles que se delineiam e efetivam como práticas da Igreja Católica, sejam os Círculos Operários, a ação das paróquias e demais mecanismos que adotando a orientação católica, combinam a prática assistencialista à formação e instrução dos trabalhadores, guardando observância à doutrina social da Igreja.

No meado do século XIX, cresce o debate em torno das reformas requeridas pela Instrução Pública da Província. Ainda que a ênfase na "preparação para o trabalho" tenha sido menor, se comparada às medidas e instrumentos voltados à "criação de uma elite culta" ou para "frear a juventude empolgada com as idéias radicais"; não estiveram ausentes do rol de medidas propostas em sucessivos relatórios aquelas dirigidas às "classes populares" que "visavam criar condições mínimas para o trabalho mecânico".⁷⁵⁹ Como exemplo, a criação da Casa de Educando Artífices⁷⁶⁰, em 1856, e, no século seguinte, a Escola de Aprendizes Artífices.

⁷⁵⁹ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *Urbanidade e cultura política...* Op. cit., p. 63. Convém ressaltar que os temas da instrução, educação e trabalho não estiveram ausentes do debate que permeou o fim do sistema escravista, em relação ao negro liberto, ao trabalhador nacional e ao imigrante. A esse respeito, ver SFORNI, Marta Sueli de Faria. *Trabalho e educação no Brasil no final do século XIX: é preciso desenvolver um "novo espírito"*. In *História & Perspectivas*, nº 17, dez., pp. 87-101. Uberlândia: UFU, 1997.

⁷⁶⁰ A Casa de Educandos Artífices (criada pelo decreto nº 754, de 05/08/1856), segundo o Relatório de Lafayette Rodrigues Pereira, em 1864, tem matrícula de 67 alunos, funcionando com as aulas de letras, música vocal e instrumental, donde saem para "*compor a banda marcial*". Funcionam também as oficinas de alfaiate, com 29 aprendizes, a de sapateiro, com 15, a de marceneiro, com 17, e a de funileiro, com 8. Os meninos aprendizes confeccionam nas oficinas a roupa e o calçado de seu uso. Recebem uma diária de
(continua)

No ano 1865, são fundadas outras instituições voltadas à educação e recolhimento dos meninos órfãos e desvalidos, sob a direção das irmãs de São Vicente de Paulo, com sua Casa de Órfãos, depois, Colégio de Órfãos, estendendo, em seguida, sua ação para o Externato de São Vicente de Paulo, para meninos pobres, e um Orfanato, para moças pobres. Ainda em 1865 é instalada a Escola de Aprendizizes Marinheiros, expandindo seu raio de ação aos estados vizinhos; *"foi abrigo da rapaziada pobre do Nordeste, dando à nação marinheiros fortes, hábeis, inteligentes e disciplinados (...) fator de instrução no nosso meio"*, segundo relatório sobre o período.⁷⁶¹

A Escola de Aprendizizes Artífices⁷⁶² (como antes a Casa ou Colégio de Educandos Artífices de 1856⁷⁶³), criada em 1909 pelo decreto 7.649 e subordinada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, é pensada em um contexto de industrialização incipiente, de alto índice de analfabetismo, de necessidade de mão-de-

oitenta réis, considerada insuficiente pelo Relatório, visto que foi estabelecida *"no tempo em que as fazendas eram mais baratas"*. Sobre a casa, o Relatório informa também que suas instalações *"carecem de melhoramentos e melhor conforto"*. (MOACYR, Primitivo. **A Instrução e as províncias. Subsídios para a história da educação no Brasil, 1834-1889**, v. 1. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939, p. 338.)

⁷⁶¹ **Estudo sobre o Ceará.** Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1955. Como exemplos de instituições de assistência à pobreza em Fortaleza, são Dispensa dos Pobres (1885), Asilo de Mendicidade (1886), Patrocínio dos Menores Pobres (1903), Escolas Para Menores Pobres (1908), Dispensário Infantil (1914), Patronato de Maria Auxiliadora para Moças Pobres (1922) e Asilo Bom Pastor (1928). Cf. PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque...** Op. cit., p. 163.

⁷⁶² A Escola de Aprendizizes Artífices é órgão subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, criado pelo decreto 7.649 de 11/11/1909 e instalada em 24/05/1910. Seu diretor é Carlos Torres Câmara, desde 1913. Antes dele foram diretores: José Pompeu de Souza Brasil, Thomaz Pompeu Filho, Sebastião Cavalcante de Albuquerque e Hermenegildo de Britto Firmeza. São seus professores: Adolpho Pompeu de Arruda (Desenho), Maria Pereira Custódio da Cunha e Carmen Freire (Adjuntas), Helena da França Alencar, Amélia de Castro e Lydia Theophilo Pacheco (Curso Primário), Francisco Rodrigues (Mestre da oficina de Tipografia e Encadernação), José Francisco Cyrino (Mestre da oficina de sapataria), José da Silva Braga e Francisco de Souza (Mestre e Contra-Mestre da oficina de alfaiataria), Francisco Henrique Ehrich (Mestre da oficina de ferraria, serralheria e mecânica), Tibúrcio Ferreira do Valle (Mestre da oficina de carpintaria e marcenaria). Cf. **Almanach do Ceará. 1922.** Ano XXII. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

obra qualificada. É o ensino em sua característica de profissionalização (para meninos pobres) pensado também como estratégia de controle social, tirando das ruas os meninos pobres e preparando seu ingresso na fábrica. Capturando, em parte, certas iniciativas autodenominadas filantrópicas das sociedades beneficentes, é modelo comparável a algumas escolas de fábrica que funcionam na Inglaterra na primeira metade do século XIX. Neste ponto, a observação de Martyn Lyons é elucidativa, ao abordar a finalidade de tais escolas enquanto estratégia política, como *"instrumento de controle social, concebidas para incorporar uma elite operária bem-comportada ao sistema de valores das classes governantes"*.⁷⁶⁴ Carrega em si o eco daqueles longos discursos que povoaram os debates sobre a instrução para os pobres no século XIX:

*"(...) Criei escolas industriais e correcionais, derramai a instrução pública, fundai sociedades protetoras, e certo diminuirá a criminalidade de um país. (...) Sem instrução intelectual ou moral, escassamente retribuída ou sem trabalho, vendo em redor de si a imoralidade, subserviência, injustiças, (...) o que se pode esperar desses populares?"*⁷⁶⁵

Acolhendo o "aconselhamento" vindo da Inglaterra, um artigo da **Imprensa Industrial**, em 1876, nomeia as associações inglesas voltadas à instrução para os pobres e recomenda que "os particulares", no Brasil, se espelhem nas "sociedades de escolas para indigentes" daquele país, visto que sua ação

"é muito notável, por estabelecer de propósito, casas de educação nos bairros mais sombrios, habitados pela escória pública, onde periga a vida do professor. Levando (...) às mais obscuras mansardas e imundas pocilgas, o alimento do espírito com a mesma caridade com que as almas piedosas levam o alimento do corpo".⁷⁶⁶

⁷⁶³ A Casa de Educandos Artífices (1856-1865), criada para o recolhimento de meninos órfãos e desvalidos, entre 7 e 18 anos, previa o ensino de leitura, escrita, gramática, contabilidade, música instrumental e vocal e dos ofícios de ferreiro, carpina, alfaiate, sapateiro e outras artes mecânicas.

⁷⁶⁴ LYONS, Martyn. *Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários*. In CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura...* Op. cit., p. 185.

⁷⁶⁵ **Imprensa Industrial**, Op. cit., volume I, 25/06/1877, p. 702.

⁷⁶⁶ **Imprensa Industrial**, Op. cit., volume I, 10/08/1876, p. 16.

Instituições moldadas como garantia da harmonia social, como pensava Charles Dickens ao referir-se às leituras operárias na biblioteca de Manchester, em 1852:

*"(...) muitas vezes ouvi tais homens extravasar os sentimentos do peito, como ele sabe que os livros aqui guardados para seu proveito irão alegrá-lo nas lutas e fadigas de sua vida; aumentar seu auto-respeito; ensinar-lhe que capital e trabalho não se opõem, mas dependem um do outro e se apoiam mutuamente; permitirão que ele reduza a pó o preconceito que cega, as falsidades corruptas e tudo o mais que não seja a verdade."*⁷⁶⁷

As medidas de instrução pública adotadas no século XIX, nas províncias, são informadas pelos propósitos normatizadores e pelos conteúdos da religião (assistência e caridade). Do Relatório da Instrução Pública, de 1881, no Ceará, duas medidas são evidências dessas intenções: o estabelecimento, em cada paróquia, de *caixas escolares* e subscrições para *"fornecer aos meninos indigentes, vestuário simples, calçado, livros e mais objetos necessários à instrução"*; e a instituição, em cada escola primária da capital, de uma *caixa econômica*, onde nos sábados o professores diriam *"aos seus discípulos os inconvenientes do desperdício e as vantagens da economia"* para infundir-lhes *"amor e respeito ao trabalho e aos hábitos de economia"*.⁷⁶⁸

Aqui o professor é o porta-voz da norma, das noções da virtude e da moral pelo trabalho, da introdução dos novos hábitos da economia e da poupança, em sua variante implícita de que *tempo é dinheiro*. Neste ponto, se retenha o argumento de Thompson não restringindo o estudo das práticas disciplinadoras apenas à fábrica ou à oficina, uma vez que *"havia outra instituição não industrial que podia ser usada para inculcar o uso-econômico-do-tempo – a escola"*.⁷⁶⁹

⁷⁶⁷ DICKENS, Charles. Apud LYONS, Martyn. *Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários*. In CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da leitura...* Op. cit., p. 186.

⁷⁶⁸ MOACYR, Primitivo. *A Instrução e as províncias...* Op. cit., p. 371.

⁷⁶⁹ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In *Costumes em comum...* Op. cit., p. 292.

A Escola de Aprendizes Artífices, fruto da concepção de que *"a escola não deve apenas instruir mas dar ao filho do povo os meios de ganhar a vida"*, mantém o Curso Primário e oficinas de tipografia e encadernação, de sapataria, de alfaiataria, de ferraria, serralheria e mecânica. A definição das oficinas levava em conta as especificações do decreto federal do governo Nilo Peçanha, de criação das escolas, indicando que se observassem para que estas fossem *"mais convenientes e necessárias ao Estado em que funcionar a escola, consultadas quando possível as especialidades das indústrias locais"*.⁷⁷⁰ Encontra-se também como parte da tarefa de instrução dos aprendizes artífices a circulação de publicações próprias. Tenho conhecimento de duas delas: **O Aprendiz Artífice** (1915) e a **Revista Pedagógica** (1917), sob a direção de Carlos Câmara, que anuncia como propósito *"dar combate sem tréguas ao analfabetismo, causa primordial de todos os males que afetam o organismo social"*. Impressa nas oficinas da escola, diz inspirar-se na **Revista do Ensino**, de São Paulo, afirmando que ao lado da missão de instruir, deve estar a educação profissional para *"dar ao filho do povo os meios para ganhar a vida"*, devendo a revista cumprir os objetivos de orientação cívica, pois *"de par com a instrução popular, julgamos imprescindível ministrar a nossa mocidade lições de civismo, para que ela aprenda a cultuar a memória dos grandes homens e a honrar os gloriosos fatos da nossa história pátria"*.⁷⁷¹

Em 1918, um novo decreto, nº 13.064, institui os Cursos Noturnos de Aperfeiçoamento, anexos à Escola, que passam a funcionar em julho de 1918, realizando matrícula de 235 alunos no ano de 1922. Os cursos noturnos, conforme seu regulamento, *"são destinados principalmente a ministrar aos operários conhecimentos*

⁷⁷⁰ FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**, v. 1. Rio de Janeiro: s/e, 1961, p. 164.

⁷⁷¹ CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino...** Op. cit., p. 190.

que concorram para torná-los aptos nos seus ofícios". A Escola organiza também uma Associação Cooperativa e de Mutualidade⁷⁷², para prestar socorro aos alunos nos casos de doenças e acidentes (também fornece as ferramentas e utensílios), movimentando um fundo social em torno de 17:000\$000. Embora a Escola conte com significativa matrícula, da leitura dos relatórios encaminhados ao Ministério pelo Diretor constata-se exígua a dotação de verbas e precárias as condições de permanência dos alunos nos cursos:

"Por falta de estímulos, os nossos aprendizes – que representam o verdadeiro proletariado, inanido por absoluta carência de recursos – freqüentam, ordinariamente, pouco tempo as oficinas e, mal, conseguem a prática rudimentar dos misteres inerentes ao ofício que escolhem, as abandonam para trabalhar em oficinas particulares, onde o seu trabalho, se bem que parcamente, é estipendiado.

Para comprovar esta asserção, possui a Diretoria uma relação de cerca de 80 alunos que, sem que houvessem concluído o curso integral, deixaram a Escola e, exiguamente remunerados, estão empregando a sua atividade em estabelecimentos particulares, forçados a isto pela sua extrema penúria."⁷⁷³

Da leitura dos *Relatórios Oficiais do Diretor*, depreende-se que esse tipo de iniciativa do poder público, alvo de críticas quanto à sua natureza e concepção, não alcança os objetivos fixados pelos idealizadores dessa modalidade de ensino técnico:

"Faz-se mister que o aluno, ao concluir a aprendizagem, saia da Escola com todos os requisitos indispensáveis ao operário moderno – elemento essencial que é da nossa evolução econômica e social – adestrado para a luta pela vida e convenientemente aparelhado de conhecimentos que o tornem não apenas um operário capaz, mas, sobretudo, um cidadão útil à sua Pátria, com a compreensão exata dos seus direitos e deveres, com o preparo intelectual e o estímulo necessário para o desenvolvimento de sua atividade profissional."⁷⁷⁴

⁷⁷² A Associação Cooperativa e de Mutualidade da escola de Aprendizes Artífices, tem a seguinte diretoria: Carlos Torres Câmara (Presidente), Adolpho Pompeu de Arruda (Vice-Presidente), José de Alencar Araripe (Secretário), Tibúrcio Ferreira do Valle (Tesoureiro), Francisco Henrique Ehrich, Francisco Rodrigues Cavalcante e José da Silva Braga (Conselho Fiscal). Cf. *Almanach do Ceará. 1922. Ano XXII.* Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

⁷⁷³ *Escola de Artífices do Ceará.* In *Almanach do Ceará.* Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922, p. 674.

⁷⁷⁴ *Escola de Artífices do Ceará.* Op. cit., p. 678. Estudo sobre a Escola de Aprendizes Artífices no Paraná, recolhe evidências similares, no que se refere à desistência dos alunos: "O alto índice de desistência pode ser atribuído (...) às dificuldades vividas pelos menores, majoritariamente advindos das camadas desfavorecidas da cidade: epidemias, condições precárias de transporte e vestuário, (continua)

O que se percebe é que aquela modalidade de escola, requerida pelo capitalismo no início do século XX, pretende adestrar (disciplinarizar) a mão-de-obra segundo as exigências da técnica e do desenvolvimento industrial, como ainda promover sua política de organização disciplinar, de profilaxia social e espírito de ordem. Estas são as idéias-força desse relatório de 1909, de uma viagem de inspeção às escolas de aprendizes artífices no norte do Brasil, aí incluída a do Ceará:

"A organização disciplinar dos novos institutos foi também objeto do meu especial carinho.

Considero como essencial não somente desembrutecer o entendimento e a razão, mas também corrigir e educar o físico e a estrutura, se é nossa missão, essa obra de profilaxia social, saneando o corpo e a mente aos jovens organismos que nos são confiados, oriundos, quase sempre, das mais imperfeitas camadas da sociedade.

Além disso, a destreza no trabalho só poderá ser atingida com a observância da boa higiene corporal, com justeza de movimentos e aplicação racional dos músculos em função com o cérebro. (...)"⁷⁷⁵

Do enunciado, resta a intenção do legislador em completa dissonância com as realidades sócio-econômicas vividas pelos alunos-trabalhadores e em perfeita adequação com as formulações do liberalismo. Enquanto os regulamentos e decretos falam de preparar operários capazes para o trabalho, adestramento para a vida, formação de cidadãos úteis, servir à pátria, afirmação da nação, os dirigentes da Escola reclamam diárias ou pagamento por tarefas para os aprendizes porque sua situação é de extrema penúria; cursos primários porque todos são analfabetos; e, até *"que se lhes proporcionasse uma ligeira refeição quotidiana, que lhes desse o alento preciso para o*

subnutrição, etc. (...) Em segundo lugar, pela pressão do mercado de trabalho sobre estes menores". Cf. QUELUZ, Gilson Leandro. Escola de aprendizes artífices no Paraná: ensino profissional, técnica e industrialização (1909-1935). In História e Cultura, V Encontro Regional de História, p. 228. Ponta Grossa: ANPUH/PR, 1997. Regina Jomini trabalha com a hipótese de que a criação dessas escolas fez parte de medidas destinadas a arrefecer as manifestações operárias do período (JOMINI, Regina Célia Mazoni. Uma Educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. Campinas: Pontes, 1990).

⁷⁷⁵ Relatório de Paulo Ildefonso, encaminhado em 1917 ao Ministro da Agricultura. Cf. QUELUZ, Gilson Leandro. Escola de aprendizes... Op. cit., p. 230.

término do tirocínio escolar". O que se percebe é que esta modalidade de ensino resulta das formulações em curso no século XIX, conforme as idéias liberais:

"A instrução dada nas escolas públicas é geralmente aproveitada pelas famílias extremamente pobres, que destinam seus filhos às profissões mecânicas, por isso mesmo, é que ela deve ser a mais ampliada possível; porque são as classes operárias que mais, que qualquer outra, precisam que se lhes dê melhor instrução.

Alguma coisa mais que ler e escrever cumpre ensinar-se aos filhos do povo, para que eles um dia possam: como cidadãos, compreender e cumprir seus deveres e direitos; como artífices, honrar e aperfeiçoar a profissão que exerçam; e, como pais de família, exemplificá-la com a moralidade de suas ações e o labor de sua existência."⁷¹⁶

Esses discursos, construídos no século XIX, repercutem nas primeiras décadas republicanas e os mecanismos vários de educação vão se constituindo para a formação de "homens utilizáveis", pois a *"introdução da técnica, ampliação da divisão do trabalho com o desenvolvimento do capitalismo, leva à necessidade de universalização do saber ler, escrever e contar"*, observação pertinente de M. Tragtenberg, para quem *"a educação já não constitui ocupação ociosa e sim uma fábrica de homens utilizáveis"*.⁷¹⁷

Essa modalidade de escola, tirando das ruas os meninos que vêm das *camadas mais imperfeitas da sociedade*, no dizer do Relatório de 1909, se aproxima daquela que Thompson localiza nos discursos de fins do século XVIII, cujos enunciados fazem o elogio das escolas de caridade *"por ensinarem o trabalho, a frugalidade, a ordem e a regularidade"*, ou da manufatura como escola, ressaltada a *"influência socializadora do processo"*. Um processo permeado pela concepção de educação como treinamento para

⁷¹⁶ **Imprensa Industrial...** Op. cit., volume I, *A Instrução Pública*, 10/10/1876, p. 194. Como ilustração deste ponto de sua intervenção a revista *Imprensa Industrial* alude a T. Jefferson em sua exortação: *"Pregai uma cruzada contra a ignorância; estabelecei e melhorai a lei que tem por objeto a Educação das Classes menos favorecidas; mostrai aos nossos concidadãos que só o povo pode proteger-nos contra as misérias de que sou testemunha. Essa despesa não será a milésima parte do que será preciso gastar, se deixarmos o povo na ignorância"* (Cartas, Paris, 1786).

⁷¹⁷ TRAGTENBERG, M. *Sobre educação, política e sindicalismo*. São Paulo: Cortez, 1982, p. 35.

adquirir o hábito do trabalho, posto que *"uma vez dentro dos portões da escola, a criança entrava no novo universo do tempo disciplinado"*.⁷⁷⁸

O modelo de Escola de Aprendizizes Artífices é parte do projeto das elites dirigentes, visando a disciplinarização de corpos e mentes, sendo a escola uma das estratégias eficazes para tirar das ruas os "menores desvalidos" e incutir-lhes as noções de ordem, hierarquia, disciplina e destreza técnica requeridas pelo capital, combinadas aos ensinamentos de fundo moral, uma "pedagogia das virtudes" de que fala Margareth Rago, para quem a Primeira República é o tempo em que as elites buscavam *"eliminar as práticas selvagens e promíscuas de uma população ainda não devidamente civilizada, regenerar o trabalhador e sua família, ensinando-lhe uma pedagogia das virtudes que os tornassem operários dóceis e submissos"*.⁷⁷⁹

Nesse ponto, convém registrar que na Primeira República, as práticas instituidoras da civilização e regeneração pelo trabalho e pela educação de *homens utilizáveis*, em particular as escolas para o trabalho, guardam idênticas características às do Império. Os propósitos e os programas voltam-se, como no Império, às *classes populares*, às *classes pobres*, aos *meninos desvalidos*, *desfavorecidos da fortuna*, *órfãos e abandonados*. Em suma, alargam-se no tempo medidas assistenciais voltadas aos *necessitados da misericórdia pública*, configurando *"menos um programa propriamente educacional (...) o objetivo inequívoco é o da regeneração pelo trabalho"*, como no estudo de Nagle, sobre o período.⁷⁸⁰

⁷⁷⁸ THOMPSON, E. P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial*. In *Costumes em comum...* Op. cit., p. 293.

⁷⁷⁹ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar; utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1989, p. 141.

⁷⁸⁰ Ver NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. In FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. São Paulo: DIFEL, 1978; _____. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/MEC, 1976.

Se é adequada a proposta analítica que situa essas escolas como espaços de formação de "homens utilizáveis", através de uma "pedagogia das virtudes", modelando corpos e mentes "dóceis e submissos", restaria investigar os momentos em que essa lógica do controle é alterada por parte dos meninos pobres. Localizei um indício nas aulas da oficina de tipografia. Numa tarde qualquer de março de 1912, em que os tipógrafos haviam declarado sua terminante recusa à impressão de boletins em favor da candidatura situacionista de Bizerril Fontenele, a diretoria da Escola recebe a encomenda. Os aprendizes declaram-se em greve e empastelam toda a composição: *"Foi preciso expulsá-los para que fossem impressos novos boletins, chapas e circulares daquele partido [PRC], cujas contas nunca foram pagas."*⁷⁸¹

Ainda que as formulações, no campo da educação universal, advindas do século XIX, tornassem restrito o ideário da Revolução Francesa, permanecia a necessidade de difundir determinados rudimentos do saber para os "homens utilizáveis". Para Pimentel Filho, a economia fabril, ao criar o operário ignorante, aliviava a tensão política de prover instrução a uma massa de trabalhadores. Para o autor, era *"plenamente possível o crescimento capitalista ampliado e espoliador sem uma educação integral"*.⁷⁸²

Em artigo no **Primeiro de Maio**, dirigido aos alunos da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará, o articulista F. Roiz Cavalcante enquadra a iniciativa da instrução e educação como sendo o caminho para a elevação da conduta e da moral operárias. Para ele, o vigor da escola está em difundir os princípios de melhoramento de ordem moral e social, constituindo-se em lugar onde os esforços devem convergir para o conagraamento das idéias e aspirações operárias. Entende a educação escolar como uma

⁷⁸¹ FIRMEZA, H. *A Revolução de 1912 no Ceará*. In *Revista do Instituto do Ceará*, v. 81, p. 40. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1963.

⁷⁸² PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *Urbanidade e cultura política...* Op. cit., p. 73.

estratégia de promoção do saneamento moral e social e, em larga medida, como espécie de passaporte seguro para o mundo do progresso e da civilização, concluindo que "*De fato, a maior parte dos moços de hoje, que cultivam e se dedicam as profissões trabalhadoras, longe de serem boçais, ignorantes, como acontecia em alguns tempos passados, são hoje relativamente instruídos, quiçá inteligentes (...)*".⁷⁸³

Com o propósito de retirar da *escuridão da ignorância* uma grande massa de analfabetos, aqui e ali, as motivações seculares da caridade da assistência aos desvalidos promovem determinadas "cruzadas". É o caso da Liga Cearense Contra o Analfabetismo (criada em decorrência da propaganda da Liga Brasileira, a partir do Rio de Janeiro), que dirige sua atuação às populações pobres dos subúrbios e arrabaldes de Fortaleza. Com a efetivação destas "cruzadas" – tópicas, assistemáticas, efêmeras, descontínuas – busca-se suprir a completa ausência de programas educacionais sistemáticos previstos na organização e gestão dos negócios públicos. Para os pobres, o paliativo recoberto de certo verniz da formação católica – "*a escola como pão do espirito*". Longe está de se tratar a matéria como obrigação do estado e direito da cidadania. A forma mais usual de efetivação dos "programas" da Liga concentra-se na criação de escolas noturnas. O ensino, em seu sentido de missão, é ministrado gratuitamente. Ressalta-se a característica de benemerência dos envolvidos neste tipo de ação. Exemplo disso é o trabalho de Alba Valdez (Maria Rodrigues), professora, escritora, jornalista, que dirige em 1917-1918, gratuitamente, a Escola Noturna Dr. José Sabóia, para domésticas e moças pobres dos subúrbios de Fortaleza. Acrescente-se que ação similar já se desenvolvera em 1904, quando a referida professora funda, com outras, e preside a *Liga Feminista Cearense*, tendo como "*finalidade social trabalhar pelo alevantamento*

⁷⁸³ **Primeiro de Maio**, ano XIII, nº 69, 01/05/1918. Fortaleza.

*intelectual da mulher cearense, já realizando animadas sessões de letras entre as suas associadas, já criando cursos onde as meninas desvalidas adquirissem um pouco de instrução".*⁷⁸⁴

O grupo editor do **Ceará Socialista** defende intervenção distinta da Liga, explicitando sua divergência na polêmica travada com a redação do **Folha do Povo** em torno da *Liga Cearense contra o Analfabetismo*, em 1919.⁷⁸⁵

A Liga, baseando-se no princípio geral "*sem instrução não há liberdade, e sem liberdade não há civilização*", dirige um apelo a "*todas as consciências sãs e a todas as inteligências esclarecidas para que através de seu concurso direto ou indireto, do auxílio pecuniário ou moral para levar a efeito seu benemérito programa de combate ao analfabetismo*". Formula o apelo partindo da constatação de que "*a ignorância é um dos piores males porque é a causa da maior parte deles*", devendo, pois, tornar-se tarefa de todos e de cada um "*difundir a instrução pelo povo, que é o máximo dever dos poderes públicos e de cada cidadão*".

Em torno desses enunciados da Liga, Eurico Pinto pronuncia-se refutando-os pontualmente. Considerando insuficiente e equivocado localizar a ignorância como sendo a causadora dos "*grandes males*", para ele, a Liga oculta em seu discurso as "*causas da ignorância*", que devem ser buscadas na fome, nos baixos salários e péssimas condições de trabalho, na carestia de vida, na falta de moradia, nas

⁷⁸⁴ SOUSA, Eusébio de. **Meio século de existência (subsídio para a história do Instituto do Ceará), 1887-1937**. Fortaleza: Tip. Minerva, 1937, p. 224.

⁷⁸⁵ Formam a diretoria da Liga Cearense Contra o Analfabetismo: Barão de Studart (Presidente), Moreira da Rocha, Eduardo Salgado, Marciano de Oliveira Ávila, Joaquim Magalhães, Antonio Sales, Leonardo Mota, José Sombra, Paulo de Aguiar, José Gentil Alves de Carvalho; Conselho Consultivo: Raymundo de Arruda, João Hipolyto de Azevedo e Sá, Thomaz Pompeu de Souza Brasil, José Odorico de Moraes, Andrade Furtado, Júlio Ibiapina, Luiz Santos, José Accioly, Francisco Gonçalves, César da Fonseca, Armando Monteiro, Odorico Castello Branco, Carlos Câmara, Thomaz de Carvalho, Dionísio Torres, Margarida de Queiroz; Conselho de Honra: João Thomé de Saboya, D. Manoel da Silva Gomes, Gal. Joaquim Ignácio Cardoso, Lauro Sodré, Pedro Celso e João Cordeiro.

extenuantes jornadas de trabalho e até na *"falta de roupa mais ou menos decente para o comparecimento as aulas"*. Para Eurico Pinto, todas essas variáveis concorrem para a manutenção da ignorância.⁷⁸⁶

Quanto ao apelo por parte da Liga para mais uma cruzada contra o analfabetismo, Eurico Pinto revela sua descrença e afirma que o poder público, ao invés de patrocinar essas "cruzadas", deveria cuidar da fiscalização da carestia de vida e do abuso dos patrões em relação às jornadas de trabalho extenuantes e pagamento de salários incompatíveis com as necessidades mínimas da família trabalhadora. Não adiantava, segundo ele, patrocinar "cruzadas contra o analfabetismo", mantendo a mesma situação de miséria do operariado.⁷⁸⁷

Essas ações de combate ao analfabetismo certamente não estão restritas à Fortaleza. Em Sobral, por exemplo, já em 1917, D. José Tupinambá da Frota instala o Comitê Municipal contra o Analfabetismo.⁷⁸⁸ Combina-se ali a ação da Igreja com suas escolas noturnas para "os desvalidos e meninos pobres" e a política do Estado em favor da qualificação operária para as novas exigências do capital.

Além das iniciativas apresentadas, se efetivam outras intervenções no campo da educação e instrução voltadas ao atendimento dos operários. Várias delas, de orientação católica. Afinal, já no meado do século os chamados "meios sutis" (educação e religião) são anunciados a faltar e a *"tarefa moralizadora seria realizada através da escola e da*

⁷⁸⁶ **Ceará Socialista**, ano I, nº 3, 27/071919. Fortaleza.

⁷⁸⁷ **Ceará Socialista**, ano I, nº 3, 27/071919. Fortaleza.

⁷⁸⁸ Sobre a criação do Comitê Municipal contra o Analfabetismo, o estudo já citado de F. Sadoc de Araujo diz que *"sua finalidade era mobilizar recursos humanos e financeiros para extinguir a peste do analfabetismo na cidade"*.

divulgação das pastorais, dos sermões, da catequização e da ampla difusão da religião por todo o sertão por padres ambulantes".⁷⁸⁹

Desde o final do século XIX, com o avanço da romanização, a Igreja mobiliza os fiéis através das Associações Vicentinas, Congregações Marianas, Ligas de Jesus, Maria e José, entre outras. Nas primeiras décadas do século XX, a ação da Igreja volta-se à arregimentação dos leigos, combinando práticas assistencialistas e catequese, criando, em 1913, o Círculo Católico de Fortaleza e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância e, em 1915, o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, a Liga dos Senhores Católicos e o Dispensário dos Pobres. Essa ação social definida nas Cartas Pastorais é o meio de implementar as estratégias de recatolização da sociedade. Júlia Miranda, analisando o discurso e práticas católicas no Ceará, observa que é no princípio ético da caridade em consonância com os interesses do Estado liberal, que se assenta a base da ação social da Igreja em respeito à Questão Operária, determinando a criação dos Círculos Operários Católicos, sendo o Ceará o precursor da experiência circulista. As práticas junto ao operariado têm nas escolas, sociedades beneficentes e círculos os veículos de difusão dos conteúdos de obediência, submissão ao poder instituído, aplainando os conflitos sociais e combatendo as idéias socialistas e as práticas de contestação.⁷⁹⁰

Os estudos sobre o movimento circulista apresentam como eixos estruturantes de sua ideologia a intenção cristianizadora, o propósito assistencialista e educacional do operariado, a doutrina social da Igreja católica e o anticomunismo. Almeida, em seus

⁷⁸⁹ Congresso Agrícola. *Coleção de Documentos*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878. Apud BARREIRO, José Carlos. *Tradição, cultura e protesto popular no Brasil (1780-1880)*. In *Projeto História*, nº 16, fev., p. 23. São Paulo: PUC, 1998.

⁷⁹⁰ MIRANDA, Júlia. *O Poder e a fé. Discurso e prática católicos*. Fortaleza: Ed. UFC, 1987. No tocante ao ensino formal, a autora informa que entrado o século XX, "todos os colégios cearenses, à exceção do Liceu e do Ateneu, estão sob a direção de ex-seminaristas" (p. 80).

estudo do circulismo como um movimento católico voltado à organização do proletariado e à conformação de um novo padrão de comportamento moral e cultural, articula uma abordagem esclarecedora acerca das práticas presentes no meio operário para sedimentar experiências de assistencialismo, formação e controle. Destaca ainda a capacidade de expansão do circulismo para a vida privada dos trabalhadores, junto às famílias, no lazer e na educação, difundindo as concepções correntes de caridade, obrigação moral e assistência religiosa.⁷⁹¹

No combate às "*idéias socializantes*", um dos alvos permanentes da Igreja é a crítica à "*imprensa sem religião*", "*imprensa ímpia*", "*disseminadora de idéias perniciosas*", como demonstram várias cartas pastorais do período, chegando inclusive a definir para os fiéis a "*má imprensa*":

"(...) é toda aquela que ataca a religião, os costumes e a sociedade. Assim são maus, sob o ponto de visto religioso, todo jornal, livro ou revista que atacam a Deus, a Jesus Cristo, à Igreja, o Papa, os bispos, os padres, as verdades da fé, os princípios da moral cristã, o culto e as cerimônias católicas.

Sob o ponto de vista dos costumes, é má toda a imprensa que corrompe o coração, (...) quer falando-lhe pela voz dos romances, quer oferecendo-lhe revistas ou gravuras indecorosas.

⁷⁹¹ Sobre os Círculos Operários no Brasil, ver os estudos de ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil** (dissertação de mestrado). São Paulo: PUC, 1992; BARBIAN, Hilário. **Círculo Operário e sindicalismo em Ijuí-RS (1923-1946)** – (dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 1991; BARRETO, Álvaro. **O Movimento operário riograndense e a intervenção estatal: a FORGS e os Círculos Operários (1932-35)** – (dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1996; _____. **Propostas e contradições dos Círculos Operários**. Pelotas: UFPEL, 1995; BRANDÃO, Berenice. **O Movimento católico leigo no Brasil: as relações entre Igreja e Estado** (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFF, 1975; BRENTANO, Leopoldo. **Manual do Círculo Operário**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional dos Operários Católicos, 1949; _____. **A Legislação social brasileira e a Encíclica Rerum Novarum**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional dos Operários Católicos, 1941; DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do século XX*. In **Estudos CEBRAP**, nº 12. São Paulo: CEBRAP, 1975; DIEHL, Astor Antônio. **Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social político (dos anos 30 a 1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990. _____. *Os Círculos Operários: um projeto entre a modernidade e a tradição*. In **Veritas**, v. 37, nº 148. Porto Alegre: PUCRS, 1992; MIRANDA, Carlos. *A Questão social e os Círculos Operários do Recife*. In **Clio**, nº 16. Recife: UFPE, 1996. Uma listagem mais completa da produção historiográfica sobre os Círculos Operários encontra-se em BARRETO, Álvaro. *Uma Avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários*. In **Anos 90**, nº 7, jul., pp. 127-147. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

*Sob o ponto de vista social, é ainda má toda aquela imprensa que procura destruir os fundamentos da sociedade, a propriedade, a justiça, o casamento religioso e os direitos da família cristã.*⁷⁹²

Ao mesmo tempo em que definem "a imprensa ímpia", as Cartas Pastorais insistem na necessidade de criação de uma imprensa católica como instrumento eficaz de defesa e propagação de suas idéias e programas, posto que o jornal pode chegar onde não chega o púlpito, levando "ao seio das famílias o ensino das verdades católicas, fazendo na praça, no café, na loja, na oficina, no restaurante, no combóio, no vapor (...) o que o orador sagrado faz no templo". Note-se que as Cartas são também prescritivas quanto às condutas católicas, posto que recomendam o óbolo a uma imprensa própria e a retirada de assinaturas e anúncios na "imprensa ímpia". A esse respeito, a crônica da época anota o fato extremo do Bispo de Sobral, Dom José Tupynambá da Frota, que em 1922 proíbe a leitura do jornal **A Luta**, falta equivalente à pena do pecado mortal. Variando do ato extremo de aberta interdição à censura justificada como mecanismo "pedagógico-disciplinar", o jornal católico do Crato, **A Ação**, é exemplar nessa direção. Sob o sugestivo e condenatório título de *Imprensa que envenena*, o artigo quer estabelecer cânones de leitura:

*"A lei natural proíbe a leitura destas revistas e jornais desprezíveis e imundos. Atenção! Toda pessoa que compra ou recebe revistas ou jornais heréticos ou imorais está diretamente contribuindo para o avanço do protestantismo, espiritismo, comunismo, anarquismo em nossa terra. Da mesma forma, os que se deleitam com leituras atentatórias aos bons costumes estão em perigo de perder não só a esperança e a caridade, mas também a fé."*⁷⁹³

⁷⁹² BARRETO, Dom Francisco de Campos (Bispo de Pelotas). *Carta Pastoral de 5 de outubro de 1913*. Apud LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org.). **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983, pp. 65-80. Note-se que é da década de 1920 a iniciativa da hierarquia da Igreja Católica de criação do Centro da Boa Imprensa e da Liga da Boa Imprensa (cf. MIRANDA, Júlia. **O Poder e a fé. Discurso e prática católicos**. Fortaleza: Ed. UFC, 1987, p. 55).

⁷⁹³ **A Ação**, ano XI, nº 496, 21/05/1950. Crato. Apud CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A Construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960)** – (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

Ainda sobre as práticas classificatórias e condenatórias da "má leitura" e dos "livros maus", notadamente aqueles que veiculavam as idéias agnósticas, anarquistas, socialistas, laicizantes, a Ação Católica, no Crato, promove a "queima dos livros maus", campanha que se estende por vários anos na década de 1930. A fogueira ritual, em praça pública, é precedida de animada disputa pela maior arrecadação de "literatura ímpia" e acompanhada por jovens católicos que entoam o refrão: *"Livro mau não se compra/Livro mau não se dá/Livro mau só diverte/No fogo a queimar"*.⁷⁹⁴

É clara a compreensão da hierarquia eclesial quanto à formação da opinião pública e a necessidade de uma imprensa de matriz doutrinária católica. Algumas cartas pastorais chegam a definir o papel do jornal como disseminador de (in)formação para *"toda a classe de pessoas"*, como aqui:

*"Efetivamente é o jornal que tem por missão manifestar os abusos dos depositários dos destinos das nações; é o jornal que ilumina, esclarece e dirige a opinião pública, enveredando-a para o bem e arredando-a do mal; (...) é o jornal finalmente que, tornando-se hoje em dia um elemento da vida para a sociedade, é o grande fator do movimento e desenvolvimento do pensamento humano, com muito mais eficácia do que o livro, porque familiarizou-se com toda a classe de pessoas, desde o sagaz político ao grosseiro operário e desde a pudica donzela até a gárrula ancila."*⁷⁹⁵

A busca de eficácia da Igreja em sua ação junto aos *"desvalidos da sorte"* tem na instrução (jornal, escolas, círculos operários) um dos seus mecanismos mais usuais. Tal ação não se efetiva sem críticas. A senda é aberta em 1908, n'**O Demolidor**, contra o ensino conduzido pelos frades estrangeiros em Fortaleza, Canindé e Quixadá. Adonias Lima, em longo artigo contra os frades e suas escolas, argumenta que *"as tais escolas*

⁷⁹⁴ **A Ação**, nº 97, 17/01/1943. Crato. Apud CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A Construção da "cidade da cultura"**... Op. cit. p. 187. Sobre o tema da censura, proibição e interdição de livros, consultar HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil (sua história)**. Trad. Maria da Penha Villalobos & Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985; MACEDO, N. D. de. **Bibliografia sobre a censura e a liberdade de imprensa**. São Paulo: ECA-USP/EDUSP, 1970; e CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas**. São Paulo: Estação Liberdade/SEC, 1997.

nada adiantariam a nossa instrução: colégio de frade, sempre foi e será o meio ardiloso de incutir nos espíritos jovens os maléficos prejuízos da superstição".

Repercutindo a polêmica aberta pela Liga Contra os Frades, o jornal **Unitário** defende o ponto-de-vista da laicidade do ensino requerida pelo governo republicano, invocando o espírito nacional:

"A instrução de um povo só pode ser confiada pelo governo nacional ao próprio povo. Qualquer ensino que não for leigo, terá por fim divorciar da causa nacional todo sentimento que for exclusivamente da Nação; e Leibnitz deixou dito: será senhor do mundo, quem for árbitro do ensino (...) Porque, em vez de fundarem três conventos com escola de ensino religioso, os frades estrangeiros, que em cardume aportam no Ceará, não fundaram três estabelecimentos de artes e ofícios, três fábricas ou três estabelecimentos rurais, impulsionando a indústria e comércio da terra?"⁷⁹⁶

Seguindo a mesma trilha, **O Regenerador** desfere críticas à ação dos frades estrangeiros recém-chegados a Fortaleza, de certo modo ecoando o discurso formulado n'**O Demolidor**, em 1908:

"Hoje que o sol da ciência varre da sociedade as nuvens de ignorância; hoje que a eletricidade dá as leis ao mundo, hoje que o nosso Deus é a Natureza, hoje que os nossos santos são Darwin e Comte, Edson e Haeckel, querem eles ainda pregar, incutir no ânimo das mulheres e das crianças, crenças absurdas duma religião que agoniza (...) querem eles (...) abrir em nossa terra escolas onde fanatizem e ensinem o servilismo torpe e ignóbil aos nossos filhos. Pois bem, não ensinarão (...). No Ceará podem ficar certos os frades que não abrirão escolas dominicais."⁷⁹⁷

Em 1915, com a criação do Círculo dos Operários e Trabalhadores Católicos São José⁷⁹⁸, por D. Manoel da Silva Gomes, é definido o objetivo de instruir e moralizar para

⁷⁹⁵ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org.). **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983, p. 43.

⁷⁹⁶ **O Demolidor**, ano I, nº 1, 29/02/1908. Fortaleza.

⁷⁹⁷ **O Regenerador**, ano I, nº 1, 22/02/1908. Fortaleza.

⁷⁹⁸ O Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, cujo mentor espiritual é o Padre Guilherme Vaessen, é considerado por alguns estudos já citados neste trabalho, como a ação de maior significado da Igreja com respeito ao alargamento de influência no movimento operário do Ceará. A direção do Padre Vaessem adota a estratégia de sindicalização ou disputa dos sindicatos e entidades operária existentes, donde resulta a criação, em 1925, de uma Federação Operária Cearense, sob a hegemonia da orientação católica, um caminho aberto à criação, no início da década de 1930, da Legião Cearense do Trabalho, de orientação integralista. Sobre o integralismo, ver CORDEIRO JR., Raimundo (continua)

*"semear mais fartamente as noções religiosas e sociais entre a boa classe dos homens do povo com o fim de instruí-los e diverti-los nos moldes da moralidade e da utilidade".*⁷⁹⁹

Desde sua fundação, o Círculo mantém uma escola noturna para os sócios, tendo 60 alunos matriculados em 1919, e uma escola noturna para os meninos pobres, com 80 matrículas no mesmo ano. Ambas funcionam no prédio próprio do Círculo, na Praça da Prainha e travessa São José. Além das escolas noturnas, o Círculo mantém um cinema para a recreação dos sócios e uma banda de música, com 23 figurantes.⁸⁰⁰ Paulo Bezerra, em seu Álbum de Fortaleza, refere-se à escola mantida pelo Círculo, com oficinas profissionais, *"onde os filhos dos proletários aprendem a ler, escrever, contar e trabalhar, mas sobretudo a temer a Deus e amar a Pátria"*. Observe-se que o princípio de instrução está marcado de forma indelével pelo conteúdo religioso, posto que a hierarquia observa em suas cartas pastorais que se o analfabetismo é um mal, igualmente pernicioso é a disseminação de conteúdos da *"instrução moderna"* que não levasse em conta os preceitos do dogma e da fé, chegando no limite a afirmar que *"o analfabetismo, a que falte o conhecimento (...) dos princípios da religião, é*

Barroso. *A Legião e o trabalho – Políticas e imaginário no integralismo cearense (1931-1937)* – (dissertação de mestrado). Fortaleza: UFC, 1992; PARENTE, Josênio C. *Anauê: os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Ed. UFC, 1986; e MONTENEGRO, João Alfredo de S. *O Integralismo no Ceará. Variações ideológicas*. Fortaleza: IOCE, 1986.

⁷⁹⁹ *Almanach do Ceará*. Fortaleza: Typ. Moderna, 1916, p. 120.

⁸⁰⁰ O Círculo dos Operários e Trabalhadores Católicos São José, criado pelo Arcebispo Metropolitano, tem em 1919, 800 sócios efetivos, *"que pagam mensalmente 500 réis e mais 100 réis de sinistro para socorrer as despesas do enterro e missa de cada sócio que falecer"* (cf *Almanach do Ceará*. Fortaleza: Typ. Moderna, 1920, p. 240). Formam a diretoria do Círculo, em 1919: Padre Guilherme Vaessen, Padre Joaquim Severiano de Vasconcellos, José Agostinho da Silva, José Francisco Cyrino, José Domingos dos Reis, Pedro Braga, Alfredo Martins, Marcos Silva, Raymundo Severino de Moura, Lourenço Justiniano de Lima, Deodato Barbosa do Nascimento, Manoel Antunes de Moura, José Bernardino dos Santos, Antonio Machado dos Santos, José Vicente, Joventino Amorim, Carolino de Aquino, Antonio Brito e José Soares. Cf. *Almanach do Ceará*. 1922. Ano XXII. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.

*infinitamente preferível à instrução que desvia de Deus, que nos assemelha aos brutos, e reduz todo o bem e toda a felicidade aos gozos da vida presente".*⁸⁰¹

O jornal **O Nordeste**⁸⁰² (criado em 1922), de orientação católica, em um dos vários artigos tratando da atuação de D. Manoel da Silva Gomes na vida religiosa cearense, destaca a importância da criação do Círculo Operário São José como meio de neutralizar a ação das "doutrinas subversivas", através de vários mecanismos, entre os quais a instrução, a biblioteca, os divertimentos (cinema, quermesses, teatro). Na visão do jornal:

*"No Ceará, (...), como, em geral, em todo o Brasil, não haja ainda o problema proletário, as teorias comunistas, mesmo sob a forma de mera ideologia, não conseguiram fazer adeptos entre as classes populares. Mas a resistência dos operários cearenses às doutrinas subversivas é devido sobretudo à organização social católica que receberam. Existe lá o Círculo de Trabalhadores Católicos S. José, onde, além de instrução moral e religiosa, encontram eles assistência jurídica, médica, divertimentos, biblioteca e facilidades de transações comerciais no banco próprio da classe."*⁸⁰³

O artigo opera no sentido do "apagamento" de histórias e memórias; como reforço de argumento, o articulista afirma a inexistência, no Ceará, como no Brasil, do "problema proletário" e ainda a resistência dos operários cearenses às "doutrinas subversivas". Tal procedimento, instituidor de uma memória que se pretende homogeneizadora, é encontrado em outros discursos impressos. O jornal **O Norte**, em 1923, usando idênticos argumentos, serve-se de um artigo sobre as comemorações de Primeiro de Maio, para "combater os socialistas radicais":

⁸⁰¹ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org.). **Os Bispos do Brasil...** Op. cit., p. 56.

⁸⁰² **O Nordeste**, embora não se apresentasse como órgão oficial da Arquidiocese de Fortaleza, recebe a orientação direta do seu Arcebispo, Dom Manuel da Silva Gomes, e tem como redatores intelectuais católicos e professores reconhecidos como Luiz Sucupira, Andrade Furtado e José Martins Rodrigues. Para maiores informações sobre o discurso católico d'**O Nordeste** e da Liga Eleitoral Católica, ver *O Jornal como força dirigente e organizadora. O Caso de O Nordeste*. In MIRANDA, Júlia. **O Poder e a fé. Discurso e prática católicos**. Fortaleza: Ed. UFC, 1987, pp. 75-102.

⁸⁰³ **O Nordeste**, ano VIII, nº 1885, 05/07/1928. Fortaleza.

"(...) Entre nós, porém, onde a luta de classes não dissemina a sua esteira de ódios e prevenções ruinosas, a festa do trabalho livre constitui uma consagração do regime salutar (...) O operário, patriota e cristão, que tem a oficina humilde de Nazaré como modelo de sua tenda de operosidade na terra, representa o elemento insubstituível da grandeza industrial de nossa pátria. A sua blusa, ensopada de suor, é o emblema do sacrifício empreendido em bem da prosperidade do país (...)."⁸⁰⁴

Ações idênticas às do Círculo são desenvolvidas pelas várias entidades de orientação católica. A União dos Moços Católicos, com uma escola no Instituto Epitácio Pessoa, *"para meninos e moços pobres"*; a Sociedade Vicentina, com aulas noturnas porque *"com o pão que mata a fome do corpo precisa dar-se ao pobre o pão que mata a fome do espírito"*; a Escola Jesus, Maria e José (fundada por D. Joaquim José Vieira e dirigida pela Irmãs de São Vicente de Paulo), no Outeiro, para meninos pobres; e o Patronato das Operárias Maria Auxiliadora, cuja escola, *"ao lado do ensino comum ministra a lição prática das artes domésticas"*.⁸⁰⁵

Os embates entre os militantes de tendência socialista e as entidades de orientação católica se aprofundam ao longo dos anos vinte. O gráfico Pedro Augusto Motta é dos primeiros, no período em questão, a sistematizar uma crítica à atuação católica no meio operário, seja por dentro da Associação Gráfica, como na Federação dos Trabalhadores do Ceará, quando a adesão ao anarquismo já vai se tornando patente. É dos primeiros também a enfrentar o debate com a imprensa de orientação católica. Num primeiro momento, com o **Correio do Ceará**, de A. C. Mendes, a quem chama de "refinadíssimo explorador e o mais botocudo dos industriais gráficos de Fortaleza". Em seguida, com os intelectuais católicos José Martins Rodrigues e Andrade Furtado (de quem diz ser "um impenitente papa-hóstias dotado de cegueira ultramontana") e **O Nordeste**.

⁸⁰⁴ **O Norte**, 04/06/1923. Fortaleza. Apud **A Plebe**, 09/06/1923. São Paulo.

Trago aqui um fato ocorrido em julho de 1923, comentado por Pedro A. Motta, em sua coluna *Pelo Ceará, d'A Plebe*, transcrevendo notícia d'*O Nordeste*. O fato é esclarecedor do projeto do jornal *O Nordeste* e do pensamento de Andrade Furtado frente à "questão operária" em Fortaleza. Numa tarde daquele julho, Luciano Veras, diretor da Rede de Viação Cearense – RVC, noticia a possível transferência, de Fortaleza para uma das estações do interior, das oficinas da Rede. A notícia é repercutida por Andrade Furtado, que qualifica o acerto técnico-administrativo da RVC, pondo acento em dois argumentos que, a seu juízo, relevam a iniciativa. Os dois argumentos, como uma malha, foram tecidos pela trama doutrinal do pensamento católico. Cedo a palavra a Andrade Furtado:

*"O que leva a diretoria a tomar a iniciativa é o fato de assim afastar o operariado das oficinas do meio menos pacato e menos puro da capital, onde mais facilmente se podem transviar, deixar-se seduzir por idéias anarquistas, com prejuízo, sempre, do serviço a que se entregam. De fato, em qualquer estação do interior, será mais fácil a vigilância, mais afastado está o perigo das más idéias e dos vícios e, portanto, maiores serão as energias de trabalho dos operários."*⁸⁰⁶

Mas, quando Andrade Furtado escrevia que qualquer estação do interior serviria ao propósito indicado, era puro estilo jornalístico de persuasão. No tópico seguinte, sua geografia do controle e da vigilância operárias apontava o lugar ideal: Baturité. Nem perto, nem longe da capital (e das vistas dos chefes mais graduados). Bom clima, água farta e melhor alimentação. Para completar o paraíso na terra, uma paróquia com boa assistência espiritual e a Escola Apostólica dos Jesuítas, olhando, do alto da serra, seus possíveis fiéis. Andrade Furtado detalha melhor que eu o argumento:

"Bem localizada, nem demasiado longe nem muito próxima da capital, com excelente clima, água magnífica, alimentação sadia, Baturité oferece ótimas condições para a localização pretendida. E, se a medida tem o nobre fim de

⁸⁰⁵ BEZERRA, Paulo. *Movimento católico-social no Ceará*. In *Álbum de Fortaleza*. Op. cit.(original sem numeração de página).

⁸⁰⁶ *A Plebe*, 04/08/1923. São Paulo.

*premunir a moralidade dos operário, ainda nenhuma melhor, porque é a que mais se presta à fundação de um centro de operários católicos arregimentados, dada a existência, na paróquia, de dois padres e mais da Escola Apostólica dos Jesuítas.*⁸⁰⁷

Se no primeiro argumento, a idéia-força é afastar (para vigiar) o operariado da "cidade como vício" e da sedução das "más idéias", o anarquismo; no segundo, Furtado alarga e enfeixa o raciocínio: com vigilância e controle facilitados, governo e industriais teriam operários dóceis. Como moldá-los bons e cumpridores do dever (do capital)? Ele apontaria o caminho:

*"O ideal para os governos, como para toda empresa industrial, é ter operários católicos, trabalhadores, honestos, dedicados, ordeiros, cumpridores, à estrita, de seus deveres. Facilitar, pois, a organização dos círculos operários católicos é, antes de tudo, para tais empresas, uma necessidade de sua própria conservação.*⁸⁰⁸

Mas, se falei em embates, é preciso ceder também a palavra a Pedro A. Motta.

Seu comentário à notícia é longo. Escolhi o argumento central:

"— Ora, vejam só! Andrade Furtado falando de idéias anarquistas. Chamando-as de 'más idéias'!

*E porque? Simplesmente porque elas não toleram que continue, como a todos de seu quilate, em desenfreada parasitagem, vivendo à custa do suor do trabalho honesto do operariado; porque elas não lhe reconhecem o direito de pisar e escarnecer de seus semelhantes; porque elas põem a nu todas as mentiras, todos os embustes dessa trindade — Clero, Capital e Estado; porque elas (...) sustentam que o homem não precisa ser governado, guiado (...) finalmente, porque elas proclamam o ideal de solidariedade e fraternidade humanas.*⁸⁰⁹

Como se observa a seguir, não é apenas n'O Nordeste que se opera o "combate às más idéias"; outros periódicos articulam discurso similar. A campanha desencadeada pelo **Correio do Ceará**, e apoiada pelo Centro Artístico Cearense, articulando os empresários organizados no Centro Industrial do Ceará, tem como estratégia a desqualificação do grupo editor do **Voz do Graphico**, conclamando os patrões e os

⁸⁰⁷ **A Plebe**, 04/08/1923. São Paulo.

⁸⁰⁸ **A Plebe**, 04/08/1923. São Paulo.

⁸⁰⁹ **A Plebe**, 04/08/1923. São Paulo.

"espíritos bem pensantes" de Fortaleza ao repúdio da ação do *"pequeno número de anarquistas perturbadores da ordem"*. O **Voz do Graphico** denuncia sistematicamente os níveis de repressão (abertos ou velados) a que estão expostos seus redatores e colaboradores, afirmando seu compromisso militante:

"E quando os homens não quiserem cumprir com os seus mandamentos pregados pelos hipócritas e fariseus modernos, clamam pela polícia apontando-os como anarquistas e elementos perturbadores da ordem. Reúnem-se todos e nos confins de uma casa que se diz sede de um centro [alusão ao Centro Artístico], projetam e discutem os planos mais horrendos e maquiavélicos, próprios de suas consciências apodrecidas no lado das misérias humanas.

Mas não há meios adotados que nos façam renegar nosso ideal, cuja semente não foi plantada aqui por quatro ou cinco indivíduos, como vem espalhando aos quatro ventos o veículo [alusão ao Correio do Ceará] da mentira, do embuste e da falsidade. (...)"⁸¹⁰

O **Diário do Ceará** também investe contra os militantes socialistas. Num artigo intitulado *O Valor das classes proletárias* adverte os trabalhadores do "perigo" de transformarem suas entidades de auxílio mútuo e beneficência em sindicatos de resistência, ainda mais porque seus frutos emanam da publicização *"das idéias perniciosas e dos elementos estranhos à classe que procuram desviar o operário para esse mau caminho"*. Os redatores do **Voz do Graphico** denunciam a atitude de criminalização de suas práticas, invertendo os termos de significado dos tais "elementos estranhos à classe", desse modo:

"Sim, que o nosso operário, o nosso trabalhador não deve manter por mais tempo em seu seio tais elementos, é uma verdade que reconhecemos iniludível. Mas, quais são esses elementos? Porventura são eles operários? Não. (...) os elementos de que fala a gente do Diário são aqueles que ganham ou querem ganhar 150\$000 diários (...). Desses porém, já estamos livres e não mais nos iludiremos com o seu dulcíssimo canto de sereia que tanto nos fascinara outrora. Simplesmente ridículo. É só."⁸¹¹

O **Correio do Ceará**, de A. C. Mendes, a quem o **Voz do Graphico** alcunha Sr. *Mendoff* ou *porta-voz da carneirada católica* (devido à orientação católica do jornal), é

⁸¹⁰ **Voz do Graphico**, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

fonte imprescindível para observar o discurso elaborado pelas elites em relação ao movimento operário no Ceará, favorecendo a ação repressiva contra os militantes de atuação mais destacada. No caso dos colaboradores do **Voz do Graphico**, outro fato de impacto foi a prisão e deportação do metalúrgico Luis Araújo para "o sul do país", sob a acusação de *"desordeiro indesejável e perturbador da ordem"*.

Mas as divergências e o contraditório não se expressam apenas nas páginas dos jornais da cidade (que repercutem o ponto de vista dos proprietários e do pensamento católico). Quando se acentua a convocação de protestos, a realização de conferências e a defesa das greves, torna-se maior o acirramento entre o grupo militante congregado em torno do **Voz do Graphico** e da Federação dos Trabalhadores com os dirigentes do Centro Artístico e do Círculo Operário de Trabalhadores São José, em particular com os padres, ditos *"orientadores espirituais"* do movimento circulista.

Em relação ao Centro Artístico Cearense, às disputas já acentuadas agrega-se o fato de sua estreita colaboração com as entidades católicas. O intercâmbio que estabelece com jornais e entidades de orientação católica se intensifica nos anos 1920. Veja-se o que noticia **O Operário** (1921), de Belo Horizonte, órgão da Confederação Católica do Trabalho sobre o movimento operário no Ceará:

"Na capital do Ceará, funciona o Centro Artístico Cearense, que é a mais importante associação obreira daquele estado. Fundado há 17 anos, conta presentemente com 347 associados e é contrário ao socialismo. Mantém a seguintes obras: seção de beneficência, biblioteca, cooperativa de consumo, escola primária. (...) Vejam os operários de Belo Horizonte quanto podem a tenacidade e o espírito de união. Pouco mais de 300 operários num estado mais pobre que o de Minas conseguiram já uma obra notável. (...)"⁸¹²

Uma notícia do **Diário do Estado**, referente a uma solenidade no Centro com a presença do Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes, dos deputados federais Thomaz

⁸¹¹ **Voz do Graphico**, ano I, nº 2, 06/01/1921. Fortaleza.

⁸¹² **O Operário**, ano I, nº 32, 16/06/1921. Belo Horizonte.

Cavalcante de Albuquerque e Frederico Augusto Borges, dos dirigentes da Rede de Viação Cearense, entre outros, faz com que na seção *Bilhete Postal*, Zé Bernardo, fabulando uma fictícia conversa com o filho Zuquinha, manifeste sua crítica ao Centro, entre o irônico e o mordaz:

"Isso me deixou numa confusão danada, porque, no meu rude pensar, todos estes Senhores, apesar de ilustres, não são operários, e a tal notícia não se referiu a nenhum operário ou comissões operárias que presumo lá estivesse representando suas associações. Como não se lembraram do gênero operário (apesar de ser no Centro Artístico), fiquei supondo que aqueles nobres Senhores fossem operários, ou lá não se achasse nenhum operário; e se se achava não lhe ligaram a mínima importância (...).

Porque o Centro não muda o seu rótulo para acabar com essas confusões?

O Zuquinha, meu filho, quer se associar, mas já me disse: – papai, no tal Centro Artístico eu não me associo nunca, porque ali é um núcleo capitalista e onde está o capitalista impera a exploração e o explorado é sempre o operário."⁸¹³

O confronto entre o **Voz do Graphico** e o Círculo de Operários e Trabalhadores São José (a quem o jornal chama de "circo") é cada vez mais acirrado. O jornal repudia com veemência a ação da Igreja junto aos trabalhadores, denunciando os conteúdos de resignação e submissão introjetados pelos circulistas, a quem tratam pejorativamente como "*carneirada inconsciente do Circo*" e "*carneiros cabilouros furadores de greve*". A uma das tantas procissões do Círculo pelas ruas de Fortaleza, como parte da estratégia de seus prosélitos rumo à criação dos sindicatos cristãos, portando seus estandartes e entoando seu hino:

*"Avante o povo em guerra franca
Bandeira branca
Triunfará
Bandeira branca sim triunfará
Viva o Cristianismo libertador!*

(...)

*Avante o povo, o Cristianismo
Ao Socialismo*

⁸¹³ **Voz do Graphico**, ano I, nº 5, 19/02/1921. Fortaleza.

*Derrotará
Ao Socialismo sim derrotará
Viva a fé católica do Ceará."*

O **Voz do Graphico** responde de pronto com uma paródia:

*"(...)
Avante o povo, para a peleja contra a igreja,
cancro da terra!
E como o justo contra o tirano,
ao Vaticano declarai guerra!*

(...)

*Avante o povo, que o Socialismo ao catolicismo
derrotará!
E desde as faldas do ocidente
Às do Oriente ele dominará!⁸¹⁴*

A divulgação da paródia rende trocas de farpas entre o Padre Zaul Pedreira, pelo **Círculo**, e o **Voz do Graphico**. O primeiro, num discurso inflamado, desqualifica o jornal porque *"sem nome e sem responsabilidade"* e seus redatores como *"operários que querem fazer a divisão das propriedades e bens dos senhores ricos"*. O jornal responde apelando ao discurso dos santos e doutores da Igreja, distinto do proselitismo católico no Ceará:

*"Assim, para começar, temos São Basílio, que disse: o rico é um ladrão.
São João Crisóstomo, que enxergou no rico um bandido!
São Jerônimo, que afirmou ser a opulência, sempre, o produto do roubo; se não
foi cometido pelo proprietário atual o foi por seus antepassados.
Santo Ambrósio, que doutrinou: A natureza estabeleceu o comunismo; da
usurpação nasceu a propriedade privada."⁸¹⁵*

Demonstrado um ângulo da ação da imprensa católica, do papel de seus intelectuais e os embates do período, retomo a ação da Igreja no meio operário como expressão de controle social. A criação do **Círculo Operário São José** como meio de

⁸¹⁴ **Voz do Graphico**, ano II, nº 18, 28/01/1922. Fortaleza.

⁸¹⁵ **Voz do Graphico**, ano II, nº 20, 25/02/1922. Fortaleza.

neutralizar a ação das "doutrinas subversivas", a atuação da Sociedade Vicentina, que mantém aulas noturnas para operários porque *"com o pão que mata a fome do corpo precisa dar-se ao pobre o pão que mata a fome do espírito"*, a orientação doutrinal feita nas paróquias, constituem mecanismos comuns de controle buscando na religião o suporte para aliviar as tensões sociais e reforçar a ideologia da obediência e resignação como virtude.

Além desses espaços de formação e controle segundo a orientação católica, a ação da Igreja Católica se faz também através das paróquias. Na paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio se dá a ação do Padre Geminiano Bezerra, que, tendo *"as suas vistas voltadas para o operariado e classes pobres de sua paróquia"*, organiza a Associação do Patrocínio às Operárias e Moças Pobres. Esta Associação, voltada para o provimento de socorro na doença e na morte, cria também uma escola noturna, que funciona à rua São Paulo e depois nos salões do Grupo Norte da Cidade. Além das aulas, o Padre Geminiano, coadjuvado pelas Irmãs Dorotéias, mantém aos domingos *"um curso especial de instrução religiosa para as operárias, empregadas domésticas e moças pobres"*.⁸¹⁶

A elite religiosa e os patrões desenvolveram mecanismos comuns de controle e buscaram na religião o suporte para aliviar as tensões sociais e reforçar a ideologia da obediência e resignação como virtude. Na tentativa de estabelecer formas de controle que neutralizassem os conflitos sociais, a ação da Igreja está também dentro da fábrica. Não apenas com a presença dos ícones religiosos, mas trazendo as práticas da catequese, dos elementos da doutrina como vivência dos operários. Essa "edificante festa do Jardim de Jesus", primeira comunhão das operárias na Fábrica Pompeu, sob as

⁸¹⁶ BEZERRA, Paulo. *Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio*. In *Álbum de Fortaleza*. Op. cit. (original sem numeração de página).

vistas do gerente, com a bênção do pároco, é resultado da ação sistemática das catequistas no espaço fabril:

"Agora vinham elas entrando, duas a duas, numa longa fila, todas de branco, véu e grinalda. Na mão traziam o simbólico círio da fé adornado de flores. Precedia o cortejo um gracioso grupo de seis anjinhos e uma Teresinha, ricamente fantasiada. Essas lindas crianças eram da mais fina sociedade. Fraternalizavam com as humildes operárias, as felizes e bem cuidadas alunas do 'Jardim de Jesus'

Houve missa com coral na Igreja do Patrocínio. A festa continuou na fábrica onde numa mesa posta cada operário ganhou uma cestinha de biscoitos. Deve-se as catequistas a preparação para a 1ª comunhão e a organização da festa, com permissão da gerência da fábrica."⁸¹⁷

Essa ação da Igreja Católica certamente se espalhou por vários locais do Ceará, notadamente para aqueles com a presença de um contingente operário numericamente mais expressivo. Exemplo dessa prática encontra-se na criação, em 1920, do Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José na cidade de Aracati, como entidade filiada ao Círculo de Operários de Fortaleza. Com expressivo número de sócios, 514, o Círculo do Aracati, sob a assistência eclesial do Mons. Bruno Rodrigues da Silva, coadjuvado pelo Cônego Domingos de Castro Barbosa, mantém uma Escola Noturna, á rua do Comércio, para os meninos pobres, registrando, em 1924, matrícula de 66 alunos, e uma Biblioteca, com 125 volumes em catálogo.

Face aos altos índices de analfabetismo e com o propósito de atender "á população operária", também em Sobral é percebida a ação da Igreja: em 1921, o Círculo Operário São José, sob a direção eclesial de Pe. Eurico de Melo Magalhães, funda sua primeira escola noturna, e, em seguida, é reativado o Colégio São Vicente de Paulo, cujo mantenedor é o Conselho Central da Sociedade Vicentina. Em fevereiro de 1926, outra iniciativa escolar é dirigida aos operários, com a inauguração da Escola Ernesto Diocleciano, dirigida aos filhos dos operários da Fábrica de Tecidos Sobral.

⁸¹⁷ O Nordeste, ano IV, nº 1051, 05/01/1926. Fortaleza.

No Crato, em 1900, a Sociedade São Vicente de Paulo estende sua filantropia da "dispensa dos pobres" (distribuição de alimentos) para o campo educacional, criando sua escola noturna. Segundo seus mantenedores, a iniciativa visava "*arrancar do analfabetismo crianças, moços e até velhos*", apelando para a benemerência das elites, pois que uma "*esmola certa todos os meses ou ao menos todos os anos que dessem os ricos, abrirão caminhos a seus subordinados que poderão sair da grassa ignorância que é prejudicial aos amos e aos servos*". Como observa Cortez, quando a elite intelectual do Crato volta as vistas (e o discurso na imprensa) para a educação dos pobres, o faz por "*percebê-los potencialmente rebeldes*" ou porque baseava seu discurso (incidindo em suas ações) nas noções de dever cívico, caridade cristã, medida civilizatória e garantia da ordem social.⁸¹⁸ Em 1918, a estratégia de educação para os pobres, no Crato, parte do professor José Bezerra de Brito, Loyola de Alencar e Bruno de Menezes, que instalam a Escola Noturna Dezoito de Maio, nome alusivo à data de criação da Sociedade Artística Beneficente, sua mantenedora.

A ação da elite religiosa junto ao operariado, criando escolas, mantendo cursos, organizando bibliotecas para leitura *útil e instrutiva*, recomendando os manuais práticos e os livros instrutivos, afastando-os do que classificam como "*leituras perigosas do socialismo e das ideologias subversivas*", é a face visível do controle social exercido pela Igreja. Os sermões nas paróquias, cujo público alvo é o operariado, falam sempre da resignação, da pobreza como fonte de virtude e apontam a vida e o exemplo de Cristo como caminho a trilhar. Esse artigo, assinado pelo Padre Antonio Azevedo n'O Nordeste, é exemplar nessa direção:

"Consolai-vos, trabalhadores, ide a Jesus, pois Ele tem por vós especial predileção, já que foi da vossa categoria, quis ser o que vós sois.

⁸¹⁸ CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. A Construção da "cidade da cultura"... Op. cit. p. 161.

Não foi proprietário, não foi patrão, não foi rico – foi operário, homem de trabalho, como vós. (...)

Tendes de trabalhar muitas horas do dia? Também Jesus assim trabalhou, porque nos quis dar o exemplo do trabalho assíduo. A vossa casa é pequena? Pequena e pequeníssima foi também a casa de Nazaré. (...)

Tendes má comida e má dormida? Assim as teve Jesus em Nazaré e depois essas mesmas lhe faltaram, pois vivia de caridade. (...)

Resignai-vos, pois, vós também com o que vos tocar por sorte. Só assim podereis atingir a felicidade que se pode atingir neste mundo e essa imensa ventura que Jesus vos quer dar no Céu”.⁸¹⁹

Como se pode observar, a ação da Igreja Católica no Ceará junto ao movimento operário é essencialmente de caráter doutrinário e organizativo, disputando a direção com as distintas orientações de matriz socialista e associando-se às entidades de feição assistencialista. Adotando as diretrizes emanadas da encíclica *Rerum Novarum*, sua ação social privilegia a arregimentação de leigos para o trabalho de disseminação dos conteúdos de combate às *"doutrinas perniciosas do socialismo"* e tendo como lugares privilegiados de enunciação de seu discurso as escolas, os círculos operários, a imprensa e as associações leigas de benemerência aos *"desvalidos da sorte"*.⁸²⁰

⁸¹⁹ *O Nordeste*, ano VIII, nº 1884, 04/06/1928. Fortaleza.

⁸²⁰ A respeito da ação da Igreja no Ceará, ver MIRANDA, Júlia. *O Poder e a fé. Discurso e prática católicos*. Fortaleza: Ed. UFC, 1987; e FERREIRA, Brasília Carlos. *Trabalhadores, sindicatos, cidadania. Nordeste em tempos de Vargas*. Natal: Estudos e Edições AD Hominem/Cooperativa Cultural UFRN, 1997.

Considerações finais

Nas páginas de abertura deste trabalho, à maneira de agradecimentos, falei das dificuldades e dos alentos divisados no início da pesquisa. Tudo estava por ser feito, assim eu pensava. Vivi "entre livros e jornais" e "*à escuta das águas que jorram do passado*", na bela expressão de Alfredo Bosi. Se antes falei de dificuldades, agora é o tempo de falar das possibilidades.

Muitas vezes já se disse que os historiadores formulam suas indagações e definem seus temas e áreas de investigação informados pelo seu tempo e desde suas práticas sociais. A despeito de muitas viragens no curso das últimas décadas, que minimizam a importância dos estudos sobre a classe operária e propõem "novas ortodoxias", este estudo dirigiu sua atenção para esse campo, por considerá-lo pleno de sentidos e atualidade, com as indagações que podem ser formuladas desde o presente.

Este trabalho, tomando como núcleo central da investigação a imprensa dos trabalhadores no Ceará, iniciou seu percurso através da leitura dos seus primeiros jornais, encontrando ali as múltiplas dimensões do movimento operário, como estavam se esboçando desde os momentos fundantes do século XIX, compondo tendências, interesses, aspirações, lutas e disputas de projetos.

Este trabalho, ao eleger a Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, dos anos 1860 aos anos 1920, situada no lugar material que lhe corresponde, contribui para evidenciar dimensões das práticas sociais, políticas e culturais do movimento operário no Ceará. O estudo apreende os sentidos históricos dessa imprensa, levando em conta as especificidades, mudanças e permanências, a não-homogeneidade de sua intervenção, a não-uniformidade de seus enunciados, a não-univocidade de seus discursos, os lugares sociais dos sujeitos (indivíduos ou grupos) que deram sustentação às folhas operárias e o processo sócio-histórico em que foram produzidas. O estudo, a partir da pesquisa

empírica e dos procedimentos metodológicos pertinentes, abordou vários periódicos, até aqui não estudados.

Através desse *corpus documental* foi possível acompanhar no tempo, dos anos 1860 aos anos 1920, as mudanças operadas na forma como a imprensa dos trabalhadores articula suas idéias, como são ressemantizados em suas práticas educativas, ritos e símbolos, como articulam os nexos entre ativismo político e difusão doutrinária, como expressam e difundem sua visão de mundo, enquanto publicistas de projetos diferenciados.

Vários são os jornais operários que circulam no Ceará desde os anos 1860. Fonte visitada, sob diversos ângulos de abordagem, aqui e ali, pelos pesquisadores municiados de diferentes estratégias metodológicas, não teve suas potencialidades esgotadas até o momento. Pela riqueza do seu conteúdo, pela forma nuançada e matizes diferenciados com que apresentam as questões candentes no mundo do trabalho, pela distinta orientação doutrinária veiculada, constituem um sólido arcabouço de pesquisa histórica.

No curso de minha investigação, pelo menos duas ordens de questões orientaram o intrincado labirinto de pesquisa. A primeira, de natureza metodológica, referiu-se ao exercício de leitura dos exemplares diversos da imprensa dos trabalhadores, tentando apreendê-los como produção específica de seu tempo, historicizando-os, considerando o risco da extrapolação temporal e espacial ou de quadros de generalização, posto que seus enunciados são construídos social e historicamente. Não se deve, em tal tipo de leitura, cair num impulso de proceder a uma operação mental de antiquarista, querendo "resgatar o passado", "dar voz aos sujeitos". Antes, deve-se buscar no campo de possibilidades de sua leitura a iluminação de determinados aspectos da realidade antes insondáveis, visto que ela, tangencialmente, pode produzir certas evidências do fazer-se da classe.

Partindo de uma proposta analítica que apreende a classe operária em termos de processo ativo, como relação histórica e tratando a heterogeneidade no mundo do trabalho nos marcos deste conceito de classe, encontro nos jornais operários múltiplas dimensões do "fazer-se" da classe trabalhadora, à maneira de Thompson.

Buscando, a partir dos jornais, o contexto que lhes fornece sentido propriamente histórico, outro passo não menos importante, nesse estudo, foi identificar, dando visibilidade na análise, os graus de diferenciação de sua palavra e de sua ação educativas e o conteúdo de vária natureza, que compõe seu repertório literário, político, de crítica social; suas distintas formulações num mesmo período, assim como as modificações que se operam em relação às vicissitudes conjunturais.

Muitos são os trabalhos que fixaram sua atenção nos *centros definidores de sentidos*, espalhando seu quadro de generalizações a outras regiões do país, ou simplesmente prescindindo de seu exame. Petersen, abordando o estado da questão, sublinha tal perspectiva.

Ainda que os balanços historiográficos acerca da história operária no Brasil sejam consensuais em apresentar a renovação deste campo com a multiplicidade de abordagens e a incorporação de novas fontes e perspectivas de análise, é lícito pensar que o alargamento – quantitativo e qualitativo – desta área ainda se restringe a alguns centros de estudos e pesquisas. Uma explicação, e não a única, para tal fato, reside na constituição de acervos e tratamento institucional adequado dos arquivos. Assim, penso que uma primeira contribuição deste estudo é o extenso mapeamento de fontes e a formação de um acervo considerável à disposição da comunidade de pesquisadores.

Do ponto-de-vista da pesquisa histórica no Ceará, hoje em um novo quadro institucional, este estudo oferece múltiplas possibilidades de alargamento. Tomado em conjunto, dele ressaltam particularidades que podem ser (re)apropriadas e (re)visitadas

sob ângulos diferenciados, como ainda verticalizados sob determinados aspectos que foram tangencialmente abordados. Acredito que a realização deste estudo pode contribuir também para suscitar novos temas de pesquisa no campo da história operária no Ceará, tais como estudos biográficos sobre determinados personagens que construíram perspectivas militantes como pedagogos/jornalistas/intelectuais nos círculos socialistas de Fortaleza ou estudos monográficos sobre esferas particulares da imprensa dos trabalhadores.

Num esforço de condensação do conjunto do trabalho, destaco as questões que constituem as idéias-força apreendidas no exame da imprensa dos trabalhadores: o surgimento da imprensa dos trabalhadores como fenômeno urbano, cultural e social, tomando parte nas associações e grêmios literários, como é o caso dos tipógrafos e caixeiros; o propósito dessa imprensa em marcar a diferença com a linguagem corrente no jornalismo praticado pelas facções políticas, no século XIX, anunciando seu propósito pedagógico e demarcando seu lugar social como "a escola do pobre", como é o caso dos tipógrafos; os indícios de coesão e solidariedade expressos na formação das primeiras sociedades de auxílio mútuo, deflagração das primeiras greves e celebração do Primeiro de Maio, no século XIX; a combinação do modelo literário e de crítica social, alimentando os discursos dessa imprensa, com o propósito de configurar um campo de distinção social e participar do momento de formação da opinião pública e de identificação dos signos da modernidade, como é o caso da imprensa dos caixeiros; a aspiração de participar da arena política, nos "novos tempos" republicanos, formando o primeiro partido operário no Ceará, demonstração também da formação dos pioneiros núcleos informados pela visão de um "socialismo eclético", na Província, e do esforço de apropriação das idéias e práticas vigentes, via intercâmbio com seus congêneres, no Rio de Janeiro, em particular com França e Silva, como é o caso do jornal **O Combate**,

em 1892; a expressão dos primeiros embates e cisões entre os militantes autoproclamados socialistas, demonstrando a vigência de discursos e práticas informadas pelas teorias científicistas, com uso recorrente de noções típicas do ideário positivista, fazendo emergir o discurso antigreve e o esboço de um "pensamento industrialista" como argumento de regeneração social, como é visto n'**O Operário**, de 1892; a expressão, nessa imprensa, de vertentes amalgamadas e coexistentes no tempo, mutualismo e sindicalismo, bem como a evidência de participação nos congressos operários de base nacional e das relações com as chamadas "lideranças reformistas", em particular com Pinto Machado, como é o caso do **Primeiro de Maio**; a combinação entre conhecimento e pensamento rebelde, marcado por uma certa indiferenciação ideológica entre positivistas, livres-pensadores, humanistas, socialistas e libertários, com a divulgação das "novas idéias progressistas", como é o caso das revistas **A Fortaleza** (1906), **Terra da Luz** (1908) e **O Demolidor** (1908); a expressão de valores e afinidades com o anarquismo e a estratégia sindicalista revolucionária, afirmando a existência dos primeiros círculos socialistas libertários em Fortaleza e seu intercâmbio com seus congêneres no Brasil e em Portugal, como é o caso d'**O Regenerador** (1908), d'**O Combate** (1919) e do **Voz do Graphico** (1921), destacadas aí as experiências militantes de Moacir Caminha e Pedro Augusto Motta; a manifestação, nessa imprensa, de visões e práticas diferenciadas, nos núcleos socialistas das primeiras décadas do século XX, informadas pelo debate sobre a relação entre partido e sindicatos, com a formação do Partido Socialista Cearense, como é o caso do **Ceará Socialista**, em 1919.

No estudo da imprensa dos trabalhadores, a educação constituiu o recorte temático unificador de sentidos, confirmando sua característica essencial de instrumento pedagógico.

Estudo, neste trabalho, as práticas de auto-educação (sistemáticas ou não, formais ou informais), construídas no interior do movimento operário no Ceará, formando um importante duplo com sua imprensa, percebendo seus matizes e especificidades. São os discursos e as práticas dos tipógrafos, do núcleo do Partido Operário do Ceará (1891), das Sociedades Benéficas do século XIX, do propósito de instrução do Centro Artístico Cearense, das experiências dos núcleos socialistas libertários, com seus círculos de leitura, conferências, ensino racional, dos debates suscitados pelos dirigentes do Partido Socialista Cearense, das práticas educativas e literárias dos caixeiros.

Tais práticas são heterogêneas e até conflitantes, motivando o debate, o confronto de idéias e a divergência de posições. Algumas propõem a educação como parte do projeto de emancipação individual e coletiva, como é o caso dos círculos socialistas. Outras se apropriam de determinados valores burgueses e pensam a educação como móvel de distinção e mobilidade social, como é o caso dos caixeiros. Em outras, forjam-se alianças com os projetos educacionais emanados desde o Estado, a Igreja e a elite intelectual.

No exame das práticas educativas informadas pelos conteúdos do benefício mútuo, da caridade, da doutrina católica e da ação do Estado, o estudo estendeu sua análise às estratégias voltadas às classes subalternas, em sua dimensão de controle social, como é o caso da Escola de Aprendiz Artífices e das Ligas e Campanhas contra o Analfabetismo.

Tomado o conceito de educação em sua dimensão ampla, neste estudo recolhi também, nas memórias, nos símbolos e ritos da tradição operária, nos debates dos Congressos Operários, na divulgação dos métodos da educação racional, no modelo da Escola Moderna de Ferrer, expressões dos conteúdos educativos e universalizadores.

O tema da educação e instrução é portanto componente central das diretrizes programáticas esboçadas pelas entidades, associações e partidos operários no Ceará e difundido em sua imprensa. Neste trabalho, a contribuição pode alargar o campo de pesquisas que abordam as formas de educação alternativa como criação e recriação das classes subalternas a partir de sua prática social e política. Nesse estudo, a dimensão educativa pode ser observada no sindicato como escola, nos lugares/momentos de sociabilidade, nas greves e jornadas de luta pelas oito horas, como ainda noutros momentos de reivindicação dos direitos sociais, políticos e culturais.

Fontes

Arquivos

Arquivo de História Operária – João Batista Marçal, Viamão-RS
Arquivo de História Social Edgar Rodrigues, Brasil
Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo-SP
Arquivo do Movimento Operário do Rio de Janeiro (AMORJ/UFRJ)
Arquivo do Nirez, Fortaleza-CE
Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP, Campinas-SP
Arquivo Público do Estado do Ceará, Fortaleza-CE
Associação Cearense de Imprensa, Fortaleza-CE
Biblioteca Bastos Tigre da Associação Brasileira de Imprensa – ABI, Rio de Janeiro-RJ
Biblioteca da Academia Cearense de Letras, Fortaleza-CE
Biblioteca da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE
Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS
Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR
Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo-SP
Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Fortaleza-CE
Centro de Apoio à Pesquisa, CAPE/USP, São Paulo-SP
Centro de Documentação e Memória – CEDEM (*Acervo do Archivo Storico del Movimento Operario Brasileiro – ASMOB e Acervo do Centro Mário Pedrosa – CEMAP*), UNESP, São Paulo-SP)
Centro Nacional de Referência Historiográfica – Departamento de História do ICHS/UFOP, Minas Gerais
Coleção Particular de Jorge Brito (Brasília-DF)
Coleção Particular de Jorge Esteves Silva (Florianópolis-SC)
Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ
Instituto Histórico do Ceará, Fortaleza-CE
Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, São Paulo-SP
Mini-Museu Firmeza, Fortaleza-CE
Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC, Departamento de História, UFC, Fortaleza-CE

Jornais

O Caixeiral (Órgão da Associação dos Auxiliares do Comércio e da Escola de Comércio de Iguatu), Iguatu (Ceará)
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 7, 28/06/1925; nº 8, jul./1925.

O Ceará, Fortaleza

Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza)

Ano IV, 03/01/1928; 12/03/1928; 24/03/1928; 25/03/1928; 14/07/1928; 17/07/1928; 18/08/1928; 04/10/1928; 17/10/1928; 18/10/1928; 21/10/1928; 05/12/1928.

Ceará Socialista (Órgão do Partido Socialista Cearense), Fortaleza

Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP (Campinas) e no Centro de Documentação e Memória – CEDEM (Acervo do *Archivio Storico del Movimento Operaio Brasileiro – ASMOB e Acervo do Centro Mário Pedrosa – CEMAP*), UNESP, São Paulo)

Ano 1, nº 1, 14/07/1919; nº 2, 20/07/1919; nº 3, 27/07/1919; nº 4, 05/08/1919; nº 5, 10/08/1919; nº 6, 17/08/1919; nº 7, 24/08/1919; nº 8, 31/08/1919; nº 9, 07/09/1919; nº 10, 14/09/1919; nº 11, 28/09/1919; nº 12, 05/10/1919; nº 14, 13/12/1919

O Cearense (Órgão Democrático), Fortaleza

Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza)

Ano I, 22/03/1890, 11/04/1890, 20/06/1890, 21/06/1890, 01/07/1890, 04/07/1890, 06/07/1890, 09/07/1890, 12/07/1890, 24/07/1890, 01/08/1890, 03/08/1890, 09/08/1890, 17/08/1890, 29/08/1890, 28/09/1890, 23/10/1890, 28/10/1890, 12/11/1890, 13/11/1890, 25/11/1890, 26/11/1890, 27/11/1890, 28/11/1890, 18/12/1890, 20/12/1890, 24/12/1890, 25/12/1890, 01/01/1891, 04/01/1891, 16/01/1891, 31/01/1891, 01/02/1891, 06/02/1891, 14/02/1891, 19/02/1891, 12/03/1891, 21/03/1891

A Centelha (Órgão dos Interesses da Classe Caixeiral), Fortaleza

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 24/06/1909; nº 2, 21/08/1909; nº 3, 11/09/1909

O Colossal (Jornal Literário e Crítico – Jornal Neutro Propriedade de uma Associação Typographica), Fortaleza

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na Academia Cearense de Letras (Fortaleza)

Ano I, nº 6, 05/09/1878; nº 10, 10/10/1878; nº 25, 15/06/1879

O Combate (Órgão do Partido Operário), Fortaleza

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza)

Ano I, nº 2, 07/04/1891; nº4, 09/04/1891; nº 5, 10/04/1891; nº 6, 11/04/1891; nº 7, 12/04/1891; nº 9, 15/04/1891; nº 10, 16/04/1891; nº 11, 17/04/1891; nº 12, 18/04/1891; nº 13, 19/04/1891; nº 14, 21/04/1891; nº 15, 22/04/1891; nº 16, 23/04/1891; nº 17, 24/04/1891; nº 18, 25/04/1891; nº 19, 26/04/1891; nº 20, 28/04/1891; nº 21, 29/04/1891; nº 22, 30/04/1891; nº 23, 01/05/1891; nº 24, 02/05/1891; nº 25, 03/05/1891; nº 26, 05/05/1891; nº 27, 06/05/1891; nº 28, 07/05/1891; nº 29, 09/05/1891; nº 31, 16/05/1891; nº 33, 19/05/1891; nº 34, 20/05/1891; nº 35, 21/05/1891; nº 37, 23/05/1891; nº 38, 24/05/1891; nº 39, 26/05/1891; nº 42, 30/05/1891; nº 43, 31/05/1891; nº 44, 02/06/1891; nº 45, 03/06/1891; nº 46, 04/06/1891; nº 47, 05/06/1891; nº 48, 06/06/1891; nº 49, 07/06/1891; nº 50, 09/06/1891; nº 52, 11/06/1891; nº 53, 12/06/1891; nº 54, 13/06/1891; nº 55, 14/06/1891; nº 57, 17/06/1891; nº 58, 18/06/1891; nº 59, 19/06/1891; nº 60, 20/06/1891; nº 64, 28/06/1891; nº 65, 01/07/1891; nº 66, 02/07/1891; nº 67, 03/07/1891; nº 68, 04/07/1891; nº 69, 06/07/1891; nº 70, 07/07/1891; nº 71, 08/07/1891; nº 72, 09/07/1891; nº 73, 10/07/1891; nº 74, 12/07/1891; nº 75, 15/07/1891; nº 76, 17/07/1891; nº 77, 19/07/1891; nº 78, 23/07/1891; nº 79, 24/07/1891; nº 80, 26/07/1891; nº 81, 29/07/1891; nº 82, 30/07/1891; nº 83, 02/08/1891; nº 84, 05/08/1891; nº 85, 07/08/1891; nº 86, 09/08/1891; nº 90, 14/08/1891; nº 91, 19/08/1891; nº 94, 23/08/1891; nº 95, 28/08/1891; nº 97, 02/09/1891; nº 100, 08/09/1891; nº 101, 11/09/1891; nº 107, 25/09/1891; nº 114, 15/10/1891

Ano II, nº 3, 17/01/1892; nº 18, 21/06/1892; nº 19, 22/06/1892; nº 21, 25/06/1892; nº 23, 28/06/1892; nº 25, 01/07/1892; nº 26, 02/07/1892; nº 43, 22/07/1892; nº 73, 24/09/1892

Ano VI, nº 1, 01/01/1896; nº 5, 08/03/1896; nº 6, 01/05/1896

O Combate (Órgão da Federação dos Trabalhadores do Ceará), Fortaleza
Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP (Campinas)

Ano I, nº 1, 12/06/1921; nº 2, 26/06/1921; nº 3, 09/07/1921; nº 4, 23/07/1921

A Conquista (Órgão Oficial do "Recreio Literário Soriano de Albuquerque"), Fortaleza
Consultado na Academia Cearense de Letras

1918

O Demolidor (Órgão da Liga Contra os Frades, constituída pela Mocidade Independente), Fortaleza
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 29/02/1908; nº 2, 14/03/1908; nº 3, 04/04/1908; nº 4, 18/04/1908; nº 5, 09/05/1908.

Diário do Ceará, Fortaleza
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano II, nº 176, 30/06/1896

O Escudo (Órgão do Grêmio Literário Caixeiral Domingos Olympio e Defensor da Classe Caixeiral Sobralense), Sobral (Ceará)

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 07/09/1930; nº 2, 30/10/1930.

Ano II, nº 4, 07/09/1931.

A Greve (Órgão Pessoal Typographia da Greve), Fortaleza

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 2, 19/06/1882

O Legionário (Semanário Nacional Sindicalista), Fortaleza

Consultado no Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Fortaleza

Ano I, nº 1, 04/03/1933; nº 2, 11/03/1933; nº 3, 18/03/1933; nº 4, 25/03/1933; nº 5, 01/04/1933; nº 6, 08/04/1933; nº 7, 15/04/1933; nº 8, 22/04/1933; nº 9, 01/05/1933; nº 10, 06/05/1933; nº 11, 13/05/1933; nº 12, 20/05/1933; nº 13, 27/05/1933; nº 14, 03/06/1933; nº 15, 10/06/1933; nº 16, 17/06/1933; nº 17, 24/06/1933; nº 18, 01/07/1933; nº 19, 08/07/1933; nº 20, 15/07/1933; nº 21, 22/07/1933; nº 22, 29/07/1933; nº 23, 05/08/1933; nº 24, 12/08/1933; nº 25, 23/08/1933; nº 26, 26/08/1933; nº 27, 02/09/1933; nº 28, 09/09/1933; nº 29, 16/09/1933; nº 30, 23/09/1933; nº 33, 14/10/1933; nº 34, 21/10/1933; nº 38, 18/11/1933; nº 39, 25/11/1933; nº 40, 02/12/1933; nº 41, 09/12/1933; nº 43, 23/12/1933; nº 46, 13/01/1934; nº 50, 10/02/1934; nº 51, 17/02/1934; nº 52, 24/02/1934

A Liberdade (Órgão Anarquista), Rio de Janeiro

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano II, primeira quinzena de set./1918

O Libertador (Órgão da Sociedade Cearense Libertadora), Fortaleza

Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza)

Ano I, nº 1, 12/01/1881; nº 2, 15/01/1881; nº 3, 07/02/1881; nº 5, 03/03/1881; nº 6, 17/03/1881; nº 11, 16/06/1881; nº 19, 28/09/1881; nº 20, 08/12/1881

A Luta, Porto Alegre

Consultado no Arquivo de História Operária – João Batista Marçal (Viamão-RS)

1909

Não Matarás (Órgão da Liga Antimilitarista Brasileira), Rio Grande do Sul

Consultado no Arquivo de História Operária – João Batista Marçal (Viamão-RS)

dez./1908

O Nordeste, Fortaleza

Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza)

Ano IV, nº 1051, 05/01/1926

Ano VII, nº 1884, 04/07/1928; nº 1885, 05/06/1928

Ano VIII, nº 2219, 20/08/1929; nº 2220, 21/08/1929; nº 2221, 22/08/1929; nº 2222, 23/08/1929; nº 2223, 24/08/1929; nº 2225, 27/08/1929; nº 2229, 31/08/1929; nº 2230, 02/09/1929; nº 2247, 23/09/1929; nº 2277, 29/10/1929; nº 2282, 06/11/1929

Ano VIII, nº 2328, 02/01/1930; nº 2350, 30/01/1930; nº 2352, 01/02/1930; nº 2358, 08/02/1930; nº 2364, 15/02/1930

O Operário (Órgão da Classe Operária), Fortaleza
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 28/02/1892; nº 2, 06/03/1892; nº 3, 13/03/1892; nº 4, 20/03/1892; nº 5, 27/03/1892; nº 6, 03/04/1892; nº 7, 10/04/1892; nº 8, 24/04/1892; nº 9, 01/05/1892; nº 10, 08/05/1892; nº 11, 15/05/1892; nº 12, 22/05/1892; nº 13, 24/05/1892; nº 14, 29/05/1892; nº 15, 10/06/1892; nº 16, 19/06/1892; nº 17, 26/06/1892; nº 18, 03/07/1892; nº 19, 14/07/1892; nº 20, 21/07/1892; nº 21, 27/07/1892; nº 22, 03/08/1892; nº 23, 18/08/1892; nº 24, 27/08/1892; nº 25, 04/09/1892; nº 26, 11/09/1892; nº 27, 22/09/1892; nº 28, 02/10/1892; nº 29, 15/10/1892; nº 30, 23/10/1892; nº 31, 30/10/1892; nº 32, 06/11/1892; nº 33, 20/11/1892; nº 34, 02/12/1892; nº 35, 09/12/1892; nº 36, 24/12/1892; nº 37, 30/01/1893; nº 38, 08/02/1893

O Operario (Órgão Independente e Defensor da Classe Operária), Juazeiro (Ceará)
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 06/01/1934; nº 6, 10/02/1934; nº 8, 10/03/34; nº 15, 22/04/1934; nº 16, 06/05/1934

Ano II, nº 47, 26/01/1935

O Operario (Órgão Quinzenal de Defesa do Proletariado e do Povo em Geral), Camocim (Ceará)
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 02/06/1927

Ano II, nº 38, 08/02/1893

Phenix Caixeiral (Órgão da Sociedade Phenix Caixeiral), Fortaleza
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Edição Especial, 24/06/1894; 24/06/1905.

Ano II, nº 1, 24/06/1893.

Ano III, nº 8, 24/12/1893.

Ano IV, nº 67, 15/03/1897.

A Plebe (Periódico Comunista Libertário), Rio de Janeiro
Arquivo de História Social Edgar Rodrigues (Rio de Janeiro)

12/07/1917, 11/08/1917, 07/10/1917, 12/07/1919, 06/05/1921, 14/05/1921, 05/11/1921,
30/07/1922, 21/10/1922, 11/11/1922, 17/02/1923, 26/05/1923, 17/03/1934, 14/04/1934,
09/06/1934, 04/08/1934

Primeiro de Maio (Órgão do Centro Artístico Cearense), Fortaleza
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Núcleo de Microfilmagem da
Biblioteca Pública Menezes Pimentel (Fortaleza)

Ano II, nº 25, 19/11/1905

Ano IV, nº 64, 01/01/1908; nº 65, 08/02/1908

Ano V, nº 62, 01/05/1908; nº 64, 08/02/1909

Ano VI, nº 64, 08/02/1909

Ano XIII, nº 69, 01/05/1918

O Reduto (Órgão Socialista), Fortaleza
Consultado no Centro de Documentação e Memória – CEDEM (Acervo do *Arquivo
Historico del Movimento Operario Brasileiro – ASMOB e Acervo do Centro Mário
Pedrosa – CEMAP*), UNESP, São Paulo)

Ano I, nº 5, 12/05/1934

O Regenerador (Publicação do *Club Socialista "Máximo Gorki"*), Fortaleza
Consultado no IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo (São
Paulo)

Ano I, nº 1, 22/02/1908

O Retirante (Órgão das Vítimas da Seca), Fortaleza
Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel
(Fortaleza)

Ano I, nº 20, 07/11/1877

A Sementeira (Publicação Mensal Ilustrada – Crítica e Sociologia), Lisboa, Portugal.
Consultado na Coleção Particular de Jorge Esteves Silva (Florianópolis)

1911, 1912

O Trabalho (Órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Sobral)

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 30/10/1927; nº 2, 01/02/1928

Ano II, nº 5, 30/10/1929

O Typographo (Jornal Crítico Noticioso e Recreativo. Destinado a Sustentar os Interesses de sua Arte), Fortaleza

Consultado na Coleção Particular de Jorge Brito (Brasília)

Ano I, nº1, 01/03/1866; nº 2, 08/03/1866; nº 3, 18/03/1866; nº 4, 25/03/1866; nº 5, 01/04/1866; nº 6, 05/04/1866; nº 7, 12/04/1866; nº 8, 19/04/1866; nº 9, 26/04/1866; nº 10, 29/04/1866; nº 11, 06/04/1866

Trabalhador Graphico (Órgão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos)

Consultado no Acervo do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Gráfica do Estado do Ceará e no NUDOC – Núcleo de Documentação Cultural (UFC)

Ano I, nº 1, 12/04/1930; nº 2, 19/04/1930; nº 3, 01/05/1930; nº 4, 10/05/1930; nº 5, 17/05/1930; nº 6, 24/05/1930; nº 7, 31/05/1930; nº 8, 08/06/1930; nº 9, 14/06/1930; nº 10, 21/06/1930; nº 11, 28/06/1930; nº 12, 05/07/1930; nº 13, 12/07/1930; nº 14, 19/07/1930; nº 15, 26/07/1930; nº 16, 03/08/1930; nº 17, 09/08/1930; nº 18, 16/08/1930; nº 19, 23/08/1930; nº 20, 30/08/1930; nº 21, 06/09/1930; nº 22, 13/09/1930; nº 23, 20/09/1930; nº 24, 28/09/1930; nº 25, 04/10/1930

União Artística, Fortaleza

Consultado na Coleção Particular de Jorge Brito (Brasília)

Ano I, nº 1, 23/07/1863

Ano II, nº 49, 07/09/1864

Unitário (Órgão do Partido Republicano Liberal), Fortaleza

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

29/02/1912; 02/03/1912; 21/03/1912

Voz do Graphico (Órgão da Associação Gráfica do Ceará), Fortaleza

Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP (Campinas) e no AMORJ/UFRJ – Arquivo do Movimento Operário do Rio de Janeiro

Ano I, nº 1, 25/12/1920; nº 2, 06/01/1921; nº 3, 30/01/1921; nº 4, 05/02/1921; nº 5, 19/02/1921; nº 6, 06/03/1921; nº 7, 12/03/1921; nº 8, 26/03/1921; nº 9, 09/04/1921; nº 10, 01/05/1921; nº 11, 16/10/1921; nº 12, 29/10/1921; nº 13, 12/11/1921; nº 14, 26/11/1921; nº 15, 11/12/1921; nº 16, 25/12/1921

Ano II, nº 17, 14/01/1922; nº 18, 28/01/1922; nº 19, 11/02/1922; nº 20, 25/02/1922

Voz do Trabalhador (Órgão da Confederação Operária Brasileira), Rio de Janeiro

Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP (Campinas)

Ano I, nº 1, 01/07/1908; nº 2, 15/08/1908; nº 4, 15/08/1908; nº 7, 06/12/1908; nº 09, 17/04/1909; nº 10, 01/05/1909; nº 12, 01/05/1909; nº 13, 15/06/1909; nº 15, 22/07/1909

Ano II, nº16 03/08/1909; nº 20, 15/11/1909

Ano VI, nº 22, 01/01/1913; nº 23, 15/01/1913; nº 24, 01/02/1913; nº 25, 15/02/1913; nº 28, nº 26, 01/03/1913; nº 27, 15/03/1913; nº 28, 01/04/1913; nº 30, 01/05/1913; nº 31, 15/05/1913; nº 35, 15/07/1913; nº 37, 15/08/1913; nº 39/40, 01/10/1913

Ano VII, nº 46, 01/01/1914; nº 47, 15/01/1914; nº 48, 01/02/1914; nº 49, 15/02/1914; nº 50, 01/03/1914; nº 51/52, 01/04/1914; nº 53/54, 01/05/1914; nº 55, 15/05/1914; nº 56, 01/06/1914; nº 57, 20/06/1914; nº 58, 05/07/1914; nº 59, 20/07/1914; nº 60, 05/08/1914; nº 62, 05/09/1914; nº 63, 01/10/1914

Ano VIII, nº 68, 05/03/1915; nº 69, 07/04/1915; nº 70, 01/05/1915

Revistas

Coleção do **Almanach do Estado do Ceará** (Estatístico, administrativo, mercantil, industrial e literário). Fortaleza. Consultada na Academia Cearense de Letras.

Almanaque de A Batalha 1926. Prefácio de Maria Filomena Mônica. Lisboa: Edições Rolim, 1987.

Almanaque Comercial (Organizado por Cruz Filho), Fortaleza
Ano I. Fortaleza: Typ. Urânia, 1928.

Coleção da **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Consultada no Instituto do Ceará.

Fortaleza (Revista Literária Filosófica, Científica e Comercial). Consultada na Academia Cearense de Letras.

Ano I, nº 1, 06/10/1906; nº 2, 08/11/1906; nº 3, 13/12/1906; nº 4, 17/01/1907; nº 5, 19/02/1907; nº 6, 25/03/1907; nº 7, 30/04/1907; nº 8, 31/05/1907; nº 9, 30/06/1907; nº 10, 31/07/1907; nº 11, 31/08/1907; nº 12, 06/10/1907.

Phenix (Órgão dos Alunos da Escola de Comércio "Phenix Caixeiral"), Fortaleza. Consultada no Acervo Particular de Jorge Brito, Brasília.

Ano I, nº I, fev./1912; nº II, mar./1912; nº III, maio/1912; nº IV, jun./1912; nº V, jul./1912; nº VI, ago./1912; nº VII, set./1912; nº VIII, out./1912; nº IX, nov./1912; nº X, dez./1912; nº XI, jan./1913; nº XII, fev./1913

Ano II, nº XIII, mar./1913; nº XIV, abr.-maio/1913; nº XV, jun./1913; nº XVI, ago./1913; nº XVIa, set./1913; nº XVII, out./1913; nº XVIII, nov./1913; nº XIX, dez./1913

Ano III, nº XX-XXI, jan.-fev./1914; nº XXII, mar./1914; nº XXIII, abr./1914; nº XXIV, maio/1914; nº XXV, jun./1914; nº XXVI, jul./1914

Ano IV, nº XXVII-XXVIII, jan.-fev./1915; nº XXIX-XXX, mar.-abr./1915; nº XXXI-XXXII, maio.-jun./1915; nº XXXIII, jul./1915; nº XXXIV, ago./1915; nº XXXV, set./1915; nº XXXVI, out./1915; nº XXXVII, nov./1915; nº XXXVIII, dez./1915

Ano V, nº XXXIX/XL, jan.-fev./1916; nº XLI, mar./1916; nº XLII, abr./1916; nº XLIV, jun./1916; nº XLV, jul./1916; nº XLVI, ago./1916

A Vida (Periódico anarquista), São Paulo

Ano I, nº 2, 31/12/1914; nº 3, 21/01/1915; nº 5, 31/03/1915.

Catálogos e Guias

Catálogo da imprensa alternativa e episódica do Brasil. Rio de Janeiro: ABI/BBT, 1979.

Catálogo de imprensa alternativa. Rio de Janeiro: Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular/RIOARTE, 1986.

Catálogo de periódicos (versão preliminar). AMORJ (Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: LPS-IFCS-UFRJ, 1997.

Catálogo de periódicos brasileiros microfilmados. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento de Processos Técnicos, Divisão de Microreprodução. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro, 1994.

Catálogo-coleção de jornais brasileiros. Arquivo Edgard Leuenroth. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994.

Catálogos de microfilmes do Archivo Storico del Movimento Operaio Brasiliano. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Foundation, 1982-1983.

Guia dos centros de documentação, formação e assessoria ao movimento operário e sindical. Comitê Brasileiro de Arquivos, Centros de Documentação e Formação de Trabalhadores e suas Organizações. Rio de Janeiro: Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro/UFRJ, 1993.

Guia. Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

Guia dos jornais operários do Rio de Janeiro. Niterói: UFF/Oficina de História, 1988. Organizado por Ismênia de Lima Martins.

Inventário analítico do acervo Octávio Brandão. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1986.

Levantamento da imprensa operária do Estado de Sergipe. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, Programa de Documentação e Pesquisa Histórica, 1986.

Relação dos jornais e revistas do Arquivo Astrojildo Pereira. In *Memória e história*, nº 1, pp. 147-210. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

Documentos

Bodas de ouro do Centro Artístico Cearense. Histórico de sua fundação, em 8 de fevereiro de 1904 a 8 de fevereiro de 1954. Fortaleza: (editora), 1954.

Catálogo dos jornaes, revistas e outras publicações periódicas do Ceará, 1824-1904, por João Baptista Perdigão de Oliveira. Fortaleza: Typ. Guarany, 1905.

Estatutos da Associação Funcionários Públicos do Ceará. Oficializada pela Lei nº 2246, de 17 de novembro de 1924. Fortaleza: Oficina Gráfica Diário do Estado, 1925.

Estudo sobre o Ceará. Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1955.

Regimento dos Grupos Escolares do Estado do Ceará. Expedido pelo Secretário dos Negócios do Interior José Pompeu Pinto Accyoli. Fortaleza: Typ. Lithographia a Vapor, 1907.

A República brasileira e o Estado do Ceará. Conferência realizada no Salão de Honra do Partido Operário por Antônio Duarte Bezerra. Fortaleza: 1892.

Livros, artigos, dissertações e teses – geral

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500-1800)**. Rio de Janeiro: Briguet, 1969.

_____. **Ensaio e estudos**. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1921.

ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Mercado das Letras/FAPESP, 2000.

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. 2ª ed. revista e ampliada. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1993.

AGUIAR, Alcimo Cavalcante de. *O Esperanto no Ceará. Início do movimento: Moacir Caminha*. In **Anais do XV Congresso Brasileiro de Esperanto**. Rio de Janeiro: Gráfica Esperanto, 1957.

ALBUQUERQUE, Soriano de. **Memória Histórica da Faculdade de Direito do Ceará**. Fortaleza: Typo-lithographia a Vapor, 1906.

ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e anteontem**. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

ALMEIDA, Antonio Joaquim Rodrigues de. **O Município de Sobral – Factos e Considerações**. Sobral: 1924.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889). História e legislação**. 2ª ed. Trad. Antônio Chizzotti. São Paulo: EDUC, 2000.

ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil** (dissertação de mestrado). São Paulo: PUC, 1992.

_____. *Internacionalismo proletário no Cone Sul. A Experiência internacional do sindicalismo brasileiro em princípios do século*. In **Resgate. Revista de Cultura**, nº 3, pp. 33-52. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP, 1991.

ALVES, Joaquim. **Autores cearenses**. 2ª ed. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1997.

_____. *O Ensino primário na primeira metade do século XX*. In **Revista do Instituto do Ceará**, LXVIII, pp. 128-142. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1958.

ALVIM, Rosilene. **A Sedução da cidade. Os Operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren**. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

AMORA, Manuel Albano. **Crônicas da Província do Ceará**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1990.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, capital e industrialização do Nordeste**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

- ANDRADE, Margarida Júlia Farias de Salles. **Onde moram os operários... Vilas operárias em Fortaleza: 1920-1945** (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 1990.
- ARAÚJO, Ângela M. C. (org.) **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997.
- ARAÚJO, Sadoc F. **História da cultura sobralense**. Sobral: Imprensa Universitária/UVA, 1978.
- ARAÚJO, Sílvia. & CARDOSO, Alcina. **1º de Maio: cem anos de solidariedade e luta**. Curitiba: Beija-flor, 1986.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem (1880-1950)**. Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989.
- ARÉAS, Luciana Barbosa. *As Comemorações do 1º de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930)*. In **História social**, nº 4/5, pp. 9-28. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997-1998.
- AZEVEDO, Cláudia Soares de. *A Experiência educacional anarquista*. In **Dia-Logos**, ano II, nº 2, pp. 45-75. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 1998.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). **Fortaleza de ontem e de hoje**. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.
- AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça. Reminiscências**. Col. José de Alencar. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.
- _____. **Trigo sem joio**. Fortaleza: BNB, 1986.
- AZEVEDO, Rubens de. **Os 40 da Casa do Barão**. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1993.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Aspectos da literatura cearense**. Fortaleza: Ed. UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.
- BANDEIRA, Moniz. **O Ano vermelho, a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Trabalhismo e socialismo no Brasil. A Internacional Socialista e a América Latina**. São Paulo: Global, 1985.
- BARBIAN, Hilário. **Circulo Operário e sindicalismo em Ijuí-RS (1923-1946)** – (dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 1991.
- BARRANCOS, Dora. BARRANCOS, Dora. **Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo**. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.
- _____. *As "leituras comentadas": um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930*. In **Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas**. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, nº 8 e 9, pp. 151-161. Campinas: UNICAMP, 1998.

- BARREIRA, Dolor. **História da literatura cearense**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1951.
- BARREIRO, José Carlos. *Tradição, cultura e protesto popular no Brasil (1780-1880)*. In **Projeto História**, nº 16, fev., p. 9-24. São Paulo: PUC-SP, 1998.
- BARRETO, Álvaro. *Uma Avaliação da produção historiográfica sobre os Círculos Operários*. In **Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 7, julho, pp. 127-147. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- _____. **O Movimento operário riograndense e a intervenção estatal: a FORGS e os Círculos Operários (1932-35)** – (dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- _____. **Propostas e contradições dos Círculos Operários**. Pelotas: UFPEL, 1995.
- BARROSO, José Parsifal. **Uma História da política do Ceará, 1889-1954**. Fortaleza: BNB, 1984.
- BARROSO, Gustavo. **Consulado da China. Memórias**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, s/d.
- _____. **Coração de menino. Memórias**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, 1939.
- _____. **Liceu do Ceará. Memórias**. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, 1940.
- BATALHA, Cláudio H. *A Difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*. In MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil H. Os Influxos teóricos**. Campinas: UNICAMP, 1995.
- _____. *A Historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências*. In FREITAS, Marcos César de. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, pp. 145-182.
- _____. *A Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?* In **Revista Brasileira de História**, v. 12, nº 23-24, pp. 111-124. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.
- _____. **O Movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Nós, filhos da Revolução Francesa: a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX*. In **Revista Brasileira de História**, v. 10, nº 20, mar.-ago., pp. 233-249. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1991.
- _____. *Uma Outra consciência de classe? O Sindicalismo reformistas na Primeira República*. In **Ciências Sociais Hoje**, 1990, pp. 117-127. São Paulo: Vértice, 1990.

- BATALHA, Cláudio H. & ARAÚJO, Ângela M. C. *Preservação da memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgard Leuenroth*. In SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999, pp. 65-77.
- BELÉM, Cursino. **Um Novo de idéias novas (Adonias Lima)**. Fortaleza: Typ. Commercial, 1916.
- BELLUCCO, Hugo I. & GONTIJO, Rebeca. *Sobre a historiografia do movimento operário*. In **Tempos históricos**, v. 2, nº 1, março, pp. 159-193. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.
- BEZERRA, Paulo (org.). **Álbum de Fortaleza**. Fortaleza: Oficinas Gráficas Meton Gadelha, 1931.
- BLAJ, Ilana & MONTEIRO, John Manuel (orgs.). **História & utopias. Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 1996.
- BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular. Leituras de operários**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (org.) **Passados recompostos. Campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1998.
- BRANCO, Odorico Castello. **Instrução e educação**. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915.
- BRANDÃO, Berenice. **O Movimento católico leigo no Brasil: as relações entre Igreja e Estado** (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFF, 1975.
- BRANDÃO, José. **Chicago 1886, Lisboa 1986. 100 anos por 1 dia**. Lisboa: Inquérito, 1987.
- BRANDÃO, Octavio. **Combates e batalhas: memórias**, v. 1. Pref. de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Alfa Ômega, 1978.
- _____. *Vida vivida. Recordações*. In **Revista Brasiliense**, nº 33, jan.-fev., pp. 128-153. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Ensaio estatístico da Província do Ceará**. Tomo II. Fortaleza: Typ. B. de Mattos, 1864.
- BRENTANO, Leopoldo. **A Legislação social brasileira e a Encíclica Rerum Novarum**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional dos Operários Católicos, 1941.
- BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter & PORTER, Roy (orgs.). **História social da linguagem**. Trad. Álvaro Hattnher. São Paulo: UNESP, 1997.

- _____. **Língua e jargões. Contribuições para uma história social da linguagem.** Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: UNESP, 1997.
- Cadernos AEL. Anarquismo e Anarquistas**, nº 89. Arquivo Edgard Leuenroth. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.
- Cadernos de História, 1. Manifestações operárias e socialistas em Pernambuco.** Recife: Departamento de História da UFPE, 1987.
- CAMINHA, Moacir. **Curso popular de sociologia.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Povo Trabalhador, 1945.
- CAMPOS, Eduardo. *Antecedentes sócio-políticos à ação da Justiça do Trabalho no Ceará: idéias e circunstâncias.* In **Revista do TRT 7ª Região**, ano XI, nº 11, jan.-dez., pp. 105-132. Fortaleza: TRT 7ª Região, 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história. Ensaio de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas.** São Paulo: Estação Liberdade/SEC, 1997.
- CARONE, Edgard. **Movimento operário no Brasil (1877-1944).** 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1984.
- _____. **A República Velha (instituições e classes sociais).** 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1972.
- _____. **A II Internacional pelos seus Congressos (1889-1914).** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Anita, 1993.
- _____. **Socialismo e anarquismo no início do século.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARVALHO, Florentino de. **Da Escravidão à Liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social.** Porto Alegre: Editora Renascença, 1927.
- CARVALHO, Gilmar de. *Editoração de folhetos populares no Ceará.* In **Revista de Comunicação Social**, v. 17, nº 1 e 2, pp. 31-67. Fortaleza: UFC, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi.** 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- CARVALHO, Marta M. C. de. **A Escola e a República.** São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do ensino no Ceará.** Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.
- CASTRO, José Liberal de. **Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza.** Fortaleza: Faculdade de Artes e Arquitetura/UFC, 1973.
- CAVALCANTI, Jardel. **Os Anarquistas e a questão da moral. Brasil, 1890-1930.** São Paulo: Cone Sul, 1997.

- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**, v. 2. São Paulo: Ática, 1999.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **A Influência das idéias socialistas no pensamento político brasileiro (1890-1922)**. São Paulo: Loyola, 1978.
- _____. **A "Questão social" no Brasil. Crítica do discurso político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CHACON, Vamireh. **História das idéias socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. **História das idéias sociológicas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1977.
- _____. **O Humanismo brasileiro**. São Paulo: Summus/Secretaria da Cultura, 1980.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro - do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- _____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- _____. (coord.). **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. **As Utilizações do objecto impresso (séculos XV-XIX)**. Trad. Ida Boavida. Portugal: DIFEL, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHOMSKY, Noam. **Os Caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.
- CORDEIRO, Cristiano. *Depoimento*. In **Plural Revista de Debates**. São Paulo: Rumo Gráfica, 1979, pp. 37-45.
- CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. **A Legião e o trabalho – Políticas e imaginário no integralismo cearense (1931-1937) – (dissertação de mestrado em Ciências Sociais)**. Fortaleza: UFC, 1992.
- COSTA, Emília Viotti da. *Estruturas versus experiência. Novas tendências na história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha*. In **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, nº 29, pp. 3-16. Rio de Janeiro: ANPOCS/Vértice, 1990.
- _____. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- COSTA, Marcelo Farias. **Panorama do teatro cearense**. Fortaleza: Multigraf, 1994.
- _____. **Teatro na Terra da Luz** (org.). Fortaleza: Ed. UFC, 1985.
- COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- D'ALGE, Carlos. **O Território da palavra. Memória e literatura**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1990.
- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- _____. **Boemia literária e revolução. O Submundo das letras no Antigo Regime**. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- _____. **Edição e sedição. O Universo da literatura clandestina no século XVIII**. Trad. Myrian Campello. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- _____. **O Iluminismo como negócio. História da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800**. Trad. Laura Teixeira Motta e Márcia Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução impressa. A Imprensa na França (1775-1800)**. Trad. Marcos Maffei Jordan. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna**. Coleção Oficinas da História. Trad. Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **A Vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DEL ROIO, José Luiz. **1º de Maio, cem anos de luta – 1886-1986**. São Paulo: Global/Oboré, 1986.
- DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do século XX*. In **Estudos CEBRAP**, nº 12. São Paulo: CEBRAP, 1975.
- DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1977.
- _____. *Organização trabalhista e lutas sindicais no Brasil*. In **Revista Brasiliense**, nº 22, mar.-abr., pp. 115-139. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- DÍAZ, Carlos. **Vocabulário de formación social**. Valência: Edim, 1995.
- DIEHL, Astor Antônio. **Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social político (dos anos 30 a 1964)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.
- _____. *Os Círculos Operários: um projeto entre a modernidade e a tradição*. In **Veritas**, v. 37, nº 148. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

- DUARTE, Regina Horta. *Elisée Reclus, geografia e anarquismo – visões da revolução*. In **LPH: Revista de História**, v. 3, nº 1, pp. 80-94. Ouro Preto: Dep. de História/UFOP, 1992.
- DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)**. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- DUTRA, Eliana Regina F. & CROSSI, Yonne de Sousa. *Historiografia e movimento operário. O Novo em questão*. In **Revista do Departamento de História**, pp. 122-139, nº 3. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1986.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986.
- _____. **O Brasil Republicano**. São Paulo: DIFEL, 1978.
- FÉLIX, Loiva Otero. **História & memória. A Problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.
- FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e história social: historiografia e pesquisa*. In **Projeto História**, nº 10, dez., pp. 73-90. São Paulo: Departamento de História da PUC, 1993.
- FERREIRA, Benedito Genésio. **A Estrada de ferro de Baturité: 1870-1930**. Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989.
- FERREIRA, Brasília Carlos. **O Sindicato do garrancho**. Natal: Universitária UFRN, 1989.
- _____. **Trabalhadores, sindicatos, cidadania. Nordeste em tempos de Vargas**. Natal: Estudos e Edições AD Hominem/Cooperativa Cultural UFRN, 1997.
- FERRER, Francisco. **La Escuela moderna**. Madrid: Ediciones Júcar, 1976.
- FICO, Carlos. *Alguns impasses da produção historiográfica recente no Brasil*. In **Anos 90, Revista do Curso de Pós-Graduação em História**, nº 2, maio, pp. 111-126. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- FIRMEZA, H. **Crônicas escolhidas**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1965.
- _____. *A Revolução de 1912 no Ceará*. In **Revista do Instituto do Ceará**, v. 81, pp. 25-59. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1963.
- FONSECA, Carlos da. **O 1º de maio em Portugal, 1890-1990. Crônicas de um século**. Lisboa: Antígona, 1990.
- FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**, v. 1. Rio de Janeiro: s/e, 1961.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1974.

- FREITAS, Marcos Cézar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- FRENCH, John D. **O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro francês no Brasil**. Tomos I e II. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- GALENO, Alberto S. **A Praça e o povo (homens e acontecimentos que fizeram a história na Praça do Ferreira)**. Fortaleza: Stylus, 1991.
- GALLO, Sílvio. **Pedagogia do risco**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- GARCIA, Silvana. **Teatro da militância. A Intenção do popular no engajamento político**. São Paulo: Perspectiva/Ed. da USP, 1990.
- GIRÃO, Blanchard. **O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-Província. Memórias**. Fortaleza: ABC, 1997.
- GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985.
- _____. **Fortaleza e a crônica histórica**. 2ª ed. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1997.
- _____. **Geografia estética de Fortaleza**. 2ª ed. Fortaleza: BNB, 1979.
- _____. **História econômica do Ceará**. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1947.
- _____. **História da Faculdade de Direito do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.
- _____. **O Senador Pompeu (1877-1977)**. Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1977
- GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. 2ª ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945.
- GIRÃO, Raimundo & SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da literatura cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. **Burguesia e trabalho. Política e legislação social no Brasil, 1917-1937**. Pref. de Evaristo de Moraes Filho. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- _____. **A Invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- _____. **A República não-oligárquica e o liberalismo dos empresários**. In SILVA, Sérgio S. & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.). **História econômica da Primeira República**. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1996, pp. 91-101.

- GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge. **Bibliografia libertária. Um Século de anarquismo em língua portuguesa.** São Paulo: Imaginário, 1999.
- _____. *Maria Lacerda de Moura – uma anarquista individualista brasileira.* In **Utopia. Revista Anarquista de Cultura e Intervenção**, nº 9, pp. 95-105. Lisboa: Associação Cultural A Vida, 1999.
- GRAHAN, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX.** Trad. Celina Brandt. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- _____. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1850-1914.** Trad. Roberto Machado de Almeida. São Paulo: Brasiliense: 1973.
- GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GUABIRABA, Maria Célia de Araújo (coord.). **Ceará – A Crise permanente do modelo exportador.** Fortaleza: IMOPEC, 1989.
- GUTIERREZ, Leandro H. & ROMERO, Luiz Alberto. **Sectores populares, cultura e política.** Buenos Aires: Sudamericana, 1986.
- _____. *Sociedades barriales, bibliotecas populares.* In **Desarrollo Economico**, v. 29, nº 113, abr-jun., s/p. Buenos Aires: s/e, 1989.
- HAHNER, June E. **Pobreza e política. Os Pobres urbanos no Brasil – 1870-1920.** Trad. Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil (sua história).** Trad. Maria da Penha Villalobos & Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Classes subalternas e cultura: São Paulo, 1889-1922.** Brasília: SBPC, 1976.
- _____. *História do trabalho e cultura operária no Brasil pré-1930. Um Campo de estudos em construção.* In **Política e Trabalho**, nº 5, abr., pp. 7-16. João Pessoa: UFPB, 1987.
- _____. **Nem pátria, nem patrão! (Vida operária e cultura anarquista no Brasil).** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- HAUPT, Georges. **El Historiador y el movimiento social.** Madrid: Siglo Veinteuno, 1986.
- _____. *Porque a História do movimento operário?* In **Revista Brasileira de História**, v. 5, nº 10, mar.-ago., pp. 208-231. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1985.
- HOBSBAWN, Eric. **Mundos do trabalho. Novos estudos sobre história operária.** Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedram. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- _____. **Pessoas extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz.** Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HOGGART, Richard. **As Utilizações da cultura, aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos.** Coleção Questões. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- IBIAPINA, Júlio de Mattos. **O Brasil de ontem e o de hoje.** Fortaleza: Ed. UFC, 1981.
- JACQUES, João. **Otacílio de Azevedo – Cinquenta anos de cultura e poesia.** Fortaleza: Multigraf, 1992.
- JOMINI, Regina Célia Mazoni. *Educação anarquista na República Velha: algumas idéias e iniciativas pedagógicas.* In **Pro-Posições**, nº 3, dez., pp. 37-54. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1990.
- _____. **Uma Educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha.** Campinas: Pontes, 1990.
- JUSTA, Gastão. *A Igreja de São Luis.* In **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LXIII, nº 28, pp. 68-70. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1959.
- _____. *Os Patronos. Lívio Barreto.* In **Revista da Academia Cearense de Letras**, ano LVII, nº 25, pp. 171-180. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1953.
- KASSICK, Neiva Beron. **Educação libertária: textos de um seminário.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1996.
- KONDER, Leandro. **As Idéias socialistas no Brasil.** Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1995.
- KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro (1857-1957).** Trad. Clarisse Lima Avierina. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.
- LEITE, Ana Cristina. **O Algodão no Ceará. Estrutura fundiária e capital comercial, 1850-1880.** Fortaleza: SECULT, 1994.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura.** São Paulo: Ática, 1984.
- _____. *Quem foi Maria Lacerda de Moura?* In **Educação & Sociedade**, ano I, nº 2, jan., pp. 5-24. São Paulo: Cortez/Autores Associados/CEDES, 1974.
- LEME, Marisa Saenz. **A Ideologia dos industriais brasileiros, 1919-1945.** Petrópolis: Vozes, 1978.
- LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As Razões de uma cidade: conflito de hegemonias.** Fortaleza: Stylus, 1991.
- LEONARDI, Victor & HARDMAN, Francisco Foot. **História da indústria e do trabalho no Brasil – das origens aos anos 20.** São Paulo: Ática, 1981.

- LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo – roteiro da libertação social. Antologia de doutrina crítica, história, informações.** Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.
- LIMA, Adonias. **O Amor físico e a mulher.** Prefácio de Joaquim Pimenta. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Comercial, 1949
- _____. **Soriano de Albuquerque (Sua Influência na vida intelectual do Ceará).** Fortaleza: Typ. Commercial, 1915.
- LIMA, Herman. **Poeira do tempo. Memórias.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- LINHARES, Hermínio. *O Comunismo no Brasil.* In **Revista Brasiliense**, nº 25, pp. 146-166. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- _____. **Contribuição à história das lutas operárias no Brasil.** São Paulo: Alfa Ômega, 1977.
- _____. *As Greves operárias no Brasil durante o primeiro quartel do século XX.* In **Estudos Sociais**, ano I, nº 2, jul.-ago, pp. 215-228. Rio de Janeiro: Gráfica Clélio da Câmara, 1958.
- LINS, Ivan. **História do positivismo no Brasil.** 2ª ed. Brasileira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.
- LOPES, José Sérgio Leite (coord.). **Cultura e identidade operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora.** Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional/Marco Zero/PROED, 1987.
- LOPES, José Sérgio Leite & outros. **Mudança social no Nordeste. A Reprodução da subordinação (estudos sobre trabalhadores urbanos).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da revolta. A Greve geral anarquista de 1917.** São Paulo: Annablume, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula.* In DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000, p. 443-481.
- LUCA, Tânia R. D. **O Sonho do futuro assegurado (o mutualismo em São Paulo).** Série República. São Paulo: Contexto; Brasília: CNPq, 1990.
- LUIZETTO, Flávio. *Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX.* In **Educação & Sociedade**, ano IV, nº 12, set., pp. 61-79. São Paulo: Cortez/Autores Associados/CEDES, 1982
- _____. **Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920** (tese de doutoramento). São Carlos: FFCLH/USP, 1984.
- _____. **As Utopias anarquistas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LUZ, Nícia Vilela. **A Luta pela industrialização do Brasil.** Pref. de João Cruz Costa. São Paulo: Alfa Ômega, 1978.

- LYONS, Martin. *Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários*. In CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999, pp. 165-202.
- MAGNANI, Sílvia Ingrid Lang. **O Movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MAITRON, Jean. **Le Mouvement anarchiste en France**. Paris: FM Fondation, 1983.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro – 1890-1920**. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARCHI, E. **A Igreja e a questão social: o discurso e a praxis do catolicismo no Brasil (1850-1915)** – (tese de doutoramento). São Paulo: USP, 1989.
- MARSON, Izabel Andrade. *Entre a "vertigem" e a razão: representações da revolução na política pernambucana, 1838-1850*. In **Revista Brasileira de História**, v. 10, nº 20, pp. 173-210. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1991.
- _____. *Política, ciência e utopia: a revista O Progresso e a (re)criação da monarquia constitucional no Brasil (1846-1848)*. In **Revista Brasileira de História**, v. 12, nº 23-24, pp. 99-110. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.
- MARTINS, Ismênia de Lima (coord.). *Bibliografia do operariado*. In **Condições de vida: Rio de Janeiro e Buenos Aires**. Niterói: UFF/ICHF, 1987, pp. 51-54.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. V. 1, São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.
- MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias. Menoridade**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1992.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Obras Escolhidas, t. 2. Lisboa: Edições Avante, 1982.
- MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu tempo**. Fortaleza: Edições UFC, 1985.
- MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Fortaleza: Edésio Editor, 1938.
- MIRANDA, Júlia. **O Poder e a fé. Discurso e prática católicos**. Fortaleza: Ed. UFC, 1987.
- MOACYR, Primitivo. **A Instrução e as províncias. Subsídios para a história da educação no Brasil, 1834-1889**, v. 1. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939.
- MONTENEGRO, Abelardo F. **História dos partidos políticos cearenses**. Fortaleza: s/e, 1965.

- _____. **Soriano de Albuquerque. Um Pioneiro da Sociologia no Brasil.** 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977.
- MONTENEGRO, João Alfredo de S. **História da idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará.** Fortaleza: Ed. UFC, 1996.
- _____. **O Integralismo no Ceará. Variações ideológicas.** Fortaleza: IOCE, 1986.
- _____. **O Trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978).** Fortaleza: BNB, 1992.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *A Proto-história do marxismo no Brasil.* In REIS FILHO, Daniel Aarão e outros. **História do marxismo no Brasil. O Impacto das revoluções**, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. (org.). **O Socialismo brasileiro.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- MOREL, Edmar. **Vendaval da liberdade.** Rio de Janeiro: Globo, 1967.
- MOTA, Aroldo. **História política do Ceará, 1889-1930.** Fortaleza: Stylus, 1987.
- MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Boris e a importância de seu arquivo.** Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1982.
- MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o clero romano e a educação laica.** São Paulo: s/e, 1934.
- MUNHOZ, Fábio Antônio & RODRIGUES, Leôncio Martins. *Bibliografia sobre trabalhadores e sindicatos no Brasil.* In **Estudos CEBRAP**, nº 7, fev.-mar., pp. 151-171. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1974.
- NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho, pensamento social de um anarquista.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República.* In FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano.** São Paulo: DIFEL, 1978.
- _____. **Educação e sociedade na Primeira República.** São Paulo: EPU/MEC, 1976.
- NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História. Saques e outras ações de massas no Ceará.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- NEVES, Margarida de Souza & HEIZER, Alda. **A Ordem é o progresso. O Brasil de 1870 a 1910.** São Paulo: Atual, 1991.
- NOBRE, Geraldo. **O Processo histórico de industrialização do Ceará.** Fortaleza: SENAI/DR-CE, Coordenadoria de Divulgação, 1989.
- _____. **As Sete vidas de Gilberto Câmara.** Fortaleza: ABC, 1999.

NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu (memória sócio-histórica-econômica)**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.

_____. **O Pensamento cearense na segunda metade do século XIX (em torno do centenário da morte de R. A. da Rocha Lima)**. Pref. de Pinto Ferreira. Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia, Secção do Ceará/Sociedade Cearense de Geografia e História/Casa de Juvenal Galeno, 1978.

NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Fortaleza: Ed. UFC/PMF, 1988.

OITICICA, José. **A Doutrina anarquista ao alcance de todos**. Textos Doutrinários. Lisboa: A Batalha, 1976.

OLIVEIRA, Caterina de Saboya. **Fortaleza: seis romances, seis visões**. Fortaleza: EUFC, 2000.

OLIVEIRA, Leila Floresta de. *A Educação libertária: defesa de um ensino racionalista*. In **História e Perspectivas**, v. XVI-XVII, jan.-dez., pp. 103-119. Uberlândia: UFU, 1997.

_____. *Educação libertária: reflexões teórico-pedagógicas de Bakunin*. In **Cadernos de História**, nº 7, dez., pp. 91-105. Uberlândia: UFU, 1998.

ORTIZ, Fernando. **Tabak und Zucker**. Frankfurt: Erste Auflage, 1987.

PAIM, Antônio. **História das idéias filosóficas no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Convívio; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

PANSARDI, Marcos Vinicius. *O Socialismo dos modernos e o socialismo dos antigos: a incorporação do vocabulário ideológico da Segunda Internacional pelo movimento socialista brasileiro*. In **História Social**, nº 1, pp. 65-94. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994.

PAOLI, Maria Célia; SADER, Eder & TELLES, Vera da Silva. *Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico*. In **Revista Brasileira de História**, nº 6, pp. 129-149. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1984.

PARENTE, Josênio C. **Anauê: os camisas verdes no poder**. Fortaleza: Ed. UFC, 1986.

PARIS, Robert. *Biografias e "perfil" do movimento operário – algumas reflexões em torno de um dicionário*. In **Revista Brasileira de História**, v. 17, nº 33, pp. 9-31. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUI, 1997.

_____. *A Imagem do operário no século XIX pelo espelho de um "Vaudeville"*. In **Revista Brasileira de História**, v. 8, nº 15, set./87-fev./88, pp. 61-89. São Paulo: ANPUH/Marco Zero.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Ainda o movimento operário como objeto historiográfico*. In **Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, nº 8, dez., p. 62-78. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

- _____. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. In ARAÚJO, Ângela M. C (org.). **Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira**. São Paulo: Scritta, 1997 pp. 85-103.
- _____. **Origens do Primeiro de Maio no Brasil**. Porto Alegre: PROED/UFRGS, 1981.
- PETERSEN, Sílvia R. F. & LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tchê!, 1992.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da história. Operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PIMENTA, Joaquim. **Golpes de vista**. Recife: Imprensa Industrial, 1930.
- _____. **Retalhos do passado**. Rio de Janeiro: Dep. de Imprensa Nacional, 1949.
- PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e cultura política. A Cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Política e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. *Trabalho industrial no Brasil: uma revisão*. In **Estudos CEBRAP**, nº 14, out.-dez., pp. 119-131. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1975.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. **A Classe operária no Brasil (1889-1930): documentos**, 2 volumes. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.
- PORTELLI, Huges. **Os Socialismos no discurso social católico**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- PRADO, Antônio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil. Memória, lutas, cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Escola de aprendizes artífices no Paraná: ensino profissional, técnica e industrialização (1909-1935)*. In **História e Cultura**, V Encontro Regional de História. Ponta Grossa: ANPUH/PR, 1997, pp. 227-232.
- QUINTAS, Amaro. **Antônio Pedro de Figueiredo (prefácio à edição fac-similar da Revista O Progresso de 1846)**. Recife: Imprensa Oficial, 1950.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar. A Utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAMA, Carlos. **Utopismo socialista, 1830-1893**. Venezuela: Ayacucho, 1980.

- RANCIÈRE, Jacques. **A Noite dos proletários. Arquivos do sonho operário.** Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- REZENDE, Antônio Paulo. **História do movimento operário no Brasil.** Série Princípios. São Paulo: Ática, 1990.
- RIBEIRO, Francisco Moreira. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio (1922-1947).** Fortaleza: Ed. UFC/NUDOC/Stylus, 1989.
- RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros**, vol. 2. Rio de Janeiro: VRJ Editores Associados, 1995.
- _____. **Os Companheiros**, vol. 4 e 5. Florianópolis: Insular, 1997/1998.
- _____. **Nacionalismo e cultura social (1913-1922).** Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.
- _____. **A Nova aurora libertária.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- _____. **Novos rumos: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d.
- _____. **Socialismo e sindicalismo no Brasil (1675-1913).** Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- _____. **Trabalho e conflito.** Rio de Janeiro: Gráfica Editora Arte Moderna, s/d.
- RODRIGUES, José Honório. *O Ceará e sua historiografia.* In **Notícia de Vária História.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. **Conflito industrial e sindicalismo no Brasil.** São Paulo: DIFEL, 1966.
- ROMANI, Carlo. *A Aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori.* In **Revista Brasileira de História**, v. XVII, nº 33, pp. 150-166. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUÍ, 1997.
- ROSSI, Wagner Gonçalves. **Pedagogia do trabalho. Raízes da educação socialista.** São Paulo: Moraes, 1981.
- SAES, Décio. **Classe média e política na Primeira República brasileira (1889-1930).** Petrópolis: Vozes, 1975.
- SALES, Antônio. **Novos retratos e lembranças.** Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1995.
- SAMIS, Alexandre. **Moral pública & martírio privado. Colônia Penal de Clevelândia do Norte e o processo de exclusão social e exílio interno no Brasil dos anos 20.** São Paulo: Achiamé/CELIP/FERLAGOS, 1999.
- SAMPAIO FILHO, Dórian. **A Industrialização do Ceará. Empresários e entidades.** Fortaleza: SENAI/DR-CE/Coordenadoria de Divulgação e Documentação, 1987.

- SAÑA, Heleno. **Cultura proletaria y cultura burguesa**. Madrid: Zero, 1972.
- SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade vermelha. A Militância comunista em Camocim – CE (1927-1950)** – (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- SARLO, Beatriz. **El Imperio de los sentimientos**. Buenos Aires: Ediciones Catálogos, 1985.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Trajetória e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro*. In **Projeto História, cultura e trabalho**. São Paulo: EDUC/PUC, 1981, pp. 233-248.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Prefácio*. In GORKI, Maximo. **Pequenos burgueses**. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- SEGATTO, José Antônio. **A Formação da classe operária no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- SEIXAS, Jacy Alves de. *O Esquecimento do anarquismo no Brasil: a problemática da (re)construção da identidade operária*. In **História e Perspectivas**, nº 11, jul.-dez., pp. 213-232. Uberlândia: UFU, 1994.
- SERAINÉ, Florival. **Através da literatura cearense**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1989
- SFORNI, Marta Sueli de Faria. *Trabalho e educação no Brasil no final do século XIX: é preciso desenvolver um "novo espírito"*. In **História & Perspectivas**, nº 17, dez., pp. 87-101. Uberlândia: UFU, 1997.
- SILVA JR., Adhemar Lourenço da. *O Herói no movimento operário*. In FÉLIX, Loiva Otero & ELMIR, Cláudio P. (orgs.) **Mitos e heróis. Construção de imaginários**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, pp. 111-139.
- SILVA, Jorge E. **Dicionário da anarquia. Idéias e personagens do movimento libertário** (versão preliminar). Florianópolis: Edição do autor, 1999.
- SILVA, Josué Pereira da. **Tempo e trabalho em São Paulo (1906-1932)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1996.
- SILVA, Sérgio S. & SZMRECSÁNYI, Tamás. (orgs.). **História econômica da Primeira República**. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1996.
- SIMÃO, Azis. *Os Anarquistas: duas gerações distanciadas*. In **Tempo Social**, vol. I, nº 1, pp. 57-69. São Paulo: USP, 1989.
- _____. **Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Dominus Editora, 1966.

- SINGER, Paul. **A Formação da classe operária**. 4ª ed. São Paulo: Atual; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1987.
- SOMBRA, Waldy. **Padre Verdeixa. O Canoa Doida**. Fortaleza: UNIFOR, 1996.
- _____. **A Guerra dos panfletos. Maloqueiros versus cafinfins**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998.
- SOUSA, Eusébio de. **Meio século de existência (subsídio para a história do Instituto do Ceará), 1887-1937**. Fortaleza: Tip. Minerva, 1937.
- SOUSA, Simone (org.). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- SOUSA, Simone & OLIVEIRA, Francisco de Assis S. **O Movimento operário cearense na Primeira República**. Série História, nº 3. Fortaleza: NUDOC/UFC, s/d.
- SOUSA, Simone & PONTE, Sebastião Rogério. **Roteiro sentimental de Fortaleza. Depoimentos de história oral**. Fortaleza: UFC/NUDOC/SECULT, 1996.
- SOUZA, José Bonifácio. **Associação Comercial do Ceará, 1868-1968. Memória Histórica**. Fortaleza: s/e, s/d.
- SOUZA, Wlaumir Doniseti de. **Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. Das Disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- STUDART, Guilherme (Barão de Studart). **Diccionario Bio-bibliographico cearense**. 3 volumes. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915.
- TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará. Origens do capital estrangeiro no Brasil**. São Paulo: HUCITEC; Natal: UFRN, 1995.
- Tempo Brasileiro. As Repúblicas da República**, nº 99, out.-dez. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- THEOPHILO, Rodolpho. **O Caixeiro (reminiscências)**. Fortaleza: Typ. Minerva, 1927.
- _____. **A Fome: violação**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: ACL, 1979.
- _____. **A Libertação do Ceará (a queda da oligarquia Accioly)**. Lisboa: Typ. A Editora, 1914.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- _____. **A Formação da classe operária inglesa**. 2ª ed, 3 volumes. Col. Oficinas da História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **História social y antropología**. México: Instituto Mora, 1994.
- TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o naturalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRAGTENBERG, Maurício. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária*. In **Educação & Sociedade**, ano I, nº 1, set., pp. 17-49. São Paulo: Cortez/Autores Associados/CEDES, 1978.

_____. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Cortez, 1982.

TROTSKY, León. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

VASCO, Neno. **Concepção anarquista do sindicalismo**. Porto: Afrontamento, 1984.

VAUTHIER, Louis Léger. **Diário íntimo do engenheiro Vauthier, 1840-1846**. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

VEIGA, Gláucio. **História das idéias da Faculdade de Direito do Recife**. 2 vols. Recife: Ed. Universitária, 1981.

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha e a República*. In **Revista de Estudos Avançados**, vol. 10, nº 26, jan.-abr. São Paulo: USP, 1996.

VERÍSSIMO, José. **A Educação nacional**, 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do fato. Uma Proposta de estudo sobre a memória histórica**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

VIANA, Carlos Negreiros. **A Indústria têxtil de algodão no Ceará (1881-1973). Uma Experiência de industrialização fora do Centro-Sul**. Fortaleza: SENAI/FIEC, s/d.

VIANNA, Luiz Werneck. *Estudos sobre sindicalismo e movimento operário: resenha de algumas tendências*. In **O Que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil – BIB**. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1986, pp. 69-93.

VILAR, Pierre. **Pensar la historia**. México: Instituto Mora, 1992.

WEIL, Simone. **A Condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WOODCOCK, George. **O Anarquismo**. Lisboa: Meridiano, 1962.

_____. **Os Grandes escritos anarquistas**. Trad. Júlia Tettamanzi & Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981.

Z Aidan Filho, Michel. *Apresentação*. In PIMENTA, Joaquim. **A Questão social e o catholicismo**. Recife: CEPE, 1991.

Livros, artigos, dissertações e teses – específico

ALVES, Francisco das Neves. *A Gênese da imprensa dos trabalhadores na cidade do Rio Grande (1895-1906): breve estudo de alguns fragmentos*. In **Histórica/PUC-RGS**, nº 3, pp. 88-98. Porto Alegre: PUC/RGS, 1998.

AMARAL, Liana. *Imprensa operária no Ceará (1920-1935)*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 17, jan.-dez., pp. 69-91. Fortaleza: UFC, 1987.

_____. **O Legionário – dimensões culturais na formação da classe operária (dissertação de mestrado)**. Fortaleza: UFC, 1995.

ARARIPE, J. C. Alencar. **No País das utopias**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1993.

ARAÚJO, Sílvia M. P. de. **Imprensa sindical: instrumentos de ação e objeto de conhecimento** (tese de doutoramento). São Paulo: ECA/USP, 1991.

_____. *Imprensa sindical: a tipicidade de uma comunicação política*. In **Comunicação & Sociedade**, nº 26, p. 9-24. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Organização: luta e unidade no discurso da imprensa sindical*. In **Ciências Humanas**, nº 3, pp. 113-134. Curitiba: Ed. da UFPR, 1994.

_____. **Quando ler jornais é mais que informação – exercício de pesquisa: a constituição do objeto nas páginas sindicais**. Curitiba: PET/Curso de Ciências Sociais/UFPR, 1997.

ARAÚJO, Sílvia. & CARDOSO, Alcina. *Jornais operários – metodologia para análise histórica do discurso operário na Primeira República*. In **História: Questões e Debates**. Curitiba: UFPR, 1983.

_____. *Jornalismo e ideologia: o contra-discurso pequeno burguês*. In **Ciência e Cultura**, v. 42, nº 12, dez., pp. 1082-1089. São Paulo: SBPC, 1990.

_____. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: UFPR, 1992.

_____. *Trabalhadores na imprensa operária paranaense entre 1890-1935*. In **Cadernos de Jornalismo e Editoração**, nº 22. São Paulo: CA/USP, 1988.

ARAVANIS, Evangelina. *A Utopia anarquista em Porto Alegre nos anos de 1906 e 1907. Os Anarquistas porto-alegrenses do periódico A Luta e sua tentativa de mudar o rumo local da História*. In **Revista Estudos Ibero-americanos**, v. 22, nº 2, pp. 41-52. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARREIRA, Cecília. *Sindicalismo e integralismo: o jornal A Revolução (1922-1923)*. In **Análise Social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 827-838. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981.

BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. *Jornais e cidades – a queixa do povo*. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **História e imagem**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1998, pp. 235-250.

- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. & PEREIRA, Sandra Lúcia. *Periódicos comunistas do arquivo Edgard Leuenroth*. In **Cadernos AEL 2 – Comunistas e comunismo**, pp. 103-130. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1995.
- BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo. O Grupo do jornal anarquista 'La Bataglia' e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários etnocêntricos*. In **Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas**, nº 8 e 9, pp. 117-147. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth,, 1998.
- BLASS, Leila Maria da Silva. **Imprimindo a própria história: o movimento dos trabalhadores gráficos de São Paulo no final dos anos 20**. São Paulo: Loyola, 1986.
- BORGES, Vavy Pacheco. *A Imprensa como fonte de pesquisa histórica: a experiência de uma década na PUC/SP*. In **Cadernos Intercom**, v. 2, nº 6, pp. 42-47, out./1986. São Paulo.
- BORIN, Jair. & CATANI, Afrânio. *Marx e Engels jornalistas*. In COGGIOLA, Osvaldo. (org.) **Marx e Engels na história**. São Paulo: Xamã, 1996, pp. 113-116.
- CAMARGO, Ana Maria Almeida. **A Imprensa periódica como objetivo e instrumento de trabalho** (tese de doutoramento). São Paulo: USP, 1975.
- CANOCO, Júlia de Miranda. *Ideologia e imprensa*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 10, nº 1-2, pp. 35-52. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1980.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Summus, 1986.
- _____. *Leitura e classes trabalhadoras*. In **Comunicação e cultura**. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social, 1985, pp. 20-25.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Os Arautos do liberalismo. Imprensa paulista, 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. **O Bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CARDOSO, Alcina Maria de Lara. *Imprensa e greves: formas de luta dos trabalhadores*. In **Revista Intercom**, ano 14, nº 65, jul./dez., pp. 50-61. São Paulo: 1991.
- CARONE, Edgar. *Difusão da literatura comunista. O Caso de 'O País'*. In **Classes sociais e o movimento operário**. São Paulo: Ática, 1989, pp. 118-125.
- CARVALHO, Eduardo. **Origens da Imprensa Oficial do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1975.
- CARVALHO, Gilmar de. *Propaganda no Ceará: do propósito de escrever uma história*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 12, nº 1-2, jan-dez. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1982, pp. 75-101.

- CARVALHO, Gilmar de & MESQUITA, Vianney. **Estudos de comunicação no Ceará**. Fortaleza: Agora, 1985.
- CASTRO, Maria Céres Pimenta S. *Estudo crítico e nota biográfica*. In LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte, 1895-1954**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.
- COLARES, Otacilio. *O Pitoresco da propaganda nas primeiras décadas do século XX*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 5, nº 1 e 2, pp. 23-28. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975.
- CRAVEIRO FILHO. *Imprensa. Jornais e revistas publicadas em Sobral desde 1864 (Col. Oswaldo Araújo)*. In **O Centenário. Álbum histórico**. Sobral: s/e, 1941.
- DOMINGUES, Luiz Ignácio. *A Imprensa operária desde o Brasil colonial*. In **Boletim ABI**, ano XXIII, jan./fev., p.6. Rio de Janeiro: ABI, 1982.
- ELMIR, Cláudio Pereira. *As Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*. In **Cadernos de Estudos do PPGH/UFRGS**, nº 13. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995.
- ESPIG, Maria Janete. *O Uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado*. In **Estudos Ibero-americanos**, v. 24, nº 2, pp. 269-289, dez. Porto Alegre: PUC/RS, 1998.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa operária no Brasil – 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. **Comunicação e resistência na imprensa proletária** (tese de livre-docência). São Paulo: ECA/USP, 1990.
- _____. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.
- FIGUEIREDO FILHO, José de & PINHEIRO, Irineu. *Relação dos periódicos da imprensa editados em Crato, a partir do ano de 1885*. In **Cidade do Crato**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1959, pp. 111-118.
- FONSECA, Francisco César Pinto da. **A Imprensa liberal na transição democrática: projeto político e estratégias de convencimento** (dissertação de mestrado). São Paulo: UNICAMP, 1994.
- FONSECA FILHO, Júlio César da. *Jornalismo cearense*. In **Almanach do Ceará**. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1925, pp. 316-323.
- FREIRE, João. *"A Sementeira" do arsenalista Hilário Marques*. In **Análise Social**, v. 17, nº 3, pp. 767-826. Lisboa: s/e, 1981.
- FREYRE, Gilberto. *Jornais, História e Psicologia*. In **Retalhos de jornais velhos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, pp. 109-116.

- FREYRE, Gilberto; RAMOS, Arthur. & DUVERGER, Maurice. **A Imprensa como objeto de estudo das ciências sociais**. Série Jornalismo. São Paulo: ECA/USP, 1970.
- FROTA, Dom José Tupynambá da. *O Jornalismo em Sobral*. In **História de Sobral**. Fortaleza: Pia Sociedade de São Paulo, 1953, pp. 543-550.
- GARCIA, Evaldo S. **A Imprensa operária e socialista brasileira no século XIX**. In **Estudos Sociais**, nº 19, fev. Rio de Janeiro: s/e, 1964.
- GRACINDO, Eliane. *As Armas da política: a imprensa na história do PCB em Goiás*. In **Colóquio História e Imprensa**. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1998, pp. 41-49.
- GERTZ, René E. *Um Jornal anarquista em Porto Alegre: der Freie Arbeiter*. In **Veritas**, v. 35, nº 140, dez., pp. 606-617. Porto Alegre: PUC/RS, 1990.
- GIANNOTTI, Vito. **O Que é jornalismo operário**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos trabalhadores no Ceará: histórias e memórias*. In SOUSA, Simone (org.). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, pp. 259-288.
- GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. **A Imprensa libertária no Ceará, 1908-1922**. São Paulo: Imaginário, 2000.
- GROSSMAN, Hadassa. *A Imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922*. In **Cadernos AEL – Anarquismo e Anarquistas**, nº 8 e 9, pp. 69-86. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, 1998.
- INTERLANDI, Jeanne Marie. *Jornais de trabalhadores: campo de debate, campo de combate*. In **Cadernos INTERCOM**. São Paulo: Cortez, 1982.
- JARDIM, Jorge Luís. *Imprensa operária: comunicação e organização*. In **Revista Estudos Ibero-americanos**, v. 22, nº 2, pp. 27-40. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- KHOURY, Yara M. A. *Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários*. In **Revista Brasileira de História**, v. XVII, nº 33, pp. 112-149. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUÍ, 1997.
- _____. **Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarco-sindicalista** (tese de doutoramento). São Paulo: USP, 1988.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.
- LEAL, Vinicius Barros. **Os 90 anos da Tipografia Minerva** (discurso proferido no Instituto do Ceará). Fortaleza: Instituto do Ceará, 1983.
- LENIN, V. I. **Arte, cultura y prensa**. México: Grijalbo, 1969.
- LINDOSO, Dirceu. *Imprensa e vanguarda operária*. In **A Voz do Povo**, Edição Especial, fev. Maceió, 1985.

- LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. *A Imprensa anarquista no Brasil*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 17, jan.-dez., pp. 99-115. Fortaleza: UFC, 1987.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org.). **Os Bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1983.
- MACEDO, N. D. de. **Bibliografia sobre a censura e a liberdade de imprensa**. São Paulo: ECA-USP/EDUSP, 1970.
- MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação sindical entre o conformismo e a crítica**. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. **Formação sindical no Brasil: história de uma prática cultural**. São Paulo: Escrituras, 1996.
- MARÇAL, João Batista. **Comerciários, fechem as portas para descansar**. Porto Alegre: Foletras, 1997.
- _____. *Mapa da imprensa operária no Rio Grande do Sul, 1874-1974*. In **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1985, pp. 197-206.
- _____. **Um Século de imprensa operária no Rio Grande do Sul: 1874-1974** (inédito). Porto Alegre: 1989.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa. Os Comunistas no imaginário dos jornais, 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.
- MARX, Karl. *Sobre a censura e a liberdade de opinião*. In **Oitenta**, v. 1, nov.-dez., pp. 43-72. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- MATTELART, Armand. **La comunicación masiva en el proceso de liberación**. México: Siglo Veinteuno, 1978.
- MEDINA, C. A. de. *Notas sobre o trabalho social na imprensa popular*. In **Cadernos Intercom**, v. 3, nº 2, pp. 45-75. São Paulo: Cortez, 1998.
- MEDINA, João. *Um Semanário anarquista durante o primeiro governo Afonso Costa: "Terra Livre"*. In **Análise Social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 735-766. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981.
- MELO, José Marques de (coord.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980.
- MESQUITA, João Vianney. *Para a história da grande imprensa no Ceará*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 13 e 14, pp. 131-150. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1983, 1984.
- _____. *Sobre a história do jornalismo cearense*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 9, nº 1 e 2, pp. 105-128. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1979.

- MIRANDA, Ubatuba D. *A Imprensa no Norte do Estado*. In **Almanach do Ceará**. Fortaleza: Typ. Royal, 1956, pp. 103-104.
- MOMESSO, Luiz. **Comunicação sindical. Limites, contradições, perspectivas**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1997.
- MÔNICA, Maria Filomena & MATOS, Luís Salgado de. *Inventário da imprensa operária portuguesa (1834-1934)*. In **Análise social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 1013-1078. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981.
- MORAES, Dênis de. **O Imaginário vigiado. A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- NASCIMENTO, F. S. *Crato na história do jornalismo*. In **Crato: lampejos políticos e culturais**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1998, pp. 119-146.
- NOBRE, Freitas. **História da imprensa de São Paulo**. São Paulo: Progresso, 1950.
- NOBRE, Geraldo. **História da Associação Cearense de Imprensa, 1925-1975**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976.
- _____. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.
- _____. **Tibúrcio Rodrigues, a imprensa e a República**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.
- _____. *A Tipografia Nacional no Ceará*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 4, nº 1, pp. 23-28. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1974.
- OLIVEIRA, César. **Antologia. Imprensa operária portuguesa (1837-1936)**. Lisboa: UGT/Perspectivas & Realidade, 1984.
- _____. *Imprensa operária no Portugal oitocentista (1852-1905)*. **Análise Social**, nº 39. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1983.
- _____. **A Revolução Russa na imprensa portuguesa da época**. Lisboa: DiAbril, 1976.
- OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. *A Imprensa no Ceará (parte 1)*. In **Revista do Instituto do Ceará**, tomo XXI, ano XXI, pp. 12-32. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1907.
- _____. *A Imprensa no Ceará (parte 2)*. In **Revista do Instituto do Ceará**, tomo XXII, ano XXII, pp. 353-383. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1908.
- PASTORIZA, Jorge Luiz. **Comunicação e militância: a imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1893) – (dissertação de mestrado)**. Porto Alegre: PUC/RS, 1990.

- PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **O Trem da história. A Aliança PCB/CSCB/O Paíz.** São Paulo: Marco Zero, 1994.
- PENNA, Lincoln de Abreu. "*Novos Rumos*": a construção da ambigüidade (1959-1964). In **Colóquio História e Imprensa.** Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1998, pp. 51-57.
- PEREIRA, Ana Paula de Brito. *As Greves rurais de 1911-1912: uma leitura através da imprensa.* In **Análise Social**, v. 19, pp. 477-511. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1983.
- PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio histórico e político.** São Paulo: Alfa Ômega, 1979.
- _____. *A Imprensa operária no Brasil.* In **Estudos Sociais**, nº 4. Rio de Janeiro: Gráfica Clélio da Câmara, 1972.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS/FAPERGS, 1989.
- _____. *A Mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX.* In **LPH: Revista de História**, v.1. Ouro Preto: Dep. de História/UFOP, 1986/1987.
- _____. *Sobre a documentação da história dos trabalhadores do Rio Grande do Sul existente em dois arquivos europeus.* In **Revista Estudos Ibero-americanos**, v. 22, nº 2, pp. 231-235. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- PINHEIRO, Irineu. *O Jornalismo no Crato.* In **O Cariri**, 174-186. Fortaleza: s/e, 1950.
- PINHEIRO, Raimundo Teles. *O Crato festeja o centenário de seu primeiro jornal.* In **Almanaque do Ceará** (artigo transcrito de 07/07/1955). Fortaleza: Typ. Royal, 1957, pp. 109-110.
- RENAULT, Delso. **O Dia-a-dia no Rio de Janeiro segundo os jornais (1870-1889).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1982.
- RIBEIRO JR., José Cláudio N. *Os Jornais operários como fonte histórica: a festa do povo.* In **Cadernos Intercom**, v. 2, nº 6, out., pp. 38-41. São Paulo: Cortez, 1983.
- RODRIGUES, Edgar. **Pequena história social da imprensa no Brasil.** Florianópolis: Insular, 1997.
- RODRIGUES, J. H.; BAUER, Wilhelm; LACOMBE, Américo J. & QUINTAS, Amaro. **A Imprensa como fonte histórica.** Série Jornalismo. São Paulo: ECA/USP, 1970.
- ROMERO, Luiz Alberto. **Libros baratos y cultura de los sectores populares.** Buenos Aires: CISEA, 1986.
- RUBIM, Albino C. *Democracia, comunicação e classe trabalhadora.* In **Cadernos do CEAS**, nº 110, pp. 67-71. São Paulo: CEAS, 1987.

- _____. *Imprensa operária*. In SILVA, Roberto P. de Queiroz (coord.). **Temas básicos de comunicação**. São Paulo: Paulinas/Intercom, 1983.
- _____. *Sobre a imprensa das classes subalternas (1880-1922)*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 11, nº 1, jan.-jun., pp. 15-23. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1981
- SÁ, Adísia. *A Pesquisa em comunicação no Brasil*. In **Revista de Comunicação Social**, v. 8, nº 1-2, pp. 19-24. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976.
- SÁ, Vitor de. *Áchegas sobre a primeira imprensa socialista*. In **Seara Nova**. Lisboa: Afrontamento, 1962.
- _____. *Problemas e perspectivas num inventário da imprensa operária portuguesa*. In **Análise Social (O Movimento operário em Portugal)**, nº 67-69, pp. 839-862. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981.
- SANTIAGO, Cláudia & GIANOTTI, Vito. **Comunicação sindical. Falando para milhões**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SANTOS, Fernando Piteira. *A Fundação de 'A Voz do Operário' - do absentismo político à participação no congresso possibilista de 1889*. In **Análise Social**, nº 67-69, pp. 681-694. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (coord.). **Cadernos Intercom - Jornalismo popular**, ano I, nº 1, out. São Paulo: Cortez, 1981.
- _____. **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez, 1982.
- SIZANOSKI, Raquel. **Imprensa sindical: o trabalhador leitor** (mimeo.). Curitiba: UFPR, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOUSA, Eusébio de. *Attentados a liberdade de imprensa no Ceará*. In **Almanach do Ceará**. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1925, pp. 382-389.
- _____. *A Imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais*. In **Revista do Instituto do Ceará**, tomo XLVII, ano XLVII, pp. 7-45. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1933.
- SOUSA, José Bonifácio de. *A Imprensa em Quixadá*. In **Quixadá de fazenda a cidade, 1755-1955**. Fortaleza: IBGE/Conselho Nacional de Estatística, 1960, pp. 107-110.
- STUDART, Barão de. **Para a história do jornalismo cearense, 1824-1924**. Fortaleza: Typ. Moderna, 1924.
- TAVARES, José Nilo. *A ABI e a imprensa operária*. In **Jornal da ABI**, Edição Especial, nº 3, p. 11. Rio de Janeiro: ABI, 1997.

- _____. *Imprensa na década de vinte: sociedade, política e ideologia*. In **Separata da Revista Brasileira de Estudos Políticos**. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- TENGARRINHA, José. **História da imprensa periódica portuguesa**. Lisboa: Portugália, 1965.
- TOLEDO, Edilene Teresinha. *Em torno do jornal 'Amigo do Povo': os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. In **Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas**, nº 8 e 9, pp. 89-113. Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, 1998.
- TORGAL, Luís Reis & HOMEM, Amadeu de Carvalho. *Ideologia salazarista e cultura popular: análise da biblioteca de uma casa do povo*. In **Análise Social (O Movimento Operário em Portugal)**, v. 18, nº 72-74, pp. 1437-1463. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais, 1981.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Violência e trabalho através da imprensa sindical*. In **Educação e Sociedade**, nº 2, jan. São Paulo: Cortez, 1979.
- TROTSKY, León. *O Jornal e seu leitor*. In **Imprensa e marxismo: uma coletânea de textos básicos**. São Paulo: ECA/USP, 1983, pp. 102-112.
- VERON, Eliséo. **Ideologia, estrutura e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- VESENTINI, Carlos Alberto. *Imprensa e Política*. In **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Museu Paulista, 1984.
- VIANA, Hélio. **Contribuição à história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.
- VIEIRA, M. do Pilar de A. e outras. *Imprensa como fonte para a pesquisa histórica*. In **Projeto História**, nº 3, out., pp. 47-54. São Paulo: PUC, 1984.
- VIEIRA, Toni André Scharlau. **Comunicação sindical: proposta de uma política para as entidades**. Canoas: ULBRA, 1996.
- WEYNE, Walda Mota. **Imprensa e ideologia: o papel político dos jornais cearenses na transição monarquia-república**. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultura – NUDOC/UFC, 1990.
- XERRI, Eliana Gasparini. *Uma Incursão nas fontes do movimento operário de Rio Grande no início dos século XX*. In **Revista Estudos Ibero-americanos**, v. 22, nº 2, pp. 91-110. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ZAIDAN, Michel e outros. *Um Ensaio de política cultural comunista: O Maracajá (1926)*. In **Comunistas em Céu Aberto, 1902-1930**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989. pp. 123-129.
- ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa – algumas considerações metodológicas*. In **Projeto História**, nº 4, jun., pp. 89-102. São Paulo: PUC, 1985.